RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 712 | COIMBRA — Domingo, 6 de Julho de 1902 | 8.º ANNO

Carta a El-rei

Senhor.

Esperavam-vos em Coimbra, e não viestes, e dizem-nos novas da côrte que tarde tornareis á terra mais linda de Portugal.

Não podeis ter, Senhor, mais amor á terra em que nascestes do que eu áquella em que, de menino, me creei, e que esqueci, mal vi, numa tarde d'outomno, quando os choupos eram já da côr do oiro, Coimbra, branca, illuminada pelos reflexos do sol poente, levantando-se para o céo pállido e azul, como uma cidade de miragem, que os meus olhos encantados tinham medo de ver desapparecer.

E eu sou, Senhor, duma das terras mais nobres de Portugal, e levou-me minha mãe a baptizar á igreja de Santa Maria Maior de Almacave, onde, diz o pôvo, foi acclamado o primeiro rei de Portugal.

O amôr, que tenho á terra de Portugal, nasceu alli commigo, na adoração das ruïnas e castellos, que attestam a fôrça do braço português, e onde vivem aínda moiras encantadas.

Ha sitios, que hoje os novos já não sabem, ou por onde passam, sem poderem dizer o que estám a ver e que eu sei.

Ao cimo dum fraguêdo, que se levanta dum rio, aonde poucos téem descido, ha uma pedra, grande, onde tem sido visto, muitas vezes, o Diabo assentado, em noites de trovoada.

Puseram lhe por isso os antigos o nome da cadeira do Diabo.

Numa pedra vi eu, em menino, a cova, que lá deixou a pégada de Nosso Senhor, quando por alli andou.

Não ha boccado pequenino, daquelle chão, que eu não conheça, lenda da minha terra, que eu não saiba, e em que não creia.

E' uma terra forte, cheia de montes azues, erguendo-se altivos para o ceu, e os castanheiros de lá sam mais altos e mais grossos do que os das outras partes.

Parece creadaaquella ter ra para gente mais forte do que nós hoje somos.

Pois quando vi Coimbra, Senhor, senti que o rio me levava a saüdade da terra, em que nascera.

E' terra sempre nova esta bella terra de Coimbra.

A pedra, que nas outras partes é tám dura, aqui é branca como o leite, e talha-a um menino.

Se até o vento, que aqui anda sempre dôce como se fôsse sempre primavera, a roe e consome toda...

Por isso a obra dos esculptores, que aquí andaram a lavrar palácios grandes, mal se distingue, e parece coberta por o nevoeiro, vellada pela saüdade.

Não se póde aqui envelhecer: as igrejas grandes, que noutras partes cantam eternamente a glória do Senhor, aqui afundam-se na terra, como se fôssem procurar os corpos piedosos dos que em vida as levantaram.

Em parte nenhuma da terra sagrada de Portugal encontrareis, Senhor, tanta gente nova, e tam alegre, como em Coimbra, terra de mocidade e de folgares.

Quem aquí vem só de longe em longe diz que encontra sempre aquí os mesmos rostos frescos, e fica admirado ao ver novo, nuns lábios de estudante, um riso conhecido, que noutra terra envelheceu.

A terra é a mesma, que cantaram os poëtas da renascença, de quem ella foi muito amada.

Era tambem muito amada de vossos avós, Senhor, que só cá queriam pôr na cabeça a coroa de Portugal.

Muitos principes nasceram cá, outros aquí casaram, houve-os tambem que aquí quiseram ser enterrados.

Os primeiros reis, que nós tivemos, estám enterrados em Santa Cruz de Coimbra, e vossa avó, D. Isabel, de cuja caridade o povo aínda se lembra, mandou lavrar em vida o túmulo em que queria descançar, no convento grande, que fizera em Coimbra.

Não havia testamento de rei, em que não viesse uma lembrança do tempo bom que aqui passára em vida.

Vossa avó D. Isabel depositou num convento, que levantou em Coimbra, o seu toucado, o véu e o collar que usava, para serem emprestados ás donzellas pobres, que casassem.

E é desde então que as tricanas de Coimbra têem a graça das princêsas no andar.

Nos testamentos dos reis antigos vereis, Senhor, as riquezas grandes, que êlles deixaram a Coimbra.

Davam-lhe sempre, na hora da sua morte, aquillo que tinham amado mais em vida: D. Affonso Henriquez deixou-lhe a sua espada, e D. Sancho I a sua copa d'oiro para della se fazer uma cruz.

Procurei ontem a cruz de D. Sancho, na igreja para que elle a mandara fazer, e onde está enterrado num moimento dos de mais fama de Portugal; disseram-me lá, Senhor, que a tinheis vós, em vosso poder.

Como podeis dormir socegado, Senhor, com tal thesouro em casa?

Olhai que é ir contra a vontade dum morto.

Deveis restitui-la já, e, se não sabeis qual é, eu vou ensinar-vos a conhecê-la.

E' a cruz d'oiro fino, que tem o Santo Lenho.

Dum lado, é toda orvalhada de pérolas, com saphiras e rubins, em que artistas árabes gravaram signaes mágicos, que dám a felicidade, e afastam a desgraça, e que hoje ninguem sabe ler. Em volta o oiro em filigrama enrola-se na carícia dos fios loiros dos cabellos das Santas.

Do outro lado estám os sýmbolos dos Evangelistas rodeando o Santo Lenho.

Se examinardes com cuidado, Senhor, podereis ler a inscripção, que diz que é aquella a cruz que D. Sancho I legou ao convento de Coimbra, onde quís que o enterrassem.

Entregai-nos, Senhor, a cruz de D. Sancho I.

Deixou-no-la elle em seu testamento.

Sêde vós, Senhor, o primeiro a respeitar a sua última vontade.

Lembrai vos, Senhor, que foi êsse testamento, que deu a vossos avós a coroa de Portugal, que vos coube por herança.

Respeitae, Senhor, a última vontade de el-rei, vosso avó.

Entregae ao povo a herança, que elle lhe deixou.

Lembrai-vos, Senhor, que o povo, que não sabe ler escripturas, vos conserva ainda a coroa de Portugal que vos deixou a vós el-rei D. Sancho, vosso avó

T. C.

D. ISABEL de ARAGÃO

Esculptura de Teixeira Lopes

1336 — 1902

Os jesuitas e o culto de S. Isabel

E' um capitulo quasi novo, na história do culto da Rainha Santa, o estudo do que lhe prestavam os jesuitas.

O sr. Ribeiro de Vasconcellos apenas falla vagamente delle por desconhecer, sem dúvida, os documentos da Bibliotheca da Universidade, em que andam as poësias e as orações, que todos os annos lhe dedicavam os jesuitas, lisongeando assim D. Catharina e D. João III que se empenhavam por diffundir o culto de Santa Isabel.

A história d'este culto é edificante, e revela bem a moral jesuita. Os acontecimentos mais contrários eram attribuidos a Santa Isabel e explorados em proveito da Companhia.

Quando D. Sebastião veiu a Coimbra foi recebido com extraordinário luxo pelos jesuitas.

E' uma das histórias que eu gosto de contar.

D. Sebastião partira de Lisboa para vir visitar a Universidade, mas chegára a Condeixa, e por lá se deixára ficar.

E' que foi sempre de lindo verde e frescas águas aquella terra. Ao vir de Lisboa, depois daquelles terrenos brancos e seccos, alegrava vêr aquelles campos verdes e cheios de flores.

A' volta havia castellos antigos, então muito animados de cavalleiros, e o rei ficava-se a scismar nas torres da Ega e de Penella.

Andava um dia o rei a montear, quando lhe appareceu um mensageiro perguntando quando vinha el-rei para Coimbra.

D. Sebastião acordou daquelle sonho, perguntou se em Coimbra o desejavam, e logo o mensageiro disse o sobresalto da festa em que andava a cidade toda, e com um gesto apontou para o longe, em direcção a Coimbra.

Então vamos já, disse el-rei e deu de mão ao cavallo pondo-se a caminho de Coimbra.

Os fidalgos novos puseram-se a rir e foram atraz d'el-rei. Os mais velhos sorriram. Andavam todos costumados aos caprichos daquella creança, que adoravam.

Em Coimbra não esperavam el-rei. Partiu logo a toda a brida um mensageiro, e, como el-rei não conhecia o caminho, fizeram-no dar tantas voltas, que, quando avistou Coimbra, viu-a toda de festa.

Os jesuitas deram-lhe uma representação com *Sedecias*, tragi-comédia, que um delles escrevera, e pelas paredes do collégio havia versos em louvor delle.

Lá estavam uns, que contavam que Santa Isabel lhe predissera umgrande futuro, quando elle ajoelhára ao pé do túmulo de pedra, em que ella jazia.

Descrevem o túmulo da rainha, sustentado por leões vencidos, mordendo o ar com as cabeças ameaçadoras.

O rei ajoelhou, e de dentro veiu uma voz, que o incitava á guerra de Africa:

Reginæ libyci penitus cessere timores
Tota sepulchrali feritas sub mole leonum
Victa iacet, uacuosq exercet in aera mosrus.
Sellicet Herculeam inobriferis ppe collibus urbem
Rex orbe communis amor, rex maxima coeeli
Cura, superbificis dum fulta leonibus ossa
& patrios flexo ueneratur poplite manes,
Sic auram e medijs tumuli penetralibus audit
Ad Libyæ titulos, & ad Africa bella uocantem

Exclamava a voz, predizendo a victoria a el-rei:

Ergo triumphales gens Lysia conde Curules,
Victor erit Rex, reginæ victoria donum.

Quando D. Sebastião preparava a armada, os jesuitas faziam versos em louvor do rei invencivel, e contando que a Rainha Santa ia dar a Portugal um novo reino.

Em 1578 Vasco Baptista, na oração que pronunciou em louvor de Santa Isabel, terminava approvando a jornada de Africa.

Vae na solemnidade do latim:

Perge ueró regina clarissima, ut facis, tuorum virtutem excita, religionem tuere, imperij fines dilata, atq ex eo, quem in colis, pleno stellarum loco terraru illam aspice quæsemper huic nomini infesta et inimica magnis bellorum tempestatibus agitata e coquassata parere adhuc Christo recusat nec potest quiescere. Hîc tu ostendas oportebit lumen animi cõsilij autoritatis tuæ. Intrare perte Lusitani in Africam potuerunt, cur eandem excindere perte, & subijcere nõ possint? Qui enim uel ad Dei Opt. Max. laudem conducibilius, uel ad religionem ppagandam accõmodatius vel ad tui nominis prœdicationem gloriosius euenire protest, quám uinci, & submitti Africam imperio nepotis tui? Verúm ne huic tanto tamq excellenti bono nostrorum crimi num magnitudo tanquam murus aliquis opponatur auditores ornatissima D. Elisabethœ vestigijs per quam accuraté & diligenter insistamus, cuius tempus omne, tam id quod mortem antecessit, quam id quod est consequutum in Christi seruatoris imitatione positum esse cognouistis.

Como se vê, é mais que provada a influencia dos jesuitas na determinação d'el-rei D. Sebastião, o que tantas vezes se tem discutido, dando logar a tám encontradas opiniões.

Os jesuitas seguiam de perto os preparativos e accendiam o fervor real.

Os contemporaneos citam o facto e censuram-n'o.

Quando D. Sebastião estava no Collegio dos jesuitas, ouvindo a tragicomedia *Sedecias*, que contava a destruição de Jerusalem, entrou no pateo, a cavallo, um fidalgo da casa do cardeal, clamando em altos brados que representassem antes os jesuitas a destruição de Portugal que andavam a preparar.

O cardeal mandou o nessa mesma noite para Lisboa dando ao caso a côr de loucura.

O fanatismo real era explorado pelos jesuitas por intermedio de Santa Isabel.

Numa das poesias manuscriptas, existentes na Bibliotheca da Universidade, vem a voz da Rainha Santa ensinando ao principe o nome e a gloria dos avós de quem descende.

Quando chega a D. Sebastião cala-se porque o nome e a gloria delle é maior que os dos avós.

Não ha nada mais jesuiticamente baixo.

Interessante, porém, é ouvi los depois da derrota.

D. Sebastião fizera mal. Bem lh'o tinha dito a Rainha Santa!

O discurso dum professor do Collegio felicita os alumnos por os vêr dados ao estudo, por terem abandonado as emprezas guerreiras em que andavam tám loucamente!

A derrota era de esperar, diz outro, a nação andava em peccado.

E o padre Rocha do Prado terminava assim uns versos:

...I nunc, tua crimina vince,
Non Mauri, sceleris palma se illa fuit.

Noutras poesias apparece a Rainha Santa a consolar a Luzitania.

Accentuam-se os versos descrevendo o castigo do ceu, clamando a necessidade da penitencia e do perdão divino.

Tudo justificou, para tudo serviu a Rainha Santa, nas mãos habeis dos jesuitas.

Alfaias de Santa Isabel

A estátua, que reproduzimos em gravura, conserva-se com outros objectos preciosos no thesouro da Sé, e fazia parte dos objectos do culto que a Rainha Santa Izabel deixou em seu testamento ao convento de Santa Clara.

Não foi sem difficuldades, que poderam conservar se em Coimbra as alfaias da capella particular de D. Isabel de Aragão, apezar da vontade expressa no seu testamento.

Por despacho do ministério da fazenda, com data de 8 de Abril de 1892, haviam sido cedidos á Real Confraria da Rainha Santa Isabel todos os objectos do culto existentes na *Cella da arrecadação dos bens pertencentes á Rainha Santa Isabel* e mencionados quer no inventário feito em 1887, quer no que posteriormente se elaborára, exceptuando um relicário de coral, um collar e umas arrecadas.

A excepção visava, dizia se, a fazer entrar no muzeu das Janellas verdes de Lisbôa o collar, obra do século XVII ou talvez mesmo já do século XVIII, cujo valôr era então de 60$000 a 80$000 réis, os brincos do século XVI esmaltados e notáveis pelo estado de conservação, e o ramo de coral do século XIV, dádiva, como dissemos, da Rainha Santa Isabel.

No n.º 45 da *Gazeta Nacional*, analysando a pretensão escrevemos nós:

«O museu das Janellas verdes em Lisbôa tem exemplares, quer dos brincos, quer do collar, e não necessita para completar as suas collecções de objectos que devem ir preencher as lacunas do *museu industrial de Coimbra*, pois não ha motivo especial para serem conservados pela confraria por não terem pertencido á Rainha, nem pelo museu episcopal por serem joias profanas. O ramo de coral pertence ao culto da Rainha, deve ser conservado em Coímbra, ou no thesouro da Sé, ou no museu industrial, em sitio onde possa ser guardado á vista e não *desappareça facilmente*.

«Os outros objectos de merecimento artistico, historico e bibliographico teem o seu logar marcado na bibliotheca e nos museus d'esta cidade. Se isto se houvesse feito ha mais tempo, não teria desapparecido o exemplar *original* da lenda da Rainha Santa, manuscripto do seculo XIV, que do convento saiu para as mãos d'um particular.»

Mais tarde vinha a saber-se que o collar, que se pretendia levar para Lisbôa, era o que deixara a Rainha Santa ao convento de Santa Clara e não o do século XVII, que por vezes viramos em casas de doëntes, como sendo da Rainha Santa, mas que, na verdade pertencia á imágem da Senhora da Bôa-Morte.

Estas incorrecções provinham da falta de informações que nos eram dadas a medo por termos então fama de irascivel e pouco soffredor.

Tudo o tempo muda...

No n.º 47 do mesmo jornal voltavamos ao assumpto e escreviamos, explicando o equivoco:

«Não podiamos por forma nenhuma imaginar que alguem se lembraria de levar para fóra do convento ou da cidade o collar do século XIV que pertencera á Santa Rainha! Ninguem nos convencerá mesmo que alguem possa *sensatamente* privar a confraria do collar da Santa Rainha, justamente considerado como uma reliquia preciosa, *que acompanha a imagem todas as vezes que sae do convento e que com ella é exposto á veneração dos fieis.*

Senhora do Pilar

«O collar é um objecto de culto, emoldurado como uma reliquia, num quadro de prata O mesmo espanto teriamos se vissemos que o Museu Nacional exigia o bordão com que Santa Izabel foi a S. Thiago e que juntamente deixou á confraria, ou mandasse recolher o caixão e os vestidos da Rainha Santa, sob o pretexto de que sám exemplares curiosos para a arte dos tecidos.

«Affirmam-nos, porém, que é verdade. Nós não acreditamos que o façam, nem que haja quem o deixe fazer.»

A primeira informação, que tiveramos das pretenções de Lisbôa, fôra devida á indiscripção duma senhora, que nos contára o facto, como coisa resolvida e nos dissera até que o sr. conde de Almedina estava em Coimbra para levar os preciosos objectos para Lisbôa.

Foi então que escrevemos o primeiro artigo, dando conta do caso.

Julgáram então que a campanha era inutil, e informáram-nos que era caso resolvido superiormente, que era pena; mas que não havia volta a dar-lhe.

Continuamos insistindo, e continuariamos se não tivessemos tido aviso de que o sr. Bispo Conde, informado pelos nossos artigos do que se passava, se opunha á ida dos objectos para Lisboa.

No numero da *Gazeta Nacional*, em que davamos noticia da sahida do sr. Conde de Almedina, escreviamos com prazer:

«Sabemos que o sr. Bispo Conde não deixará sahir de Coimbra as preciosidades artisticas existentes em Santa Clara, e a que nos temos referido. Esses objectos serão recolhidos ao valioso museu da Sé, obra de iniciativa de s. ex.ª, e que por si só bastaria para honrar a vida d'um prelado.»

Mas não tinha terminado de todo a lucta, e callavam-se apenas em Lisbôa para amortecer o escandalo, que conseguiramos levantar.

Em artigos successivos tentamos fazer expôr durante as festas da Rainha Santa os objectos da capella de D. Isabel, que assim seriam conhecidos do público, que nunca os vira por as freiras os terem na sua guarda.

A Custodia de D. Jorge d'Almeida

Baldaram-se os esforços para os expôr em Santa Clara, na Casa da câmara ou em Santa Cruz.

O sr. Bispo Conde, porém, foi a Santa Clara e de lá trouxe o relicário de coral com o pretexto de o dar a beijar ao entrarem na Sé suas majestades, que então vinham visitar Coimbra.

Levou-o para a Sé e lá o deixou ficar, com grave escandalo dos confrades da Rainha Santa, que o iam deixando ir para Lisbôa sem tanto clamôr.

Foi um peccado grande, que ha muito deve ter sido perdoado.

A visita real fôra em julho de 1892.

Em agosto do mesmo anno, voltavam as exigéncias de Lisbôa e desta vez duma fórma audaciosa, com cúmplices no jornalismo local.

Acha se a questão exposta na *Gazeta Nacional* de 6 de agosto no artigo *Museus* que transcrevemos:

«Annunciam os jornaes de Lisbôa que a direcção do museu nacional da arte ornamental, vai sollicitar os objectos de valor artistico que o bispo de Coimbra guarda no chamado museu da Sé episcopal, cuja fundação não foi auctorizada.

«Esta lucta vem de pouco tempo, foi denunciada por nós aqui bem publicamente, referindo-nos ao thesouro de Santa Clara que sabiamos se procurava levar para Lisboa.

«Seguidamente a uma serie de artigos nossos, soubemos de s. ex.ª o sr. Bispo Conde que os objectos ficariam na Sé, o que ha muito tivemos o prazer de annunciar aos nossos leitores, dando a s. ex.ª os agradecimentos e louvores que merecia acção tão relevante.

«Por occasião da viagem de S. S. M. M. os jornaes do pais confirmaram a noticia que nós tinhamos dado. Sabemos que Lisboa queria os objectos do thesouro da Sé, cubiça os do Instituto e tem fallado em que mais tarde *talvez* desorganise o museu industrial da Escola Brotero.

«E' sempre assim! Não censuramos o proceder da direcção do museu nacional; faz muito bem em pedir, como Coimbra fará muito bem em não dar, não necessitando auctorisações para conservar o que justamente lhe pertence.

«Na Sé não ha museu! E' uma designação mal dada ao seu thesouro em que se encontram objectos de culto de grande valor artistico que pertencem ao bispado. Se houvesse museu artistico os objectos conservar-se-iam d'outra fórma, tirando lhe accrescentamentos e ornatos que os desfeiam e maculam, como obras d'arte. Na Sé ha no thesouro objectos que servem ao culto, achando-se em exposição porque o sr. Bispo Conde, que é um prelado illustrado e intelligente, modelo a seguir pelo episcopado portuguez, se tem interessado sempre pelos progressos artisticos, dando do seu bolsinho, *quando a arte não era tão apadrinhada*, dinheiro com que o professor Gonçalves ia costeando por vezes as despezas da escola industrial.

«O sr. Bispo Conde acha que os objectos se acham mais bem guardados, quando toda a gente os vê e os estuda. Por isso aqui estão muito melhor que no museu nacional, ás moscas, para matar a occiosidade de viajantes que se perdem em plagas lusitanas.

«E deixe-se socegadamente Lisboa de absorver collecções já feitas; e, se se interessa pela arte nacional, olhe pela conservação do seu museu, onde *ha muito que guardar*, vigie os conventos de Lisboa, onde ha muito que *se póde perder*. E se quer fazer uma obra de justiça mande para Coimbra a cruz de D. Sancho I, que pertence a esta cidade donde foi roubada. Imite o exemplo da França, que está restituindo ás provincias os objectos d'arte que monopolisára em Paris.»

Calaram-se de novo e nós não perdiamos occasião para voltar ao assumpto; porque nos não enganava o procedimento de Lisboa, onde se conhece bem o país, a que temos a fortuna de pertencer, e em que a teima tem o logar de virtude para tudo alcançar.

Em 3 de setembro, tinhamos o prazer de escrever:

«O sr. Bispo Conde conseguiu, dizem-nos do ministerio das obras publicas algumas vitrines para o thesouro da Sé. Era uma necessidade urgente, porque é grande já a accumulação dos objectos.

«S. Ex.ª tenciona collocar em uma vitrine especial, a Virgem do Pilar, as cruzes de agatha e coral, o ramo de crystal, o colar e outros objectos que foram do uso de Santa Isabel. A Virgem do Pilar é designada por Nossa Senhora da Estrella. Esta designação vem-lhe duma estrella que segura na mão direita, e que deve ser retirada por ser um remendo moderno. O mesmo se deve fazer á pomba que o menino tem na mão esquerda e que não póde ser, como a Virgem, do seculo XIV.»

Não estava, porém, terminada a questão entre Lisboa e Coimbra, como poderiam fazer suppor as palavras que transcrevemos.

Logo a 21 de setembro tinhamos de voltar á imprensa com outro artigo publicado no número 82 da *Gazeta Nacional*:

«Da inspecção geral da fazenda veio, dizem-nos, um officio, mandando recolher ao muzeu das Janellas Verdes, o collar da Rainha Santa e a cruz d'agatha, *que tinham sido dadas a este muzeu antes da concessão do thesouro da Sé.*

Calix do Thesouro da Sé de Coimbra

«Dadas por quem? Pois admitte-se que um governo catholico despovoe as egrejas de reliquias sobre o protesto de que possue um bazar, a que pomposamente chama museu nacional, sem catalogo e sem responsavel?

«O collar tem sido sempre venerado como reliquia e faz parte do culto, acompanhando a imagem no dia da procissão, e sendo exposto nesse e nos dias anteriores á adoração dos fieis.

Não podemos acreditar que, a ser verdadeiro o facto, o sr. Bispo Conde consinta nesta expoliação que se quer fazer á cidade.»

A fórma peremptória, por que estava redigido o officio, mostrou-nos desde logo que a direcção do museu se julgava segura do resultado favoravel ao seu intento e que ia por fim decidir-se de vez esta questão.

Tinham arranjado adeptos para a sua causa, e em breve começavam a apparecer na imprensa artigos defendendo a justiça da pretensão do museu das Janellas Verdes.

Transcrevemos um com o commentário que lhe fizemos:

«Escreve a *Reforma*:

Veio um officio da inspecção de fazenda, para d'aqui serem remettidos para o muzeu nacional, o collar que pertenceu á Rainha Santa e uma d'agatha, objectos estes de grande valor artistico e que datam do começo do decimo quarto seculo, dos quaes o prelado da diocese se apoderou indevidamente e os mandou conservar no armazem de retem da Sé Cathedral.

«Custa-nos que um jornal como a *Reforma*, um jornal moderno na forma e nas ideias, reproduza *sem lêr*, um artigo dum jornal que nem sempre lhe merece grande conceito.

«Custa-nos vêr mal apreciada a attitude nobre do sr. Bispo Conde, um exemplo a admirar e a seguir por todo o episcopada portuguez, interessando-se pelos melhoramentos e engradecimento da sua diocese, protegendo tanto a Sé como a Escola, o Seminario como a Officina.

«O thesouro da Sé organisado como hoje se acha, fazia honra a qualquer ministro do Estado, como é glorificação do sr. Bispo Conde, o padrão por onde se póde e deve aferir o seu criterio artistico, a sua orientação moderna e christã.

«O thesouro da Sé era ainda ha poucos annos um mysterio conhecido por poucos da confiança do conego thesoureiro; hoje é um muzeu com boa luz e bem disposto, sempre aberto e franco ao viajante que quer ver, ao artista que quer estudar.

«Nelle se acham as pratas legadas pelo seu antecessor, e aquellas que elle tem podido colligir, roubando-as ao *zelo* dos protectores da arte nacional, fazendo as restituir aos que se achavam depositarios dellas sem que ninguem, nem mesmo o governo o soubesse. Está neste caso a cruz de coral, conservada escondida pelas freiras, como outras pratas de valor, e por ellas restituidas á nação por instigações amigas do sr. Bispo Conde.

«O collar a que se refere a noticia da *Reforma* é considerado uma reliquia; trouxe o a Santa Rainha e é exposto á veneração dos fieis.

«Respeitadores de todas as ideias não seremos nós que achemos regular que saia de Coimbra um objecto de adoração, conhecido e venerado.

«Mas a quem queira considerar simplesmente o lado artistico da Instituição, esta impõe-se pela sua utilidade. Os muzeus regionaes d'arte estão sendo organisados em toda a parte; a França está mandando restituir á provincia quadros e estatuas que monopolisára em Paris. Em Coimbra ao lado duma escola industrial florescente, o muzeu impunha-se, era uma necessidade. E houve em Coimbra duas pessoas que a reconheceram: o sr. Bispo Conde organisando o thesouro da Sé, e o sr. Antonio Augusto Gonçalves, creando o muzeu industrial. Encontrou se o Principe da Egreja com o operario humilde, crente no seu paiz e na arte.

«São vulgares no seculo presente para gloria da humanidade, a communidade da cooperação da Egreja e do Povo.»

Por último resolveram um amigo meu a pedir-me que acabasse com a campanha, o que fez por lhe haverem dito que os objectos eram de pouco valôr e estavam avaliados em 80$000 réis apenas.

Dei, a seguir, conta do caso na *Resistência* e offereci só por um 800$000 réis.

Com espanto vi que, se o tivesse feito mais cedo, teria toda a gente do meu lado.

Só se interessaram todos, quando viram o valôr que tinha em dinheiro, a obra que queriam levar para Lisbôa.

O sr. Bispo Conde, que sempre tivemos do nosso lado, não respondia aos officios e dizia ao governo e á confraria que os objectos ficariam no thesouro da Sé; porque eram delle por direito de conquista.

Foi um peccado muito grande.

Tem porém a nossa absolvição, apezar de sacerdotes doutro rito, com a condição de se não arrepender...

A estátua de Teixeira Lopes

Que vezes que isto me tem acontecido!

Dou com um Santo que um grande artista animou dum grande sentimento, e fico-me parado, sem vêr nada, todo preso de uma emoção extranha. Parece-me que é dentro de mim que corre aquêlle sentimento, sinto-me vibrante daquella idea que me subjuga, me tira a vóz e me dá vontade de rir e vontade de chorar, como se, sem esperar, encontrasse de repente alguem que eu amasse muito e ha muito tempo não tivesse visto.

E tám funda esta emoção, que eu ponho-me a pensar se me não valeria mais ter vivido ha muito tempo, quando no mundo se levantavam as grandes cathedraes, andar sempre preso desta emoção extranha d'arte, que é, como o aroma das fiôres, suave, e mata.

Bons tempos êsses em que viveram imaginários.

Passavam a vida a correr mundo e a povoá-lo dos seus sonhos d'arte.

Havia artista que gastava a vida inteira fazendo o mesmo santo, sempre a aperfeiçoá-lo e nunca satisfeito.

Que bella vida, sempre a adorar o mesmo corpo, sempre a illuminá-lo da mesma idea!

Por toda a parte se levantavam egrejas, em toda a parte se fallava em Deus e nos Santos.

A vida dos Santos animava as cathedraes e êlles desciam de noite do céo a ver as obras.

Toda a gente o sabia!

Mais dum santo foi apanhado pelo esculptor a corrigir-lhe a obra.

Numa igreja, contava-o toda a gente, andava muito alto, numa parede, um artista a fazer Jesus. Em baixo havia já dêlle uma estátua de *Nossa Senhora,* muito linda, o corpo meio curvado, como a esconder-se para animar a gente, as mãos estendidas, os lábios num sorriso.

Pois dizia-se que esta Nossa Senhora, de noite, saía do seu baldaquino rendilhado e ia acima vêr o Christo que andava a fazer o esculptor.

E uma noite, em que elle viera vêr a sua obra e lhe faltaram os pés e caiu daquella grande altura, ouviu se um grande grito que Ella deu, e Nossa Senhora, apanhou-o na quéda, apertando o nos braços contra o peito.

No dia immediato a Virgem tinha outra vez estendidos os braços rígidos de pedra, em que o esculptor foi encontrado a dormir muito socegado pela manhã, quando os canteiros vinham p'ró trabalho.

E outra vez, por agosto, numa noite de luar muito bonito, em que um artista adormecera á fresca num andaime ao pé da sua obra—um lindo Santo de pedra—accordou e deu com o Santo ao pé da estátua a rir-se!

E com razão, que o Santo era muito differente do que elle imaginára.

Levantou-se logo, não fosse no dia immediato esquecer-lhe tudo, e pôs-se a fazê lo de novo.

O luar descia d'alto e ia enchendo o mármore de côr e vida. De longe mal se via o artista, e parecia que era o luar do ceu que andava a fazer a estátua.

Depois todos os dias se sabiam coisas novas, chegavam cavalleiros da Terra Santa e contavam como era, descreviam a casa onde nascera Nossa Senhora, o jardim das Oliveiras, tudo, tudo...

E que faina! Sempre a virem grandes carros de bois com pedras enormes de muito longe, da serra; e logo os artistas a desbastar. A pedra voava em estilhaços, dando grandes gritos ásperos de dôr. Pouco a pouco, apparecia a estátua, vinha o trabalho mais delicado, e enchia-se todo o templo dum ruido d'ouro, melanchólico, como o gemer das rôlas a distância, musical como o som das harpas a afinar.

Pela tarde, vinha a castellã afagar as creanças que andavam pela obra, saber de todos cheia de caridade.

Que santos se faziam então!

Tám simples, quasi nada: um bocado tosco de pedra que pensa num sorriso e vive numa attitude.

Não se comprehendem e fascinam. Caminham recolhidos, o fato cingido ao corpo, sem fazer barulho, e a serenidade vem de dentro florescer nos lábios, num sorriso.

Era fácil então... mas hoje!

Como ter um momento d'inspiração antiga, cheia d'arte e de fé, num *atelier* pobre, d'onde o olhar vae perder se tristemente ao longe num mar de telhados e chaminés negras do fumo, sem se avistar a frescura d'uma arvore, o sorriso de uma flôr?! Nem é azul o céo, sujo de fumo e de pó, pesado, sem luz.

Podem lá apparecer os Santos, sem a solidão fresca d'um claustro; sempre a ouvir na rua o marulhar da multidão, d'onde sóbe ás vezes mais alto, numa voz rolda pelo alcool, a obscenidade da ultima canção!

Esse momento d'inspiração teve o em Paris Teixeira Lopes, alma d'artista cheia d'uma fé antiga na Arte.

E não admira; que não é d'hoje aquella alma, não é d'hoje o seu amor, tão cego pela arte que o domina todo, a adoração da sua patria, a fascinação exclusiva pelas glorias do seu país.

A sua alma não é d'hoje, e ninguem o sabe como o pae, que tem por elle hoje o mesmo amor carinhoso e protector que lhe votava, quando elle era pequenino e andava ao collo da mãe.

Anda sempre á volta d'elle o seu cuidado vigilante, a tornar lhe facil a vida, a gastar as asperezas que poderiam feri lo.

Ao vêr o seu rosto doce, o seu olhar que ri, sempre na adoração do filho, que elle anda a vêr crescer e que sonha ainda maior, percebe se porque passa na batalha feroz e mesquinha da vida d'hoje, tão socegada alma tão antiga.

Não vê o que lhe vae á volta, sempre rodeado pela familia que o adora, santa gente com quem faz bem viver.

Vive hoje a vida de creança, sem cuidados, sempre a sonhar um lindo sonho d'arte.

Vela o pae por elle, reza por elle a mãe, como a minha que se foi *lá para cima* ha tanto tempo, muito branca, com uma côr de fada boa, que hoje ninguem tem, e um olhar muito negro, todo riso e só meu, olhar que se perdeu.

O que eu escrevo...

E' que ao fallar-lhe, é que ao andar lhe ao lado, a gente tem pena de não ter mais aquelle irmão.

Nenhum havia de ser mais amigo d'elle!

Santa Clara—sol de manhã, frescura de convento. Cheira a flôres.

Acaba de collocar-se a estatua sobre uma mêsa, ainda envolta num panno branco de linho fino.

Teixeira Lopes puxa-o violentamente, e elle desce desenrolando-se num movimento em espiral a tremer e a agarrar-se á Santa, como se lhe custasse a deixá-la.

Ella emergiu desta vibração de branco, como as Virgens que nos antigos missaes illuminados sáem do calice das açucenas, muito pallida, o olhar baixo, os cabellos a escorrer douro fino.

Parecia que um resto de vibração do ar lhe agitava o véu que lhe escondia a cabeça, e o fazia ondular ainda levemente a descobrir lhe o rosto.

Ouviu-se um *ah* que se prolongou, diminuindo e continuando-se num echo abafado ao longe ao fim do côro.

Todos se calaram. Algumas mulheres choravam baixinho.

A' volta, nas paredes da egreja, ficou mais triste o sol nos damascos vermelhos de festa.

E nós tivemos vontade de lhe pegar aos hombros, trazê la para o sol em glória, vir para a cidade chamar as mulheres ás janellas para lhe deitarem flores e os homens para a rua para gritarem comnosco a glória do artista, como em Roma, em tempos que já lá vam, se organizavam os cortejos em que Principes iam a guiar o carro que levava o marmore triumphante, a obra gloriosa dum artista antigo cujo nome se perdêra.

Todos estavam dominados e, Deus me perdoe, mas creio que se estivesse o Senhor exposto, ninguem o veria branco na sua custodia d'ouro fino.

Na obra de Teixeira Lopes vê-se passar o martyrio de todos os artistas a sonhar. Gothica pela linha que elle surprehendeu na *Virgem do Pilar*, a imagem querida da Rainha Santa que hoje se conserva no museu episcopal, é renascença pelo perfil suave, delicado, amoravelmente acariciado pelos linhos brancos, rosto de mulher que parece sonhado por Donatello e ter saido dum subtil e delicado baixo relêvo para tomar vulto e se transformar em estatua, conservando a mesma delicadeza de linhas, a mesma finura de modelação, o mesmo vago daquelles maravilhosos baixo relêvos que parecem esculpidos numa nuvem transparente.

Na estátua de Teixeira Lopes ha, ao lado do que descobriram artistas antigos a sonhar, a consagração de tudo o que ha de mais moderno—o amor do symbolo, a reconstituição histórica, a adoração da fórma, o culto da côr.

Conhece o valor dos tecidos, a sua flacidês, o seu brilho, como um grande esculptor da renascença; conhece a vida e a fórma, como o primeiro dos esculptores modernos.

Feita com a minucia paciente, demorada e trabalhosa que a esculptura moderna inventou na multiplicação dos planos e na sua graduação complicada e difficil, de modo a dar na estatua *o valor* differente que têem as carnes e os tecidos, estudada mais detalhadamente nos mais pequenos pormenores da reconstituição do facto histórico da lenda, concebida numa linha antiga, cheia de movimento, esta obra d'arte de um trabalho difficil e complicado, parece simples e feita sem esforço.

Não é a Santa de uma pesada chronica do século XVII, é a figura ingénua e simples dum romance popular antigo.

Tam simples, parece sonhada pelo povo e *concebida* por uma mulher.

Um homem não faria aquillo.

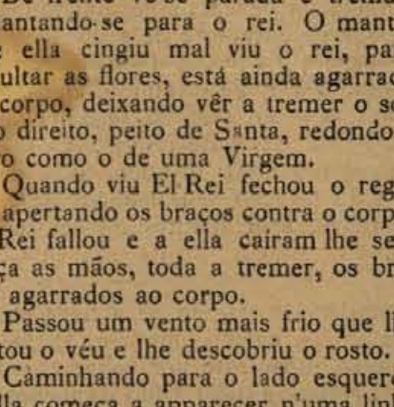
É uma Santa a viver a vida antiga dum velho romance.

«As suas fallas são doces,
São como fios de mel;
Deita esmolas, ás mãos cheias,
A'quelle povo fiel,
E o ouro não tem medida,
E o cobre cae a granel.
Já ao chagado da lepra
Lhe não queima tanto a pelle;
E os velhos se choram inda,
As lagrimas não tem fel
Porque abençoam a Santa
(Gritam todos) Santa, Santa
Rainha Donna Isabel.

Mas eis El-Rey que apparece,
Que vinha de passeiar,
Com sua côrte brilhante
E ei-lo a Rainha a saudar:
—Que fazeis, Senhora minha,
Com essa gente a gritar?
Porque saistes sósinha,
Que vos podem fazer mal?
Que esconde vosso regaço,
Rainha de Portugal!
E a Rainha que não ama
Sua humildade mostrar
A El-Rey responde logo:
—Eu ia pelos caminhos,
Ia só a passeiar;
Tolheu me este pobre povo
Que me estava a festejar;
E o que levo no regaço
São flores de bom cheirar.
Logo se abriu o regaço
Por milagre, de pasmar,
E do ouro, prata ou cobre
Não havia nem signal,
Eram tudo lindas flôres
As mais lindas do logar,
Que por milagre divino
Alli vieram brotar.

Lá vae a Rainha Santa
Com El-Rey de Portugal,
Na cabeça da Rainha
Um resplandor a allumiar.
E' feito do ouro e da prata
Com que ella andava a esmolar.
O resplandor brilha tanto
Sua luz é de cegar:
Lembra a rainha uma Santa
Postinha agora no altar.

Não é a esculptura complicada de Teixeira Lopes a figura simples do antigo romance popular?



O convento velho de Santa Clara
onde esteve o tumulo da Rainha Santa

Que simplicidade! Nem um bordado no seu chapim de sêda, nem um annel. D'ouro só a sua corôa, bordado só o seu rico manto de rainha que o cotovello esquerdo, fraco, meio levantado, tem difficuldade em fazer andar.

Que emoção franca e simples que ella desperta e que complicadas coisas que se vêem, quando se estuda de perto a estátua!

No rosto macerado passa a tristeza da sua vida triste, sempre no meio das luctas do marido e dos filhos, a nobreza da sua alma, a submissão ao senhor, a pena de ter mentido.

A attitude traduz um mundo de idêas. Anda-se á volta d'ella e não ha a repetição d'uma linha, sempre effeitos novos conseguidos com uma grande simplicidade.

De frente vê-se parada e trémula adeantando-se para o rei. O manto, que ella cingiu mal viu o rei, para occultar as flores, está ainda agarrado ao corpo, deixando vêr a tremer o seu seio direito, peito de Santa, redondo e duro como o de uma Virgem.

Quando viu El-Rei fechou o regaço, apertando os braços contra o corpo. El-Rei fallou e a ella cairam lhe sem força as mãos, toda a tremer, os braços agarrados ao corpo.

Passou um vento mais frio que lhe agitou o véu e lhe descobriu o rosto.

Caminhando para o lado esquerdo d'ella começa a apparecer n'uma linha curva desde a cabeça aos pés a sua submissão humilde ao marido.

No lado direito, uma linha gothica bem achada, traduz a fraqueza d'aquelle corpo que mal póde arrastar o manto que desce para traz em prégas muito ricas, manto de rainha que enche de nobreza a estatua.

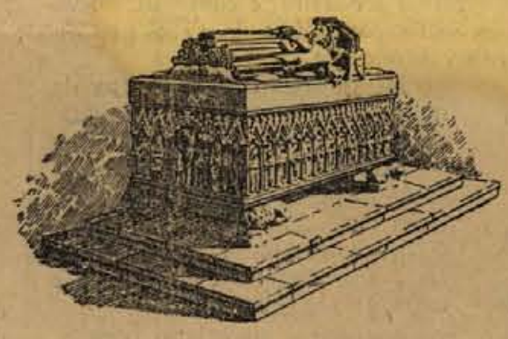
Deliciosa a linha quebrada que formam a perna e o braço direito, linha d'um grande sabor antigo.

O corpo está modellado com amor, apalpa-se por baixo dos tecidos, é um corpo magro de Santa, muito elegante, esguio e fino, levemente accentuado nos seios, em linhas simples, em prégas delicadas e sobrias no braço esquerdo, na curva da perna direita e no pé, pé aristocratico, longo e magro.

O saber encontra-se a cada passo, nos tecidos bem apalpados, bem vistos e bem pesados.

Cortando em cima rigido numa linha quebrada o manto, Teixeira Lopes *sublinhou* a finura dos linhos que lhe involvem as carnes delicadas, accentuou por uma fórma muito artistica a doçura e a delicadeza da physionomia.

As duas prégas do manto que descem do hombro direito e vem perder-se no regaço, modellam e affagam o busto da Santa que parece adiantar-se num ruído surdo de sedas pesadas.



Tumulo de pedra da Rainha Santa
Seculo XIV

A linha que traduz o movimento do lado direito, serviu tambem ao artista para descrever a fraqueza d'aquelle corpo de Santa que tanto se revela no cotovello saído e levantado a suspender o manto, na delicadeza da côxa, na magreza do pé longo e fino.

Teixeira Lopes conhece como ninguem a belleza do corpo feminino; vê-se nas mais pequenas coisas a sua adoração d'artista pelo corpo da mulher.

Veja-se o cuidado com que o véu lhe cinge a cabeça e lhe acaricía o collo. E' tão delicado que não parece trabalho das mãos, lembra que fosse modellado pelo vento.

E como elle comprehende o movimento, a vida da carne, a vibração musical das línhas finas d'um aristocratico corpo de mulher.

Lê se a chronica cheia de provas, e a gente vae sorrindo dos milagres; olha-se a simples estatua de Teixeira Lopes, e a gente vê que se enganára, e crê. Aquillo foi assim, deu-se aquelle milagre, ninguem duvidará; porque todos o vêem; porque o sentem fundo todas as almas; é aquella a Santa que foi a esposa de D. Diniz.

Apossa se por tal fórma de nós, que todos nós acreditamos que Teixeira Lopes fez aquella estatua para nós e só para nós, e que ninguem mais é capaz de senti-la, ninguem mais capaz de comprehendê-la.

Só eu deveria possui-la!...

Eu, não! Minha mãe sim, tão boa! Ella que cria tanto me ensinou a rezar a mim...

T. C.

O túmulo da Rainha Santa

O túmulo de pedra da rainha santa, curiosa obra de esculptura em pedra do século XIV, foi sempre muito admirado, e apparece no século XVI, como motivo frequente de devaneios poëticos.

Algumas peças da litteratura jesuítica, que conheço, parecem indicar que, nos préstitos que antigamente se lhe faziam, havia o hábito de recitar versos deante do túmulo.

Para exemplo das mimosas poësias dos jesuitas de Coimbra, transcrevemos uma, que encontramos nos manuscriptos da Bibliotheca da Universidade, em que anda attribuida ao padre Luís da Cruz, que, no seu tempo, tinha fama de bom poëta:

DIUÆ REGINÆ

Omnes quod tibi seruient poetæ
Et multo poliant decore uersus
Hoc habent pretiũ laboris, aurã
Lenem Sydere sub leone potant.
Nam quos suppositos habet leones
Illi sydereo renunciarunt,
Ne uellet furere, et nimis calere
Non si pergeret æstuare, certo
Dinuã præsidio suis futurã
Detractunq polo subire pondus
Iussurã tumuli, metu ille pænæ
Præterlabitur ore nil minante.

As outras composições, que temos encontrado, orçam todas por esta.

Os bons dos jesuitas nunca viram a delicadeza das esculpturas, a belleza da composição architectónica, a graça da bella estátua jacente, sorrindo o ingénuo sorriso góthico.

O que os impressionava, eram os leões ameaçadores, de fauces abertas para o ar.

Noutra composição do jesuita João Alvares, encontramos uma allusão poëtica ás innundações do Mondego, que vinham beijar o túmulo:

Cur Monda defluat adSepulcru D. Elisabethæ

Mondaquid à solito, quæris Dea, cesserit alueo?
Et refugas undas ad tuatempla ferat?
Cur uesuas disperdasopes, cur fluminecampos
Vastet, nec subeatquam modo paruus erat.
Prædicat ille suam persigna illustria mentem
Numinis, obseruet quæ monumẽta fui.
Non facit hoc iussus, non quod cogatur ab ullo,
Neciscur refluit? Limina adire cupit.

O Mondego vinha respeitoso, e muito respeitosamente fez fugir a santa para o alto dum monte, onde não chegará tam cedo.

Mais tarde, no século XVII, teve num túmulo de prata, a consagração, que os metaes preciosos costumam prestar aos santos.

A restauração da Sé Velha

Eu, já em pequeno, era assim: nunca ía para fallar que me não lembrasse uma história.

Agora então, desde que comecei a envelhecer, não faço outra coisa, e ando com medo de estar sempre a contar a mesma história, como alguns velhos que eu conheci.

Dizem que não, mas eu sei lá...

Era uma vez um velho, muito velho, que pouco mais tinha do que a noite e o dia.

Os filhos tratavam-no mal, e elle andava quási sempre fugido de casa, e passava as noites e os dias num quintal pequenino, á sombra dum castanheiro.

Era um pedaço de terra, num alto, cercado de muros de pedra solta, roïda pela água e caíndo ao abandono.

Não se via de lá senão ceu, e um campo que ía perder-se muito longe no mar, como diziam velhos, que ao pôr do sol mostravam uma linha de prata correndo, lá ao fundo, entre as nuvens e o campo.

Mal alli chegava o pobre velho, punha-se a olhar á volta, e chorava ao ver as raizes a saírem para fóra do chão para se cravarem com mais força na terra.

Um filho mais novo andava sempre escondido dos irmãos, a ver não fôsse morrer allí o pae abandonado de todos.

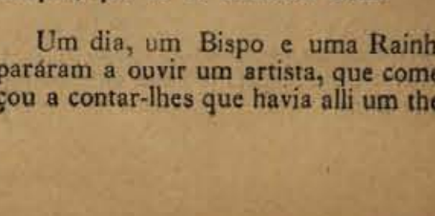
Um dia, encontrou-o quási morto, quando vinha a nascer o sol, e o pobre velho ao beijar o único filho, que o amára, fez-lhe jurar que logo alli o havia de enterrar, bem no meio das raizes d'aquelle castanheiro antigo, e que abriria a cova com as suas mãos.

O filho prometteu e compôz-lhe a cabeça sobre o chão na curva do seu braço.

O velho morreu.

O pobre do pequeno pôz-se a cavar a terra, as mãos já escorriam sangue, quando deu com uma argola de bronze.

Continuou a escavar, e pôz a descoberto um cofre.



Tumulo de prata da Rainha Santa

Tirou o da terra, abriu-o.

Era um thesouro.

O cofre estava cheio de pedras preciosas e peças de oiro antigas.

Na cova que o caixão deixára, cabia á certa, o corpo do pae.

Por isso o pae amava tanto aquella terra.

Eu sou como o velho da historia: amava a Sé Velha, como elle a terra que os filhos tinham abandonado por esteril.

Lá havia um thesouro, que eu conhecia bem, e que os outros não viam.

E tinha ás vezes vontade de pedir que me enterrassem n'aquelle lindo templo, que só eu conhecia bem.

Um dia, um Bispo e uma Rainha paráram a ouvir um artista, que começou a contar-lhes que havia alli um the-

souro escondido; e, contente por ter encontrado alguem que o ouvisse sem se rir delle, como de um louco, disse-lhes como o soubéra, e como lh'o ensinára o pae desde menino.

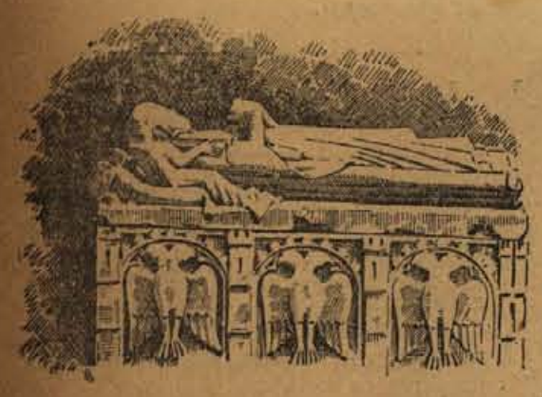
E logo todos trez começaram a pôr a descoberto o rico cofre d'oiro fino, que, quando Portugal era novo e forte, grandes artistas tinham lavrado para Nosso Senhor.

Um dia, abriram o templo, chamáram o povo e eu fiquei triste; porque toda a gente ia vêr descoberto aquelle thesouro que antigamente eramos tám poucos a conhecer.

Corria o pôvo todo para o templo, o dia era de sol, pela rua passavam as músicas em hymnos triumphaes.

Nunca pela porta aberta daquêlle templo tinham entrado tantas senhoras em vestidos frescos de primavera.

Olhei. Ao fundo a luz corria em raios douro tecendo uma teia subtil sobre o fundo azul do altar mór.



Tumulo do seculo XIV

Senti a mesma impressão que tantas vezes experimentara, em creança, quando nestas manhãs de folguedos de S. João e S. Pedro eu ia buscar o copo em que quebrára á noute o ôvo mágico que havia de mostrar-me no dia seguinte o meu futuro.

Era o altar, como uma custódia de oiro fino, das que só os ourives antigos sabiam fazer para mostrar Deus em glória, para deixar ver um cantinho do paraiso.

Muitas vezes eu allí estivera fechado, sósinho, a tentar decifrar aquella história do passado, com o mesmo cuidado, a mesma apprehensão infantil, com que exáminava o ovo mágico de S. João, procurando nelle o segredo do meu futuro.

Parecia novo aquêlle altar, feito por uns artistas, que o acaso de uma vida aventurosa trouxera a Coimbra no tempo dum bispo, que trazia esta cidade sempre cheia dos artistas, que andavam nas obras da sua sé.

Não havia então igreja em que se fizessem festas tam ricas como na Sé de Coimbra.

Havia custosos panos d'armar, em que, nas festas grandes, a bôa gente do pôvo ia aprender as histórias alegres dos patriarchas, e os trabalhos em que andou Jesus por êste mundo.

Saia-se de lá sabendo as histórias todas, desde a creação do mundo até á última victória, que contava uma tapeçaria, mandada fazer pelo bispo, de propósito, para aquella festa.

Até os meninos de côro tinham vestidos de sêda, rendas e bordaduras, como se fôssem filhos de grandes senhores, ou pagens de princêsas.

Havia pratas tantas, e tam bem lavradas, na Sé de Coimbra, que andava a fama dellas na bôcca dos reis de Portugal.

Nem na côrte, em casamento de princêsa, se formavam cortejos tam ricos, e de tanta nobreza, como os que, nas festas grandes, passavam gravemente na Sé de Coimbra, ao som de instrumentos músicos suaves, sob a chuva de pétalas de flôres, como se tivesse passado o vento da primavera.

Um frade de Santa Cruz, muito velhinho, e que todos diziam que fôra ao céo em vida, nunca entrava na Sé Velha que não caisse de joelhos a olhar para o céo, a chorar, os lábios a tremer, sem atinar com as palavras.

Lembrava-me isto tudo com saüdade, ao olhar, da porta, para o retabulo dourado e novo como era naquêlle tempo.

Em cima, Nossa Senhora tinha um ar lavado de festa, com os cabellos compridos caindo soltos e ondeados, de mãos postas, a cabeça voltada de lado para o bispo, que em baixo orava gravemente.

A' volta da Virgem voavam os anjos, pequeninos como andorinhas.

Havia uma alegria grande em todo aquêlle altar.

S. Pedro, que de lá tinham roubado, ha tanto tempo, estava outra vez de novo no seu nicho, com o ar abandonado e á-vontade dum pescador velho em casa do patrão que ama.

S. Paulo, êsse então ninguem diria que estivera tanto tempo fóra.

Com o corpo muito direito, a cabeça inclinando-se para o livro, apenas levemente para não perder a gravidade, lia alto, professando a palavra do Senhor.

Entrei de vez e depressa parei entristecido.

As sepulturas de bispos e heroes eram calcadas, sem respeito, por pés rudes. O rosmaninho sêcco sujava o pavimento.

Aquellas senhoras tam bonitas, riam e discutiam modas.

Nos bancos mulheres gordas e feias, de pernas abertas, o rosto afogueado, limpavam com o lenço o suor que lhes escorria do pescoço; pela abertura do corpete, que se desapertára, enxergava-se a sua carne fatigada e velha.

Sahi. A' porta um homem agarrava outro que ia para entrar e convidava-o para ir para a baixa, dizendo-lhe que não valia a pena vêr, que era uma porcaria, sem armação nenhuma!

E eu senti me cheio de uma alegria nova. Ninguem via o thesouro que se puzera á luz do sol, continuaria a ser só eu a vê lo.

EM JULHO DE 1896

Teixeira Lopes viu pela primeira vez em procissão a imagem, que fizera, de casa do meu amigo Albino Caetano.

Estava contente, com vontade de abraçar toda a gente.

Descrevia a girandola que se queimára na Praça, como se fosse uma obra de alta pyrotechnia antiga.

Respirava o fumo da polvora, que quasi suffocava, como um general, que visse uma victoria prestes a ganhar se.

Tudo o interessava. Quasi ia chorando, quando lhe contaram que, ao vêr sahir a imagem nova da rua do Corvo, uma mulher gritára, com a voz humida de lagrimas: «Esta sim, esta é que é a santa!...»

No dia immediato, encontrámo-lo na rua.

A imagem vinha demoradamente. Ninguem dera por nós.

Quando chegou, onde nós estavamos, o andor passou por accaso, e ficou a santa voltada para nós.

Houve uma commoção extranha e o dr. Teixeira de Carvalho começou aos vivas a Teixeira Lopes, como uma creança a cantar para esconder a commoção.

Nunca houve vivas mais expontaneos, nem mais enthusiasticamente correspondidos.

O juiz da Confraria sahiu da procissão, e convidou Teixeira Lopes a acompanhar a imagem, ao que elle modestamente se esquivou.

A' noute fallava eu com a mãe de Teixeira Lopes, e a brincar dizia lhe que toda a gente tinha muita fé na imagem; mas que ella a não podia ter; vira-a fazer, sabia que era obra do filho.

— Porquê, perguntou me simplesmente a boa senhora? O pae fez uma Nossa Senhora para uma egreja, onde todos os annos se lhe faz uma festa grande, e ella tem feito muitos milagres. Até lá em casa...

E ficou-se a scismar a boa senhora.

Depois levantou a cabeça, e sorriu para o marido e para o filho, que sorriam para ella, commovidos, sem fallar.

q. m.

O Pagem da Rainha

A lenda do Pagem é um dos episodios, que mais tem chamado a attenção de poetas e agiographos.

Dizem-no de origem oriental e posterior á epoca das descobertas.

No seculo XVI era pretexto vulgar dos versos dos jesuitas.

Encontramo lo tratado modernamente por Armando da Silva e Caldas Cordeiro no romance historico — A Rainha Santa.

Extrahimo lo da luxuosa edição que se anda publicando em Lisboa.

Passou Fernam Garcia a manhã do dia seguinte occupado no serviço da rainha. Foi só quando D. Isabel se dirigiu com a sua camareira para a igreja, a ouvir missa, que o pagem se lembrou da ordem que D. Dinis lhe tinha dado na véspera.

E o pagem saíu do paço em direcção dos fornos de cal.

Nessa calma manhã de junho o sol, com seus reflexos prateados, derramava toda a luz pelo ceu azul, pelo arvoredo verdejante, pelas águas limpidas do Tejo. A índole amorosa de Fernam Garcia recebeu a benéfica influência da naturêsa perturbadora. Os seus sentidos dominaram-no de tal modo que nem se esforçou por combater ou contrariar o desejo que imperiosamente lhe accudiu. Esse desejo era o contemplar a mulher que amava, o vê-la durante alguns momentos mais, emquanto ella ouvia missa e rezava aos santos da sua devoção.

A fachada da Sé Velha antes da restauração

O pagem, satisfeito com a idea repentina que lhe acudira, voltou de noeo á Santarem e entroa na igreja onde se encontrava D. Izabel.

A rainha, ajoelhada em frente do altar mór, orava fervorosamente.

Fernam Garcia conservou se a distância enlevado na contemplação da quêlle rosto formoso, e que as mortificações, os jejuns, as rezas e as penitências augmentavam a pallidez, sem lhe diminuir a belleza, antes dando-lhe um realce de encanto e de sedução.

O pagem permaneceu longo tempo na igreja. Para elle o mundo, Deus, a natureza, a vida, tudo se resumia na figura gentil da santa rainha. O seu amôr era um amôr mýstico, todo da alma e do coração, sem nenhuns desejos carnaes, sem apetites de sensualismo.

Enquanto o pagem se achava entregue ao seu enlevo amoroso, D. Dinis estava impaciente por saber como Nuno Froilaz se tinha saído da incumbéncia de que o incarregára.

— A estas horas, pensava o rei, já Fernam Garcia deve estar morto!... Satanaz já terá tomado conta da sua ruim alma!... Agora resta-me participar a D. Isabel a morte do seu pagem e censurar lhe a indulgéncia com que procedeu para com elle e a criminosa tolerancia com que o consentiu a seu lado, depois de saber que elle a amava!... Procuremos a rainha...

E D. Dinis dirigia se para os aposentos de D. Isabel, quando encontrou Diogo Aboim. Este encontro com o seu pagem fez com que o rei quizesse saber o mais depressa possivel se mestre Nuno já tinha cumprido as ordens que lhe dera na véspera.

— Olhae, Diogo Aboim, mandou D. Dinis, correi depressa aos fornos de cal de mestre Nuno Froilaz, dizei-lhe que ides de meu mandado e perguntae-lhe se já cumpriu as minhas ordens... Ide e trazei me depressa a resposta... Estou impaciente... Estranho esta demora de mestre Nuno em informar-me do que se ha passado.

O pagem do rei seguiu pressuroso a cumprir o que lhe fôra ordenado. E D. Dinis entrou nos aposentos de D. Izabel.

* * *

Mestre Nuno Froilaz preveniu os homens que o ajudavam no serviço do fôrno, das ordens que o rei lhe tinha dado na véspera e avisou-os de que estivessem prestes para o auxiliarem.

Por isso, quando Diogo Aboim assomou á entrada dos fórnos da cal, penetrou no páteo e disse que vinha da parte de el-rei, todos o rodearam.

O pagem, estranhando muito embora semelhante acolhimento, perguntou:

— Dizei me, senhores, se algum de vós é mestre Nuno Froilaz?

— Sou eu, respondeu mestre Nuno, acercando-se ainda mais do pagem... A que vindes?

— Já o disse, respondeu Diogo Aboim... Venho do mandado de el-rei a perguntar-vos se já cumpristes as suas ordens...

— Vam agora ser cumpridas, respondeu mestre Nuno agarrando o pagem com a ajuda dos outros homens e arrastando-o para os fornos.

Diogo Aboim debatia-se desesperadamente e gritava:

— Deixae me, senhores!... Largae-me!... Enganaes-vos!... Venho da parte do rei!... Sou o seu pagem!... Não percebo o que ides fazer?

— Vamos cumprir o que el rei me ordenou, respondeu o mestre que, com os seus homens, puxaram Diogo Aboim para junto de um dos fórnos.

— As ordens de el-rei! exclamou Diogo Aboim... Então el-rei ordenou-vos alguma coisa contra mim?

— Ordenou me que vos lançasse vivo em um d'estes fornos! respondeu o mestre.

— E' engano, senhor! exclamou afflictivamente Diogo Aboim... Não é a mim que el-rei podia querer mal... E' a outro... E' a outro que devereis infligir esse supplicio!... Deixae-me, vos digo!... Deixae me!... Chamo-me Diogo Aboim e sou pagem do rei!...

— Calae-vos! mandou mestre Nuno.

— Não me calarei! rouquejou o pagem, que se contorcia e luctava para procurar desprender-se dos braços possantes que o tinham agarrado... Largae me repetiu elle n'uma derradeira suplica de desespero... Ah! não me acreditaes!...

— Não! exclamou mestre Nuno... Não vos acreditamos!... As ordens de el-rei foram bem claras... Por tanto calae-vos e resignae vos á sorte que vos espera... Dou-vos tempo para vos arrepender de vossos pecados...

— Não tenho pecados de que me deva arrepender, exclamou o pagem, vós é que vos haveis de arrepender do vosso engano...

Oh! sim! El-rei ha de castigar-vos!...

— Basta, disse mestre Nuno... Deivos tempo para vos arrependerdes de vossos pecados e vós, em vez de pedir perdão a Deus, ainda me ameaçaes!... Vamos, amigos, ordenou dirigindo-se aos seus homens, cumpramos as ordens de el rei...

E Diogo Aboim, apesar dos seus gritos dilacerantes, das contorsões em que se debatia para tentar livrar-se da terrivel morte que o esperava, foi lançado no forno da cal. Sentiu-se o baque do corpo e ouviu-se um grito rouco e abafado.

Antes que o fogo lhe queimasse as carnes, a asphyxia matou-o, livrando o assim de horriveis soffrimentos.

Como a rainha deu a imágem nova

A rainha estava ao caes num pavilhão desgracioso, cuja cupula era formada pela corôa que cobria a eça mandada fazer pela Universidade para as exéquias de D. José.

A procissão seguia pela Portagem.

Por fim appareceu o andor, trazido triumphalmente pelos irmãos, barbeados de fresco, os cabellos a luzir de pomadas finas, cobertos de pétalas de flôres.

Mal desemboccaram da Calçada, aprumaram os corpos, e foram Portagem fóra, num movimento gracioso de animal doméstico a furtar-se a uma carícia, de olho virado de banda para o pavilhão real, lábio arreganhado num sorriso, a opa a dar a dar.

Alguns suavam.

Mal vira apparecer o andor, sua majestade ajoelhara, e conservou-se rezando, enquanto o andor voltava ao pavilhão real.

Mal chegaram, pararam o andor, a Rainha Santa abanou um boccadinho, e parou.

Sua majestade ergueu a cabeça, deu com os olhos na santa, e ficou aterrada.

Deante della erguia-se a imágem, com um manto pobre de velludilho vermelho, guarnecido com os arminhos pelintras dos theatros d'aldeia, um vestido branco de setim apertando lhe o peito forte de mulher do campo.

Nas mãos segurava um lenço de renda, e um sceptro de rainha de baralho.

Tinha o rosto afogueado, o olhar parado e brilhante das mulheres, que andavam a correr a traz da procissão.

A rainha baixou os olhos.

Não era a rainha santa, era uma santa de entremez.

Era uma rainha de Braga.

Não era a esposa dum rei trovador, era a mulher do rei David.

Quando sua majestade levantou os olhos, ía a santa quási á ponte, muito empertigada, de barriga para deante, imaginando que toda a gente estava a olhar para ella, admirada dos seus vestidos de festa.

E sua majestade pensava: uma rainha de Portugal aquillo!..

E ainda hoje falla a rainha na impressão, que sentiu, quando deu com os olhos na rainha santa.

Não lho podemos levar a mal, succede-nos o mesmo, quando vemos outro capello deante.

Uma imagem curiosa

O nome de Rainha Santa foi dado a D. Isabel muito cedo.

A fama dos seus milagres começou pouco tempo depois da morte, e a lenda ingenua foi em cada seculo retocada e augmentada com milagres novos.

Com a piedade de D. João III e de D. Catharina os milagres foram augmentando consideravelmente, e começaram logo a apparecer as imagens e reliquias.

As freiras de Santa Clara e de Cellas começaram ao desafio a ver quaes eram capazes de pôr ao sol maior somma de milagres.

Houve um que nos deu uma obra d'arte, foi o da sobrinha de Azpilcueta Navarro, lente da Universidade, que um folhetim do seculo, ajudado pela sonocidade do nome, tornou popular.

Queixava-se ella de nevralgias que lhe tornavam difficeis e mesmo impossiveis os movimentos.

Um dia, depois de ter ouvido ler o officio e milagres da Rainha Santa, adormeceu e acordou sã.

Sam curas milagrosas, que perderam bastante do maravilhoso antigo, depois dos trabalhos de Charcot.

O caso porém foi fallado, e Martim de Azpilcueta escreveu sobre elle ao papa.

O sr. cónego Prudéncio Garcia encontrou no desmanchar do convento de Cellas uma pequena imagem de Santa Isabel que me parece dever-se a este caso milagroso.

A moldura dourada tem a fórma dum pequeno portico, com as palavras do officio que no seculo XVI se escreveu para a Rainha; porque o antigo foi considerado barbaro pelos humanistas da renascença.

Aos lados vêem-se a piscina e o hospital, que Santa Isabel mandou fazer.

O artista não foi de escrupulos historicos e pintou duas construcções da renascença.

No meio, está o quadro, pintura sobre madeira, do seculo XVI, representando o milagre das rosas, com um fundo curioso, indicando Coimbra.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 713 | COIMBRA — Quinta-feira, 10 de Julho de 1902 | 8.º ANNO

A tolerancia da igreja

O sr. Bispo Conde, ao receber os representantes das associações de Coimbra, que iam mostrar-lhe o seu reconhecimento pelas obras emprehendidas por s. ex.ª rev.ma na Sé Velha, disse que nunca fizera distincção de partidos e que orientára sempre a sua vida pela palavra de Leão XIII.

Sem discutir o apropósito da affirmação, reconhecendo que s. ex.ª, como bispo cathólico, tem de se dirigir pela palavra do seu superior hierárchico e pelo chefe da igreja, fallaremos porém da politica de Leão XIII, que nos não parece acceitavel e que agora mais do que nunca urge discutir.

Leão XIII é um bom velho, por quem toda a gente tem a sympathia que se dá, sem reflectir, aos que passam longos annos sobre a terra, e que parecem esquecidos de Deus.

A sua figura de homem quebrado pelos annos, o seu sorriso que é outra vez ingénuo, como o das creanças, dam ao chefe actual da igreja cathólica-apostólica-romana uma tolerancia da parte dos que pensam, que outro mais novo, neste momento de lucta accesa entre todas as religiões, não conseguiria.

A sua palavra é recebida com sympathia, todos têem medo de o contradizer, de serem a causa do seu último desgosto; mas a sua acção é tám fraca, que por vezes se tem dito que Leão XIII morreu, e não surprehende a ninguem vêr continuar da mesma fórma os negócios da igreja.

Quando falla, quando escreve Leão XIII mostra-se um litterato delicado, cheio da bondade que só a velhice dá.

As suas ideias sobre os phenómenos sociaes sám duma ingenuidade primitiva, e por isso a sua palavra parece a dum apóstolo, dum dos pescadores da Galiléa.

Ouve-se com sympathia, como a todos os velhos, que não têem culpa de o serem, e de terem as ideias dos homens do seu tempo, que se foram dêste mundo mais cedo do que elles.

A sua theoria de resolver a questão do operariado é de uma ingenuidade de Novo Testamento; recommendar paciencia aos operarios irritados pela exploração do capital, e caridade aos capitalistas enriquecidos pela usura e pela avidez do ganho, é uma máxima de cathecismo, velha como a igreja e a ingenuidade humanas.

Lembra o preceito christão: — contra a preguiça diligencia.

Mas a palavra de Leão XIII ouve-se sempre com sympathia pela sua velhice, pela ingenuidade do seu fraco pensamento.

Ao lado de Leão XIII, ha porém a politica da igreja, e nunca houve no mundo tanto ódio de seitas religiosas.

O antisemitismo, alimentado pelo clero francês, que conseguiu assim o dinheiro, que as judias enobrecidas pelo casamento dám á farta, é um dos maiores males de que vae triumphando gloriosamente a França republicana.

Querendo monopolizar o ensino, e deformar as consciencias de accordo com os seus interesses tem levantado a lucta que flagella todos os paises cathólicos, e tudo prediz para breve uma guerra maior do que a que poderia originar o conflicto de dois povos fortes.

A' sombra do velho, que passa branco e respeitado, medram os ódios e as ambições, e estava reservado para este século vêr conferenciar Leão XIII com o geral dos jesuitas, vêr juntos no mesmo empenho o papa branco com o papa negro.

A politica de Leão XIII tem sido nêste seculo o que foi sempre, a politica do papado.

O sr. Bispo Conde, na occasião em que as associções populares de Coimbra o iam felicitar por um acto de protecção aos artistas, que muito o enobrece, aproveita a occasião de affirmar que a sua politica será a do papado, na mesma occasião em que o país se debate na crise religiosa, na mesma occasião em que se pede, em nome da liberdade do pensamento, a secularização do ensino, quando todos reconhecidos lhe agradeciam a restauração da Sé Velha, a fundação do museu da Sé...

Quando todos haviam esquecido que, mesmo nêsse museu da Sé, o único objecto, que se vê, doado pelo sr. Bispo Conde, é o calix que lhe offereceram algumas senhoras devotas por ter deixado ás freiras o convento de Santa Thereza.

Rompante espanhol

O ministerio do extranjeiro soffreu uma nova reforma, para peior, conforme se manda sempre no nosso país.

Essa reforma diz-se que foi feita para anichar parentes e amigos, daquelles que tudo mandam naquelle ministerio, preterindo-se direitos e commetendo-se grandes injustiças

Pois o «illustre director do *Dia*», conforme lhe chama *O Diario da Tarde*, do Porto, declarou solemnemente — que, quando o partido progressista *fôr gente*, isto é—estiver no governo, «não ficaria memoria de tam escandalosa reforma».

E dizem que não temos homens publicos, de valor e de preço!

E de que preço!

Casimiro Freire

Esteve nésta cidade, onde veiu assistir ao acto da formatura do filho de João de Deus, este devotado propagandista da instrucção pelo methodo João de Deus, a alma das escolas moveis a quem a instrucção e o país deve tão relevantes serviços.

Casimiro Freire é um fanatico, um crente pela instituição — Escolas Novas.

Não tem havido sacrificio que não vença, desgosto que entibie a sua dedicação. Sempre sereno e firme, elle tem caminhado impávido dando exemplo a todos do que póde a fé e a constancia.

No seu tám nobre exemplo é que todos nós devemos fortalecer a nossa fé e a nossa crença.

Partido republicano

Para nós, que temos versado o assumpto como uma insistencia, que para muitos será impertinente caturrice, é summamente grata a noticia de que o partido republicano vae entrar numa phase de indispensavel actividade, dando prompta effectivisação ás deliberações do ultimo congresso de Coimbra.

O momento é proprio para que o partido republicano se lance corajosamente na lucta, organizando e animando elementos antigos, e captando outros com os esforços de uma larga e pertinaz propaganda.

Não ha muitos dias que um jornal affecto ao regimen constatava a dissolução dos partidos monarchicos hespanhoes, filiando-a menos nas disputas pessoalistas, que sempre saccodem os partidos, de que no facto de, trahindo o seu programma, deixarem de corresponder ás esperanças e ás aspirações populares.

A viagem triumphal de Canalejas documenta esta affirmativa.

Esse exemplo de energia e rara coherencia terá sido, talvez, para a Espanha, um incidente salutar. Os partidos monárchicos espanhoes esphacelam-se, é um facto, e a propaganda de Canelejas, com a sua feição accentuadamente democratica, encontra por toda a parte applausos expontaneos e vibrantes.

Para o ouvir, para o acclamar, a multidão corre, precipita-se, resiste, bate-se.

Esta sentença fulminada contra os partidos da velha Hespanha, ajusta-se por completo aos partidos monarchicos portuguêses.

A dissolução é um facto. A dentro de cada orthodoxia partidaria, surgem e multiplicam-se as heresias.

Ninguem descobre, ninguem é capaz de salientar entre os grupos que gozam o poder, a linha divisoria dum antagonismo doutrinal.

Não ha principios, não ha ideaes.

Depois das luctas entre carlistas e setembristas, os partidos cahiram nas rivalidades pessoaes, disputando o poder pelo poder.

A divisa dos homens que nêlles culminam é a divisa de Yago: — *Mette dinheiro no sacco.*

A acção, pois, do partido republicano é poderosamente auxiliada pela dissolução evidente dos grupos adversos, e o país hade receber com júbilo e com enthusiasmo os exforços que elle empregar para o erguer.

Em Espanha, apezar de tudo, o povo é mais prompto em acclamar estas cruzadas por seu bem emprehendidas; mas entre nós não é licito affirmar que elle seja insensivel, e teremos em grande parte de explicar a sua reserva pela ignorancia cerrada que o envolve, e pela grande somma de desillusões accumuladas.

Dia virá em que elle hade manifestar-se imponentemente, energicamente: será o dia do nosso triumpho. O que é preciso, porém, é não desesperar, é não ter impaciencias, é trabalhar serenamente na obra do futuro.

Por isso dissémos que o momento era propicio para o partido republicano abrir a lucta, que deve reunir, para ser proficua, na mesma aspiração, todos aquelles que um dia, por motivos que não vem ao caso suppôr, se encontraram trilhando caminhos diversos.

Que isso se faça, eis os desejos que nos animam e que de ha muito, com leal franqueza, vimos revelando.

Foi auctorizada a Camara Municipal deste concelho para levantar, da agencia do Banco de Portugal de Coimbra, a quantia de 1:500$000 réis, importancia do subsidio para o asylo de cegos e aleijados, de Cellas, a cargo da camara.

Concurso

O jury do concurso para o logar de professor de desenho, annexo á faculdade de philosophia, é composto dos lentes srs. drs. Julio Henriques, Sousa Gomes, Alvaro Bastos, Arzilla da Fonseca e Mendes Pinheiro.

O unico concorrente áquelle logar é o talentoso director da *Escola Brotero* e nosso considerado correligionario, sr. Antonio Augusto Gonçalves.

Hoje devem ter logar as provas praticas, e no dia 14 do corrente a lição pratica.

O sr. Antonio Augusto Gonçalves regia já esta cadeira de desenho e a elle se deve a modificação completa do ensino, que soube tornar agradavel, pratico e util.

O sr. Antonio Augusto Gonçalves, na regencia da cadeira de Desenho da Universidade, tem mostrado, como em toda a sua vida de professor, as altas qualidades de saber e orientação superior que o distinguem.

O concurso é uma méra formalidade, que tem apenas por fim tornar official a nomeação do illustre professor, que não teve concorrentes, nem os podia ter.

Restauração artística

O abastado capitalista João Pereira Belles vai mandar restaurar a casa, que possue na rua de Sub-ripas, e que entre o vulgo é conhecida pelo nome errado de casa de D. Maria Telles.

E' uma curiosa construcção do século XVI, feita sobre as muralhas da cidade, e aproveitando as torres dellas, por o licenciado Simão Vaz.

O aspecto exterior, que é muito pittoresco, está hoje bastante alterado por obras relativamente modernas que lhe tiraram parte da belleza antiga, mas que deixaram vestigios por onde é fácil restabelecer o estado primitivo.

Internamente ha um salão curioso com um tecto de madeira, conhecido pela obra de Haupt, em que anda desenhado.

Foi o caracter pittoresco de parte da construcção, com uma mysteriosa e romantico escada de caracol, pequenas portas ogivaes, e azulejos mudgares, que levaram poëtas e romancistas a localisar alli o drama de amôr de D. Maria Telles.

E' porém certo que a construcção data apenas do século XVI em que as muralhas de Coimbra começaram a ser destruidas, apezar das reclamações do pôvo, que por mais duma vez protestou contra as edificações particulares, que se levantavam junto das portas da cidade, e utilisando por vezes as torres e os materiaes das muralhas.

Toda a rua das Fangas assenta sobre as muralhas, e por causa da casa nobre dos Alpões houve, entre o pôvo e á camara um incidente curioso e bem caracteristico da vida portuguêsa do século XVI.

A casa dos Alpões é a que está ao cimo da rua das Fangas com um brazão com a divisa que é fácil de lêr, mas que, não sabemos porque circunstancia do acaso não tem sido lida, apezar de manuscriptos, estudados já, chamarem a attenção para aquella casa, que, já no seu tempo, era citada como das mais nobres da cidade.

A razão das facilidades da camara de Coimbra em favorecer as construcções está em ser então muito pouco povoada a parte contida dentro dos muros e designada com o titulo de Almedina.

Diogo de Castilho, que deu o nome talvez ao bêcco do começo da rua das Fangas, foi muito considerado por ter promovido, mais do que nenhum outro, a construcção de prédios dentro do Almedina.

Do século XVI é a casa que o sr. João Pereira Belles vai restaurar, não se poupando a despêzas, e tendo apenas em vista restituí la á belleza antiga, entregando a direcção da obra a pessôa competente.

Zola e o ensino

Transcrevemos a opinião de Zola sobre o secularisação de ensino.

E' curiosa pela forma rude como a questão é apresentada, com franqueza, deixando ver tudo o que tem de complexo e difficil.

Ha porém um principio que Zola considera decidido o indiscutivel — a condemnação do ensino religioso.

Zola manifestou verbalmente a sua opinião a Jean Rodes que dirigiu o inquérito feito pela *Revue Blanche*, a que mais duma vez nos temos referido.

Zola falla prolixamente, parando para procurar escrupulosamente a palavra, que traduza mais fiel e fortemente o seu pensamento.

Fui educado no collégio municipal de Aix da Provence, e depois no lyceu Saint-Louis em Paris.

Perdi meu pae, quando era creança ainda e, como minha mãe para mim era muito fraca e muito bôa, desenvolvi me em plena liberdade. Aos sete ou oito annos, não sabia ainda lêr. Posso dizer que me formei a mim só e penso que é esse o melhor systema; não creio na educação.

Quanto á liberdade de ensino, é uma grande questão e tenho difficuldade em lhe dar verbalmente a minha opinião, porque seria necessário um volume. Demais estou para exprimir a minha opinião sobre esse assumpto, no terceiro livro dos meus *Quatro Evangelhos*, que terá o titulo: Verdade.

Como principio, e é o philosopho que falla, sou pela liberdade absoluta e sou tam respeitoso por essa liberdade que seria, sob êste ponto de vista, um pouco anarchista, mas esta questão é tam vasta e tam complicada que é fácil contradizer-se a gente. Assim, como homem social, devo reconhecer que ha um dever urgente de instruir, de educar as massas e é isso o que digo no meu livro.

Tomo para exemplo o caso Dreyfus. A principio, tive a maior confiança nesta França tam nobre, tam generosa, e tinha a certeza que ella seria por nós. Enganei-me. Porquê? Porque a França não *sabia*. E chego á conclusão de que os melhores impulsos não bastam a um pôvo e que, para ser susceptivel de justiça, de verdade, é necessário que não seja ignorante, é necessário que *saiba*. E' êsse com effeito o fim de toda a educação.

Como homem social tambem, julgo que é necessário supprimir absolutamente o ensino religioso. Que os paes eduquem, se quizerem, os filhos em casa, que lhes arrangem mestres, que lhes imprimam a direcção intellectual que quizerem, concedo, e a êsse respeito estou bem socegado, — a vida se encarregará, por si mesma, de corrigir os erros da educação, da direcção; mas é insensato que se reconheça, por assim dizer, officialmente a legitimidade dum ensino monstruoso, tolerando a existência dos collégios das ordens religiosas. Porque o christianismo é uma doutrina anti-social, anti-humana, uma doutrina de morte, que supprime a vida, a terra em proveito duma existência supra-terrestre, engodo com que se esconde um fim de dominio muito real e muito tangivel. Socialmente não ha o direito de fazer mal: é necessário por isso, a todo o custo, tirar a essa seita maléfica o seu poder nocivo.

Perguntamos a Zola quaes eram as ideias de Flaubert a êste respeito.

Fui muito amigo de Flaubert, tenho um verdadeiro culto pela sua memória. E' o melhor, o mais honrado e é tambem o mais magnífico escriptor, mas afinal a sua pergunta obriga-me a reconhecer que, se artisticamente era muito livre, como philosopho era o homem do seu tempo e do seu meio, profundamente conservador, anti-revo-

cucionário. Recordo-me que, quando o conheci, trabalhava elle na *Tribune*, ôlha em que Pelletan, Ferry e outros combatiam pelas ideias liberaes. Flaubert olhava-me um pouco como uma curiosidade e, um dia, disse-me: «Afinal o que querem todos êsses republicanos?» Flaubert nunca se preoccupou com questões sociaes; era, no fundo, um burguês damnado.

Litterariamente era e não era mais do que um lyrico nascido da confluência de Balzac e Hugo; não era absolutamente nada o homem de *Madame Bovary*. Succedeu que fôra irritado pelas pretenções naturalistas de Champfleury e escreveu êsse romance «para, como dizia, mostrar áquella gente o que era um livro realista». E olhe, descobrem-se bem nelle as tendéncias verdadeiras de Flaubert sob o ponto de vista social em se comprazer em accumular todos os ridiculos sobre Homais. Tambem, muito tempo, considerei êste pharmaceutico como o typo de tolo pretencioso, que se enfeita de intellectualidade á custa de todos os lugares communs. Depois mudei da opinião e reconheci que a victima dos sarcasmos de Flaubert tinha razão, e, que, em summa só elle representava, authenticamente, o progresso na obra do mestre. Demais tenho várias vezes tido a tentação de escrever o panegyrico de Homai.

Era uma coisa quási fácil de mais.

Mas, dissemos nós, êsse exemplo não mostra que a liberdade de pensamento é talvez antes o effeito da natureza e do temperamento, que da intelligéncia e do saber, porque, parece, se não fôsse assim, com o mesmo grau de cultura, os homens deviam pensar todos da mesma forma sobre as grandes questões.

A sua observação deve ser justa. Senão como explicar que no caso Dreyfus, de que torno a fallar, porque elle realmente dividiu os escriptores e os pensadores em dois campos bem nitidos, encontrassemos contra nós certos homens que tudo chamava para as nossas fileiras. Foi isso mesmo para nós, durante algum tempo, motivo para pensarmos de que lado estariam alguns dos grandes desapparecidos. Hugo e Renan, por exemplo, êstes com doçura mas todavia de modo bem determinado, teriam sido dos nossos, sem dúvida alguma; Flauberte, Goncourt Taine teriam ido para as fileiras dos nossos adversários; Goncourt tinha pelos judeus um ódio exasperado; Flaubert ria-se, mas era pelas coisas estabelecidas, pela auctoridade. Quanto a Taine, a evolução do fim da sua vida, tam desnorteante, tira todas as illusões.

E, se entre os vivos a attitude de Coppée me deixa sem surpreza, como comprehender a conducta de Lemaitre, de espirito tam avisado, tam fino, tam livre? Como explicar semelhante erro em tal homem? E Soury e tantos outros!

Sim, ha differenças profundas d'ordem physiológica, de extructura de cérebro, ha atavismos, ha hereditariedade, tudo isso concorre para a formação de caracteres. Alguns nascem homens livres, outros ficam escravos, bem poucos mesmo têem verdadeiramente a coragem da liberdade.

— Ai, insinuamos nós, poderia talvez intervir efficazmente a educação.

Sim, sim, é talvez possivel, mas o problema é muito complexo, obscurecido por tanta coisa que se não conhece...

JEAN RODES.

Foram assignados os decretos nomeando administrador dos hospitaes da Universidade o sr. dr. Manuel da Costa Allemão decano da faculdade de Medicina, e thesoureiro o sr. João Machado Feleciano.

A associação das créches de Coimbra abre no próximo domingo a créche, que estabeleceu no edificio annexo ao Hospicio e que tem entrada pela ruo de Mont'arroyo.

E' um edifício vasto, arejado em magnificas condicções hygiénicas.

A direcção das créches é digna de louvor pelos esforços que tem empregado para manter uma instituição tam útil e que tam necessária se tornava em Coimbra.

Ultimamente têem augmentado os donativos e é de esperar do favor público com que começa a ser olhada, que entre em breve num periodo de prosperidade e desenvolvimento.

Manifestação ao sr. Bispo Conde

Na passada segunda-feira as associações de Coimbra fôram com uma música á frente felicitar e agradecer ao sr. bispo conde a restauração da Sé Velha.

Sua ex.ª recebeu as associações com a sua afabilidade habitual, mostrando-se muito commovido.

O sr. Villaça, que foi o primeiro a fallar, dirigiu-se ao sr. bispo conde dizendo: que as commissões representando as diversas associações de Coimbra vinham testemunhar a sua ex.ª rev.ma o reconhecimento e gratidão pela restauração de Sé Velha, de que sua ex.ª fôra a grande alma inspiradora. Sem a alta cooperação do sr. bispo conde, removendo todas as difficuldades, certamente que se não teria levado a effeito tam grande emprehendimento, que é uma glória nacional.

O sr. bispo conde, um pouco commovido, começou por agradecer a manifestação, sentindo não ter o dom da palavra para melhor poder traduzir as suas impressões.

Como prelado desta diocese, ha perto de meio seculo, procurou sempre inspirar-se no dever, para bem dos seus diocesanos.

Teve o seu coração sempre aberto a todos sem distincção de côr politica. Segue o caminho indicado por Leão XIII, que, com a sua tolerância e com a sua grande fé soube crear o respeito não só dos cathólicos, mas de todo o mundo.

Que durante a sua longa vida de prelado tem tido grandes desgostos e grandes alegrias; que não esqueceria as que tinham levado ao seu coração a visita da camara municipal e as que todos lhe traziam.

Falla na sua acção nas obras da Sé Velha, e dis que pouco fez; porque a sua missão era de pedinchão, ou de encaminhar vontades, que ás vezes, discordavam. O verdadeiro restaurador e a quem tudo se devia era a António Augusto Gonçalves, que, com a sua tenacidade, com a sua intelligéncia e tam grande sacrificio, soube com os conhecimentos que tem da arte fazer voltar ao estado primitivo aquella pureza de architectura, que torna a Sé Velha um dos monumentos mais notáveis do seu estylo, não só de Portugal, como da Peninsula.

Elogia as qualidades de A. Augusto Gonçalves como artista e como homem de saber.

Houve outros cooperadores, continuou dizendo sua ex.ª rev.ma, e não se devia esquecer S. M. a Rainha D. Amélia. Fôra ella que sempre o animára nos momentos difficeis, chegando a offerecer o seu auxilio pecuniário, que felizmente não fôra preciso.

Os srs. ministros das obras públicas, disse tambem sua ex.ª, desde o sr. conselheiro Bernardino Machado até ao actual tinham dado sempre o mais captivante auxilio.

Havia ainda muito que fazer, mas primeiro cumpria livrar de ser inutilisado o trabalho já feito.

Dirigiu se ao sr. prior da Sé Velha, que estava presente e pede lhe que com a sua junta de parochia se oponha a actos vandálicos.

O sr. prior é intelligente e entendido nas coisas d'arte, porque tem grandes conhecimentos; saberá olhar por tudo e tudo acautelar para que no futuro se não vejam inutilizados tantos esforços.

Promette continuar as obras, e envidar os seus esforços para tudo ter a solução que é mister.

Agradece novamente a todos esta manifestação que lhe é grata, desejando a todos a maior felicidade no lar e nas suas occupações.

O sr. António Augusto Gonçalves pediu a permissão de fallar e agradece a sua ex.ª as palavras que lhe dirigiu, mas rectifica que só ao sr. Bispo se deve tudo.

Que, quando foi o pontifical da Sé Velha, não pudera deixar de pensar que aquêlle templo que, ha tanto século fôra erguido por um bispo, fôra restituido á pureza antiga por outro.

O sr. Villaça agradeceu em nome de todos as palavras do sr. bispo, os serviços prestados por sua ex.ª esperando que sua ex.ª continue a dispensar a Coimbra a protecção de que ella tanto carece.

Depois d'algumas palavras do sr. bispo conde as commissões retiraram levantando o presidente da Associação Commercial vivas ao sr. bispo conde, como restaurador da Sé Velha, creador do Muzeu da Sé, e do Bairro Operário.

Corrida velocipedica

Não se realisou a corrida de velocipedes, dos clientes da Commercial União Velocipedica, ficando transferida para domingo de tarde antes da procissão.

Nas outras corridas, que foram regularmente concorridas, ganharam os premios, na primeira: Alberto Baptista Gonçalves, relogio de ouro; José Maria Marques, medalha de vermeil; José Joaquim Marques, medalha de prata.

Na segunda: — Fausto Tavares de Almeida, medalha de vermeil; Antonio Santos, medalha de prata; Manuel Maria Mesquita, medalha de cobre.

Na terceira: — José Maria Dionysio, medalha de vermeil; Abel Baptista Gonçalves, medalha de prata; Pedro da Silva Monteiro, medalha de cobre.

Partiu hoje para Paris o sr. dr. Henrique de Figueiredo.

Bôa viagem.

Noticia um collega local, que numa das barracas existentes no Caes, se joga descaradamente, tendo sido ali burlado de grande um incauto, que por se queixar foi preso para a esquadra, porque o *banqueiro* tinha uma licença, em regra, passada no commissariado!

Ou o collega foi mal informado, ou então no commissariado praticou-se um abuso merecedor de punição.

No anno passado foi publicada uma portaria, determinando rigorosas medidas contra as tavolagens; este anno foi dada á luz outra, recommendando a rigorosa observância da anterior; ambas assignadas pelo presidente do concelho, e apezar disso no commissariado de Coimbra passou-se uma licença para um barraqueiro ter *banca*, ás escancaras, ali no Caes!?

Repetimos: ou o collega foi mal informado, ou então sobre o caso damos a palavra ao sr. governador civil e ministro do reino.

No concurso de pecuária, realisado no dia 5 do corrente, em Santa Clara obtiveram premios os seguintes expositores:

Antonio Simões Cantante, Reynaldo Pinto Bastos e Fructuoso Torres, em eguas de criação; D. Luiz do Rego, animaes asininos; dr. Maximino de Mattos Carvalho, vaccas leiteiras; D. Urbana Monteiro, crusamento de raças em vaccas leiteiras; Antonio de Mello Ferreira, touros de cobrição; José dos Santos Torres, cingel de bois (premio do Sindicato Agricola de Coimbra, José Roberto Cortezão, junta de bois; D. Luiz do Rego, carneiros sementaes e ovelhas extranjeiras; Joaquim da Silva, cabras leiteiras; Antonio de Mello Ferreira, chibatos; Joaquim Agostinho Formigo e Antonio Alves, suinos; Antonio Rodrigues Pinto, gallinacios e palmipedes columbinios; Abilio Trovisqueiro, pombos; Virgilio dos Santos Paiva, coelhos; Cesar Teixeira da Silva, chocadeira e creadeira artificial.

Foram tambem distribuidos diplomas de honra a varios expositores, cabendo os dois premios mais honrosos á Escola Nacional de Agricultura e a D. Luiz do Rego.

Compareceram bastantes expositores, sendo o concurso muito concorrido, devendo a camara estar plenamente satisfeita por vêr coroados de bom exito os seus esforços.

Colonial oil Company

Com o maior prazer manifestamos ao publico que a *Colonial oil Company*, de Lisboa, confiou a representação daquella importante e poderosa companhia nesta cidade e seus arredores ao sr. Antonio Corrêa dos Santos, como seu agente.

A' *Colonial oil Company* prevemos, sem duvida, as melhores intenções de desenvolver a industria de petroleos em Portugal, e podemos felicitar o publico deste districto, por poder obter o melhor petroleo tão proximo ao seu domicilio nas melhores condições de economia; e felicitamos egualmente o sr. Antonio Corrêa dos Santos pela deferencia daquella companhia confiando lhe a sua agencia pelo que sinceramente lhe desejamos todas as prosperidades.

Foi publicada no *Diario* uma portaria dispensando da presidencia dos exames de sahida do lyceu desta cidade, o sr. dr. José Marnoco e Sousa.

Record-Porto-Lisboa

Como noticiámos foi realisado este record, pelo distincto sportman, e nosso amigo, o sr. dr. Tavares e Mello, que saindo da ponte de D. Luiz I, do Porto, ás 4 horas da manhã, do dia 3 do corrente, chegou a Lisboa, apezar das grandes contrariedades que soffreu, ás 3 horas e 21 minutos, da tarde, gastando portanto no percurso 11 horas e 21 minutos.

O sr. dr. Tavares e Mello montava uma motocyclette Werner, da força de um cavallo e três quartos, da qual tem o exclusivo da venda no país a Emprêsa Automobilista Portuguêsa, de que o sr. Mello é societario.

Ao distincto sportman foi enviado, pelo Real Club Velocipedista de Portugal, um honrosissimo officio, que em seguida transcrevemos:

Ill.mo Ex.mo Sr.

Não pode a direcção do mais antigo *Club Velocipedico* do país deixar de vir apresentar a V. Ex.as as suas enthusiasticas felicitações, pelo brilhante exito obtido por V. Ex.ª no seu record Porto-Lisboa ontem realisado. E assim é que em nome da referida Direcção, venho com os mais vehementes applausos cumprir esse grato dever, cumprimentando a V. Ex.as, e affirmando lhe toda a nossa admiração, toda a nossa sympathia.

Deus guarde a V. Ex.as—Lisboa e Direcção do Real Club Velocipedista de Portugal, em 4 de Julho de 1902.—Ill.mo Ex.mo Sr. Dr. José Caetano Tavares e Mello da Costa Lobo, Coimbra

O Presidente de Direcção,

Julio Corrêa de Sá

Para se avaliar das difficuldades que o *recordista* teve, vamos dar um extracto da sua viagem; colhido da resenha por elle feita.

Desde o Porto até Oliveira de Azemeis, a estrada estava péssima e nalguns sitios até quasi intransitavel para quem fôsse a pé. Desde Oliveira de Azemeis a Albergaria, numa curva apertadissima da estrada, havia uma porção de cascalho, que fez voltar a motocyclette, que ficou damnificada no guiador, travão e cranks direito, tendo de seguir em andamento moderado até Agueda, onde um serralheiro reparou as avarias, no que perdeu mais de 40 minutos. Desde Agueda a Pombal a estrada era regular, attingindo então o máximo da velocidade. Pouco adiante desta cidade, um rego, que as ultimas chuvas haviam feito na estrada, deu causa á motocyclette voltar se segunda vez, ficando damnificado o cranks esquerdo, tendo de cantinuar a marcha com os pedaes inutilisados.

Desde Leiria até ás Caldas da Rainha a estrada tinha muita lama, o que muito atrazava a marcha, e das Caldas da Rainha até Azambuja o trajecto foi feito debaixo de continuas bategas de 1gua.

Deste ultimo ponto até Lisboa a estrada era por vezes pessima, e com a pressa de chegar, o sr. dr. Tavares metteu a motocyclette com bastante velocidade por cima duma porção de brita, que havia na estrada, cahindo pela terceira vez, do que resultou uma pedra dessoldar a torneira do reservatorio do petroleo, tendo de a vedar com guita, por no Carregado não haver latoeiro.

Se não levasse petroleo em abundancia, não poderia chegar ao Campo Grande ás 3 horas e vinte e um minuto da tarde.

Além das paragens forçadas, resultantes dos incidentes acima narrados, o sr. dr. Tavares teve demoras na Mealhada, Leiria e Caldas da Rainha, para almoçar e encher de petróleo os reservatorios da motocyclette.

Foi na verdade uma viagem bastante accidentada e que se fôsse feita em boas condições, de tempo e estradas, daria em resultado o record levar muito menos tempo. Apezar disso o sr. dr. Tavares realisou um verdadeiro *tour de force*, pelo que o felicitamos.

E nada menos se devia esperar dum sportman dotado de tam excellentes qualidades, como é o sr. dr Tavares.

Automobilismo

Para a Empreza Automobilista Portuguêsa, com séde nesta cidade, chegaram ha dias, á alfandega da Figueira da Foz, 2 automoveis da conhecida e acreditada casa Darracq, de Paris, de que a emprêza é representante.

Os automoveis sam da força de nove cavallos, de 4 lugares cada um, podendo levar até seis pessoas. Um é para o sr. D. Miguel de Alarcão, o outro ainda não tem comprador.

Por estes dias devem chegar outros dois automoveis, da força de 16 cavallos, sendo um para o sr. dr. Egas Moniz, desta cidade, e o outro para o abastado proprietario de Torres Novas sr. Bernardino Raposo. Sam de 6 lugares, mas podem levar oito pessoas. Estám encommendados mais cinco, para differentes freguêses, que desejosos os esperam.

Um dos automoveis, ultimamente chegado, veio da Figueira a Coimbra em menos duma hora.

Entrou no 2.º anno de publicação o nosso distincto collega local a *Folha de Coimbra*, superiormente dirigida pelo lente da Universidade sr. dr. Teixeira de Abreu.

Nós, que de sobejo sabemos quanto esforço e dedicação se necessita empregar para sustentar, com independencia e honestidade, um jornal provinciano, enviamos aos nossos collegas da *Folha* sinceras felicitações pelo 1.º anniversario do seu jornal, fazendo votos pelas suas prosperidades.

Foi apresentado na igreja de S. Martinho do Bispo o presbytero Augusto Vasconcellos Hasse.

Scenas das ruas

Filippe de Jesus, da Arregaça, foi aggredido, no domingo de tarde, pelos barqueiros Estevam Chim, de Ceira, e Manuel dos Reis, do casal da Misarella.

O caso deu-se no largo da Sotta, ficando o aggredido com a cabeça partida, em virtude duma paulada que o primeiro aggressor lhe vibrou, enquanto o segundo o agarrava pelas costas,

Claro está que os dois phariseus Chim e Reis, que tanto maltrataram o Jesus, foram engaiollados, emquanto o ferido foi conduzido em maca para o hospital.

A justiça ensinará aos dois *valientes*, que nem a um simples mortal se devem fazer taes feitos, quanto mais a um Jesus.

*

Amor, amor, a quanto obrigas, costumam dizer os apaixonados, quando têem de sacrificar-se pelo objecto amado.

Desta vez o sacrificio foi uma boa dose de sôccos, que duas *ellas* trocaram junto ao mercado, por causa dum *elle*, de Cellas, que a estas horas ainda se estará a consolar com a lembrança de que o seu amor foi disputado á força de pulso e de lingua, que as duas cachopas desenferrujaram muito rasoavelmente, emquanto se batiam.

Ainda ha quem diga — o teu amor e uma cabana, neste tempo de prosaismos e ambições.

Antes assim.

A Direcção das Créches de Coimbra pede a todos os sócios que se dignem comparecer com suas ex.mas familias no domingo próximo, 13 do corrente, pelas 2 horas da tarde no edificio annexo ao Hospicio com entrada pela rua de Mont'arroyo para assistirem á nova installação da Créche que tinha a sua séde na rua da Ilha.

Rainha Santa

Não nos permittindo a falta de espaço o referirmo nos neste numero ás festas, que desde quinta feira até domingo tiveram logar nesta cidade, damos hoje apenas a noticia dos que se projectam.

Sabbado á noite, illuminações, serenata no rio Mondego e fogos de artificio.

Domingo de manhã, missa cantada em Santa Cruz; ás seis horas da tarde procissão solemne reconduzindo a veneranda Imagem da Rainha Santa, de Santa Cruz para Santa Clara.

Fala-se tambem numa exhibição de *Dança do Rei David*, de que não se sabe bem a serventia, Consta apenas que é de Braga.

*

Diz-se que a Companhia Real concedeu bilhetes de ida e volta, com 60 % de abatimento para estas festas,

A organisação republicana

Começa a delinear-se nos amplos horisontes do partido republicano português um movimento de instinctiva concentração de fôrças, ante o ignoto perigo duma situação indecisa e indefinida, profundamente enygmática, bastante nebulosa e confusa da politica nacional.

A nova lei orgânica do partido, votada no congresso de Coimbra, e que vai brevemente ser posta em execução, pelo seu carácter amplamente tolerante e assaz previdente, simultaneamente liberal e centralista, corresponde *á priori* ás necessidades da evolução republicana... porquanto nas suas disposições se consubstancia uma verdadeira organização politico administrativa, como que um programma de governo.

O partido republicano português, grandioso agrupamento politico que abrange a enorme maioria da Nação, pelo seu accentuado caracter de importantissima collectividade homogénica, impondo-se á ponderação do pôvo português, encontra-se perfeitamente apto para, num certo e dado momento, assumir desassombradamente a geréncia do País.

Existem por êsse país fóra preciosos elementos dispersos, que—congregados por uma ferrea disciplina—constituirám de certo um potente partido de reorganização nacional, capaz de promover a redempção do País por uma fecunda e quási pacifica transformação, como em 1889 succedeu no Brasil.

A indifferença, mais apparente do que systemática, do exército, não constitue argumento de fôrça a deter os trabalhos de organização do partido republicano. O exército está prêso pelos laços da mais sólida e estreita disciplina ao existente, mas semelhante obediéncia não póde converter a fôrça pública num objecto de exploração política, quando a hora da substituição do regimen monárchico constitucional pela República resoar inexoravel no chronometro da História da nossa evolução politico-social.

O exército é pelo contrário um agente de progresso social quando a fôrça e o prestigio das baionetas sancciona a evolução das ideias para a Democracia, como succedeu em França em 1870 e mais recentemente nos Estados-Unidos do Brasil.

O que urge sám as práticas e demonstrativas provas da capacidade real do partido republicano como collectividade politico-administractiva. O nosso partido conta nas suas bastas fileiras individualidades de superior mérito, cidadãos prestantes e úteis ao País, como médicos, advogados, proprietários, commerciantes, escriptores, publicistas, etc., etc., abrangendo d'est'arte todas as classes productoras que hám de ser as dirigentes d'ámanhã, visto que a República, sendo politicamente a expressão social do governo do Povo para o Povo, encontra a sua expressão economica no governo do Trabalho para o Trabalho, consoante a consagrada phrase do eminente pensador Jéan Jaurés.

A necessidade positivista do progresso social ha de impôr a República as classes conservadoras, como o último reducto onde o seu predominio politico, a sua hegemonia moral, encontrará um indispensavel refúgio contra a corrupção monárchica de um lado e as tentativas subversivas dos acratas, do outro, tomando assim o republicanismo o carácter de verdadeiro governo da ordem.

A evolução política impõe-nos como immediata solução de continuidade á fórma politico-administrativa actual, a República conservadora, onde os homens honestos dêste regimen hám de exercer a sympáthica missão de educadores das novas gerações democráticas... de orientadores dos espiritos positivos dos futuros estadistas que têem de presidir á transformação de Portugal attenuando o abalo produzido por essa transformação e suavizando, pela auctoridade do seu talento, o período de transição!

Os nossos chefes, homens de abalizado talento e de incontestavel prestigio moral e politico, offerecem nos inilludiveis provas d'excellente garantia como futuros estadistas da República. O movimento de concentração de forças tem, não de seleccionar caracteres, como erradamente se apregoava, mas sim d'escolher caracteres, segundo as suas variadas aptidões e diversas tendéncias para o preenchimento das suas múltiplas funcções sociaes!...

Da escrupulosa selecção dêsses caracteres, congregados por uma disciplina de ferro, e duma bem orientada propaganda politica é que o partido republicano se poderá impor como grandiosa collectividade nacional, e, sobretudo, como *partido do governo*!

FAZENDA JUNIOR.

Companhia de Seguros Indemnisadora

PORTO

Toma seguros n'esta cidade

João Lopes de Moraes Silvano

Grave complicação

Para evitar um desabar d'accidentes e as devidas consequencias, uma pessôa, muito conhecida em Lisbôa, atinou com o verdadeiro meio e modo. Indicou lho um amigo, cujos concelhos soube atiladamente seguir, pois eram corroborados por exemplos indiscutiveis. Corria-lhe odienta a vida, com o penar d'uma molestia de todo terrivel. A cidadella já estava minada, ontrosim o estomago andava como que escangalhado. Quem de tal male não soffre, não sabe o que é padecer. Soffrimentos physicos são penosos, mas um moral abalado é coisa ainda peior. E quando o estomago está doente, o moral já se vai mudando, tristeza e mau genio, o que é para todos desagradavel, pois até o convivio dos amigos é como que um aborrecimento. As más digestões occasionam essas enxaquecas, azias, colicas, pontadas, brecas do estômago, que sam os symptomas ordinarios dessa tristonha doënça. Ainda mais, preciza o corpo d'alimentos de facil digestão, que preparem os sucos essenciaes para a constituição do sangue. Se taes funcções não andam regulares, rompe se o equilibrio vital, a fraqueza geral alastra-se pelo organismo e lá vem a anemia aggravar uma situação já de si emaranhada. E' o que aconteceu á pessoa a quem já alludimos, que pôde debellar o mal somente com o emprego das Pilulas Pink, o supremo regenerador do sangue, e que cura todos as doenças, originadas na pobreza do sangue, ou na sua impureza.

Eis o que a tal respeito diz o Ill.mo Snr. Miguel Soares, rua de S. Boaventura, 32, 2º andar, Lisbôa.

«Julgo prestar serviço a quem soffre, participando-lhe que já ha tempos começára a soffrer d'uma doença do estomago, que me apoquentava muitissimo e emfim de contas apanhei os symptomas da anemia. Todos os medicamentos para nada valiam. Mas que mudança, quando tomei as Pilulas Pink, que me aconselhou um amigo! Sem tal socorro, com certeza haveria succumbido a um mal tão terrivel, emquanto que hoje estou de todo curado e de excellente saude.» Coisa de notar-se, é que em tempos de mudança d'estações, bastantes incommodos sobrevêm, que podem vir a ser graves. O uso das Pilulas Pink, então será uma garantia de saude,

. . . . . .

A um medico foi confiado o encargo de responder gratuitamente a todas as informações relativas ás pillulas Pink, que forem pedidas aos srs. James Cassels & C.ª, no Porto.

As pillulas Pink foram officialmente approvadas pela Junta Consultiva de Saude. Estão á venda em todas as pharmacias pelo preço de 1$000 reis a caixa e 5$000 reis as 6 caixas.

Deposito geral para Portugal, James Cassels & C.ª, successores, Rua Mouzinho da Silveira, 85—Porto.

PUBLICAÇÕES

Lei do sêllo

A Bibliotheca Popular de Legislação, com séde na rua de S. Mamede, 111, ao Largo do Caldas, Lisboa, acaba de editar a Tabella Geral do Imposto do Sêllo, seguida do respectivo indice. É a unica edição que tem indice e por isso a de mais facil consulta.

O seu custo é de 160 réis, franco de porte.

Para as creanças.—Pela acreditada livraria de Guimarães, Libanio & C.ª, de Lisboa, fomos brindados com o n.º 45, da 9.ª série, da excellente publicação dedicada á infancia, e dirigida pela distincta escriptora D. Anna de Castro Osorio.

Este numero insere dois interessantes contos intitulados: *Não saber lér* e *Os mentirosos*, illustrados com trez gravuras.

Revista de Ensino Livre. — Temos presente o n.º 5, 1.º anno, dêste jornalsinho, de Lisboa, que pela primeira vez nos visitou.

LIVRO CAIXA

Vende-se um, formato duplo almasso, na typographia dêste jornal.

EXPEDIENTE

A administração da RESISTENCIA previne os seus estimaveis assignantes de fóra de Coimbra, que para as respectivas estações telegrapho-postaes foram expedidos os recibos das suas assignaturas, respeitantes ao 1.º semestre.

Afim de se evitarem despezas, que muito podem sobrecarregar a empreza d'este jornal, esperamos que os recibos sejam satisfeitos logo que forem apresentados.

Para as localidades onde não ha cobrança postal, foram os recibos enviados para a estação mais proxima.

Os recibos dos srs. assignantes da Figueira e de Cantanhede encontram-se em poder dos nossos estimaveis correligionarios srs. Adriano Dias Barata Salgueiro e Antonio Francisco Paes, respectivamente.

O Administrador,

João Gomes Moreira.

ANNUNCIOS

SOPHIA, 167

Ha n'este novo estabelecimento vinhos branco e tinto da acreditada adega do Ex.mo Sr. Antonio Barata, **Espertina,** que vende por litro, almude ou pipa.

Brevemente será levado aos domicilios de 5 litros para cima.

O PROPRIETARIO—**F. Lobo.**

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges COIMBRA

Banco Commercial de Lisboa

AGENTE EM COIMBRA

José Tavares da Costa, Successores

2, Largo da Portagem, 8

Está a pagamento o dividendo das acções d'este Banco relativo ao 1.º semestre de 1902, a razão de 2 ½ % ou sejam 2$500 réis por acção livre de imposto de rendimento.

Mercearias de primeira qualidade

e preços modicos

NOVA HAVANEZA

Rua Ferreira Borges

Recordações de Coimbra em cavaletes com photo-gravuras a côres, Papelaria, Tabacaria e Perfumaria.

Materiaes de construcção em grande existencia

Arrenda-se

No Pateo Pequeno da Inquisição, uma boa casa que póde servir para celleiro ou para qualquer associação.

Trata-se na rua Ferreira Borges, 95.

Café Conimbricense

104—Rua da Sophia—114

Tem para vender estantes envidraçadas, mesas de marmore d'Italia grandes e pequenas, bem como outros utensilios proprios para estabelecimento de café.

Ha tambem portas envidraçadas, 5 espelhos de molduras pretas, medindo 1m,50×1m e 1 grande de 2m,25×1,m25.

Vendas por junto ou a retalho.

Para casa de negocio

Toma-se um rapaz de 13 a 14 annos, que dê abonações.

Diz-se n'esta redacção.

Júlio de Mattos

Os Alienados nos Tribunaes

I

Illustrado com photogravuras

Lisbôa

LIVRARIA EDITORA

TAVARES, CARDOSO & IRMÃO

5, Largo do Camões, 6

(28) **Folhetim da "RESISTENCIA,,**

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA

DO

CONVENTO

XII

Associados no amor, eram-o tambem agora no primeiro odio; tinha-se dobrado o annel que desde a vespera os ligava um ao outro.

Estava por isso muito desprendida de todo o mau cuidado, a bella Herminie, quando, ás quatro horas, se apresentou no vestibulo, com o vestido de amazona, que dava ao seu busto a graça invencivel, com um sorriso distrahido, que não correspondia á firmeza do olhar, e fazendo sibilar o chicote, a golpes repetidos e seccos, que pareciam marcar outras tantas vezes a firmeza em uma resolução. Os labios não se mexiam, mas as narinas estavam dilatadas, o pescoço erguido, quasi rigido na sua linha; o busto oscillava sobre os quadris, o pé arqueado, fixo pelo calcanhar, formavam um conjuncto, que a outro, que não fosse Argouges, teriam indicado uma vontade feroz. Havia só um pensamento em M.elle de Croisy, e, sem fallar, traía-o pela sua attitude, mesmo silenciosa. Só a sua respiração, sobresaltada e cortada como o sibilar duma chicotada, dizia:

—Hei de vencer!

A firmeza e dureza de M.elle de Fayolles era um obstaculo novo, que Emmanuel via de pé entre elle e Herminie; o seu ataque tinha de ser mais prompto e mais vivo para os vencer todos. M.elle de Croisy já nem mesmo censurava a sua prima Aurelie o final da carta; era um reforço emprevisto que lhe era involuntariamente dado. Argouges não só tinha d'ora á vante a disputa-la a ella mesma, ás suas incitações, aos seus temores; tinha que rouba-la á familia, como tinha tambem de se affastar da d'elle. De qualquer modo, tomava-se como ella um revoltado; eram fatalmente um do outro. E, quanto mais pensava nisso, mais obstinadamente repetia Herminie:

—Hei de vencer!

—Ah! minha senhora, disse Argouges, quando ella appareceu, ha muito tempo que não tinhamos visto *Diana Vernon*, como diz minha prima.

—Diana Vernon?

—Certamente; pois não teve ainda tempo de lêr *'Rob 'Roy*, desde que o levou da bibliotheca?

—Li; mas não me pareço com essa heroïna. Nunca poderia ter a paciencia d'ella!

Emmanuel calou-se.

Partiram naquelle ultimo passeio, que havia de ter um episodio commovente.

XIII

As colinas, ou os montes, como se diz na terra, tinham a alegria dos bellos dias de domingo.

Atravez das suas fachas amarellas e verdes, em que o trigo fôra cortado, ha pouco, e em que ondulava a herva, desfillavam por grupos, como as sombras sobre um grande fundo luminoso, a boa gente dos arredores.

Eram velhos, que voltavam de Beamonte-le Roger depois de vesperas e recolhiam ás herdades, dando uma vista d'olhos aos campos. A's vezes paravam e punham-se a conversar encostados aos varapaus de houx, com sua correia de coiro, ou levantados, com ar de inspiração, os chapeus de aba larga, como se tivesse germinado nos seus cerebros uma idéa, ao contemplarem a terra.

As mulheres, que vinham alguns passos atraz, aproximavam-se então a abanarem a cabeça, ao modo normando, que não quer dizer nem sim, nem não. As innovações, que o homem projectava, podiam ser excellentes; mas se déssem mau resultado, não teriam ao menos o direito de fazer partilhar metade da responsabilidade na sua decepção.

Dos caminhos baixos, fechados pela folhagem, que ao longe se arrastavam sobre as colinas, como enormes lagartos, subia um ruido claro de carroças, apagado em certos sitios pela relva que tapetava o caminho. Então ouviam-se distinctamente gritos pequeninos de susto, agudos, que acabaram por um esfusiar de risos.

Era gente nova, que ia passar alegremente aquella tarde de domingo á feira de Bermay. Os rapazes, cobertos por chapeus de palha, em vez dos antigos de panno, levavam blusas azues bordadas a branco, novas e gommadas; as raparigas mostravam a touca encanudada, segura com um gancho d'ouro, e á volta do pescoço o colar de renda; as mães, de maternidade recente, indulgentes, porque se lembram ainda e esperávam figurar ainda uma vez na dança antes de deixar a festa.

Ajuntae os repiques dos sinos de Beaumont e de Bernay, que pareciam o adeus dos montes e a chanzada dos valles, quando por um céu, tingido num ponto ou noutro de lilás fraco, que empallidecia ainda ao lado de um vermelho vivo e extenso.

Alice, Herminie e Argouges tinham-se sentido empregnar pelo encanto daquella magnifica paysagem, em que no meio dos explendores socegados, tudo era magnifico, pittoresco e alegre; mesmo as aves, que os pintores se esquecem de pintar sobre o fundo azul, ou d'ouro ardente, dos quadros, porque ellas iriam de encontro aos tons, ou furariam de pontos escuros o céo luminoso, mas que tomam a sua defeza na natureza sobre tudo depois de cahir o calor, na primeira hora da tarde.

—Emmanuel, disse M.elle de Villy, se nós fossemos pelo caminho coberto para vêr os que vám para a festa?

—Como quizéres, minha prima, e como fôr da vontade de Herminie, respondeu Argouges, que veio tomar logar no meio das duas senhoras.

Já dissémos que filas de carros e carroças desciam pelo caminho. Emmanuel não ficára descontente com a idéa daquelle passeio, a passo, por aquelle caminho estreito, em que a mais pequena carroça já não deixava andar trez cavallos a par.

Entám separavam-se, e Argouges collocava se ao lado de Herminie, para a proteger na sua inexperiencia. Um movimento do cavallo, assustado pelo ruido ou pela passagem das rodas, approximava-o de M.elle de Croisy e fazia com que se tocassem os seus estribos. Ah! que doces acasos para um e para o outro!

Quanto a Alice, que caminhava do outro lado, tinha que fazer de mais só com o responder com um grito amavel ao cumprimento de todos e com palavras de bondade aos caseiros ligados á terra de Villy.

Mas de repente pára.

—Emmanuel! gritou.

Argouges voltou se e viu-a de pé, a beijar uma creança de quatro annos, gorda e vermelha, como uma maçã camoêza. Estava ao collo da mãe.

—E' o nosso afilhado! dizia Alice.

(Continua.)

Colonial oil Company

AGENCIA DE COIMBRA

Fornecimento de petroleo para revender fóra de toda a concorrencia.

Marcas **ATLANTIC, AMERICANO** e **RUSSO** (Luz do Sol.)

Tomam-se encommendas provisoriamente na MERCEARIA LUSITANA, rua do Cego, 1 a 7—COIMBRA

José Marques Ladeira & Fillho

Empreiteiro das Companhias de illuminação a gaz e aguas

Rua do Corpo de Deus, 5

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, a rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mêsa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Vende-se

15 reposteiros e galerias;
2 balcões com estantes;
1 armação para escriptorio;
2 portas de vidraça, candieiros e canalisação.

Arrendam se os altos da casa da rua do Visconde da Luz, 103.

Para tudo trata-se na mesma.

FACTURAS e enveloppes

Typ. de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 e 9 — Coimbra

Espingardas

VENDAS A PRESTAÇOES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

REDUCÇÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em **ferragens e materiaes de construcção** como em **cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mêsa,** participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quas todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas **compras directamente nas principaes praças extranjeiras e fabricas portuguêsas,** sem uma garantia de que póde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

Mêsa rica

Thomás Pombar com estabelecimento de bric-à-brac, tabacos e occulista na rua Ferreira Borges, em frente ao Arco d'Almedina, tem para vender uma mêsa de pau preto e sándalo, com embutidos de marfim e obra de talha. Quem a pretender póde ir vê-la ao seu estabelecimento onde está em exposição.

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos,** continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis.**

O proprietário,

José Maria Junior.

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

APPARELHOS BARATOS para Photographia

Camaras para 6 chapas 6,5×9, munidas de boa objectiva e 1 visador a 1$500 réis.

Ditas com mais luxo e 2 visadores a 2$000 réis.

Ditas para 12 chapas 9×12 e 2 visadores a 4$000 réis.

Outras novidades photographicas chegadas agora.

Grande sortido de chapas Scheleumer's, Lumière, Imperial, etc., e papeis albuminado e aristos pelos preços correntes nas casas principaes do genero.

Papelaria Borges

Bicycletes com motor

R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

Empreza Automobilista Portugueza

Leão, Moreira & Tavares

COIMBRA

AUTOMOVEIS "DARRACQ,,

Os mais baratos

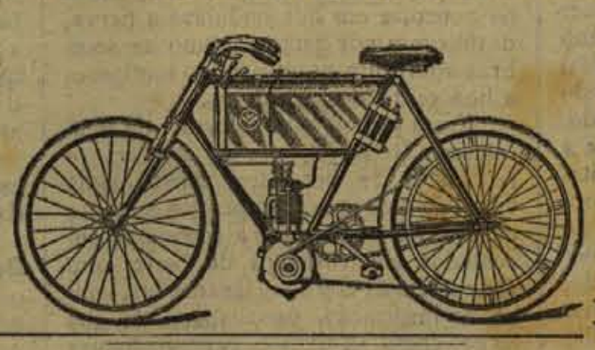
Os mais elegantes

Os mais ligeiros

Os que menos gazolina gastam, consumindo conforme o seu andamento.

Desde 1:200$000 réis, com 8 cavallos!

MOTOCYCLETTE "DARRACQ,,



Com 1 ¾ cavallos de força

E' a unica que sóbe grandes rampas sem afrouxar de andamento

E' a mais solida.

E' a unica que tem ganho premios em todas as corridas a que tem concorrido.

E' a unica que fez os **records Paris-Berlim** e **Paris-Vienna.**

E' a unica que está especialmente adoptada no nosso paiz.

Officina de reparações mechanicas.

Ensino gratuito aos nossos clientes.

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de Cereja de Ayer—O remédio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmunar, frasco, 1$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vgor do Cabello de Ayer—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer.—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. Frasco 1$100 réis.

O remédio de Ayer contra sezões.—*Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cartharticas de Ayer.—O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquesita preparação para aformosear o cabello

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

LOJA DO MINHO

44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48

Deposito das ligitimas machinas **Singer,** instrumentos, musicas, Pianos, Bicyclotas, occulos e lunetas.

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

"SINGER,,

Lembra-se a todas as pessôas que forem a Lisbôa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surprehendente Exposição Fabril e Artistica SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida.

Emprêsa editora de publicações illustradas

162, 1.º—Rua da Rosa,—162, 1.

LISBOA

Em publicação as obras completas de Paulo de Kock, das quaes está já em distribuição o primeiro volume nitidamente impresso e primorosamente illustrado com esplendidas photo-gravuras.

PECHINCHA

LINHOS E ATOALHADOS DE GUIMARÃES

Ha para liquidar grande quantidade de toalhas de mêsa e guardanapos de linho e algodão, toalhas para rôsto em linho, algodão e telpa. Colchas, panno de linho e algodão para lençoes, pannos para mêsa, etc, etc, por preços excepcionaes.

Quem precisar, queira dirigir-se ao estabelecimento de ferragens e utensilios de cosinha e mêza de João Gomes Moreira — Rua Ferreira Borges—(em frente ao Arco d'Almedina — Coimbra.

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 714 | COIMBRA — Domingo, 13 de Julho de 1902 | 8.º ANNO

Processos velhos

Quando se debateu a fallada questão do convénio — hora suprema de agitação em que chegámos a acreditar — ás accusações dos que gritavam ser a negociata de Karrilho um roubo, uma venda, uma traição, a torpeza constitucional contrapôs a formula *Vida Nova*, que encerrava em si todo um programma de regeneração e emenda.

E acceita pelos senhores Hintze-Luciano na solemnidade magestosa de um compromisso a valer, assentou-se nisto: que o convénio por si, nem era a morte, nem a salvação; não era carne, nem peixe; era apenas a regularisação de uma situação fallida e insolvente, provocada pelo desbarato de longos annos de criminosa e perdulária administração. Emfim, se o convénio era a expiação dos erros e dos crimes accumulados pela governação viciada dos homens do regimen, impunha-se ao pais a sua acceitação pela impunidade em que os tem deixado viver e medrar.

O presente apresentava-se irremediavel.

O futuro ia surgir risonho; o pais estaria salvo, a vida nacional deixaria de ser uma burla, se d'ora ávante houvesse juizo de governantes e governados. Proclamou-se.

Sahindo pelas malhas désta apertada rêde, desde logo a ingenuidade mariola da opinião pensante da nossa terra arriava a sua bandeira de guerra, e até hoje espera-se num jubilo saloio a transformação de *Fausto* na politica portugueza.

O impudôr governativo, ao contrario do que sensatamente era de esperar, — refinou; os escandalos suppuram a todo o momento e á força ovante do abuso, do empenho e da conveniencia eleiçoeira, são sacrificados os ultimos vintens, arrancados á miseria de um povo, — de cuja meza foi abolida a carne e supprimida a sopa.

Que importa aos homens do poder que o Pais morra, que nas arcas não haja pão, que nas consciencias não existam crenças, se elles — os comilões — vivem farta e regaladamente, num batuque ebrio de progressistas e regeneradores, qual de cima, qual de baixo, usando dos mesmos processos de relaxação e manha, das mesmas falcatruas, do mesmo desvorgonhamento?

Estamos, ninguem o contesta, á mercê de uma quadrilha muito mais funesta aos interesses nacionaes, do que o foi João Brandão e os seus companheiros aos proprietarios da Beira.

Os rotativos protege-os a policia e são creaturas esquecidas ao poder judicial.

Incorrigiveis, esses homens de governo continuam os seus processos velhos de esbanjamento e arranjo. Assim dos numerosos escandalos dos ultimos dias é caracteristico da seriedade ministerial a *reforma do ministerio dos negocios extranjeiros*, agora apparecida com a data de *24 de dezembro*, forjada, portanto, precisamente na epoca em que o governo perante os credores e o pais fazia os seus protestos de economia morigerada e severa.

Não ha que esperar regeneração de quem tendo medrado no crime e pelo crime, n'elle envelheceu.

Se nêste pais em que os espiritos se conservam na incultura de uma rudeza primitiva, ha corações capazes de um abalo, e no deserto das consciencias póde echoar um rugido indómito, gritem os vencidos da ultima campanha:

A Patria periga, expulsae os bandidos!

Reportagem politica

O *Diario da Tarde*, folha monarchica do Porto, publicou o telegramma seguinte:

«Informou me pessoa altamente collocada, que o almoço offerecido ha dias a bordo do *yacht* «D. Amelia», por elrei ao sr. ministro da marinha, foi uma significativa manifestação do monarcha contra o sr. ministro da guerra, que, como se sabe, andava a esse tempo em divergencia com o sr. Teixeira de Sousa. Affirmam me tambem que Sua Magestade dá as suas ordens ao sr. Pimentel Pinto por intermedio do sr. presidente do conselho. E tanto assim é que, quando foi da representação militar na coroação do rei de Inglaterra, o sr. Duarte Silva, coronel de cavallaria 3, veiu queixar-se a um distincto official da casa militar d'el-rei da desconsideração que o sr. ministro da guerra lhe queria fazer, excluindo-o da missão a Londres. Sua Magestade, logo que teve conhecimento da queixa pelo seu ajudante de campo, telephonou ao sr. presidente do conselho, dizendo-lhe que ordenasse ao sr. ministro da guerra a inclusão do nome do sr. Duarte Silva na missão militar. Foi assim que o sr. Pimentel Pinto deu ao sr. Silva a chefia da representação de cavallaria 3. Cada um dos quatro membros d'essa missão teve, além de viagens pagas e uma gratificação diaria de duas ou tres libras, mais duzentas libras. Diz-se que as projectadas manobras militares são para encobrir estas e outras despezas.»

Plena *Vida Nova*, inaugurada por um moço de fretes, que dá pelo nome de Hintze Ribeiro...

Eia ávante portuguêses...

Caso extraordinario

O nosso illustre collega *O Mundo*, foi ha dias apprehendido por transcrever um artigo de *O Norte*, que circulou livremente, artigo que nós tambem transcrevemos, circulando a *Resistencia* sem o menor embaraço.

Semelhante facto é extraordinario, a não ser que para Lisboa vigorem leis de excepção; mas o cumulo é o processo que, contra *O Mundo*, se está instaurando.

Pois em Coimbra e no Porto não foi crime publicar-se o artigo *Principios*, que assim se intitulava o editorial de *O Norte*, e em Lisboa, não só não se deixa circular, mas processa se o jornal que o transcreveu!

O que se está passando em Lisboa é assombroso, e promette continuar.

Pois se ha quatro milhões de analphabetos, e pelo menos metade do resto da população come á mesa do orçamento!

E é isto uma patria!...

António Augusto Gonçalves

Publicâmos a seguir a honrosa menságem enviada pela cámara municipal ao nosso presado amigo e illustre correligionário, sr. António Augusto Gonçalves, o illustre artista a quem Coimbra deve assignaláados e relevantes serviços.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Reunida hoje em sessão extraordinaria, resolveu a Câmara Municipal de Coimbra consignar na acta desta sessão um voto de felicitação a V. Ex.ª pela inauguração, realisada em o dia 4 do corrente, do vetusto templo da Sé Velha, depois de restaurado das deturpações que havia soffrido com prejuizo da sua fórma e pureza primitivas.

Se a restituição do antigo templo ao culto e á admiração dos entendidos, que, geralmente e sem contestação séria, consideram a sua restauração como a primeira obra déste género effectuada no pais, pelo superior critério com que foi dirigida, deve ter sido certamente para V. Ex.ª um dos raros momentos de intima satisfação na sua vida de artista, quasi sempre incomprehendida e sempre attribulada pelo esforço de dar vida e corpo ás creações do ideal próprio e ainda ás do alheio como numa obra de restauração, não o foi menos para a cidade de Coimbra, que assim ficou possuindo um dos mais bellos e perfeitos monumentos de arte de que justamente se orgulha o pais e em que tam brilhantemente se assignalou a intelligente competencia, o amavel zelo, a corajosa actividade e o comprovado desinteresse de um seu illustre filho.

Como representantes do municipio de Coimbra, não podiamos nós deixar de testemunhar por esta fórma os nossos sentimentos em face de tam distincto serviço prestado a esta terra.

Coimbra e Paços do concelho, em 7 de julho de 1902.

Dr. Manuel Dias da Silva
Dr. José Alberto Pereira de Carvalho
João Gomes d'Oliveira Mendonça Cortez
Francisco Maria de Sousa Nazareth
Antonio Nunes Correia
Aureliano José dos Santos Viegas
Antonio Augusto Neves.

Como no anno passado:

Informava ante-hontem a *Tarde* que este anno não haverá jogo illicito na Figueira da Foz.

Hontem na baixa o *Bé-bá* annunciava que as roletas haviam aberto na Figueira da Foz.

Que diz o sr. dr. Luís Pereira?

Pelo conselho superior de instrucção foi dado parecer contrário á reclamação do lente da Universidade sr. dr. Raymundo da Silva Motta, para que o augmento do terço de ordenado lhe fôsse contado desde data anterior.

Jornaes ministeriaes informam estar o governo preoccupado com as graves notícias vindas de Angola e que tanto fazem receiar pelo futuro desta nossa colónia.

E' applicar lhe a costumada therapeutica:—um governador correligionario, que tenha as finanças encravadas, ou encontrará melhor solução, adequada ao seu largo plano de desenvolvimento colonial, o grande Soisa *das águas*?...

Estadista de pulso porque te arreceias?...

BASTA!

O *Século*, grande armazem jornalistico, que se publica em Lisbôa, atirou-se, ha um tempo para cá, á venda de um género litterário, que o torna tristemente notavel e interessante. Nas suas columnas principaes ostentam-se em prosa muito livre, e á laia de desbragados pasquins, artigos que já não só ferem os que nelles sam visados, mas que tambem enxovalham e magôam os que os lêem.

A questão que alli se tem debatido, assumiu as proporções duma monturéira onde alguns jornalistas estám chafurdando, e que para bem da hygiene espiritual deve ser removida quanto antes. Vai tal fúria e tal destempero naquelle fóco de vergonhoso escándalo, que já sem respeito por ninguem, se vai salpicando com a porcaria, muita gente que está fóra della, e que é digna de maior consideração.

Como jornalistas, conscios do seu papel e dos seus deveres, conhecedores das suas attribuições e da alta missão que lhes pertence, vêmo-nos forçados a intervir.

E é já faltos de paciencia, que em nome da honestidade e do decôro clamâmos: *Basta!*

C. F.

Hintze agita-se.

As conferencias multiplicam-se. A rapaziada quer dinheiro, a estação calmosa chegou...

Tudo quer passeio...

Dança do Rei David

Alguns desastrados festeiros da Rainha Santa resolveram trazer ao supplemento das festas, que óra se desenrola a dança do rei David.

Diz-se p'r'ahi, á bocca pequena, que eram os mezários bem disfarçadinhos, sob aquella barba monstruosa e prophética... claro ninguem acreditou no disfarce ridiculo de gente tám séria e grave. Se élles até usam capello!...

Emfim, os homens á Praça do Commércio foram corridos á batata e a duas servas de Deus ouvimos nós esta observação:

— São *p á pá* Santa Justa os matalotes do Minho.
— Ora essa — estám mas é *p ó pó* Santa Izabel-Miguel José da Costa Braga...

E na verdade não estamos em Braga senhores festeiros de arraial.

Que a Rainha Santa os illumine...

Amen!

Reclama o *Noviidades* a urgéncia da estampagem dos novos titulos de divida, que, impressos segundo as estipulações do convénio, devem substituir os que andam em circulação.

E explica-se conceituosamente:

«Um dos beneficios moraes da concessão é êsse: fazer desapparecer o testemunho authéntico da vida antiga e não macular com a permanência dessa recordação a vida nova.»

Os farçantes já não irritam—fazem rir.

O edificio occupado pela secretaria da circumscripção da guarda fiscal, vai passar á séde do quartel general nésta cidade.

ENSINO RELIGIOSO

As opiniões que transcrevemos de dois nomes eminentes da litteratura francêsa, condemnam por absoluto o ensino religioso, reclamando apezar d'isso a liberdade de ensino.

O ensino religioso é mau, porque ninguem póde ter a liberdade de fazer mal.

Saint Georges de Bouhélier. — Fiz quási todos os meus estudos em um lyceu. Mas tenho já a accrescentar que a educação que lá recebi, me não deixou marca alguma.

Em primeiro lugar nunca passei de um alumno mediocre; era daquélles de quem se diz: «que não querem fazer nada.» Além disso tinha o ar *indisciplinavel*.

O que nos ensinavam os nossos professores, eram os rudimentos de grego, mathemática, latim, etc. Para me distraír durante as aulas, escondia debaixo dos meus livros de estudo pequenos tomos de cinco soldos, que tinha comprado nos dias de saida, e que percorria com avidez.

Os meus professores, que eram decididamente homens de merecimento, não desconfiavam do ardôr com que em vez de escutar as suas lições, eu me instruia com La Brujére, Lesage e Jean-Jacques Rousseau. Nos cinco ou seis annos que estive no lyceu de Virc, só encontrei um que talvez désse conta de que o alumno hóstil, que eu parecia ser, não era apezar de tudo um néscio absoluto. Era um professor de história, de que eu tenho a lembrança de ser um homem excellente e perspicaz. Os outros não se importavam por fórma alguma em procurar as aptidões que podiam manifestar se nos alumnos. Com certeza que seria mau censurar-lhes isso, porque no meio dos trinta alumnos, que compunham o curso, como poderiam êlles estabelecer distinções? Seja o que fôr, esta ignorância é talvez a causa da falta de influéncia que caracteriza habitualmente tanto ensino.

Por o meu lado, declarei que saí das mãos dos meus professores absolutamente novo e livre. Não acredito que lhes tenha devido *um* só pensamento. Estou certo que a minha verdadeira educação se fez fóra dêlles, poderia mesmo dizer contra êlles. Porque contrariavam com toda a sua fôrça os meus gostos, e foi contra a sua opinião que persisti em me desenvolver num sentido que êlles reprovavam.

Por isso só lhes attribuo a influéncia que posso chamar *por reacção*.

Não me parece que a educação, como ella se faz hoje, possa produzir effeitos sérios sobre quem tenha tendéncias nitidamente caracterisadas.

Mas não ignoro que nem todos os homens têem uma natureza de aptidões vivas. Tenho mesmo medo de que haja poucos homens dêsse género.

A verdade é que *o typo escravo* é, na nossa espécie, um dos máis communs. Ninguem ignora que, o que distingue uma multidão de seres, é a sua impoténcia para pensarem de um modo independente, isto é, independentemente dos usos da casta e das convenções honradas na sociedade, de que se faz parte. Pelo contrário, êstes mesmos indivíduos têem a faculdade verdadeiramente estranha de repetir as phrases que devem dizer *muitas vezes*, os gestos que se fazem deante dêlles um certo número de vezes, etc...

Se a maneira da gente não fôsse assim construida, nenhum estado podia ficar muito tempo de pé; porque é sobre elle que se appoiam para governar na injustiça inherente a toda a espécie de instituições.

E' por isso muito comprehensivel que um governo, que tenha o cuidado de durar e de fixar o seu triumpho, queira utilisar em seu proveito *a massada*.

E como o poderia fazer a não ser

pela educação? Por outro modo inoculando lhe desde a infância as noções que lhe sám caras? convencendo lhe que fóra dêlles não ha salvação possivel? ensinando-lhe a amar o que deseja? communicando-lhe os seus gostos, as suas paixões, as suas repugnâncias, para esta ou aquella concepção? resumidamente, habituando-o a segui-lo em tudo?

Não vejo inconveniente em que se proceda assim. Porque, já que ha na terra homens, que nunca deixarám de ser escravos, é preferivel que o sejam da *verdade* do que do *erro*. Só têem a ganhar com isso e nós tambem, nós que queremos triumphar ideias contrarias ás que se professam nos velhos cathecismos...

A palavra liberdade acho-a nêste caso, como em muitos outros, dum uso excessivo e enganador, attendendo a que, para que uma sociedade possa existir, é necessário exercer oppressão sobre parte dos seus membros (por exemplo—ladrões, criminosos, etc...) que julga capazes de a prejudicarem. Não ha razão para que se não livre egualmente dos attentados invisiveis de um pensamento hóstil ao seu machinismo e susceptivel de lhe fazer parar o funccionamento.

Como principio, preferiria todavia que houvesse liberdade, e que por consequência todos os homens fôssem aptos para fazer por si mesmo o exame desinteressado, pleno e sério das ideias, pelas quaes têem de regular a vida.

Mas seria possivel agora!

Maurice Malterlinc. — Fui educado num estabelecimento religioso, porque era dirigido por jesuitas.

Acabada esta educação, ou antes êste envenenamento, fôram-me precisos perto de dez annos para restabelecer a minha saúde intellectual e moral.

Ha só um ensino que merece o nome de *livre*; é o que não reconhece nenhuma religião positiva. E' tambem a única que se deveria diffundir.

O sr. António Maria da Gama, que fez exame de pharmácia, 2.ª classe, ficou approvado com distincção.

Os nossos parabens.

Syndicância

Vai ser feita uma rigorosa syndicância aos livros competentes do governo civil dêste districto, afim de se averiguar se tem havido irregularidades nos passaportes requeridos pelos emigrantes, extorções feitas aos mesmos ou desvio de emolumentos.

A syndicância é feita pelos magistrados judiciaes désta comarca.

Veremos o que sae dêstes pruridos de moralidade dos nossos governantes.

Para galerias de familias

Apontamos á attenção do leitor o annuncio que, com este titulo, é publicado na terceira pagina.

A *Agencia Nacional*, de Lisboa, que tem á sua frente a dirigil a um antigo collega nosso, da imprensa da capital, creou uma secção de desenho aonde se fazem magnificos retratos a crayon e a oleo, com presteza e modicidade de preços.

A *Agencia Nacional* faz uns preços muito commedidos em todos os seus trabalhos, e por isso ella vae fazendo carreira com exito. De resto a *Agencia Nacional* é já bastante conhecida dos nossos leitores e das nossas leitoras, para que nos detenhamos a apresenta-la.

Pela ultima ordem do exército foi collado em infanteria 23 o distincto capitão do nosso exército sr. Manuel Homem Christo.

Caracter de rija tempera, militar brioso e disciplinador, o regimento de idfanteria 23 deve orgulhar-se de o contar no numero dos seus officiaes.

A Homem Christo damos as boas vindas.

Concluiu hontem a sua formatura na faculdade de Direito o sympáthico e intélligente académico, sr. Raul Telles d'Abreu, filho do nosso amigo sr. José Maria Mendes d'Abreu, honrado negociante d'esta cidade.

Os nossos parabens.

RAINHA SANTA

Jornaes da localidade e de fóra têem apreciado os festejos em honra da Rainha Santa, de varias maneiras.

Dizem uns que as festas têem sido deslumbrantes; noticiam outros que o mau tempo prejudicou tudo, perdendo os numeros festivos toda a sua imponencia.

A nosso vêr nem uns nem outros fallam com verdade.

Nem as festas têem sido deslumbrantes, conforme criticos de má morte escreveram em phrases bombasticas, querendo enganar-se a si proprios ou enganar os outros, nem a chuva prejudicou tanto, que a imponencia das festas perdesse muito com isso, pela simples razão de que, para haver grandes prejuizos, era necessario que houvessem ornamentações custosas e delicadas, muitas e variadas.

Pois, se exceptuarmos as ruas Visconde da Luz e Ferreira Borges, cujas illuminações estiveram brilhantes, e ainda a rua do Corvo, o resto pouco ou nada valia e em muitos dos pontos do trajecto da procissão nem ao menos commissões se chegaram a organisar!

Uma perfeita *débacle* na qual o tempo quiz intervir, para acabar com o que alguns bem intencionados quizeram arranjar.

Fala-se dos milagres feitos por Santa Isabel durante a sua vida e até depois da sua morte, assumpto que não discutimos; mas olhem que o caso da chuva não deixar fazer as procissões em termos, não foi pequeno milagre... E feito talvez para castigar os festeiros que, para causarem arranjo a alguem que quer ir tratar do corpo em alguma instanciat hermal, mas não queria deixar de figurar nas festas, adiantaram estas uma semana, com o que até o pobre *Borda d'Agua* ficou desesperado, pois a sua folhinha, *fallando verdade*, mentiu.

E por causa das conveniencias e vaidades dum homem, as festas da Rainha Santa, e os interesses de Coimbra, soffreram um descalabro enorme.

Não ha memória de se terem adiado as festas por causa do mau tempo, conforme succedeu desta vez, fazendo-se os festejos por dóses, quando ellas nem feitas conjunctamente prestavam para grande coisa.

Parece que Coimbra anda com a *macaca* e que tudo lhe corre tôrto.

E sobre festas da Rainha Santa vamos pôr ponto, porque não está em Coimbra quem tencionava referir-se a ellas e o auctor destas linhas não tem feitio para chronista de coisas que para não ferir susceptibilidades. devem ser tractadas por pessoa que conheça bem o meio e portanto a fórma como se ham de escrever.

Que tudo se diz, a questão é de fórma e no tempo presente quem apresentar as verdades *nûas e cruas*, sem as revestir com os devidos atavios, é tratado de insolente e má lingua.

E para fama já basta a que temos.

Foi prorogado, até ao fim do corrente, o prazo para o recebimento das notas de 1:000 reis, nas agencias do Banco de Portugal.

Depois dessa data deixam de circular, e portanto quem as tiver não se descuide, para não se vêr depois em difficuldades.

S. Thomé da Ferreira

N'esta aprasivel povoação deve effectuar-se, no dia 25 do corrente, a tradiccional romaria a S. Thomé, orago da freguezia da Ferreira.

A saida para a Ferreira é na estação de Montemór-o Velho, podendo os romeiros passear na pittoresca Matta de Foja, onde é costume juntarem-se numerosas familias, que preferem as bellezas e commodidades da matta ás da festa.

A companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta estabelece bilhetes de ida e volta a preços muito reduzidos, custando apenas, um bilhete de 1.ª classe, da Figueira a Monte mór, 420 réis; em 2.ª, 220 réis; em 3.ª, 150 reis. Da Pampilhosa, os preços sám, respectivamente, 820, 620 e 420 réis.

Com um dia bonito, o passeio á Ferreira e á Matta de Foja, é agradabilissimo e barato, duas coisas que nem sempre se conseguem harmonisar.

Vai ser aberto concurso para o provimento do logar de impressor da imprensa nacional de Moçambique.

Conflicto jornalistico

Deu se ha dias em Lisboa um conflito pessoal entre o director de *O Imparcial*, sr. dr. Carneiro de Moura, e o redactor de *O Seculo*, sr. Francisco Grillo.

Segundo a narração que do conflicto fazem os jornaes da capital, a aggressão, de que foi victima o sr. dr. Carneiro de Moura, foi traiçoeiramente feita e cobardemente executada.

Estando o director de *O Imparcial*, a dar umas explicações ao redactor de *O Seculo*, este, que as estava ouvindo com uma calma apparente, vendo chegar trez collegas da sua redacção, certamente fallados para o coadjuvarem no seu infame attentado, atirou uma pancada á cabeça do seu interlecutor com um bengalão que trazia. Quebrando na pessoa do seu aggressor uma delgada bengala que tinha, o sr. dr. Carneiro de Moura, atirou-se braço a braço ao sr. Grillo, intervindo então os trez guarda costas, que não só lhe tiraram das mãos o cobarde aggressor, mas o aggrediriam por sua vez, se não interviesse a policia.

O sr. dr. Carneiro de Moura ficou ferido na cabeça e o sr. Grillo com algumas echimoses na cara.

Foi dada parte para juizo da occorrencia.

Nós que somos contra as campanhas violentas, que possam involver o lar domestico e os actos particulares dos contendores, protestamos contra a fórma porque se estam atacando os dois jornaes da capital, e insurgimo nos contra a maneira pouco cavalheiresca e desleal como o redactor de *O Seculo* se portou para com o nosso collega de *O Imparcial*.

D'aquella forma não se fica desaggravado, antes se atasca em lama quem assim procede.

Corrida de velocipedes

A's 6 horas da manhã de hoje realisou-se a corrida de velocipedes, organisada pela *Commercial União Velocipedica* d'esta cidade.

Foram cinco os corredores, que disputaram quatro premios.

Chegou em primeiro logar, Antonio dos Santos, que obteve um relogio de vermeil; em segundo, Manuel Maria Mesquita, medalha de vermeil; em terceiro, Antonio Ferreira Gonzaga, medalha de prata; em quarto, Cypriano Ferreira, medalha de cobre.

Apezar da hora matinal em que se realisou a corrida, foi presenceada por bastantes espectadores.

Pela direcção geral de instrucção publica está aberto concurso por trinta dias, para provimento do logar de continuo dos geraes da Universidade, com o ordenado annual de 200$000 réis.

Os requerimentos devem dar entrada na secretaria d'aquelle estabelecimento, acompanhados dos seguintes documentos: certidão de edade, certificado de bom comportamento, certificado de registo criminal, attestado de facultativo, comprovando não padecerem de molestia contagiosa, certidão de exame de instrucção primaria e documento por onde provem ter conhecimento das linguas latina e franceza, para escreverem os pontos para os exames.

Consta-nos que vam representar superiormente para serem dispensados do exame de allemão, os alumnos que desejam matricular-se no primeiro anno de qualquer faculdade, por não terem tempo de o fazer antes da matricula.

Foi nomeado professor da escóla *Brotero*, o lente de mathemática da Universidade sr. dr. Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Paes.

Junta de inspecção de recrutamento

Logo que termine o serviço neste concelho, vai percorrer todos os outros concelhos do districto, a junta de inspecção aos mancebos recenseados para militares, no corrente anno.

No dia 28 segue para a Pampilhosa da Serra; para Goes, no dia 4; Arganil nos dias 11 a 21; Oliveira do Hospital, 25 do corrente a 6 de setembro; Taboa, dias 9 a 17; Penacova, dias 20 a 26; Poiares, dias 29 a 1 de outubro; Louzã, dias 4 a 9; Miranda do Corvo, dias 11 a 15; Condeixa, dias 18 a 24; Mealhada, dias 27 a 30.

Carnes verdes

Por ter baixado para 4$425 réis o custo de cada arroba de vacca limpa, no mercado geral de gados, em Lisbôa, o arrematante das carnes verdes de Coimbra abateu 20 réis em kilo.

Os preços porque actualmente se vendem as carnes, sam os seguintes: 1.ª classe; lombo, com osso, 380, sem osso, 480; pujadouro, alcatra e roastbeef, 320 e 400; lingua, 320; 2.ª classe: vasia, chã de fora, rebadilha, assem, pá e rim, 280; 3.ª classe: maçã de peito, cachaço, aba, chã-bã e costellas, 220 réis.

E' bom que o preço da carne vá barateando, para que as classes pobres a possam comprar e assim a sua alimentação se torne mais substancial e reparadora.

Partem no dia 18 para o extranjeiro a actriz Lucinda Simões e o actor Christiano de Sousa, que vám percorrer as praias da Normandia, tencionando depois passar o mês de setembro em Paris. Christiano de Sousa tenciona voltar ao Brasil na próxima primavera, com um grande reportório.

A actriz Lucilia Simões está nos Olivaes, em companhia de seu irmão e de seus avós.

Menor fugído

Na terça feira passada desappareceu de casa de seu pae, o sr. António da Costa Monteiro, morador na rua Nova, um seu filho, de nome egual ao do seu progenitor, de 10 annos de edade, do qual até hoje não sabe o paradeiro.

Pede-nos para que por meio dêste jornal, tornemos público êste facto e pedirmos a qualquer pessoa que saiba do paradeiro do menor, lh'o participarem para a morada acima indicada.

O rapaz, quando fugiu, vestia calça cinzenta, jaquetão preto, camisa de riscado, boina escura.

E' pallido e magro, não usando calçado.

Ahi fica exarado o pedido do pobre pae, a quem uma acção impensada do filho traz tám desassocegado, sendo uma boa acção o participar-lhe, quem o souber, onde pára o fugitivo.

Paris, 12. — Ontem á noite deu-se na câmara dos deputados um tremendo escándalo, quando se discutiam os créditos supplementares. A presidência da câmara, que era occupada por Guillain, vice-presidente, foi desrespeitada e insultada e, por último, os elementos opposicionistas atacaram na a murro. Deu-se entám nova batalha entre a opposição e os governamentaes, votando-se os creditos supplamentáres no meio d'um barulho ensurdecedor.

Paris, 12. — Os jornaes occupam-se largamente dos successos havidos ontem na sessão da camara dos deputados. Considera-se derrotado o governo. A situação é gravissima. Combes está conferenciando com Loubet.

Todos êstes escándalos sám promovidos pelos elementos reaccionários da câmara, que preferem vêr se conseguem pelo escándalo, o que não pódem conseguir pelo numero e pela justiça.

Como é de todos sabido, o chefe do governo francês, o senador Combes, é um incarniçado inimigo da reacção, a quem tenta esmagar, e no que prestará um importante serviço á liberdade.

Não obstante os telegrammas da *Havas*, parece-nos que os reaccionários serám esmagádos e Combes ficará triumphante.

Obras públicas

O conselho superior de obras públicas, em sessão de 10 do corrente, occupou-se de uma estrada de Pedra d'Alva á Pampilhosa e Coimbra.

Veremos para quando fica a realisação, do que é ainda só um projecto.

*

Fôram enviados ao conselho superior de obras públicas, os projectos de orçamento de uma serventia na estrada districtal 113, para Torre d'Eita, e outra na estrada de serviço da Tocha, á estação de Arazede, Coimbra, e foi tambem enviado o projecto de reparação dos estragos causados pela cheia de fevereiro último na matta do Choupal, Mondego.

LITTERATURA & ARTE

MINHA MÃE

Minha mãe, minha mãe...
Nem sei do teu regaço;
meu corpo maguado
acolhe n'um abraço:

acolhe-me e aconchega
nêsse teu seio doce.
— Que mais ninguem me veja
E a magua me não roce.

Abriga-me; e murmurar,
no meu o teu olhar,
palavras que me façam
chorar, chorar, chorar...

— Que as lagrimas subindo
aos olhos ressequidos,
afoguem duma vez
tantos sonhos perdidos.

— Que eu possa descançar
no teu regaço emfim.
Tenho medo do mundo,
tenho medo de mim.

E quietinho e sereno,
ungido de perdão,
fique a chorar, sereno,
meu doido coração.

Para não mais fugir
abriga-o muito bem,
— e chore até morrer,
Minha mãe, minha mãe...

CARLOS AMARO.

A' *Correspondência de Coimbra* agradecemos a transcripção dum dos artigos do nosso número 712 assim como as expressões que enderessa ao seu auctor, o nosso illustre director politico.

O *Noticias de Alcobaça* tambem se refere com expressões elogiosas ao número referido, pelo que nos confessâmos gratos.

Este distincto collega de Alcobaça vai entrar no seu 4.º anno de publicação, pelo que o cumprimentâmos.

Gatunagem

Os amigos de alheio têem por a feito das suas, apezar das precauções que se diz a policia tomou para a industria não ser exercida durante as festas.

Ao conceituado commerciante sr. José Marques Pinto, com estabelecimento de mercearia na Praça do Commercio, roubaram-lhe notas e prata no valor approximado de 400$000 réis.

O roubo deu-se na noite de segunda para terça feira, encontrando-se aberta uma das portas e a gaveta, onde estavam as *massas*, arrombada.

Não foram ainda descobertos os *heroes* da proeza, havendo comtudo suspeitas de que talvez ficasse algum escondido dentro do estabelecimento, abrindo alta noite a porta aos companheiros.

Veremos o que os Jouverto conimbricenses descobrem de tão obscura proeza.

Drama emocionante

Ha mezes enlouqueceu num dos arrabaldes desta cidade um talentoso rapaz, formado ha pouco em medicina, diz-se que por desgostos de amôr.

Uma sua dedicada irmã, que durante muitos dias lhe dispensou os maiores carinhos e cuidados, enlouqueceu tambem, tendo um e outro de serem internados numa casa de saude.

A veneranda senhora, mãe dos dois infelizes victimados pela loucura, acaba agora de se suicidar, para se eximir assim ás cruciantes dores e amarguras que vinha soffrendo.

Um quadro emocionante, que enche a alma de dôr e amargura.

Um rapaz na flor da mocidade, a sacrificar-se em holocausto a um amor infeliz; uma irmã dedicada e amantissima victima do affecto fraternal; uma santa creatura, uma mãe, a pôr termo á existência, levada a tal extremo pelo amor maternal!

E' um quadro lancinante, que não póde deixar de commover ainda as pessoas mais scepticas e egoistas.

Triste fim de tres pessoas que tanto amaram e soffreram.

Conselheiro Neves Ferreira

Repousam já no cemiterio do Alto de São João, em Lisboa, os restos mortaes do conselheiro Neves Ferreira, um dos poucos ministros da monarchia, que tem merecido o respeito e a consideração do pais.

Neves Ferreira falleceu no Funchal, sendo a sua morte muito sentida, pois era um patriota e um honesto, duas qualidades raras de encontrar, no tempo presente, especialmente entre os servidores do regimen.

Quando foi do Ultimatum e a briosa mocidade da Universidade tratou de organisar um batalhão academico, o seu commando foi offerecido ao distincto official, em quem os enthusiastas mancebos depositavam confiança.

Sobre a urna funeraria do glorioso extincto, a *Resistencia* vem prestar-lhe um preito de admiração e saudade.

E' que os honestos e os patriotas vão rareando e o vacuo que a sua morte deixa, não é infelizmente preenchido.

Sob o titulo *Scenas das ruas* publicámos no número passado a noticia dos feitos que dois barqueiros, de nome Chim e Reis, fizeram ao infeliz Jesus, da Arregaça, que teve de ir em maca ao hospital curar-se. Terminavamos a noticia com o commentário, de que a justiça ensinaria aos dois *valientes* etc.

Pois o castigo parece que não se exercerá contra aquellas duas ricas prendas, pela razão da sr.ª da Paz se metter de permeio, e a policia nem parte deu para juizo, segundo parece, pois fôram feitos pedidos ao Jesus para perdoar aos seus phariseus, o que elle fez talvez lembrando se do procedimento do seu homonimo que perdoou aos seus algozes.

E os barqueiros nem na cadeia deram entrada.

Pois mereciam uma bôa ensinadella.

Os jurys dos exames elementares do 2º grau, que devem effectuar-se no lyceu de Coimbra, e começar no dia 1 do proximo mez de Agosto, são compostos dos seguintes professores:

1.º Jury — Presidente, Dr. Francisco Adolpho Manso Preto; — Vogaes, José Freire de Novaes, professor de S. Bartholomeu, e Thiers David dos Reis, professor em Oliveira do Cunhedo.

2.º jury—presidente, bacharel José Adelino Serrasqueiro;—vogaes, António Ferreira Neves d'Almeida, professor em Oliveira do Hospital, e Benigno Guilherme da Silva, professor em Podentes.

3.º jury—presidente, bacharel José Fernandos Costa; vogaes, Ollegário Cardoso Ayres Pinheiro, professor em Alfarellos, e António Avelino, professor em S. Silvestre.

4.º jury — presidente, bacharel Sílvio Péllico Lopes Ferreira Netto; — vogaes Francisso Pereira Correia de Seixas, professor na Louzã, e José Maria dos Santos, professor em Castello Vieges.

5.º jury—bacharel Eugénio d'Albuquerque Sanches da Gama;—vogaes, José Monteiro Leandro, professor em Ourentã, e António Rodrigues da Silva, professor na Bemfeita.

6.º jury—presidente, bacharel Adriano de Carvalho; — vogaes, Francisco Maria Simões de Carvalho, professor do Seixo Ervedal.

7.º jury—presidente, padre Joaquim Mendes de Figueiredo; — vogaes, José d'Almeida Teixeira Júnior, professor de Sarzedo, e Manuel Cabral de Moura Coutnho, professor em S. João do Campo.

No lyceu de Coimbra requereram para fazer exame de instrucção primaria 465 individuos, sendo 379 do sexo masculino e 86 do sexo feminino.

O jury que deve funccionar da Figueira da Foz, é assim composto:

Presidente, bacharel António Thomé; — vogaes, Augusto Goltz de Carvalho, professor em Buarcos, e Adriano Rodrigues d'Almeida, professor na Figueira da Foz, secretário José da Costa Maia, professor em Quiaios.

Para galerias de familias

Magnificos retratos a crayon em tamanho natural a 4$000 e 5$000 réis. Absoluta parecença e execução rigorosamente artistica.

Remetter os pedidos acompanhados de uma pequena photographia e da respectiva importancia, em carta registada, a Augusto Soares, Director da *Agencia Nacional*, Rua Aurea, 178, Lisboa.

A Agencia fornece tambem as molduras por um preço a que francamente não se está habituado no paiz.

Novidade

Molduras de madeira encerada, copia do antigo, imitando nogueira, carvalho, pau santo, etc.

Bustos a oleo

Tamanho natural, de 18$000 réis para cima.

Superior ao Porto

E delicioso é, todavia, o vinho do Porto. E'um tonico por excellencia e muitos convalescentes, depois d'um copo d'esse vinho generoso, sentem como que calor vivificante a dar lhes vida. Mas infelismente não é, quasi sempre, senão melhoria passageira, que não basta para enriquecer e fortalecer um sangue pobre e fraco. Qual será, então o maravilhoso tonico, que virá a dar taes resultados?

O Ill.mo Sr. Augusto Costa, morador no Largo do Barão de S. Martinho, em Braga, vae dizel-o na sua seguinte carta:

«Muito soffri, e por muito tempo, d'azia e de dôres do estomago. Nenhum apetite, digestões más e penosas. Declinavam rapidamente as forças e não apercebia termo para os meus soffrimentos, quando me aconselharam a que tomasse as Pilulas Pink, que eram o melhor tonico e o mais energico reconstituinte.

«Dados os melhores resultados obtidos, qualquer elogio que faça de taes Pilulas, será de todo insufficiente. Mas o que posso dizer é que estou hoje perfeitamente curado. Como com apetite excellente, tenho digestões faceis e estou de boa saude.

«Não deixo d'ir aconselhando as Pilulas Pink a quantos vejo fracos ou doentes.»

Sangue pobre, que se reconstitue e enriquece, vem a ser penhor de saude, pois afugenta as doenças que provem da sua fraqueza, a anemia, a chlorose, a neurasthenia, os rheumatismos, as molestias do estomago e dos intestinos. A darem de continuo inequivocas provas da sua eficacia, serão assim em breve tempo, o tonico e o regenerador universal as Pilulas Pink.

.....

A um medico foi confiado o encargo de responder gratuitamente a todas as informações relativas ás pillulas Pink, que forem pedidas aos srs. James Cassels & C.ª, no Porto.

As pillulas Pink foram officialmente approvadas pela Junta Consultiva de Saude. Estão á venda em todas as pharmacias pelo preço de 1$000 réis a caixa e 5$000 reis as 6 caixas.

Deposito geral para Portugal, James Cassels & C.ª, successores, Rua Mousinho da Silveira, 85 — Porto.

No tribunal da relação, foram distribuidas, no dia 11 do corrente, entre outras causas, as seguintes.

Coimbra;—Joaquim Pinto Leite, F. & C.ª contra Manuel Gomes Leite; José Dias Ferreira contra Manuel Gomes Leite & Filhos.

PUBLICAÇÕES

Revista de Lisboa. — O n.º correspondente a julho desta bem redigida publicação da capital e da qual é director o nosso illustrado collega Oscar Leal.

O Tiro Civil.—Revista de educação physica e de sport nacional, orgão official da União dos atiradores Civis Portuguêses, superiormente dirigida por Anselmo de Sousa.

O Caturra.—Publicação mensal, de Lisboa, de que é proprietario e editor o sr. Arnaldo Soares. O primeiro numero, que temos presente, traz uma collaboração variada.

Movimento Medico.—Revista quinzenal de medicina e cirurgia, que vê a luz da publicidade em Coimbra. O numero que recebemos corresponde a um do corrente.

Passatempo. — Quinzenário illustrado, de Lisboa, pertencente á secção de publicidade dos Armazens Grandella. O n.º 38, 2.º anno, que temos presente, vem interessantissimo, inserindo, além de bellos escriptos, 11 illustrações.

LIVRO CAIXA

Vende-se um, formato duplo almasso, na typographia dêste jornal.

Companhia de Seguros Indemnisadora

PORTO

Toma seguros n'esta cidade

João Lopes de Moraes Silvano

ANNUNCIOS

SOPHIA, 167

Ha n'este novo estabelecimento vinhos branco e tinto da acreditada adega do Ex.mo Sr. Antonio Barata, **Espertina**, que vende por litro, almude ou pipa.

Brevemente será levado aos domicilios de 5 litros para cima.

O Proprietario — **F. Lobo.**

Júlio de Mattos

Os Alienados nos Tribunaes

I

Illustrado com photogravuras

Lisbôa

LIVRARIA EDITORA

TAVARES. CARDOSO & IRMÃO

5, Largo do Camões, 6

AVENTURAS PARISIENSES

14.º

A mancha da familia

POR

Pierre Salles

LISBOA

Antiga CASA BERTRAND, de José Bastos

Cada volume illustrado, 200 réis

Charrette e arreios

Vende-se uma, em muito bom uso.

Para tratar com José Bento d'Oliveira — Tentugal.

Banco Commercial de Lisboa

AGENTE EM COIMBRA

José Tavares da Costa, Successores

2, Largo da Portagem, 8

Está a pagamento o dividendo das acções d'este Banco relativo ao 1.º semestre de 1902, a razão de 2 ½ % ou sejam 2$500 réis por acção livre de imposto de rendimento.

Mercearias de primeira qualidade

e preços modicos

NOVA HAVANEZA

Rua Ferreira Borges

Recordações de Coimbra em cavaletes com photo-gravuras a côres, Papelaria, Tabacaria e Perfumaria.

Materiaes de construcção em grande existencia

Acaba de publicar-se

ALFREDO GALIS

OS DECADENTES

1 bello vol. de 242 paginas 500 rs.

E' este o 4.º volume da serie — Tuberculose Social.

Consubstancia-se n'elle a prova positiva da nossa decadencia litteraria, enfermiça, d'esta triste neurasthenia da originalidade innovativa que não tem produzido nenhum trabalho de merito, e ao mesmo tempo o exgotamento mental da geração moderna, incapaz de dar ás lettras um cultivo systematico, regrado e presistente sem o qual não póde haver verdadeiros litterarios.

Este livro é um aviso aos novos e um brado de justiça a favor dos velhos que teem trabalhado nas lettras.

I — OS CHIBOS, 1 volume 500 réis
II — OS PREDESTINADOS, 1 vol. 500 rs.
III — MULHERES PERDIDAS, 1 vol. 600 rs.

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho — Editor

158 — Rua da Prata — 160

LISBOA

Executa promptamente todos os pedidos de livros

Nova collecção Horas de Leitura

Walter Scott

IVANHOÉ

VOLUME I

LIVRARIA EDITORA

Guimarães Libanio & C.ª

LISBOA

---

(29) Folhetim da "RESISTENCIA,,

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA

DO

CONVENTO

XIII

Tinha pegado na creança para a mostrar a Argouges, que se viu por isso obrigado a ir ter com ella, e a demonstrar alegria.

— Olha, padrinho, dizia ella; olha como é bonito! Está um homemzinho, Beija o, anda, a pobre flôr...

E dos seus lábios, estendia o para os de Argouges.

Ao vê-lo dobrar com os seus os beijos de Alice, mademoiselle de Croisy sentira no coração uma picada, que não conhecia. Emmanuel vivia, ao lado da prima, na maior reserva. Herminie não se lembrava de o ter visto beijá-la três vêzes na testa, e fôra logo nos primeiros dias da sua chegada a Villy. E agora encontravam-se as bôccas nas bochechas pequeninas, que passavam, e tornavam a passar, dum para o outro, no calôr das suas respirações, quási confundidas.

Mademoiselle de Croisy parecia indifferente a esta scena; mas o sangue subira-lhe de repente ao rosto, e as sobrancelhas, approximando-se, accentuavam a leve ruga, que ordinariamente mal se destinguia: trazia em plena fronte a cruz terrivel do ciume. Por isso, quando, depois de estar outra vez no selim, Alice lhe disse:

— Que cara boa e fresca! Tu não gostas de creanças? Fizeste uma cara tam feia a êste!

— Que queres tu, respondeu Herminie, não tenho os olhos prevenidos e complacentes das madrinhas. Não vi nelle uma cara, vi uma fatia de dôce.

— Oh! Como eu havia de julgar te má, se não fôsse tua amiga!

A mudança de humor de Herminie não passára desappercebida a Argouges, mas não via bem o fundo daquella impressão.

Pensou que fôsse mero despeito por terem perturbado o tê te a tê te em que iam os dois; não teria adivinhado que aquella fatia de dôce, como ella dizia, tivesse causado uma tal explosão nos sentimentos de Herminie, quando lá puzera os bigodes.

Argouges procurava todavia uma diversão a êste incidente e aos seus effeitos; ia bastante preocupado com isso e marchava na rectaguarda. Alice deu meia volta ao cavallo.

—Já quatro annos, disse. E é verdade, primo, lembra-se? Era nesta mesma altura do anno...

— Sim? perguntou vagamente Emmanuel, a quem a direcção, que tomava a conversa, embaraçava cada vez mais.

— Com certeza, continuou Alice; quatro annos e alguns dias

—Parece que a prima tem a memória das datas...

—Não é a única, que tenho, respondeu mademoiselle de Villy, insistindo, como se fôsse ontem; já não era uma pequena, e... o sr. estava menos taciturno que hoje.

Mademoiselle de Croisy parecia não escutar e cortava com o chicote, como por distracção, a folhagem das árvores e as flôres selvagens da sebe, mas cada palavra de Alice lhe enterrava mais áspero e mais agudo no coração o dente do ciume. Comprehendia o que mademoiselle de Villy não contava; via um e outro, Alice com quatorze annos, Emmanuel com dezanove, unidos já sob os olhos dum padre naquella cerimónia de baptismo, em que havia communhão de juramentos; pensava, com as ideas do convento, que os tinham propositadamente ligado com aquêlle primeiro laço religioso e solemne; ouvia as allusões, que o cura, com o olhar a fugir sob a pálpebra, não teria deixado de fazer sem dúvida ao sr. de Villy e talvez a Emmanuel; notava, emfim, que ao recordar aquêlle dia propicio ás expansões da priminha e do primo, Argouges baixava a cabeça deante de Alice.

Mas então, que podia esperar? Com que podia contar, se uma simples palavra de mademoiselle de Villy bastava para fazer voltar Emmanuel, timido, e como garrotado pelas grinaldas daquêlle idýlio infantil? Porque era assim que ella via naquêlle momento a Argouges, enquanto ia só cortando as fôlhas dos castanheiros e carvalhos. Era aquêlle o mesmo homem, que na véspera, a seus pés, lhe supplicára que lhe entregasse a sua vida?

O amôr, o primeiro amôr sobretudo, não raciocina; é um despota, que só faz caso de si, e que encara o opportunismo como um começo de traição. Ha um momento que o ciume tinha cedido, em mademoiselle de Croisy, o lugar a um movimento tambem inconsiderado, mas mais nobre: o orgulho exaltava lhe a cólera; pensava que Argouges zombára da sua acredualidade, e estava fóra de si com tal suspeita.

— Herminie? Herminie? gritára de repente Alice.

Emmanuel levantou a cabeça e viu modemoiselle de Croisy levada num galope furioso pelo poney, a quem ella dava a redea toda, em vez de o segurar.

Alice a princípio pensou que era uma brincadeira, como a que as divertira tanto no seu passeio com o coronel de Lambrune. Pozera-se a correr atraz da amiga, gritando em altos vozes:

— Herminie! Estás doida? Herminie, responde.

Mas Herminie não dava desta vez as gargalhadas, com que respondia ás chamadas de Lambrune; parecia não ouvir nada e corria vertiginosamente, sem dirigir o cavallo, nem se importar com os obstáculos, que poderia encontrar pelo caminho.

Emmanuel esporeára violentamente o cavallo. Não a chamava, corria callado, mas irritado comsigo mesmo, porque adivinhava a verdade. Percebia que mademoiselle de Croisy se sentira ferida pelo mero abandono, em que ficara depois de mademoiselle de Villy e elle terem montado outra vez a cavallo, pelas recordações evocadas pela prima, pelas allusões que houvera, pela linguagem mais terna que ella lhe fallava e que elle tinha de ouvir com ar de complacéncia; comprehendia que fôra tudo isto que irritára Herminie que, mais sensivel que o cavallo, era a única causa da corrida vertiginosa, cujo fim se não atrevia a prever. Censurava-se por não ter interrompido de vez por uma phrase alegre a expansão de Alice, e achava que tinha representado um papel muito tolo entre Alice e mademoiselle de Croisy.

Argouges dera um grande impulso ao cavallo, e ia com uma velocidade que parecia menos um galope desenfreado do que uma série de saltos prodigiosos. Quando estava próximo de Herminie, mademoiselle de Villy ouvia-o proferir uma exclamação terrivel.

(Continua)

Colonial oil Company

AGENCIA DE COIMBRA

Fornecimento de petroleo para revender fóra de toda a concorrencia.

Marcas **ATLANTIC, AMERICANO** e **RUSSO** (Luz do Sol.)

Tomam-se encommendas provisoriamente na MERCEARIA LUSITANA, rua do Cego, 1 a 7—COIMBRA

José Marques Ladeira & Fillho

Empreiteiro das Companhias de illuminação a gaz e aguas

Rua do Corpo de Deus, 5

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e córda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, a rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centrosde mêsa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias,* etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

Vende-se

15 reposteiros e galerias;
2 balcões com estantes;
1 armação para escriptorio;
2 portas de vidraça, candieiros e canalisação.

Arrendam se os altos da casa da rua do Visconde da Luz, 103.

Para tudo trata-se na mesma.

REDUCÇÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em **ferragens e materiaes de construcção** como em **cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mêsa,** participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quas todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas **compras directamente nas principaes praças extranjeiras e fabricas portuguêsas,** sam uma garantia de que póde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

Mêsa rica

Thomás Pombar com estabelecimento de bric-à-brac, tabacos e occulista na rua Ferreira Borges, em frente ao Arco d'Almedina, tem para vender uma mêsa de pau preto e sándalo, com embutidos de marfim e obra de talha. Quem a pretender póde ir vê-la ao seu estabelecimento onde está em exposição.

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos,** continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis.**

O proprietário,

José Maria Junior.

APPARELHOS BARATOS para Photographia

Camaras para 6 chapas 6,5×9, munidas de boa objectiva e 1 visador a 1$500 réis.

Ditas com mais luxo e 2 visadores a 2$000 réis.

Ditas para 12 chapas 9×12 e 2 visadores a 4$000 réis.

Outras novidades photographicas chegadas agora.

Grande sortido de chapas Scheleumer's, Lumière, Imperial, etc., e papeis albuminado e aristos pelos preços correntes nas casas principaes do genero.

Papelaria Borges

Bicycletes com motor

R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

Empreza Automobilista Portugueza

Leão, Moreira & Tavares

COIMBRA

AUTOMOVEIS "DARRACQ,,

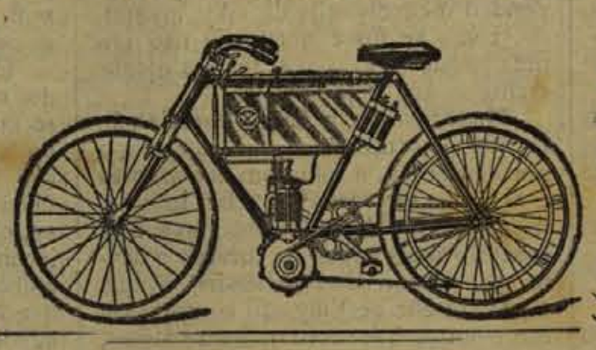
Os mais baratos

Os mais elegantes

Os mais ligeiros

Os que menos gazolina gastam, consumindo conforme o seu andamento.

Desde 1:200$000 réis, com 8 cavallos!



Com 1 3/4 cavallos de força

E' a unica que sóbe grandes rampas sem afrouxar de andamento

E' a mais solida.

E' a unica que tem ganho premios em todas as corridas a que tem concorrido.

E' a unica que fez os **records Paris-Berlim** e **Paris-Vienna.**

E' a unica que está especialmente adoptada no nosso paiz.

Officina de reparações mechanicas.

Ensino gratuito aos nossos clientes.

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de Cereja de Ayer—O remádio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmunar, frasco, 1$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vgor do Cabello de Ayer—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer. — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. Frasco 1$100 réis.

O remédio de Ayer contra sezões.— *Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cartharticas de Ayer.—O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquesita preparação para aformosear o cabello

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

LOJA DO MINHO

44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48

Deposito das ligitimas machinas **Singer,** instrumentos, musicas, Pianos, Bicycletas, occulos e lunetas.

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

"SINGER,,

Lembra-se a todas as pessôas que forem a Lisbôa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surprehendente Exposição Fabril e Artistica SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida.

Emprêsa editora de publicações illustradas

162, 1.º—Rua da Rosa,—162, 1.

LISBOA

Em publicação as obras completas de Paulo de Kock, das quaes está já em distribuição o primeiro volume nitidamente impresso e primorosamente illustrado com **esplendidas photo-gravuras.**

PECHINCHA

LINHOS E ATOALHADOS DE GUIMARÃES

Ha para liquidar grande quantidade de toalhas de mêsa e guardanapos de linho e algodão, toalhas para rôsto em linho, algodão e felpa. Colchas, panno de linho e algodão para lençoes, pannos para mêsa, etc, etc, por preços excepcionaes.

Quem precisar, queira dirigir-se ao estabelecimento de ferragens e utensilios de cosinha e mêza de João Gomes Moreira — Rua Ferreira Borges — (em frente ao Arco d'Almedina — Coimbra.

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 715 | COIMBRA — Quinta-feira, 17 de Julho de 1902 | 8.º ANNO

A monarchia e a liberdade de imprensa

E' das mais suggestivas a attitude da imprensa monárchica ante a discussão escandalosa que, ha tantos dias, se vai dando entre dois jornaes da capital.

Essa imprensa, que, sem respeito, vai arrastando a vida, assalariada pelos partidos politicos, que a sustentam, anda revoltada, toda em manifestações de pudor offendido, clamando que se calem, que acabem com o escándalo que o público vê a rir, mas que lhe vai retirando os leitores, e lhe vai diminuindo a venda.

Essa imprensa, que tem enchido de lama todos os politicos, que militam nos partidos monárchicos, essa imprensa, que os chama corruptos e vendidos, essa imprensa monárchica, que, para explorar o escándalo e fazer interesses, não tem recuado deante do cadaver ainda quente dos reis para lhes trazer a vida particular para a rua, e para chamar as últimas infámias ás pessoas que em vida lhe foram caras, começa agora em phrases de alto sentimento a pugnar pela austeridade do jornalismo, pela compostura da linguagem e das maneiras.

E não ha nada mais profundamente grotesco do que o pudor, tam acclamado nos jornaes, dum pae de familia que devolveu o *Século* á redacção, perguntando se elles explicam o que escrevem á mulher e aos filhos, e que todo se extasia deante do *Imparcial*, que provavelmente lê á familia.

E' que a linguagem da imprensa monárchica foi sempre isto, e, se agora se levantam clamôres, é porque lhes veio o medo de que o público, enojado com o escándalo, veja por fim a imprensa que lê e que paga.

Nunca na imprensa republicana se desceu, nem se podia descer, á baixêza canalha, a que tem descido a imprensa monárchica, sem uma voz de censura, sem uma palavra de castigo.

Os monárchicos, mesmo os mais atrabiliários, os de linguagem mais azeda, se têem confessado vencidos por essa superioridade e elevação da imprensa republicana, e nunca nenhum, na mais violenta questão com um jornal republicano, usou da linguagem que entre elles é commum.

Emýgdio Navarro, tantas vezes estygmatisado com os epithetos que sam de uso corrente dar-se-lhe, tem sido, apezar disso, relativamente correcto na linguagem.

E' que os domina a todos a superioridade dos principios que defendemos, quando em lucta comnôsco, e que, quando se degladiam com monárchicos, vêem apenas o interesse; porque nada ha que respeitem no que defendem.

E vêem fallar agora na elevada missão da imprensa êsses homens, que têem deixado perseguir os jornalistas republicanos, sem um movimento de indignação, sem uma manifestação nobre e altiva de solidariedade.

Para perseguir a imprensa republicana, não se tem recuado deante da lei, que se tem interpretado duma fórma revoltante, na mais baixa subtileza de rábula, educado na exploração juridica de processos de moral duvidosa.

E, quando nem a letra da lei, nem a interpretação viciosa della podiam permittir a perseguição desejada dos jornalistas republicanos, que lhes não consentiam a exploração socegada e rendosa do país, passava-se por cima da lei, e exercia-se a mais vergonhosa perseguição, que regista a história do jornalismo português.

E tudo isto se fazia sem uma manifestação collectiva, ouvindo-se apenas uma ou outra voz isolada, erguendo-se timidamente, a medo, voz, que mal se percebia e que não encontrava outras para a acompanhar.

Agora levanta-se a imprensa monárchica a exigir que dois jornaes monárchicos se calem, invocando a dignidade do jornalismo.

Não póde invocar a dignidade do jornalismo quem tem deixado perseguir, tam indignamente, a imprensa republicana.

Nem podia ser um motivo elevado a causa de tam grande alvoroço no jornalismo monárchico de Portugal.

O que trás sobresaltado o jornalismo monárchico é o escrever-se, sem um protesto, que êsse jornalismo se vende, e que os governos o pagam.

Ha muito tempo que isso se dizia; escreve-se agora, e é pena que a monarchia tivesse abafado tam cedo esta questão, sem se saber se sam verdadeiros os altos preços, por que dizem que elles se vendem.

Sobresaltou-se o jornalismo monárchico, porque viu que a questão, que tinha começado entre dois, se podia generalizar, trazer a público novos escándalos, e comprometter interesses de futuro.

Gritou a imprensa, não em nome da dignidade profissional offendida, mas sim em nome do interesse ameaçado.

Era de conveniência monárchica deixar montada a sua imprensa como a têem.

Assim se fez.

Representava a imprensa monárchica um passado longo de corrupção, fôra feita á custa de muitos sacrificios; para montar uma imprensa nova, era necessário inutilizar o trabalho feito.

E é assim que, para não perder de todo, o que tanto tempo levara a montar, se criou um jornal novo que desse uma apparência de seriedade, aos que de todo perderam a consideração nesta campanha de lodo e de vergonha.

E sam conhecidas de todos as conferências do chefe do gabinete com o jornalista, que esta campanha vergonhosa deixou sem prestigio e sem consideração.

E' que á campanha, que motivara o descrédito do jornalista, estava ligada a vida do governo, a tranquilidade da exploração monárchica.

Ao ver-se ameaçada, a imprensa monárchica não se esqueceu de invocar numa ameaça, o nome de el-rei, dizendo que nada lhe importava a opinião pública porque tinha a applaudi-la o chefe superior do estado.

Assim o escreveu o *Século*.

E tudo se calou então.

Por isto, e só por isto.

António Augusto Gonçalvez

Terminou o concurso para a cadeira de desenho philosóphico o nosso amigo António Augusto Gonçalvez, que já ha annos exercia aquêlle logar.

Depois de umas provas brilhantes, obteve o sr. Antonio Augusto Gonçalvez a classificação unánime de M B 20 valores, que só muito excepcionalmente se costuma dar em concursos.

Durante a regencia da sua cadeira tinha já o sr. Gonçalvez modificado completamente o ensino do desenho na Universidade, dando lhe uma orientação nova que assignalava a originalidade e o conhecimento das necessidades pedagógicas que o illustre professor tem em tam alta escala, e que lhe tem valido a consideração de todos os que se preocupam com os problemas do ensino.

A elle se deve a collecção de modellos em baixo relevo feita sob sua direcção e por desenhos e modelos seus em Coimbra, collecção que foi substituir o antigo material de ensino deficiente e pretencioso.

Os nossos parabens.

No domingo, foi inaugurada, como noticiamos, a nova creche do Bairro de Montarroyo no annexo ao Hospicio districtal, casa vasta, arejada e batida de sol, nas melhores condições hygienicas.

Durante o acto que foi muito concorrido, tocou a fanfarra dos orphãos pensionados da Santa Casa da misericordia.

O presidente da Associação das Creches, sr. dr. Philomeno da Camara disertou sobre a utilidade daquella benemerita instituição, traçando a largos traços a historia das creches em Portugal e no extranjeiro com a erudição e saber, que caracterizam o eminente professor, que tem sido um protector tam desvellado e tam enthusiasta das creches de Coimbra.

Sam já actualmente recebidas na creche 12 creanças, e em breve poder-se-hão soccorrer mais, se, como tudo faz prever, continuar o movimento de sympathia, tam justo, que esta instituição esta despertando nos espiritos philantropicos e amigos de fazer bem.

Brevemente começaremos a publicar a lista dos donativos recebidos por esta associação que tam digna é do alto favor do publico.

Bric-á-brac

Começamos hoje, na nossa secção de *Bric á-brac*, a publicação dum curioso manuscripto da Bibl. da Univ., collecção de ditos portuguêses.

Hoje, tem o movimento de estudos tradiccionalistas dado uma grande importancia a estes pequenos manuscriptos, em que a gente simples do povo ia por um trabalho de selecção accentuando o caracter nacional dos seus heroes.

Respeitamos, como deviamos, a ortographia do original, não conservando para as ligações das palavras, determinadas apenas pelo capricho caligraphico, e portanto sem importancia.

Almeida Garrett

Já foi publicado no *Diário do Governo* o decreto mandando trasladar para os Jerónymos os restos mortaes dêste insigne litterato.

Fôram assim attendidas, ainda que tardiamente, ás justas e geraes reclamações do país, para que se fizesse essa grande obra de reparação á memória de Almeida Garrett.

Ainda bem, para que o glorioso extincto esteja ao lado daquêlles que nos Jerónymos repousam por bem merecerem dos seus concidadãos tal distincção, pelo seu talento e amôr pátrio.

Foi a Lisbôa conferenciar com o chefe do governo, o chefe do nosso districto.

Veremos o que sae da conferência dos dois chefes.

Museu d'antiguidades

Deu entrada no Museu de Antiguidades do Instituto uma imagem de madeira, esculptura do seculo XVI ou, talvez antes, do principio do seculo XVII.

Representa Nossa Senhora da piedade, sentada, rosto voltado para o ceu, a mão direita perdendo-se numa caricia nos cabellos anellados do filho, a esquerda levantando-lhe o braço esquerdo. O corpo do Christo estende-se numa attitude elegante e simples, ao abandono, sobre um lençol branco, de bordos recortados.

A obra de esculptura é feita pela forma rasgada e franca que caracteriza o trabalho dos imaginarios portuguêses no seu melhor periodo.

Não é de minucias, nem de grande perfeição anatomica, mas revella a posse completa da arte da esculptura em madeira pela forma summaria e franca como o trabalho está executado.

A pintura dos estofos é curiosa e vê-se ainda nella a influencia tradicional da arte do seculo XV e seculo XVI pelas aplicações tentando dar o relevo dos tecidos e bordaduras, pela delicadeza de illuminura que tomam ás vezes os detalhes.

Esta obra vem augmentar a pequena collecção de esculptura em madeira que o muzeu possue, e em que ha já objectos do maior merecimento, de epocas diversas, como sam as estatuas de S. João, Santa Clara, S. Miguel e S. Pedro.

A esculptura em madeira é um dos capitulos menos estudados da arte portuguêsa, apezar do extraordinario brilho que teve entre nós e que lhe dá um logar áparte e bem caracterizado na historia geral da arte.

Esta imagem, que veio agora da Sé Velha, por onde andava perdida, pertenceu, creio eu, ao collegio de S. Bento de Coimbra, juntamente com outras, que a piedade recolhera naquelle templo, fazendo-se por essa occasião algumas barbaridades, que honram pouco os conhecimentos e gosto artisticos de quem as mandou fazer e de quem as consentiu.

Na Sé Velha havia tambem uma imagem do seculo XVI, muito curiosa e que devia tambem ter sido recolhida ao Museu de Antiguidades do Instituto.

Representava N. S.ª, de pé, mostrando o menino nu. Jesus sorria, abrindo os braços, como se estivesse já sonhando com a cruz.

Era uma das imagens em que os esculptores da Renascença cantaram a maternidade triumphante.

A Virgem era uma mulher forte, em plena saúde.

A imagem era alem d'isso notavel pela pintura, em que os estofos tinham sido imitados com um cuidado particular. Havia sobretudo uma cercadura pintada com a delicadeza duma illuminura do seculo XVI.

Esta esculptura saiu da Sé Velha para a egreja duma aldeia proxima, onde se vae arruinando ao abandono.

E' para lastimar que tal se tenha feito.

A secularização do ensino

As opiniões, que hoje transcrevemos, sám todas pela liberdade absoluta do ensino.

A explicação deste facto está em que os seus auctores sám dos que mais se singularizam pela originalidade do seu espirito na pleiade dos modernos escriptores francêses.

Ainda ha pouco, Paul Adam se apresentou cheio de coragem a defender em nome da liberdade uma opinião tristemente celebre.

Regnier é dos modernos poetas francezes um dos mais interessantes e mais originaes. Os seus versos sam todos paz e frescura.

Espiritos, como os que firmam as opiniões, que hoje publicamos, resistem victoriosamente a todas as influencias; mas não se deve esquecer a opinião de Octave Mirbeau, talento livre, cheio de força e de originalidade, e que, ao fim duma vida de lucta e de trabalho, applaudido por todos, escreve, lembrando a sua educação pelos jesuitas, e o quanto lhe custou a libertar o seu espirito da influencia perniciosa do seu ensino: **Só tenho um odio no coração; mas esse é profundo e vivaz: o odio á educação religiosa.**

Camille Lemonnier.—Na escola tive o ensino secular, o padre só apparecia na epoca da primeira communhão. Depois, ia cada um como podia aos empurrões atravez das humanidades que só davam um conhecimento vago do universo, mas inclinavam para o gosto da litteratura.

Julgo que é pouco mais ou menos isto tudo o que devo aos meus professores. A minha educação fez-se á parte, em casa de meus paes e na vida livre, para que cedo me attraiu a paixão quasi selvagem da natureza. Fui muito cedo o rapaz um pouco doido que se procurava nas arvores, nos regatos, no sol e no vento e levava com elle um tomo de Hugo ou de Michelet.

Sinto-me levado para a liberdade do ensino: não tenho mais medo dessa do que das outras. Só tenho medo do que oprime em nós o rico instincto individual e o escraviza á conformidade intellectual e moral. Mas o proprio sentido da palavra *liberdade* implica a ideia dum ensino verdadeiramente livre, subtrahido ao principio confessional e ao predominio de qualquer seita religiosa e philosophica.

Félix Vallotton.—Até aos 17 annos frequentei um collegio suisso, tudo o que ha de mais secular.—Dos annos que la passei, só tenho uma recordação má; poucas vezes penso n'isso, e sempre com tedio: por isso penso com gosto que este estadio teve sobre a minha vida uma acção mediocre.—Pessoalmente, não tenho reconhecimento algum para com o estado protector, como para com o prefeito seu discipulo.

A dizer a verdade, não me interessou cousa alguma antes da minha libertação: comprehendi espontaneamente que septe ou oito annos de assiduidade somnolenta, de castigos e de gritos professoraes, eram pouco necessarios; foi um dia bello aquelle em que me vi livre.

A explicação, creio, é que para um rapaz, custam a esperar os dezoito annos; os paes sám nervosos, a mocidade ruidosa. Tomaram o partido de a encarcerar. Para tirar a esta pena todo o caracter infamante, a sociedade, sob a fórma dum pessoal especial, expõe e professa a summula dos seus erros. Tudo isto militarmente!... Afinal de contas eu era talvez um cabula.

Agora, que esse ensino seja livre ou que o não seja; que possa sel-o mais ou se-lo menos, não sei dize-lo, porque para mim a liberdade só começa depois.—A questão apresenta-se talvez antes assim: O ensino chamado livre, isto é religioso, tem sobre o do Estado, chamado official, uma vantagem

consideravel: começou mais cedo, por isso os resultados sám melhor conhecidos... Não é justo, clama o Estado, que protesta e fáz bem; torne-se a começar, ou deem me algum partido! O outro não quer saber, grita que é escandalo, que o perseguem!... invoca a liberdade! Liberdade de continuar, bem entendido, e um pouco, liberdade de impedir o outro de partir.

No fundo, o melhor seria que cada um podésse educar os filhos a seu modo; se não houvesse nada, se se tivesse de crear tudo, poder-se-iam arranjar as coisas; mas ha todo um passado velho, e tantos habitos, usos, e pretendidos direitos!... E depois estamos em tempo de guerra; é necessario primeiro vencer, depois... ver-se-ha.

Sou hostil ao ensino religioso, violentamente... Mas o outro é ainda tam mediocre.

Henri de Régnier.—Fui educado no collegio Stanislas e a educação, que la recebi, não teve importancia alguma no desenvolvimento da minha personalidade intellectual e moral. Quanto á liberdade de ensino parece-me que é o partido mais sabio.

Paul Adam.—Fui educado no lyceu Henry IV, em Paris, e terminei a minha educação no lyceu de St. Quentin, ambos seculares.

A educação do lyceu teve pouca influencia sobre mim. Só me desenvolvi fóra, e sobretudo mais tarde. Conservo má lembrança dos meus annos de internato; porque a regra destes estabelecimentos perturbou sempre o meu caracter.

Quanto á liberdade de ensino, dir-lhes-ei que sou muito respeitador de todas as liberdades; por isso gostaria de ver dar a umas creanças uma educação absolutamente catholica e a outras uma educação absolutamente *revolucionaria*, segundo as convicções de cada um.

Francis Jammes.—Recebi uma educação secular, excepto em alguns mêses tam dolorosos, como os do lyceu.

Não penso que esta educação tenha tido muita influencia sobre mim.

Quizera que as creanças fossem educadas por poetas, que lhes ensinariam o amor que existe no coração de tudo.

Num rapaz de seis annos exaltar-se-ia o gosto que tivesse pelo seu cavallo de páu, e numa rapariga da mesma edade a sua affeição á boneca.

Depois, na adolescencia, mandar-se-iam trocar sorrisos nos campos.

Quanto aos professores, sem trabalho, tornar-se-iam mechanicos ou deputados, por forma a não haver falta nem de caminhos de ferro, nem de governo.

Informam-nos de que a câmara, em virtude do disposto no art.º 42, n.º 10, do Código de Posturas, não mandará proceder ao reparo do calcetamento das ruas da cidade, na parte onde existam casas sem os beiraes dos telhados terem as devidas caleiras.

Na verdade é deveras atrazador, e incommodo em dias chuvosos, os telhados estarem despejando sobre os pobres transeuntes as águas que nêlles caem, com a aggravante de ser em grandes quantidades, por virem encanadas pelas telhás, por falta de gotteiras.

Desde o momento que a câmara imponha fortes multas aos donos dos prédios que não tiverem caleiras nos beiraes dos telhados, verá como êlles se apressam a mandá-las pôr, acabando-se assim com um estado de coisas que tantos incommodos e prejuizos causa.

E mesmo os forasteiros não irám dizer para as suas terras, que em Coimbra a *civilização* ainda não chegou aos telhados, apezar de aqui ser o *berço* da sciência.

E' menos verdadeira a noticia publicada ha dias no *Século*, em informação enviada desta cidade, de ter um cão raivoso saido da quinta do Cidral, mordido grande número de cães na freguesia dos Olivaes, e uma creança, que teve de seguir para o *Instituto Bacteriológico*.

Contestando taes informações, publica o filho do dono da quinta do Cidral, num collega local, uma carta, na qual accusa o auctor da informação de lhe ter promettido uma rectificação e ainda não o ter feito.

Tem estado na Covilhã o nosso prestante amigo e dedicado correligionário sr. Cassiano Augusto Martins Ribeiro.

Contribuição de serviço sobre os automóveis

Publicamos a seguir a reclamação, dirigida pelos proprietários de automóveis á câmara municipal desta cidade, contra a contribuição de serviço que a vereação entendeu dever êste anno fazer sobre êlles incidir.

E' um documento duma clara eloquência e lógica precisa, com cuja doutrina não podemos deixar de concordar, convencidos até de que a própria câmara ha de acceitá-la depois de reflectir sobre a leitura, que deve ir fazer, dos diplomas legaes nella citados.

Apezar de reconhecermos—áparte os erros commettidos — as bôas intenções e o zelo relativo do illustre prezidente da câmara, devemos no entretanto notar que se a textura lógica da representação dispensa commentários, ha periodos de um fino espirito que sam uma severa lição á pompa ruidosa com que os batedores da edilidade percorrem as estradas do seu concelho ante o contribuinte embasbacado pela belleza dos *poneys* e os 15 %, que o fausto camarário ainda outro dia lhes arrancou.

Seria bom pensar nisso...

Ill.mo e Ex.mo Sr. Presidente da Câmara Municipal de Coimbra e vereadores.

Os abaixo assignados, proprietários de vehiculos automóveis para transporte seu e de suas familias, veem, em conformidade com o § 2.º, do art.º 73 do Código Administrativo, reclamar extraordinariamente contra a contribuição de serviço que lhes foi lançada sobre os automóveis, por a julgarem destituida de fundamento, como vám demonstrar com uma singela hermeneutica jurídica, que offerecem á apreciação da câmara municipal, felizmente presidida por um sábio professor da faculdade de Direito, que a considerará convenientemente.

A lei de 6 de junho de 1864, no § 2.º do artigo 17, determinou que a contribuição de serviço, além do pessoal, fôsse devida—«por todos os *carros, carretas* e *carruagens* de qualquer espécie, assim como pelos animaes de carga, de tiro ou sella.»

O Código Administrativo vigente, bem como os anteriores, referindo-se á prestação de trabalho, devido pelo serviço de cousas, estatue no § 2.º, do art.º 72, que elle é devido—«por todos os carros, carretas, animaes de carga, tiro e de sella»; o cod. adm., copiando os dizeres do § 2.º do art.º 17 da lei de 6 de junho de 1864 supprimiu a palavra *carruagens*, o que significa pelo estudo comparativo dos dois textos, que com a palavra *carros* não quís comprehender *carruagens* e que ao contrário as excluio; a intenção restritiva do cod. adm. accentua-se não só na exclusão das *carruagens*, mas tambem na reducção dos dias de serviço, os quaes pela lei de 6 de junho de 1864 podiam ser de um a três e que pelo cod. adm. fôram reduzidos a um.

A interpretação jurídica em assumptos tributários não póde nunca ser extensiva, é sempre restritiva; as *carruagens* não podem pois actualmente ser collectadas em contribuições de serviço; ao typo *carruagens* é que os automóveis mais se assemelham.

Mas os vehiculos automóveis não podiam ser comprehendidos na disposição da lei de 7 de junho de 1864 pelo motivo muito simples de que nessa epocha não existiam ainda; nem por analogia se podem hoje incluir nessa disposição, já restricta pelo cod. adm. e isto pelos motivos seguintes:

a) Como não pódem classificar-se *animaes de tiro* aquêlles que não puchem ou não tiram um carro ou carruagem, e como por outro lado um carro ou carruagem não caminha em serviço habitual sem animaes que o tirem, é claro que os *carros, carretas* e *carruagens*, da lei de 6 de junho de 1864 e os *carros* e *carretas* do cod. adm., devem ser considerados conjunctamente com os animaes de tiro.

A lei de 6 de junho de 1864, permittindo pagar a contribuição em prestações de trabalho ou remi-la a dinheiro, á vontade do contribuinte, decerto partiu do sensato principio de que nenhuma câmara municipal mandaria encher de terra uma *carruagem;* mas acceitou naturalmente que os animaes de tiro duma carruagem podiam ser desligados della para serem atrelados a uma carreta que a câmara tivesse para transporte de terra ou pedra; só desta fórma é que o proprietário duma *carruagem* poderia prestar em trabalho a contribuição de serviço respectivo, quando não quizesse remi-la a dinheiro no pleno uso do direito de opção que a lei lhe dava.

Com um vehiculo automovel seria impossivel fazer coisa semilhante, donde se concebe que a lei lhe não pode ser applicada; poderia um automovel servir para transportar os vereadores, mas nem êste transporte é comprehendido na chamada contribuição de serviço, nem isso se torna necessário em Coimbra, porque a câmara municipal transacta, tambem da presidência de v. E.ª, adquiriu para transporte da vereação e empregados da câmara uma carruahem e parelha.

b) A câmara não póde designar os vehiculos automóveis com o nome de *carros* ou *carretas*, mas tem de cingir-se á designação official que aos automóveis é dada pela legislação portuguêsa que a elles se refere: e é tam sómente nos *carros* e *carretas* que, com exclusão das *carruagens*, segundo o Cod. Adm., a câmara póde lançar contribuição de serviço.

A carta de lei de 12 de junho de 1901 sobre a contribuição sumptuária designa na tabella respectiva os differentes géneros de carros, de duas ou quatro rodas, puchadas por um ou mais cavallos, e depois em separado designa—*vehiculos automóveis*. O regulamento de 3 de outubro de 1901 para a circulação de automóveis define-os, e designando-os com o nome de *vehiculos automóveis*, refere-se ás suas differentes espécies.

Vehiculo automovel é tambem, segundo o nosso regulamento, a bicyclete com motor, o tricycle e o quadricycle: ha em Coimbra exemplares de todos êstes vehiculos e sobre nenhum dêlles a câmara fez incidir a contribuição de serviço, o que nós applaudimos e julgamos legal, pelo mesmo motivo que nos fazem julgar illegal a contribuição de serviço, lançada sobre os automóveis superiores aos typos mencionados, contribuição que somente nêste anno foi lançada, apezar de ha muito existirem automóveis em Coimbra.

Pelas considerações feitas, donde se conclue que os *vehiculos automóveis* não estám em lei alguma mencionados, nem explicita nem implicitamente, e para o fim de serem devedores de contribuição de serviço á câmara municipal, esperam os signatários que a câmara, reflectindo e reconhecendo que o imposto é illegal, attenda esta reclamação, restabelecendo a legalidade.

Coimbra, 12 de julho de 1902.

(Seguem as assignaturas)

Ontem á noite deu-se uma explosão de gaz acetylene numa das barracas existentes na Estrada da Beira, onde está uma das chamadas escolas de tiro

Resultou da explosão ficar ferido no naris um individuo de nome Estevam, marido da dona da barraca, Anna Negreiros Azedo.

Dizem nos que a causa da explosão foi o Estevam chegar um phósphoro aceso perto do pequeno gazómetro, quando estavam a carregá-lo para produzir o gaz necessário para a illuminação.

O ferido foi curar-se ao banco do hospital, ficando o tecto da barraca damnificado pela força da explosão, que atirou bastante longe a cúpula do gazómetro.

Gremio Commercial Democratico

Mais uma aggremiação republicana acaba de formar-se em Lisboa; mais um balluarte das liberdades patrias se levantou para combater a monarchia e os seus criminosos processos de governo.

Com o nome de *Gremio Commercial Democratico* fundou-se na capital um importante nucleo partidario, na inauguração do qual estiveram presentes algumas das mais graduadas individualidades do nosso partido, que com a sua palavra quente e persuasiva foram ali affirmar mais uma vez não só os seus principios, mas a sua adhesão a todos os que trabalharem pelo advento dos seus ideaes.

Na sessão inaugural, que teve logar no dia 14 de julho, pronunciaram-se enthusiasticos discursos

Fallaram os nossos correligionários Decio Carneiro, que enalteceu o fim do novo grupo republicano, convidando para a presidencia o sr. Estevão de Vasconcellos. Este produziu um brilhante discurso a proposito do acto que se celebrava e exaltou aquelle punhado de republicanos, que tam dedicadamente acabavam de fundar mais um balluarte para a lucta e concluiu affirmando o imperioso dever que assiste aos republicanos de luctar até ao sacrificio e de resistir até á morte.

O dr. Alexandre Braga, que a assembleia acclamou ruidosamente com vivas e com prolongadas salvas de palmas, pôz em relevo a duplicidade de fins de tam sympathica festa; a commemoração duma fecunda data e a iniciação de trabalhos a realisar em prol dos generosos ideaes que originaram aquella; e, em phrase amarga e vehemente, condemnou a extraordinaria asphyxia de consciencias, que pesa sobre os cidadãos portuguêses. Estám cerceadas todas as liberdades em Portugal! Não e pode fallar; não se póde escrever, não se póde sequer pensar, senão dentro duma esquadra de policia, sob o commando dum chefe!

Seguidamente, e com elevado conceito, tratou o dr. Alexandre Braga da revolução cuja data se celebrava, e terminou incitando os portuguêses á lucta pela reconquista das liberdades.

Heliodoro Salgado, destrinçou elevadamente as incompatibilidades entre monarchicos e liberaes sinceros; accentuou as traições de que tem sido victima o partido republicano português; proclamou a data de 14 de julho de 1789, como a data maior de toda a história humana.

O dr. Manuel d'Arriaga, principiou por sentir que taes arroubos de enthusiasmo não fossem naquelle momento ouvidos pelos devassos e corruptos que estám do alto. Então estes haviam de reconhecer que a ideia republicana em Portugal não está morta.

Em conceituosa divagação o sr. dr. Arriaga definiu o Direito Moderno, fallou da Democracia; rememorou a data da tomada da Bastilha e por último saudou em phrase enthusiástica a inauguração de mais um centro republicano.

D. Angelina Vidal prestou, entre applausos unanimes da assembleia, rasgada homenagem ás qualidades de caracter e de talento do sr. dr. Manuel d'Arriaga. Em seguida congratulou-se pela fundação de um novo club republicano; relembrou o fecundo facto histórico da tomada da Bastilha; deplorou commovidamente a decadéncia duma parte da imprensa; aconselhou a máxima união na defêsa dos sagrados principios da democracia; proclamou a necessidade da educação popular; e por fim encareceu os serviços dos trabalhadores honestos e dedicados da democracia, como Salgado, França Borges, Ernesto da Silva, etc.

Ernesto da Silva que declarou não estarem alli naquella sala republicanos-socialistas ou ainda outros mais avançados; está alli a alma portuguêsa, numa expansão de sinceridade e de crenças. Dai o seu inteiro applauso. Banida a velha rethórica, não ha a fazer, para formar a opinião, senão dizer se o que se sente, e isso basta, para a realisação da melhor das revoluções.

Fez uma rigorosa analyse crítica dos partidos e da sociedade, concluindo que a salvação da nacionalidade portuguêsa, como raça, depende exclusivamente duma mudança de regimen.

França Borges o devotado director do jornal *O Mundo*, fez uma apotheose do data do 14 de julho; definiu o que é e o que deve ser a República em Portugal e concluiu o seu discurso proclamando Liberdade, Egualdade e Fraternidade.

E sobre a palavra enthusiastica e vibrante de França Borges se encerrou a sessão inaugural do *Gremio Commercial Democratico*, que ficou assim definitivamente organisado.

Congratulamo-nos com os seus fundadores, ao lado dos quaes estaremos sempre, para defender a liberdade e combater a tyrannia.

CRECHES

No proximo domingo, 20 do corrente, pelas 8 horas da tarde, ha de reunir-se a Assembleia Geral da Associação das Creches de Coimbra, no salão da Associação Commercial, para serem presentes as contas da Direcção.

Se não houver numero legal de socios, fica a reunião transferida para o domingo immediato, 27, devendo então deliberar-se definitivamente com o numero de socios que apparecer.

BRIC-A-BRAC

Ditos, e Casos Succedidos neste r.º que tem galantaria, e discriçam; e alguns taõbem fôra delle

Offerecendo a rainha D. Catharina ao Veneravel P. Fr. Luiz de Granada o Arcebisp.do de Braga; este lhe deo forçosas razões p.ª o não aceitar, e iuntam.te informações m.to grandes do grande P.e Fr. B.meo dos Martires dizendo, q̃ nelle assentava melhor dignid.e tam g.de A Rainha o mandou chamar, e lhe offereceo o mesmo Arcebp.do

Rezistio lhe o S.to Varam allegando m.tas razões, e desculpas; e entre outras lhe disse: *Que se nam fiasse Sua Alteza das informações, que delle tinha, porq̃ de m.tos as tivera elle tão boas, e melhores, e que depois se vira, que nas dignid.es se mudáram*

Ao que a Rainha prompta, e discretam.te respondeo: *Esses não se mudaram; mas mostraram o que eram.* daram; mas mostraram o que eram.

E com effeito, lhe fez acceitar a dignid.e

O mesmo Fr. B.meo dos Mart.rs custumava dizer de Fr. Luiz de Granada, que lhe botára a braga no pé; pelo successo referido.

D. Joam da Sylva sendo Regedor das iustiças vendo inclinado a El Rey D. Joam III a aceitar de certo criminozo dez mil cruzados p.ª redemçam dos catt.os pela absolv.am de hũ delicto grave, resistio constantem.te dizendo: *Se V. Alteza quer vender a iustiça por dinh.º pode o fazer como Principe soberano, que he: porem não sendo Joam da Sylva Regedor; e assim lhe peço licença p.ª logo encostar o bastam.*

Elrey o ouvio com g.de assombro, e respondeo com igual benignid.e dizendo: *Joam da Sylva, fazei o q̃ entenderês que mais convem ao meu serviço, e á boa administraçam do vosso cargo.*

3 A este mesmo cavolh.º se aprezentou hua provizam vista, e parcendo lhe iniusta, a não quiz admittir.

Replicavão-lhe, que assim o iulgára certo ministro, que era homem de m.tas letras, mas notoriam.te conhecido Por xp.am novo. Respondeo: *Deixai, que esse homem se lho metérem o credo na mam, ha de dizer, que he cazo de revista..*

4 Prezava-se m.to o d.º cavalh.º do tit.º de Regedor, e como tal era de todos antenomasticam.te nomeado.

Disse-lhe hum dia o Principe D. Joam filho del Rey D. Joam III: *Joam da Sylva, dizem me, que tendos feita hũa honorifica capella em S. Marcos de Coimbra.*

Resentio-se o bom velho de lhe faltar o Principe com o tit.º de Regedor, e respondeo: *Senho , para hum fidalgo razo, que nam tem Dom, qualquer couza he muito.*

Teve delle certo fidalgo hua desconfiança; e contando-se lhe, que o tal fidalgo dizia em tom de ameaço, *que ainda tinha em sua caza a lança, com que seus antepassados haviam mortos m.tos Mouros em Africa*, respondeo: *Dizei a Dom Fulano, que se a l nça fora sua, entam entenderia eu, que elle fallava de veras.*

Dom Garcia de Noronha generozo ramo da grande caza de Villa-real era gago, e naturalm.te colérico.

Quando andava preparando a Armada p.ª o soccorro de Dio, foi ouvir Missa a See de Goa.

Cantavão-na os clerigos com m.ta pauza, e porq̃ assim o pedia a Solfa, repetiam os Kirios m.tas vezes: voltou-se p.ª elles m.to agastado, dizendo: *Kirié, Kirié, Kirié* queria eu, que vos fosseis peleijar com os Rumes.

Em hua ocaziam peleiando o mesmo cavalh.º sobre couzas domesticas, começou a gritar diante de sua mulher a senh.ª D. Ignez de Noronha dotada de grande entendim.to e prud.ª, e depois de se esbravejar grande espaço, vendo que Dona Ignez lhe não respondia palavra, rompeo dizendo:

O pezar do gram Turco! não fora eu agora cazado com hua regateira, que estiveramos hum dia inteiro dize tu direy eu: e não como hua mulher tam sofrida, que quantos me ouvem hão de

entender que eu sou o que não tenho razam!

D. Fran.co Coutinho III Conde de Redondo sendo visorey da India, e assistindo hum Dom.go de quaresma na cathedral de Goa, pregou certo relig.o e apertou m.to com reprehensões sobre as faltas de iustiça.

Logo na semana seg.te foram dous P.es da mesma Ordem levar-lhe hũa petiçam de couza notoriam.te iniusta. Pegou na pena, e pos-lhe por despacho: Haia vista o P.e pregador de Domingo, e iunta ao Sermam, torne.

Morrendo certo preto, chamado Joam de Saa (a que Elrey D. Joam III fez m.tas m.ces) de hũa ferida atraz das costas, disse com galantaria o mesmo fidalgo: *Foy dvsgraçado em lhe não poder chegar com a lingoa.*

Nuno da Cunha cavalh.o de illustre sangue navegando os mares da India em hũa armada de q̃ era general; e correndo turioza a tormenta foi advertido, que lhe demorava por proá hũ penhasco, de q̃ era necess.o desviarse: e respondeo irado: *Que quer dizer que me desvie? desvie se o penhasco, que Nuno da Costa nunca se desviou.*

A esta arrogancia desmedida succedeo abrir-se o galeam no penhasco com perda de m.ta gente; e entam, cahindo em si dizia: *Ah Nuno, quem ha de aturar as tuas teimas!*

A rainha D. Maria seg.da mulher d'El-Rey D. M.el foi de grande e excell.te pied.e Pedindo lhe hua vinva; q̃ quizesse interceder com Elrey p.a que lhe perdoasse ametade de hũa divida, q̃ seu marido devia à fazenda real, allegando, q̃ sò assim poderia amparar duas filhas, lhe respondeo a rainha: *E não seria melhor, q̃ El Rey meu Senhor vos perdo asse a divida toda? Ora confiay em Ds., q̃ assim o fará:* e com effeito se fez.

Achando hua ocazião a Elrey enfadado por repetidas supplicas q̃ lhe fazia em materias de pied.e, e que lhe dizia em reposta de hũa: *Senhora não fiz ià tantas couzas, que me pedistes?* A rainha com admiravel Serenid.e lhe tornou, dizendo esta esta sn.a de ouro: *Senhor, os Reys nunca hão de cançar de fazer bem.*

Fran.co de Saa de Miranda famozo poeta cazou com Dona Briolanja de Azevedo senh.a illustre posto q̃. ia entrada em annos. Reparando nesta circunst.a o noivo ap.a vez q̃ a vio que foi recostada a hũ bordam) lhe disse com galantaria: *Castigai me, Senhora, com esse bordam pois cheguei tão tarde.*

Franc.co de Saa de Menezes p.e conde de Matosinhos sendo pagem da campainha d'El Rey D. Joam III, e pedindo-lhe o mesmo Rey hũ pucaro de agoa, elle a recebeo da mam de hua mulher, que servia no paço, e por descuido succedeo tirarse de hua quarta onde tinha estado vinagre rozado. El Rey estranhando o sabor, e sobresaltado por extremo lhe disse: *Fran.co de Saa, que me destes nesta agoa que me matastes?*

Ouvindo o generozo Saa estas palavras, sem responder algua, tomou o pucaro da mam d'El-Rey, lançou a agoa na salva, e a bebeo, e entam disse, e declarou quem lha dera, e conhecido o erro foi celebrada a acçam com merecidos applausos.

Paulo de Parada famozo Portuguez, a quẽ Lour.o Gracian dedicou grande parte das suas obras era tam bem quisto e estimado de todos, e de acções tam medidas, e irreprehensiveis, q̃ certo satirico, e dezidor custumava repetir m.tas vezes: *Que quera eu dizer mal deste homem, e q̃ não tenha que?*

Dom Joam de Souza (filho de Rui de Souza) foi de tão forte pulso, que lhe succedeu por vezes levar a cabeça de hũ touro de hum sô golpe, e por isso lhe chamavam *cabeça de touro.*

Correndo os hua vez em Castella, ao entrar a pé pelo terreiro do palacio lhe sahio hũ de improvizo (talvez disposto assim pela enveia de seus emulos) e levantando a espada lhe levou a cabeça de hũ golpe. Assistia a Rainha Dona Izabel à ianella do Paço neste tempo; e subindo D. Joam à sua prez.a a rainha o começou a louvar com termos m.to encarecidos, ao q̃ D. Joam acudio promptam.te com estas palavras: *Senhora, isso faz ahi qualquer Portuguez.*

Fallando-se em prez.a del Rey D. Joam II nesta mat.a o Rey o louvava m.to e dizendo lhe D. Vasco Coutinho Conde de Borba: *Senhor, sam acertos.* Elrey lhe tornou com semblante carregado: *Sim: mas esses acertos não os veio senão em Dom Joam.*

Menor fugido

Já appareceu o menor que, como noticiámos no número passado, havia fugido de casa da familia, no dia 8 do corrente.

Tendo apenas 10 annos de edade possue já fértil imaginação e desembaraço necessário para se tirar de difficuldades.

Para prova ai vai uma resenha das aventuras do rapazelho, desde que fugiu de casa.

Metteu se debaixo dum banco duma carruagem do comboio e foi até ao Porto; andou por lá *a gosar os rendimentos* e pelo mesmo processo veiu para a Figueira da Foz. Dalli foi a pé para Montemór o Velho, onde o digno delegado da comarca lhe mandou dar de comer, declarando-lhe elle que não tinha pae nem mãe. Pôs-se de novo a caminho e foi ter a Alfarellos, onde o digno inspector do caminho de ferro sr. Motta o recolheu e alimentou.

Pela noticia por nós publicada soube aquelle sr. da fuga do rapaz e por um seu filho mandou acompanha-lo a casa da familia, onde chegou pelas 10 horas da manhã de ante-ontem.

Durou, portanto, a *digressão recreativa* do António da Costa Monteiro, que tal é o nome do rapazello, oito dias, andando durante êsse tempo de combolo, dormindo e alimentando-se, tudo apenas à custa dos seus expedientes.

E' apprendiz de sapateiro e declara, a quem o quer ouvir, que ainda ha de ir para o Brasil, sem pagar nada e sem passaporte, se apertarem muito com elle.

Um verdadeiro heroe de 10 annos, que, se tivesse tanta habilidade para fazer botas e sapatos, como tem para alicantinas e expedientes, vinha a ser o rei dos sapateiros.

O sr. commissário de policia desta cidade, sabendo das artimanhas do rapaz, pediu ao pae para lho apresentar, afim de o ver e prégar-lhe o devido sermão.

Mas para um tal menino, que mais parece já um meninão, nem a grossa correia, com que o pae o costuma castigar pelas suas diabruras, é sufficiente, quanto mais as admoestações do sr. commissário.

Um futuro membro da sociedade da *Boa vida, não te rales & C.ª*, é o que o António vem a ser.

Retirou já para Lamego, terra da sua naturalidade, o sr. dr. Vasco Guedes de Vasconcellos, que este anno concluiu a sua formatura em Direito, e que na mocidade academica deixa tradicção de rapaz de intelligencia e de espirito.

CORRESPONDÊNCIA

Cadima, 13 de julho.

O artigo publicado n'este jornal sob o titulo *A camara municipal de Cantanhede e o contracto das carnes verdes* foi lido com bastante interesse e alvo d'alguns commentários, geral favoraveis, pela importancia do assumpto e pela necessidade urgente de evitar a baixa exploração de que estava sendo victima a maioria dos municipes.

Estranhou se, era de esperar, que alguem se atrevesse a pedir providencias, e alguem, certamente privilegiado, disse, com certo ar de desdem, que o auctor do artigo tinha a pretenção de indireitar o mundo. Terá, mas sempre lhes digo que é utopista.

Se as cousas por Cantanhede correm tam tortas!

Disse um dia, e não ha muito, um influente politico dessa villa, fallando se de irregularidades e abusos consentidos: que ha que neste concelho se não pratique?

O certo é que, pelo menos apparentemente, o auctor não prégou no deserto. O vereador Magalhães Carneiro levantou na camara a questão, pelo que, chamado o arrematante, lhe foi dito estar a camara no firme proposito de fazer cumprir o contracto e não tolerar para o futuro a falta no pezo.

Esperemos o resultado.

— Um outro assumpto, com vista ao sr. administrador do concelho — *a mendicidade* — Em pequeno ensinaram-me que a caridade é uma virtude e que o trabalho é honra. Conservo esses ensinamentos, por isso vejo com despreso, não digo bem, vejo com magua o avarento e com indignação o malandro. Revolto-me contra o que, podendo e devendo contribuir com o seu trabalho para a riqueza nacional, vive da mal comprehendida caridade dos que têem por norma — faze bem não olhes a quem — e muito mais contra a abusiva tolerancia das auctoridades. Podem faltar braços á agricultura, porém o que não falta sam estes parasitas, que a mil pretextos exploram a caridade publica.

Conheço-os com haveres bastantes e com mais forças do que vontade para o trabalho. Como exemplo citarei um visinho que, fingindo-se cego, lá vae pelas freguezias visinhas, tendo por guia um filho, explorar a caridade Como na renda de pedir ninguem perdeu, e o trabalho é bastante duro, passa assim o tempo que lhe resta do amanho das suas terras. Como este quantos?

Será a tolerância consequencia do sentimentalismo?

Não será, sr. administrador, um dever, ao mesmo tempo um bem social, supprimir estes abusos?

Castigar os que erram é uma das obras de misericordia.

— Depois dum periodo de anciosa espectativa, durante o qual se degladiaram os dois partidos rotaticos locaes na nomeação do secretario da administração deste concelho, appareceu emfim o despacho do pretendente regenerador. Foi bem laborioso parto.

A politica sempre tem cousas!...

— Não se ganha para sustos. Na passada quinta feira, pelas cinco horas e meia da tarde, uns tufões dum vento abrazador pozeram em sobresalto muita gente, que se julgava no *fim do mundo*. Afinal só o susto e mais alguma coisa: um grande prejuizo nas vinhas em menos de 24 horas.

C.

Os agricultores e as aves

Ha cinco ou seis annos, no congresso ornithologico de Vienna, o sr. Dustalet, do Moseum, defendeu com eloquencia a causa tam importante quanto sympathica da ave dos campos implacavel inimiga dos insectos destruidores que minam a planta na raiz, atacam a arvore na seiva, o fructo na flôr, a flôr no rebento.

Vamos mostrar como entre esses guardas encantadores das nossas sementeiras, os mais delicados sam muitas vezes os mais valentes, os mais desprezados, os mais uteis e os mais devotados, os mais perseguidos.

Todos os annos, a coruja e o mocho, esses grandes calumniados que mãos estupidas pregam vivos nos portaes das quintas, devoram milhares de morcegos, ratos e de arganazes.

O corvo que tambem não é isento de censuras, inmola hecatombes de gafanhotos e de pequenos roedores, O cuco, tam desacreditado, devora aos alqueires as grandes lagartas aveludadas e com o bico e os pés extingue esse tenebroso malfeitor a lagarta branca.

O pulgão sugador da seiva, esse vampiro das plantas, a cecidonia do trigo e os coleopeteros das ervilhas, encontram a morte no bico da gentil toutinegra. A viva arveloa, amiga dos rebanhos, livra o trigo do terrivel gorgulho.

Se o tordo goloso debica alguns cachos, que o Deus do vinho lhe perdoe porque é elle que defende a vinha do assalto pacifico das lesmas e dos caracoes.

Ao verdilhão, os gafanhotos e os caravelhos; ao tentilhão, as lagartas das couves, os ralos, os besouros: ao rouxinol, as larvas moles e gordas de que elle gosta tanto para refrescar a sua garganta d'artista; ao pintarroxo, a estipula da cevada e a traça dos trigos; á propria carriça o mais pequeno de todos estes guardas campestres, cabases de formigas e de vermes; á andorinha, milhares de insectos que ella engole voando, ao estorninho. emfim, talvez o mais infatigavel de todos estes bicos bemfazejos, uma hecatombe diaria de mais de duzentas lesmas.

Se toda a planta tem a sua chaga que a roe, um insecto que a mata, tem tambem um bom genio que a protege, uma ave que a defende. E quando acaba o dia, o deligente trabalhador recebe como salario, aqenas um grão de milho ou de canhamo que engole fendendo os ares com uma canção.

Que os agricultores tirem desta resenha os insinamentos que ella contém, afim de que não guerreiem aves que tam benéficas sam.

Trad. do *Chasseur français.*

ANNUNCIOS

PARÍS EM COÍMBRA
Nova alfaiateria
DE
J. M. de Vasconcellos
Ex-contramestre da casa Affonso de Barros
Provisoriamente installado na Estrada da Beira, junto ao Gymnásio.
Coimbra

Arrenda-se
No páteo pequeno da Inquisição, uma boa casa que póde servir para celleiro ou para qualquer associação.
Trata se na rua Ferreira Borges, 95.

Figueira da Foz
Aluga-se, agosto e setembro, um 1.º andar, bem situado, confortavel e hygiénico.
Para tratar com João Gomes Moreira, rua Ferreira Borges — Coimbra.

(30) **Folhetim da "RESISTENCIA,,**

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA
DO
CONVENTO

XIII

Ah! dizia elle com uma voz sentida que fendeu muito tempo o echo do caminho, cavado no terreno.

O poney de M.elle de Croisy esbarrára contra um dêstes rochedos á flôr da terra, que sám como que os músculos salientes das collinas, e a pobre senhora foi arremessada por cima da cabeça do cavallo, antes dêlle ter tempo de se erguer. Admirado do accidente, que o livrava de repente do peso da amazona, estacou e ficou parado, sem dar um passo, e com as narinas fumegantes, os olhos girando obliquamente parecia estar á espera que viessem em seu soccorro.

Emmanuel saltára do cavallo, e debruçára-se já sobre Herminie, que perdera os sentidos. Felizmente a queda fôra amortecida pela camada da relva e musgo que ordinariamente fazem um tapete espesso á volta das raizes rochosas; estava estendida de lado, um braço estendido para deante, o chapéu ao pé, metade do rosto perdido na herva, a outra metade velada por uma onda, que se desprendera do seu cabello d'oiro; os olhos estavam cerrados, os lábios pallidos e entre-abertos; o vestido de pregas longas e pesadas, não se erguera, o pé ficára escondido, e a linha do corpo desenhava-se nêlle ondulosa, mas immovel, como a de uma estátua vestida.

—O que tem? perguntou a seu turno Alice, ao chegar, e pegando afflicta na mãos da amiga.

—Espero que será só o choque, mas não sei se depois ficará em estado de voltar a cavallo para o castello.

—E' necessario mandar já lá buscar uma carruagem, repetia Alice, como doida. E não vejo vir ninguem.

No caminho não apparecia, na verdade, nem viva alma daquella filla de pessoas que, ainda ha pouco, desciam para Bernay, e que já não estavam ao alcance da voz.

—Não posso deixá-las sós aqui, em tal situação, fez notar Argouges; se podesse corria até Villy. Olhe em volta.

—Oh! meu Deus! Minha pobre Herminie, soluçava Alice affastando-se.

Escalou o fosso, agarrou se ao tronco duma árvore nova, que nascera no meio da sébe; e pô se a olhar á róda.

Entretanto, Emmanuel, de joëlhos, tinha levantado com o braço as espáduas e a cabeça de Herminie.

—Herminie! Herminie! dizia elle baixo e arquejante.

Um clarão vermelho e vivo de sol poente veiu, como uma frecha, atravez da folhagem, bater nas suas testas que se tocavam. Ella abrira lentamente os olhos. Ao ver Argouges, tam perto della, o rôsto roçando pelo della, fez um movimento secco, como para lhe escapar.

—Herminie! repetiu elle segurando-a.

—O seshor não me ama, disse ella com uma voz fraca.

—Não a amo! replicou Emmanuel, apertando-a contra o peito.

—Não! Não! repetiu ella fazendo um exforço novo para fugir dos braços delle,

—Desgraçada! Adoro-te, disse Argouges.

E com os lábios imprimiu esta phrase nos lábios della, e ella tivera um sobresalto com aquelle beijo...

Alice, desesperada, voltára a si.

—Ninguem! dizia ella, ninguem!

Mademoiselle de Croisy, a quem a chegada de Alice livrára do abraço de Emmanuel, sentára se e reparava a desordem dos seus cabellos.

—Socega, Alice, vou melhor... estou bem. Dê me a sua mão Argouges! accrescentou... Vá! Cá estou a pé, partâmos!

—Mas não, minha querida, tu não podes voltar senão em carruagem.

—Oh! Nunca! E sobre tudo, que nem teu pae, nem tua avó saibam nunca o que me aconteceu!

XIV

O segredo foi bem guardado e Mademoiselle de Villy, com o pretexto da fadiga, encheu de carinhos a sua amiga.

Quaes eram as posições, como teria dito o coronel Lambrune na sua linguagem militar?

Elle? Estava riscado e apagado da vida de Madmoiselle de Croisy desde aquella tarde. Alice? Depois de lhe terem partido todas as esperanças deixára a Emmanuel o cuidado de lhe reanimar todas as illusões. Argouges? Tinha se prostrado deante de Herminie e entre os lábios semi-cerrados insuflára-lhe a palavra que é o mais dôce de todos os juramentos. Mademoiselle de Croisy parecia, pois, ser a senhora de todos e da sua sorte, depois da victória que alcançava sobre Emmanuel, que ficara depois daquelle passeio accidentado o amante de joëlhos, o amante inolvidavel e incapaz de olvidar: o do primeiro beijo.

Oh! aquelle beijo, como lhe ardia deliciosamente sobre a bocca, e como a de Argouges estava penetrada voluptuosamente por elle, no dia seguinte e em todos os mais! Não se atreviam nem um nem outro a misturar os seus olhares, com medo de darem motivo grande de suspeita, nem as suas vozes com medo de confessar tudo. Era necessário um final e Emmanuel percebia-o tam bem como Herminie.

Que havia elle de fazer? A partída e a ausencia pareciam-lhe necessarias para romper com Villy, a quem, apezar da sua franquêsa, não podia confessar ao ouvido os seus novos sentimentos. Por outro lado, havia de abandonar Herminie, que um capricho de Mademoiselle de Fayolles podia rehaver e metter no convento de Bayeux duma manhã para a tarde do mesmo dia. E todavia estava resolvido a deixar Villy pretextando uma viagem de negócio (motivo eloquente para toda a gente de provincia, quer sejam fidalgos quer burguêses) por as suas propriedades dos Calvados.

Mas Villy, disse um dia:

—Boa nova, meu caro sobrinho; o nosso amigo coronel Lambrune, volta esta semana, recebi um carta delle, esia manhã.

E, voltando se para Mademoiselle de Croisy, accrescentou:

—Vai haver novo assalto, mas não nos queixamos.

Não era essa a opinião de Argouges, sobre tudo, quando Herminie replicou.

—Julgava que o sr. de Lambrune havia desposto já as armas.

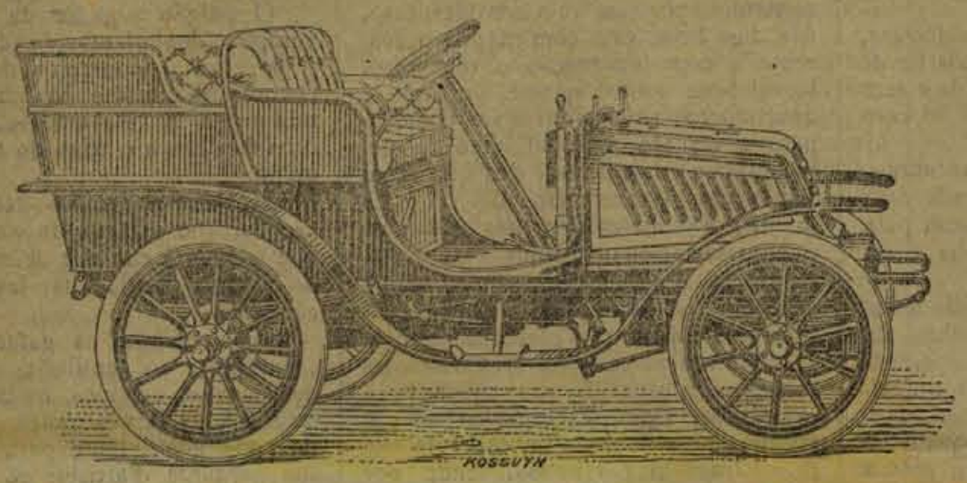
Emmanuel se não estava absolutamente com ciumes de Lambrune, estava pelo menos inquieto. Os namorados têem o dom da dupla vista. Sem desconfiar até onde teria ido o coronel com Herminie, Argouges pensava que aquelle galanteador quinquagenário, ou pouco menos, podia muito bem ter-se influido no jogo, como Emmanuel dissera na primeira tarde, e ter feito brilhar aos olhos de Mademoiselle de Croisy as suas dragonas de semente de espinafres e a sua fortuna duplicada pelas economias do celibato. Outros mais velhos do que elle haviam perdido a cabeça por creaturas menos seductoras; ella, por o seu lado, estava mais do que nunca disposta para o despeito. A ausencia de Argouges não podia ter senão maus resultados para elle.

Um nada, na apparencia, decidiu-o de todo uma manhã a não deixar a praça.

(Continua).

EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

AUTOMOVEIS DARRACQ



Para mostrarmos que os **"Automoveis Darracq,,** além de serem

Os mais elegantes, os mais baratos e os que menos gazolina gastam

Sam tambem

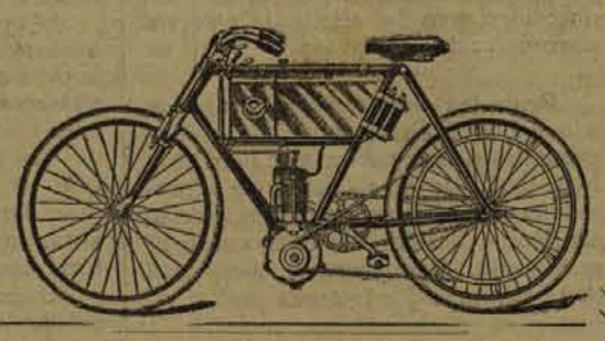
Os mais sólidos e os mais ligeiros

basta ennumerar algumas das suas victórias nêste anno:

1.º prémio na corrida da subida da Turbie
1.º prémio na corrida de Nice
1.º prémio no Circuit du Nort

Nas grandes corridas Paris-Vienna bateu com carros do máximo 24 cavallos as carruagens «Dainler» de 40 cavallos, «Mors» de 60 cavallos e 6 carruagens de Panhard Levasseur de 70 cavallos!! ganhando o 1.º prémio na série de Vaituret; 2.º, 3.º, 4.º e 5.º na série de Vaituret legere e o prémio de classificação geral.

MOTOCYCLETTE "WERNER,,



A **Motocyclette WERNER** de 1 ¾ de força não precisa de reclame, contudo diremos que nas corridas Paris-Berlim, Paris Bordeaux e nas subidas de Gaillon e Turbie, Paris-Roubaire, Nice-Marseille, etc., etc., chegam sempre na vanguarda!

Nas grandes corridas *Le circuit du Nort* e Paris-Vienna quantas *Werners* paruram, quantas chegaram, apesar do grande temporal que fazia!! Dés de differentes marcas que disputavam o prémio nenhuma chegou!!

Recentemente em Portugal o Record Porto Lisboa feito debaixo de chuvr e com estradas em pessimo estado.

Motores Lurquin-Courdet de 1 ¼ cavallo de força applicaveis a qualquer bicyclette.

Adaptam-se na nossa officina e garante-se a sua superioridade a qualquer outro de egual força.

Dos automoveis "Darrac,, da motocyclette "Werner,, e do motor Lurquin & Courdet

Sam únicos agentes em Portugal

LEÃO MOREIRA & TAVARES

Empreza Automobilista Portugueza

COIMBRA

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos,** continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis.**

O proprietário,

José Maria Junior.

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

REWOLVERS

Saint Étienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

Colonial oil Company

AGENCIA DE COIMBRA

Fornecimento de petroleo para revender fóra de toda a concorrencia.

Marcas ATLANTIC, AMERICANO e RUSSO (Luz do Sol.)

Tomam-se encommendas provisoriamente na MERCEARIA LUSITANA, rua do Cego, 1 a 7—COIMBRA

José Marques Ladeira & Fillho

Empreiteiro das Companhias de illuminação a gaz e aguas

Rua do Corpo de Deus, 5

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem se trabalhos fóra da cidade

APPARELHOS BARATOS para Photographia

Camaras para 6 chapas 6,5×9, munidas de boa objectiva e 1 visador a 1$500 réis.

Ditas com mais luxo e 2 visadores a 2$000 réis.

Ditas para 12 chapas 9×12 e 2 visadores a 4$000 réis.

Outras novidades photographicas chegadas agora.

Grande sortido de chapas Scheleumer's, Lumière, Imperial, etc., e papeis albuminado e aristos pelos preços correntes nas casas principaes do genero.

Papelaria Borges

Mêsa rica

Thomás Pombar com estabelecimento de bric-à-brac, tabacos e occulista na rua Ferreira Borges, em frente ao Arco d'Almedina, tem para vender uma mêsa de pau preto e sándalo, com embutidos de marfim e obra de talha. Quem a pretender póde ir vê-la ao seu estabelecimento onde está em exposição.

Emprêsa editora de publicações illustradas

162, 1.º—Rua da Rosa,—162, 1.

LISBOA

Em publicação as obras completas de Paulo de Kock, das quaes está já em distribuição o primeiro volume nitidamente impresso e primorosamente illustrado com esplendidas photo-gravuras.

REDUCÇÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em **ferragens e materiaes de construcção** como em **cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mêsa,** participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quas todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas **compras directamente nas principaes praças extranjeiras e fabricas portuguêsas,** sam uma garantia de que póde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

"SINGER,,

Lembra-se a todas as pessôas que forem a Lisbôa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surprehendente Exposição Fabril e Artistica SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida.

Bicycletes com motor

R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

LOJA DO MINHO

44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48

Deposito das ligitimas machinas **Singer,** instrumentos, musicas, Pianos, Bicycletas, occulos e lunetas.

Casa para arrendar

Arrenda-se uma boa morada de casas, com tres andares e grande quintal, na rua João Cabreira, 21.

Trata-se com seu dono Alipio Augusto dos Santos, rua do Visconde da Luz, 60.

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges COIMBRA

Vende-se

15 reposteiros e galerias;
2 balcões com estantes;
1 armação para escriptorio;
2 portas de vidraça, candieiros e canalisação.

Arrendam se os altos da casa da rua do Visconde da Luz, 103.

Para tudo trata-se na mesma.

JOÃO GOMES MOREIRA

Coimbra

AUTOMOVEIS

A. Darracq & C.ª

Espingardas

VENDAS A PRESTAÇOES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges = COIMBRA

CURSO PRATICO DE Escripturação commercial

Abre desde já, para funccionar em Santa Clara, em dias alternados, das 7 ás 9 horas da manhã, sob a regencia de

M. d'Amaral

encarregando se tambem de balanços para trespasses, concordatas ou fallencias, e de partilhas entre particulares.

Informações podem os interessados obtel-as dos srs. Correia, Gaitto & Cannas, rua do Cego, 1 a 7—COIMBRA.

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 716 | COIMBRA — Domingo, 20 de Julho de 1902 | 8.º ANNO

PARTIDO REPUBLICANO

Póde achar-se desunido por circumstâncias extranhas ao sentir e aspirações da alma democratica; póde mesmo ser tocado do estacionamento em que se encontra a sociedade portuguêsa; mas em nenhum dos seus parciaes, apezar de amargurados e abatidos pelas desgraças da pátria, que a todos pertence o senti-las e chorá-las, jámais se apagou o calor da crença, o sentimento pátrio, a obediência aos sãos principios e a confiança de melhor futuro, o que poderá accender, num dado momento, enthusiasmos civicos para fazer resurgir radiante e imperativo o espirito abatido da nacionalidade.

Gervinus, na sua *História do século XIX*, diz que Portugal levára durante a primeira metade do século dezoito a existência mais miseravel entre todas as nações da Europa.

A apreciação do escriptor extranjeiro, a despeito da sua cruêsa, tem um fundo de verdade. Mas se a nação portuguêsa, rapidamente abatida da sua opulência, offereceu um tam deprimente espectáculo de decadência, o que diria agora em que se arrasta pela suprêma das humilhações e pela suprêma das miséris sociaes?

Os governos baldadamente procuram encobrir os andrajos com que asmolam o crédito malbaratado, os crepes das nossas insígnias, como povo livre, as portas falsas do thesouro, os mil arranjos que a politica partidária encobre, proporciona e serve; emfim, todas as podridões que vam desde o primeiro degrau ao último da constituição!

É preciso que de novo accordem a consciencia nacional e o sentimento de dignidade e do nome collectivo, mais caloroso, mais sincero do que nunca, para uma campanha de salvação pública, que é a ultima a emprehender-se: ou o país se salva, ou o país succumbe; ou córta as podridões com o gladio da sua justiça, ou se amortalha numa ignominia sem exemplo na história dos povos; ou se levanta altivo, impetuoso, resolvido aos heroicos sacrificios das revoluções purificadoras, ou então condemna-se ao abatimento estéril, dando os pulsos á servidão estranha, depois de os entregar ao absolutismo dos seus oppressores.

É preciso agruparem-se, sob o mesmo estandarte de defêsa, todos quantos veneram as reliquias sagradas dum património, que o pôvo não tem procurado manter, e que está prestes a afundar-se com a independência da pátria, fructo desse património civico. É preciso que cada cidadão tenha a altiva consciência do seu valor para a consagração da democracia, a fórmula positiva da redenção dos povos, o ideal em que se condensam todas as aspirações das sociedades.

Todos os successos extravagantes da politica têem a sua causa determinante no systema da *rotação constitucional;* e, ha mais de meio século que o país anda á mercê da singular interpretação da Carta, que, pelo facto de não passar duma velharia em direito público, se amolda ás conveniências dos ousados aventureiros, que têem sabido tirar o melhor resultado de êsse machinismo engenhoso.

Mas o que é certo, é que vamos andando descuidados e satisfeitos, a caminho dum abysmo, cuja profundidade não póde medir-se, e que muita gente julga não póde existir, considerando as palavras de aviso como simples rethórica de pessimistas irrequietos. Os que assim julgam das boas intenções, de todo o sentir de sinceros e leaes portuguêses, embora em minoria pela ignorância do povo sobre os seus destinos, sam os interessados na orgia da governação, em que ha vasos sagrados a professar como no festim de Labinetus, e d'onde ha de saír a tremenda condemnação da nacionalidade; sam os interessados, pela venalidade que o seu egoïsmo suggere, nos processos políticos, excentricos a toda a conveniência honrada, fóra do menor interesse social, que vai pondo o país a saque depois de submettê-lo a uma infame capitulação.

Mas extinguir-se-iam de todo os sentimentos do brio e da dignidade nacionaes que enchem de vibrações intensas, inapagáveis de heroïsmo a história portuguêsa? Não se obliteram as tradicções heroicas, quando essas qualidades sam innatas no carácter nacional, e apenas jazem adormecidas pela acção mórbida duma evolução social eivada de transigéncias e fraquezas.

Mas não ha indifferenças que possam calar um justo e vehemente clamor contra a immoralidade dos partidos politicos militantes, origem única da situação vergonhosa que atravessa a sociedade portuguêsa em que sam postergadas as leis para servir paixões condemnadas e insoffriveis, em que sam calcados os direitos e escarnecidas as liberdades em satisfação dum poder que pede ao absolutismo a fôrça para sustentar as instituições, que já nada têem de liberaes, caíndo na posse de habilidosos e aventureiros, que as impregnaram da corrupção tradicional, rebaixando-a até á ignominia de instrumentos duma politica de caciques.

E' crença geral que não póde prolongar-se por mais tempo uma situação desta ordem, d'onde sahem os mais revoltantes escándalos, as maiores violências ás regalias cívicas, as maiores affrontas á própria dignidade nacional.

E' chegado o momento de se levantar a nacionalidade ou de se afundar para sempre...

A postos! os poucos que ainda têem coração e energia para dar á pátria agonisante.

Declaração necessária

Por trabalhos, em que nos metteu o *Tribuno Popular*, não podemos dar hoje as informações da faculdade de direito. Pódem-se ver na *Folha de Coimbra*, jornal da nossa feição, como diz o *Tribuno*, que é esperto.

A TORRE DE SANTA CRUZ

A recente destruição da torre de Veneza fez-nos lembrar factos, que têem andado esquecidos, e que, por mais de uma vez, têem preoccupado o publico.

A torre de Santa Cruz é uma antigalha, em estado de ruina adeantado, contribuindo pelo seu recorte para o effeito pittoresco do largo da cadeia.

Conservavam a os conegos, como prerogativa singular, e diziam que lhe havia sido dada por D. Affonso Henriques para sua defeza.

Não era alli antigamente o logar dos sinos, e a antiga torre dos sinos do convento ficava ao Collegio Novo, perto da morada de João de Ruão.

No seculo XVIII construiu-se dentro da torre, que hoje ameaça ruina, uma outra, que vem romper superiormente formando campanario. Os alicerces desta torre sam differentes dos da antiga, que a envolve como um estojo, e que os frades conservávam como uma reliquia.

Alem da curiosidade historica, tem a torre apenas o interesse artistico do elegante relogio do seculo XVI, o mais belo exemplar de relogio decorado, que conhecemos em Portugal.

A torre está fendida, e os engenheiros têem dito que não offerece perigo de desabamento; mas o mesmo disseram os engenheiros de Veneza. O estado do velho edificio pede uma vigilancia continuada, que se não feito.

A parte superior, ladeada por quatro pyramedes roidas pelo tempo, deve ser frequentemente visitada; porque a chuva e a geada têem adelgaçado as pyramides, e perturbado as suas condições de equilibrio.

Que se estude o problema, e se proceda á demolição da torre, salvando o relogio, se o estado della assim o exigir.

Depois talvez lá se encontre algum thesouro grande...

Em 1539, em vesperas de nossa Senhora da Assumpção, encontrou um collegial, na torre de Santa Cruz, um grande thesouro em moedas de ouro francezas e mouriscas.

Calou se o collegial com o achado, e houve meio de o pôr fóra do convento para seu governo. Foi porem denunciado a D. João III e ainda se poderam haver do thesouro quinze a desesseis mil moedas douro.

Quando se achou este thesouro, D. Alvaro, conego do mosteiro, de Santa Cruz, que tinha setenta annos de religião, disse que com este sabia haverem se encontrado trez tesouros na mesma torre.

E outro conego tambem muito velho e antigo, por nome dom Andre, disse então tambem que não sabia de mais de dous, o que entam se encontrara e outro, de que elle tivera muita parte das moedas em guarda sendo sachristão. Fôra achado ao pé da torre da parte do meio dia, em uma capella de S Vicente que lá havia e que foi demolida por occasião da Reforma. Nesse logar estava então a escada de pedra por que se subia á torre, e o cano da agua que ía para os tanques.

Talvez se encontrasse outro thesouro agora.

Talvez naquélla torre antiga esteja o segredo do equilibrio das finanças municipaes.

Fez acto do 5.º anno juridico, concluindo assim a sua formatura na faculdade de Direito, o distincto académico sr. Mário Soares Duque, filho do nosso amigo sr. José Gomes Freire Duque.

Ao sympáthico académico e a sua respeitavel familia as nossas cordeaes felicitações.

Partiu para Luzo, com sua familia, o nosso amigo e collaborador Arthur Leitão.

Prelecção

Referindo-se á representação dos proprietarios de automoveis, escreve muito explicado *O Tribuno Popular*:

> ... para louvarmos a Camara pelo seu louvavel procedimento de zelar a arrecadação dos impostos, sem hesitações nem complaçencias para com ninguem, não necessitaremos de insultar nem calumniar os adversarios da Camara nesta questão, nem os conselheiros e defensores daquelles.

Está feita a classificação:

adversarios do *Tribuno*	*Folha de Coimbra*	Conselheiro de automobilistas
	Resistencia	Defensor de automobilistas

Parece uma classificação de pessoal de secretaria.

Que massada!

Nota final.—Escolhemos para a *Resistencia* a qualidade de defensor; o titulo de Conselheiro, em quem assenta bem é no *Tribuno*: conselheiro de Estado e conselheiro de irmandade.

Emygdio desolado

Conta o *Novidades:*

Dizem-nos, e por nossa parte podemos confirmar, que o dr. Leyds, antigo delegado transwaliano nas capitaes européas, tem-se recûsado a conversar com jornalistas.

Tanto fallou, que já não pia...

Pudera!

Não que Leyds sabe, como ninguem, o dinheiro que a Inglaterra gasta com a espionagem...

A junta de parochia da Sé Velha foi na quinta-feira passada aos Paços do Concelho, onde se achava a cámara reunida, por ser dia de sessão.

A junta dirigiu se ao sr. Presidente agradeceu lhe a elle, bem como aos demais vereadores, o terem honrado com a sua presença a inauguração da Sé Velha, dignando se acompanhar o sr. Bispo Conde na procissão em que sua ex.ª levou o santissimo para o antigo templo reaberto ao culto.

A junta agradeceu tambem as mensagens de congratulação que a cámara municipal mandára ao sr. Bispo Conde, e ao sr. António Augusto Gonçalvez, pela cooperação que tinham tido naquella obra de restauração, que tanto honra Coimbra.

Collaboração

Fallando da attitude da *Resisténcia*, deante da representação assignada pelos proprietários de automóveis, escreve irónico o *Tribuno:*

> «...Perante cuja lógica e erudição clínico jurídicas os nossos illustrados collegas parecem terem ficado assombrados, como se fôra obra inteiramente alheia.»

Esta erudição clínico jurídica faz lembrar os conhecimentos pileco-administrativos dos vereadores.

O *Tribuno* estranha que a representação fôsse apenas escripta por uma pessôa só, e allude á nossa collaboração.

Engana-se, collega.

Costumamos trabalhar sósinhos, e desajudados da graça do Senhor.

Emfim, coisas de quem ganha a vida a collaborar na *Revista de Legislação*.

Isso sim, que é rendoso e de pouco trabalho.

BRIC-A-BRAC

Ditos, e Casos Succedidos neste r.no que tem galantaria, e discriçam; e alguns taõbem fôra delle

D. Goncalo Mendez de Souza impos falso crime a sua mulher filha de D. Sueiro Viegas, e de D. Sancha Vermuiz, e neta de hua irmãa legitima del Rey D. Aff.º Henriquez, de lhe haver feito adulterio; e pondo em publico iuizo este delicto, qualificou ella a sua ifiocencia manejando sem lezam hu ferro em braza viva.

Por occazião deste successo, que se divulgou por toda a Christand.e, sahio o Papa Honorio iii com hua prohibiçam daquelle antigo uzo, a qual se contem nas Decretaes.

Ant.º de Saldanha grande Capitão, q̃ foi da India, na volta o despachou elRey com m.cas não vulgares, declarando que lhas fazia por sua vida.

Queixava se elle desta declaraçam dizendo, *que não tinha por merces as q̃ iuntam.vo não erão p.a seus f.os*

Parecia delirio esta queixa, porq̃ era cavalh.e m.to entrado em annos, solteiro, e sem filhos legitimos, nem bastardos: todavia el Rey por socegar a porfia de vassatalo de tantas cans mandou reformar o despacho com extençam das vidas. Eis q̃ q.do menos se imaginava sahio o bom velho cazado com D. Joanna de Mendonça filha de Aires de Souza e della teve bom num.º de filhos.

D. Aleixo de Menezes f.a de D. Pedro de Menezes prim.º Conde de Cantanhede foi de tam grande modestia, e temp.a, que offerecendo lhe el Rey D. Joam III o tit.º de Conde de Villa de Rei, o não aceitou, e a razam, que deo foi: *Que era pobre p.a titulo.*

Lopo Suares de Albergaria governador do Estado da India postoq̃ foi pouco afortunado no seu tempo (porq̃ sucedeu ao famozo Albuquerq̃, e teve algus cazos disgracados) vivendo na Villa de Torres Vedras foy chamado por El-rey á corte, e elle respondeo: Dizei a sua Alteza, q̃ se me manda chamar p.a me cortar a cabeça, que nesta Villa tem pelourinho; se p.a me tomar a fazenda, q̃ lá a tem na Caza da India; se p.a me fazer m.cas, que as escuzo.

A rainha Dona Catharina vendo a El rey D. Joam iii seu marido, resentido por lhe dizerem, q̃ certo fidalgo fallára da sua pessoa com menos attençam, lhe disse estas prudentiss.as palavras: *Nam vos enojeis Senhor, que os Portuguezes dizem mal do seu Rey, e morrem por elle.*

Lourenço Pires de Tavora indo por Embaixador á Castella a estorvar com instrucções occultas a estorvar o cazam.to da Infante Dona M.a filha delRey D. Manoel, e da Rainha D. Leonor, e a divertir o empenho, comq̃ a mesma Rainha procurava, que a Infante fosse p.a sua Companhia, sendo em ocazião m.to instado pelo Emperador Carlos v neste ult.º empenho de ir a Infante p.a sua Maë, e ouvindo, que lhe dizia em tom de ameaço: *Eu sei m.to bem q.tos rios, e q.tas pontes tem o Reino de Portugal;* respondeo com admiravel serenidade, e dezafogo: *Senhor tem os mesmos, que tinha hoie faz tantos annos, tantos mezes, e tantos dias.* E eram pontualm.te os annos, mezes, e dias, que havião passado desde a celebre batalha de Aliubarrota.

D. Affonso de Ataide S.or da Atouguia trazia hua cauza na Relaçam diante do Regedor Joam da Sylva. Encomendou lhe m.to: deo-se s.na contra D Aff.º Mandou lhe dizer o Regedor, que como

Joam da Sylva trabalhara m.to por elle; mas que como Regedor, não pudera obrar de outra man.ra

Custumavam ambos ir a S. Domingos de Lx.a, e outros m.tos fidalgos. O pr.o domingo depois da s.na veyo o d.o D. Aff.o estava îa o Regedor no Coro; entrando o d.o D. Aff.o dice m.to alto p.a o regedor, que estava da outra parte; Bejo as mãos do S.or Joam da Sylva; e m.ta m... p.a o regedor. Sic illa ferebat ætas.

Joam de Saa Panasco dizia q̃ a felicid.e de hu Portuguez consistia destas couzas: Primeiram.te chamar se Vasconcellos; logo ter hua quinta; depois seis centos mil rs de renda; depois ser parvo, e não prestar p.a nada.

D. Martinho P.ra Vedor, que foi da fazenda perguntava a um homem, quem poria em hum off.o da Fazenda? dicelhe q̃ a hu certo.

Respondeo D. Martinho: *Esse não he fiel: melhor me parece fulano* [este era bom homem, mas m.to tolo]: dice entam o outro: *Senhor em hũa horta, quando entram nella, mais dano faz hũ asno, que hum ladram.*

Dizia ao Cardeal Henrique hum Cavalh.o fallando dos P.es da Comp.a [que entam era Ordem vinda de novo a este reyno] *Estes P.es, Senhor, parecem me como aquelles que querem comer hum cardo; Porque?* perguntou o Cardeal: *Porq̃ tiram hũa penca de S. B.to, e lançam-na fora, porq̃ pica; outra de S. Dom.os, outra de S. Fr.co, e assim das mais Ordens, que ficam; e ficam com o talinho que se pode comer com sal.*

Alludindo a que tudo era penit.a e trab.o nas Ordens; e estes faziam a sua de hua vida mais saborosa.

E por aqui fico hoje na transcripção; que não posso achr outra, que mais gosto me dê.

T. C.

Parece que irám recomeçar em breve os trabalhos de restauração da Sé Velha, e que a câmara está disposta, como é de toda a justiça, a ajudar, no que puder, o justo empenho dos restauradores.

A Sé-Velha era antigamente um edificio desaffrontado, rodeado de monumentos funerários, que deram o nome talvez á rua das Covas, alguns razos, outros elevando-se em construcções, que, com o andar dos séculos, desappareceram, mas a que faz allusão frequente o *livro da Kalenda* da Sé de Coimbra.

Ha até processos interessantes, em que os cónegos revindicavam o verem se desafogados, podendo estender a vista até ao rio.

A Sé-Velha era então um edificio bello, duma linha acastellada, erguendo-se altiva sobre um monte que ao lado se despenhava nas fragas de Sub-ripas.

Hoje a Sé-Velha está rodeada de edificações e a construcção viciosa do adro não permitte que o templo se possa admirar no seu conjuncto.

Por proposta do sr. António Augusto Gonçalvez, tenta-se modificar a disposição do adro, removendo a fonte, fazendo um córte nos terrenos, e construindo uma escadaria, com o que lucrará o templo ficar a ver-se desde a base por quem passa no largo.

Bom era que se fechasse o adro de modo a evitar que o templo fôsse deteriorado por garotos e gente de maior edade, que parece ignorar o seu dever.

Ultimamente o adro tem sido bem policiado e a isso se deve o estado de limpêsa em que ainda se encontra.

Se, porém, se descurar a policia, tudo voltará ao antigo; porque o mau hábito está inveterado.

Póneys, automóveis e burros

O *Tribuno Popular* ainda e por último:

«As insidias, como as dos *póneys* e a da *honra e o proveito não caberem num sacco,* de boa vontade as deixamos para os nossos contendores; nem como *brincadeira* nos servem.»

A dos *póneys* é nossa.

Responda collega, responda.

E veja se nos trata mal, para lhe respondermos tambem á vontade.

Que não ha coisa peior do que ter de tratar alguem com toda a consideração e respeito.

Bem basta a estima.

A secularização do ensino

Funda se em que só a educação da familia tem influencia verdadeira sobre o individuo e pede por isso a liberdade de ensino.

Transcrevemos a opinião fazendo notar que admittindo mesmo isso, os paes não têem direito de dar aos filhos uma educação viciosa, que os inutilise ou os torne prejudiciaes para o estado.

D'ahi a affirmação da necessidade da secularização do ensino.

Jacques-Emile Blanche — Fui educado no lyceu Condorcet, no espaço que vai da guerra a 1880. Não creio ter soffrido alli influencia alguma. Nêsse tempo os professores, na maior parte bastante indifferentes, pouco occupados com questões moraes ou politicas, não faziam mesmo allusões á *desforra* — que era a ideia fixa dos Francêses.

Não procuravam dirigir-nos para outro fim que nãs fosse o concurso geral ou o bacharelato. Tive os excellentes e tive-os maus. Um, professor de história, mais tarde deputado, tentou inflamar-nos pelos immortaes princípios da Revolução: o curso dividiu-se, houve ameaças na rua do Havre. — Victor Brochard, em philosophia, tratou-nos como homens e fez muito pela nossa cultura, deixando a cada um de nós inteira independéncia.

Mas, em summa, para os externos, pelo menos, a direcção intellectual era quasi nulla.

Parece que hoje é differente. Os cursos orientados pelo espirito sectário e acanhado da nossa Universidade, quereriam ter tanta influencia sobre os collegiaes e tam apaixonada como a que os padres têem mostrado num sentido opposto. Ora eu conheço familias cathólicas, cujos filhos vam, apezar disso, ao lyceu, e creanças, tambem, que paes anti clericaes confiam a religiosos, mesmo até a jesuitas. Alem disso é raro que estes ultimos não abandonem depressa as ideias de seus mestres, ao passo que muitos alumnos da Universidade andam exasperados pelo humanitarismo vago, e pelo socialismo pedante dos novos normalistas.

Parece, em summa, que toda a pressão revolta os rapazes novos e que o melhor seria instruí los sem opiniões antecipadas. A educação, fóra da familia, não tem a importancia que se lhe attribue. O espirito forma-se muito tempo depois da escóla. Depois de se deixar, não se tarda a contrabalançar tudo o que se aprendeu.

Os paes devem ser os únicos juizes do modo do ensino que convem a seus filhos e seria intoleravel não se lhes permittir educa-los como lhes parecer por padres ou seculares, em instituições particulares ou em lyceus. — Não se percebe bem que homens, que não fallam senão de liberdade e de justiça, possam pensar em restringir a liberdade do ensino.

O NORTE

Deve responder, no dia 28 do corrente, em audiencia de jury, pelo supposto crime de abuso de liberdade de imprensa, o nosso valente collega de *O Norte* sr. Alexandre de Barros.

Não bastavam aos assalariados do governo as succ ssivas apprehensões e vexames que imposeram áquelle jornal, prendendo até alguns dos seus redactores; era necessario mais, era necessario levar ao banco dos reus aquelles que ousaram pelidar pela honra e liberdade do seu pais.

Não será, porem, ainda desta vez satisfeita a sua vingança, porque o julgamento é feito por meio de jury, que de forma alguma poderá dar um veredictum condemnatorio, contra jornalistas que cumpriram o seu dever, accusando os traidores que tentavam entregar a nação aos extranjeiros.

Ainda jury algum condemnou qualquer jornalista, que perante elle fosse accusado por abuso duma liberdade que só existe no nome e para os assalariados do poder.

Certamente essa *glória* não estará reservada para o Porto, cidade fidalga e de nobres tradicções, que as ha de honrar, fazendo uma imponente manifestação de solidariedade aos jornalistas incriminados, perseguidos como se fossem criminosos, por amarem a patria, e dizerem alto a verdade.

Para *O Norte* não é a hora de provação que chega, é a hora da justiça, porque a sentença que o ha de absolver, condemnará mais uma vez os partidos monarchicos de Portugal, e a sua obra desprezivel de interesse mesquinho e odio revoltante.

14 DE JULHO

Data gloriosa, que commemora uma das páginas mais brilhantes da história da Humanidade.

Data immorredoura, que recordará sempre o heroïsmo do pôvo, quando impulsionado pelos sacrosantos princípios da Liberdade.

Dia festivo para todos quantos comprehenderem o alcance e o alto valôr do feito, que assombrou o mundo e servirá para attestar aos vindouros que, acima do direito divino e do direito da fôrça, estám os direitos do pôvo, que tudo derroe e vence, quando a oppressão lhe cerceia as regalias e lhe tolhe as suas aspirações de bem estar.

O pôvo francês, ao derruir as formidáveis muralhas da Bastilha, mostrou que nem sempre a fôrça das armas e o poder dos grandes vence. Os impulsos dum ideia grandiosa, a defêsa dos direitos individuaes, sám bastantes para, em dados momentos, realizarem commettimentos épicos.

Foi desde a gloriosa jornada de *14 de Julho*, que o pôvo se convenceu da sua soberania, d'ai o accender-se êsse facho luminoso, que tem ido alumiando as consciéncias em trevas, apezar dos esforços desesperados da reacção para as conservar na ignorancia.

Assim como o dia 1 de maio é consagrado pelo operariado para recordar a confraternização e a justiça da causa do elemento trabalhador, assim tambem a data de 14 de julho deve ser aquella que todos os amantes da liberdade devem solemnizar, para que se não esqueça a affirmação da soberania popular, única que ha de ficar vencedora, num futuro mais ou menos distante.

Saüdando a gloriosa pátria francêsa, no dia da sua festa nacional, associamo nos de todo o coração ás demonstrações festivas, que cá e lá se fizeram, para commemorar tal data.

A. B.

Fomos visitados por mais um collega intitulado *Unhaes da Serra,* que se publica na terra do mesmo nome do seu titulo.

Vamos retribuir a visita do estimavel collega.

A ultima dêlle

Muitas sám-lhe apenas attribuidas; mas esta é dêlle.

Disse o dr. Assis Teixeira: ham de ser classificados em direito:

1.º anno—Distinctos sem gradação: José Ribeiro Cardoso e Manuel dos Santos Lourenço.

2.º anno—Distinctos sem gradação: Arthur de Moraes Carvalho, Gastão Randolpho Neves Correia Mendes, José Belleza dos Santos e Vasco Borges.

3.º anno—Premio: José Caeiro da Matta.—Accessit: Ruy Ennes Ulrich. —1.os distinctos sem gradação: Alberto Pinto Gouveia, António Francisco Cordeiro, Francisco Correia Pinto, José Bernardo d'Almada e Salvador Manuel Bruno do Canto.—2.os distinctos sem gradação: Alfredo Pinto da Cruz da Rocha Peixoto e Manuel Carreiro do Rego —3.os distinctos sem gradação: António Fonseca d'Almeida Cardoso, António Vianna Ferreira Roquette, Arnaldo de Almeida Vidal, Gustavo de Miranda Martins de Carvalho e Joaquim António Pereira.

4.º anno—1.os distinctos sem gradação: António de Mattos Cid, António de Sousa Horto Sarmento Osório, Francisco Xavier Canavarro de Valladares e José Eugenio Ferreira.—2.os distinctos sem gradação: António Nobre de Mello, João dos Santos Monteiro, Amadeu da Silva e José Francisco Teixeira d'Azevedo.

5.º anno—1.º accessit: Armando Vieira de Castro.—2.º accessit: João Henrique Ulrich.—3.º accessit: José Sumavielle Soares. — 1.os distinctos: Augusto de Castro Sampaio Corte Real e José Maria d'Andrade Saraiva. —2.os distinctos: Albino de Seiça Moncada, António Augusto Pires de Lima, António Cándido d'Almeida Leitão, Humberto Montenegro Fernandes e Eurico do Couto Nogueira de Seabra.

E' os ditos de mais espirito, que s. ex.a tem tido êste anno.

E é dêlle...

O nosso illustrado collega de *O Liberal,* sr. Fausto de Quadros, fez acto do 4.º anno juridico, ficando approvado.

Por tal motivo cumprimentamo-lo.

Tufão

Na sexta-feira passada, depois da 1 hora da tarde, passou por ésta cidade um violento tufão, que amedrontou devéras as muitas pessoas que o presencearam.

Na sua marcha destruidora vários prejuizos deixou, sendo acompanhado de alguns trovões e forte granizo que deu cabo de muitos fructos, derrubando postes telegraphicos, açoitando os milharaes n'algumas propriedades, partindo vidros e fazendo varios estragos de mais ou menos importância.

A essa hora algumas lavandeiras que se achavam descuidadas, cantando, talvez, viram-se e desejaram-se, clamando em altos gritos, vendo a roupa, que tinham a córar no areal do rio, por ares e nuvens, a caminho do Choupal e visinhanças!

A cidade cobriu-se dúma neblina espessa e pardacenta e por vezes o ar era suffocante!

Vinte minutos depois serenava tudo e a chuva acabou deixando uma temperatura própria de estufá.

De noite fuzilavam os relampagos ao longe, para os lados de Santo António, para onde o ar se conservava carregado, mas não cahiu sobre a cidade a trovoada que se esperava.

Na freguezia do Botão, quando uns policias civis ali foram para fazerem transportar para a Morgue, afim de ser autopsiado, o cadaver dum filho do sr. Antonio Pinto, de 10 annos de edade e que morreu afogado num poço, a população oppoz-se, tendo a policia de retirar para não dar lugar a um grave conflicto.

Foi participado superiormente o caso, constando-nos que as auctoridades vam indagar, afim de punir os bellicosos moradores do Botão, que tentaram aggredir os guardas, impedindo-os de cumprir as ordens que levavam.

Subsídios

Em virtude do disposto no artigo 1.º, § 4.º da lei de 14 de maio último, foram concedidos subsídios a vários estabelecimentos pios deste districto.

Coimbra: Misericórdia, 1:471$400 réis; Asylo de Infância Desvalida, réis 524$880; Ordem Terceira, 130$000 réis; Asýlo de Mendicidade, 406$800 réis.

Misericordias, de Arganil, 747$815 réis; da Figueira da Foz, 399$260 réis; de Penella, 32$850 réis; de Soure, 140$400 réis. Ao Hospital da Louzã, 250$200 réis; ao de Montemór-o-Velho, 500$400 réis; ao de Cantanhede, 1:019$000 réis.

O Syndicato agricola de Coimbra procedeu á eleição dos corpos gerentes, sendo eleitos os srs. drs. Chaves e Castro e Maximino de Carvalho para os logares de presidente da assembleia geral e presidente da direcção, respectivamente.

Hoje é a romaria ao pequeno sanctuário de Santa Comba, em Valle Meão, aros desta cidade.

A commissão promotora destas festas é composta dos srs. Joaquim Teixeira de Sá, Joaquim Mesquita, José da Encarnação, Viriato da Costa e Almeida e José Pereira da Motta.

Transcrevêmos o curioso programma das festas.

Dia 19. — A's 8 e pico — principiam as festas fazendo-se ouvir a sineta da capella á chegada do Zé-Pereira da Granja; subindo ao ar uma enormissima girandola de foguetes d'assobio, brilhantissimas illuminações em todas as ruas; — ás 10 horas, mais coisa menos coisa, sahirá proximo da Corrente uma grande flotilha de barcos embandeirados e illuminados, que virám pela Ribeira de Coselhas conduzindo os diversos ranchos de Valle Meão que desembarcarám ao Promotor sendo recebidos pela Cámara Municipal de Coselhas onde seguirám á frente do Cortejo para suas casas; os ranchos dançam até á madrugada num pavilhão-cubata generosamente cedido pelos pretos do Alexandre Horta — Segue-se o tradiccional Banho Santo na fonte onde Santa Comba appareceu e assim terminam muito bem, julgamos nós, os grandiosos festejos deste dia.

Dia 20. — A's... (não se sabe bem a hora) — alvoradas pelo Zé Pereira da Granja, repiques de sineta, foguetes de assobio e salvas reaes pela artilharia da Figueira; — ás 7 (pouco mais ou menos) missa solemne no real mosteiro de Santa Comba; — entre as 10 e as 11 appareceram os judeus de Santo António exhibindo a sua tradiccional Dansa do Rei da Vida; — pela hora de maior calor chegada dos festeiros e romeiros da cidade acompanhados pela musica de Ançã para êsse fim contractada; corrida de bicycletes promovidas pelo campeão conimbricense Manuel Mesquita no hyppodromo de Rangel com permissão do Photo-Vello; — á hora que convier, entrada do Imperador d'Eiras e a sua regia comitiva; arrematação de arrufadas e assim terminará esta grandiosa festa á nossa Santa Comba, que ficará para sempre gravada em letras de ouro, prata, cobre e algum nickel, no coração de todos os romeiros.

P. S. — Se êste programma fôr altarado ninguem tem nada com isso.

Pediu a demissão de professor de lingua allemã, no lyceu desta cidade, o sr. dr. Augusto Barbosa.

Para aquêlle logar foi nomeado o sr. E. Gruneberg, que ha tempo lecciona nesta cidade essa disciplina.

Previsão do tempo

O meteorologista espanhol faz as seguintes previsões com relação ao tempo provavel que haverá durante a segunda quinzena de julho:

De 16 a 18 — Bom tempo. No Levante e outros pontos da península, trovoadas. Ao centro e zonas vizinhas, chuveiros e tempo fresco.

De 19 a 20 — Regimen do oéste e fresco. Em seguida, movimento no Cantábrico e ventos do noroéste e sudoéste encontrados.

De 21 a 23 — Bom tempo e vento noroéste frouxo para mudar para suéste e tornar-se vário.

De 24 a 26 — Regimen do suéste e tempo revolto. A' tarde, calor intenso, ameaçando trovoada,

De 27 a 28 — Vento sudoéste e trovoadas, que se tornam geraes.

De 29 a 31 — Ceu nublado e trovoadas; em seguida, humidade e ventania violenta na Andaluzia, Algarve e Portugal, para terminar com regimen chuvoso e revôlto.

Foram vendidos ultimamente, pela Cámara Municipal desta cidade, mais 4:060 metros de terreno, na Quinta de Santa Cruz, pela quantia de 1:286$685 réis.

Pela direcção geral de instrucção pública foi enviada á reitoria do lyceu de Coimbra a circular seguinte:

«Sendo necessário, como elemento imprescindivel para completa execução dum trabalho sobre instrucção secundária a que se está procedendo nesta direcção geral, que a secretaria desse lyceu forneça diversas indicações referentes a alumnos que têem frequentado o ensino secundário conforme o regimen orgánico regulamentado por decreto de 14 de agosto de 1895, determina o sr. ministro do reino que apenas termine o serviço de exames dêsse estabelecimento mande confeccionar com a possivel urgéncia o seguinte:

1.º — Estatisca numérica dos alumnos internos matriculados em cada uma das classes com a indicação dos que provaram o anno, especificados aquelles que obtiveram as notas que os dispensam do exame de passagem e os que foram admittidos ao respectivo exame com indicação dos resultados respectivos.

2.º — Idem de alumnos externos matriculados em institutos particulares nas diversas classes do novo regimen, relacionando os que foram admittidos a exames e respectivos resultados.

3.º — Idem de alumnos, que frequentaram o ensino doméstico, instruida com os elementos pedidos no número antecedente.

Esses dados estatisticos devem constar de 3 mappas isolados e referentes a cada um dos annos lectivos desde 1895 1896 até hoje, não deixando de serem especificados com clarêsa os elementos respeitantes aos exames de saídas.

O magnifico artigo editorial, que hoje publicamos, é transcripto do nosso illustrado collega *A Voz Publica,* do Porto.

Fez na sexta feira exame de pharmacia, ficando approvado, o sr. Antheiro dos Reis Gomes.

LITTERATURA E ARTE

CARTA

Que me contas da tua felicidade?
Ha tanto tempo já que te não via,
Que o perfume da tua mocidade

Na graça do olhar me não sorria...
Que tens tu feito? O noivo que escolheste
Agrada-te, Morena? Dir-se-ia,

Ai, Santo Deus, que desespero este,
Que tu nunca exististe para mim...
Foges do meu olhar como da peste

Maior do mundo. Pois não ha jardim
Mais florido que a chaga dolorosa
Desta paixão a que eu não vejo o fim.

Teu encovado olhar, minha vaidosa,
Que covas anda a abrir nos corações!
Sepulta essa belleza venenosa

Num verde cemitério de illusões.
Ainda tu não sabes, feiticeira...
Curiosa, não é o que suppões...

Alguma vez será ainda a primeira
Que eu te não declare o meu segredo;
Que afinal o oiro da roseira

Lá vem um triste dia, tarde ou cedo,
Que ha de pôr inveja ao jardineiro,
E á doirado abelha ha de pôr medo,

Como se fosse um ramo de espinheiro.
Eu não te vi. Fui lá para te ver,
A quinta é grande e linda. O derradeiro

Olhar, nunca me ha de esquecer,
Foi para as rosas brancas do portal.
P'lo ceu os astros iam-se a accender,

Quando eu voltei. E as rosas afinal
Não te disseram nada. Tu tambem
Fugias, se me visses. Todo o mal

E' ser longe de ti, 'stando tam perto,
Como as leguas de neve numa estrada,
Como as areias d'oiro num deserto,

Que marcam uma altura agigantada,
Neve que o sol destroe num momento,
Areias que p'lo ar vam de abalada

Na aza negra e célere do vento.

Pedroso Roiz.

Concurso

A administração geral da Imprensa Nacional abriu novamente concurso para o fornecimento de massa para rolos typographicos, que fôr necessaria para os serviços das suas officinas e da Imprensa da Universidade, durante o anno economico de 1902-1903.

O praso termina em 1 de Agosto.

Subscripção

Continúa aberta a subscripção em beneficio do alumno pobre, que nos foi recommendado pelo professor da escola da Sé Nova, sr. Octavio Neves Pereira de Moura.

Transporte do n.º 709..	2$800
José Victorino Baptista.....	200
Somma.....	3$000

Festividade

Nos dias 19, 20 e 21 do corrente realiza-se em Penacova a festa annual de Nossa Senhora da Guia, que êste anno promette ser extraordinariamente animada, se o tempo se não lembrar de vir inutilizar tudo.

No dia 19, haverá, á tarde, procissão conduzindo a imagem nova, offerecida pelo sr. Joaquim Augusto de Carvalho, e, á noite, serenata no Mondego, que terminará com uma marcha *aux flambeaux* no largo Alberto Leitão, onde haverá bazar, danças populares, músicas e grandes illuminações.

No dia 20, festividade de egreja pela manhã, seguida de venda de fogaças. A' tarde, procissão, que será acompanhada pelas phylarmónicas *Penacovense* e a dos *Bombeiros Voluntários de Coimbra*. A' noite queimar-se-ha um vistoso fogo de artificio.

No dia 21, pela manhã, missa e sermão; á tarde, corridas, concurso de ranchos populares, sendo concedidos prémios aos que mais se distinguirem.

Foram concedidos 30 dias de licença ao aspirante de fazenda, nesta cidade, sr. João Marques Correia.

Requesitos para ser bom empregado

A condição mais indispensavel para ser-se bom empregado de commércio é gozar de bôa saúde, sem o que corre descuidado o trabalho, apezar de toda a bôa vontade, pois quem soffre acha se incapacitado para cumprir com as obrigações, que lhe incumbem.

O Ill.mo Snr. António Francisco d'Oliveira, conhecido no Porto como um excellente empregado, esteve ultimamente para parar no seu trabalho. Accomettido com a anemia, á mingua de forças, já desanimado quasi de todo, deveu a salvação a um medicamento, que deveria estar na posse de toda a gente, as Pilulas Pink. Sam ellas, com effeito, o maior inimigo da anemia, que debellam com grande efficacia. Com ellas, desapparece a chlorose, essa doença, que dizima a tantas meninas. Tambem não lhes resiste a neurasthenia, ficam curados os rheumatismos e, emfim, recobram fôrças os fracos, visto que reconstituem e enriquecem o sangue as taes pilulas, que operam curas surprehendentes, de que é nova prova o Ill.mo Snr. Oliveira, morador na rua do Bomjardim, nº 56, no Porto,

«E' com o maior gôsto que lhes participo os magnificos resultados, que consegui com as pilulas Pink. Soffria, já ha muito, de grande anemia e d'uma fraquêza teimoza, que pouco a pouco teve fatal influencia nos meus nervos. Já não tinha forças, e a cada instante, tinha que parar com as minhas occupações d'empregado de Commercio. Lêra nos jornaes numerosas curas devidas ás pilulas Pink. Comprei-as, e os resultados foram tam magnificos, que toda a gente póde vêr que estou hoje robusto e completamente curado.»

Desanimo, cansaço, dôres de cabeça frequentes, falta de apetite, más digestões, somno agitado, folego curto, pontadas, tudo sem socêgo nem remissão. Emfim, sangue empobrecido já não basta para as exigencias do organismo. Eis a anemia bem caracterisada, contra que têem as pilulas Pink tão efficaz acção, que quasi sempre a curam.

.....

A um medico foi confiado o encargo de responder gratuitamente a todas as informações relativas ás pillulas Pink, que forem pedidas aos srs. James Cassels & C.º, no Porto.

As pillulas Pink foram officialmente approvadas pela Junta Consultiva de Saude. Estão á venda em todas as pharmacias pelo preço de 1$000 réis a caixa e 5$000 reis as 6 caixas.

Deposito geral para Portugal, James Cassels & C.º, successores, Rua Mousinho da Silveira, 85 — Porto.

Regressa brevemente a Coimbra o prelado desta diocese, que se encontra nas Pedras Salgadas, fazendo uso daquellas aguas thermaes.

CORRESPONDÉNCIA

Figueira da Foz, 18 - Julho - 902.

Cá e lá más fadas ha, conforme diz um antigo rifão. E eu sou apaixonado pelos rifões, pois os velhos, que os compozéram, tinham mais censo e tino prático do que hoje em dia.

E senão é vêr como os seus conceitos sám apropriados, apezar da invasão da *Arte Nova*, que vae revolucionando as coisas, as pessoas e até o bom senso.

O bom senso! Era optimo quando o havia em abundancia, mas hoje apparece pouco no *mercado* e êsse pouco ainda ás vezes é taxado de ignorância, cobardia, falta de iniciativa e... *muchas cósas más!*

Mas, perguntará o leitor, e com razão: a que vem o tal rifão e demais palavriado d'esta correspondéncia?

Eu lhe digo: o rifão foi por causa das festas do S. João, aqui, e da Rainha Santa, ahi. Dois desastres, dois insuccessos religiosos, dois attentados contra o tal bom senso, de que vimos falando; o palavriado foi para reforçar o rifão e até a paciencia do leitor, para aturar melhor a massada que lhe estou pregando, com esta mal alinhavada obra de fancaria, que se não levar alguma endireitadella do mestre lá de casa, é capaz de saír *bóta*.

Seja tudo em desconto dos peccados, meus e alheios, que não sou soffrego em querer tudo para mim.

Mas, voltemos á vacca fria.

O S. João, êste anno, nésta boa terra da Figueira e circumvisinhanças, não tém prestado para nada. E digo não tém prestado, porque ainda — vão seguindo por êste mês fóra, as festanças em honra do Percursor, pois nas differentes povoações dêste concelho o dia para a celebração das festas do popular santo, não é o mesmo; varia conforme a vontade dos festeiros, que nêste caso são papas, mudando os festejos com a maior semcerimonia.

E cá e lá...

Sám todos o mesmo, ésta raça de festeiros que medram por éssas terras fóra, só com a differença de que os de cá atrazam os dias para as festas do S. João e os d'ahi adeantaram os da Rainha Santa, o que deve collocar em sérias difficuldades o Verdadeiro Borda d'Agua (a viuva), que se vê ás aranhas para marcar no seu *infallivel* os dias certos para as festanças.

No que os *di cá* e os *di lá* acertam bem, é de, com as suas tolices, irem desacreditando as unicas festividades, que tanto interesse davam a Coimbra e á Figueira, tornando-as uma continuação dos *arraiaes*, que se fazem por essas aldeias fóra.

E os forasteiros, que tantas vezes têem sido enganados com mirabolantes programmas, vão-se desenganando e convencendo de que a *phylloxéra* não dá só nas cepas, ataca tambem *os cépos* antigos, que, agarrados ao S. João e á Rainha Santa, como as lapas aos rochedos, ahi se conservam e engordam, talvez para bem da religião, mas com certeza para mal das festas em geral e particularmente da Figueira e de Coimbra.

E' que vivemos núm tempo em que todos se julgam habilitados para tudo, como se dúma pedra se podésse tirar azeite ou de ignorantes ideias aproveitaveis e merecedoras de encómios.

E deixando por aqui as referéncias aos S. Joões cá dêstes sitios, pois para dizer mal bastam os extranhos, não deixarei comtudo a Rainha Santa d'ahi, sem mais uma referencia.

E' que tendo ido aí assistir aos festejos n.º 1 e festejos n.º 2, vi coisas que me desesperaram. Uma dellas foi os festeiros fazerem, debaixo do andor da Rainha Santa, capoeira para arrecadação das offerendas de gallinhas, sendo distribuido pelo festeiro *mais impalpavel* um registo melhor ou peior ao offerente, conforme a gallinha era maior ou menor!

A outra foi a mercáncia que dentro da igreja de Santa Clara se permittiu, parecendo parte da igreja mais uma loja para negócio, do que um templo para oração.

Nem ao menos se respeitou a acção do Nazareno, que expulsou da *sua casa*, os vendilhões, que faziam della logar para negócios!

E com isto termino por agora, mas breve direi-mais de minha justiça e da alheia.

Que a caridade bem intendida por nós deve começar, sem contudo esquecer a do próximo.

COSMOPOLITA.

P. S. O S. João e a Rainha Santa fizeram me esquecer algumas novidades fresquinhas que por aqui ha.

Nem ao menos disse que já por cá andam muitas salerosas espanholas, na praia já se tomam muitos banhos, os cafés já se abriram e a Figueira cada vez mais fresquinha e engalanada para receber os seus habituaes hospedes. Já agora ficam essas coisas para outra vez, pois não perdem por esperar.

ANNUNCIOS

Arrenda-se

No páteo pequeno da Inquisição, uma boa casa que póde servir para celleiro ou para qualquer associação.

Trata se na rua Ferreira Borges, 95.

Figueira da Foz

Aluga-se, agosto e setembro, um 1.º andar, bem situado, confortavel e hygiénico.

Para tratar com João Gomes Moreira, rua Ferreira Borges — Coimbra.

(31) Folhetim da "RESISTENCIA,,

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA DO CONVENTO

XIV

Herminie tinha entrado cedo no quarto de Alice que acabava de levantar se e que, com os cabellos soltos sobre o penteador, começava a pentear-se; Mademoiselle de Villy affastou os da cara com as duas mãos para beijar a amiga, dizendo lhe:

—Tu já? E já vestida?

—Os meus enfeites tiram me tam pouco tempo, disse Mademoiselle de Croisy deitando um olhar melancholico para o seu comprido vestido de lucto. Não achas que o preto me fica mal?

—Põe-te mais triste, mas não te fica mal. Veja menina o monstro que é! accrescentou Alice como uma seriedade prazenteira.

E, pegando na mão de Herminie, levou a para deante do armario de espelho.

—Sim! Bem vejo, replicou Mademoiselle de Croisy, passando os dedos pelo peito, falta me apenas a capa e o crucifixo.

Alice poz se a rir ruidosamente; não sabia como affastar aquella imagem de religiosa que perseguia Herminie.

Depois apressou se a levantar os cabellos e a torcê los.

Durante este tempo, Mademoiselle de Croisy, que tinha ido encostar se ao fogão, mergulhava, com ar distraído, a mão no taça em que Alice deitava, á noite, misturadas as joias que costumava trazer, os braceletes, os aneis, um que lhe viera da mãe, outro que a sr.ª de Villy lhe dera, e os seus broches variados, porque então usavam se ainda a fechar o vestido entre as pontas do collarinho bordado.

A attenção de Alice foi despertada pelo barulho que fazia o ouro mexido pelos dedos de Herminie.

—Meu Deus! Que doida que eu sou! disse de repente. Tenho numa gaveta uma guarnição completa de jaïs; pul-a tam poucas vezes, que me esqueci della. Espera, que te vou enfeitar.

—Não quero, Alice, não quero! repetia Herminie, que corrêra para ella como para a segurar.

—Deixa. Sou eu que quero, e tu não podes recusar-me coisa nenhuma.

Já Mademoiselle de Villy punha uma caixa sobre uma meza, e tirava de lá a guarnição de jaïs.

—Escuta, Alice, continuou Herminie, é talvez muito cedo para um lucto de mãe. Pensa nisso minha cara amiga.

—Não, não ha lucto que prohiba um pouco de jaïs no fim de seis mezes. Venha cá para a tornar menos triste e mais garrida; porque é verdade, e não sei como não vi mais cedo, esse corpete é mais nu, que o de uma religiosa.

Enquanto dizia isto, enrolava á roda do pescoço de Herminie duas voltas de grandes perolas que o pezo e o comprimento do collar faziam descer ate á cintura.

—Agóra um bracelete! Ahi! E, no fim, o broche. Estás linda, como um anjo! exclamou Alice. Olha tu.

E levou-a pela segunda vez para deante do espelho. Esta complacencia, esta generosidade, esta admiração ingenua, tudo isto teria certamente commovido Mademoiselle de Croisy, que era bastante delicada para as apreciar, se não amasse Argouges. Mas a que a enfeitava podia ser amada tambem! Aquelle presente de Alice parecia-se, sem ella querer, como os presentes dos reis, que, em tempo de paz, enviam uns aos outros bellas armas, de que talvez em breve se sirvam para se immolarem uns aos outros.

Quando Mademoiselle de Croisy appareceu para almoçar, Emmanuel ficou impressionado com aquella guarnição de toilette.

Ignorava donde lhe viera: mais suspeitas lhe levantava a causa. Todas as ideias de namorado ciumento lhe trabalhavam o cerebro. Porque razão renunciava Herminie á sua completa simplicidade? Como o fazia ella exactamente no momento em que se annunciava a chegada de Lambrune?

Olhava para ella enthusiasta e irritado ao mesmo tempo. E' que aquelle simples jaïs, aquelle enfeitesito, aquelle nada, dava um brilho novo á sua belleza, e todo o homem cahiria de joelhos deante della para receber como um jugo delicioso d'amor a metade daquelle collar pendente.

Não, não podia hesitar; não partiria!

Para dizermos tudo, é forçoso confessar que Mademoiselle de Croisy, sem pensar já em Lambrune, não se encommodava com que Argouges a accusasse de galanteria por outro; ficava assim com mais força.

Não tinha elle proprio, de manhã, dito depois de almoço, deante mesmo de Alice e do sr. de Villy:

—Prepara já as cadeias do vencido?

E, com um sorriso, cuja alegria falsa não escapara a Herminie, designava o collar.

—Sam bem fracas estas cadeias, sr. Argouges! Mas quem é o vencido?

—Fallo do coronel, respondeu Emmanuel olhando para Villy, a quem o gracejo divertia.

—A derrota, senhor, é para os presumpçosos, e o coronel é prudente.

Aquella resposta não podia socegar Argouges, apezar de Villy accrescentar:

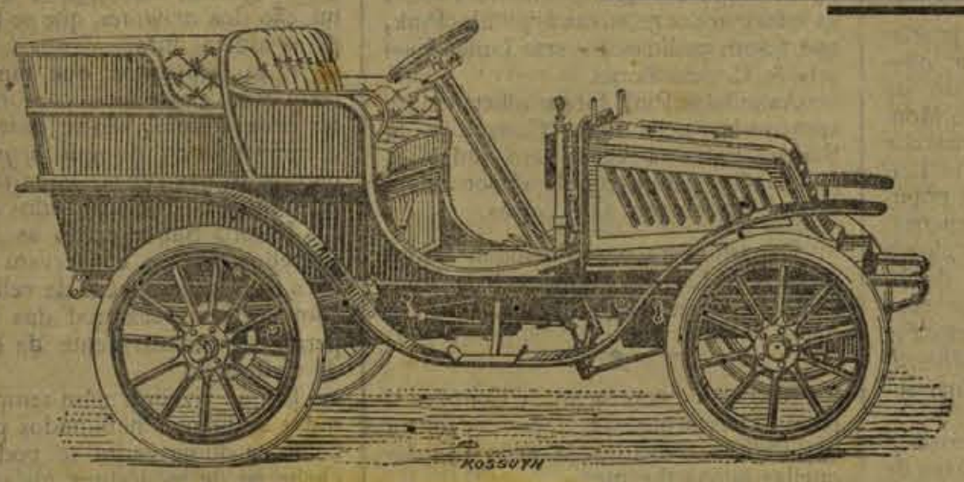
—Esse morre impenitente no celibato.

Emmanuel surprehendera entre Villy e a mãe conversas baixas, que lhe faziam ter medo de que não favorecessem, por interesse por a amiga de Alice, uma inclinação tardia de Lambrune.

(Continúa).

EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

AUTOMOVEIS DARRACQ



Para mostrarmos que os **"Automoveis Darracq,,** além de serem

Os mais elegantes, os mais baratos e os que menos gazolina gastam

Sam tambem

Os mais sólidos e os mais ligeiros

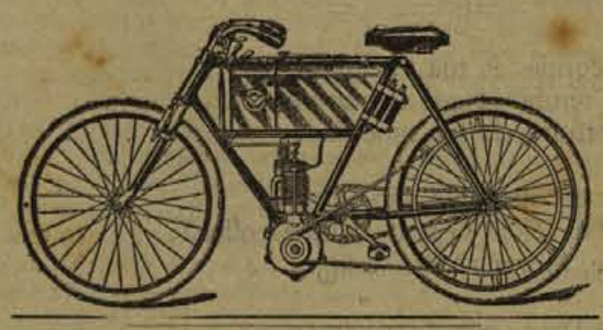
basta ennumerar algumas das suas victórias nêste anno:

1.º prémio na corrida da subida da Turbie

1.º prémio na corrida de Nice — 1.º prémio no Circuit du Nort

Nas grandes corridas Paris-Vienna bateu com carros do máximo 24 cavallos as carruagens «Dainler» de 40 cavallos, «Mors» de 60 cavallos e 6 carruagens de Panhard Levasseur de 70 cavallos!! ganhando o 1.º prémio na série de Vaituret; 2.º, 3.º, 4.º e 5.º na série de Vaituret legere e o prémio de classificação geral.

MOTOCYCLETTE "WERNER,,



A **Motocyclette WERNER** de 1 ¾ de força não precisa de réclame, contudo diremos que nas corridas Paris Berlim, Paris Bordeaux e nas subidas de Gaillon e Turbie, Paris Roubaire, Nice-Marseille, etc., etc., chegam sempre na vanguarda!

Nas grandes corridas *Le circuit du Nort* e Paris-Vienna quantas *Werners* partiram, quantas chegaram, apesar do grande temporal que fazia!! Déz de differentes marcas que disputavam o prémio nenhuma chegou!!

Recentemente em Portugal o Record Porto Lisboa feito debaixo de chuva e com estradas em péssimo estado.

Motores LURQUIN-COURDET de 1 ¼ cavallos de força applicavel a qualquer bicyclette

Adaptam-se nas nossas officinas e garante-se a sua superioridade a qualquer outro de egual força.

Dos automoveis "Darrac,, da motocyclette "Werner,, e do motor Lurquin & Courdet sám unicos agentes em Portugal

LEÃO, MOREIRA & TAVARES — "Empreza Automobilista Portugueza,, — COIMBRA

Colonial oil Company

AGENCIA DE COIMBRA

Fornecimento de petroleo para revender fóra de toda a concorrencia.

Marcas ATLANTIC, AMERICANO e RUSSO (Luz do Sol.)

Tomam-se encommendas provisoriamente na MERCEARIA LUSITANA, rua do Cego, 1 a 7 — COIMBRA

Mêsa rica

Thomás Pombar com estabelecimento de bric-à-brac, tabacos e occulista na rua Ferreira Borges, em frente ao Arco d'Almedina, tem para vender uma mêsa de pau preto e sándalo, com embutidos de marfim e obra de talha. Quem a pretender póde ir vê-la ao seu estabelecimento onde está em exposição.

Emprêsa editora de publicações illustradas

162, 1.º — Rua da Rosa, — 162, 1.

LISBOA

Em publicação as obras completas de Paulo de Kock, das quaes está já em distribuição o primeiro volume nitidamente impresso e primorosamente illustrado com esplendidas photo-gravuras.

APPARELHOS BARATOS para Photographia

Camaras para 6 chapas 6,5×9, munidas de boa objectiva e 1 visador a 1$500 réis.

Ditas com mais luxo e 2 visadores a 2$000 réis.

Ditas para 12 chapas 9×12 e 2 visadores a 4$000 réis.

Outras novidades photographicas chegadas agora.

Grande sortido de chapas Scheleumer's, Lumière, Imperial, etc., e papeis albuminado e aristos pelos preços correntes nas casas principaes do genero.

Papelaria Borges

REDUCÇÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em **ferragens e materiaes de construcção** como em **cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mêsa,** participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quas todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas **compras directamente nas principaes praças extranjeiras e fabricas portuguêsas,** sam uma garantia de que póde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

"SINGER,,

Lembra-se a todas as pessôas que forem a Lisbôa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surprehendente Exposição Fabril e Artistica SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida.

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

CURSO PRATICO DE Escripturação commercial

Abre desde já, para funccionar em Santa Clara, em dias alternados, das 7 ás 9 horas da manhã, sob a regencia de

M. d'Amaral

encarregando se tambem de balanços para trespasses, concordatas ou fallencias, e de partilhas entre particulares.

Informações podem os interessados obtel-as dos srs. Correia, Gaitto & Cannas, rua do Cego, 1 a 7 — COIMBRA.

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:	
Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680
Sem estampilha:	
Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

José Marques Ladeira & Fillho

Empreiteiro das Companhias do illuminação a gaz e aguas

Rua do Corpo de Deus, 5

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

LUCCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

LOJA DO MINHO

44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48

Deposito das ligitimas machinas **Singer,** instrumentos, musicas, Pianos, Bicycletas, occulos e lunetas.

Casa para arrendar

Arrenda-se uma boa morada de casas, com tres andares e grande quintal, na rua João Cabreira, 21.

Trata se com seu dono Alipio Augusto dos Santos, rua do Visconde da Luz, 60.

Vende-se

15 reposteiros e galerias;

2 balcões com estantes;

1 armação para escriptorio;

2 portas de vidraça, candieiros e canalisação.

Arrendam se os altos da casa da rua do Visconde da Luz, 103.

Para tudo trata-se na mesma.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 717 | COIMBRA — Quinta-feira, 24 de Julho de 1902 | 8.º ANNO

A caridade de Sua Majestade a Rainha

E' de costume, ha longos annos, invocar a caridade de sua majestade a Rainha em todas as occasiões da miséria nacional.

Sempre tiveram as soberanas portuguêsas o monopólio da caridade, que o pôvo com uma simplicidade ingénua lhe dá desde a fundação da monarchia, citando os exemplos de D. Mafalda e D. Isabel, cujas vidas andam em histórias, que elle, que não sabe ler, crê e acceita por isso mesmo.

A rainha viuva sr.ª D. Maria era conhecida entre os aulicos da côrte, e os poëtas de aluguer das festas lisboetas, pelo suggestivo título de *Anjo da Caridade*, e assim era tambem designada pela louvaminha da imprensa monárchica.

Era uma instituição régia a caridade portuguêsa, tinha secretaria e tinha um cofre — o cofre dos innundados.

E parecia-milagroso aquelle cofre, donde constantemente se tirava dinheiro, e que estava constantemente cheio!

Cofre maravilhoso cujo dinheiro nunca ninguem poude contar, sempre aberto e sempre cheio!

Com a vinda de S. Majestade a rainha D. Amélia, a côrte ficou sobressaltada; como poderia dar-se a corôa de caridade sem a tirar á rainha viuva?

Contemporizaram, gabaram a graça e a gentileza da rainha nova, e foram deixando á outra a corôa da caridade.

Mas não podia deixar de ser pouco agradavel a falta daquêlle apanágio real á sr.ª D. Amélia.

Foi então que os cortezãos começaram a fallar timidamente da caridade da joven soberana portuguêsa.

O *Século* começou contando as vezes que S. Majestade saía a pé ou de carro para levar escondidamente, sem o suspeitarem suas damas, a esmola á casa abandonada e em ruïnas em que se estorcia a miséria, e morriam creancinhas.

N'isto, como nos outros acontecimentos da côrte, e boas obras de monárchicos em evidéncia, se mostrou sempre o *Século* bem informado, duma reportagem minuciosa e elegante.

Começaram então os partidos da côrte em guerra; os que eram pela caridade da rainha viuva, os que eram pela caridade da rainha nova.

Quando appareceu em Portugal a campanha contra a tuberculose, levantada com tanta energia por Souza Martins, um bello movimento politico poz á frente da propaganda nova o nome coroado de Sua Majestade a rainha D Amélia.

E foi assim que a caridade ficou dividida entre as duas rainhas, e a senhora D. Amélia começou com actividade, colhendo adhesões, que esperavam apenas a occazião azada de se mostrarem, sem comprometter interesses.

Desta caridade régia têem os bandos monárchicos feito a mais sórdida exploração.

Não ha acto ameaçado de uma condemnação, que se não cubra com o manto da caridade real.

Quando um emprezário, falho de expedientes, quer lançar peça de escándalo e pôr-se ao abrigo dos tribunaes e da lei, corre ao Paço, antes que ninguem sonhe a immoralidade revoltante, com que pretende explorar o mau gosto das plateas populares, e offerece a Sua Majestade algumas récitas de caridade.

Sua Majestade agradece, sem saber o quê, e acceita, louvando quem tam expontáneamente se lembrou dos seus pobres.

O emprezário corre a publicar o facto, sacrificam-se dois ditos á censura, e a peça vai, e o escándalo explora-se; porque os monárchicos vêem apenas no acto uma occasião nova de adularem a rainha, curvando-se admirativos e respeitosos perante a caridade régia.

Agora tenta-se o mesmo processo, que até hoje não tem dado resultado que se veja; mas que se annuncia para breve.

O jogo está prohibido. Tem sido longa a campanha, de resultados incompletos, é verdade, mas que teve pelo menos já a vantagem de se vêr condemnar por todos o jogo das mulheres e das creanças, que até aqui era visto sem uma censura, a sorrir.

Diz-se que junto de Sua Majestade a rainha se fazem instáncias para restabelecer o jogo e que se offereciam para as suas obras de caridade, para a assisténcia aos tuberculosos, alguns contos de réis.

E tudo se espera obter assim.

E ninguem estranhará.

E assim conseguem os monarchicos transformar as virtudes dos reis em protectores do crime, assim um regimen transforma a virtude mais alta no crime mais abjecto.

Não é esta a menor condemnação da monarchia em Portugal.

Sorte grande

O *Tribuno Popular* á *Resistência:*

> «Não dissemos, nem sabemos nem tam pouco nos importa saber se a «Resistência» é, ou não, da feição da «Folha de Coimbra», se ganha, ou não, a vida a collaborar no «Movimento Médico» e se essa collaboração é, ou não, muito rendosa e pouco ou muito trabalhosa.

Mas então o que sabem lá no *Tribuno?*

Um dos redactores do *Tribuno* é o sr. dr. António de Pádua, que é tambem um dos redactores do *Movimento Médico.*

E não sabem se nós somos da redacção do *Movimento Médico!*

Esqueceram tudo...

Devem ter dado uma sorte de mil diabos!

Museu d'Antiguidades do Instituto

Deu entrada nêste museu um curioso baixo relevo em pedra representando o Christo crucificado, tendo aos lados a Virgem e S. João nas attitudes de desespero e melancholia caracteristicas dos calvários góthicos.

E' uma obra rude, dum canteiro ingénuo e de pouca educação artística, mas em todo o caso interessante para a história do labor artistico.

Para a secção de olaria, veio um painel de azulejo, que estava num corredor escuro da Imprensa da Universidade, e que foi retirado com cuidado não vulgar.

Está quási sem uma beliscadura, sem uma falta de esmalte, o que é para admirar por quem sabe o que custa a arrancar os azulejos, quebradiços e muito adherentes ás paredes, a que os fixaram. Por vezes é necessário escavar a parede longe da decoração dos azulejos, que se quer retirar, e mesmo assim, quando menos se espera, o azulejo quebra, ou lasca, saltando para longe a coberta esmaltada, e ficando o barro a descoberto.

O motivo decorativo, representa uma cartuche *rococo*, tendo ao centro uma paizagem, porque passa um gaiteiro, á beira d'água, tocando para um casal da outra margem.

E' um bello exemplar talvez da olaria coimbrã do século XVIII, que vem augmentar a já tam rica collecção do Instituto.

Quando foi das obras da restauração da Sé Velha, teve de demolir-se parte do edificio da Imprensa superior ao lanço do claustro posto a descoberto, e por essa occasião poseram-se á vista as decorações de azulejo que guarneciam a sala, representando assumptos mythologicos, dum desenho imperfeito, traindo pouco conhecimento da pintura de azulejos e por isso mesmo bem interessantes para a história da industria coimbrã.

Poucos se aproveitaram, e foram collocados pessimamente na parte restaurada do Paço do Bispo por o sr. Franco Frazão, que disso dará conta a Deus, com outros peccados maiores.

Ha ainda no mesmo edificio alguns azulejos, dum desenho ingénuo e grosseiro; mas que conviria archivar como documentos para a história da olaria e dos costumes nacionaes.

Sam histórias de caças e touradas como o povo as poude e soube.

De reforço

Em reclame ao *Século* escreve o *Novidades:*

> «Reproduzimos do *Século*, por nêste jornal vir mais completa e exactamente referida, a noticia relativa ao abastecimento de carnes.»

Mais completa e exactamente referida...

Faltava saber se que tambem êste estava no *Século!*

Foi enviada para o Instituto de Lisboa a cabeça de um cão que se suspeitava estar atacado de raiva.

O cão, que mordera várias pessoas, apparecera doente, suspeitando por isso os donos, srs. Polaco e Camões, que estivesse hydrophobo, apezar de continuar comendo e bebendo.

Bom era que em Coimbra, como noutros pontos do país, houvesse estabelecimentos especiaes, em que os cães suspeitos de hydrophobos pudessem ser recolhidos e examinados, sem o sacrificio da parte dos donos que os fazem matar para verificar suspeitas.

Os srs. Polaco e Camões, não escondendo o cão e entregando o para evitar perigos maiores, sám dignos de elogio; porque é frequente o facto dos proprietários dos cães suspeitos de raiva os furtarem á inspecção da policia e dos veterinarios, o que constitue um verdadeiro perigo para o publico.

Argúcia do "Tribuno,,

O nosso amavel collega do *Tribuno:*

> «...o conselheiro da irmandade do Santissimo de S. Bartholomeu, que tanto contribuiu para a conservação da «magestosa» igreja do mesmo nome. E' um inolvidavel serviço que a cidade lhe deve.»

Um conselheiro conhecemos nós, foi o sr. dr. Augusto Barbosa, que é collega e amigo lá de casa.

Nós não. Combatemos essa restauração, por o que andamos muito tempo nas más graças dos habitantes da Praça Velha; e por causa do gallo da torre ouvimos ao sr. Soares uma graça que nunca nos esquecerá.

Afinal agora estamos amigos. Perdoaram tudo.

Boa gente.

A «Vanguarda»

Este nosso illustre collega da capital foi ha dias victima dum attentado, que felizmente não teve consequencias graves, mas que podia dar em resultado uma catastrophe enorme.

Um malvado, ou malvados, introduziram uma porção de carqueja molhada em petroleo, junto á canalisação do gaz, dentro do compartimento onde estava o contador, e lançaram-lhe fogo.

Accudiram a tempo vários empregados daquelle collega, que extinguiram o incéndio antes délle derreter a canalisação, obstando assim a uma inevitavel explosão de gaz, da qual não é fácil calcular a violéncia.

Como auctor do attentado encontra se prezo Jose de Judicibus, filho do conhecido Luiz de Judicibus, do *Século.*

Têem sido ouvidas muitas testemunhas, e em virtude dos seus depoimentos vai ser remettido para juizo o indicado criminoso.

Este caso ainda se conserva muito escuro e esperaremos que inteira luz se faça, para então expôrmos desassombradamente a nossa opinião.

Até lá limitamo nos a felicitar os nossos collegas da *Vanguarda* por nada terem soffrido com a tentativa de que foram victimas.

O sr. dr. Anselmo Ferraz de Carvalho foi nomeado lente substituto da secção de sciencias physicas, na faculdade de philosophia.

Falleceu nesta cidade o considerado commerciante sr. José Fernandes Ferreira.

O seu funeral foi muito concorrido, pois o finado era muito estimado.

A sua familia enviamos sentidos pesames pelo doloroso golpe que soffreu.

Insídias do "Tribuno,,

O *Tribuno* insidioso, a vêr se descobre donde soubemos a preciosa informação das classificações em direito, escreve:

> «Referindo-se a estas classificações diz a «Resistencia» que pelo dr. Assis fora dicto que haviam de ser essas. E na redacção da «Resisténcia» tambem ha professores...

Já nos quiz metter na redacção do *Movimento Médico*, agora mette-nos professores na *Resisténcia.*

Mas que mania, filho, de querer por força que a gente acompanhe com lentes.

O **préstito** não é cá da casa.

O ENSINO RELIGIOSO

As opiniões, que a RESISTENCIA *hoje publica, sám pela liberdade de ensino, e contra o regimen do internato, que hoje é condemnado por todos os educadores.*

E' para notar, porém, que a mais sentida, ou antes RESENTIDA *opinião contra o regimen do internato é a de Montesquiou de Fezensac, alumno dum collégio de jesuitas.*

Este facto dá-se sempre: os maiores inimigos do ensino religioso sam os que o soffreram.

Dos grandes homens francéses da litteratura contemporánea, daquelles que, pelo temperamento, pelo sangue, pelo orgulho e pelas altas qualidades de originalidade e de espirito haviam de triumphar da influencia da educação, que receberam, os que mais se queixam da influéncia perturbadora, que teve no livre desenvolvimento das suas qualidades sám os discipulos dos jesuitas e das outras ordens religiosas.

Isto indica o perigo máximo do ensino religioso que vicia até os espiritos de eleição.

Anatole France. — *Em casa delle, toda decorada de santos, anjos de madeira e de pedra, fragmentos de pavimento e toda a especie de attributos de egreja, vestigios das epocas de fé, com a cabeça fina, miuda, coberta com um gorro vermelho evocando a imagem dalgum lettrado da Renascença, dum Montaigne, cujo scepticismo perderia sómente do seu sabôr por não se expandir já no meio do fanatismo, Anatole France torna ainda mais forte esta impressão, baseando a sua argumentação em antigos textos religiosos.*

Fui alumno de *Stanislas*, isto é, não é verdade, que me deselvolvi no sentido contrario ao da educação, que recebi.

Mas este effeito está longe de ter sido geral nos alumnos, porque, em summa, *Stanislas* fabricou sobretudo clericaes, homens de espirito retrogrado. Poderia citar muitos, taes por exemplo: Cazot, Jules Roche, etc...

Perguntamos lhe não é tanto e mesmo mais resultado de temperamento, de caracter, como de cultura e de saber?

A somma da credulidade é quasi sempre a mesma atravez das edades. A nossa physica não é evidentemente a da edade media, e por isso estamos já livres de grande numero de superstições: mas, na metaphysica as ideias mudaram pouco. Assim a descrença não é uma consequencia necessaria da sciencia, porque encontrei um texto dum theologo de 1429 do *Dauphiné*, terra mergulhada então na barbaria, texto que, a este respeito prova muito.

Este theologo constata que muitos doutores daquella região acreditam na existencia de Deus, mas dum modo que equivalle a uma negativa; porque não admittem a intervenção divina nas coisas terrestres; é em summa negar a oração, toda a religião; é o atheismo.

E, em plena edade-media, Abelard, puro racionalismo, não está tam longe de S. Thomas d'Aquino, como Renan poude estar do bispo Dupanloup?

Por isso tudo isto é muito complexo e o nosso questionario, muito difficil, necessitaria de longa reflexão.

Eu escrevo-lhe.

Não recebemos ainda a carta de Anatole France, mas esta conversa, pela sua indecisão e pelo escrupulo, com que termina, constitue uma resposta, que valia a pena publicar.

Robert de Montesquiou.—Passei annos enfadonhos e até crueis numa casa de jesuitas em Vaugirard; não penso que esta agglomeração de creanças e adolescentes sob a direcção de pastores de veste preta e curta offerecesse alguma coisa de mais inutil, mais im-

moral, e mais *cafard* do que o que se vê reunido em qualquer collegio.

Esta forma de educação pareceu-me sempre monstruosa. Os collegios sam penitenciarias. E' abominavel inflingi-las a quem as não merece por qualquer indisciplina bem notavel. Os paes, que escolhem para os filhos taes lugares de reclusão, de sequestração, de deformação, merecem por sua vez o epitheto de desnaturados.

Quero acreditar que as longas semanas sem sahida, os dormitorios sem conforto, a alimentação sem suco, o deitar sem carinhos, o levantar sem cuidados e sem hygiene foram substituidos por tratamento menos barbaro.

Apezar disso, porem, a mudança dolorosa de terra, os contactos hostis, as coisas que se não comprehendem, as perseguições e outros tantos horrores subsistem sem modificação sensivel, sem melhoramento pósssivel. Ha pois ironia em interrogar um homem sobre a especie de *desenvolvimento* que poude valer lhe este systhema de *compra chicos*. Notae que fallo sem fazer distincção de estabelecimentos.

O que se pode responder, é que o espirito de contradição ou de reacção, só por si, pode occasionalmente, dar certos resultados; e que estas difficuldades ou torturas precoces podem produzir caracteres; mas á custa de que soffrimentos e de que irreductiveis cicatrizes contrahidas na origem do sentimento, no começo do pensamento!

O desenvolvimento das faculdades de cada um, o livre vôo das naturêsas, o nascimento expontâneo dos dons, deveriam ser a norma das educações, a verdadeira fórmula do ensino livre. O apóstolo deixou nos a receita: «cada um tem um dom particular, como o recebe de Deus, uns dum modo, outros doutro.»

As necessidades das carreiras que cada um tem de soffrer, o serviço militar obrigatório, restringem e comprimem essa liberdade e reduzem na a specimens mondados da humanidade, que fazem homens como buxos talhados em fórmas de padres ou de soldados, de diplomatas ou de juizes.

Constantin Meunier — Frequentei a escola secular, em que recebi apenas uma educação rudimentar.

Mais tarde enchi o cérebro pela leitura e pelo espirito de observação —animada muito cedo pelo desejo de fazer arte a que me levava a visita frequente dos museus da cidade em que nasci.

Na minha humilde opinião, penso que o ensino deveria ser, primeiro que tudo, dirigido no sentido pratico, só os fortes em themas é que sam a chaga da nossa geração. — Porque é a profissão de artista uma profissão?

E' possivel ser-se artista, «sem o instincto a que coisa alguma pode fazer perder a coragem?»

Partidário da liberdade individual absoluta, sou inimigo do nivel tam caro aos professores.

Depois duma consulta do Supremo Tribunal Administrativo, pelo ministerio da fazenda foi levado á assignatura um decreto, dando provimento no recurso n.º 11:568, em que é recorrente Francisco José Fernandes Costa, presidente da Sociedade Cooperativa dos Empregados Publicos do districto de Coimbra, e recorrido o concelho da direcção geral das contribuições directas.

O recurso referia-se á collecta da contribuição industrial que foi lançada á cooperativa com relação ao anno de 1900, collecta illegal, visto que as sociedades cooperativas só são sujeitas áquella contribuição quando tenham estabelecimentos onde vendam a outros que não sejam os seus associados.

Pelas informações prestadas pelo delegado do thesouro em Coimbra conheceu-se que a referida cooperativa não vende ao publico, mas apenas fornece aos seus associados os generos que lhe são necessarios.

Nos dias 27 e 28 teremos na Mealhada as festas tam concorridas da Senhora Sant'Anna, com duas touradas, a primeira das quaes é promovida por os srs. Augusto Brandão, Manuel Carvalho e Paulo Bergamin, sendo a sua direcção confiada a Manuel Casimiro, e promettendo por isso ser explendida.

De Coimbra ha comboios que dam toda a commodidade para ida e regresso aos que, em tam grande numero, costumam todos os annos concorrer á festa da Mealhada.

Realiza-se por esta occasião a feira annual, sobretudo muito concorrida de gado bovino, e haverá na vespera vistoso fogo de artificio.

SCENA DE SANGUE

Um assassino de 15 annos

A febre dos assassinatos vae se estendendo por todo o país. Já não é só na capital, que as scenas de sangue têem lugar; nas terras provincianas já se usam as navalhas de ponta e mola e se praticam crimes com ellas, em circunstancias bem extraordinarias.

A *Praça 8 de Maio*, ou mais vulgarmente *O Largo de Sansão*, foi o theatro, na terça feira á noite, dum horroroso crime.

Um creancola de 15 annos, aprendiz de barbeiro, de nome Cassiano Augusto da Encarnação, cravou uma navalha no peito do preto Julião da Costa, de 20 annos de edade, creado do quintanista de direito sr. José Correia Nunes Junior, da Ilha de S. Thomé, de que resultou a morte do infeliz rapaz.

Segundo as informações que colhemos, o assassinato deu-se nas seguintes condições:

Indo o Encarnação na companhia de dois rapazes, menores, chamados Salomão Pereira e Salvino de Moura Paes, encontrou na *Praça 8 de Maio* o Julião, a quem trocou. Este, embirrando com a troça, respondeu-lhe torto, tentando dar-lhe uma pancada. O Encarnação, que tinha aberto uma grande navalha que trazia, sem o preto dar por isso, cravou lha no peito e fugiu pela rua Martins de Carvalho acima.

O Julião, vendo-se ferido, entrou na loja do sr. Jorge da Silveira Moraes, e seguiu em perseguição do aggressor durante bastante tempo, até que cahiu exhausto de força pela perda enorme de sangue que soffria, arrancando, com as afflições, a navalha da ferida.

Quando chegaram os soccorros e uma maca para o transportar para o hospital, era já cadaver, sendo levado para a *morgue*, visto no hospital não o quererem receber.

O precoce assassino, depois de dar um rodeio, metteu se em casa e na manhã de hontem, como se não tivesse praticado um crime tam horroroso, foi abrir a loja de barbeiro, onde era aprendiz, na rua Direita, pertencente ao sr. José Dionisio.

Foi ali que a policia o prendeu, por causa de varios indicios que apurou e pelo depoimento dos companheiros do assassino.

Levado para a esquadra lá confessou o crime, sendo removido ontem mesmo, depois de comparecer no tribunal, para a cadeia desta cidade.

O Cassiano é filho de Maria do Nascimento, tendo o pae fallecido ha bastante tempo.

Afim de colhermos algumas informações referentes ao Cassiano, procuramos o seu mestre, que nos disse ser o seu aprendiz bem comportado, nada fazendo prever nelle instinctos sanguinarios.

Contudo o facto dum rapaz de 15 annos ter anavalhado outro, ir para casa deitar-se e de manhã abrir a loja socegadamente, demonstra ou uma inconsciencia enorme ou um revoltante cynismo.

E para nós é mais criminoso, denota peiores instinctos, aquelle que mata com uma faca ou navalha, do que o que pratica o crime com uma arma de fogo.

*

O enterro do infeliz preto realisou-se hoje ao meio dia, a expensas do quintanista sr. José Correia Nunes Júnior, que á beira da sepultura proferiu uma pequena allocução referente ao morto e ao crime de que foi victima.

Que descanse em paz o infeliz Julião, que bem longe da sua terra natal veio acabar a existencia na ponta duma navalha manejada por um criminoso de 15 annos.

Como amostra do desprendimento dos bens terrestre, das pessoas que seguem a vida sacerdotal, eis um facto agora succedido:

Concorreram ao provimento da freguezia de Santa Maria da Murtosa, Estarreja, cuja lotação é de 1:250$000 reis, 42 sacerdotes.

Pois emquanto para tam rendosa freguezia ha pelo menos 42 padres que se sacrificam a pastorear o rebanho catholico existem por esse país fóra, muitas freguezias sem parochos, tendo de ser annexadas umas ás outras, dizendo os sacerdotes duas e tres missas por dia, afim de que tantos centos de fieis não fiquem sem as cerimónias do culto.

Oh! o desinteresse religioso...

Litteratura & arte

ABANDONADO

I

Meu pobre coração abandonado
— Ninho desfeito, sem calor, sem aves!
E' o sombrio tumulo gelado
Das minhas caras illusões suaves,
Meu pobre coração abandonado.

II

Sem crenças, sem amores, sem futuro,
A minha vida é um martyrio lento;
O mundo é pa a mim cruel monturo,
E eu sou, meu Deus, a estatua do Tormento,
Sem crenças, sem amôres, sem futuro.

III

No abysmo da minha alma dolorida,
Neste divino abysmo, não alvora
Um sonho brando, uma visão querida,
Um mytho, um ideal ... nada se inflora
No abysmo da minha alma dolorida.

IV

Eu não tenho um regaço onde me acoite,
Um labio que me beije, um riso, um canto
De uma creança que me affague, á noite...
Ninguem me adora!—Ó bagas do meu pranto,
Eu não tenho um regaço onde me acoite.

V

Desgraça enormel—Sou um Ashavero
Sombra sem corpo, lyrio sem pureza,
Noite sem dia... sou um simples zero
Perdido entre os parceis da natureza;
Desgraça enormel—Sou um Ashavero

VI

Oh! como eu era tão feliz outr'ora:
Jovem—sonhava o mundo Eden infindo;
Poeta—tinha na alma a luz da aurora;
Amante—amava um anjo casto, lindo...
Oh! como eu era tão feliz outr'ora!

VII

Lembro-me ainda dessas alegrias
Da minha infancia; lembro me dos beijos
De minha mae, da escola, das folias,
Desse cardume de leaes gracejos,
Lembro-me ainda dessas alegrias.

VIII

Meu pobre coração abandonado!
—Musculo sem vigor! —hoje é comtudo
O tumulo onde jaz o meu passado,
Amores, glorias, risos, cantos, tudo...
Meu pobre coração abandonado!

MARIO MONTEIRO.

Deve fazer-se hoje a entrega do activo do batalhão da guarda fiscal estacionado em Coimbra, ao commandante da circumscripção do Norte com sede no Porto.

Os officiaes do batalhão retirarám nos dias 1 e 2, bem como as praças, que iram, na sua maioria para Penamacôr e Figueira da Foz.

Os officiaes serám collocados: o coronel na di-ponibilidade em Lisboa, o tenente coronel em cavallaria 9, e o tenente-ajudante em Villar Formozo.

CARTA

Temos, ha muito tempo, em nosso poder a carta que segue, que nos não tem sido possivel publicar, por absoluta falta de espaço.

Vae hoje; porque a julgamos sensata, e por ser a confirmação das queixas que aqui formulamos contra a pessima direcção, que este anno tiveram as tradicionaes festas de Coimbra, queixas que, com prazer nosso, vimos applaudidas pela imprensa de Coimbra.

* Sr. Redactor

Visto que v. ex.ª se tem referido ás festas da Rainha Santa, dizendo muitas verdades, pede-lhe um seu assignante e constante leitor que aponte mais estas:

Não ha duvida que se fez politica com as musicas, preferindo a philarmónica *Figueirense*, por ser progressista, á *Boa União*, de Coimbra, por ser regeneradora.

O fogo d'artificio foi o que ha de mais ordinario, e o mesmo aconteceu com a festa de egreja e ornamentação da mesma.

A procissão parecia um enterro por falta de musicas!

Algumas ruas não foram ornamentadas porque a Mesa da Irmandade não *pediu* mas quiz *impór se*.

A despeza com a música da Figueira foi de 100$000 reis, quando uma música de Coimbra fazia muito melhor serviço por metade do preço.

A' Mesa só conveio a banda regimental e a fanfarra dos Orphãos por serem de graça, e para o serviço pago mandaram vir de fóra uma música por preço excessivo.

A dança do Rei David foi uma palhaçada indecente, impropria dos afamados festejos da Rainha Santa!

No arraial de terça feira no pateo do convento não havia musica talvez por não a haver progressista, mas houve o tal mastro *cocagne* que devia ser prohibido para evitar desgraças.

O facto da festa dêste anno ter sido prejudicada com a chuva deve se a quem se lembron de a fazer 8 dias antes do seu tempo proprio.

De tudo se conclue que a Mesa está a precisar de novos elementos que olhem para isto com mais attenção e cuidado e bom criterio.

UM ASSIGNANTE.

Succursal

Os acreditados canalizadores d'agua e gaz, desta cidade, srs. José Marques Ladeira & Filho, estabelecem, como de costume em annos anteriores, durante a epoca de banhos, na Figueira da Foz, uma succursal do seu depósito, na rua da Bôa Recordação, no estabelecimento que o nosso prestimoso correligionario, sr. João Gomes Moreira, alli costuma ter desde o começo de agosto até fins de outubro.

Na succursal, onde estará sempre pessoal habilitado para executar qualquer obra que lhe seja confiada, encontrar se-ham bicos systema Auer, mangas para todos os bicos, a 300 reis cada uma, lustres, lyras, lanternas, etc.

No Casal de Lãs, proximo ao bairro de Sant'Anna, manifestou se incendio num barracão coberto de zinco, que o sr. Antonio José da Costa ali possue dentro duma propriedade murada.

No barracão vivia um creado de aquelle senhor, suppondo-se que o incendio foi causado por um descuido delle.

Os prejuizos foram pequenos, sendo o fogo extincto por varias pessoas que ali accorreram, quando foram soltados os primeiros brados de alarme.

Compareceu material dos bombeiros voluntarios e municipaes, trabalhando apenas uma bomba, algum tempo, no rescaldo.

O incendio teve logar pelas 10 horas da manhã, de terça feira, comparecendo uma força de policia e o vereador do pelouro de incendios.

A policia trouxe prezo um dos que mais trabalhou na extincção do fogo, Cezar dos Santos, creado do sr. dr. Bazilio, apenas por extranhar que o pozessem fora brutalmente do local, onde tinha prestado com tam boa vontade os seus serviços.

E' certo o rifão: — *Por bem fazer, mal haver,* — e o mal nêste caso proveio lhe do cabo 12.

O Cezar já foi solto.

Subscripção

Continúa aberta a subscripção em beneficio do alumno pobre, que nos foi recommendado pelo professor da escola da Sé Nova, sr. Octavio Neves Pereira de Moura.

Transporte do n.º 716..	3$000
Somma.....	3$000

E' de grande conveniência obstar a que o carro da padaria militar, não ande em grandes correrias por várias ruas da cidade baixa, com especialidade, afim de se evitarem desgraças pessoaes.

As ruas sam estreitas, o carro é enorme, sendo o perigo grande, e o tomar providências é enquanto não ha sinistros a lamentar.

Que não succeda mais uma vez virem as providências só depois dos desastres.

Já foram assignados os decretos nomeando para o logar de lente proprietario da cadeira de desenho annexa á faculdade de philosophia, o nosso distincto correligionario sr. Antonio Augusto Gonçalvez e para o de lente substituto da faculdade de direito, o sr. dr. Joaquim Pedro Martins.

Continuam os exames de sargento em infantaria 23, sendo o jury formado pelos srs. majores Barbeito e Costa, capitães srs. Freitas e Noronha e tenente-ajudante.

Foi declarada abandonada a mina de chumbo de Murcellão, na freguezia da Cortiça, Arganil.

BRIC-A-BRAC

Ditos, e Casos Succedidos neste r.no que tem galantaria, e discriçam; e alguns taõbem fôra delle

O Bp.º de Portalegre D. Joam da Sylva fallando do Bp.º de Coimbra D. Affonso de Castello branco dizia: *Este Bp.º deve ser o maior homem do m.do porq̃ diz q.to cuida e faz q.to quer; e não sam couzas m.to màs; mas se eu as dicesse, ou fizesse, haviam de me apedreiar.*

Ambrósio Rodriguez moço da Estrib.ª del Rey D. Joam III, acompanhava o de noite: e q.do encontravam alguns mais que elles, queria El-Rey tomar por outra rua, por senão dar a conhecer. Elle dizia, q̃ não, que logo os faria esfuziar, e q̃ por ali haviam de continuar o seu cam.º Entam dava dous passos adiante arrancando a espada, e chegando-se a elles de mais perto, dizia lhes em voz baixa: Que vinha el-Rey ali. Retiravão se os outros, e elle hia blazonando de valente.

Hum embaixador de França, q̃ se se chamava Honorato, e residio m.to tempo neste reino, onde morreo m.to velho, dizia, que se el Rey de Portugal tivera seis naos da India tão boas como a sua taça q̃ seria sem duvida o maior monarcha da Europa. As condições de taça eram estas *A minha taça* [dizia elle] *cada meya hora faz mais de dez viagens: na minha taça não entra agoa nenhũa: a minha taça nunca está sem carga.*

Passando certo M.º por hũa rua vio, que hũ discip.º seu estava á porta de hũa taverna, e retirando-se este mais p.ª dentro por não ser visto, chegou se o M.º, e disse lhe: *Q.to mais vos escondeis, tanto mais vos meteis na taverna.*

A Ant.º de Saldanha grande cortezam, embax.dor de Portugal na corte de Carlos V succedeo q̃ q.do lá chegou o Duque de Alva D. Fern.do, o qual naõ vizitava a os embaixadores, o quiz visitar a elle por parente de Ruy Gomez, mas de tal man.ª, que naõ parecesse visita; e mandou-lhe dizer, que ia jantar com elle. Esperou o Ant.º de Saldanha com m.ta festa, e deo lhe hũ jantar esplendido. Quando se quiz ir, acompanhou o athe a porta, e disse lhe, *V.ª Ex.ª me fez hũa g.de m.ce e honra; e eu por tal a tenho; mas isto naõ foi visita, nem por tal a recebo.*

Dizia depois o Duque, q̃ nunca homem algũm o cortára como aquelle.

Murmurava-se de certo lente da Univ.de de Coimbra de q̃ attendia pouco á obrig.am da sua cad.ra, e chegando lhe isto á noticia, disse: Que fizessem outra de Matinas, e entam leria melhor, que q.to a de Prima iâ a tinha, e sabia m.to bem como a lia.

A certo cavalh.º illustre deste reino, que não pestava se nam p.ª a guerra, disse sua mulher depois de algum tempo de cazada: *Anday anday; ide que vos untem e que vos ponham no armasem.*

A hum fidalgo, que se cubrio nas costas del Rey D. Joam II disse el Rey: *Olá, adverti que os Reys naõ tem aveço.*

A um frade cruzio temendo o accidente de cahirem nos dias das suas brevias, e quintas alguns dias de ieiũm, fez este ordinario — *Notanda super ieiuniũ. Si in hebdomada recreationum evenerint tria ieunia | quod Deus avertat | de primo nihil est faciendum. De secundo comemoratio tantum, tertium transfertur in hebdomadam sanctam.*

O mesmo custumava dizer: *Si concurrerit dies itineris cum die ieunii, totũ de itinere, nihil de ieiunio.*

Hum Judeo, que foi ao sabb.º á Sinagoga estando iá p.ª se baptizar no dia seg.to disse á Rainha, que disso o reprehendia: «Que não era elle homem, que houvesse de estar hum so dia sem lei.»

Em Lx.ª vendo certa pessoa q̃ alguns medicos andavam a pé, e os mais a cavallo, disse, *que isto era, que p.ª q̃ a os q̃ escapassem dos de pé, matassem os de cavallo.*

Por aqui fico.
Não ha ninguem mais generoso.

T. C.

CARTAS DA GUARDA

21 — VII — 902.

No sabbado 19 abalámos de Coimbra para esta terra, que dizem ser dos 4 ff; — *feia, fria, farta* e *falsa*. O exame minucioso das suas qualidades não nos deixa, por enquanto, confirmar-lhe o titulo, porquanto apenas encontramos um dos quatro ff, o que diz respeito á fealdade.

Frio nenhum ha nêste momento; embora já nos principios de junho, tivessemos encontrado aqui uma inverneira mestra, que suggeriu a um amigo nosso o bello dito de que: — *o inverno viera passar o verão á Guarda*, topamos agora com magnifico tempo, e uma excellente temperatura, excellente sobretudo para nos que vinhamos corridos d'ai por um calôr de mil demónios.

O *F* da fartura, falta por completo, pelo menos nêste cantinho da Guarda, que habitamos, um hotel onde se passa muito mal; e com respeito a falsidade, nenhum mais encontramos do que a do referido hotel, que é falsa e má como Judas.

Uma das coisas que mais nos surprehendeu, por occasião da nossa chegada, foi a maneira porque nos observaram.

Logo ao entrarmos no hotel, o José, um criado cá da casa, todo *liró*, que foi soldado de cavallaria e que entrou em ennumeras campanhas de amôr, mirou-nos de alto a baixo, fixou nos attentamente, de olho carregado, e pespegou-nos logo de cara a pergunta: — *Veem consultar o dr. Lopo*? A' nossa negativa restolgou forte, como se o tivessem alliviado de uma grande carga, e explicou-nos então, que não poderiamos ficar no hotel, se viessemos á consulta, porque assim o mandava o regulamento de sanidade. Bem entendido!

Satisfeito por nos haverem dado carta limpa, rompemos á tarde, pomposamente, em visita á terra, mas desde as meninas das janellas, até aos caixeirotes, das lojecas da rua, todos nos deitavam cada olhar de compaixão que era mesmo de nos pôr mais tristes que as tardes das novenas.

Pois se ainda tam novos e tam lindos (modéstia áparte) andavamos minados pela tuberculose e traziamos comnosco o triste estygma da fatal moléstia!!

O meu companheiro, um rapagão fortissimo e são, incommodou se tanto com o caso, que últimamente já não queria saír do hotel, sem que tivesse descoberto um meio de mostrar a toda a gente a sua excellente saúde, e agradecer os olhares de compaixão que lhe deitavam com attestados eloquentes uma saúde para dar e vender.

Eu, coitado, fechado nêste meu arcaboiço franzino, pállido e mirrado por uns poucos de mêses de trabalho insano, resignei me e, acceitando o papel que me distribuiam, segui a ver o burgo, embora sempre envolto nas pregas dos olhares tristes de quási uma população inteira.

Terra feia, feia a valer, esta; mas Sé linda a valer, tambem não ha duvida nenhuma, que é a de cá. E tanto e assim que eu extasiado deante do portico principal, e depois ao longe, mirando-lhe o recorte das agulhas e corucheus num azul soberbo de um sol de verão, senti quási remorsos de ter alcunhado de feia a Guarda, e saccando cathedraticamente o lápis do meu bolso, risquei na minha carteira, que é como quem diz a minha caderneta, o *F* enorme de fealdade e puz adiante da Guarda, um enorme *B*. Se fôsse o Quim cu o António Augusto davam lhe um prémio.

Mas agora, meus amigos, fiquem-se com esta, que não quero ser massador, e tenho que almoçar.

22 — VII — 902.

A Guarda é d'ordinário, uma terra socegadissima, com ruas muito limpas, mas muito sós. Aqui na rua onde moramos, uma das principaes, contam se muito bem, mesmo sem as ver, as pessoas que por aqui passam.

De vez em quando um sapato ferrado, umas chinelas, uma bota borocrática, um passo apressado, outro vagaroso, outro coxeante, etc. quebram o silencio do nosso quarto.

Deitado na minha cama, chego me a divertir contando as pessoas que vão na rua, pelos passos que ouço, e procurando advinhar lhes a qualidade pela sua intensidade e rythimo.

E' um divertimento innocente, que lembra um pouco aquelle outro a que a gente ordinariamente se entrega, nas horas de ocio e de calor, seguindo, nas suas correrias, as moscas, que em voltas caprichosas, ora subindo ora descendo, ora beijocando se, andam na athmosphera do nosso quarto.

Apesar, porém, do seu costumado silencio e socego, a Guarda tambem tem os seus dias de animação. Sam os domingos, os dias de repouso das outras partes. Nestes dias povoam se as ruas com ranchos de camponezes das cercanias, que veem fazer as suas compras.

Os ranchos passam constantemente pelas ruas, e cantando umas toadas tristes, prepassam a miudo para o mercado e para as ruas do commercio. Ha nalguns dos cantos coraes desta gente, qualquer coisa que me lembra as *muñeiras* da Galliza. O canto vem arrastado, religioso, melanchólico, ás lufadas, como arrancado dos tubos de um orgão, ou do ventre de uma gaita de folles; e no meio da massa principal dos graves, destaca-se sempre uma nota estridente e irritante de uma voz esganiçada de mulher. Toda esta gente traz, de ordinario, trajos escuros de serranos, e, coisa curiosa, tudo bem calçado. As mulheres do campo, que nas outras partes andam quasi sempre descalças, aqui andam todas de sapato e meia; mas é preciso dizer se que este luxo desapparece mal deixam a cidade, porque então, sapatos e meias vam fóra, e os pés descalços começam a palmilhar a poeirenta estrada de *mac adam*.

Na Praça, em frente da Sé, encontrei tambem muitos ranchos, mas ahi já a maldita *accordina* marcara o *batuque*, sapateadinho, repenicado, e dançado á maneira de uma polka.

Num canto da praça vi eu um *matulão* tocando o fado numa flauta rude, enquanto que as mulheres acompanhavam cantando uma moda daqui, que não se casava nada com o rythmo da múzica do tocador.

Ao domingo, ha cá tambem múzica no Jardim. A mesma coisa que noutras terras. Grupos de meninas chilreando, e deitando as suas quentes miradas aos rapazes que as cortejam; gargalhantes grupos de janotas, pavoneando-se e galanteando; pezados pelotões de pessôas graves e circunspectas arrastando se pachydermicamente; e apenas como nota original, um ou outro grupo de tysicos, muito tristes, sentados, ou encostados melancholicamente aos troncos das árvores, conversando muito baixinho, e casquinando de boccado a boccado uma tosse secca e impertinente.

O *domingo*, em última anályse, é o melhor dia da Guarda, principalmente quando ha bom tempo.

Avisem disto os *touristes*, que para cá venham.

C. F.

Bico systema "AUER,,

José Marques Ladeira & Filho, participam aos seus amigos e freguezes que mudaram o seu estabelecimento para a Praça 8 de Maio, n.º 4, junto á egreja de Santa Cruz.

Está a concurso o provimento das igrejas da Senhora da Assumpção de Avô, Oliveira do Hospital e Santa Cecilia de Bemfeita, Arganil.

Foi concorridissima, tanto de pessôas desta cidade, como do logar de Cellas, a romaria á Santa Comba, de Valle Meão, que teve logar no passado domingo, e que tam gratas recordações deve ter deixado ás pessoas que foram gosar alegremente a bella tarde de verão que alli se passou.

E é de notar que numa romaria aonde concorreram proximamente duas mil pessoas, não houvesse a mais pequena desordem como é de prever em romarias.

Devem estar satisfeitos os promotores daquella festividade pelo bom êxito que obtiveram e a que enderessamos os nossos parabens por nos proporcionarem uma tarde tam agradavel.

PUBLICAÇÕES

Contos Christãos. — O livro que acabam de publicar os acreditados editores srs. T. Cardoso & Irmão, de Lisbôa, é uma das obra mais curiosas de Theodoro de Widezwa que põe nos seus escriptos toda a subtileza dum christão convicto e combatente.

Sam duma grande simplicidade, sem a complicação romantica de Sienkiewicz, sem o requinte artistico e dilicioso de Anatole France.

A moral é toda christã contra a vaidade da educação, a ambição da sciencia, as illusões do desejo, o orgulho da carne e do espirito. Como, faz notar numa critica desta obra, Arnauld, o auctor prega a pobreza do corpo e do espirito, a santa caridade, a sã ignorancia: «A doutrina de Jesus, diz elle, é o unico systhema que um sabio pode admittir. Só ella, com effeito, se dirige á razão apenas para as materias que sam capazes de ser discutidas pelo raciocinio, quer dizer, as que dizem respeito á conducta pratica da vida; impondo para o mais uma serie de mysterios, em que basta acreditar. Os homens podem ser felizes em todos os logares, basta adormecer os cerebros para ter espertos os olhos e o coração.»

Tudo isto é exposto duma forma dogmatica, sem a sombra duma contradicção, em contos que se leem com agrado, sem preoccupações d'arte ou de sciencia.

A Morte dos Deuses — Na collecção da *Bibliotheca Horas Romanticas* acaba a Secção Editorial da *Companhia Nacional Editora* de publicar este celebre romance do grande escriptor Polaco D. Merejhonsky que tão grande celebridade tem adquerido no extrangeiro.

A Secção Editorial, depois de já ter publicado n'esta economica collecção, o celebre romance «Quo Vadis?» de H. Sienkiewicz; «Vida de Lazarilho de Tormes,» de Mendoza: «Eulalia Pontois», de Soulié; «Amoreira Fatal,» de Berthet; «Senhor Eu de S. Farina, «O Fogo de Gabriel de Anunzio, «Carícias d'uma Noiva», de B. Biornson; «A palavra de soldado,» de G. Eluvalh: «A Pelle do Leão,» de C. de Bernarde; enriquece a Biblioteca Horas Romanticas com este soberpo romance.

Quem leu o «Quo Vadis,?» deve adquirir tambem este bello romance, onde o seu auctor nos descreve n'uma linguagem pouco vulgar as grandes luctas dos propagadores do christianismo na edade-media.

Cada volume d'este romance do qual o primeiro já se encontra á venda, pode obter-se como qualquer dos romances d'esta collecção pela modica quantia de cem reis.

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, L. do Conde Barão, 50, Lisboa, ou á sua agencia no Porto, L dos Loios, 47-1º ou ainda aos seus correspondentes na provincia.

Domingo Illustrado. — Com o 5.º volume que a empreza editora d'esta obra traz em distribuição, fica concluida esta interessantissima obra.

O *Domingo Illustrado* é por assim dizer uma compilação da historia patria em retalhos, referindo-se a parte com que contribue cada concelho nos grandes factos da historia nacional. Remontado á origem dos mesmos concelhos, e de cada uma das suas cidades, villas e parochias mais importantes, encontra-se n'esta obra noticias mais ou menos desenvolvidas da sua fundação, successos mais notaveis em cada uma occorridos, brazões de armas (das que os possuem), lendas locaes, tradições que as acompanham, usos e costumes singulares ou caracteristicos, crimes celebres e muitas outras notas relativas a cada localidade.

Emfim é uma obra util e intressante que todo o estudioso e amador de bons livros deve possuir nas suas estantes, pois se não é um trabalho completo, em absoluto, é o mais completo que hoje existe e em todo o caso de muita instrucção.

Os pedidos devem ser dirigidos a A. José Rodrigues, rua de S. Mamede, 111 (ao Largo do Caldas), Lisboa, sendo o preço por cada volume 800 réis.

Para formarem a commissão executiva de conselho districtal de agricultura, que já está installado, foram nomeados os srs. drs. Francisco M. da Costa Lobo e Francisco B. Mendes da Cruz.

Foram concedidos 30 dias de licença á professora official de Foz de Arouce, Louzã, D. Virginia Elyseu.

ANNUNCIOS

Arrenda-se

No páteo pequeno da Inquisição, uma boa casa que póde servir para celleiro ou para qualquer associação.

Trata se na rua Ferreira Borges, 95.

Figueira da Foz

Aluga-se, agosto e setembro, um 1.º andar, bem situado, confortavel e hygiénico.

Para tratar com João Gomes Moreira, rua Ferreira Borges — Coimbra.

PARÍS EM COÍMBRA

Nova alfaiateria

DE

J. M. de Vasconcellos

Ex-contramestre da casa Affonso de Barros

Provisoriamente installado na Estrada da Beira, junto ao Gymnásio.

Coimbra

(32) **Folhetim da "RESISTENCIA,,**

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA

DO

CONVENTO

XIV

Se elle estava inquieto e agitado, Herminie não o estava menos. A' confiança insensata do momento succedia o medo do dia seguinte; as esperanças e os transes chocavam-se e combatiam-se desde que Mademoiselle de Croisy se achava só, de noite, no quarto, e a tristeza acabava por se apossar della, até adormecer quebrada por estes choques e sobresaltos secretos.

Foi sob uma impressão destas que escreveu á velha Quoniam a carta seguinte:

Castello de Villy, 10 de setembro de 186...

Minha querida

«A tua promptidão foi igual á dedicação que sempre me mostraste. Agradeço te sinceramente, e tanto como me agradeceste o ter confiado em ti. Tu és a minha amiga mais fiel, e serás dentro de pouco tempo a única. Perdoa me o ter-me demorado perto de quinze dias a dizer-to.

Admiras-te de que eu te escreva isto, quando estou junto de mademoiselle de Villy, da *bôa Alice*, como tu escreves, quando perguntas noticias della?

A *bôa Alice* vai bem, e é sempre boa; porque é sempre feliz. Conheço pouco o mundo, mas creio que a felicidade é sempre uma fonte natural e uma causa relativamente meritória de bondade. Ha mesmo nêste sentimento uma consolação humilhante para a desgraça dos outros. Nunca experimentaste isto?

Quantas vezes tenho occazião de perceber, até na obzequiosidade de Alice, uma commiseração que me revolta interiormente? E' rica, sou pobre; ai está toda a differença entre nos; porque has de confessar que lhe não sou inferior sob outro ponto de vista. Ella sabe-o, e é a primeira, faço lhe essa justiça, a pôr em relevo as qualidades da minha pessôa e do meu espirito; mas nem por isso, para ella e para toda a gente, deixo de ser a orphã arruïnada, recolhida durante as férias no castello de Villy, a futura postulante, cujo caminho se semeia de algumas flôres, mas de quem nem por isso se deixa de dizer, com uma piedade, que me indigna: *O seu futuro é o convento!*

Porque? Basta, para agradar e entrar brilhantemente na vida, ter um pae ainda vivo num castello hospitaleiro, e um dote maior do que o nome? Mademoiselle de Villy, apezar da sua amizade, não parece ter ideia desta pergunta, cuja resposta me colloca na sua gerarchia e ao lado della. Aqui mesmo, tenho o ar de uma condemnada, cujo sacrificio se adoça. E' muita benevolencia, e não a acceito senão á fôrça e contra vontade.

Sem dúvida perguntarás, minha bôa amiga que razões tenho eu para escrever assim? Não tenho nada que te occultar, e, apezar disso, não posso ser absolutamente franca comtigo. No convento, só ouvi fallar do amôr de Deus. Vê tu o Destino, minha bôa Quoniam: tenho no coração uma paixão humana, que será a minha vida ou a minha morte. Nunca me atreveria a fazer-te esta confissão, se tu a não houvesses pedido; mas julga por isto do gosto que tenho pelo convento.

Li, um dia dêstes, num romance de Walter Scott, uma passagem em que o heroe declara que, faltando-lhe a noiva que adora, só terá por leito nupcial um túmulo. Se me vires entrar, no convento, minha boa Quoniam, prepara a mortalha! O único pensamento que era capaz de me consolar, digo to com um beijo: era ser amortalhada por ti.

Herminie de Croisy.»

Esta carta era escripta no dia 10 de setembro, como já dissemos, e trahia a impaciencia com que Herminie esperava uma resolução da parte de Emmanuel, com risco de uma revolta de familia.

XV

Alice e o pae tinham ido pagar aos vizinhos a visita que tinham feito a Villy na véspera da feira de Bernay. Tinha sido já addiada duas ou três vezes por causa do estado de fadiga de que se queixava madame de Villy. Por fim a velha senhora não se encontrou disposta a esta viagem e Herminie pediu como favor que o deixassem no castello para lhe fazer companhia.

Não achava nem proveito nem prazer naquêlle passeio que a poria em presença das pequenas, tam desdenhosas para estranha, e ao qual não assistiria Argouges. Ficando, esperava, pelo contrário, preparar o que desejava mais ardentemente: uma nova entrevista, uma entrevista decisiva com Argouges.

Emmanuel, já ha alguns dias, que caçava desde pela manhã ate á hora de jantar. Naquella manhã; Herminie descera para a casa de jantar no momento em que, segundo o costume, elle comia uma fatia de carne fria, um copo de *bordeus* e uma taça de café, lasto que tomava antes de partir. Andava a servir um criado. Saiu, no fim de alguns minutos, para ir buscar café.

— Sr... Emmanuel, disse Herminie, preciso de lhe fallar, hoje mesmo.

— Onde, onde perguntou Emmanuel procurando a mão della para a beijar.

— A' tarde, estou na bibliotheca.

E, tirando os dedos dos de Emmanuel, fugiu antes do creado voltar.

Herminie afeiçoara se aquella grande casa, nua e quási abandonada, em que a vimos uma vez com Alice. Alli podia reflectir alto, prazer inefavel para quem conspira, ou que soffre, sem medo de ser ouvida. Mesmo Alice respeitava a sua solidão alli. Demais acabara por encontrar algumas obras, de cuja existéncia não desconfiará, no primeiro dia, porque a encadernação de phantasia, que tinham, não trazia titulo. Descobrira assim os *Amantes de Verona*, de que fallava na sua carta a Quoniam.

Era uma reles traducção do drama de Shakspeare; mas aquella obra prima é tam grande, que irradia atravez das traducções mais mizeráveis, como o diamante brilha no cobre e Romeu e Julietta saem, encantadores e sublimes, como os dois anjos immortaes do amôr. Quando a lera, sentira sobressaltado todo o seu ser; não se atrevera a levar o volume para o quarto, mas voltava continuadamente a folheá-lo, parando muito tempo nas páginas, cujo sentimento, ao mesmo tempo tam terno e tam apaixonado lhe corria como um philtro desde a cabeça até ao coração. De cada vez, ao fecha-lo a custo por sentir tocar para o jantar, ia esconder aquella obra no canto mais escuro da bibliotheca, como se não quizesse que outra mão lhe tocasse.

Era dóra ávante o livro sagrado para aquella pensionista de convento, aquêlle cujas palavras apagavam todas as outras, e lhe inflamavam os lábios até nas visões do somno.

A tarde daquêlle dia de setembro era pesada e suffocante.

— Minha cara filha, tinha dito mademoiselle de Villy a Herminie, esteja descançada, vou dormir.

Entrou para o quarto, e mademoiselle de Croisy fóra atravez da enfiada de corredores e escadas até á bibliotheca.

(Continúa.)

Colonial oil Company

AGENCIA DE COIMBRA

Fornecimento de petroleo para revender fóra de toda a concorrencia.

Marcas **ATLANTIC, AMERICANO** e **RUSSO** (Luz do Sol.)

Tomam-se encommendas provisoriamente na MERCEARIA LUSITANA, rua do Cego, 1 a 7—COIMBRA

REDUCÇÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em **ferragens e materiaes de construcção** como em **cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mêsa,** participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas **compras directamente nas principaes praças extranjeiras e fabricas portuguêsas,** são uma garantia de que póde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

LOJA DO MINHO

44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48

Deposito das ligitimas machinas **Singer,** instrumentos, musicas, Pianos, Bicycletas, occulos e lunetas.

Casa para arrendar

Arrenda-se uma boa moradia de casas, com tres andares e grande quintal, na rua João Cabreira, 21.

Trata-se com seu dono Alipio Augusto dos Santos, rua do Visconde da Luz, 60.

LUCCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

APPARELHOS BARATOS

para Photographia

Camaras para 6 chapas 6,5×9, munidas de boa objectiva e visador a 1$500 réis.

Ditas com mais luxo e 2 visadores a 2$000 réis.

Ditas para 12 chapas 9×12 e 2 visadores a 4$000 réis.

Outras novidades photographicas chegadas agora.

Grande sortido de chapas Scheleumer's, Lumière, Imperial, etc., e papeis albuminado e aristos pelos preços correntes nas casas principaes do genero.

Papelaria Borges

Emprêsa editora de publicações illustradas

162, 1.°—Rua da Rosa,—162, 1.

LISBOA

Em publicação as obras completas de Paulo de Kock, das quaes está já em distribuição o primeiro volume nitidamente impresso e primorosamente illustrado com esplendidas photo-gravuras.

Mêsa rica

Thomás Pombar com estabelecimento de bric à-brac, tabacos e occulista na rua Ferreira Borges, em frente ao Arco d'Almedina, tem para vender uma mêsa de pau preto e sándalo, com embutidos de marfim e obra de talha. Quem a pretender póde ir vê la ao seu estabelecimento onde está em exposição.

José Marques Ladeira & Fillho

Empreiteiro das Companhias de illuminação a gaz e aguas

Rua do Corpo de Deus, 5

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem se trabalhos fóra da cidade

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos,** continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis.**

O proprietário,

José Maria Junior.

"SINGER,,

Lembra-se a todas as pessôas que forem a Lisbôa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surprehendente Exposição Fabril e Artistica SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida.

SILVA & FILHO

COIMBRA

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

CURSO PRATICO

DE

Escripturação commercial

Abre desde já, para funccionar em Santa Clara, em dias alternados, das 7 ás 9 horas da manhã, sob a regencia de

M. d'Amaral

encarregando se tambem de balanços para trespasses, concordatas ou fallencias, e de partilhas entre particulares.

Informações podem os interessados obtel-as dos srs. Correia, Gaitto & Cannas, rua do Cego, 1 a 7—COIMBRA

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:	
Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680
Sem estampilha:	
Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

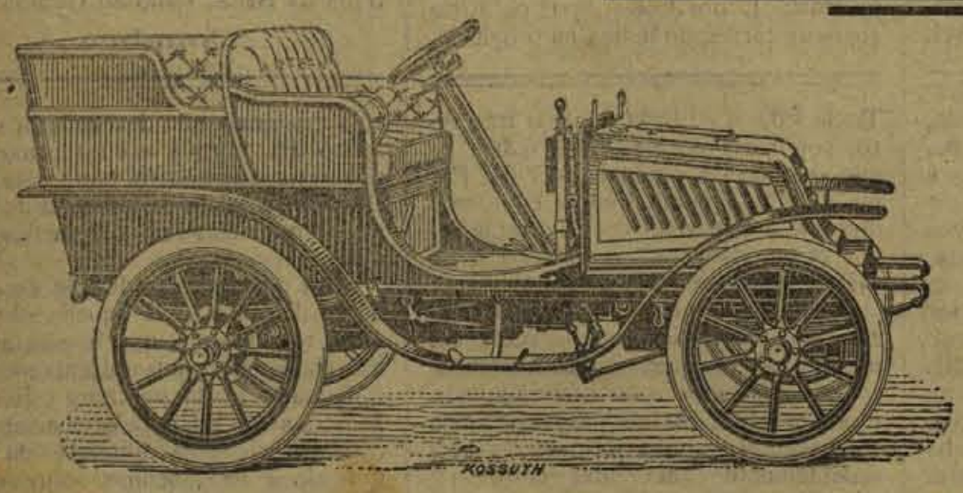
ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

AUTOMOVEIS DARRACQ



Para mostrarmos que os **"Automoveis Darracq,,** além de serem

Os mais elegantes, os mais baratos e os que menos gazolina gastam

Sam tambem

Os mais sólidos e os mais ligeiros

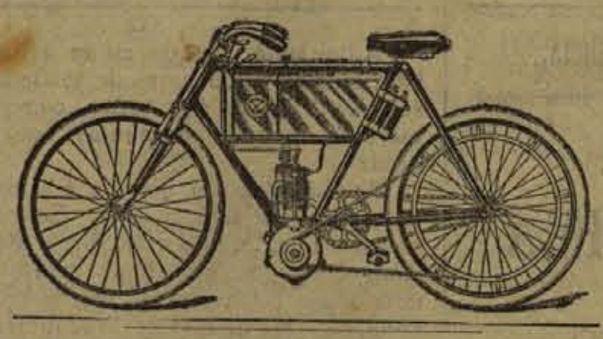
basta ennumerar algumas das suas victórias nêste anno:

1.° prémio na corrida da subida da Turbie

1.° prémio na corrida de Nice — 1.° prémio no Circuit du Nort

Nas grandes corridas Paris-Vienna bateu com carros do máximo 24 cavallos as carruagens «Dainler» de 40 cavallos, «Mors» de 60 cavallos e 6 carruagens de Panhard Levasseur de 70 cavallos!! ganhando o 1.° prémio na série de Vaituret; 2.°, 3.°, 4.° e 5.° na série de Vaituret legere e o prémio de classificação geral.

MOTOCYCLETTE "WERNER,,



A **Motocyclette WERNER** de 1 3/4 de força não precisa de rèclame, contudo diremos que nas corridas Paris Berlim, Paris Bordeaux e nas subidas de Gaillon e Turbie-Paris Roubaire, Nice-Marseille, etc., etc., chegam sempre na vanguarda!

Nas grandes corridas *Le circuit du Nort* e Paris-Vienna quantas *Werners* partiram, quantas chegaram, apesar do grande temporal que fazia!! Déz de differentes marcas que disputavam o prémio nenhuma chegou!!

Recentemente em Portugal o Record Porto Lisboa feito debaixo de chuva e com estradas em péssimo estado.

Motores LURQUIN-COURDET de 1 1/4 cavallos de força applicavel a qualquer bicyclette

Adaptam-se nas nossas officinas e garante-se a sua superioridade a qualquer outro de egual força.

Dos automoveis "Darrac,, da motocyclette "Werner,, e do motor Lurquin & Courdet sám unicos agentes em Portugal

LEÃO, MOREIRA & TAVARES—"Empreza Automobilista Portugueza,,—COIMBRA

RESISTENCIA

3

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 718 | COIMBRA — Domingo, 27 de Julho de 1902 | 8.º ANNO

Monumentos nacionaes

Por um decreto, publicado no *Diário do Governo*, acaba-se de dar satisfação ás reclamações tantas vezes formuladas por archeólogos e artistas, que viam ir desapparecendo o nosso espólio artistico

O decreto, porém, é, como não podia deixar de ser, incompleto; respeita apenas completamente aos immoveis, e tem por fim socegar, em parte, o alvoroço público, que por mais duma vez, tem gritado contra os attentados de barbarismo ignorante, commettidos até pelo governo e por os seus funccionários.

O que se torna urgente e necessário é o inventário de todas as nossas riquêsas históricas ou artisticas, e teria sido preferivel, até, começar pelos objectos, que facilmente se podem descaminhar, pedras, mármores, bronzes ou marfins, quadros, illuminuras, obras de ouro e de prata, que se têem conservado escondidas e desconhecidas por milagre, e que desapparecem, mal dam por ellas os conhecedôres.

Era necessário estabelecer penas graves para os que, contra a lei, e, usando da sua qualidade de membros das juntas de paróchia, ou de outra qualquer especie de funccionarios públicos, têem vendido, livremente, o que apenas devia estar entregue á sua guarda e ao seu respeito.

Era por aí que se devia começar; estendendo a classificação aos objectos pertencentes a particulares, de reconhecido valôr e importancia historia ou artistica; porque, a rapacidade do extranjeiro tem augmentado de actividade nos últimos tempos, e o quadro vergonhoso do *arranjo nacional*, as vendas e as compras fraudulentas, que se dizem feitas por individuos altamente collocados na politica portuguêsa, têem dado actividade e coragem a muita gente, que, até aqui, se não moveria, com medo dum castigo.

Ainda, ha bem pouco, a junta de paróchia duma aldeia das circumvisinhanças de Coimbra, vendeu um quadro, attribuido a Sequeira, a um amador, que tivera conhecimento da sua existencia casualmente, estando a banhos na Figueira.

Mas emquanto deixa sem protecção, ao abandono, e á mercê de amadores e negociantes de *bric-á-brac* o que é tam facil de mover e de fazer desapparecer, enche-se de desvellos pelas grutas prehistoricas e vae legislando para *o accaso:*

Art. 11.º Quando forem encontrados em terreno publico ou particular, em consequencia de escavações ou qualquer outros trabalhos, monumentos, ruinas, inscripções ou objectos que interessem a historia, a archeologia ou a arte, ou se se tiver conhecimento de que se trata de destruir ou damnificar os já conhecidos ou ainda castros importantes e grutas prehistoricas, o administrador do concelho respectivo providenciará immediatamente, mandando, no primeiro caso, suspender os trabalhos, e, no segundo, impedindo a destruição ou damnificação. Alem disso a mesma auctoridade mandará vedar, e, sendo possivel e necessário alterar o local archeológico, para lhe assegurar a conservação e participará o facto ao governo civil do districto que transmittirá o aviso ao ministério das obras públicas commércio e indústria, afim de serem pelo governo tomadas providencias convenientes, nos termos do presente decreto.

Art. 12.º O Conselho dos monumentos Nacionaes organisará o cadastro methódico de todos os immoveis e mobiliarios por elle classificados.

Art. 13.º Fica revogada toda a legislação em contrário.

Para que tanto disvello pelos thesouros escondidos, se se vai deixando perder o que está á luz do sol.

O que é necessário é fazer o catálogo de moveis e immoveis de caracter artistico, para não acontecer o que ainda ha pouco aconteceu em Itália, em que o possuidor dumas ruinas, em que se encontraram os mais soberbos frescos romanos, os mandou arrancar da parede e transporta-los para tella, transformando assim um immovel num movel e soffrendo apenas os rigores da lei dos mobiliarios artisticos, que não admitte a expropriação por utilidade pública.

A má arrecadação do nosso espólio artistico, que tem sido tam roubado, justifica as apprehensões, e os receios de todos, os que têem visto desapparecer objectos do mais alto valor artistico, que lhes estavam confiados e que entregáram a outros movidos pelo interesse público.

Para que desfazer-se de preciosidades, para que lega-las, se não ha a certêsa da conservação dos objectos em bibliothecas ou museus, donde até ordens ministeriaes têem legalisado os roubos mais infames?

Mas, admittindo mesmo que entrará de vez a moralidade e a honradez nas altas estações officiaes, e concordando na excellencia dalguns artigos da nova lei, ella representa uma inutilidade.

Para que dar ao estado a faculdade de comprar immoveis e moveis artisticos, dar-lhes a faculdade de os restaurar, se se não começou por estabelecer as dotações que, ha muito, deviam ter os museus do nosso país?

Para que, se todas as vezes que é necessario comprar qualquer obra de alto valor, como por exemplo o Durer das Janellas Verdes, é necessario toda uma campanha, e até a ameaça dum escandalo?

Para que, se no leilão Nepomuceno, e em todos aquelles em que apparecem manu-criptos indispensaveis para se escrever a nossa historia, os governos abandonam a praça?

O novo decreto é uma nova inutilidade.

Nunca se poderá fazer o inventario da nossa riqueza artistica.

Quem sabe onde pára hoje a custodia dos Jeronymos, onde estará a cruz que D. Sancho I mandou fazer para o convento de Santa Cruz.

Quem poderá havel-as?

Quem se atreverá a catalogal-as?

Quem as daria á catalogação?

Falsificações

No Porto vai grande celeuma por causa da descoberta duma nociva falsificação para a saúde pública.

As farinhas ordinárias e as semeas eram falsificadas por meio de misturas de cascas de arroz e serragem de madeira, remoïda e peneirada em Ovar, e dalá remettidas em grandes quantidades para o Porto, com especialidade, dentro de saccas pertencentes ás firmas mais acreditadas de moageiros.

A policia, em virtude da enérgica campanha que a imprensa levantou e com especialidade o nosso illustre collega *O Norte*, tem apprehendido grande número de saccas cheias da tal mistella, que padeiros e commerciantes pouco escrupulosos manipulavam e vendiam.

Que a justiça seja inexoravel para com os falsificadores, que não se contentando de roubar os consumidores no seu dinheiro, os roubam na saúde

Nas grandes cidades é onde os falsificadores mais medram e onde mais facilmente se escondem das indagações policiaes.

NOTICIAS

Da côrte

Sua majestade a rainha D. Maria Pia parte effectivamente para o extranjeiro, no dia 4 de agosto, sendo acompanhada pela sr.ª marquêsa de Bellas, Duque de Loulé, e Benjamim Pinto.

Vai directamente para Paris, seguindo depois para Aix-les-Bains e Itália, de visita a sua augusta familia.

*

Deve partir brevemente para a Inglaterra o cruzador D. Carlos, afim de representar Portugal na coroação de Eduardo VII.

Do Campo

Os habitantes da freguesia do Rio de Mouros, Monsão, encontram se reduzidos á maior mizéria por as últimas trovoadas lhes terem destruido por completo os milheiraes o os vinhedos.

*

Informam de Fornos d'Algodres que os batataes foram queimados e o seu fructo apodrece duma forma nunca vista; as vinhas estám por tal modo atacadas de *mildiu* e *blakroot*, que a parra seccou completamente e o vidonho ennegrece e cae; os feijoeiros estam cobertos de formiga e quasi sem fructo, as oliveiras tiveram má alimpa e a azeitona não se conserva na haste! Uma verdadeira calamidade.

Do thesouro

Nos oito primeiros mêses das gerências dos rendimentos do estado, costuma haver sempre um saldo duns poucos de milhares de contos, proveniente de, até essa epocha se receberem rendimentos, que escasseam e alguns faltam de todo durante os últimos quatro mêses.

Ainda no findo anno de 1900 a 1901 nos primeiros oito mêses, houve um saldo de mais de três mil contos, pois nos oito primeiros mêses do anno económico de 1901 a 1902 as contas do thezouro já accusam um *deficit* de mais de cinco mil contos!

Que será?

Entre o presidente do conselho de ministros e os governadores civis de Vianna do Castello, Évora e Coimbra, houve, na sexta feira, demorada conferéncia, sobre assumptos de caracter politico e respeitantes aos seus districtos, partindo nesse dia mesmo para aqui, o sr. dr. Luis Pereira, a assumir as funcções do seu cargo.

Esta informação lemo-la no *Diário de Notícias* de ontem e apenas, como commentário diremos, que não nos consta que Catilina bata ás portas de Roma, para a vinda tam apressada, depois de demorada conferencia politica com o chefe supremo da regeneração, do nosso governador civil!

Salvo se anda *coisa no ar* e nós não a enxergamos.

A boa fé do "Tribuno,,

Do penúltimo número, como grande actualidáde:

«O sr. dr. Mendes dos Remédios, digno lente da faculdade de theologia, publicou um magnifico artigo no *Instituto* apreciando a obra do nosso illustre amigo sr. dr. Garcia de Vasconcellos, ácerca da Rainha Santa.»

Nada mais certo.

E' até uma verdade histórica.

O artigo foi publicado em 1894...

*

Do mesmo apreciavel collega:

«Informam nos ter fallecido uma mulher que ha dias foi atropelada na Estrada da Beira por um automovel.»

Anda mál informado. A mulher está viva e anda a pé!

Verdade seja que talvez a mulher tenha de morrer atropelada por um automovel e o *Tribuno* o saiba já.

Vae dando a notícia antecipadamente!

Compensações: fica esta pela outra que veio atrazadita.

Regressou de Lisboa o sr. dr. Antonio Ribeiro de Vasconcellos.

S. ex.ª tem continuado com os trabalhos de investigação no Archivo da Universidade, onde ha muito documento desconhecido, apezar dos trabalhos históricos que sobre a Universidade se têm feito.

O sr. dr. Vasconcellos continua trabalhando sósinho; porque das estações superiores tem tido apenas o apoio *moral*, negando lhe até o ordenado mesquinho dum amanuense!

Emfim, *moralidade* e *economia*.

E' assim que o entende o governo do sr. Hintze.

Entre a malta

O Seculo, fallando do partido republicano, escreve:

Que se tal gentalha chegasse um dia ao poder, os cofres publicos tinham cahido nas mãos dos salteadores.

Acaba como todos os bandidos, conhecido pelo público, com o retrato na policia, a roubar os da malta.

Esta ideia é velha, e é do Navarro.

Já foram approvados os projectos para as construcções das estacões agricolas de Torres, Santarem e Figueira da Foz.

O ENSINO RELIGIOSO

A opinião de Carrière é pela liberdade absoluta de ensino.

E' uma opinião mal fundada, e o próprio Carrière é o primeiro a ver que póde soffrer na expansão das ideias que ama, pela diffusão da liberdade de ensino.

A explicação déste facto está na opinião de Ary Leblond que transcrevemos a seguir: as pessôas da eleição saberám resistir á influéncia da educação; o perigo porém consiste no maior número, naquélles que sam amoldáveis e portanto perigosos para a sociedade, quando guiados por principios contrários ao seu bem estar e desenvolvimento.

Eugéne Carrière. — *Carriére fallanos com uma voz baixa, voz em menor, que está singularmente em harmonia com o seu talento.*

Nas questões de ensino e de educação, como em todas as coisas, sou partidario da liberdade absoluta. Não admitto a opressão, venha ella donde vier.

Uma lei restrictiva da liberdade, poderia ser, neste caso, muito perigosa, porque não sendo os governos inammoviveis, se voltaria talvez um dia contra os racionalistas.

Sou, em summa, inimigo de toda a revelação, de todo o dogmatismo, tanto philosóphico, como religioso.

Tenho, além disso, uma desconfiança justa da infalibilidade do homem e a incerteza, em que eu mesmo estou de possuir a verdade, força-me a respeitar a opinião dos outros.

Póde dizer-me que um tal liberalismo, bastante parecido, pelo menos como resultado apparente, ao deixar-correr, á indifferença, póde ser prejudicial e que as massas devem ser estimuladas pela educação.

Pois bem, não posso deixar de pensar que os Encyclopedistas foram os discípulos dos Jesuitas e que o pôvo, que não estava tambem preparado, os seguiu para Revolução. Sabe, que a evolução ha de seguir, apezar de todos os esforços, o seu curso, e o que a facilita sobre tudo, é a atmosphera intellectual, creada por uma élite.

Zola, disse-me o senhor, declarou-lhe que, como philosopho, era partidário da liberdade, mas que, como homem social, desejava ardentemente a supressão absoluta de todo o ensino christão. Não posso ser dessa opinião; não admitto um tal opportunismo.

A verdade philosóphica deve poder applicar-se a toda a gente; recuso me a considerá-la como uma abstracção de que só pódem gosar os que possuem uma bibtiotheca.

Sou por isso pela maior liberdade; embora tenha a soffrer com ella.

Esta conversa estava redigida, quando recebemos de Carrière algumas linhas, em que a sua opinião se encontra confirmada. Ei las:

A liberdade de pensamento não existe sem a faculdade de a exprimir e de a espalhar. O que é verdadeiro philosophicamente é verdadeiro socialmente. O nosso interesse nunca está em desaccordo *real* com a verdade.

Marius Ary Leblond. — Fomos educados primeiro num cóllegio particular de ensino religioso, depois, a partir dos onze annos, no lyceu do Estado, em que continuava a dar-se o ensino religioso obrigatorio.

O primeiro ensino, religioso, muito intenso, perturbou d'um modo bastante profundo a nossa imaginação, que ficou muito tempo preza das *visões* de inferno e de martyrios, mesmo muito depois de o espirito pelos treze annos se ter completamente desembaraçado de toda a *ideia* religiosa.

Ainda agora, nas horas de sub-consciencia (somnos, etc.), os pezadelos ca-

mollicos da morte, do fim do mundo, occupam o meu cerebro. Devemos dizer que a nossa terra de belleza realista (ilha da Reunião) contribuiu muito para limitar a acção lenta e sombria de tal educação.

O lyceu teve sobre nós uma influencia intellectual, que é muito difficil medir quantitativamente; e parece nos, que tudo o que póde haver de bom em nós, foi adquirido fóra do ensino universitário, cuja acção moral, em todo o caso, foi absolutamente nulla.

Apezar de termos sido sempre dos primeiros no successo, o nosso desenvolvimento fez se sempre em sentido contrario ao que desejariam os nossos professores. Mas tivemos algumas vezes nêlles amigos, que nos consideravam como eguaes, o que contribuia, mais que tudo, para conservar o nosso fervor estudioso.

O regimen era, em geral, tal que podemos espandir nos com facilidade no sentido das nossas faculdades. Eramos relativamente muito livres, pois que conseguiamos, nas aulas fallar de auctores contemporaneos, taes como Taine, Renan, Tolstoï, Maupassant, Zola, Loti e Annunzio.

Só os nossos professores de philosophia é que foram na sua importancia, e na sua ignorância, autocratas de primentes. Os professores de sciencias não pensáram nunca em fazer nos admirar a belleza da *vida* na história natural e na chimica.

O estado deve ter o monopolio da educação. Evidentemente os lyceus sám muito imperfeitos, mas é isso uma necessidade dos periodos de transição, e sám infinitamente superiores ás casas religiosas. O que ha nêlles de imperfeito é o que subsiste do antigo regimen: pessoal auctoritario, professores clericaes na sua maioria, ensino classicista funesto e illogico, porque se não deve esmagar com o estudo absorvente do passado uma edade, cujas forças naturaes tendem instinctivamente para o futuro.

O uso que se faz da palavra *liberdade* nesta questão é o da palavra *republicano*, ou *socialista* nas eleições.

Dever se-iam perseguir os politicos falsos, como os outros.

Por outro lado a creança não tem livre arbitrio: fallar de *liberdade* é apenas dar aos paes, isto é ás gerações passadas, o direito de limitar ao seu ideal as consciéncias das gerações novas.

A mais firme das nossas convicções é que *actualmente* é necessario suprimir a liberdade de ensino, como a entendem os nacionalistas.

O perigo clerical, immenso, é o maior; e a primeira coisa, que se deve perservar é o futuro: a infancia.

Não é mesmo questão de liberdade, mas de licença, pois que o ensino, chamado livre, é nullo, negativo.

Impõe-se com a maior urgencia algumas medidas de salubridade publica, principalmente o encerramento das casas religiosas de ensino *tanto para raparigas*, como para rapazes. Mas em certos logares continua-se a demorar a secularisação com verdadeiras violações de decretos.

E' em summa, dar grande influéncia á educação, o que parece contradizer as nossas primeiras respostas.

Eis o motivo: talvez que, sob um certo aspecto, não fossem os litteratos os que se deveriam interrogar.

Sempre, por natureza sua, tem trazido com elles a virtude de rebellião, que os salvou de toda a educação restrictiva, e os ajuda a descobrir o caminho da sua individualidade.

Parece que se deveriam interrogar os humanos de caracter e de profissám menos *pessoaes*, seres que não tivessem tido temperamento nativo bastante para escapar ás influencias impostas por os paes, os que por um nada se teriam determinado no sentido contrario.

E' essa a maioria: é a proposito dêlles que é necessário meditar a importancia da educação.

Concursos

Perante as procuradorias régias das relações de Lisbôa, Porto e Açôres está aberto concurso para o provimento dos lugares de conservadores privativos que se acham vagas.

Brevemente serám annunciados os dias em que se realizaram os concursos e os nomes dos concorrentes admittidos.

Partiu para Lisboa o sr. conselheiro Pereira Dias, ficando como Vice-Reitor o sr. dr. Avellino Callisto.

Confirma se assim o que a *Resistencia* tinha já, ha muito, annunciado.

"O MUNDO,,

Em bella obra anda mettido o nosso valente collega da capital *O Mundo*- que, com um desassombro digno de registrar-se, e com uma correcção merecedora de ser imitada, trata de dar os últimos golpes de misericórdia na mercantilagem que se acoita na emprêsa d'*O Século*.

Bella obra de saneamento moral, que serve de complemento á s rudes investidas que *O Imparcial* deu áquelle coito de matulões, que fizeram do jornal uma mina de exploração e da penna o punhal com que intimidavam individualidades e apunhalavam reputações.

Perante taes adversários, ou *O Século* tem de desapparecer do jornalismo português, ou tem de passar para mãos de gente honesta, que o transformem numa instituição benéfica e moralisadora.

O jornal de maior circulação do pais não pode ser um agente corruptor; siga, sim, a orientação que quizer, mas seja honesto, seja digno.

Do contrario é necessario guerrealo até que o publico o repudie e elle, acabe desacreditado e falto de leitores.

A'manhã deve realizar se, depois das provas praticas do quinto anno medico, a congregação, chamada de visita, da faculdade de medicina.

Como se sabe, a congregação é precedida da visita aos estabelecimentos da faculdade e tem por fim fazer cahir sobre elles o exame do sr. Reitor da Universidade.

Durante a visita, os directores dos gabinetes fazem as reclamações, que o interesse do ensino lhes inspira.

Em todas as faculdades se faz, antes de findar o anno, uma congregação e visita analoga, que antigamente era muito demorada, mas que agora é rapida, passando toda a discussão na congregação final de cada faculdade.

Pobre Lusa Athenas

Depois de ter saído daqui a séde do batalhão fiscal, falla se em que tambem será retirado, para uma qualquer terra sertaneja, um dos batalhões do regimento 23!

Estando aqui todo o regimento, a guarda a cadeia e ao hospital é feita pela policia civil; quando se fôr um dos batalhões, a própria guarda ao quartel passará a ser feita por cabos de policia armados das antigas espadas, fouces roçadouras e varapaus.

E não se entendem estes homens do poder.

Coimbra é um fóco de anarchismo, a revolução hade sair d'aqui armada, como Minerva, nossa protectora, sahiu da cabeça de Jupiter.

E affirmado o sr. Hintze Ribeiro, escreve o o sr. (vá de cerimonia) Emygdio Navarro. E deixam tudo ao abandono.

Naturalmente para tirarem as armas e a polvora.. ao S. Jorge!

Pois a quem?...

O sr. Governador civil officiou ao administrador de Soure para que este mande fazer uma vistoria, verificando se os arrozaes daquella região estam ou não á distancia das povoações, que a lei marca.

Este officio do sr. Governador civil foi motivado por um requerimento dos habitantes de Alfarellos e Villa Nova d'Anços, queixando se do damno, que causava á saude publica a plantação dos arrozaes daquella região.

Terminaram os exames para sargento do regimento de infanteria 23, sendo nomeados segundos sargentos um primeiro cabo de infanteria 15, outro de infanteria 23 e tres de infanteria 24.

Na Figueira deu-se um roubo importante de brilhantes e objectos de oiro e prata na ourivesaria Ferreira, sendo o roubo calculado em quantia superior a seis contos de reis.

A policia anda em averiguações, recahindo as suspeitas em dois hespanhoes, que haviam já pelo seu procedimento chamado a attenção, e sobre alguns individuos, que fôram encontrados em Santa Olaia, dizendo se que haviam tomado a diligencia para Coimbra, o que porem se não verificou pelas investigações, a que se procedeu.

Litteratura & arte

CANTIGAS

Qual onda que cresce e encurta,
Pedindo a praia que a afague,
Um beijo, quando se furta,
Pede outro beijo que o pague...

Guitarras, gemendo, trinam;
Soluçam os violões;
Se as cordas se desafinam,
Afinam se os corações...

Os sonhos que tu me bordas,
Hei de matar-me e matarte,
Que a ventura é como as cordas,
Subindo se muito — parte!

As almas das noivas sam
Pombinhas feitas d'Aurora,
Vam todas comer o grão
A' mãos de Nossa Senhora!

Sobre a casa onde ella móra,
O' ua passa com geito...
Quando accorda sempre chóra
Como as creanças de peito.

Tam bonita e não te casas!
Olha: o amor não morreu...
E' que te fias nas azas,
E vaes a casar ao céu...

Olhos verdes, verdes olhos,
Fallam bem ao coração..
Olhos verdes, verdes olhos,
Lindos olhos que elles são

Eu amei uns olhos verdes,
Olhos assim nunca eu vi...
Por esses olhos te perdes;
E eu por elles me perdi!...

Não chores, loirinha — canta,
Que o teu cantar insinúa!
Eleva a voz na garganta,
E poisa os olhos na lua...

LADISLAU PATRICIO

O concelho superior de obras publicas, em sessão de quinta feira, examinou os orçamentos das reparações a fazer nas estradas marginaes do Mondego, que as ultimas cheias damnificaram.

Na verdade alguns lanços de estrada necessitam de urgentes reparações e se estas não lhes forem feitas quanto antes, tornar se ão intranzitaveis, quando chegar a quadra das chuvas.

E quanto mais demorarem as reparações, mais dispendiosas estas se tornarám.

Exame

Fez ontem exame de passagem da quinta classe para a sexta, do lyceu desta cidade, o estudioso academico, sr. Luiz Mendes, filho do importante proprietario, sr. Antonio Mendes.

Sinceros parabens ao estimavel academico e a sua familia.

Na secretaria do governo civil dêste districto ha uma vaga de amanuense.

Que os consolidados do sr. Hintze, que ainda não têem posta á mêsa do do orçamento se ponham a postos.

Mulheres de virtude

E' esta uma *praga* que abunda nesta cidade e contra a extincção da qual não se applica o devido antidoto — a cadeia.

Não vivem recatadas, essas taes mulhersinhas de virtude, parecendo que fazem gala da sua grande freguesia, que lhe levanta os créditos e faz com que tenham maior cotação no mercado dos papalvos.

Na Quinta de Santa Cruz, em Fóra de Portas, na Couraça dos Apóstolos, em Santa Clara, no Pio e noutras muitas partes, polula essa gentinha, passando vida regalada á custa da ignorancia do nosso bom povo.

O peior é que as taes *mulheres de virtude* não se contentam só em deitar cartas, fazem garrafadas de remédios, que as credulas que as acreditam, levam para suas casas e dam a tomar a namorados e a pessôas de familia, arruinando lhes a saúde, provocando abortos e produzindo até a morte.

A taes *médicas e pharmaceuticas* é necessário ensinar-lhes que o dinheiro, a saude e a vida do próximo, não é roupa de francêses, que esteja á mercê de quaesquer habilidosas, faltas de escrúpulos e de moral.

E numa terra como esta, tolerar se tam perigosa exploração, é duplamente vergonhoso e irritante.

Chamamos a attenção do sr. commissário de policia sobre os factos que deixâmos apontados, esperando que tomará sobre elles promptas e energicas providéncias.

Pela nossa parte não largaremos mão do assumpto.

A camara municipal de Lisboa, numa das suas últimas sessões mandou applicar, com rigor, a disposição que obriga os donos de estabelecimentos a terem os seus toldes pelo menos, a dois metros de solo, na parte mais baixa

Não poderia a cámara municipal desta cidade ordenar egual providencia?

E' muito justo que tal determinasse, com o que muito locravam os chapeus dos transeuntes e até as suas proprias cabeças.

Motins em Aveiro

A revolta da fome vae se manifestando.

Em Aveiro, as populações ruraes, justamente alarmadas por causa duns augmentos de contribuição que a camara municipal estabeleceu, revoltaram se e têem impedido a saída de generos para o mercado daquella cidade.

Como a camara não desistisse das suas exigencias, os populares armaram se e invadiram a cidade, partindo vidraças, escangalhando portaes e janellas, investindo por ultimo a esquadra policial, onde estava um dos seus preso e libertando o á força.

A tropa e a policia têem sido impotentes para garantir a ordem, por não quererem empregar meios violentos, no que têem procedido com prudéncia.

A Aveiro vão chegando vários contingentes de tropas, havendo a camara já suspendido o novo imposto, para assim vêr se os animos serenam.

O governo e as camaras municipaes tanto vám esticando a *corda* dos impostos que esta acabará por quebrar e produzir males incalculaveis.

E' a revolta da fome que principia e, se começar de estender se, nada a poderá dominar.

Continuam grassando em Coimbra a variola e o sarampo, este último com mais violencia do que aquella.

Felizmente os casos, tanto de sarampo, como de variola, têem sido relativamente benignos.

O sarampo, que já ha mezes vem grassando, tem sido de tám pequena gravidade, que a maior parte das vezes não tem necessitado da assistencia do medico.

O publico como que se familiarisou com esta doença, que, começando numa, corre todas as creanças da mesma familia Tem-se por isso quasi abandonado as creanças que alargaram assim a area do contágio.

E o sarampo é uma das peiores doenças pelas complicações e resultados tardios, que póde trazer comsigo.

Acompanhada de seu extremoso filho e nosso amigo, sr. Adelino Simões de Carvalho, alumno do 6.º anno do lyceu, sahiu ontem para a Figueira da Fóz, a uso de banhos naquella praia, a ex.ma sr.a D. Ignez Diniz Simões de Carvalho, virtuosa esposa do nosso amigo sr. José Diniz Simões, proprietario e vereador da camara municipal.

Subscripção

Continúa aberta a subscripção em beneficio do alumno pobre, que nos foi recommendado pelo professor da escola da Sé Nova, sr. Octavio Neves Pereira de Moura.

Transporte do n.º 716..	3$000
Somma.....	3$000

Partiu hontem para a Serra de Estrella, em visita a seu cunhado Pedro Ramos, o sr. dr. José Alberto de Carvalho, vice presidente da camara e conceituado clinico desta cidade.

Cadeias civis

Informam vários collegas que o sr. ministro da justiça tem providenciado, para que as condicções hygiénicas de muitas cadeias tenham sido melhoradas, introduzindo se em algumas melhoramentos importantes.

Sam justas taes providéncias, porque aos prezos não se lhe deve roubar a saúde e o conforto, basta privá-los da liberdade, para castigo dos seus delictos.

E visto que o sr. ministro da justiça está com as *mãos na massa*, como vulgarmente se costuma dizer, lembramos-lhe a cadeia da Figueira da Foz, que é mesmo um horror.

Se não fôsse a muita dedicação e constante cuidado do carcereiro daquella prisão, semelhante pardieiro sería um foco de infecção, perigosíssimo para a saúde pública, quanto mais para os pobres presos, que por uma infelicidade allí sam internados!

Aquillo não é cadeia, é uma espluncа infame, falta das mais rudimentares commodidades, martyrio dos desgraçados que allí se encontram, vergonha da cidade que a tolera e da justiça que se serve della.

Mantas esburacadas, enxergas pôdres, outras contaminadas tectos a dasabar, por onde a chuva e o vento entram á franca, apenas uma enxovia, a sala livre e mais duas outras pequenas prisões, eis o quadro que apresenta a cadeia civil da Figueira da Foz.

Sr. ministro da justiça lembre se daquella *inquisição* da Figueira da Foz e dê remédio prompto a semelhantes males, e bem merecerá da população daquella cidade em geral e particularmente dos desgraçados que para ella fôram arremessados.

E' uma obra de justiça e uma acção meritória.

Castigos universitários

Terminou a liquidação do conflicto académico, levantado por occasião do convénio, por um accordam do conselho de decanos riscando por um anno dois estudantes.

Melhor fôra que tal se não dera, mesmo para poupar desgostos a alguem, que no fim da vida lavou as mãos da sentença, para não auctorisar pena tam leve.

Novo Poncio Pilatos.

Mas êste lavava as mãos por não poder matar Christo.

Grande e sempre nova é a perversidade dos Judeus.

Nota final. — Para acabarmos a rir: fôram apenas condemnados dois estudantes, que, diz-se tinham sido notados por todos, como dos mais exaltados; não que fôssem os de mais responsabilidades.

Um dos estudantes fôra denunciado pela policia académica e pela policia civil. Ao saír da reitoria, uma criada do sr. reitor reconheceu-o como um dos que dera mais morras.

O sr. reitor sorrindo: está condemnado por toda a policia—policia civil, policia académica, e policia doméstica.

Em Macau, entra de vez em quando um pirata numa casa de jogo.

Joga, no meio do terror geral.

Perde, e sem ninguem estranhar, estende a mão para o bôlo, e leva-o.

Fica tudo calado.

Ao saír, olha para o público, puxa do alfange, e corta a cabeça que mais lhe agrada.

E fica tudo calado.

No dia immediato começa a opinião a gritar por justiça.

A policia começa a andar atarefada á procura do criminoso.

O bom pirata, muito descançado, sem se importar com a policia, continúa no *junco*, de pernas encruzadas a comer arroz com dois pausinhos.

Um dia apparece a policia a gabar-se de ter encontrado o criminoso, e mostra o primeiro bebado pobre, a que pode lançar a mão.

E é condemnado o china, e lá vai para Timor degradado o pobre bebado.

A sociedade teve a justa satisfação.

E o bom pirata continúa socegado no *junco*, a comer arroz com dois pausinhos.

Esta condemnação universitária é, como as condemnações coloniaes, para mostrar ao indígena, *que a ordem e a justiça não sam duas palavras vãs*.

Ai! não.

Entretanto o bom pirata continúa a comer arroz com dois pausinhos.

CARTAS DA GUARDA

23 — VII — 902.

Ha por aqui lindos passeios. Todas as tardes vamos estrada fóra respirar a largos haustos o ar explendido destas regiões; e quási sempre é para o lado da estrada da Covilhã que dirigimos os nossos passos.

Em geral, á hora, em que saimos, ha no horizonte uma faxa d'ouro, que se vai esbatendo e diluindo no azul muito claro e pratesdo do céo do fim da tarde. Pela estrada, um ou outro almocreve vai trotando no seu bocéphalo e aquí e além, vagarosamente, aos dois ou aos três, os tysicos, sempre os tysicos. O olhar manso e triste estende se-lhes por êsse ar fóra e casa-se bem, na sua melancholia, com a do pôr do sol e a da paysagem. Lá em baixo, dum ou doutro casebre, levanta se mollemente, espreguiçando-se, o fumo das lareiras; os chocalhos dos rebanhos badalam numa lamúria impertinente, e ao longe, a serra acinzentada parece ir caminho ás corcovas, como uma serpente enorme.

Uma brisa suave arripia as searas, e faz estremecer as fôlhas das árvores do caminho; e nós passamos calados, numa religiosidade, como se fôssemos seguindo um préstito, ou entrassemos nas compridas naves duma cathedral deserta.

Junto a nós, quási todas as tardes, passa um casal triste, esquecido do mundo, distraido, e segredando sempre muito de mansinho. Elle, um allemão de longas barbas pretas, que eu conheci forte, desempenado e alegre, numa praia de banhos, anda pállido e tem um olhar tam fundo e tam quieto, que me faz lembrar uma lagôa escura, de aguas paradas, sinistramente paradas e quietas; e ella, que eu conheci muito loira e fresca, forte e bella, tem ainda o mesmo ar sadio, mas agora, ao lado do marido doente e fraco, esquecido de todos, como se não fôsse dêste mundo, parece ir desfazendo-se em caricias muito brandas; e o seu olhar azul, escorre numa meiguice infinda, envolvendo-o a elle e a nós.

Estes passeios e toda esta bella tristeza lembram-me aquêlles soberbos trechos da *Sylva*, do Eugénio de Castro — *Os Tysicos*, e ao mesmo tempo deixam-me comprehender bem toda a psychologia daquella poësia mórbida do grande Tysico: — António Nobre.

Meus amigos, tudo isto que eu sinto traz-me o preságio de que se não estou tuberculoso, tenho pelo menos a Alma dum tysico.

C. F.

A junta de inspecção aos mancebos recenseados para servirem no exército, inspeccionou 443 mancebos pertencentes ás trinta freguesias de que se compõe o concelho de Coimbra.

Apurou 210, isentou defenitivamente 190 e temporariamente 43.

A junta partiu ontem para a Pampilhosa da Serra.

Marte e Venus

Estes dois *planetas* tiveram as suas discordancias na quarta feira á noite, no Terreiro da Herva.

Um filho do primeiro, tendo feito partida a uma filha da segunda, um Saturno policial deitou lhe a luva, para o reconduzir a bom recato.

Nisto dois miseros mortaes, de nomes José dos Santos, sapateiro, e Eurico Lopes, pintor, não quizeram que tal *eclipse* succedesse e deram fuga ao féro mavorte, com o que deu um sortalhão dos demónios o mantenedor da ordem.

O Santos, que nêste caso não justificou o nome, envolveu-se em desordem com o policia, que á fôrça o queria trazer para a gaiolla.

Accode o Eurico que, não querendo deixar os seus créditos por mãos alheias, luctou braço a braço com o captor e outros collegas que lhe chegaram de reforço.

E só depois dum amigo lhe pedir para elle ir socegado para esquadra, é que accedeu.

Depois de estarem no calabouço até quinta feira de manhã e no commissariado de policia até á uma hora da tarde de sexta feira, deram entrada na cadeia, sendo enviada para juizo a respectiva participação.

E veremos como o Santos, apezar do seu poder, e o Eurico, do justo renome que Herculano deu ao seu homonymo, se saem désta alhada em que se metteram, e em que os metteram... na cadeia.

Instrucção

Foi dispensado de presidir aos exames de saliida do lyceu de Bragança o lente da Universidade sr. dr. Silva Bastos e nomeado para exercer essa commissão o lente sr. dr. Ferraz de Carvalho.

*

Foram concedidos 60 dias de licença ao professor do lyceu desta cidade sr. dr. Manuel Teixeira e 30 dias ao professor complementar da Figueira da Foz sr. Belchior da Cruz.

*

Vae ser nomeado um lente da Universidade para syndicar da maneira como correram os trabalhos de exames no lyceu de Lisboa, attendendo-se assim as reclamações que alguns nossos collegas fizeram nesse sentido.

Por communicação do Instituto Bacteriologico de Lisboa, sabe-se que o cão dos srs. Polaco e Camões, a que nos referimos no nosso ultimo numero, estava infelizmente atacado de raiva.

Partiram por isso para Lisboa a tratar-se no Instituto os srs. Augusto Cesar dos Santos, José Manuel e José Maria Paschoal.

Foram avizadas da communicação do Instituto outras pessoas, que tambem haviam sido mordidas pelo mesmo cão.

Já por mais de uma vez temos aqui fallado na conveniencia de estabelecer junto do Gabinete de microbologia da Universidade, tam superiormente dirigido, e tam honrosamente conhecido pela competencia do seu pessoal, um Instituto annexo de vaccinação antirabica, e de preparação de sôro antidyphterico.

Com bem pouco se poderia estabelecer este ultimo, permittindo assim ter sempre sôros frescos, em boas condições, e aperfeiçoar ao mesmo tempo o ensino da faculdade de medicina.

Bem podia ter se conseguido isto noutro tempo, com mais facilidade, se, ao tempo da instituição do Instituto de Lisboa, houvesse mais completa comprehensão dos interesses de Coimbra e da Universidade.

Hoje, ao meio dia, quando passava na Praça 8 de Maio o coupé do sr. Antonio Barata, partiu uma manga de eixo saltando fóra uma das rodas.

Os cavallos espantaram-se arrastando o trem até perto da rua da Louça. O cocheiro foi cuspido, e o trem tombou partindo-se vidros e amolgando se as lanternas, não havendo desgraças pessoaes a lamentar.

O cocheiro ficou apenas contundido.

Faculdade de phylosophia

Concluiram êste anno a sua formatura nesta faculdade os académicos:

Eusébio Barbosa Tamagnini de Mattos Encarnação. — Prémio, M. B. 18 valores. — José Garcia Regalla. — Distincto, B. 14. José Tavares Lucas do Couto. — 2.º *accessit*, B 15. José Carneiro Leão Queiroz. — Distincto, B. 14. Eurico Fernandes Lisboa. — B. 14. Américo de Sousa Camões. — B. 13. José Gomes Ferreira da Costa. — Distincto, B. 14. Jacintho Humberto da Silva Torres. — B. 12. Francisco Ignácio Pereira de Figueiredo. — Distincto, B. 14. Affonso Augusto Pinto. — 1.º *accessit*. M. B. 16. Carlos Acciaioli da Fonseca Freire Themudo. — B. 11.

No dia 31 do corrente, anniversário do juramento da Carta Constitucional, não haverá recepção do estylo no Paço da Ajuda, segundo dizem os jornaes que bebem do fino nas secretarias do estado.

Pudera; pois uma carta toda esfarrapada e cheia de nodoas, merece lá que se commemore a data de um juramento!

Isso era bom quando havia carta, existiam cartistas e a monarchia era constitucional.

O tempo tudo acaba...

Vem commandar a 5.ª divisão, cuja séde é nésta cidade, o general sr. Almeida Pinheiro, que por muito tempo foi coronel de cavallaria 9, quando este regimento tinha o quartel em Alcobaça.

Dizem-nos ser um militar distincto e um cavalleiro de aprimorados dotes.

Candidatos ao magistério

Na *Escola Normal* fizeram exames de habilitação para o magisterio primario e ficaram approvados, os candidatos extranhos á Escola seguintes:

Sexo masculino — (Curso elementar): — Alberto Corrêa Pinheiro Córtezão, sufficiente 13 v.; Antonio Antunes Brêda, bom 15 v.; Francisco Duarte, sufficiente 12 v.; Joaquim Fernandes Cavalleiro, sufficiente 13 v.; José Augusto de Medeiros, sufficiente 13 v.; José Evangelista, sufficiente 10 v.; José Maria Ribeiro, sufficiente 13 v.; Julio Ferrão de Carvalho, bom 15 v.; Luiz Gomes, sufficiente 12 v.

Houve 4 reprovações.

Sexo Feminino — (Curso elementar): — Eliza Augusta de Seixas Ramos, sufficiente 10 v., Emilia Celeste Leitão, sufficiente 10 v.; Cesaria da Conceição Lopes Almeida, sufficiente 10 v.; Cesaria José Varella de Brito, sufficiente 11 v.

Desistiram 2 alumnas.

(Curso complementar): — Eugenia de Freitas Gonçalves Simões, sufficiente 11 v.

Nos exames de admissão a esta escóla ficaram approvadas:

Adelaide da Conceição Almeida, Aldegundes de Jesus Pinto Firmino, Anna Costa Duarte, Beatriz Julia Dias, Branca d'Abreu e Sousa, Carolina Augusta Rosa, Ermezinda de Nossa Senhora Lima, Eugenia Amalia Dionysio, Josefina Augusta Domingues, Laura Adelaide Pinto, Luz Nunes da Cunha, Maria Candida de Campos Rego, Maria do Céo Ferreira da Fonseca, Maria Julia Dias, Maria Mathilde Ribeiro, Maria Egydia Barreto, Margarida Pires da Silva

Houve 1 reprovação.

Mercado

Os preços porque correram ultimamente os generos, no mercado desta cidade, foram os seguintes:

Milho branco	600
« amarello	510
Trigo tremez	600
« de Celorico	680
Feijão vermelho	850
« branco	800
« rajado	580
« frade	530
Grão de bico, graudo	840
Cevada	260
Centeio	380
Favas	450
Tremoço (20 litros)	540
Ovos, duzia	130

Sahiu o ultimo numero do *Archivo* da Bibliotheca de Universidade, publicação que se faz com a maxima regularidade, e a que já aqui nos temos referido, com o elogio, que merece a sua composição modellar.

Nos manuscriptos, cuja publicação encetou, ha alguns dum grande interesse litterario e histórico.

Agora vem publicando a relação da acclamação de D. João IV, manuscripto curioso por ser de um contemporáneo dos acontecimentos, que os relata duma fórma interessante e digna de fé.

PUBLICAÇÕES

Occidente. — O n.º 848 do *Occidente*, sempre de actualidade, publica as seguintes gravuras: retrato do dr. Alberto Fialho, novo ministro do Brazil em Lisboa; O ascensor Santa Justa — Carmo e retrato de Raul Mesnier, engenheiro auctor do projecto; Centenario de Alexandre Dumas, o monumento a Alexandre Dumas; Necrologia, retrato do Conselheiro Neves Ferreira.

No texto publica os seguintes artigos: Chronica Occidental, por D. João da Camara; As nossas gravuras; O Real Theatro de S. Carlos, por F. da Fonseca Benevides; Guerra e paz, por D. Francisco de Noronha; Coimbra Alegre, por Victor Ribeiro; Meteorologia Popular, por Antonio A. O. Machado; O Véu preto; Lições de Photographia; Necrologia, etc.

Bico systema "AUER,,

José Marques Ladeira & Filho, participam aos seus amigos e freguezes que mudaram o seu estabelecimento para a Praça 8 de Maio, n.º 4, junto á egreja de Santa Cruz.

ANNUNCIOS

Pipas avinhadas

Na confeitaria Telles se diz quem compra quatro, sendo de boa madeira, e convindo no preço.

Arrenda-se

No páteo pequeno da Inquisição, uma boa casa que póde servir para celleiro ou para qualquer associação.

Trata se na rua Ferreira Borges, 95.

Figueira da Foz

Aluga-se, agosto e setembro, um 1.º andar, bem situado, confortavel e hygiénico.

Para tratar com João Gomes Moreira, rua Ferreira Borges — Coimbra.

Companhia de Seguros Indemnisadora

PORTO

Toma seguros n'esta cidade

João Lopes de Moraes Silvano

(3)3 **Folhetim da "RESISTENCIA,,**

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA DO CONVENTO

XV

Herminie estava a lêr, de pé, no vão da janella, a adoravel scena do balcão entre Romeo e Julieta, quando a porta se abriu.

Emmanuel caminhava a passo largo para Herminie, com as polainas de caça de velludo ainda, depois de ter atirado o bonet para a meza. Ella, surprehendida, apezar de já o esperar, deixou cahir a brochura das mãos.

Argouges pegou nella entreaberta, e, vendo num relance d'olhos o titulo exclamou:

—Ah! Julieta! Seria Julieta?

—Sim e até ao fim, se o sr. tivesse a coragem de levantar o toast de Romeo.

Logo ás primeiras palavras, a conversa subiu a um ponto que Argouges não esperava.

—Herminie, perguntou, duvida de mim?

—E porque não heide eu duvidar? perguntou Mademoiselle de Croisy com uma violencia, que acabou de o desconcertar.

Estava de pé, em frente delle, de cabeça erguida, o olhar carregado de relampagos, os braços estendidos, as mãos cruzadas, e fazendo estalar nervosamente os dedos.

—Nunca fiz senão um juramento d'amor, disse Emmanuel, e foi á senhora.

—A mim? E as palavras ternas da adolescencia trocadas com Mademoiselle de Villy? E os laços de familia e de fortuna que os prendem a ambos duas vezes? E o compromisso mutuo dos dous deante dum altar, respondendo pela salvação duma creança? E as recordações que Alice lhe traz ao espirito? E o silencio, tam eloquente como uma confissão, com que lhe responde? Tudo isso valle bem um juramento.

—Herminie, que exige de mim?

—Diz que me ama e pergunta-mo?

—Pergunto lho; porque só quero obedecer-lhe.

—Mas bem vê que eu não posso mandar nada! Que fez o sr., prevendo o futuro, desde o dia em que eu tive a fraqueza de o ouvir?

—Ouça, Herminie, meu unico amôr, reflecti: julgo que o melhor é esperar a sua volta a Bayeux, aonde a seguirei para pedir a sua mão a Mademoiselle de Fayolles.

A estas palavras, Herminie empallideceu, e, encostando-se á janella, com os braços mais crispados ainda, exclamou:

—Mas então estou perdida!

Deu alguns passos; depois parou, encostou-se á meza, que occupava o meio da sala, com os olhos fitos em Emmanuel, que a havia seguido com o olhar espantado, e continuou:

—Então o sr. espera por que Mademoiselle de Fayolles e as religiosas do convento de Bayeux tenham tomado posse da minha sorte?

—Da sua sorte? Não! Não é orphã e livre? Dirigir me ei a Mademoiselle de Fayolles, mais por obrigação de sociedade, que por condescendencia e por politica. Quanto ás suas religiosas nada tenho a ver com ellas.

—Sr. Argouges, não lhe farei ver quanto Mademoiselle de Fayolles e as outras religiosas sám ciosas da auctoridade que tomáram sobre uma pobre rapariga, agarradas ao futuro que lhe está preparado segundo o seu modo de vêr, que ellas chamam o da providencia. Tenho desoito annos; diz que sou livre; talvez seja verdade, e concordo consigo. Um escandalo mao passo tam simples não me custaria muito. Devo confessar lho? Teria mesmo uma alegria secreta em ver Mademoiselle de Fayolles obrigada a inclinar se deante do seu pedido e a devorar tudo o que havia de pensar ao lembrar se que a prima nova, cuja vontade e vida ella quizera moldar, lhe ia escapar, entrar rica e... amada, pelo seu braço na sociedade, de que ella tivera de sahir por não ter fortuna nem marido, e onde não poderia governar me nem a si, nem ao sr. do seu pavilhão de convento.

—Mas é essa alegria, essa desforra que merece, Herminie, e que eu seria orgulhoso de lhe dar, exclamou Emmanuel no fogo do enthusiasmo.

—Reflicta: o sr. não é simplesmente um primo, mas, aos olhos de toda a gente, é o noivo de Mademoiselle de Villy.

Como quer que eu torne a apparecer no convento, onde, apezar de todos conhecerem muito bem os sentimentos, que podem perturbar a existencia, fazem todavia uma lei em os ignorar? E esses sentimentos, Argouges, os seus e os meus, pareceriam criminosos na nossa situação. Não quereriam ouvir se nós poderiamos ser bastante fortes para os vencer. Para o sr. haviam de ser mais indulgentes talvez: por isso seriam mais severos para mim, a rapariga pobre, que seria accusada de calculo, de hypocrisia, de ingratidão por uma piedosa *cotterie*, cujo desinteresse, a sinceridade, o reconhecimento para com o proximo, sam apezar de tudo, as menores virtudes.

—As suas devotas sám monstros!

—Monstro seria eu, e veria que não errava pelos grandes ares de horror, com que Mademoiselle de Fayolles havia de receber o seu pedido logo ás primeiras palavras. Ella, e a sua sociedade, e as religiosas cobrir-me-iam de maldição, o que admitto, — accrescentou Herminie, respondendo a um encolher de hombros de Emmanuel, — não lhe havia de importar muito. Mas eu só teria duas sahidas: ou renunciar á sua mão, ou sahir daquelle convento, não de cabeça erguida, como quem parte de boa vontade, mas humilhada, como creatura expulsa. Em vez do mao passo de que lhe fallei á boccado, teriamos o escandalo, e o sr. não sabe o alcance do escandalo no convento!

—E' verdade, respondeu Argouges acabrunhado, tem desgraçadamente razão, Herminie, tem sempre razão.

—Por outro lado, continuou Mademoiselle de Croisy, á medida que se prolonga, a minha demóra em Villy torna-se mais que penosa: impossivel... Porque o encontrei eu? Porque é que o sr., mais experimentado do que uma pensionista de Bayeux, persistiu em me fazer esquecer os deveres da amizade? Porque aquelle juramento d'amor e aquelle...? Veja, nem me atrevo a lembrar-me daquelle clarão de sol poente, que illuminou tudo, tudo para mim...

Ah! Sou bem desgraçada!

Tinha-se deixado cahir, o peito para deante, os cotovellos sobre a mesa, a cabeça entre as mãos.

—Herminie, disse Emmanuel de joelhos, o amor jurado, torno a jura-lo outra vez!

E, como ella se não mexia, nem respondia, levantou se e continuou abraçando-a:

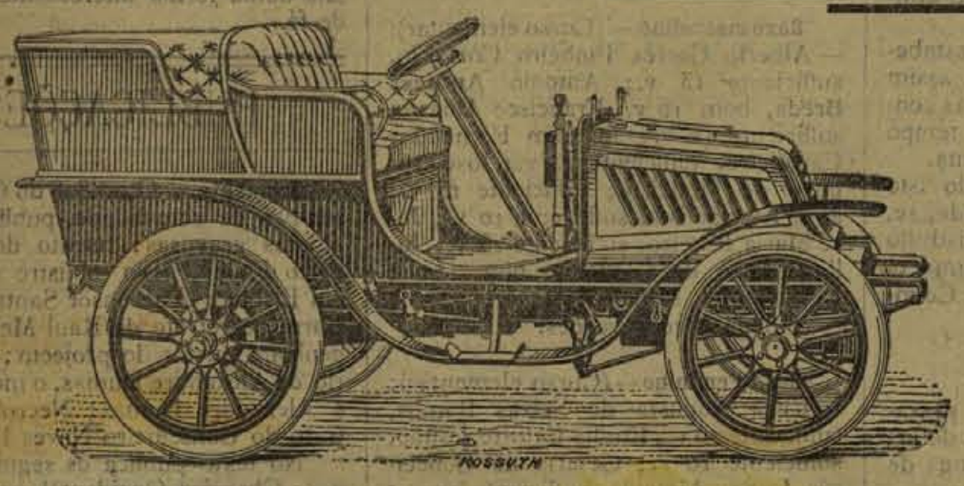
—Juro o de novo, com os braços a enlaçar-te, os labios...

—Não, aqui não! exclamou Herminie que se endireitára vigorosamente, por forma a romper o cinto que formavam os braços de Emmanuel.

(Continúa.)

EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

AUTOMOVEIS DARRACQ



Para mostrarmos que os **"Automoveis Darracq,,** além de serem

Os mais elegantes, os mais baratos e os que menos gazolina gastam

Sam tambem

Os mais sólidos e os mais ligeiros

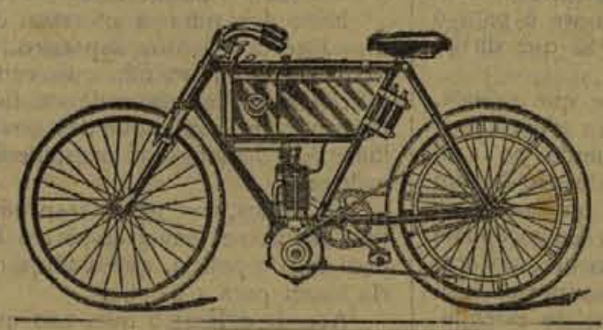
basta ennumerar algumas das suas victórias nêste anno:

1.º prémio na corrida da subida da Turbie

1.º prémio na corrida de Nice — 1.º prémio no Circuit du Nort

Nas grandes corridas Paris Vienna bateu com carros do máximo 24 cavallos as carruagens «Dainler» de 40 cavallos, «Mors» de 60 cavallos e 6 carruagens de Panhard Levasseur de 70 cavallos!! ganhando o 1.º prémio na série de Vaturet; 2.º, 3.º, 4.º e 5.º na série de Vaturet legere e o prémio de classificação geral.

MOTOCYCLETTE "WERNER,,



A **Motocyclette WERNER** de 1 3/4 de força não precisa de rèclame, contudo diremos que nas corridas Paris Berlim, Paris Bordeaux e nas subidas de Gaillon e Turbie-Paris Roubaire, Nice Marseille, etc., etc., chegam sempre na vanguarda!

Nas grandes corridas *Le circuit du Nort* e Paris-Vienna quantas *Werners* partiram, quantas chegaram, apesar do grande temporal que fazia!! Déz de differentes marcas que disputavam o prémio nenhuma chegou!!

Recentemente em Portugal o Record Porto Lisboa feito debaixo de chuva e com estradas em péssimo estado.

Motores LURQUIN-COURDET de 1 1/4 cavallos de força applicavel a qualquer bicyclette

Adaptam-se nas nossas officinas e garante-se a sua superioridade a qualquer outro de egual força.

Dos automoveis "Darracq,, da motocyclette "Werner,, e do motor "Lurquin & Courdet,, sám unicos agentes em Portugal

LEÃO, MOREIRA & TAVARES — "Empreza Automobilista Portugueza,, — COIMBRA

Venda de propriedade na Figueira da Foz

Vende-se ou arrenda-se uma bella propriedade de terra lavradia, com pomar e vinha, arvores de fructo, muito abundante de agua e bom terreno.

Tem casas de habitação e curraes, duas eiras e muito próxima á cidade, sita na Varzea, estrada de Mira, a 1 kilometro de distancia.

Para tratar, no Passeio Infante D. Henrique, n.º 7, 2.º andar — Figueira da Foz.

CURSO PRATICO DE

Escripturação commercial

Abre desde já, para funccionar em Santa Clara, em dias alternados, das 7 ás 9 horas da manhã, sob a regencia de

M. d'Amaral

encarregando-se tambem de balanços para trespasses, concordatas ou fallencias, e de partilhas entre particulares.

Informações podem os interessados obtel-as dos srs. Correia, Gaitto & Cannas, rua do Cego, 1 a 7 — COIMBRA.

LOJA DO MINHO

44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48

Deposito das ligitimas machinas **Singer,** instrumentos, musicas, Pianos, Bicycletas, occulos e lunetas.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junto dos Casinos e a dois passos da praia de banhos,** continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis.**

O proprietário,

José Maria Junior.

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de Cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmunar, frasco, 1$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer. — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrofulas. Frasco 1$100 réis.

O remédio de Ayer contra sezões. — *Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas carthariticas de Ayer. — O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquesita preparação para aformosear o cabello

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

Casa para arrendar

Arrenda-se uma boa moradia de casas, com tres andares e grande quintal, na rua João Cabreira, 21.

Trata-se com seu dono Alipio Augusto dos Santos, rua do Visconde da Luz, 60.

Espingardas

VENDAS A PRESTAÇOES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

LUCCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, a rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mésa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias,* etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Bicycletes com motor

R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

João Gomes Moreira

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem se trabalhos fóra da cidade

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 719 | COIMBRA — Quinta-feira, 31 de Julho de 1902 | 8.º ANNO

A sentença universitaria

O accordam do Conselho de Decanos, riscando dois estudantes da Universidade, acaba de pôr termo aos incidentes que provocou a discussão do convénio.

Queria-nos parecer que teria sido mais nobre e generoso limitar a simples reprehensões ou a preterições, sem grande prejuizo para os académicos, as condemnações da reitoria.

O sr. reitor da Universidade é o primeiro a reconhecer que as únicas víctimas dos acontecimentos sám um rapaz de comportamento exemplar, confessando expontaneamente o grito subversivo que dera, e um estudante muito novo, impulsivo, de suggestão fácil.

O sr. reitor confessa que os não julga os verdadeiros auctores e instigadores dos distúrbios, os verdadeiros responsáveis dos acontecimentos.

O sr. Reitor affirma que o procedimento da Academia é justificavel, porque os novos se deixam facilmente levar a defender o que julgam humanitário, patriótico e nobre.

Porque condemnar então quem publicamente se confessa, e pede perdão duma falta involuntária, que fez levado por outros, na defeza duma causa humanitária, patriótica e nobre?

Por que condemnar hoje, numa Universidade, na sede de uma faculdade de direito, um alumno reconhecendo na sentença a sua irresponsabilidade?

Alem disso, o sr. Reitor, reconhece em rapazes novos, gritando tumultuariamente, uma multidão disciplinada, obedecendo ás ordens de discolos; o sr. Reitor confessa que fallou aos discolos e que tentou obstar aos acontecimentos.

Se conheceu os discolos, se lhes fallou, porque não os castigou?

Elles eram os únicos responsáveis dos actos, êlles eram os cabeças de motim, êlles eram os únicos que deviam ser castigados, e não os irresponsáveis, que gritavam por impulso natural, por suggestão irresistivel, ou por julgarem defender uma causa patriótica e humanitária.

Não sahiu do conflicto académico a auctoridade universitaria com mais fôrça, nem prestígio.

Para os académicos, estabelece o facto perigoso de que os astuciosos se sabem livrar sempre, e que só os impulsivos, ou os fracos se deixam caír na rêde da justiça universitária.

Continuarám por isso os hábeis e os astuciosos, se os ha, com mais fôrça e auctoridade.

Por outro lado, não será uma condemnação que fará sustar os impulsivos. Esses deixar-se-hão arrastar fatalmente, sem responsabilidade jurídica, pelo primeiro que quei a suggestioná-los.

O perdão generoso, absoluto, era a única medida a tomar. Era elle que fôra indicado por toda a imprensa, elle foi, mesmo depois da condemnação académica, apresentado como a solução mais própria do conflicto, reconhecendo todos, todavia, a benignidade do sr. Reitor.

E não deixa de ser para lamentar, que em tam grande movimento de indignação, levantado em todo o país pelo convénio, fôsse apenas *a condemnação universitária* a única a que êsses factos deram origem em Portugal.

Mas houve gritos de *morra o reitor!*

Que quer isso dizer? Alguem imagina que a academia quizesse matar o sr. reitor?

Nem mesmo o sr. reitor o julga; porque, no documento official, que dirigiu ao governo, diz que, se não fôsse o attentado miseravel do cabo 3, o conflicto se liquidaria sem derramamento de sangue.

Houve apenas um grito sem significação.

Além disso a Academia obedeceu sempre ao sr. Reitor, que sem fôrça de polícia, fez evacuar o páteo da Universidade e fechar a porta-férrea, como e quando quís.

Para que dar tanta importância a um grito expiado por um acto voluntário de respeito; para que castigar como um crime o que era apenas num impulsivo o echo da suggestão?

O sr. Reitor tem sido sempre respeitado, e, se agora houve acto que parecesse de menos respeito, foi devido á defêsa duma causa nobre, era um grito de chólera, que não implicava desconsideração com o sr. Reitor.

Falta de consideração pelo sr. Reitor da Universidade, falta de respeito pela sua auctoridade, e de acatamento pela sua vontade de director do primeiro estabelecimento scientifico do país, se a houve provocada pelos acontecimentos a que deu logar o convénio, não veio dos estudantes.

E a disciplina é tám necessária nos que entram novos na Universidade a estudar, como nos que nella estám acabando a sua vida de professores.

O "Tribuno,, admirado

Escreve a noticiosa fôlha de Coimbra:

> «O que admira é que havendo na *Resisténcia* quem gosta tanto de antiguidades, o nosso preclaro collega se amofinasse comnosco...»

Gostamos de antiguidades, mas detestamos as collecções de estampilhas e as de bilhetes de visita.

Tem o nosso collega medo de nos ter encommodado.

Póde estar socegado.

O collega está velho, já lhe caíram os dentes.

Agora, quando quer morder, faz cócegas.

E' por isso que o *Tribuno* é divertido, apezar de ser um mau.

As festas na Mealhada

Correram pouco animadas as corridas da Mealhada, não cumprindo nem o gado nem os toureiros.

Manuel Casimiro foi, como sempre, muito applaudido.

De Coimbra foi muita gente nos comboios. Outros preferiram a tradicção e foram de carro. Achavam-se tambem na mealhada muitos automoveis de Coimbra.

A tourada foi cortada dos incidentes do costume. A gente daquellas terras é amante de touros, e já tiveram fama de boas as touradas da Mealhada enthusiasma-se por isso, e está sempre prompta a saltar á praça.

Foi o que aconteceu logo na primeira corrida: os toureiros não cumpriam, os toiros fugiam ao castigo, e o povo saltou á praça.

Deu-se a costumada intervenção dos cabos de policia armados de caçadeiras e armou-se a desordem, que breve serenou.

Um dizia numa tristeza a que talvez não fosse estranho o bom vinho da localidade, versos sentimentaes, que ia repetindo ao affastar-se da praça:

Ai Mealhada, Mealhada,
Foste sempre espesinhada...

E lá ia triste, a cabeça pendente, a chorar sobre a terra amada.

No meio da refrega, uma mulher chegou se ao marido, tirou lhe a caçadeira e pol a ao hombro e lá foi para casa dizendo:

Nada! Farta de trabalhos ando eu!

A' noite o debandar dos carros, alguns cheios de festões e de bandeiras, no meio dos gritos e das cantigas.

E até ao anno!

Foram concedidos 30 dias de licença ao sr. dr. José de Sotto Mayor, agente do ministerio publico nesta comarca.

O attentado contra a Vanguarda

Foi já enviado para juizo, dando entrada na cadeia do Limoeiro, sem fiança, José de Judicibus, como supposto auctor da tentativa feita ha dias contra o nosso illustre collega da capital *A Vanguarda*.

Não cremos porêm, que dure muito este amor de justiça, de que vemos possuidos os homens da monarchia.

Mais nos parece a rapidez da intervenção meio de fazer calar depressa a imprensa, que se occupava do crime, com escandalo, e d'uma fórma compromettedora para a monarchia e para o *Seculo*, que continua a ter dos poderes publicos toda a protecção, e a reportagem official mais disvellada.

Partiu para Zurich o sr. Conselheiro Bernardino Machado, a visitar seu filho que se acha doente com uma appendicite.

Conventinho

O *Noticias*, de Lisbôa, publica no seu número de terça feira, a notícia de que as *Servitas de Nossa Senhora das Dôres*, em virtude de um accôrdo feito com o governo, tomaram posse *provisória* do Conventinho, posse que lhes foi dada pelo administrador do 1.º bairro.

Já chegamos novamente ao tempo de as *Servitas* e congéneres terem existéncia legal e tomarem posse de edificios do estado com assisténcia das auctoridades!

Começou a reparação da ponte de Santa Clara, achando-se por isso interrompido parcialmente o transito.

Dois gallos num só poleiro

A chefia dos chamados regeneradores do districto de Villa Real é disputada pelos conselheiros de estado António de Azevedo Castello Branco, ex-ministro da justiça, e pelo actual ministro da marinha Teixeira de Souza.

Ambos á porfia tentam pôr debaixo da sua jurisdicção as hostes hintzáceas, tratando de levar de baixo o seu adversário.

Já no tempo em que Teixeira de Souza não era mais do que um agente da companhia dos tabacos naquêlle districto, elle queria allí dar as cartas e muito mais agora o deseja, valendo-se da sua posição no governo para se impôr.

A lucta vai assumindo um carácter cada vez mais azedo, sendo possivel que em breve se dê uma scisão entre os *cevadocratas*, que naquêlle districto se enfileiram ao lado do actual ministério.

Para contrapôr ás manifestações que se diz se farám no districto, quando o senhor de Vidago fôr de visita á sua terra amiga, o sr. conselheiro António de Azevedo foi adiante, começar a receber o preito de homenagem dos seus apaniguados, que na Régua, Santa Martha e em Villa Real lhe fizeram enthusiásticas manifestações.

Veremos qual dos dois terá a palma da victória, palma que, em caindo o ministério, se tornará do martýrio.

Um martýrio dôce, com as honras, e o ordenado por inteiro, a correr pelos canaes secretos da administração do thesouro.

No *Diario* de segunda feira foi publicada uma portaria de louvor ao lente jubilado da faculdade de medicina sr. dr. Costa Simões, pela maneira como se houve no desempenho da commissão de que foi encarregado por portaria de 12 de julho de 1890.

A commissão era de estudos hospitalares nos differentes países, estudos que se acham largamente desenvolvidos em quatro volumes publicados na imprensa da Universidade.

Formatura dos medicos

Foi ontem o dia das formaturas dos estudantes de medicina.

Costumava ser um dia alegre em Coimbra.

Antigamente, ao saber-se da decisão da Faculdade, queimava-se uma girandola de foguetes no alto da torre da Universidade, no pateo uma philarmonica rompia a tocar o hymno academico, emquanto os professores, ao sahir, iam abraçando os quintanistas que os esperavam em alas á porta que da *Via* latina vae para a reitoria.

A' noite, iam os estudantes despedir-se dos lentes, em marcha *aux flambeaux*, com uma philarmonica tocando o hymno academico, um hymno mais alegre que o de costume, um hymno que andava rouco e tresnoitado a comer e a beber.

Em 1884 modificou-se o habito antigo e o curso do Quinto anno foi despedir-se immediatamente á decisão, costume que ainda hoje se mantem.

A' primitiva girandola da torre da Universidade, accrescentou-se outra no largo de Camões, por occasião das festas académicas do centenario do poeta e outra no largo da Feira, o que desde então se tem feito todos os annos.

Em Coimbra era sempre esperado com alegria este dia, e ouvida sempre com alvoroço a girándola.

O páteo da Universidade enchia se de carros, e as familias e os amigos dos estudantes esperavam, em vestidos de festa, a hora da decisão para lhes darem o abraço de parabens.

Lastimando o motivo, que entristece o dia de hoje aos novos medicos, a *Resistencia* deseja-lhes longa e facil vida.

O ENSINO RELIGIOSO

Léopoldo Lacour, e Gustave Kahn sam partidários, em these, da liberdade de ensino; mas no momento actual, ante o enorme perigo cathólico, votam pela supressão do ensino religioso, e pelo estabelecimento do ensino republicano obrigatório.

Continua a vêr se nas opiniões, que hoje transcrevemos, a condemnação do internato.

A opinião de Gustave Kahn é particularmente interessante pela explicação, que dá, do mysticismo, moda que a litteratura portuguêsa importou de França.

Mostra-se tambem que o ensino do Estado é por ora rudimentar, incompleto, e mesmo vicioso, tendo apenas o ideal burgués de habilitar alumnos para exames, e habilitá-los cedo, com um ensino banal e imperfeito, para entrarem nas escólas superiores.

Léopold Lacour. — O meu primeiro lyceu foi uma casa religiosa; a primeira casa secular, em que estive, foi um lyceu do estado.

Depois, quer como interno, quer como externo conheci outros estabelecimentos do estado até entrar na *Normal*, que é tambem do estado, e que não foi o meu internato mais alegre: tinha passado já a edade, em que os jogos infantis podem bastar para distrair.

Na casa religiosa fiz a primeira communhão, não se aprendia com o cathethecismo senão a gymnástica e o cornetim, a não ser que se preferisse a flauta e a ophicléide. O meu desenvolvimento intellectual e moral nada póde dever a êste estabelecimento.

Tambem nada deve ao primeiro lyceu secular, em que tive mesmo o desgosto de me sentir um flautista exillado, e um trapezista adormecido, attendendo á falta de instrumentos necessários. Em breve contarei num romance estas duas prizões da minha infância.

A liberdade de ensino não existe. Ha sómente dois privilégios que se defrontam: o do estado e o da igreja. O primeiro quer supprimir o segundo, é a questão. Eu quereria a liberdade real do ensino; o que me não impede, considerando a lucta presente, adoptar o monopólio do estado contra o das ordens religiosas.

Esta terceira resposta poder-me-ia dispensar da quarta.

Os defensores da liberdade de ensino não luctam com effeito senão pela conservação de parte do privilégio arrancado ao estado, ha cincoenta annos.

A lei Falloux não foi uma lei de liberdade, mas uma desforra da Igreja. E' necessário que a Igreja perca a melhor; seria necessário mesmo que desapparecesse; então voltar-se-iam contra o Estado, e tirar-lhe-iam o ensino. Fallar-se-ia da liberdade, sem fazer um jogo de palavras; realizar-se-ia.

Desde já accrescento que quereria a *co-educação*. Fui, na imprensa parisiense um dos raros advogados de Cempuis.

Por fim: parece-me que os verdadeiros homens, como as verdadeiras mulheres devem sobretudo a si mesmos a sua personalidade.

O melhor dos ensinos é o do indivíduo por si, pelas suas leitúras, suas reflexões e sua vontade.

Gustave Kahn. — Fui educado em lyceus do Estado.

Sob o ponto de vista litterário, que é o que mais me interessa, tive que defender-me da influéncia dos professores.

Os seus manuaes sufficientemente influenciados pelos *Chartriers* no estudo da edade-média, ainda cheios do respeito tradiccional pelo século XVII, sem estarem bem ao corrente do século XVIII, quási ignorantes do século XIX, salvo no romantismo, que acabam de admittir, fazem fé da insufficiéncia do ensino.

Certamente que na nossa Universidade ha um aperfeiçoamento incontestavel e uma orientação melhor para a vida; mas é necessário que não continue a luctar systematicamente contra os escriptores novos, não admittindo um movimento litterário senão quando já está substituido por outro mais recente.

Sob o ponto de vista da educação, no meu tempo, a acção Universitária limitava-se a inculcar o respeito das cousas estabelecidas, da auctoridade actual, e percebia-se bem que seria a mesma coisa sob qualquer governo.

Quanto á liberdade de ensino, desejavel como principio, é inapplicavel, porque o homem da pequena burguesia, cuja única ambição é dirigir o filho para as carreiras liberaes, não é capaz de discorrer a educação que convem dar-lhe.

A liberdade pedida pelos clericaes é má; porque lhes permitte instaurar um ensino, donde é absolutamente banido o espirito de exame.

O partido republicano é, em summa e apezar de todos os seus defeitos, guiado pelos caminhos do futuro, e não poderia, sem se desamar, e sem um grande perigo dos interesses da evolução, abandonar actualmente o monopólio do ensino.

Perguntamos a Gustave Kahn, que foi amigo de Verlaine, se o religiosismo do auctor de SAGESSE *era attribuivel á sua educação.*

Não, o sentimento religioso de Verlaine era devido a certos lados puerís do seu carácter, e tambem á dispepsia, que é um grande agente do mysticismo.

Repare em Huyssemans, que passou de tam bellos estudos sobre os estomagos de Paris a uma história de Santa Lydwine de Schiedam.

O catholicismo de Verlaine era de essência muito particular, era o de Gestas, o máo ladrão; procedia muito tambem de uma viva admiração pelas poésias simples como as *Fioretti*.

Em summa, Verlaine, que gostava muito de estampas populares, e cujo sentido artístico, apezar de bellos relampagos, não era muito desenvolvido, nunca soube estabelecer bem a differença entre Epinal e Saint Sulpice.

Innocência

O *Tribuno* mal agradecido:

«A *Resistência*, que prima por ser infallivel, por isso que é collaborada por innocentes e não por homens, vem dizer-nos que êsse artigo é velho.»

Engana-se, collega; somos falliveis como a pobre gente.

Infallivel só o Papa.

E êsse está em Roma, como dizem as creanças.

Consta-nos que a benemerita direcção das Creches vae promover alguns espectaculos em beneficio de tam caridosa instituição, para assim poder occorrer ás avultadas despezas que tem.

E' de crer que o povo de Coimbra, sempre enthusiasta por tudo quanto seja proteger os desvalidos da fortuna e auxiliar os estabelecimentos de beneficencia, concorrerá em grande numero a esses espectaculos, protegendo assim as Creches, que tanto o merecem.

Dispensa do exame de allemão

Depois duma demorada conferência entre o sr. reitor da Universidade e o director geral de instrucção pública, ficou resolvido dispensar do exame de allemão os alumnos que no proximo anno lectivo se quizerem matricular na faculdade de direito.

Como pela última reforma universitária só fazia tal dispensa aos alumnos da faculdade de medicina, foi tomada tal deliberação para os de direito por espirito de egualdade.

Pela direcção das obras públicas dêste districto está-se procedendo á construcção da serventia da estrada districtal n.º 89, Penalva d'Alva, por Salto, á estrada real n.º 48 e a Caldas de Felgueiras para a povoação da Lageosa.

*

Tambem anda em reparação a ponte de Ervinha, sobre a valla de Araujo, em Eixa, a cargo da 2.ª direcção dos serviços fluviaes e maritimos.

Relação dos bacharéis que concluiram a sua formatura na faculdade de Medicina, no anno lectivo de 1901 a 1902

BACHAREIS FORMADOS

Antonio dos Santos Cidraes, filho de Gregorio Jose dos Santos Cidraes, natural de Faro — D. 14 valores.

Francisco Antonio Honorato de Sousa Vaz, filho de Manoel de Sousa Vaz, natural de Lagos, districto de Faro — B. 13 valores.

Jayme Corrêa de Sousa, filho de Antonio Corrêa Pinto de Figueiredo, natural de Lamego, districto de Viseu — D. 14 valores.

Adelino Araújo Lacerda, filho de Joaquim d'Araújo Lacerda, natural de Figueiró dos Vinhos, districto de Leiria — 12 valores.

Alberto da Costa Teixeira, filho de José Ferreira d'Almeida Teixeira, natural da Covilhã, districto de Castello Branco — 12 valores.

Antonio Alberto Dias Paredes, filho de Manoel Joaquim Dias Paredes, natural de Ferreira, concelho de Amares, districto de Braga — 12 valores.

Antonio Cardoso Pinto, filho de Luiz Cardoso Pinto, natural de Tões, concelho d'Armamar, districto de Viseu — 12 valores.

Antonio Francisco de Sousa, filho de Antonio Benedicto de Sousa, natural de Mirandella, districto de Bragança — 13 valores — 1.º accessit.

Antonio José Marques, filho de Antonio José, natural de Coimbra — 12 valores.

Antonio Pereira de Sousa Neves, filho de Cassiano Pereira Pinto Neves, natural de Lamego, districto de Viseu — D. 14 valores.

Camillo Corrêa Guimarães, filho de Joaquim Augusto Corrêa Guimarães, natural de Seixas, concelho de Caminha, districto de Vianna do Castello — D. 14 valores.

Carlos Henriques Lebre, filho de Victorino Henriques Lebre, natural de Coimbra — 13 valores.

Carlos Simões Dias de Figueiredo, filho de José Pereira Quaresma de Figueiredo, natural de Cerdeira, concelho de Arganil, districto de Coimbra — 12 valores.

Custodio Luiz d'Oliveira Pessa, filho de José Luiz d'Oliveira Pessa, natural de Pombal, districto de Leiria — 15 valores — 2.º accessit.

Delphim Augusto da Silva Pinheiro, filho de Emygdio Cardoso Ayres Pinheiro, natural de Alfarellos, concelho de Soure, districto de Coimbra — D. 14 valores.

Fernando Affonso Leal Gonçalves, filho de Jose Augusto Pereira Gonçalves, natural de Coimbra — 15 valores — 3.º accessit.

Francisco Manuel Dias Pereira, filho de Firmino Dias Pereira, natural de S. João da Pesqueira, districto de Viseu — 12 valores.

Henrique Beato Diniz Miguens, filho de Bras Miguens Beato, natural de Niza, districto de Portalegre — 12 valores.

João Antunes Guimarães, filho de Seraphim Antunes Rodrigues Guimarães, natural de S. Salvador de Briteiros, concelho de Guimarães, districto de Braga — D. 14 valores.

Joaquim José Cerqueira da Rocha, filho de Joaquim José Cerqueira da Rocha, natural da Figueira da Foz, districto de Coimbra — 13 valores.

José d'Almeida Rebello, filho de João d'Almeida Rebello, natural de Gouveia, districto da Guarda — 12 valores.

José Cypriano Rodrigues Diniz, filho de Francisco Rodrigues Diniz, natural de Coimbra — D. 14 valores.

José Gomes Cruz, filho de Antonio da Cruz, natural de Tavarede, concelho da Figueira da Foz, districto de Coimbra — 13 valores.

José dos Santos Alves, filho de Antonio dos Santos, natural de Penella, districto de Coimbra — P. 15 valores.

Manuel Firmino da Costa, filho de Firmino da Costa, natural de S. João d'Azenha, concelho de Anadia, districto de Aveiro — D. 14 valores.

Rodrigo Affonso Alves de Sousa, filho de Joaquim Alves de Sousa, natural de Coimbra — 13 valores.

José Xavier d'Azeredo, filho de Manuel Xavier Pinto Homem, natural de Armamar, districto de Viseu — 12 valores.

*

Classificados

1.º anno — Accessit; Manuel José d'Oliveira Machado. — Distinctos pela ordem da matricula: Alberto de Barros Costa, Alvaro Rodrigues Machado, Arnaldo Nogueira de Lemos, João Antonio de Moitos Romão, José Alves da Silva e José Cardoso Pereira Lapa.

2.º anno — Accessit: Antonio Aurelio da Costa Ferreira. — 1.º distincto: Vasco Nogueira d'Oliveira. — 2.os distinctos: José Carneiro Queiroz, João Marques dos Santos e Affonso Augusto Pinto.

3.º anno — Premio: D. Domitilla Hormozinda Miranda de Carvalho. — Accessits sem gradação: Alberto de Barros Castro e Jacinho H. da Silva Torres. — 1.os distinctos: Alberto Sabino Ferreira, Augusto Rodrigues Alvim e Eurico Fernandes Lisboa. — 2.os distinctos: José d'Oliveira Xavier, Sophia Julia Dias e Manuel Monteiro Atruada.

4.º anno — 1.º accessit: Duarte de Oliveira. — 2.º accessit: Nogueira Lobo. — 3.º accessit: Couto Jardim. — 4.º accessit: Francisco Valle e Vasconcellos. — Distincto, com honras d'accessit, Sebestião Egas d'Azevedo e Silva. — 1.º distincto: Adriano Vieira Martins. — 2.os distinctos: Annibal Dias, Antonio Augusto Pires, Arthur Annibal Fernandes e Luiz da Cruz Navega.

O ministério da fazenda expediu as necessarias ordens á alfandega de Lisboa, para que mande entregar com isempção de direitos todo o material destinado á construcção das pontes sobre o Mondego, na Figueira da Foz.

Automobilismo

Já chegaram mais dois automoveis á *Empresa Automobilista Portuguesa*, desta cidade.

Sam ambos da força de 16 cavallos, sendo já entregues aos seus compradores, os srs. dr. Egas Monis, lente da Universidade e Bernardino Rapôso, importante capitalista e proprietário de Torres Vedras.

O automovel que a emprêsa tinha em depósito, da força de 9 cavallos, foi já adquirido pelo nosso estimado assignante, de Ancião, sr. Alfredo Lopes Vieira, abastado proprietário naquella villa.

Sam esperados brevemente mais automoveis, que se encontram encommendados.

Na verdade, os carros da casa Darracq, de que a emprêsa é única agente em Portugal, sam os mais bonitos e elegantes que temos visto.

É por isso que os compradores os preferem aos doutras casas e systêmas.

Diz-se que vae ser nomeado amanuense do governo civil dêste districto, na vaga existente pelo pedido de demissão do sr. João de Meneses, um sargento do exercito, que já tem a necessaria classificação exigida no regulamento de 19 de Outubro de 1900.

Parece porem que, á ultima hora, será nomeado contra lei o sr. Augusto Silva, que se impôs ao sr. dr. Luiz Pereira.

Um conflicto de dois governadores civis!

Para a secção da circumscripção hydraulica, com séde na Figueira da Foz, foram destinadas as seguintes verbas: 2:000$000 réis para o molhe sul da doca; 3:000$000 réis para o muro sul da Praia da Fonte; 3:000$000 réis para dragagens; 500$000 réis para a conservação das obras do porto.

Foram justas estas verbas, pois a Figueira, tanto pela sua importancia commercial como por ser uma das estancias balneares mais formosas do pais, tudo merece; mas pondo em comparação a desigualdade que houve, entre a protecção concedida áquella cidade e a Coimbra, vê-se que da parte dos poderes públicos ha uma decidida má vontade contra nós.

Apenas 800$000 réis foram concedidos para a reparação de estragos importantissimos, causados pela ultima cheia nos campos do Mondego, estrada da Cidreira e Choupal, reparações com que se devem gastar uns poucos de contos de réis.

Não parece isto caçoada?

Não haverá quem reclame superiormente, para que justiça nos seja feita, ao menos nesta importantissima questão?

Ou os taes politicos de Coimbra sám só para inglês vêr?

A mobilia que existe nas casas que eram occupadas pela circunscripção da guarda fiscal, com séde nesta cidade, vai ser entregue ao quartel general da 5.ª divisão militar, para seu serviço.

Portaria de louvor

Tendo chegado ao conhecimento de Sua Majestade El-Rei o theor do relatório enviado pelo Reitor da Universidade de Coimbra, e respeitante aos graves acontecimentos que, no passado mês de maio, tiveram em sobresalto aquella cidade, e foram causa do encerramento temporario da mesma Universidade, relatorio que veiu officialmente confirmar factos que eram já do dominio publico, e no qual se vê mais uma vez, que a attitude tomada então pelo Reitor da Universidade foi a que melhor convinha ao prestigio do estabelecimento por elle dirigido e ao restabelecimento da ordem publica nessa occasião fortemente abalado;

Sua Majestade El Rei, attendendo ainda a que nessas circunstancias difficillimas o mesmo funccionário soube conciliar, por uma maneira altamente superior, a rigidês que lhe impunham os deveres officiaes do seu cargo com a benevolencia que lhe era aconselhada pela pouca edade e facil exaltação dos seus administrados:

Ha por bem o mesmo Augusto Senhor determinar que o Reitor da Universidade de Coimbra seja louvado pelo superior acerto com que procedeu na referida conjunctura.

Paço, em 26 de julho de 1902. — *Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro.*

No *Diario* de segunda feira foi publicado o officio que o sr. reitor da universidade de Coimbra, enviou ao governo. E' do theor seguinte:

Ill.mo e ex.mo sr. — Tenho a honra de enviar a v. ex.ª, para ser publicado no *Diario do Governo*, o accordão do venerando conselho de decanos, proferido no processo academico, instaurado em virtude dos graves acontecimentos dos ultimos dias de Abril.

Foi este o triste epilogo dos disturbios academicos, que me obrigaram, devidamente auctorisado por v. ex.ª, a suspender temporariamente os exercicios escolares da universidade.

Esta providencia, egualmente grave, era a unica a tomar nas circumstancias, que opportunamente a aconselharam, e produzir o effeito salutar que d'ella se esperava.

A academia voltou pacifica e disciplinada, continuando as aulas desde 22 de maio a 31, em que foram encerradas, conforme dispõe a nova reforma dos estudos universitarios.

Não tendo estes disturbios origem em factos, propriamente academicos, e, sendo, como foram, suggeridos e alimentados pela especulação de influencias estranhas, era de prever que assim succedesse, logo que esta especulação dêsse por finda a sua missão desordeira, prejudicial á boa ordem e disciplina de espiritos juvenis, sempre apaixonados e impellidos por sentimentos, que a verdura da sua edade julga humanitarios ou patrioticos.

Na apreciação e julgamento das occorrencias academicas foi devida e benevolamente ponderada a sua funesta e estranha origem.

Alem dos dois excluidos por um só anno, foram reprehendidos oito e pretendidos cinco, nos termos do Regulamento de Policia Academica de 1839.

E' possivel que, alguns dos que foram castigados com penas leves, merecessem punição mais grave, mas como v. ex.ª sabe, é o que geralmente succede em casos d'esta ordem, em que os mais espertos e astuciosos conseguem escapar ao justo rigor das leis.

«Ha no citado regulamento a seguinte disposição:

«Os estudantes que excitarem tumultos publicos ou *tomarem parte n'elles ou em reuniões illegaes contra a segurança e tranquilidade publica*, todos elles serão riscados da Universidade por tempo de dois annos, ou perpetuamente, segundo a gravidade das circumstancias.»

Se esta disposição fosse applicada á hypothese, a parte acima sublinhada comprehenderia um grande numero de delinquentes!

E seria justa ou conveniente e pratica tão severa e comprehensiva punição?

As penas disciplinares academicas devem ser conviniente e sensatamente applicadas; só assim poderão ser integralmente mantidas e respeitadas, como convem á força e ao prestigio das auctoridades que as applicam.

Cumpram todos os seus deveres, castiguem se devidamente as mais leves infracções da disciplina academica, e não haverá necessidade de recorrer á comminação de penas severas, senão em casos excepcionalmente graves, de facil e incontestavel averiguação.

Devo declarar a v. ex.ª que bem quiz eu evitar as penas applicadas, não poupando attenções e favores, conselhos e pedidos, e até supplicas, para conseguir que a parte discola da Academia caisse em si, e voltasse ao justo imperio e ao respeito dos leis civis e academicas.

Embalde usei de todos os meios, que a indole paternal do meu cargo aconselha e recommenda!

Persistir, pois, no caminho da benevolencia seria pôr em grave e imminente risco o prestigio da auctoridade superior academica, a quem no dizer dos estatutos, todos devem obediencia *in licitis et honestis*.

Tinha recusado a licença, que no dia 27 se me pedira, para reuniões politicas no pateo da Universidade, e declarado que não consentiria tambem que este servisse de refugio a desordeiros, que de lá desacatassem as ordens da auctoridade superior do districto, provocassem e offendessem a força publica, como, por mais de uma vez succedera, em tempos ainda não remotos.

Apesar desta recusa e da soltura de tres academicos, que eu na vespera conseguira, sob a condição do restabelecimento da ordem e tranquilidade publica, promettida e affiançada na presença do sr. secretario geral do districto, no dia immediato, 29, se reuniram no dito pateo cerca de 200 estudantes, para *falarem e lêrem* uma carta do sr. Paiva Couceiro, visto não poderem reunir-se noutro local, em virtude das ordens prohibitivas da auctoridade policial.

Neste momento, tentei dissuadir os discolos do seu proposito; vendo, porém, que seriam inuteis todos os meios, de que usasse neste sentido, desci á Via Latina, e intimei lhes, eu proprio, a sahida immediata do pateo da Universidade.

E sahiram sem *falarem nem lêrem* a tal carta, e por minha ordem foi fechada a porta ferrea.

Lá por fóra leram a carta, e entre os *vivas* ao sr Paiva Couceiro começaram os *morras ao Reitor*.

Informado pela policia academica de que no dia 30 se *deixariam ficar reunidos* depois das aulas, e discutiriam então o que bem quizessem, e prevendo eu propositada desobediencia ás minhas ordens, requisitei a intervenção da força armada, caso fosse necessaria, para as manter e fazer respeitar, e pedi a v. ex.ª auctorisação para suspender temporariamente os exercicios escolares, a qual me foi promptamente concedida.

Não houve, felismente, necessidade de recorrer á intervenção da força armada, porque os discolos resolveram reunir-se no dito pateo as seis horas da tarde. A's quatro e meia estava fechada a porta ferrea e nella affixado o edital que suspendia os estudos universitarios.

Por ultimo affirmo a v. ex.ª que os disturbios academicos, occorridos nos ultimos dias de abril, teriam terminado sem uma só gotta de sangue, apezar do que então se disse e escreveu, se não fosse o deploravel ferimento de que fôra victima, depois de fechada a Universidade, o estudante Vasco Quevedo, hoje felizmente restabelecido.

Deus guarde a v. ex.ª paço das escolas em 25 de julho de 1902. — Ill.mo e ex.mo sr presidente do conselho de ministros e ministro e secretario do estado dos negocios do reino. — O reitor, *Dr. Manuel Pereira Dias.*

A quem competir

Queixam-se-nos várias pessôas de que os tratadores de gados da camara e de muitos particulares costumam ir dar banho aos animaes, de manhã e á tarde, por cima do sitio onde as mulheres costumam estar a lavar, o que póde ser nocivo á saúde publica.

Muitas vezes os animaes têem feridas ou suppurações e outras moléstias, que certamente pódem ir emporcalhar as roupas que se estam lavando.

Para êste facto chamamos a attenção do sr. delegado de saúde e da policia que, com um boccado de vigilancia, póde obstar a isto.

Já foram escolhidos os locaes para o estabelecimento das duas estações de piscicultura, estando os respectivos projectos já concluidos.

Uma das estações é estabelecida em Santarem e a outra em Coimbra, junto a Escola prauca de agricultura-Moraes Soares.

Accordão do Conselho de Decanos

Do *Diario do Governo:*

«Vistos êstes autos etc.

«Mostra-se que, tendo sido instaurado processo académico, baseado nos relatórios do Guarda-Mór e nas participações policiaes relativamente aos tumultos, actos de insubordinação e desacatos á auctoridade, que se deram nesta cidade nos últimos dias de abril próximo findo, foram os autos com vista ao dr. Fiscal;

«Mostra-se que êste na sua promoção a fl... promoveu a applicação das penas de *reprehensão* e de *preterição* contra alguns academicos por factos de menor gravidade, e que fôssem intimados para deduzirem a sua defêsa os estudantes Manoel Luis de Almeida, Manoel Ribeiro Alegre, Seraphim Simões Pereira e Mário Mendes de Carvalho Leitão, arguidos de factos mais graves e attentatórios da disciplina académica, principalmente os de—*morras ao reitor*—e que produzida essa defêsa, acompanhada de documentos ou da indicação de testemunhas, fôsse o processo submettido á apreciação e julgamento do Conselho de Decanos, nos termos, do artigo 15.º § 2.º e artigo 16.º do decreto de 25 de novembro de 1839;

«Mostra-se que em seguida e por virtude daquella promoção os quatro estudantes referidos apresentaram as defêsas por escripto, offerecendo testemunhas os arguidos Serafim Simões Pereira e Manoel Luis de Almeida, e juntando um documento o arguido Mário Mendes de Carvalho Leitão;

«Mostra se que, inquiridas as testemunhas de defêsa, com o depoimento destas respostas escriptas e documento junto pelo arguido Mario Mendes, fôram os autos novamente conclusos ao dr. Fiscal;

«Mostra se que êste, na sua nova promoção a fl. 122 verso, reconhecendo que em vista das provas resultantes do depoimento de testemunhas de accusação e das produzidas pela defêsa os factos graves de indisciplina e de desacato á auctoridade do Reitor da Universidade se não achavam provados tam plena e inequivocamente como seria indispensavel para que se podesse applicar aos arguidos Serafim Simões Pereira e Mario Mendes de Carvalho Leitão qualquer das penas mais graves, foi de parecer que a êstes fosse applicada sómente a pena de reprehensão na presença do Secretario e registada no livro competente, e que aos outros dois arguidos fôsse applicada a pena de exclusão da Universidade por um anno, visto ser cabal e concludente a prova com relação a êstes;

«Mostra-se finalmente que depois daquella promoção correu o processo *em vista* aos decanos das differentes faculdades, e que postos *os vistos* por todos elles, foi convocado êste Conselho para a presente sessão; e assim

«Considerando que o digno Presidnte dêste Conselho e Reitor da Universidade submetteu á apreciação e julgamento do mesmo Conselho apenas a accusação contra os dois arguidos Manuel Ribeiro Alegre e Manuel Luis de Almeida, visto que, conformando-se elle com a promoção do dr. Fiscal, para si próprio reservara o julgamento e a applicação da pena menos grave requerida contra os arguidos Serafim Simões e Mario Mendes;

«Considerando que pelo depoimento concorde de muitas testemunhas a fl.. e fl... se acha plenamente provado que os arguidos Manuel Ribeiro Alegre e Manuel Luis de Almeida se salientaram como indisciplinados e promotores da indisciplina, offendendo a pessoa e auctoridade do Reitor, proferindo gritos de *Morra o Reitor fóra o Reitor;*

Considerando que a factos desta ordem deveria corresponder a applicação da mais grave pena que as leis e regulamentos académicos estabelecem, se não fôra a attenuante de geral excitação em que andava grande parte da academia, e ainda a consideração de que por falta de prova bastante deixariam de ser punidos outros que porventura teriam praticado iguaes ou análogos excessos, e em especial ao arguido Manuel Ribeiro Alegre a circunstância attenuante da confissão tácita e respeitosa dos factos de que era accusado, e, a respeito do arguido Manuel Luis Almeida, a circunstancia de que é geralmente considerado impulsivo e de temperamento exaltado:

«Accordam, os do Conselho de Decanos, em harmonia com a promoção do Dr. Fiscal, em condemnar cada um dos dois estudantes arguidos, Manuel Ribeiro Alegre e Manuel Luis de Almeida, na pena de expulsão da Universidade pelo tempo de um anno.

Paço da Escolas, 2 de julho de 1902. =*dr. Manuel Pereira Dias*=*dr. Luiz Maria da Silva Ramos*=*dr. Manuel da Costa Alemão*=*dr Luis da Costa e Almeida*=*dr. Jose Joaquim Fernandes Vaz.*»

Está conforme.=Secretaria da Universidade, em 5 de julho de 1902 = O Secretário, *Manuel da Silva Gayo.*

Tomou posse da cadeira de desenho philosophico na Universidade, para que fora nomeado precedendo concurso, o nosso amigo Antonio Augusto Gonçalves.

Parabens.

Mortuária

Falleceu nesta cidade o antigo professor de ensino livre, sr. Ramiro Augusto Pereira, que durante muito tempo militou no partido republicano.

O seu funeral foi muito concorrido

* *

Tambem falleceu hoje pelas 10 horas da manhã a pequenina Maria, extremecida filhinha do sr. José Affonso Barbosa, pintor, e sobrinha do sr Francisco Costa, habil regente da philarmonica dos Bombeiros Voluntários.

O seu funeral realisa-se ámanhã, pelas 4 horas da tarde.

A' familia da desditosa creancinha os nossos pêsames.

Anda em obras a rua de Quebra Costas tentando se corrigir, tanto quanto possivel, a inclinação que tornava difficil a subida por alli e que constantemente dava origem a quedas, principalmente em pessoas do campo, que por alli passavam desprevenidas.

Havia, sobre tudo, em certa altura uma lágea grande de pedra, onde eram frequentes as quedas, e um divertimento favorito de estudantes consistia em perguntar a uma pharmacia próxima, quanto tinha rendido a pedra naquelle dia.

Os degraus de pedra de Ançã, que se gastavam facilmente, vam ser substituidos por outros, de granito, e, na parte onde os não havia, vam ser collocados alguns, por fórma a que os patamares entre elles tenham menor inclinação, que a da calçada primitiva.

Parece-nos que seria boa obra continuar com a modificação até ao fundo da rua, por fórma a impedir por ella o transito dos carros de bois.

O transito dos carros por alli é um verdadeiro supplicio para os bois e para quem os vê luctar contra o declive, que é enorme. Seria por isso obra de caridade fazer esta obra, podendo então talvez modificar-se as escadas já existentes, que sám bastantes incommodas, e por onde é impossivel transitar em dias de chuva.

Mais uma que passou

Na aprazivel vivenda da família Telles de Vasconcellos, no Sobral de Ceira, realisou-se, na terça feira, uma festa intima, que certamente deixou perduraveis recordações a todos que a ella assistiram.

E' que se festejou mais uma *primavera* do patriarcha da familia que, conjunctamente com sua ex.ma mana, receberam os seus hóspedes no páteo d'honra do seu castello, com a bizarria das antigas hospitalidades morgadias.

As decorações, a mêsa do banquete, as illuminações, os fogos de artificio, as danças e as harmonias musicaes, foram genuina *Arte Nova*, e só as bellas horas que alli se passaram é que foram á moda antiga, que é como quem diz, sem etiquetas, em alegre e salutar convivio.

E' por isso que, com um abraço de metter os tampos dentro, enviamos ao alegre patriarcha dos Telles e Perdigões sinceros parabens, desejando que, por longos annos, e nós que os contamos, possa festejar egual data. **A.**

Seguiu para o Instituto Bactereológico de Lisbôa o menor de 12 annos Joaquim Augusto Flôres, da Figueira da Foz.

CARTAS DA GUARDA

29—VII—902.

O maior sucesso da Guarda, nestes ultimos dias, foi a abertura da loja do *Barbichas*, negociante muito importante desta terra.

A loja do *Barbichas* é uma loja ampla, muito bem fornecida, com numerosos mostruarios, vendendo de tudo ou quasi de tudo; em summa—o Grandella da Guarda. E' talvez loja boa de mais para a localidade, onde difficilmente se poderá dar sahida a uma grande quantidade de genero caro que possue—quinquelherias que ás vezes, mesmo em melhores terras, custam a abandonar as estantes e armarios; mas, em fim, o estabelecimento do Barbichas é uma loja de que hoje se orgulham os egitanienses, como se fôsse um verdadeiro e bello monumento. E têem razão para isso, porque ninguem, ao vela, deixará de aquilatar bem a terra que a sustenta. Nós mesmos, depois da abertura da *Loja do Barbichas*, modificámos, e muito, a nossa opinião sobre a Guarda, é attrahidos pelo apparato e ar civilisado do estabelecimento, já nos fomos acoitar sob a sombra mansa dos seus toldos, e sorver, sob ella, o nosso copo de cerveja.

A' noite, agora, toda a gente corre para a *Loja do Barbichas*, e alli se encontra, fincada em frente das vitrinas illuminadas, uma massa estupefacta de curiosos, fascinados pelas côres berrantes e pelo brilho das luzes e objectos dos mostruarios.

Como um bando de borboletas que a luz viva do arco voltaico attrahe e faz collar á pança luminosa do globo que a envolve, assim tambem o *povinho* se junta em frente dos compridos lençoes de vidro das vitrinas. Com ar de espanto e beatitude, todos alli pasmam, religiosamente, na contemplação alvar dos effeitos fascinadores que a luz estagnada das lámpadas eléctricas, tira da gravataria de côres variegadas e dos brilhantes que orvalham as joias, poisadas sobre um leito de velludo carmesim.

Garotos, tenho eu surprehendido, com os rostos encostados á vitrina da joalheria, crispando os dedos contra o vidro, numa áncia devoradora de possuir aquillo tudo, e talvez apenas com o desejo caprichoso de acariciar as barras de ouro, e brincar com os seixos brilhantes e córados, que formigam no metal.

Meninas honestas e pobres, tenho tambem visto, acariciando com olhares húmidos e cubiçosos, os cobreantes rollos de pennas caras e as assetinadas pregas e volutas de enramalhetados chapeos de luxo. E encostados ás vitrinas dos viveres, por mais de uma vez, tenho ainda encontrado pobretões esfarrapados, chupados pela fome e pelo vicio, percorrendo com olhares famintos e febris, os montes de fiambre, as columnas de latas de conserva, e as fileiras cerradas dos vinhos e licôres.

Emfim, meus amigos, a *Loja do Barbichas*, começa a tornar interessante a Guarda. E' pena que eu agora tenha de partir.

C. F.

O Rolié das tretas

Morreu o França.

Era um homem alto, forte, sempre de chapéu na mão, cumprimentador, como uma servente de estudante.

Era homem honrado, perdido por dar noticias em primeira mão, sabendo coisas da vida alheia, que contava sem graça.

Era muito querido dos bachareis formados.

Quando foi do centenário da Sebenta os rapazes fizeram-no *lente das tretas* e elle tomou um ar doutoral, a impôr-se aos collegas e aos novatos.

Começou a ser levemente insuportavel.

Todos os annos, ao começar das aulas, lá apparecia elle, pela estação e pela Havanêsa, a distribuir os versos.

Coimbra, nobre cidade,
Patria das letras,
Tu possues um personagem
Chamado *O Rolié das Tretas*

Este nosso personagem,
Em Coimbra absoluto,
Presta bons serviços
Por um tostão para o charuto

Os salgueiros do Mondego
Não julguem que dormem,
Porque pedem aos santos
Que os estudantes tornem

É chegada a occasião
De os estudantes voltarem,
Para ao *lente das tretas*
Alguma coisa darem.

Eram sempre os mesmos.
Sempre a mesma lição de abertura!
Tomára o papel a sério o pobre França...

Convite

José Affonso Barbosa, Francisco Costa e sua familia pedem ás pessoas das suas relações a finêsa de acompanharem á igreja e ao cemitério sua filha e sobrinha Maria, fallecida hoje.

O seu funeral realisa-se amanhã, sexta feira, pelas 5 e meia horas da tarde, saindo da rua do Corvo, n.º 6.

ANNUNCIOS

Pipas avinhadas

Na confeitaria Telles se diz quem compra quatro, sendo de boa madeira, e convindo no preço.

(24) Folhetim da "RESISTENCIA,,

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA DO CONVENTO

XV

Tinha parado e amortecido o seu olhar, as narinas palpitantes, a bocca cripada pela lucta da vontade contra o inor, o peito levantado como uma onda que se não sabe se quebrará com ruido ou se cahirá num gemido.

—Sr. Argouges, disse ella, é falta de altivez comsigo mesmo fallar assim.

Emmanuel sabia que, quando o sentimento de altivez vibrava em Herminie não havia remedio senão abafar momentaneamente todos os outros.

—Perdoe-me, disse, e continuemos peço-lhe, a conversar.

—Mas, replicou M.elle de Croisy mais socegada, não acabei com a conversa declarar-lhe, com effeito, que trairia M.elle de Villy beijando-a me era muito odioso. Sei que pode mudar uma feição, mas nesse caso a franqueza era mais propria do meu caracter. Quereria poder affastar-me de Alice escrever lhe: «Não devemos tornar ver-nos!»

—Oh! interrompeu Argouges, não faça isso!

—Todavia...

—Por amor de Deus, não faça. Alice separa-nos ainda, e só Alice, é verdade. Mas bem sabe como é boa, e digna de piedade; deixe ao meu cuidado affastal a docemente, sem a prostrar entre nós, sem dar cabo della.

—Mas bem vê que não é capaz d'isso! observou com um gesto de impaciencia M.elle de Croisy. Recorde se da outra conversa daquella noite, em que as suas esperanças,—bem o percebia eu de mais,—respiravam tám vivazes como as suas recordações. Ah! Tambem o comprehendi; é para mim que está reservado o sacrificio... Meu Deus! accrescentou crez ndo es maos, meu Deus! porque não morri eu na pedra do caminho?

Ao ouvil-a dizer assim aquellas palavras, Emmanuel empallidecera e precipitara-se para ella.

—Herminie, disse com as mãos postas tambem, não me torne tám louco de dôr, como de amor! O que eu quero hade fazer-se, e, apezar de tudo, apezar de Alice, heide encontrar um meio.

Tentava agarral-a; mas M.elle de Croisy replicou com uma ternura grave:

—Agora, Emmanuel, deixe me, peço-lh'o. Deixei M.elle de Villy a descançar depois de jantar; teria podido inquietar-se por serem estas horas e eu não ter apparecido e vir procurar me aqui. Até breve, sim?

Herminie dirigia-se para a porta, e, ao dizer as ultimas palavras, estendera os dedos longos, tám nervosos como delicados, para Argouges, que os beijava demoradamente.

—Vá depressa, disse ella fugindo para a bibliotheca.

Emmanuel, que tinha tambem medo de ser surprehendido, desappareceu pela pequena escada, que descia para o pateo de serviço daquêlle lado.

«Alice separa nos ainda e só Alice.» Estas palavras soavam sempre, entre as mais, aos ouvidos de Herminie como um dobre de signal.

Todas as razões, com que ella, ha tempo, procurava achar-se innocente voltavam em ondas vertiginosas e feriam no seu espirito: Mademoiselle de Villy, por prazer, tanto como por amizade, tirava a do convento dois mêses; mas para a tornar a precipitar lá mais desolada e destruindo o seu sonho, a sua existencia! Que reconhecimento devia aquella Alice, que podia ser a causa da sua ultima desgraça? Só ella. Emmanuel confessára-o. E ella não renunciaria com certêsa ao futuro, cuja imagem traçara felis, como elle poderia crêr facilmente. Herminie conhecia bem Mademoiselle de Villy; sem amor, no sentido verdadeiro da palavra, por o primo, parecia se com aquellas plantas, apparentemente fracas, que se destacam com custo do tronco, á volta do qual se crearam.

Era necessário que das duas morresse uma nestas circunstancias:

Alice enganada na sua fé; Herminie consummida pelas aspirações e paixões implacaveis, pelo proprio fôgo da sua vida.

Herminie mettia distrahidamente o volume de Shakespeare no fundo da bibliotheca, quando tocou na caixa de metal, que Mademoiselle de Villy lhe mostrara outrora com terror—uma caixa de arsénico, como devem estar lembrados.

De repente pegou lhe; depois, instinctivamente, lançando o olhar á volta, escondeu a sobre o peito, entre os seus braços, como se um olhar através dos muros pudesse vê-la ainda. Uma chama sombria saltava da sua pupilla dilatada; cerrava os dentes, como se tivesse medo de gritar, sem querer, o seu pensamento, e espalhara se sobre o seu rôsto a pallidês esverdeada que dam as intensões culpadas.

De repente, tambem, quebrou-se aquella tensão do seu ser, os braços cairam, a bocca abriu-se num suspiro profundo.

—Oh! disse ella; é medonho!... Alice?... O veneno? Estou louca, louca!

E, cambaleando, as mãos nas fontes da cabeça, como se duvidasse da solidês do crâneo contra algum assalto interior, dirigiu se para a porta e saiu da bibliotheca.

XVI

Clic! clac! clic. Estalos de chicote, brandido por uma mão exercitada, echoavam no ar fresco e sonoro da colina de Villy.

Eram nove horas da manhã. Argouges não fôra para a caça naquelle dia, e passeava com Villy na grande rua do parque. Alice e Herminie seguiam-os de perto, uma sem se importar com a conversa que poderiam ter o pae e o primo; a outra, pelo contrario, muito preoccupada com as palavras, que poderiam trocar o tio e o sobrinho.

Cuidado inutil; porque Emmanuel sentia sempre os mesmos escrúpulos e a mesma timidês deante de Mademoiselle de Villy.

Ciic! clac! Approximavam-se, e um ruido de guisos, a principio bastante vago, soava mais claro.

—Aposto, disse Villy, fazendo parar Argouges pelo braço, e voltando-se para a filha e Herminie, que é o coronel Lambrune que aí vem.

—Com tanto barulho? perguntou Mademoiselle de Croisy, ólhando para Argouges.

—Oh! A culpa não é delle; mas todo o cocheiro, que trás o coronel, julga do seu dever *bater* alguma coisa.

—Toquem as cornetas! disse Emmanuel num tom, cuja zombaria leve não podia ser comprehendida senão por Herminie.

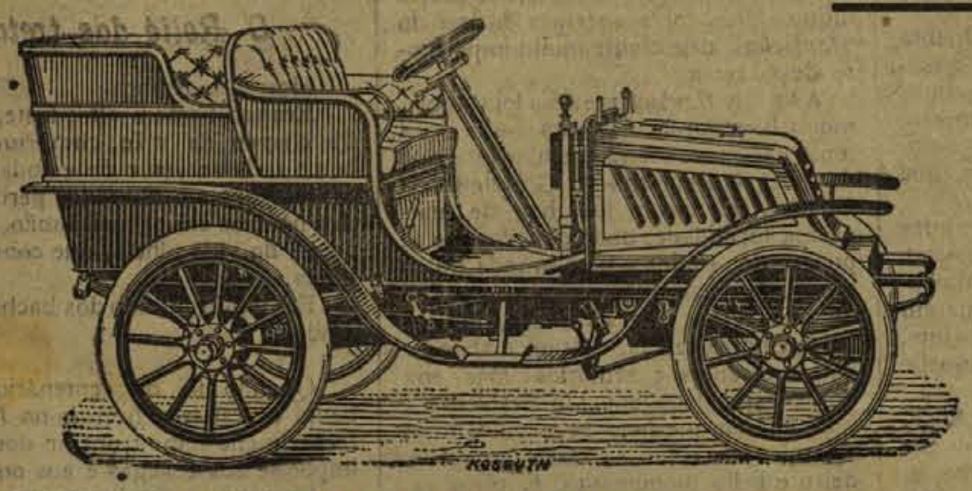
—Mas a corneta está a tocar, primo! disse Alice.

Com effeito, ouvia-se o toque da corneta, que usavam os antigos correios para avizar da sua chegada a um cidade, a uma aldeia, ou do termo da sua viagem á grade dum castello.

(Continúa).

EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

AUTOMOVEIS DARRACQ



Para mostrarmos que os **"Automoveis Darracq,,** além de serem

Os mais elegantes, os mais baratos e os que menos gazolina gastam

Sam tambem

Os mais sólidos e os mais ligeiros

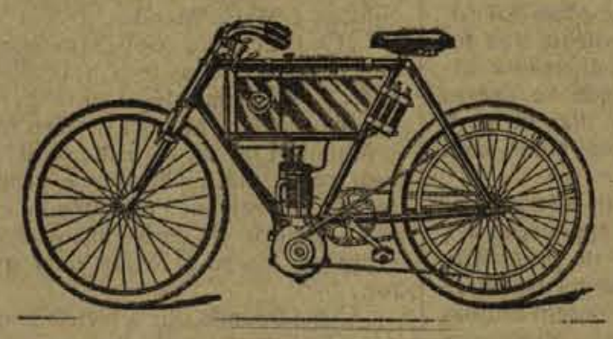
basta ennumerar algumas das suas victórias nêste anno:

1.º prémio na corrida da subida da Turbie

1.º prémio na corrida de Nice — 1.º prémio no Circuit du Nort

Nas grandes corridas Paris-Vienna bateu com carros do máximo 24 cavallos as carruagens «Dainler» de 40 cavallos, «Mors» de 60 cavallos e 6 carruagens de Panhard Levasseur de 70 cavallos!! ganhando o 1.º prémio na série de Vaituret; 2.º, 3.º, 4.º e 5.º na série de Vaituret legere e o prémio de classificação geral.

MOTOCYCLETTE "WERNER,,



A Motocyclette **WERNER** de 1 ¾ de força não precisa de rèclame, contudo diremos que nas corridas Paris Berlim, Paris Bord aux e nas subidas de Gaillon e Turbie-Paris Roubaire, Nice Marseille, etc., etc., chegam sempre na vanguarda!

Nas grandes corridas *Le circuit du Nort* e Paris-Vienna quantas *Werners* partiram, quantas chegaram, apesar do grande temporal que fazia!! Déz de differentes marcas que disputavam o prémio nenhuma chegou!!

Recentemente em Portugal o Record Porto Lisboa feito debaixo de chuva e com estradas em péssimo estado.

Motores LURQUIN-COURDET de 1 ¼ cavallos de força applicavel a qualquer bicyclette

Adaptam-se nas nossas officinas e garante-se a sua superioridade a qualquer outro de egual força.

Dos automoveis "Darracq,, da motocyclette "Werner,, e do motor "Lurquin & Courdet,, sám unicos agentes em Portugal

LEÃO, MOREIRA & TAVARES — "Empreza Automobilista Portugueza,, — COIMBRA

Venda de propriedade na Figueira da Foz

Vende-se ou arrenda-se uma bella propriedade de terra lavradia, com pomar e vinha, arvores de fructo, muito abundante de agua e bom terreno.

Tem casas de habitação e curraes, duas eiras e muito próxima á cidade, sita na Varzea, estrada de Mira, a 1 kilometro de distancia.

Para tratar, no Passeio Infante D. Henrique, n.º 7, 2.º andar — Figueira da Foz.

CURSO PRATICO DE Escripturação commercial

Abre desde já, para funccionar em Santa Clara, em dias alternados, das 7 ás 9 horas da manhã, sob a regencia de

M. d'Amaral

encarregando-se tambem de balanços para trespasses, concordatas ou fallencias, e de partilhas entre particulares.

Informações podem os interessados obtel-as dos srs. Correia, Gaitto & Cannas, rua do Cego, 1 a 7 — COIMBRA.

LOJA DO MINHO

44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48

Deposito das ligitimas machinas **Singer,** instrumentos, musicas, Pianos, Bicycletas, occulos e lunetas.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junto dos Casinos e a dois passos da praia de banhos,** continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis.**

O proprietário,
José Maria Junior.

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de Cereja de Ayer — O remédio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmunar, frasco, 1$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer. — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. Frasco 1$100 réis.

O remédio de Ayer contra sezões. — *Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cartharticas de Ayer. — O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquesita preparação para aformosear o cabello

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

Casa para arrendar

Arrenda-se uma boa moradia de casas, com tres andares e grande quintal, na rua João Cabreira, 21.

Trata-se com seu dono Alipio Augusto dos Santos, rua do Visconde da Luz, 60.

Espingardas

VENDAS A PRESTAÇOES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

LUCCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta natureza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, a rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mêsa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Bicycletes com motor

R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

João Gomes Moreira

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno	2$500
Semestre	1$250
Trimestre	80

Sem estampilha:

Anno	2$000
Semestre	1$000
Trimestre	500

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com a remessa este jornal fôr honro.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 720 | COIMBRA — Domingo, 3 de Agosto de 1902 | 8.º ANNO

FALSIFICAÇÕES

Os últimos acontecimentos do Porto, as falsificações numerosas, que desde a denúncia da falsificação da farinha vám dia a dia vindo a lume, mostram a necessidade urgente de attender á inspecção das substancias alimentares.

Actualmente essa inspecção faz-se apenas bem nos relatórios volumosos, cheios de dados interessantes, duma estatistica viciada e sem valor.

A custo e mal se faz a inspecção dos mercados, ficando sem inspecção os estabelecimentos que fornecem ao publico o pão, o vinho e as substancias mais necessarias.

A inspecção do leite é ridicula.

Apenas se faz bem a inspecção dos matadouros; mas essa mesma fica sem effeito pelo contrabando, que se faz, de carnes verdes.

E esta inspecção das substancias alimentares, cuja necessidade tem sido reconhecida por todas as nações estabelecendo serviços de policia e anályse, mais ou menos perfeitos, é bem necessaria em Portugal, em que o povo tem uma alimentação insufficiente durante os dias de trabalho, alimentação cuja base é o pão, e que, apezar de toda a sua insufficiencia, é bem menos prejudicial, que a alimentação abundante, que, nos dias de descanço, vae buscar á taberna.

A inspecção sanitaria das substancias alimentares em Portugal existe apenas no papel; porque não ha vigilancia constante, não ha institutos de anályse, e porque só agora se começa nos institutos de ensino a tratar désta matéria por fórma que faz muita honra a quem teve a iniciativa, e tomou para si tám pesado encargo; mas que não póde deixar de ser insufficiente já pela novidade do assumpto, já pela falta de dotação escolar que permitta dar aos trabalhos o necessário desenvolvimento.

Ha a necessidade de crear *analystas* públicos, que se encarreguem de fazer as anályses que lhe forem requisitadas pelos poderes públicos ou mesmo por os particulares interessados.

Na Inglaterra, onde esta instituição data das leis de 1872 (Adulteration of food Act) e de 1875 (Sale of food and drugs Act) tendo por fim impedir a sophisticação dos productos alimentares e pharmaceuticos (Astruc), tem dado os melhores resultados, havendo uma diminuição sensivel na media das falsificações.

Assim, emquanto que em 1871 antes da *Adulteration of food Act* a media das falsificações era de 26 %, em 1876, descia a 18 %, em 1881 a 16,50 % e em 1890 era apenas de 11 %.

Estas médias sám tiradas das anályses que se não fazem apenas sobre as matérias alimentares de cuja purêsa se suspeitou, mas sôbre specimens colhidos ao acaso em todas as substancias postas á venda, o que dá por isso uma média muito mais exacta do que se fossem apenas as matérias suspeitas de falsificação as examinadas.

No caso de haver dúvida sobre os resultados da anályse, podem os interessados recorrer para os chimistas de Somerset House.

A inspecção das substancias alimentares não está sómente entregue ao cuidado do público, que raras vezes se apressa a queixar, mesmo com razão, e ha todo um serviço de inspecção encarregado de descobrir as falsificações das materias alimentares.

O *analysta público* é obrigado a analyzar todas as amostras, que lhe forem enviadas pelos particulares, ou por qualquer *Medical Officer*, verificador de pesos e medidas, inspector de mercados ou agente do *Local Board of Healt* que têm o direito de em qualquer estabelecimento poderem escolher amostras dos productos expostos á venda para os fazerem analyzar.

O comprador póde levar aos tribunaes quem lhes vendeu substancias falsificadas. No caso da falsificação não ter sido demonstrada a requisição do comprador, mas sim por qualquer das entidades officiaes, já nomeadas, que as podem requizitar, o relatório do analysta é o bastante para levar o vendedor aos tribunaes onde de ordinário sam admittidas sem contestação as conclusões do relatório do analysta, e o réo condemnado.

Este serviço tem merecido as mais acres censuras, e as reclamações mais violentas da parte do *honrado* commerciante inglês, mas os tribunaes têem feito valer a força da lei, e os resultados da anályse scientífica, inspirando tal confiança nos analystas que é verdadeiramente insignificante o número de reclamações levadas pelos delinquentes para os chimistas de Somerset House, para os quaes ha, como dissemos já, appellação do relatório do *analysta* público.

Só a creação de um serviço de policia da inspecção sanitária, com laboratórios, analystas, dotação e organização própria poderá dar ao público a segurança de vêr affastado o perigo das falsificações das substancias alimentares, perigo ate aqui só quasi que exclusivamente limitado ao vinho e á carne, mas que se vae estendendo a todas as outras duma forma verdadeiramente assustadora.

Mas tenha-se todo o escrúpulo em não entregar serviço, que tanto interessa o público nas mãos de quem não tenha para exercê-los; a competencia que só uma larga prática póde dar.

Dê-se a maior latitude a essa inspecção encarregando-a, como se faz em Inglaterra, a um pessoal numeroso, que por circumstancias doutros cargos se acha em relações diárias com os fornecedores.

Entreguem-se a todo o rigor da justiça os criminosos, os que pela avidez do ganho arruinam a saúde pública

E comece-se já.

Porque só um castigo exemplar pode dar a auctoridade para uma reforma, e a confiança do povo na obra de remodelação futura.

As nossas colónias

O tenente Francisco Fernandes foi condemnado pelos tribunaes militares de Loanda em oito mezes de prisão militar por ter praticado graves abusos em Ambaca, onde foi governador.

Ora para que os tribunaes de Loanda, onde tantos criminosos têem sido absolvidos, punissem de tal forma aquelle official, que de abusos, e talvez crimes, não praticou elle e de quantas extorsões e injustiças não foram victimas os pobres pretos daquella região!

Que admira que haja rebelliões do gentio, para submetter o qual se gastam centos de contos de reis e se perdem vidas preciosas?

Emquanto para as colonias não se mandarem pessoas competentes e se não punirem rigorosamente todas aquellas que prevaricarem, as colonias, em lugar de progredir, hão de dar saldos negativos e a sua civilização será cada vez mais demorada.

Expoliar não é governar; praticando injustiças para com os pretos, não é que elles se civilizarão.

Mas as nossas colónias estám sendo um meio fácil de organizar finanças.

O sr. José d'Azevedo foi para a China em missão diplomática: estudar pirataria...

O sr. Cabral Moncada foi para a Africa para regularizar a sua vida, pagar as suas dívidas e fazer tirocínio para ministro da marinha.

O sr. Cabral Moncada é, em todo o caso, um exemplo raro em Portugal.

Quer pagar as dívidas antes de ministro, os outros esperam a occasião de serem ministros para fazerem dívidas que não pagam.

E que ninguem lhes pede...

Os estudantes do 5.º anno médico dirigiram no dia da sua formatura, a S. M. el rei e a S. M. a Rainha telegrammas, pedindo-lhes o indulto dos dois académicos riscados em virtude dos conflictos do convénio.

Na tarde dêsse mesmo dia, procuraram o sr. Reitor da Universidade pedindo lhe, que, na informação que lhe fôsse superiormente pedida, usasse da sua benignidade, informando favoravelmente a petição generosa dos quintanistannistas.

Os poderes públicos deram ao sr. Reitor, e á auctoridade académica toda a força, reconhecendo e approvando a benignidade de que sua ex.ª usára durante todo o processo.

O relatório do sr. Reitor, referindo-se aos dois académicos, parece até indicá-os a um acto de benignidade do poder moderador.

Seria para desejar que visse realizado o seu último pedido académico o Curso do 5.º anno médico, que inicia a sua vida pública com um acto tam generoso e tam ennobrecedor das qualidades de coração e de carácter dos novos médicos.

Manifestação gorada

A recepção promovida pelo partido regenerador ao ministro da justiça Campos Henriques, foi um verdadeiro fiasco.

Apezar do governador civil expedir milhares de cartas de convite, tentando assim mais uma vez organizar uma *manifestação expontánea*, a concorrência deixou muito a desejar e quanto a *enthusiasmo* foi um desastre. Parecia um acompanhamento fúnebre.

Se o governo fôsse susceptivel de ter melindres, com certeza se julgaria bem mal ferido com o procedimento do Porto com um dos seus membros; mas isso, sim: A humilhação passa e o governo fica.

Já regressou da Guarda o sr. dr. Costa Ferreira, dedicado e distincto collaborador dêste jornal.

Horário de combóios

Não seria propositada a maneira como foi redigido o horário de verão da Companhia Real; mas, a fórma como foi estabelecido, parece um propósito para prejudicar esta cidade.

Todos os dias se ouvem queixas contra êsse horário e disposições, começando já as povoações a reclamar.

Cabe a vez agora á antiga villa de Pereira, povoação importante, que foi ferida pelo mesmo horário com a supressão dos *tramways*, que faziam o trajecto para a Figueira e vice-versa.

O sr. Chapuy, no seu officio para a Associação Commercial, dizia que as faltas dos *tramways* eram substituidas pelos comboyos mixtos, que paravam nos apeadeiros da linha até Alfarellos. Pois em Pereira, que é inegavelmente mais importante não param os taes comboyos mixtos.

Porque será esta excepção?

Então Pereira com movimento de população, de commércio e de povoação agricola não vale muito mais que o Ameal?

Pois os comboyos mixtos param no Ameal, e não em Pereira!

Segredos de natura...

Para que acabe esta excepção vám os habitantes da antiga villa de Pereira mandar ao sr. Chapuy a representação que em seguida publicâmos, e que está obtendo assignaturas.

Muito útil seria áquella povoação o deferimento do seu pedido, e a companhia nada perde em conceder as paragens pedidas, porque o movimento de passageiros que haverá ha de compensar.

Ill.mo e ex.mo sr.

Os abaixo assignados, habitantes da Villa de Pereira, do concelho de Montemór-o-Velho, vêem perante v. ex.ª representar o seguinte:

A Villa de Pereira fica situada á margem da linha férrea de Lisbôa ao Porto, logo em seguida á estação de Formoselha; é importante pela sua população e pela das localidades circumvisinhas, havendo daquêlles pontos constantes relações com as cidades de Coimbra e Figueira da Foz; era costume pararem naquêlle logar, servido por um apeadeiro, os combóyos n.os 501, 502, 503 e 504, mas, presentemente, pelo horário que está vigorando, não para alli o comboyo n.º 17 mixto que sai de Lisbôa ás 7,30 da tarde o que causa embaraços importantes ás povoações que habitam naquêlle logar e immediações, as quaes, aliás, ficaram privadas de uma regalia que já anteriormente tinham.

E' de inteira justiça, ex.mo sr., que seja satisfeita a nossa representação, fazendo parár o comboyo n.º 17, o que, além de apresentar uma real vantagem para os povos que dêsse apeadeiro se aproveitam, parece aos abaixo assignados que é de importância para os interesses da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguêses, que v. ex.ª muito dignamente dirige.

Por estas considerações esperam os abaixo assignados que verám ser attendida a presente representação, o que de v. s.ª por êste meio solicitam.

Foram mandados fazer serviço na estação telégrapho postal de Lisboa, os aspirantes ds estação desta cidade, srs. Antonio Marques Mello Júnior, Annibal das Neves Coelho e Joaquim Nunes da Silva.

A commissão dura até ao fim do mês de setembro.

Pelo decano da fáculdade de medicina, sr. dr. Costa Allemão foi feita a raspagem dum fôco tuberculoso na perna direita a um doente dos hospitaes da Universidade, do nome Joaquim da Silva Netto de Brenha, concelho da Figueira da Foz.

O enfermo encontra-se em via de restabelecimento.

O ENSINO RELIGIOSO

As mulheres em França teem sido as maiores apologistas do ensino religioso, como é próprio de suas fracas cabeças e leve entendimento.

O póvo tem-as apupado com o grito: **para a cosinha, para a cosinha,** *grito que, digam o que quizérem feministas, é bem racional.*

Hoje transcrevemos a opinião duma mulher de lettras.

E' opinião de mulher de espírito, sem outro valor.

Marcelle Tynaire não soffreu a influência do ensino religioso; porque só o teve, quando pequena, achando a por isso associada á ideia das suas bonecas e dos seus primeiros brinquedos.

Demais Mercelle Tinayre foi sempre resistente por índole a toda a educação, como tantos outros litteratos, cujo documento é por isso curioso; mas sem valor de maior.

Transcrevemo-la por probidade scientifica, por não querermos esconder opinião alguma, embora contrária ao nosso modo de pensar.

M.me Marcelle Tinayre. — Não fui educada nem em convento, nem em estabelecimento secular, nem em lyceu do Estado.

Na edade de cinco annos, fiz a minha estreia na vida escolar numa escola pequenina, que tinham, num *faubourg* de Bordeaux, senhoras vagamente religiosas.

Essa escola era deliciosa...

As mestras — eram bem religiosas! — chamavam-se *Madame Saint-Joseph* e *Madame Saint Louis*.

Na escola havia um jardim cheio de magnolias, cujas grandes flores nos serviam para escrever com um alfinete.

A' noite, accendiam se vellas deante duma Virgem de gesso, e «fazia-se o mez de Maria.»

Não aprendi grande coisa naquella escola; mas guardei della uma recordação muito fresca, muito branca, como a imagem da minha primeira infancia.

Deixei este antro clerical por *boites* variadas, dirigidas por senhoras velhas. Em toda a parte estava bem, porque tinha muita imaginação.

Aos oito annos, fui alumna duma escola primaria superior; aos nove, duma escola primaria annexa a uma escola normal; depois tornei a caír nas *boites* por pouco tempo. Minha mãe fundou um curso particular em que trabalhei seriamente; mas dos quartorze aos dezasete annos, só recebi lições particulares para me preparar para o grau de bacharel. Os mestres ensinavam me sobre tudo a arte de trabalhar só, e depois aperfeiçoei essa arte.

Não creio que esta educação, relativamente liberal, mas cheia de contradições divertidas, tenha tido sobre a formação da minha pessoa moral uma influencia apreciavel.

Não havia alumno mais facil do que eu, e mais enganador, porque a minha indisciplina doce e respeitosa podia levar meus paes e mestres a erro sobre a influencia das suas lições.

Na realidade, eu ria me dos professores e dos exames, não tendo tarefa mais querida, do que a de compôr dramas em tres mil versos e romances historicos, com um *aplomb* de metter medo.

Bem deve pensar que estas obras primas eram feitas de reminiscencias e de *pastiches*. Mas então ainda não enfadava ninguem com a minha litteratura.

Na realidade, nunca experimentei senão as influencias successivas e contradictorias das minhas leituras, porque lia todos os livros, quê me vinham á mão.

Era muito romanesca, e naturalmente muito hypocrita; porque as meninas de quinze annos têem obrigação de o ser, quando sám *bem educadas*.

E por mais que faça eu, que sou uma mãe liberal e sem preconceitos, quando minha filha tiver quinze annos, hade ser tambem um pouco hypocrita, e não me hade dizer todos os seus pensamentos.

E os pedagogos, por mais que se ponham a quatro, não poderám nunca comprehender o que se passa no cerebro duma garota...

Ah! Sim, como sou sceptica a respeito dos famosos resultados da educação!...

Quanto á liberdade de ensino prefiro não responder.

Diria naturalmente tolices e d'aqui até ao primeiro de Junho tenho que fazer um monte de coisas mais importantes do que pensar na lei Falloux,

Mas, apezar de tudo, já que a liberdade de ensino parece perigosa a pessoas melhor informadas que eu. não ha outras liberdades, que não sám menos perigosas, a da imprensa, por exemplo... E a da embriaguês?... E a da prostituição?...

Se se suprimem todas as liberdades, que podem constituir um perigo, onde fica a liberdade?

Não, é um problema muito complicado, para eu ter a pretensão de o resolver em algumas linhas.

Um nosso collega da capital publicou a nota do movimento de consultas havidas no dispensario anti-tuberculoso de Lisboa, na sexta feira, nota que transcrevemos:

«Consulta de manhã — (dr. Alfredo Luiz Lopes), homens 1:740, mulheres 1:998, creanças 886. — Total 4:624!

Consulta de tarde — (dr. Henrique Monteiro), homens 336, mulheres 550, creanças 900. — Total 1:796!»

Mesmo que Briareu fosse medico e vivesse, não poderia fázer conscienciosamente tal serviço, quanto mais dois simples mortaes!

Verdade é que sám tuberculosos, coitados, de vida perdida; mais valle abrevial-a.

Ou então o reclame é mal feito.

Deve ser isto.

Partiu no domingo para o Gerez, com demora de poucos dias, o nosso estimado assignante sr. José de Sousa Gonzaga.

Diz-se que brevemente será publicada a reforma de instrucção primaria e a collocação do pessoal das escolas normaes de Lisboa, Porto e Coimbra, as quaes só poderám ter 7 professores cada uma.

Os discipulos dos três annos do curso serám distribuidos pelos professores e no caso de ser necessario desdobrarem-se algumas por serem muito frequentadas, os respectivos professores é que têem de reger as disciplinas, acabando-se portanto com os professores auxiliares e em commissão.

Continua bastante incommodado o nosso estimavel assignante e amigo sr. José Augusto Correia de Brito, a quem desejamos completas melhoras.

Com destino ás pontes do rio Mondego, na Figueira da Foz, encontram-se na alfandega de Lisboa 933 volumes de material, vindos do Havre.

Consórcio

Realizou-se ontem, na igreja de S. Bartholomeu, o enlace da sr.ª D. Maria da Glória Costa, irmã do industrial sr. Alfredo Fernandes Costa, com o sr. António Augusto Neves, camarista e conceituado commerciante desta cidade.

Foram paranymphos o distincto ourives sr. Manuel Martins Ribeiro, e sua esposa.

Aos recem-casados desejamos um futuro venturoso.

Os srs. J. Santos Monteiro e Fausto Quadros, andam tratando de activar a construcção do jazigo de Benjamin Nobre, fallecido no anno lectivo passado.

Ha todo o empenho e esperança de estar concluido o jazigo para outubro, occasião que os condiscipulos escolheram para uma sentida manifestação ao companheiro de trabalho que deixam morto em Coimbra.

Declaração

Recebemos dos srs. Fausto Quadros e J. Santos Monteiro uma declaração que se refere á seguinte passagem do relatorio do sr. reitor da Universidade:

«Tinha recusado a licença, que no dia 27 se me pedira, para reuniões políticas no páteo da Universidade, e declárado que não consentiria tambem que êste servisse de refúgio a desordeiros, que de lá desacatassem as ordens da auctoridade superior do districto provocassem e offendessem a fôrça pública, como, por mais de uma vez succedera, em tempos ainda não remotos.

Apesar desta recusa e *da soltura de três académicos, que eu na véspera conseguira, sob a condição do restabelecimento da ordem e tranquilidade pública, promettida e affiançada na presença do sr. secretário geral* do districto, no dia immediato, 28, se reuniram no dito páteo cerca de 200 estudantes, para *fallarem e lérem* uma carta do sr. Paiva Couceiro, visto não poderem reünir-se noutro local, em virtude das ordens prohibitivas da auctoridade policial.»

Publicando, como nos é pedido pelos nossos amigos, a declaração que nos enviaram, deixamos mais uma vez consignada aqui a necessidade de terminar de vez com tam desagradavel incidente, levantado no defêsa da ideia mais nobre e mais patriótica.

Tendo lido no *Diário do Governo* e em vários periódicos do país o officio relatório que o sr. reitor da Universidade dirigiu ao sr. ministro do Reino, em que se fazem apreciações mais ou menos veladas, que menoscabam os abaixo assignados, vêem estes, salvo o devido respeito que tributam ao digno prelado da Universidade, declarar:

1.º — Que não assumiram perante s. ex.ª o encargo do restabelecimento da ordem e tranquilidade publica *promettida e affiançada*, na phrase do relatório, porque isso equivaleria a confessarem-se chefes do movimento, o que não foram, e seria uma prova de blasoneria ridicula, pois ninguem pode garantir a quietação duma multidão, de pensar diverso a cada individuo, de modo de vêr variavel segundo o intender consciente e reflectido de cada um.

2.º — Que o sr. reitor da Universidade não podia acceitar semelhante declaração, caso fosse feita, o que se não deu, porque isso equivaleria a um attestado deprimente que o criterio alevantado de sua ex.ª certamente repelliria.

Portanto, affirmam tal não terem promettido nem affiançado, mas simplesmente aventado a ideia de que a libertação dos seus camaradas prêsos, talvez serenasse o tumulto, pois medidas violentas sempre promovem reacção.

A interferencia dos signatarios apenas prova o desejo bem louvavel de terminar uma contenda desagradavel. Um, como estudante e jornalista, e o outro, como presidente da Associação Académica, julgaram cumprir um dever interferindo pacifica e lealmente nos acontecimentos académicos d'abril.

E' esta a rectificação que entendem dever fazer ao officio relatório do sr. reitor da Universidade.

Coimbra, 31 de julho de 1902.

Fausto Quadros
J. Santos Monteiro

Um papagaio macabro

Lê-se num collega portuense:

«Ha poucos dias, quando o *sud express* ia entrar na gare de New-Haven o encarregado das bagagens ouviu subitamente uma voz humana, que exclamava:

«Abram a porta e tragam-me água! Tenho sêde, sêde!

«Tomado de terror, o empregado chamou o seu chefe e mais dois camaradas, dirigindo-se depois para o sitio donde haviam partido os gritos e parando perto duma mala, que tinha por cima um embrulho amarello:

«— Quem está ai? — perguntou elle.

«Respondeu lhe um silvo vibrante. O medo generalisou-se e, como o conductor désse vários pontapés no embrulho, alguem disse angustiosamente:

«— Piedade!

«Os personagens da aventura fugiram immediatamente, menos o conductor que, desfazendo o embrulho, encontrou uma gaiolla de arame, — com um bello papagaio!»

O que o jornal não diz é se o conductor, vendo o louro bicho, lhe pediu o pé.

Scenas da vida

Joaquim da Silva, cabouqueiro e Eleutherio Rodrigues, sapateiro amador e gatuno de golpe de profissão, sam dois amigos de Peniche, que ás duas por três jogam as cristas, por varias partes desta pacata cidade.

Na noite de sexta feira, os dois sugeitos desavieram-se no jogo da bisca sueca, que estavam a jogar na casa de pasto do sr. Ruivo, á Sophia, e desafiaram-se para combate singular, no Choupal, *au clair de la lune*.

Dito e feito e ahi veem os dois duellistas para se baterem no poetico campo da honra.

Ao chegarem porem, ao cimo da rua da Louça (que volta que elles deram para irem para o Choupal), o Silva declarou que não ia mais para diante e com um grosso bengalão que trazia, descarregou taes pancadas no Rodrigues; que este caiu por terra sem poder fazer uso dum rewolver que levava, talvez com o fito de atirar ao *alvo*, quando chegasse ao sitio destinado.

O Silva, que mais parecia um martello, pois em lugar de arranhar o contendor, lhe partiu a cabeça em dois lados e contundiu fortemente um braço depois da façanha, deu ás de Villa Diogo e foi-se metter em casa.

A policia, que o seguia de perto, cercou lhe o covil e intimou-o para elle se dar á prisão. E elle, vendo a impossibilidade de fugir, caiu nos braços dos mantenedores da ordem, que o conduziram para a esquadra.

E agora a justiça ensinará ao cabouqueiro que o corpo dum christão, apezar de gatuno de golpe, não é nenhuma pedreira, do qual se tiram blocos, como quem vae de caminho.

O ferido, que foi levado em braços para casa, recolheu ontem ao hospital, por não ter quem o tratasse.

Já é abandono para um *homem honrado*...

*

Maria da Assumpção, não gostando que seu marido tivesse os seus *dares e tomares* com Margarida do Carmo, chamou esta á falla e disse-lhe que era feio andar a desinquietar o *seu mais que tudo*.

A Carmo, julgando-se tambem Trindade, desabou, armada com um pedregulho, em cima da Assumpção, partindo-lhe a cabeça em vários sitios.

A scena deu se no alto do Pio, pelas 10 horas da manhã de ontem, indo a ferida queixar se á esquadra da Baixa, sendo acompanhada por um policia, curada na pharmácia Neves, da rua do Visconde da Luz.

A Assumpção tinha razão; e talvez lhe não falte a justiça...

Caça

Ha queixas fundamentadas de caçadores de Coimbra, contra os de algumas localidades, sobretudo os de Arada, que exterminam tudo sem cuidado pela conservação da caça, que tanto tem diminuido.

O antigo *Club dos Caçadores* foi de uma nobre iniciativa protegendo a conservação da caça pela exacta observância das leis em tempo defezo, e comprando casaes de perdizes que soltava de modo a augmentar o número destas aves que iam escasseando mais e mais.

Pena é ter cessado da actividade tam excellente instituição.

Pela 2.ª direcção dos serviços fluviaes e maritimos foi mandado proceder a reparação da serventia do povo da Arzilla que liga a estrada real 43, com a valla real do Norte, deste districto.

Foi promovido a aspirante a official e collocado no regimento de infanteria aquartellado nesta cidade, o sr. José da Motta.

Foi muito cumprimentado.

LITTERATURA & ARTE

UM LIVRO

O dia d'ontem, um domingo da minha terra, apresentou um aspecto borrascoso e mal humorado. Pesadas nuvens enfarruscavam indelicadamente o setim puríssimo e calmo dum céo de Nápoles — êsse céo immaculado da minha Beira, dum azul homogéneo de saphira, muito liso, muito macio, muito avelludado. E eu, que ando sempre com o tempo, escoava mé por essas ruas, mal disposto, meditabundo, alheio a tudo, torturado por um aborrecimento intoleravel e brutal. Especava-me de vez em quando á porta duma botica — na artéria principal da cavaqueira — lançava, burocraticamente, mão de um jornal, e encarcerava a paciéncia nas columnas do diário, entre historiações de crime, e *sueltos* de politica. Um horror!

Sem saber como, achei me num quarto acanhado d'hotel, em conversa com um rapaz de talento, contemporáneo das minhas lides académicas, cheio de conhecimentos scientificos, com uma já longa peregrinação pelas páginas dos periódicos, baixo e loiro, d'óculos cobrindo uns olhinhos prespicazes de myope, e um delicado e franzino arcaboiço, que faz pasmar como *lá dentro* paira uma alma d'artista, um espirito eivado de sabedoria. Viera aqui passar uns dias. Conversámos sobre tanta coisa, que, áparte o exaggero, pudéra dizer que fallámos *em tudo!*...

Referimo-nos á necessidade duma *Revista* puramente de feição académica, que firmasse mais uma vez o espirito dos estudantes de Coimbra, numa nota sério-folgasã, mas cheia de viço, e cheia de talento! Alguma coisa que obstasse ao desprendimento, ao desalinho, ao *délaisement* actual — uma *Revista* que fôsse simultaneamente, uma fusão d'espíritos, e uma amalgama de corações, e, até, a prophecia do futuro intellectual de muitos, como já outr'ora o foram os jornaes de João de Deus, do Anthero, do Eça, e de tantos outros, que iniciaram as suas reputações litterárias no rectangulo apertado duma *Revista*.

Despedimo-nos. Vim para casa, e tentei escrever; colloquei a caneta, freneticamente, entre os dedos, ensaiei uma poësia: saiu-me prosa chata; um artigo de revolta: consegui uma catilinária anémica; um trecho de politica: surgiu me um necrológio!... Abóbora! Descoroçoei; atirei fóra a penna, e tomei dum livro. Mirei lhe a capa, o título, o nome do auctor, o recórte das lettras, — agradou me. A capa era de um azul cinzento; o livro era o *Entre a multidão* do poëta estudante João de Barros. Puz me a lêr...

... Eu conheci o João em Coimbra, no anno passado. Era eu *caloiro*. Um amigo, que me acompanhava, indicou-m'o: — «Olhe v., o João de Barros.» — «Qual! o das Décadas!?» inquiri eu, pasmado, espevitando a minha erudição... O João cruzava se então, comnosco: baixo, farfalhudo, quási imberbe, olhar vivo, figura insinuante, de monóculo pendente, e capa descaída, num desapégo... era *elle* que passava, e que eu fitava insistente, com a minha vista ávida de impressões e conhecimentos.

— «Que asneira fez *elle*?...» — interpellei eu.

— «Publicou um livro!» satisfez o meu companheiro.

Depois, contou me que João de Barros lançára já no mercado o seu primeiro trabalho em verso o — *Algas* — que agradára, cheio de envergadura e promessas. O título deixou-me uma impressão accentuada e bôa. Algas!... como *elle* descera fundo!... E parecia-me original, aquêlle rapaz, que contradizia flagrantemente a popular asserção de que os *poëtas andam na lua*...

Eu continuei, rua da Trindade arriba, meditando em mil pequeninas coisas, imaginando versos, esboçando planos de trabalho, talhando chimeras tufadas d'ideal... enquanto o céo lá em cima, numa nesga, escurecia aos poucos, nos últimos lampejos da refracção! Pouco depois anoitecia... e a lua, que começára de brilhar, arrancou me á minha funda abstracção, e fez-me poisar os olhos no seu disco prateado e luminoso! Eu já tinha ido com o João, ao fundo do mar...

No fim dêsse anno, numa tarde linda de véspera de feriado, depois dum jantar de *República* mal cosinhado, fui até á pasmaceira da *Baixa*, e envolvime, semsaborão, num labyrintho de capas negras, embaraçado, de quando a quando, num lindo olhar de mulher, pállida e fina, delgadinha e nervosa, tamanqueando no asphalto, e namorcando os *srs. doutores*, com denguices e palavrinhas adocicadas como confeitos, na sua vózinha melada duma plangéncia de fado!

Olhei as *vitrines* dos livreiros, e entre a chusma dos livros vários, destacava se, numa profusão mais reparavel, uma novidade litterária! Percorri-lhe a capa: era um outro livro do João de Barros, o *Pomar dos Sonhos*, em carácteres legiveis. — «Caspité!» exclamei.

Desde então o poëta emmudeceu! Passaram as férias; passou a abertura das aulas — que é quando se despenha a avalanche das obras litterárias... — Nada! Indubitavelmente, que o João se esquecera!... Um dia, quási no fim dêste anno, rompe me de súbito pela casa dentro o João de Barros! Havia coisa... Não me enganei: apparecia, afinal, um novo livro — *Entre a Multidão*, — com o promettimento de ser o primeiro duma série que elle intitulou, lindamente, — *Palavras vãs*.

E, agora que aqui cheguei, cumpre-me fallar do livro:

Entre a Multidão, é uma obra, no seu todo, bem feita. Dum raro preciosismo de fórma, muitas vezes o auctor consegue revestir uma ideia vã de uma trama fina e rendada, que a faz sobresair. João de Barros é, sobre tudo, um completo e habil cinzelador do verso: molda-o, frisa-o, perfuma-o, põe-lhe arrebiques *salerosos*, dá-lhe tons de esmeralda e relampagos de diamante, e faz sair da sua pena, um rendilhado e poeirado soneto, como o é, por exemplo, o quinto da página 77, e bellos trechos, como essa admiravel poësia — os *Collégios* — composta na maneira de Cezário Verde, e aquella — a *Uma mulher casada* — em que cada estância é um látego, e em que cada verso vibra como uma lámina d'aço... Essa outra sensual e quente — *Uma creada de servir* — e tantas, e quási todas, com versos palpitantes d'arrojo, e trementes de revolta!... E, embora se lhe notem, aqui e alem, pequenos desleixos de fórma, como, por exemplo, aquella obsessão dos gg, em toda a terceira quadra da página 40, o seu livro é, todo elle, um valioso trabalho!

Quando acabei de ler, quedei-me cheio de admiração e de tristeza!...

A alguem, que então me visitou, lembra-me ter dito:

— «Aqui está um rapaz que não devia fazer versos...»

— ?!...

— ... Para não passar despercebido!...

Guarda — 1902.

LADISLAU PATRÍCIO.

Museu d'antiguidades

Fôram collocados no museu d'antiguidades do Instituto mais alguns padrões de azulejo polychrómico, português, (século XVII), exemplares, em que se acha bem exemplificada a funcção decorativa dos azulejos, de que os caprichos do século XVIII e a falta de orientação do século XIX trouxeram tanto tempo afastados os pintores.

*

Anda-se restaurando, no mesmo museu, um bahú, forrado de velludo, exemplar de mobiliario do século XVIII, com ferragens interessantes.

*

Na primeira sala do mesmo museu, e sobre os armários, em que estám expostos fragmentos de ceramica, e de obras de ferro, bronze, mármore, marfim e vidro, encontrados em várias explorações de antigas povoações romanas, vai ser collocado um grande quadro com o plano do oppidum romano de Condeixa-a-Velha (Conimbrica), tendo indicadas as explorações feitas nesta região em 1889 sob a direcção de secção de Archeologia do Instituto, e a expensas de S. M. a Rainha D. Amélia.

Por se não conformarem com a decisão da junta sanitaria de recrutamento, requereram nova inspecção, em Viseu, 7 mancebos da freguesia de Sernache, 2 da Sé Nova, 3 de Santa Cruz, 1 de S. Bartholomeu, 1 de Taveiro, 3 de Santo Antonio dos Olivaes, 1 de S. Martinho de Bispo.

A inspecção deve ter-se realizado ontem naquella cidade.

EM VIAGEM

30 — VII — 902.

Embocetado no estreito compartimento de um wagon, cheio de calôr, e no meio de uma espessa nuvem de pó, vou caminhando, de volta da Guarda, para Coimbra.

O comboyo a arfar, e numa correria doida, resvala velozmente pelos carris. As mallas, aos solavancos, retouçam sobre a rêde; os meus companheiros de viagem resonam de papo para o ar, e, ao canto, uma ponta de charuto abandonada, enfarta a athmosphera asphyxiante com as ondas azuladas do seu fumo.

O comboyo marcha sempre, offegante e precipitado. As janellas da nossa carruagem recortam pequenos trechos de uma paysagem insipida e banal.

A poeira morde me a pelle, e palhetas de mica, ás voltas para o ar, despedem, ao sol, centelhas vivas e fugazes, ferindo me a retina com as suas picadas luminosas.

Invade me um extranho mal-estar; entorpece-me o calôr, o ruido das rodas sobre os *rails*, e a monotonia desta viagem incommoda e fatigante.

De vez em quando os fios telegráphicos pautam um retalho azul do céu, enquadrado na janella do wagon, e, aqui e além, a vista segue o esfarelhamento de um fumo branco, por entre as comas verdes dos pinheiros.

A paragem do comboyo quebra me um pouco o aborrecimento, e traz-me a esperança de uma impressão nova e de uma distracção.

Os lábios refrescam se-me num limpido copo d'agua; os olhos correm á busca duma cara conhecida; e emquanto mordo a polpa ácida duma laranja amarga, vou comprando alguns jornaes.

Acoito me de novo, num cantinho desta estufa, oiço o rollar secco dos carros das bagagens, e percorro distrahidamente a correspondencia de Coimbra.

Abaixo de uma local qualquer, que me não interessa, encontro a noticia da morte do França Rolié, e tal é o mau estar e entorpecimento em que me encontro que chego quasi a não me impressionar com a noticia. Ao lêr, apenas na memoria me apparece a figura magestatica d'aquelle curioso exemplar que avultáva na onda da vadiagem que vegeta pelas portas dos cafés.

Vejo-o, ainda, catoinhando pesadamente, as pernas escancaradas, a pança retezada espreitando por uma brecha angular, aberta entre *os collettes*, a chapa do correio tombada na lapella, um grande lenço esbranquiçado enroscado á volta do pescoço, o *bonnet* de palla, com letreiro, cahido para a nuca, o charuto roido entalado entre uns lábios mal corados, e os braços abrindo se num largo amplexo, franco e familiar.

O França era assim: curto, mas honrado, serviçal, muito fiel, dizendo tolice sobre tolice, impertinando ás vezes com a sua arenga desengraçada, e valendo, como *typo*, apenas pela figura, e pelo ar magestatico, imponente e obsequioso, com que elle, nimbando-se de importancia e préstimo, se apresentava ao *japonez*.

Um monte de cartões de gente grada, documentava-lhe o valor e consideração; e a chapa do correio condecorava-o.

Agora, lembrando-me com saudade, do pobre *Rolié das Tretas*, imagino-o na portaria do Céu — asylo eterno da gente honrada — apresentando-se ao Santo Porteiro com toda a magestade da sua figura, e clamando lhe, com o ar firme e seguro de quem sabe quem é e o quanto é conhecido:

— *Cá está o França Rolié, das tretas!*

C. F.

Foram addiados para Setembro os concursos de segundos aspirantes das repartições de fazenda concelhios.

A camara municipal de Coimbra resolveu, na sua última sessão, mandar annunciar a abertura da feira annual de S. Bartholomeu para o dia 24 de Agosto, não designando por ora o local em que se deve realizar.

E' de esperar que a camara, que conhece as difficuldades do assumpto pela experiencia dos annos anteriores, tenha estudado o problema, cuja solução não é facil, e o resolva da melhor maneira, d'accordo com a commodidade do publico e os interesses do commercio e do municipio.

Mercado

Os preços porque correram ultimamente os generos, no mercado desta cidade, foram os seguintes:

Milho branco	520
« amarello	510
Trigo tremez	620
« de Celorico	660
Feijão vermelho	850
« branco, graúdo	760
« « meúdo	680
« rajado	480
« frade	540
Grão de bico, graudo	840
Cevada	260
Centeio	380
Favas	460
Tremoço (20 litros)	440
Ovos, duzia	130

Decalitro de azeite da presente colheita, fino, a 1$700 e 1$750 reis; — de 1899 e 1900, de 1$300 a 1$500 réis, conforme a qualidade.

A sr.ª D. Josephina Augusto Dinis da Gama, professora da escola de Oliveira do Hospital, foi promovida a 1.ª classe.

Mulheres de virtude

Cá estamos outra vez a contas com as *santas* mulhersinhas que advinham o que sabem e descobrem o que vêem.

Até hoje não nos consta que tenham sido encommodadas na sua pouco licita mas lucrativa profissão pela policia e por isso de novo chamamos a attenção do digno commissário para este assumpto.

Como dissémos, existem *adivinhóas, mulheres de virtude, bruxas*, ou como lhe queiram chamar, — na Quinta de Santa Cruz, na Couraça dos Apóstolos, em Fóra de Portas, em Santa Clara, no Pio e na Arregaça, afóra as que por ai haja e de que não nos conste a morada.

E necessário fazer cessar a exploração de que tantos incautos sam victimas e não se diga que quem não quizer não va lá pois a célebre história dos *cordões d'ouro* é de todos os dias e ha sempre lorpas que caem e os compram baratos e ás escondidas por causa dos concorrentes.

Em frente da porta, onde habita a bruxa do Pio, estavam ha dias mais de vinte pessoas á espera de vez para consultar a sybilla!

A *profissional* de Santa Clara essa ainda ha poucos dias fez o seguinte:

Uma senhora, a quem o marido é um poucó infiel, foi ha dias procurar a mulhersinha, afim d'ella fazer com que o juizo entrasse na cabeça do seu consorte.

Confeccionou lhe a bruxa uma mésinha, dentro dum pucaro, pela qual recebeu boa esportula, mésinha que a consultante deve ter em casa e refrescal a a miudo com agua, para não perder a virtude.

E a *freguezа* declara a quem a quer ouvir, que a *receita* vae produzindo resultado, pois que o marido agora já pára mais em casa.

Ora désta vez a bruxa foi mais conscienciosa, porque apenas deu mesinha para uso externo, pois d'outras vezes deverá tel as dado para uso interno. E essas é que sám as mais perigosas.

De novo recommendamos as *mésinheiras* á protecção da policia, que não deve ter difficuldades em saber onde ellas moram; porque a industria rende e vae correndo com grande reclame.

Companhia de Seguros Indemnisadora

PORTO

Toma seguros n'esta cidade

João Lopes de Moraes Silvano

Antonio d'Assumpção Novo, do Sobral de Ceira, que ha tempo respondeu mais uma vez no tribunal desta cidade por uma das suas muitas proezas, já se encontra em liberdade, desde o dia 31 do passado mez.

Este sugeito, que *officiosamente* ajuda os donos de propriedades daquella região nos seus recolhimentos, fazendo o *trabalho* gratuitamente, de noite e ás escondidas, não esteve preso todo o tempo que devia ser, pois tendo sido condemnado anteriormente nas custas e sellos dum processo a que respondeu, e em multa, veio para a rua sem essas custas e multa estarem liquidadas, apezar de já lhe terem feito uma intimação nêsse sentido antes de ficar preso.

Ora um individuo da laia do Assumpção Novo, conhecido por gatuno e desordeiro, quanto mais tempo estiver preso, menos prejuizos causará á sociedade, e de mais a mais sendo a lei expressa, para casos como êste, que deixamos narrado.

Estamos certos que se os dignos magistrados desta comarca se recordassem do que acima deixamos exposto, não assignariam o mandado de soltura e o gatuno continuaria por mais algumas semanas impossibilitado de exercer a sua indústria.

Mas como o caso tem ainda remédio, esperamos que a lettra da lei se cumpra, e de novo volte para a gaiolla um tal melro de bico amarello. De bico e unhas bem compridas.

ANNUNCIOS

Pipas avinhadas

Na confeitaria Telles se diz quem compra quatro, sendo de boa madeira, e convindo no preço.

EDITAL

Dr. Guilherme Alves Moreira, provedor da Santa Casa da Misericordia de Coimbra.

Faço saber que no dia 21 do proximo mês d'agosto, pela uma hora da tarde, na secretaria da mesma Santa Casa, se ha de proceder á arrematação em hasta publica, por meio de licitação verbal, do arrendamento dos predios seguintes: Quinta da Conchada; — Casa do Cabo, sita á Ribeira de Coselhas; — 1.º e 2.º andar e lojas de uma casa na rua dos Coutinhos; — e o 1.º andar da casa onde se acha installado o estabelecimento de banhos da Santa Casa.

As condições da arrematação acham-se patentes na secretaria da Santa Casa em todos os dias uteis desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde, onde podem ser vistas e examinadas pelos pretendentes.

Secretaria da Misericordia de Coimbra, 30 de julho de 1902.

O provedor,

Guilherme Alves Moreira.

Figueira da Foz

Aluga-se, agosto e setembro, um 1.º andar, bem situado, confortavel e hygiénico.

Para tratar com João Gomes Moreira, rua Ferreira Borges — Coimbra.

EDITAL

Dr. Guilherme Alves Moreira, provedor da Santa Casa da Misericordia de Coimbra.

Faço saber que até ás 3 horas da tarde do dia 20 do próximo mês de agosto, se recebem propostas em cartas fechadas para o fornecimento dos seguintes materiaes destinados ao fabrico de calçado na officina de sapateiro do Collégio dos orphãos de S. Caetano:

33 couros de sola verde de Alcanena, marca J. J. R. D.; 6 dúsias de vitellas pretas Cornelius mixte; 8 vitellas de Guimarães, com o pêso de 1k,500 cada uma; 1 dusia de pelicas pretas Magis n.º 1; 2 dúsias de pelles de polimento Cornelius Effleurés, n.º 1, de 1.ª; 3 dúsias de carneiras pretas e 3 dúsias de carneiras brancas.

As propostas deverám ser entregues na secretaria da Santa Casa em qualquer dia, não sanctificado, desde as 10 horas da manhã ás 3 da tarde e nellas indicarám os concorrentes os preços minimos por que se prestam a fornecer cada um dos artigos, por unidade.

Na sessão da mêsa dêsse mesmo dia, ás 8 horas da tarde, abrir-se-hám as propostas.

Secretaria da Misericórdia de Coimbra, 30 de julho de 1902.

O provedor,

Guilherme Alves Moreira.

PARÍS EM COÍMBRA

Nova alfaiateria

DE

J. M. de Vasconcellos

Ex-contramestre da casa Affonso de Barros

Provisoriamente installado na Estrada da Beira, junto ao Gymnásio.

Coímbra

Para galerias de familias

Magnificos retratos a crayon em tamanho natural a 4$000 e 5$000 réis. Absoluta parecença e execução rigorosamente artistica.

Remetter os pedidos acompanhados de uma pequena photographia e da respectiva importancia, em carta registada, a Augusto Soares, Director da *Agencia Nacional*, Rua Aurea, 178, Lisboa.

A Agencia fornece tambem as molduras por um preço a que francamente não se está habituado no paiz.

Novidade

Molduras de madeira encerada, copia do antigo, imitando nogueira, carvalho, pau santo, etc.

Bustos a oleo

Tamanho natural, de 18$000 réis para cima.

(35) Folhetim da "RESISTENCIA,,

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA

DO

CONVENTO

XVI

A' medida que a distancia diminuia, o cobre parecia quasi a estalar, tam dilatado era pelo sopro triumphal do postilhão.

Era o coronel, como previra Villy: mas o coronel, magro e triste, não fazendo já arquear com o peito a sua sobrecasaca abotoada, não tendo já aquella expansibilidade, que era o encanto da sua figura.

Villy e Emmanuel, que tinham ido até á grade para o receber, ao apear-se da carruagem, ficaram ambos impressionados. O primeiro não poude deixar de dizer, depois de alguns momentos:

— Parece que te não divertiste muito sem nós.

— E' verdade, meu velho amigo, respondeu Lambrune, é muito verdade. A vida militar tem isto de máo: acaba por tornar impossivel qualquer outra, sobre tudo aquella que se passa a abrir a bocca, a um canto, só. O regimento enche-nos de mimo.

E, como notava que era objecto dum exame singular por parte de Argouges, continuou:

— Tenho medo mesmo que o hábito torne necessario a minha saúde o demónio da Africa, que a principio se maldiz.

— Então, disse Emmanuel, o beneficio do ar natal não passa dum prejuizo?

— Palavra, respondeu o coronel juntando as pregas da sobrecasaca, bem vê que, se, eu um dia, cantar: «Irei ver a minha Normandia,» não será com esperança de engordar.

— Mas conservas a tua alegria, continuou Villy, que não tinha percebido que a nota era um pouco forçada, por isso tudo vai bem. Has de te pôr bom aqui, onde todos, sem esquecer Mademoiselle de Croisy, te esperam ha muitos dias.

— Ah! Mademoiselle de Croisy! E' verdade Madame de Villy tinha escripto a Aurelie Fayolles...

— Que respondeu com uma homiliasinha, a cuja leitura faltaste.

— Irra! Não fico encommodado com isso!

O espanto de Lambrune parecendo lembrar-se de repente por lhe fallarem em Mademoiselle de Croisy, fôra tam bem representado que Emmanuel se censurou por ter inventado um romance sobre as ultimas aspirações do coronel, e de o ter architectado sobre coisas, que nem apparencias eram. Um momento depois, o modo franco, como Herminie se approximava de Lambrune, socegou-o completamente, seguramente por só olhar para ella, porque, sem isso, teria podido surprehender a melancholia, que se pintou ao mesmo tempo nos olhos do coronel, e a inquietação que os perturbava.

— Até que enfim, coronel, exclamou Herminie, que se resolveu a sair da tenda!

— Quer dizer, minhas amigas, que vou entrar nella, seriamente, daqui a alguns dias, replicou Roland, que, com as duas mãos, segurava as pontas dos dedos de Herminie e Alice.

Aquella tinha notado a tristêsa occulta no fundo do seu sorriso, e, durante o resto do serão, surprehendeu modificações nas palavras, mesmo reticencias, que passavam despercebidas para Emmanuel, mas que lhe mostravam que o futuro de Lambrune dependia ainda do seu capricho, e o della duma decisão. Decisão, infelizmente, já tomada, agora mais que nunca: queria Argouges; estava prêsa áquelle homem por todas as sensações do seu ser, pelo beijo, que desde a tarde da quéda do cavallo e do desmáio, lhe ficára sempre sobre os lábios e lhe dava, ás vezes, como que o espasmo da saüdade.

Herminie não estava por isso no tempo em que se hesita ainda entre a ambição e o amor, e tinha o irremediavelmente sentido nas suas reflexões desde a véspera, quando encontrou Lambrune no terraço, só, no dia seguinte, pela manhã. Muito leal, agora, como as almas audaciosas, que tomáram uma resolução, não pensou em evitar nem a conversa nem a entrevista. Roland chegou mesmo a enganar-se pela expansibilidade do seu rôsto, e pelo gesto rigido, á inglêsa, com que lhe estendeu a mão. Tudo isso promettia muito.

— Ah! senhor Lambrune, que felicidade tornar a vê-lo.

O coronel agourava mais ainda daquella phrase e disse porisso commovido:

— Tinha que me fallar?

— Teria um grande desgosto em partir sem me despedir dum dos amigos de meu pae...

— Que, como sabe, é tambem seu amigo.

— Ia dizê-lo, e agradecer-lhe de novo, coronel.

— Só isso?

— Interroga me, sr. Lambrune; deixa-me então dar lhe uma prova da minha affeição?

— Sou todo ouvidos, disse Roland com um suspiro que lhe levantou alto o peito.

— Desejou, continuou Herminie, ao ver-me desgraçada, associar-me a um sonho, em que julgava encontrar a felicidade para nós ambos. Não é assim?

— E'; mas o que chama um sonho, nas pessôas da minha edade transforma-se num projecto sólido, que só poderá ser destruido pela sua recusa em o acceitar.

— Ah! Essa palavra recusa é dura, senhor de Lambrune; porque nunca me veio á ideia tal termo, quando tenho tido de responder a alguem do seu caracter e tendo a sua nobrêsa de intenções.

— Não seja lisonjeira, minha senhora. Que faz então, se não recusa?

— Raciocino: isto apprende-se no convento.

— Raciocinar aos dezoito annos é maravilhoso! dizia Roland. Ficarei, sem dúvida, convertido depois de ouvir as suas razões.

Sorria; mas havia alguma amargura no tom de gracejo daquellas últimas palavras. E, como Herminie tentava responder-lhe sem o ferir ao vivo, Roland perguntou:

— Por acaso, sua prima Aurelie terá operado milagres escrevendo sermões, como aquelle de que me fallou?

Herminie recobrou a tranquilidade áquella pergunta, que lhe parecia cheia de suspeitas sobre o que se haveria passado no castello durante a ausencia do coronel.

— E' o tempo de reflexão, que, torno a repetir, opera bastantes mudanças. Falla me em minha prima; essa ter-me-ia por uma intrigante no dia em que eu, abertamente, tomasse a metade do seu projecto, e não havia de ser a única. Na minha edade, ha tudo a temer do mundo, e a mulher nova do coronel de Lambrune seria mais desgraçada em toda a parte, do que Mademoiselle de Croisy no convento, se pensasse que a haviam de accusar de artificios, que não conhece, e que, pelas costas, haviam de mostrá-la a dedo...

— Mostrá-la a dedo! exclamava Roland.

— Ah! Já se revolta, coronel? Comprehenda, pois, que mesmo o senhor havia de ser desgraçado! *(Continúa.)*

"EQUIDADE,,

Companhia de Seguros

Vida de animaes, fogos, fianças e rendas de casas

Preços muito reduzidos

Correspondente em Coimbra

Joaquim Antonio Pedro

Em casa do Sr. Antonio Rodrigues Pinto.

LUCCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de Cereja de Ayer—O remedio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmunar, frasco, 1$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer.—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. Frasco 1$100 réis.

O remédio de Ayer contra sezões.—*Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cartharticas de Ayer.—O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquesita preparação para aformosear o cabello

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

LOJA DO MINHO

44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48

Deposito das ligitimas machinas **Singer,** instrumentos, musicas, Pianos, Bicycletas, occulos e lunetas.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos,** continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis.**

O proprietário,
José Maria Junior.

CURSO PRATICO

DE

Escripturação commercial

Abre desde já, para funccionar em Santa Clara, em dias alternados, das 7 ás 9 horas da manhã, sob a regencia de

M. d'Amaral

encarregando se tambem de balanços para trespasses, concordatas ou fallencias, e de partilhas entre particulares.

Informações podem os interessados obtel-as dos srs. Correia, Gaitto & Cannas, rua do Cego, 1 a 7 — COIMBRA.

Venda de propriedade na Figueira da Foz

Vende-se ou arrenda-se uma bella propriedade de terra lavradia, com pomar e vinha, arvores de fructo, muito abundante de agua e bom terreno.

Tem casas de habitação e curraes, duas eiras e muito próxima á cidade, sita na Varzea, estrada de Mira, a 1 kilometro de distancia.

Para tratar, no Passeio Infante D. Henrique, n.º 7, 2.º andar — Figueira da Foz.

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, a rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saborosa, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centrosde mésa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Bicycletes com motor

R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

João Gomes Moreira

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

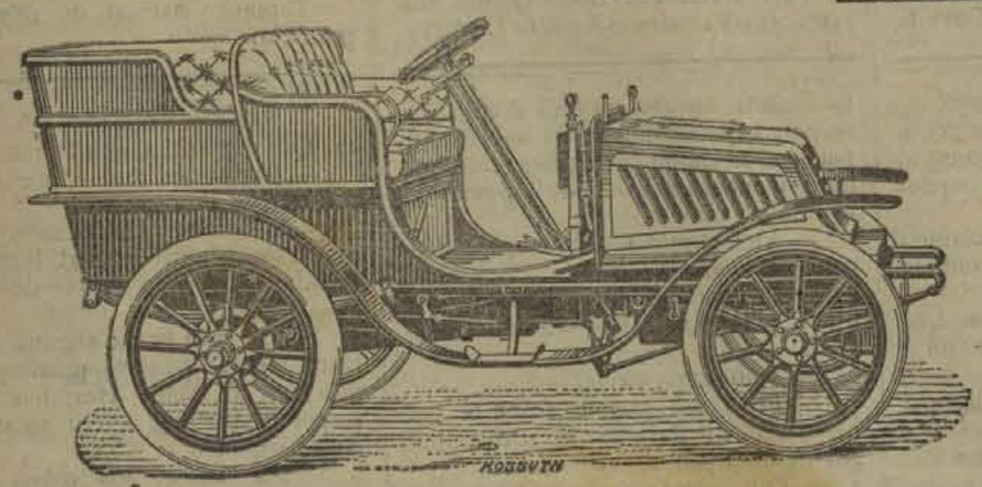
Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem se trabalhos fóra da cidade

EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

AUTOMOVEIS DARRACQ



Para mostrarmos que os **"Automoveis Darracq,,** além de serem

Os mais elegantes, os mais baratos e os que menos gazolina gastam

Sam tambem

Os mais sólidos e os mais ligeiros

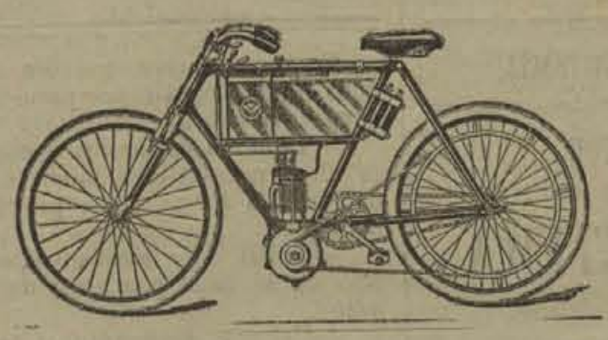
basta ennumerar algumas das suas victórias nêste anno:

1.º prémio na corrida da subida da Turbie

1.º prémio na corrida de Nice — 1.º prémio no Circuit du Nort

Nas grandes corridas Paris-Vienna bateu com carros do máximo 24 cavallos as carruagens «Dainler» de 40 cavallos, «Mors» de 60 cavallos e 6 carruagens de Panhard Levasseur de 70 cavallos!! ganhando o 1.º prémio na série de Vaituret; 2.º, 3.º, 4.º e 5.º na série de Vaituret legere e o prémio de classificação geral.

WERNERS



A motocyclette **WERNER** de 1 3/4 de força não precisa de reclame, conhecidissimos que nas corridas Paris Berlim, Paris Bordeaux e nas subidas de Gaillon e Turbie-Paris Roubaix, Nice Marseille, etc., etc., chegam sempre na vanguarda!

Nas grandes corridas *Le circuit du Nort* e Paris-Vienna quantas *Werners* partiram, quantas chegaram, apesar do grande temporal que fazia!! Déz de differentes marcas que disputavam o prémio nenhuma chegou!!

Recentemente em Portugal o Record Porto Lisboa feito debaixo de chuva e com estradas em péssimo estado.

Motores **LURQUIN-COURDET** de 1 1/4 cavallos de força applicavel a qualquer bicyclette

Adaptam-se nas nossas officinas e garante-se a sua superioridade a qualquer outro de egual força.

Dos automoveis "Darracq,, da motocyclette "Werner,, e do motor "Lurquin & Courdet,, sám unicos agentes em Portugal

LEÃO, MOREIRA & TAVARES — "Empreza Automobilista Portugueza,, — COIMBRA

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 721 | COIMBRA — Quinta-feira, 7 de Agosto de 1902 | 8.º ANNO

Enthusiasmos feminis

Em todo o movimento de reacção anti-clerical, que em França se vai fazendo pacificamente, com admiração e respeito da própria igreja cathólica-apostólica-romana, que se confesssa sem fôrça para o combater, ha uma nota irritante e afflictiva, a das nobres mulheres da França, que se apresentam bem pouco dignas das suas avós, que cantaram heroicamente a revolução e souberam sacrificar as vidas dos maridos e dos filhos pelo progresso e engrandecimento da pátria.

Almas sensiveis andam por Portugal em extase deante da heroicidade, com que meia dúzia de mulheres, em phrases descompostas, e, em sons altos e ásperos, andam a gritar como córvos, a quem alguem quizesse roubar os filhos.

Esta exhibição grotesca mostra a fórma insidiosa, e por demais conhecida, como os clericaes entram na familia pelo seu lado fraco, e conseguem assim desorganizá-la pouco a pouco e apossar-se por fim dos filhos que submettem absolutamente, viciando-lhes a educação e o ensino.

O grito com que o povo parisiense recebeu a intervenção das philosophas e das politicas, mandando-as para a cosinha, mostra que o povo francês conhece bem a única missão que compete á mulher — tornar o lar agradavel aos filhos e ao marido.

A intervenção da mulher na educação dos filhos, a sua pretensão a ter um logar egual ao do homem na vida da familia e da sociedade, é um dos phenómenos mais ridiculos da desorientação de certos espíritos.

A mulher completa com o homem a vida da familia, é necessária a cooperação d'ambos; mas os seus campos sam diversos.

A mulher, que intervier effectivamente na educação dos filhos, dirigindo-lhes a sua educação intellectual, tentando formar o seu espirito e fortalecê-lo pelo pensamento para a lucta pela vida, erra inconscientemente a sua missão educadôra.

A mulher não póde, nem por educação nem por organização, comprehender os factos, as leis dominadoras do movimento social. Não póde por isso fazer duma maneira segura a educação dos filhos, que só por êsses factos e por essas leis póde ser norteada.

A bôa mãe póde apenas ensinar, pelo exemplo de submissão ao marido, o respeito dos filhos pelo pae; póde na bondade da sua alma escolher as qualidades de doçura, de resignação e de perdão e mostra-las sempre, e desde bem cedo aos filhos, e êlles saberam uben çoar a mãe, ao encontrarem na sua alma, nas horas da amargura, a resignação e o perdão.

A mãe deve ser a fada bôa do lar, a sempre consoladora, a sempre amante do homem a quem ligou a vida levada pela admiração dum cérebro ou de um coração. Esse amôr pelo marido, êsse respeito absoluto pela sua vontade, essa admiração constante deve ensiná la aos filhos.

Ao pae compete o resto. Só elle anda, fóra de casa, a luctar no mundo pela vida e felicidade da mulher e dos filhos, só elle conhece bem os homens, só elle póde conhecer bem a sociedade, as suas exigéncias, os perigos de que deve livrar os filhos.

A mulher, que não tem a comprehensão de que só o marido póde conhecer e saber completamente as necessidades dos filhos, de que elle os ama tanto como ella, e deseja, tanto como ella, a felicidade dêlles, não póde ser uma boa mãe.

As senhoras francêsas organizam ligas de resistência clerical, preciosamente, no mesmo ridiculo com que as suas avós do século XVIII discutiam litteratura e moral: é a necessidade feminil da futilidade que dê nas vistas.

Não é de esperar desta resistência a victória para o partido clerical.

A questão do ensino religioso está discutida e resolvida; todos exigem em nome da evolução progressiva da humanidade a secularização do ensino.

O ensino religioso, amoldando a consciência a principios moraes, cuja interpretação vai variando conforme os interesses materiaes e politicos da igreja, tendo sido sempre um dos maiores obstáculos á diffusão da sciência, e um dos maiores factores da ignorância, está irremediavelmente condemnado.

A manifestação das nobres damas francêsas longe de ser favoravel á conservação das ordens religiosas de ensino, é pelo contrario mais um argumento de quanto ellas sam funestas e prejudiciaes.

A intervenção da aristocracia francêsa em todos os movimentos politicos do século passado, transformando a mulher em espião, em agente diplomático e em galopim de eleições, mostra a sua falta de fôrça para combater com coragem, nobremente.

O furor destas damas, o seu espirito de proselytismo é fácil de explicar.

A maioria das damas nobres da França sám judias.

Devem o nome nobre, que usam, ao dinheiro, de que os maridos precisaram para dourar o brazão gasto e sem brilhos.

E diz a história que nunca houve ninguem mais profundamente hypócrita, nem mais visivelmente cathólico-apostólico-romano, do que um christão novo.

Intervenção honesta

O *Novidades* explicativo e judicioso:

> «Seguindo a norma, que em taes casos costumamos observar, não interviemos na instrucção e preparação jornalística do processo, como o fizeram algumas fôlhas que arrogantemente se attribuiram a pretensão de trazer a justiça ás suas ordens.»

O *Novidades* guarda-se para os grandes casos.

Foi elle o defensor da irmã *Collecta*...

Inspecções sanitarias

Pelo digno delegado de saude districtal têem sido feitas inspecções a varios estabelecimentos desta cidade, recolhendo alguns amostras de generos alimenticios para serem devidamente examinadas no laboratorio de hygiene de Lisboa, visto em Coimbra não o haver.

As inspecções, que continuam, não podem ser feitas com todo o rigor, afim de que, qualquer commerciante menos conscienciozo, que por acaso cá exista, seja punido rigorosamente.

As providéncias da auctoridade vam tarde, e sam preguiçosamente dirigidas. Só quem tivesse empenho em ser desacreditado é que, a estas horas, teria em casa farinha, que o compromettesse.

Em Coimbra, é fácil o transportar para fóra da cidade, com socego, substancias alimentares alteradas e deve estar socegado quem teve todo o tempo de se pôr a salvo.

O que se devia fazer, immediatamente ao rebate de alarme dado pela imprensa do Porto, era saber quem em Coimbra tinha recebido farinhas de Ovar ou do Porto, começar por essas casas as inspecções, com rigor, por necessidade, sem pedir favor, como quem pratica um dever, e não como quem anda em deletantismo de hygiene.

Dever se-iam tomar amostras de todas as farinhas expostas; porque é de saber que facilmente será enganado um hygienista, sem competencia especial, por quem tem o hábito de enganar a pericia das creadas de servir.

O médico hygienista tem clamado pela organização do laboratório de analyse feita pelo municipio.

Para quê?

Para estudar? Para se habilitar?

Não consta que ao tempo dos seus estudos houvesse na Universidade professor que podesse habilitá-lo a fazer com competéncia uma analyse de substancias alimentares, e não ha noticia de que tenha trabalhos próprios, e estudos especiaes feitos depois do seu curso.

Nem teria onde os fizesse.

Que quer, porisso, o actual facultativo da camara? Quer que se estabeleça um laboratório e se chamem analystas de competencia reconhecida?

Concordâmos. E' uma necessidade.

Mas então qual é o trabalho com que fica o médico municipal, que possa justificar o sacrificio que a camara de Coimbra faz com a conservação de tam inutil logar?

Privilégios e honrarias

O sr. J. R. S. escreve para o *Conimbricense:*

> «Parece-me que a conversão em lei, de uma tal proposta, seria um golpe profundo vibrado na nossa Universidade, e não quis convencer-me de que tal ideia tivesse partido dum professor dêsse estabelecimento scientifico.»

O professo, a quem se refere a carta, é o sr. dr. Rocha Peixoto; mas a ideia vem de ha muito advogada por quem tem estudado o nosso ensino superior.

Com o projecto do sr. Rocha Peixoto, Coimbra tinha apenas a ganhar; porque quanto ás Universidades queria sua ex.ª *«creação de mais duas*, uma em Lisboa e outra no Porto, *com os mesmos regulamentos e programmas, privilégios e honras, emfim com a mesma organização»*.

Haveria, por conseguinte — *a cabra, o capello*, e o *archeiro*, principios vitaes e fundamentaes da organização académica.

Coimbra seria a Universidade modellar, a Universidade typo.

Mas não se adquire rapidamente a gravidade, a distincção de côrte que anda ligada a honras e privilegios antigos.

O traçar austero da capa, a auctoridade do andar, pausado e reflectido, a propriedade do gesto, que trae de longe o sábio, e o denuncia ao respeito da multidão, tudo isso nasceu aqui em plena renascença, e se adquire aqui, sem querer, no respeito da tradicção.

Depois o cerimonial...

Na coroação de Eduardo VII, os fidalgos inglêses tiveram de ensaiar-se tal é a difficuldade de um gesto nobre...

E um capello é uma coroação.

O brilho da instituição só poderia ser augmentado; porque haveria a necessidade de estabelecer aqui a *Escóla prática superior d'archeiros*, reclamada por todas as pessôas a quem interessa o esplendor do ensino em Portugal.

Partiu, em goso de licença, para o Porto, o sr. dr. Manuel da Silva Gaio, digno secretario da Universidade de Coimbra.

Attentado contra a "Vanguarda,,

Da correspondéncia telegráphica de Lisboa para o *Primeiro de Janeiro:*

> «Foi hoje pôsto em liberdade, por não se provar que estivesse envolvido no caso, o preso José Judícibus, como presumido auctor da tentativa de fogo pôsto no edificio da *Vanguarda*. O processo vai ser archivado.»

Não nos surprehende o facto. Já no número 719 da *Resistencia* tinhamos feito, ao furor da justiça do sr. Juiz Veiga, e da imprensa monárchica, o commentário, que, com prazer, reproduzimos hoje.

> «Não cremos, porém, que dure muito êste amôr de justiça, de que vemos possuidos os homens da monarchia.
>
> «Mais nos parece a rapidês da intervenção meio de fazer calar depressa a imprensa, que se occupava do crime, com escandalo, e duma fórma compromettedora para a monarchia e para o *Século*, que continua a ter dos poderes públicos toda a protecção e a reportagem official mais disvelada.»

Ham de permittir por isso *O Século* e o collega *Novidades*, que não nos mostremos extraordinariamente admirados com o resultado *inesperado* de tam grande furor judicial e não tenhamos as palavras de *justo estigmatização para quem pretende inutilizar os seus inimigos ferindo-os nas suas mais intimas e santas affeições*!...

Não!

Conhecemos estas rehabilitações da justiça.

Lembra-nos ainda o caso tam fallado de um antigo ministro de estado...

A bon entendeur...

O ENSINO RELIGIOSO

Na opinião, que transcrevemos hoje, M.me Lucie Mardrus condemna o ensino actual como proprio só para dar escravos ou revoltados.

Condemna os collegios, o internato e o serviço militar obrigatorio.

Quereria que as creanças fossem abandonadas a si mesmo, e aos cuidados da familia, em grandes parques, em jardins ou á beira mar, por forma a todos serem livres e fortes; que o conhecimento das cousas do pensamento se fizesse sem ser tolhido pela liberdade do corpo e do espirito.

M.me Lucie Delarne Mardrus. — Fui educada por meus paes muito amados não num estabelecimento secular ou religioso, mas em casa, alternativamente em jardins, bosques, prados, á beira mar normanda ou em Saint-Germain-en-Laye, num parque immenso cheio de flôres, de fructos e de animaes.

Paris só veio mais tarde, quando as impressões da primeira infancia tinham já acabado a sua obra indelevel. E, mesmo assim, só a conheci no inverno e na primavera, nunca no estio...

Cresci sem companheiras nem amigas, a não serem minhas cinco irmãs mais velhas, sem camaradas, que não fossem as cabras, os cordeiros, os cães, as aves da capoeira, e os cavallos da lavoura.

Houve tambem jardineiros velhos, e velhos lavradores, que tiveram um grande papel na vida da nossa infancia.

Quanto á instrucção foi nos dada a *batons rompus*. Uma *instutrice* aqui, um curso alem. Mas deixavam nos brincar umas com as outras, longe de toda a vigilancia.

E foi assim que nós crescemos selvagens e livres, absolutamente ignorantes do que se passa habitualmente na existéncia das meninas da sociedade.

Attribuo a linha de toda a minha vida a esta infancia semelhante a uma raiz d'arvore em piena terra. Devo-lhe sem contestação o que ha de melhor em mim, e a fortuna inestimavel de amar a natureza, que não é, em summa, mais que um atavismo primordial não contrariado.

Não sei se é isso que chamam *liberdade de ensino*, sendo pouco conhecedora das formulas. Parece me todavia que tem reverso esta medalha bucólica; porque se pude, numa edade mais reflectida, ler e estudar tudo o que atraía a minha meditação, devo confessar que, pelos doze ou treze annós, estava *pouco adeantada*, e que tive de preencher muitas lacunas para chegar a constituir no meu espirito o fundo de saber necessario a toda a intelligencia cuidadosa. Parece me pois que, se tivesse filhos, lhes havia de fazer o que me fizeram a mim, mas introduzindo algum methodo neste modo de educação, de modo a que a liberdade absoluta do corpo e do espirito não impedissem o conhecimento progressivo, logico, largo, e profundo das cousas do pensamento.

Seria necessario expor aqui um systema, que é um dos meus sonhos favoritos...

Se agora abordo a questão do ensino, como se pratica ordinariamente, direi que a não conheço senão pelos rebanhos de collegiaes de uniforme e na forma, que vejo passar com as suas pobres figuras de forçados, levados por um guarda da cadeia, medonhos de ver. E sei bem que é abominavel enclausurar a infancia, martyrizar a infancia e a adolescencia, que sam para a maior parte dos sêres o unico oasis do deserto da vida. Creio, espero, que ha de vir um tempo, em que se ham de fechar os olhos de horror, ao pensar que numa epoca affastada era possivel *punir* a infancia e a adolescencia pelas galés dos collegios, que os moços condemnados eram mandados de lá para os regimentos e que, de trabalhos forçados em trabalhos forçados, passava

a sua mocidade, escamoteada pelo crime collectivo dos paes, dos professores e dos governos.

E' este, penso eu, o uso, que actualmente se faz da palavra *liberdade* nesta questão de ensino. Por esta forma préparam-se duas categorias lamentaveis de seres: os carneiros doceis, que sam *toda a gente* má, persuadida, nogenta, que se acotovella na vida, e os *revoltados* que têem accumulado a sua colera desde o pequeno lyceu e se vingarám de todo o mal que lhes fizeram por algum gesto falso e inutil...

Bem poucos equilibrarám a balança entre este desiquilibrio nefasto e o pezo burguês. E todavia é só nesses que temos fé para levar a bom termo a revolução pacifica que é já tempo de fazer em nome d'esses martyresitos, que, quando olhamos á janella, vemos passar ás vezes uniformizados e formados.

Começou em obras a egreja de S. Boaventura, á rua Larga, para onde vae mudar se a aula de Desenho da Universidade, que até aqui tem sido no edificio do Museu de historia natural.

Esta igreja, que está contigua á cadeia académica, servia apenas de deposito de materias das obras da Universidade, e de casa de arrecadação para a eça monumental, que a Universidade mandou fazer para as exequias de D. José e que desde então serve nas que se fazem por occasião do fallecimento dos reis.

Encontram-se tambem no mesmo edificio restos de decorações das antigas festas universitarias.

A igreja é forrada de grandes paineis de azulejo representando a confusão dos idolatras pela igreja, obra irregular, imperfeita e apenas de interesse para a historia da industria local.

Seguíu na segunda feira á noite para o Porto, no comboio rápido, o sr. Antonio Augusto Neves, negociante desta praça, acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Maria da Glória Costa, demorando se alli alguns dias.

Que regressem bem de saüde, é o que lhes desejamos.

Fez na segunda e terça feira o seu exame de instrucção primária ficando distincto, com 16 valores, o menino Mário Costa, de 9 annos de idade, neto do honrado e bemquisto distribuidor deste jornal, sr. Adolpho da Costa Marques.

Pede-nos êste, para que em seu nome enderecemos ao sr. Diamantino Dinis Ferreira, distincto professor do estudioso Mário, a expressão do seu reconhecimento pelo zelo e competencia com que leccionou o seu netosinho, o que fazemos com gôsto.

E por nossa conta damos sinceros parabens ao Mariosito, pelo brilhante resultado da sua applicação.

Mais automoveis

Deve chegar hoje a esta cidade mais um automovel da força de 9 cavallos, destinado ao sr. José Maria de Seiça Ferrer, importante capitalista d'aqui.

A Empreza Automobilista já tem comprador para mais um automovel da força de 16 cavallos, que vem em caminho e que a empreza tencionava ter em depósito.

O comprador foi o sr. dr. Amandio Gonçalves, medico interno dos hospitaes da Universidade.

A affluencia ao Bussaco, que no principio da presente época se apresentava fraca, quando comparada com a dos annos anteriores, tem augmentado consideravelmente, achándo-se tomados todos os logares nos hoteis tanto no Bussaco como em Luso.

O Bussaco parece estar destinado a ser uma estação do mundo elegante, tendo já ha annos concorrido, em grande número, familias titulares e do mundo diplomatico, que têem espalhado a fama do encanto da pittoresca matta.

As obras têem continuado, andando a collocar se o fogão que João Machado esculpiu para a sala de baile.

Actualmente haveria na construcção nova já quartos para cem pessoas, faltando apenas a mobilia, porque estám pintados e promptos para serem habitados.

E' de esperar que para o anno tudo se ache já em grande parte concluido e que possam receber-se mais á vontade os hospedes, que este anno têem de esperar, apezar de mandarem tomar com antecipação os seus logares.

FESTIVIDADES

Com a devida pompa realizou se no domingo passado a festividade de Nossa Senhora da Saüde, na sua ermida, junto ao logar de Revelles, havendo na véspera o costumado arraial.

Ao evangelho, subiu ao púlpito o distincto orador sagrado, reverendo Arthur Ernesto das Neves Barreira, prior da freguesia, que mais uma vez provou a sua intelligencia, num pequeno, mas brilhante discurso.

A' tarde houve arraial, tocando uma phylarmonica, não havendo qualquer nota discordante apezar de affluirem áquelle aprazivel sitio muitas familias dos logares circumvisinhos.

*

Em Oliveira d'Azemeis e em Gouveia, segundo programmas que nos foram enviados, devem realizar se pomposas festividades nos dias 9. 10 e 11 do corrente em honra de *Nossa Senhora de La Salette* e *Senhor do Calvário*, respectivamente.

Na primeira tomaram parte as bandas regimentaes de infanteria n.º 4, de Lisbôa e infanteria 18, do Porto, que chegarám a Oliveira d'Azemeies das 9 horas da manhã ás doze, do dia 9. e á tarde dêsse mesmo dia, a phylarmónica de Cucujães. Ao pôr do sol organização dum lindo cortejo; ás 10 horas da noite illuminações deslumbrantes e fogo d'artificio, por pyrotechnicos da Feira, Arouca e Macieira de Cambra. No dia 10, de manhã, missa solemne a grande instrumental, sob a direcção do maestro sr. Manuel José de Pinto; á tarde, cortejo religioso, com grande pompa, conduzindo a senhora de La-Salette para a ermida do Outeiro de Crastos, e á noite, illuminações, músicas e copiosos fogos de artificio. No dia 11, de manhã, missa solemne no Outeiro de Crastos e concertos pelas bandas; á tarde e á noite certamen musical, illuminação e fogos d'artificio.

*

Em Gouveia, o programma das festas é o seguinte: no dia 9, ás 8 horas da manhã, chegada da banda de infanteria 14 de Vizeu; ás 9, levantamento da bandeira no largo da *Capella do Senhor do Calvário*, sendo queimadas numerosas girandolas de fogo; ás 5 da tarde, saida da faustosa procissão da igreja de S. Pedro até á do Monte Calvário, onde se realisará um solemne *Té Deum* a grande instrumental e sermão pelo reverendo Jose Augusto Frade; á noite brilhantes illuminações e esplendido fogo de artificio. No dia 10, ás 11 horas da manhã, missa solemne na igreja de S. Pedro, pregando ao evangelho o reverendo José Augusto Ribeiro Bellino; ás 5 horas da tarde imponente procissão pelas ruas da villa; á noite, arraial musica e illuminações na praça *Vasco da Gama;* á meia noite *marcha aux flambeaux* acompanhando a saida da banda de infanteria 14. No dia 11, ás 4 horas da tarde, procissão solemne, reconduzindo a imagem do *Senhor do Calvário* para a sua capella; as 5 e meia, arrematação das offertas no largo da capella, tocando a phylarmonica de Moimenta.

E não digam os leitôres que não se divertem, pois se o não fizerem é porque não querem: nada menos de duas festividades, a escolha, e em aprazíveis locaes, onde se passaram 3 deliciosos dias.

A questão é de dinheiro, saüde e vontade de gozar, não esquecendo o fervor religioso, que em actos dêstes sempre deve existir.

No passado dia 4, em audiencia do tribunal commercial, terminou pela composição entre as partes, quando já estava recolhido o jury para responder aos quesitos, a questão que intentára a firma Antonio José Dantas Guimarães, successor contra Luiz Antonio Guedes a quem exigiu o pagamento de uma divida de trezentos e tantos mil reis.

Pela composição o sr. Luiz Antonio Guedes pagará apenas 200$000 réis e um terço das custas, ficando os outros dois terços das custas do processo a cargo da firma Dantas Guimarães, successor.

Quem achou?

Desde o correio geral, até á rua Ferreira Borges, foi perdida hontem, pelas 5 horas da tarde, uma carta contendo 37$815 réis, pertencentes ao sr. Antonio Francisco de Brito, morador na rua Ferreira Borges, 187.

EM VIAGEM

5 — VIII — 902.

7 horas da manhã. Restaurante da Pampilhosa. Sobre as mesas compridas e promptas para o almoço, ostentam-se, como flores brancas desabrochando dentro dos copos, os brancos guardanapos engommados. Os criados correm de um lado para o outro, numa grande azafama. E da cozinha, de mistura com um cheiro gordo e morno a bifes e massa de pasteis, chega-nos o chiar da carne nas certãs e o bater irritante dos bifes sobre as mêsas.

Abancados, mordendo a côdea tostada de um pão fresco, e contemplando distrahidamente os cartazes estúpidos e polychromos que pendem das paredes, esperamos que nos sirvam.

Um a um, aos poucos, vam chegando-se para a mesa, os passageiros. Aqui ao pé de mim senta-se um petiz alegre como um passaro, estundandito em férias, que pede a sua chavena de café; acolá, um padre ventrudo e embezerrado atira se lambão ao bife e ás batatas. Um bando de meninas, amarellas, empertigadas e graves, sorvem a chavena de chocolate sob os olhares grossos e desconfiados de dois papás terriveis.

Junto ao balcão, sujeitos gordos, encamisados em alvos guarda pós, encafuam coisas para os bolsos, farejando as montras dos pasteis.

Aqui em frente, baixo farfalhante, magro, com movimentos rápidos e seccos de nervoso, vem-se abancar um sujeito, cujo perfil sympathico e caracteristico me lembro de ter encontrado no meio da sombra de qualquer medalhão de revista ou de gazeta; e no presagio de que se trata de pessoa importante, vou lhe seguindo os movimentos.

Conversa alto, num fallar rápido, claro, estralejante, sobre coisas banaes, que não me interessam e que me deixam de novo lamber com um olhar a salla do restaurante, onde agora umas poucas de cabeças tombadas sobre os pratos, rumorejam num mastigar brutal e esfomeado. Junto ás vidraças, em frente das quaes se estampa a faxa negra do comboyo, diviso os rostos curiosos de alguns gaiatos, e de vez em quando o bonnet agaloado dos empregados.

O ruminar continua sempre, entrecortado por um ou outro retalho de conversa.

Agora, num andar compassado, entram dois janotas. Um delles, empertigado, com um longo casaco amarello, escorrendo-lhe dos hombros, sem uma prega, o collarinho espécado contra os queixos, a tez morena, de um moreno côr de terra, um bigodinho, pequeno e bem tratado, o olhar manso, avelludado e distrahido, cumprimenta o sujeito secco, farfalhante, que falla alto e cujo perfil eu já vi pelos jornaes. Este anima a conversa, estende lhe os braços seccos, esgalhados, falla da Felgueira, e trahe se em leves allusões, a um romance que escreveu, o — *Amanhã*.

O sujeito moreno responde-lhe mollemente. numa voz clara e vagarosa; e eu começo a interessar-me por elle, mirando-o na ancia de saber quem é, e julgando-o um desses rapazes bonitos, que lêem livros caros, e mordem, de vez em quando, uma peça de theatro ou um quadro, nas paginas das revistas.

O rapaz, porem, conversa pouco, e dentro em pouco tambem, se levantou, referindo-se em qualquer coisa a Balzac, ao despedir se do acedor de *A'manhã*.

Fitei então o ouvído, lancei um olhar curioso a este ultimo, que parecendo comprehender o meu desejo, se virou, murmurando para o visinho: — *Este rapaz é o Carlos Malheiro Dias... sobrinho do Malheiro Dias, que foi Director da Alfandega do Porto.*

Foi assim que eu conheci a maior esperança litteraria da nossa terra, nestes ultimos tempos.

C. F.

Foram concedidos 60 dias de licença ao sr. dr. Gaspar de Mattos, notário desta comarca.

— Para o lugar de subdelegado da comarca de Alvaiázere foi proposto, pelo respectivo agente do ministério público, o sr. Domingos da Silva Pepolim, que êste anno concluiu a sua formatura.

— Foi approvado para ajudante do conservador de Taboa, o sr. Cherubim do Valle Guimarães.

CORRESPONDÊNCIA

Figueira da Foz, 4—8—1902.

Na occasião em que todos os escriptores, de pequeno e grande fôlego, desta parvónia, se estám desfazendo em amabilidades, não só para com os hóspedes presentes, mas para os banhistas futuros, tem sido notado o nosso siléncio a tal respeito.

Este siléncio tem, comtudo, uma explicação: — é que o *Cosmopolita* não é de blandicias, nem serve para mestre salla; deixa isso aos competentes e peritos no assumpto e contenta-se de vez em quando em rabiscar qualquer coisa, que intenda útil e necessária.

Dizer que a Figueira é uma das praias mais formosas do país, que os banhistas encontram nella um acolhimento esplendido, que as distracções sam numerosas, as mulheres bonitas e os seus habitantes umas pérolas, — isso é sabidissimo, pois para o attestar bastam as affirmativas daquêles que aqui têem vindo passar uma temporada de banhos. E de mais, repetimos, os taes escriptores de grande e pequeno fôlego incumbem se e desempenham essa missão perfeitamente, dispensando o acompanhamento do correspondente da *Resistência*.

Dada esta explicação aos *más linguas* e murmuradores da Figueira, (e qual é a terra que os não tem?) passemos a tratar dum assumpto importantissimo, de que nenhum dos três jornaes da localidade ainda se occupou.

*

João António Simões é um dos maiores proprietários, commerciantes e capitalistas, senão o maior, dêste concelho.

Pois, apezar disto tudo, na repartição de fazenda da Figueira existem documentos pelos quaes se prova, que elle foi ha tempo citado, por falta de pagamento duma contribuição.

Isto, que á primeira vista parece uma coisa naturalíssima, por um esquecimento ter dado causa á citação, representa um grosso escándalo, que nós vamos desvendar, fundando as nossas affirmativas sobre informações que reputamos o mais fidédignas possiveis.

Na repartição de fazenda da Figueira estiveram, ainda não ha muito tempo, pois foram transferidos pela última reforma e collocação de pessoal fazendário, — um escrivão de nome Bento Barreiros e um amanuense chamado Sebastião Branco.

Pois êste Branco de tal fórma se insinuou nas bôas graças do escrivão, que êste o nomeou para as novas matrizes e o encarrégou das execuções fiscaes, recebendo portanto a três carrinhos, o que era o menos, mas abusando das attribuições que lhe estavam confiadas, o que é o mais.

Não fallaremos do Branco como escripturário e como empregado das novas matrizes; vamos referir nos a elle como encarregado das execuções fiscaes.

Para fazer render *o officio*, quando os contribuintes a quem se começava a mover uma execução fiscal, se dirigiam á repartição para liquidarem as custas já feitas, faziam se termos e mais termos, citações phantasiosas, com nomes de testemunha imaginarias, e apresentava se-lhe uma conta de grão capitão.

Alguns contribuintes recalcitravam, mas elle fallava lhe alto, escudado com a amizade e protecção do seu superior, e os expoliados pagavam, com receio de coisa peior.

Foi assim que o grande capitalista, proprietário e commerciante sr. Joaquim Antonio Simões appareceu, por *artes de berliques e berloques* com uma citação ás costas, por falta de pagamento de contribuições, quando nem uma simples intimação lhe foi feita!

Ora quando o tal Branco se atreveu a fazer semelhante partida a um homem poderoso, como é o sr. Joaquim Antonio Simões, o que não faria elle aos pobres contribuintes que lhe caiam nas unhas! Tirava lhes a pelle.

Pois o Branco, pela ultima reforma e collocação do pessoal de fazenda, foi promovido a 1.º aspirante apezar, de lhe faltarem qualidades para isso, levando os bolsos cheios com o que expoliou aos pobres contribuintes da Figueira, preterindo-se outros com legitimos direitos adquiridos!

Dirám agora os leitores: o escrivão de fazenda Bento Barreiros, seria conivente nas façanhas do seu subordinado? Não nos parece; contudo a protecção desmedida por elle concedida ao escripturario Sebastião Branco, pode fazer nascer suspeitas no animo de muita gente, suspeitas que, repetimos, não nos parecem fundadas.

Dizem-nos que o actual escrivão de fazenda deste concelho é um funccionario zeloso e honesto e estamos certos de que factos, como o que deixamos narrado, não se repetirám agora.

O que não é motivo, contudo, para deixarmos de trazer a público o abusivo procedimento do ex-escripturario da repartição de fazenda deste concelho, que trazia intrigado todo o pessoal da repartição, com o seu chefe.

Ainda havemos de voltar ao assumpto, pois ficam de remissa alguns esclarecimentos que já temos, e esperamos outros, que um nosso dedicado informador nos prometteu.

E... até um dos proximos numeros.

COSMOPOLITA.

Pedido

Pedem-nos alguns moradores do bairro de Santa Clara, para chamarmos a attenção de quem competir, para o abuso de, a toda a hora do dia, se fazerem despejos junto dum muro que fica sobranceiro a umas casas velhas, antiga dependencia do mosteiro velho.

Os visinhos daquelle mal cheiroso local têem muitas vezes de fechar as portas, para assim evitarem o cheiro pestilencial que dalli se exhala.

Aí deixámos exarado o pedido que nos foi feito e que achamos justissimo, esperando que se providenciará para que cesse abuso tam incómmodo.

Alguns mal intencionados tiveram a ideia de collocar uns enormes pedregulhos na linha ferrea, proximo a Alfarellos, fazendo discarrillar a machina de exploração que partiu no domingo á 1,25 da tarde da Amieira.

Por este motivo teve o tramway que d'aqui parte para a Figueira ás 12,45 um atrazo de 42 minutos em Alfarellos, seguindo vagarosamente até ao logar do sinistro.

Bom seria que se castigassem rigorosamente os auctores de tão estupida brincadeira.

Instrucção pública

Foram publicados ontem, no *Diário do Governo*, os decretos nomeando lente substituto da faculdade de Direito da Universidade o sr. dr. Joaquim Pedro Martins e lente proprietário da cadeira de desenho annexa á faculdade de Philosophia o sr. António Augusto Gonçalves.

— Foi promovido a 2.ª classe o professor de Covas, sr. Luís Figueiredo Correia.

— Foram concedidas licenças de 30 dias aos professores de Sernache dos Alhos, sr. José Pereira Maduro; da Carapinheira, sr. Manuel Gonçalves Margalhau.

Encontra-se veraneando na Figueira da Foz, com sua ex.ma familia o sr. Evaristo Camões, digno contador d'este juizo.

PUBLICAÇÕES

Para as creanças — Temos presente o n.º 46, da 9.ª série, da publicação infantil que, com o titulo que nos serve de epigraphe, se publica em Lisboa, sob a direcção da intelligente escriptora e dedicada amiga da infância, sr.ª D. Anna de Castro Osório.

Este número, que os pequeninos leitores devem apreciar muito, insere, alem dumas gravuras, a interessante história *Os mentirosos* e um bonito diálogo — *A mãe e o filho*.

A publicação é editada pela acreditada livraria de Guimarães Libânio & C.ª, de Lisboa.

*

Revista ibérica — E' um jornal moderno, duma illustração cuidada e fantasista, collaborado por escriptores portuguêses e espanhoes.

Após um estudo sobre o *El Greco*, o pintor que os espanhoes consideram como o fundador da escóla espanhola e antecessor de Velasquez, traz um artigo de Guerra Junqueiro sobre o *Cantador de Setubal*, na prosa floreada e romántica do illustre escriptor.

Insere bellos versos de Silvio Rebello, um estudo de Amicis sobre Gabriel d'Annunzio, outro de Ayalla sobre Stuart Merril, e um sobre Ibsen de Jacintho Benavente, alem de curiosos contos e versos espanhoes magnificamente illustrados.

E' uma bella publiçação, dum feitio moderno no texto e na illustração.

LITTERATURA E ARTE

MISERÉRE MEI!...

I

Eis-me sentado só, na *Rua da Amargura,*
como um mendigo vil, de rôta capa escura,
sem ter pátria, nem lei.
Desci, mais do que Job, ao lameiro corrupto.
— O' piedosa Mulher das tranças côr do luto,
Miserére mei!...

II

Por teus olhos subtis, mais raros que as safiras,
as aras polui, fiz a batina em tiras,
minha estola rasguei.
Agora sou *Dagon*, Rei das dor's insondaveis.
— O' piedosa Mulher, dos olhos admiraveis,
Miserére mei!...

III

Por teu amor, desci ás trevas lacrimosas.
Por teu amor, vaguei nas ruinas leprosas.
Por ti, uivei, chorei...
nas galés, hospitaes, na Insónia, na deméncia.
— O' piedosa Mulher, Senhora da Cleméncia,
Miserére mei!...

IV

Como Saul, cruzei as estradas devassas.
Nos cardos, nos tojaes, nas alfurjas, nas praças,
os farrapos larguei,
da minha alma sangrenta, estrellada em martýrios.
— O' piedosa Mulher, dos dedos côr dos lýrios,
Miserére mei!...

V

Por teu amor, desci ás pávidas gehenas,
dos não ouvidos ais, das não ouvidas penas.
Por ti eu blasfemei.
Por ti, eu me estorci, nas palhas da enxovia...
—O' piedosa mulher, Flor da Melancholia,
Miserére mei!...

VI

Bradam que te offendi —Mas os teus olhos castos
mal conheceram como, as mãos postas, de rastos,
eu puli e escavei,
com meus prantos de sangue, as lapas dos retiros.
— O' piedosa Mulher, Senhora dos Suspiros,
Miserére mei!...

VII

Arrastei-me no pó das solidões tisnadas.
No inferno das galés, nas insónias suadas,
de nostalgia uivei...
como o proscripto infliz, nos grandes gelos russos.
— O' piedosa Mulher, Senhora dos Soluços,
Miserére mei!...

VIII

O suor empastou meus pávidos cabellos.
Junto ao leito febril, tôrvo de pesadelos,
Pae, nem mãe encontrei!
Só teu pranto sorvi, nas angústias agudas...
—O' piedosa Mulher, Mãe das lágrimas mudas,
Miserére mei!...

IX

Agora, livre emfim dos *Cyclos da Loucura:*
já transpondo os portaes da *Babylonia Escura,*
mais órfão me encontrei.
Órfão, meu Deus, de ti, dos teus ais, teus cuidados...
— O' piedosa Mulher, Mãe dos Abandonados,
Miserére mei!...

GOMES LEAL

SCENAS DA VIDA

Onde está o homem está o perigo, disse um distincto escriptor; mas nós, com a devida licença, diremos que, onde está a mulher, é que está o perigo. E senão vejamos:

Ezequiel Duarte de Oliveira é um rapazote novo, filho do conhecido colchoeiro da rua do Visconde da Luz, sr. António Duarte de Oliveira, rapazote que já padece das agruras do amor.

A *ella* do seu coração reside em Santa Clara, para onde a miudo dirige os seus passos, tal e qual como a pêga, que onde tem os ovos para lá dirige os olhos.

A *ella* tem uma irmã, que é requestada por Augusto Valle, de 22 annos de edade, *mestre aranha* de officio, e que, tendo sido despedido por aquella pela qual o seu coração palpita, tomou as culpas ao seu *cunhado* que Deus faria, e jurou aos seus deuses tirar disso cruel vingança.

Como, porém, a valentia não é o seu forte, no que segue a regra, pois foram precisos, na antiguidade, tresentos *collegas*, postos em campanha, para matar um aranhiço, associou se com uma *troupe* de sujeitinhos e esperou no sábbado, pelas 10 horas da noite, á ponte de Santa Clara, aquelle que julgava ser o causador das suas máguas.

E a espera não foi baldada, pois o Ezequiel appareceu e teve de aguentar duas cacetadas, uma num braço e outra numa perna, que o Valle lhe pespegou acolytado pelos companheiros, valendo ao Oliveira largar *cutellos e varredouras* para se livrar do *pirata* que o acommettia.

Não pararam aqui as aventuras do Oliveira, pois que, no domingo, á boquinha da noite, indo com sua familia passear para Santa Clara, foi de novo provocado pelo seu *padrinho* da véspera, que novamente, á frente dos companheiros, lhe queria dar *um bom folar.*

Valeu d'esta vez ao Oliveira a intervenção de uns soldados de cavallaria e da administração militar que, conjunctamente com o cabo 12 da policia civil, lhe accudiram, pondo em debandada os aggressores.

E aqui está como despeitos de amor dám em resultado — esperas, bordoadas e perspectivas de cadeia, onde devem ficar muito bem alojados os valentões que fizeram as esperas ao pacato Oliveira.

*

Um vagabundo qualquer, que deve ter uns 10 á 12 annos de edade, costuma introduzir se nas casas, com um pretexto qualquer, a fim de deitar a mão ao que poder.

Ainda na terça feira, á noite, elle se introduziu em casa da sr.ª Violante Costa, da rua da Louça, subindo ao segundo andar, onde, encontrando um filho da dona da casa, lhe perguntou se uma lapiseira que levava lhe pertencia. Recebendo resposta negativa e vendo que não podia exercer alli a sua industria, desceu ao primeiro andar, onde deparou com uma filha da sr.ª Violante, a quem repetiu a mesma pergunta. Esta, que estava deitada, desconfiando do marau, disse que deixasse a lapiseira e tratou de se levantar para o agarrar. Mas já o não viu, dando por falta dumas ligas de seda, que elle furtou do rez do chão, não tirando mais nada por não o achar á mão.

Foi dada parte para a policia, que procura o rapazito, devendo haver com elle cautella, pois não faz cerimónia em ir a qualquer casa e passar mandado de levantamento ao que encontrar.

Cautella, pois, com o pequenote.

A direcção das obras publicas dêste districto foi auctorizada a proceder á construcção da ponte sobre o rio Mondego, na estrada real n.º 58, da Figueira da Foz a Leiria.

Mortuaria

Falleceu na segunda feira nesta cidade o professor jubilado do lyceu de Coimbra, sr. dr. Francisco Maria Pereira.

A toda a sua extremosa familia endereçamos o nosso cartão de pesames.

Ao sr. Adolpho Luis Pimenta, aspirante da repartição de Fazenda dêste concelho, foram concedidos 30 dias de licença.

Impostos

O imposto do real d'agua rendeu, neste concelho, no findo mez de julho, 4:006$366 reis, e os impostos camararios indirectos 2:190$545 reis.

Apreciação auctorizada d'um doutor

Grande número de doutores dos mais afamados, d'entre os quaes sobresahem o Dr. Moraes Costa, e o Dr. Francisco Xavier Pacheco, do Porto, tomáram a peito esclarecer os seus concidadãos quanto ao valor das Pilulas Pink. Vem acrescer hoje á lista dos ferventes propagadores das pilulas Pink o Dr. J. B. Silva Guimarães, da rua de S. Lázaro, que depois de ter colhido notaveis resultados com as Pilulas Pink, escreve-nos o seguinte:

«Com o maior prazer attesto que tratei ha pouco dum caso d'anemia profunda, com as Pilulas Pink, que deram resultados muito satisfatórios.»

Essa opinião dos Doutores é tambem a opinião geral. Justifica-se por milhares de curas de casos mui graves, obtidas em todos os meios sociaes.

E com effeito, ha em toda a parte gente pobre de sangue, que soffre de cholorose, d'anemia, de dôres do estômago e de rheumatismos.

.....

A um medico foi confiado o encargo de responder gratuitamente a todas as informações relativas ás pillulas Pink, que forem pedidas aos srs. James Cassels & C.ª, no Porto.

As pillulas Pink foram officialmente approvadas pela Junta Consultiva de Saude. Estão á venda em todas as pharmacias pelo preço de 1$000 réis a caixa e 5$000 reis as 6 caixas.

Deposito geral para Portugal, James Cassels & C.ª, successores, Rua Mousinho da Silveira, 85 — Porto.

José Marques Ladeira & Filho, participam aos seus amigos e freguezes que mudaram o seu estabelecimento para a Praça 8 de Maio, n.º 4, junto á egreja de Santa Cruz.

AGRADECIMENTOS

Avelino Teixeira, sua mulher e filhos, vêem por esta forma agradecer a todas as pessôas que acompanharam á última morada os restos mortaes de seu querido filho e irmão Viriato, sepultado no dia 24 do corrente.

A todos protestam o seu eterno reconhecimento.

Coimbra, 28 de julho de 1902.

*

José Affonso Barbosa, Joaquina de Oliveira Barbosa e Francisco Costa reconhecidamente agradecem a todas as pessôas o auxílio que lhes prestaram durante a doença de sua filha e sobrinha e ainda áquellas que a acompanháram ao cemitério.

*

O abaixo assignado, não o podendo fazer pessoalmente, vem por esta fórma agradecer a todas as pessoas que lhe dirigiram pêzames e acompanharam á última morada seu saudoso pae António Caetano de Sousa Pedrosa (França). Aos alquiladores desta cidade srs. Manuel José da Costa Soares, Luís Polaco e Nova Companhia a cedencia dos carros para o funeral e á illustrada imprensa periódica as boas referencias que fizeram á memória do finado.

A todos o seu indelevel reconhecimento.

Coimbra, 30 de julho de 1902.

José Caetano França.

ANNUNCIOS

Arrenda-se

No páteo pequeno da Inquisição, uma boa casa que póde servir para celleiro ou para qualquer associação.
Trata se na rua Ferreira Borges, 95.

Sophia, 167

Ha para vender 2 bilhares, sendo um de pau preto e outro de mogno, bem como estantes e portas envidraçadas — **F. Lobo.**

---

(36) **Folhetim da "RESISTENCIA,,**

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA

DO

CONVENTO

XVI

Lambrune ficára aterrado.

—Vejo na verdade, disse, que reflectiu muito.

—Peço lhe que veja tambem, sr. Lambrune, que não é uma recusa, como lhe chamou, mas antes uma abdicação.

Herminie estava adoravel d'expressão e de attitude.

Roland, que, depois da morte da mãe, nunca sentira o choro nos olhos, continha a custo as lagrimas.

—Minha cara filha, murmurou, aconteça o que acontecer, nunca hei-de esquece-la!

Acabava de deixa-la, quando o velho carteiro, que, como de costume, tinha subido até ao castello, em que o recompensavam do trabalho, entregou uma carta a Mademoiselle de Croisy.

A letra do sobrescripto não lhe deixava duvida ao primeiro relance d'olhos; a carta era de Aurelie de Fayolles, cuja austeridade de principios lhe servira momentos antes contra Lambrune, como já servira contra Argouges na conversa da bibliotheca.

A velha Aurelia, tam ligada á sua piedade, como á dignidade de aparato, não tinha, como vimos, o espirito epistolar; mas as linhas seguintes eram mais desprovidas delle do que todas as cartas que até entam vira sua prima:

Convento de Bayeux, 20 de Setembro de 186..

Minha cara Herminie.

Tive, o mês passado, a alegria de acceder ao desejo de Mademoiselle de Villy prolongando as tuas ferias perto della e da neta; mas espero que a amizade, de que te dam ahi tantas provas, vos não façam esquecer a data proxima da vinda.

Espera-vos a boa madre, desejam-vos vossas irmãs, minha cara filha, cujo dever é pensar no vosso futuro; desejamos todas a vossa entrada breve no convento.

A elegancia, o luxo, em que sem duvida viveis no castello de Villy, os habitos mundanos que ahi podeis contrahir, tudo seria funesto para uma menina, que, como vós, depois das desgraças de familia, deve fazer voto de humildade e de pobreza.

Não quero duvidar, minha filha, do vosso fervor pela vocação a que sois destinada; mas o retiro cedo convem ás que sam chamadas a viver no espirito do Senhor.

Passae pois os poucos dias, que vos separam de nós a compenetrar-vos da ideia, de que, se deixaes em Villy uma affeição cara, encontra-la-eis aqui no amôr de Deus, que, atravez das distancias, sabe aproximar as almas e uni las todas nelle. Essa é na vida a mais verdadeira e completa felicidade.

A vossa saúde está restabelecida, como espero. Não vos esquecereis de transmittir a Madame e Mademoiselle de Villy todo o meu reconhecimento.

Beijo vos, minha cara Herminie, e peço a Deus por vós.

Aurelie de Fayolles.

O beijo e a benção da velha senhora produziam o mesmo effeito sobre a prima: Mademoiselle de Croisy teve um calefrio nas espaduas, como se sentisse aquelles labios viperinos, que a gellavam e aquella mão secca, que só se levantava devotamente sobre ella para a readiquirir e esmagal a implacavelmente.

XVII

Emmanuel d'Argouges, que partia sempre para a caça ao romper do dia, tinha voltado para almoçar.

—Minha boa sr.ª de Villy, disse Herminie, devo dar lhe parte duma carta que recebi, ha pouco, de Mademoiselle de Fayolles.

—Com certeza, uma carta muito edificante? perguntou Argouges, recebendo uma dupla contrariedade.

Queria mal á velha Aurelia por ter escripto e a Herminie por o ter annunciado.

(Continúa.)

"EQUIDADE,,

Companhia de Seguros

Vida de animaes, fogos, fianças e rendas de casas

Preços muito reduzidos

Correspondente em Coimbra

Joaquim Antonio Pedro

Em casa do Sr. Antonio Rodrigues Pinto.

LUCCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de Cereja de Ayer—O remedio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmunar, frasco, 1$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer.—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. Frasco 1$100 réis.

O remédio de Ayer contra sezões.—*Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cartharticas de Ayer.—O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquesita preparação para aformosear o cabello

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

LOJA DO MINHO

44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48

Deposito das ligitimas machinas **Singer,** instrumentos, musicas, Pianos, Bicycletas, occulos e lunetas.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos,** continua recebendo hospedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis.**

O proprietário,

José Maria Junior.

CURSO PRATICO

DE

Escripturação commercial

Abre desde já, para funccionar em Santa Clara, em dias alternados, das 7 ás 9 horas da manhã, sob a regencia de

M. d'Amaral

encarregando se tambem de balanços para trespasses, concordatas ou fallencias, e de partilhas entre particulares.

Informações podem os interessados obtel-as dos srs. Correia, Gaitto & Cannas, rua do Cego, 1 a 7 — COIMBRA.

Venda de propriedade na Figueira da Foz

Vende-se ou arrenda-se uma bella propriedade de terra lavradia, com pomar e vinha, arvores de fructo, muito abundante de agua e bom terreno.

Tem casas de habitação e curraes, duas eiras e muito próxima á cidade, sita na Varzea, estrada de Mira, a 1 kilometro de distancia.

Para tratar, no Passeio Infante D. Henrique, n.º 7, 2.º andar — Figueira da Foz.

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de polvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

PASTLAERIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, a rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampretas*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Bicycletes com motor

R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

João Gomes Moreira

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Estabelecimento de chapeus para sol e chuva

DE

JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA

20 — Rua do Sargento Mór — 24

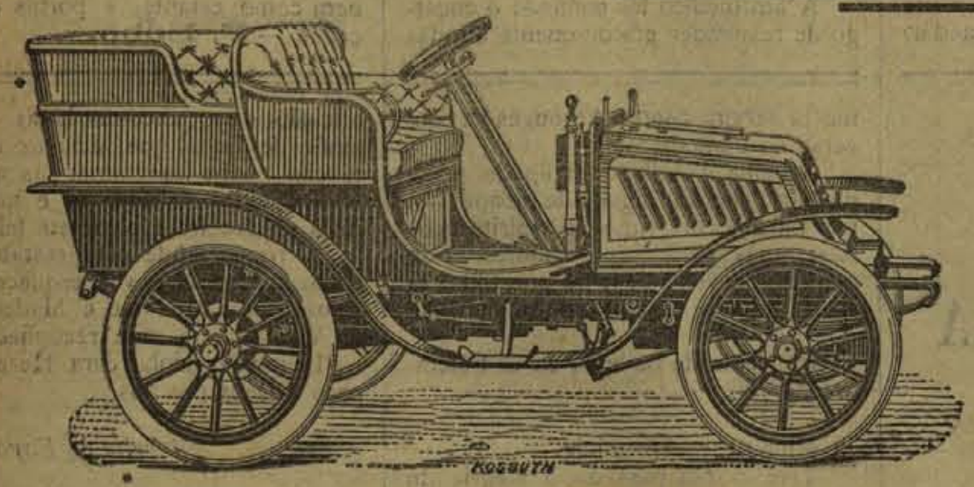
COIMBRA

N'este antigo estabelecimento se concertam e cobrem de novo guarda soes, tanto de seda como de setim, de brilhantina ou de paninho.

Tambem se fazem guarda-soes novos e se fazem de varetas de todas as marcas, tanto redondas como elasticas, assim como todos os trabalhos concernentes á sua arte.

EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

AUTOMOVEIS DARRACQ



Para mostrarmos que os **"Automoveis Darracq,,** além de serem

Os mais elegantes, os mais baratos e os que menos gazolina gastam

Sam tambem

Os mais sólidos e os mais ligeiros

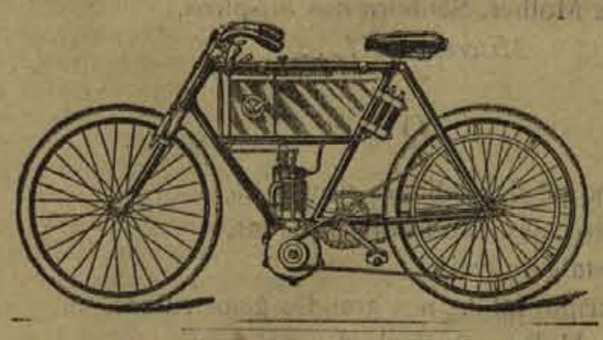
basta ennumerar algumas das suas victórias nêste anno:

1.º prémio na corrida da subida da Turbie

1.º prémio na corrida de Nice — 1.º prémio no Circuit du Nort

Nas grandes corridas Paris-Vienna bateu com carros do máximo 24 cavallos as carruagens «Dainler» de 40 cavallos, «Mors» de 60 cavallos e 6 carruagens de Panhard Levasseur de 70 cavallos!! ganhando o 1.º prémio na série de Vaituret; 2.º, 3.º, 4.º e 5.º na série de Vaituret legere e o prémio de classificação geral.

MOTOCYCLETTE "WERNER,,



A **Motocyclette WERNER** de 1 3/4 de força não precisa de rèclame, comtudo diremos que nas corridas Paris Berlim, Paris Bordeaux e nas subidas de Gaillon e Turbie-Paris Roubaire, Nice Marseille, etc., etc., chegam sempre na vanguarda!

Nas grandes corridas *Le circuit du Nort* e Paris-Vienna quantas *Werners* partiram, quantas chegaram, apesar do grande temporal que fazia!! Déz de differentes marcas que disputavam o prémio nenhuma chegou!!

Recentemente em Portugal o Record Porto Lisboa feito debaixo de chuva e com estradas em péssimo estado.

Motores LURQUIN-COURDET de 1 1/4 cavallos de força applicavel a qualquer bicyclette

Adaptam-se nas nossas officinas e garante-se a sua superioridade a qualquer outro de egual força.

Dos automoveis "Darracq,, da motocyclette "Werner,, e do motor "Lurquin & Courdet,, sám unicos agentes em Portugal

LEÃO, MOREIRA & TAVARES — "Empreza Automobilista Portugueza,, — COIMBRA

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 722 | COIMBRA—Domingo, 10 de Agosto de 1902 | 8.º ANNO

A imprensa monarchica e o "Seculo,,

A attitude da imprensa monarchica perante o *Seculo* não deixa de admirar a quem tenha seguido de longe o papel corruptor e desnorteador da opinião publica que tem tido aquelle diario da capital.

O *Seculo* é desde longos annos um jornal de reclame e de exploração mercantil; a opinião é vendida alli, segundo a avaliação da casa, por um processo que não póde illudir ninguem que conheça os processos modernos de reclame; mas engana fatalmente o povo ingenuo pela força suggestiva da repetição insistente das mesmas palavras e das mesmas opiniões.

O *Seculo* tem feito reputações de medicos, de criticos, de advogados, de litteratos, e rapidamente, com uma simples noticia de cura, um artigo ligeiro, a narração duma causa juridica insignificante. E, se por vezes o *Seculo* não tem conseguido o resultado, que era de esperar, é porque a insignificancia dos seus protegidos é grande e inutiliza todos os esforços do reclame.

Toda a imprensa monarchica tem visto isto, todos o affirmam, não ha ninguem que se atreva a po-lo em duvida, e, apezar disso, a imprensa monarchica não guerreia o *Seculo* com armas leaes, não se atreve a ataca-lo e copia-o servilmente, tentando desviar, em proveito proprio, a exploração do povo ingenuo e ignorante.

Conta uma fabula grega, que um gato, astucioso, velho, pellado e cheio de manhas, que levava a vida má, sem força para dar um salto, sem vista para vêr de longe a carne apetecida dos ratos, negra, em brilhos de vida como o azougue, notando que os ratos andavam com prazer pelas tulhas de farinha e evitavam a bocca, que elle abria, vasia e escura, sem dentes para morder, se deixou caír em uma caixa de farinha donde sahiu todo branco.

Veio estender-se sobre o chão, na taboa por onde costumava passar sempre para ir á arca da farinha, o rato mais gordo que andava na casa, dum pello negro e macio como o da lontra.

Só de pensar nelle se babava o pobre gato.

Estava elle com medo de adormecer, e não vêr passar o rato, quando viu sahir-lhe o focinho cheio de viveza dum buraco que havia junto ao sobrado.

Pouco depois sahiam as orelhas, a cabeça toda, e, por fim, dum salto, o corpo que ficou parado, a tremer de vida.

Poz-se o rato a limpar com as mãos o focinho, depois o corpo e acabou por dar fim á toilette com duas mordedellas na cauda.

Deu um salto, poz-se a chiar um riso alegre e começou a andar.

O gato babava-se todo. Nunca, nem mesmo quando era novo, vira um rato assim, tanto de apetecer.

O rato deu por elle e parou Começou a olhar, e a pensar que talvez fosse alguma farinha nova, das que o patrão costumava falsificar, e dizia comsigo mesmo que não havia rato decente que podesse frequentar, então, a casa dum padeiro, quando o gato, a quem os rheumatismos tornavam dolorosa a posição, mecheu de leve uma perna.

O rato desatou a fugir e, quando ia para entrar no buraco, voltou-se e riu se nas barbas do gato que estavam cheias de farinha!

A imprensa seguiu o exemplo do rato da fabula, copiou os bonecos sem arte do *Seculo*, tomou-lhe o formato, o geito dos reclames, o seu feitio elogioso e banal; não póde dizer-se que o fizesse por necessidade do povo, por interesse da litteratura ou da arte. Copiou a fórmula; porque a fórmula dava dinheiro, e não a modificou: a informação não é melhor, a litteratura não é melhor, os desenhos sam egualmente detestaveis.

Longe de affastar o público do *Século*, a imprensa monárchica levou-o para lá.

O *Século* triumphára, era a própria imprensa monárchica que o affirmava, copiando-o, como um alfaiate ordinário a um figurino de jornal de modas.

A imprensa monárchica importava-se pouco com o interesse do povo, o que queria era a sua exploração, e essa estava segura desde que apparentemente copiasse o *Século*, porque o povo ingénuo não tem a esperteza, e a desconfiança do rato do velho Esopo.

Não sabe o povo conhecer a farinha falsificada.

Depois da exauctoração do *Século*, a imprensa monárchica, que algum tempo julgou affastado o concorrente, volta a adula-lo, porque vê que ao interesse da monarchia convem a conservação do *Século*, máchina montada e perfeita de corrupção.

Vê tambem a imprensa monárchica que o *Século* lhe faz a vida fácil,

A monarchia ha de conservar o *Século*.

A imprensa monárchica ha de continuar a copiar o *Século*.

Assim o exige a facil exploração do povo.

Attentado da Bemcanta

De *O Tribuno Popular*:

«O comboio correio ascendente matou no domingo de madrugada, proximo do apeadeiro da Bemcanta, 16 ovelhas pertencentes á Escola Nacional de Agricultura.

Alem d'estas ficou uma com as pernas partidas e tres fugiram, não tendo voltado ao redil senão uma.»

Extranhamos não vêr o commentario favorito:

Ahi têem os perigos das grandes velocidades. Por isso aqui clamamos, e continuaremos a clamar contra a velocidade dos automoveis.

Os antigos andavam em carros de bois e nem por isso deixaram de descobrir um novo caminho para as Indias.

Os carros de bois e os automoveis "Darracq,, têm os mesmos direitos, deviam ter a mesma velocidade, e... pagar o mesmo imposto.»

Se fosse o Navarro, não faltaria o commentario:

«Continuam-se a repetir os ataques contra os comboios.»

Renova-se o attentado da Bemcanta.

Agora foram 16 ovelhas da Escola Nacional de Agricultura.

As ovelhas tiveram o justo castigo que mereciam.

Mas os estudantes da Universidade...

Esses continuam impunes!

Espere-lhe pela marrada, sr. Hintze Ribeiro...

Os amigos de Antonio Augusto Gonçalves offereceram-lhe no dia 7 um copo de champagne, festejando assim a nomeação do distincto artista para professor da aula de Desenho, annexa á faculdade de Philosophia.

Foi uma noite alegre, cortada de ditos do espirito, festa de amisade que deve deixar em todos a mesma saudade, que os da mocidade, quando a vida era mais alegre, e o riso mais facil.

Dum jornal de Lisboa:

«*Companhia Portuguêsa de panificação.* — A séde desta companhia, mudou se da rua Vinte e Quatro de Julho, para a rua da Fabrica da Pólvora.»

E' um novo capitulo nos tractados de medicina: — explosivos alimentares.

A nova descoberta vai modificar a technologia da arte do padeiro.

Acabará o pão tremês, o pão de bolacha, o pão espanhol.

Teremos a defrontarem se, em reclames das padarias ao *pão pólvora*, apenas duas qualidades: o pão com fumo e o pão sem fumo.

O *Diario da Tarde*, do Porto, noticia que vae começar a publicação de retratos e notas biographicas dos jornalistas, pintores, poetas e escriptores mais em evidencia.

Começará a publicação, diz elle, pelo retrato e biographia de Emygdio Navarro.

Começa bem.

Para quando o Judicibus?...

A batota política

Informa o *Diário da Tarde:*

«Os grandes influentes regeneradores de Coimbra srs. Ayres de Campos, Lonato e Vicente Rocha, abandonaram a politica por causa da questão do jogo na Figueira da Foz.

Consta-me que um respeitavel vulto do partido regenerador que garantia ao proprietario do Casino Peninsular ser ali permittido o jogo, fiado nas promessas dos manos Jardins, tambem se desligara da politica, pela mesma causa.

Em Lisboa, corre que o jogo é permittido nas thermas de Vizella, na Povoa de Varzim e em Espinho e que por isso mesmo, os regeneradores da Figueira da Foz estão altamente descontentes, assim como os de Cascaes.»

E' bem certo que os maiores ódios cessam deante dos interesses da pátria.

Como é consolador, ver reünidas Coimbra e a Figueira, na defeza de causa tam nobre.

Tambem a perseguição do sr. Hintze Ribeiro tem ido longe, e então o último facto é verdadeiramente revoltante.

O sr. Hintze Ribeiro, que tem perseguido o jogo em Braga, acaba de mandar tirar do Calvário da capella mór do Bom Jesus do Monte os judeus que jogavam aos dados a túnica do Senhor.

Era na verdade um privilégio revoltante.

Na organização do nosso último número, tivemos de retirar a declaração de que os magnificos versos — *Miserére mei* eram do último poëma de Gomes Leal — *A mulher de luto* — editado pela livraria central de Gomes de Carvalho, que continúa distinguindo se pela escolha dos originaes publicados, e pela protecção franca e sempre prompta para os novos, que começam com talento a vida das lettras.

Fica feito tambem o agradecimento que devemos á amabilidade constante do editor.

A força da chimica e da lógica

(AUTHENTICO)

Um padeiro lê em voz alta um jornal do Porto:

«O delegado de saude conseguiu que um padeiro d'aquella cidade fizesse pão com as seguintes misturas:

Farinha «Flôr» com 20 por cento de *kaolino* (barro branco.) Deu um pão alvo, de bonita apparencia: o chamado pão de luxo.

Farinha 1.ª com 10 por cento *kaolino*. Deu um pão egualmente de magnifica vista.

Farinha sem marca, com 20 por cento da *mixordia* apprehendida ao negociante de cereaes Francisco da Silva. Deu a semea escura que costuma ser gasta pelas classes pobres.

Farinha sem marca com 10 por cento da *mixordia* apprehendida a Castanheira & Madeira. Deu pão egual ao anterior, um pouco mais claro.

As misturas foram feitas na delegação de saude e depois amassada a farinha e cosida na presença d'um agente de policia.»

— Ora ahi têm, vocês, commenta o homem, o que é a tal falsificação: é pão.

— Mas o Kaolino?...

— O' homem, você não sabe lêr? Leia ali.

— Kaolino (barro branco.) Ai! Elle é barro...

— Pois então!...

Partiu para a Figueira da Foz, onde vae passar a epocha balnear, o nosso amigo e distincto academico Fausto de Quadros.

Remonta

De *O Tribuno Popular:*

«Falla se na nomeação de uma commissão para estudar e propôr os meios de adquirir em Portugal um typo de cavallo de guerra.»

Já está escolhido: é o cavallo de Troya.

E' decorativo, e clássico.

E de pau...

O ENSINO RELIGIOSO

Fui educada em familia onde tentaram dar-me, *cahin-caha*, quási a mesma instrucção que recebia meu irmão no lyceu.

Mais tarde, segui o curso da Sorbonne, depois passei dois annos na Universidade de Oxford. Foi meu marido, que me preparou para a *licence ès lettres*.

Que influéncia attribuo á educação sobre o meu desenvolvimento espiritual e moral? E' mais do que uma *influéncia;* a educação fez-me o que eu sou, absolutamente, e não seria nada sem ella.

E' por isso que eu penso que a educação é o factor essencial da personalidade. Todas as outros (hereditariedade, familia, e até aptidões naturaes) sam secundários e não actuam senão nos termos, em que a disciplina intellectual utiliza o seu concurso.

E' por isso que eu nunca comprehendi o argumento tirado do caso de Voltaire, alumno dos jesuitas, e outros exemplos análogos. Sam excepções que confirmam a regra. Doutra fórma chegar-se-ia a defender esta these absurda que vale mais entregar os filhos aos *bons* padres para ter a certeza de fazer dêlles espiritos livres.

Penso que a expressão *liberdade de ensino* não tem sentido differente das expressões — *liberdade de medicina, liberdade da justiça, liberdade do roubo...* Se a liberdade consiste em poder fazer tudo o que não possa prejudicar outro, tem por isso mesmo o individuo por medida. A liberdade não vale senão por o individuo e para elle; sob o ponto de vista social, a liberdade é apenas o conjuncto de condicções, que permittem ao individuo desenvolver todas as suas fôrças.

Só a liberdade *individual* é *real* e respeitavel.

Ora, é de primeira evidéncia, que em matéria de ensino, não se trata de um individuo, que poderia satisfazer-se a si mesmo; mas de muitos individuos, dos quaes um (o mestre) exerce sobre outros (discípulos) mais que influéncia, —império. Convem por isso regular as relações entre êstes diversos termos, por forma a salvaguardar a liberdade intellectual dos alumnos. E' isso que justifica a intervenção do estado, se é verdade que «o fim de toda a associação politica é a conservação dos direitos naturaes e imprescriptiveis do homem.»

Donde:

A. A pretendida *liberdade de ensinar* não é uma forma de liberdade individual. Não reconheço senão o *direito* de ensinar e êsse direito não é *natural*, primitivo, immediato. Liga-se estreitamente á economia do systema social. Por isso é o Estado que deve exercê-lo, ou regular o seu exercício.

B. Quando se falla de liberdade de ensino, parece ordinariamente não se pensar senão na liberdade do *ensinador*.

O que pelo contrário nos deve preoccupar exclusivamente é a liberdade do *ensinado*. O objecto de toda a legislação escolar não poderia ser senão garantir o respeito do direito da creança. Ora, o primeiro tutor da creança, é o Estado.

Por consequéncia o direito de creança confunde-se com o direito do Estado.

C. Não se deve dizer liberdade de ensino; mas sim ensino da liberdade. A liberdade não é o princípio, mas sim o fim da educação.

E' tanto mais difficil conseguí-lo que o ensino é uma forma da *auctoridade*. O professor é um *mestre*.

Como com auctoridade fazer liberdade? Nisso consiste todo o problema.

Todos os esforços devem tender a reduzir ao minimo essa auctoridade temivel do pedagogo, ao mesmo tempo que o dogmatismo escolar. E' por essa razão, junta ás precedentes, que eu transfiro para o estado o direito de en-

sinar; porque a auctoridade do Estado (não fallo, bem entendido, senão do Estado republicano) auctoridade collectiva, diffusa, impessoal, é ainda a menos tyrannica.

D. Então o ensino do Estado?

Sim, ou pelo menos não delegando o *seu* direito de ensinar, senão depois de ter exigido do mestre as mais sérias garantias, não sómente sob o ponto de vista do saber, mas da liberdade espiritual.

Não tenho necessidade de insistir sobre este ponto para affirmar como a sociedade Condorcet, que ha *incompatibilidade essencial* e *absoluta entre o carácter ecclesiastico e a funcção pedagógica*.

Penso com M.me Clemence Royer, que me escrevia algumas semanas antes de morrer: — «Acharia perfeitamente legitimo prohibir o ensino da «infância a todos os membros dum clero qualquer, regular ou secular, fazendo profissão de religiões, que se «dizem esclarecidas por luzes sobrenaturaes ou extra-racionaes duma revellação, e isso pelo facto de uma tal «pretensão bastar para constituir um «estado evidente de alienação mental «e um caso particular, embora frequente em nossos dias, da loucura das «grandezas.»

M.me Andrée Téry.

Acompanhado de sua ex.ma familia partiu na quinta feira para Luso, o nosso prestantissimo correligionario e amigo sr. Cassiano Martins Ribeiro.

No país da loucura!

Lê-se num collega da manhã:

«No ministério, onde a mobilia do gabinete do respectivo ministro custou, ha poucos mêses, vinte contos e oitenta mil réis, fóra as obras que importaram em oito contos, fez-se agora uma secretária que custou setecentos mil réis!

«Nesta mesma secretaria de Estado ha quem receba duzentos mil réis por mês de serões, e ha chefes de repartição que na Figueira da Foz e no extranjeiro recebem todas as gratificações, emolumentos e ajudas de custo, como estando ao serviço!

«Tudo isto em louvor da moralidade do sr. Hintze.»

Nem juizo, nem vergonha, nem medo; mas talento...

Oh! o talento!

O advogado da câmara municipal dêste concelho, sr. dr. Chaves e Castro, deu parecer favoravel á proposta da câmara para ser lançado sobre cada automovel o imposto de serviço de 2$000 réis annuaes.

Para o lugar vago de professor da cadeira de geographia na escóla industrial da Figueira da Foz ha já cinco concorrentes.

Tanto nêste concurso, como nos dois últimos realizados, serám válidas as classificações dos concorrentes para preenchimento das vagas de professores que se fôrem dando durante um prazo de tempo, que ainda não está marcado, mas que variará entre dois a três annos.

Reune hoje a assembléa geral da Associação dos Artistas para resolver sobre uma proposta da direcção, tendente a diminuir as despezas e a equilibrar o orçamento.

A Associação dos Artistas lucta, ha muitos annos, com difficuldades, tendo as direcções empenhado esforços para augmentarem a receita, esforços que têem dado pouco resultado.

A Associação dos Artistas é uma das mais sympathicas da cidade, e das que mais serviços prestam á classe operaria.

Bom será que tudo se resolva sem prejuizo dos que necessitam de soccorros, e que esta associação entre num periodo de prosperidade, que tám necessário é aos artistas desta cidade.

A direcção geral do ministerio das Obras Publicas solicitou providencias do governador civil deste districto, afim de que, pelo commissariado de policia, seja prestado á direcção das obras publicas districtal o auxilio que careça para a descoberta dos criminosos que, com frequencia, damnificam as arvores que orlam as estradas no districto de Coimbra.

Mesmo sem o pedido da direcção geral das Obras Publicas, a policia tem envidado esforços para descobrir os malevolos arboricidas, mas, ou por falta de faro policial, ou por pouca actividade, ou por falta de sorte, ainda até hoje os criminosos continuam impunes.

Veremos se agora os argus policiaes conseguem alguma coisa.

Contam nos o seguinte caso, succedido na quinta feira á noite, no caes:

Um velocipedista, destes de 3 ao vintem, com a lanterna apagada, intretinha-se a andar em correrias pelos passeios, em risco de atropelar alguem. Sendo-lhe observado por uma pessoa que estava sentada num banco, que não devia proceder daquella forma, respondeu que aquillo ali *era particular*.

Parece nos que a policia deve ensinar os taes sugeitos, que não só não se pode nem deve andar pelos passeios a pedalar, mas que o caes não é tão particular, que um agente não possa multar um velocipedista refilão e de mais a mais que traz as lanternas apagadas, no caso de apparecer, por ali algum policia, o que é raro.

Até nos parece ser isso uma obra de misericordia: ensinar um ignorante.

Affonso Gayo acaba de traduzir — *A mentira religiosa* curioso estudo de Max Nordau, precedendo-o de uma noticia biographica do tam célebre auctor da *Degenerescencia* e dos Paradoxos.

Para dar ideia da obra trascrevemos apenas estes periodos:

«A palavra do poeta e do philosopho tornará superflua a do prégador; os theatros, as salas de concertos e de conferencias substituirão as abobadas das igrejas. Os germens das transformações futuras são visiveis por toda a parte. Nos paizes, que possúem a liberdade politica a multidão ignorante e miseravel procura nas reuniões publicas, em que se lhe falla dos interesses communs da aldeia ou do paiz, a distracção do domingo é a porta aberta para o seu ideal. Onde existe o suffragio universal, o homem do povo, nos dias de voto, sente-se verdadeiramente cidadão com um outro orgulho differente do que se apresenta nos actos communs do culto, taes como a comunhão, a confissão, etc. Nas sociedades, que organizam conferencias ou leituras de obras poeticas, a massa popular escuta uma palavra mais humana, mais sentimental e mais comprehensivel que a do sermão. E' para lamentar que essas sociedades não exerçam por emquanto uma acção benefica nas camadas profundas do povo que são as que mais precisam della.

Estes germens hão de procrear e desenvolver-se e num futuro proximo ver-se ha uma civilização em que os homens pódem satisfazer a necessidade de descanso, de elevação, de emoções em commum e de solidariedade humana.»

E' um livro de actualidade, traduzido com a propriedade que distingue o sympáthico auctor dos *Heroes Modernos*

Foi approvada superiormente a cedencia de terreno feita pela câmara municipal deste concelho ao sr. Manuel Ribeiro, no alinhamento por elle pedido, para a construcção dum predio no logar da Arzilla.

Foi submettido a exame de sanidade, por dar indicios de alienação mental, o professor da freguesia de Eiras, sr. Joaquim da Silva Costa e Nora que effectivamente foi reconhecido como demente, pedindo os facultativos que o examinaram a sua internação numa casa de saude.

Os alumnos do infeliz professor eram grandemente espancados por elle, que padecia de allucinações estravagantes.

Na Carapinheira da Serra realiza-se hoje uma festividade, na capellinha que o sr. Adriano Espingarda e alguns moradores daquella povoação mandaram erigir.

A capella é pequenina e tem por porta principal, a porta renascença que dava entrada da capella mór da igreja de Santa Cruz para a sachristia.

Esta porta foi, não sabemos com que criterio artistico, substituida por a porta manoelina, que lá se vê hoje, e que data das obras da restauração.

A porta era do mesmo tempo e do mesmo estylo que a sachristia para que dava entrada.

O sr. Espingarda aproveitou a porta, que lhe foi cedida para recompensar a fidelidade politica dos eleitores da Carapinheira, e fez a capella com outros devotos da mesmo igrejinha politica.

Com destino á Carapinheira, foi ontem benzida, na igreja do Carmo, uma bandeira que seguiu hoje para alli, afim de figurar na festividade

E para que não haja alli falta de comestiveis, informou o sr. Espingarda, que já foram mortos duzentos carneiros e 300 chibos!

Na verdade, uma festa de aldeia onde se consomem tantos carneiros e chibos, deve ser de se lhe tirar o chapeu e, o que é mais, de se desapertarem os colletes e alargarem as presilhas das calças.

E' caso até para as barrigas dos carapinheirenses pôrem luminárias. Se lhe parece, com uma tal fartura de carneiros e chibos...

Estarám próximas as eleições?..

Tem se concedido no concelho de Coimbra muitas licenças para porte de arma de caça, sport que continua a ter muitos amadores e que desejariamos ver mais vigiado de modo a cumprirem-se as leis e os regulamentos.

A abertura da caça é no dia 15 do corrente terminando no ultimo de fevereiro.

O monumento a Garrett

D'pois da mais intensa campanha jornalistica vám ser depositado no convento dos Jeronymos em Belem os ossos do Visconde de Almeida Garrett.

O povo mal conhece Garrett, mas sente-se todo romano e pede um pantheon.

Portugal não pode passar sem um pantheon.

Portugal é um paiz de heroes.

Foi distribuido profusamente pelo paiz o programma do concurso, chamando para elle a attenção de architectos e esculptores.

O monumento, em que a patria quer conservar os ossos de Garrett, será de estylo manoelino.

Porque?

Confesso ingenuamente que não sei

A' primeira vista nada parece mais natural do que ser do estylo do monumento, em que deve collocar-se, o tumulo de Garrett.

O monumento é *manoelino;* logo o estylo do tumulo deve ser *manoelino*.

Nunca tal principio foi aceite..

Não se pode glorificar um artista com um erro de critica de arte.

Nos *Jeronymos* ha varios tumulos, que sam de estylo da Renascença e que foram alli collocados, quando se modificou a capella mór, escolhendo para elles o estylo da Renascença, não por ser esse o da capella; mas por ser o do tempo em que foram feitos.

E' um erro moderno este da adaptação dos velhos estylos ás necessidades actuaes.

Cada estylo é a synthese da epoca, canta o seu ideal.

Só um estylo moderno poderia cantar a obra de Garrett, como elle a fez ou como nós a admiramos.

O estylo canta a belleza, o rythmo da linha, do movimento, da paixão e da dôr, como essa epocha o concebeu.

A graça e a mulher sam vistas em cada epocha por litteratos e esculptores de modos differentes.

Só os esculptores duma epoca determinada poderão dar a graça e a belleza, que cantam a proza e os versos dos litteratos que sofrem, como esculptores, d'uma forma inconsciente, a attração e o encanto da graça e belleza.

E nunca deixou de haver harmonia perfeita entre a obra dos architectos e esculptores e a obra dos litteratos.

Cada epocha não sabe fazer bem senão as obras caracteristicas dessa epoca, e, quando na arte se desce a imitação servil do passado, a arte morre.

Um esculptor moderno é incapaz de conceber uma obra original de estylo manoelino.

E só uma obra original poderia consagrar dignamente o talento de Garrett.

Falsificações

Sám verdadeiramente pavorosas as revelações que diariamente a imprensa traz a público, referentes ás multiplices falsificações dos gêneros alimenticios e com especialidade as usadas na confecção do pão.

Enquanto se gastam sommas enormes com a manutenção de dispensários e outros estabelecimentos análogas para combater a tuberculose e outras moléstias de gravidade comprovada, têem se deixado ás soltas os falsificadores que diariamente, vám envenenando as populações, arruinando lhes a saúde e concorrendo num grau elevado para o depauperamento dos organismor, já enfraquecidos por deficientes alimentações, provenientes da falta de meios.

Se houvesse uma fiscalização rigorosa e inexoravel dos generos alimenticios, se os falsificadores dos vinhos fôssem severamente punidos, se a desmoralização fôsse refreada por meio de medidas enérgicas, a tuberculose e outras moléstias mortiferas diminuiriam extraordinariamente, sem a necessidade do dispéndio de sommas enormes e sem os apparatos tendentes a aureolar nomes de pessôas, que se quizessem podiam, com simples ordens, rezolver em grande parte o problema.

Basta notar que a influencia da lucta entre a disseminação da tuberculose se não vê em nenhum estabelecimento do Estado, quer seja secretaria, quer casa de ensino.

Mas no nosso país as coisas fazem-se sempre ao contrário. Não se procura atacar o mal nas suas origens; trata-se de combater os seus effeitos, o que é mais rendoso e causa mais espalhafato.

Por a acharmos conforme com o nosso modo de pensar, já expendido no número transacto da *Resistência*, publicamos uma carta, que um importante e illustrado viticultor escreveu ao nosso collega *Diário Illustrado*, a propósito da competência e intervenção dos médicos nas inspecções aos géneros alimenticios:

«A fiscalisação feita pelos sub delegados de saúde sempre existiu e nunca deu resultado algum. Não deu nem poderá dar. A missão do médico, a mais nobre e levantada que eu conheço, não é a de ser *agente fiscal*, denunciante ou apprehensor. O médico, a quem incumbe combater as mil doênças que affligem a humanidade, é obrigado a um estudo continuado para estar a par de quanta sciência dia a dia se vai descobrindo. Tem além disso de tratar os seus doêntes e de somente se preoccupar com a missão para que foi creado á custa de largos e difficeis estudos.

Nestas condicções, o médico nunca póde ser um agente fiscal; chega a ser deprimente para elle um tal encargo. Disto resulta que a fiscalisação médica nunca deu nem dará qualquer resultado prático.

Temos a comprovar a nossa opinião o que ha dias se deu com as falsificações das farinhas, e senão vejamos: em Lisbôa, no Porto, como em todas as terras, cabeças de concelhos do país, ha sub-delegados de saúde. Não se póde, pois, allegar a falta de pessoal *fiscalisador*, que existe espalhado por toda a parte. Pois a êste pessoal incumbe, por lei, a fiscalisação das farinhas, e só deu pela falsificação por um mero acaso e ao fim de muitos annos da fraude ser pública, em grande número de cidades e villas do norte!

Todos sabem o que por êsse país fóra se vende como vinho, vinagre, azeite e outros géneros alimenticios, e quaes têem sido os serviços fiscaes prestados pelos sub delegados de saúde? Qual o número de amostras colhidas? Qual o resultado das respectivas anályses? E quaes, finalmente, os processos criminaes a que têem dado lugar? Digam nos ou respondam nos se sam capazes.

Ainda está bem na memória de toda a gente a queixa geral dos consumidores da capital contra as falsificações dos vinhos e azeites; como ainda não esqueceram os protestos dos viticultores e olivicultores, os seus imponentes comicios pedindo providéncias especiaes contra tam grandes abusos. E tám unánime foi a queixa e o protesto dos interessados contra a fiscalisação, até alli feita pelos sub-delegados de saúde, que o governo (governo regenerador) estabeleceu as inspecções especiaes em Lisbôa a titulo de experiencia, afim de as alargar ao Porto e mais centros importantes de consumo.

A experiéncia está feita.

«Em 1894 1895, a entrada de vinhos para consumo em Lisbôa tinha descido a 61:528 pipas.

Em 1896, o primeiro anno da fiscalisação, o despacho accusou 74:594 pipas.

A média do vinho despachado nos annos de 1897 1900 foi de 74:834 pipas.

Em 1901, foi de 78:557 pipas.

Em 1902, foi de 89:906 pipas.

Isto é, de pouco mais de 60:000 pipas a que a entrada de vinhos em Lisbôa tinha descido, é actualmente de quási mais 30:000 pipas, que a população da cidade, sómente *dentro de barreiras*, consome.

Temos, pois, desde que a fiscalisação permanente foi estabelecida em Lisbôa, que a viticultura, devido quási exclusivamente a essa fiscalisação, collocou no mercado de Lisbôa 107:697 pipas. e que desta enorme quantidade de vinho o Estado cobrou, de direitos de barreira, 1.600:000$000 réis, números redondos.

. . . . . .

Os números acima indicados não deixam dúvidas: enquanto a fiscalisação foi exercida somente pelos sub delegados de saude, as fraudes e falsificações foram de tal ordem que em Lisbôa apenas entravam 60:000 pipas de vinho: a fiscalisação especial, dirigida superiormente por um viticultor, conseguiu dar entrada na capital a mais 107:697 pipas de vinho!

Disto deprehende-se que pôr os médicos a tratarem assumptos vinicolas daria o mesmo result do do que pôr os viticultores a tratarem os doêntes.»

Este é tambem o nosso modo de pensar. Incumbir a um medico especial apenas o trabalho de fiscalisação é um erro.

O exemplo mostra que isso serve apenas para dár a um medico a clinica dos falsificadores, que pretenderam assim cobrir-se com o segredo profissional.

Seria uma boa applicação a fazer do numeroso e inutil exercito da fiscalisação do sello, attribuindo lhes percentagens sobre as multas

Entregar o serviço aos subdelegados de saude é um erro: não têem nem competencia, nem vontade.

O governo, que tem cassado os privilegios municipaes, bem poderia em compensação organizar este serviço geral de inspecção ás substancias alimentares.

O resto é inutil.

Particularmente, em Coimbra, ninguem póde julgar guardada a saude publica pelo medico hygienista, creação unica que ficou do partido politico inventado pelo sr. Conde do Ameal.

Ficou apenas o medico hygienista em Coimbra, e o elevador da Bibliotheca em Lisboa.

Duas sensaborias.

Ambos parados.

Feira de S. Bartholomeu

Depois de terem sido removidas várias difficuldades, que surgiram entre a câmara e a circumscripção hydraulica, sobre a realização da feira de S. Bartholomeu no caes, o abarracamento sempre é alli feito, devendo a feira ter logar desde o dia 21 do corrente até ao fim do mês.

Assim resolveu a câmara municipal na sua última sessão.

Pelas difficuldades levantadas, a câmara estava resolvida a fazer a feira no bairro de Santa Cruz, caso se não podesse obter licença para a realizar na Portagem e no Caes, onde desde longos annos tem logar.

A feira de S. Bartholomeu não tem hoje o brilho e a importância dos tempos antigos, podendo dar-se como em declinação, ha vinte annos a esta parte.

Agora é uma feira insignificante, constituida na sua maior parte por negociantes da cidade, que construem barracas para aproveitar a occasião de vender em dois pontos da cidade, e é pouco concorrida de negociantes de fóra.

Não é de vantagem nem para o commércio, nem para o consummidor, e tem o inconveniente de pejar de barracas mal construidas e mal orientadas um dos passeios mais frequentados da cidade.

Não perderia o commercio nem a cidade se tal feira se não realizasse.

E' no dia 15 do corrente que deve sair da igreja de S. Thiago, desta cidade, para a Nazareth da Ribeira, o cortejo da bandeira de Nossa Senhora, o qual regressa no mesmo dia á noite.

PALAVRAS SÃS

Carta ao poëta João de Barros.

Floriram as sébes de madresilvas e os espinheiros verdes á roda do meu casal. A primavera chegou. Veio triste, outomnal, que nem tenho visto voar pelo ceu, os bandos de andorinhas. O meu casal fica num monte verde de oliveiras, donde se avista o pôr do sol, para as bandas do mar. Ao fundo corre-lhe um veio de água crystallina, aonde as moças trigueirinhas vam lavar seu bragal de linho, e donde voltam, cantando, á hora das Trindades.

Pois, num dia dêstes, levei para lá o livro e li-o com devoção, com amôr e com proveito.

Seria porque a simplicidade e a bondade delle, que prociama uma tam santa doutrina, encontrasse acolhimento no meu coração que adora o que é amoroso e bom? Eu não sei. Mas a candura adoravel do poëta, do meu amigo, que anda a fallar á gente moça, na voz doirada da Gloria e do Amor, para que ella accorde do seu somno imbecil e desdenhoso, tem uma intenção honesta e alevantada, de que só os cynicos se riem e os cobardes se arreceiam.

A regeneração da mocidade portuguesa, que discute o amôr das mulheres e as corridas de touros com o mesmo enthusiasmo de *affição*, não deixa vingar a ideia do poëta. A comprehensão egoista da vida, que a gente moça de agora, de lágrima ao canto do olho, pretende impôr, é a destruição do amôr das creaturas, a flôr da terra, tam necessário á vida, como a luz do sol á fundura dos valles, aonde as flôres sam menos perfumadas e os vinhedos menos loiros. O poëta falla do amôr, fonte da felicidade na vida, pela sua própria experiência. Não faz versos a mulheres ideiaes, intangiveis, immaculadas. A Eleita do seu coração, que deve ser morena e suave como as palavras suaves com que o seu noivo a embala, é afinal a luz puríssima que illumina todo o livro.

As *Palavras Sãs* sam decerto um brado de revolta, revolta contra a perversão moral que orienta os amorosos da nova geração, revolta contra a prostituição por pensamentos, por olhares, e por obras de que peccam muitas das mulheres de Portugal. As causas duma tam desgraçada vida espiritual e moral não cuido de as ennumerar. Mas o culto da mulher é o assumpto de quási todos os livros de versos. O Ideal que suppõe nessa creatura, para que na tranquilidade amorosa do lar os beijos possam florir em pão e as almas voar tam ao pé do sol, que a gente pense que os ódios se fundiram com elle, é, em arte absoluta, um ideal limitado. O homem, ensina Zarathursra, deve ser creado para a guerra, a mulher para o descanço do guerreiro. Nietzsche destruiu assim deploravelmente a poësia do Lar. Do estado de desolação que a philosophia de Leopardi, Noriau, Nietzsche creou, deriva a tristeza contemporanea, que é uma doença, um pesadêlo espiritual que chega a ser doloroso.

Os homens andavam enganados no que de mais sublime cuidavam adorar dentro da banalidade da vida.

Vêem os bilosos, os revolucionarios malthusianos e proclamam que é uma vergonha, uma inutilidade e um crime o mysterio de amor purissimo que d'antes santificava as mães e abria uma flor doirada de bondade no altar de cada coração. E a theoria physiologica do amor necessidade, do amor egoismo, que morre num beijo de luxuria satisfeita, já dantes estabelecida por Schopenhauer e Chamfort triumphou em toda a linha. Hoje o poeta tem a linda intenção de fazer esquecer essa brutalidade, que faz dos homens animaes ciosos e indomaveis e das mulheres ovelhinhas mansas, nascidas para o sacrificio.

As *Palavras Sãs*, livro de que varia gente dirá mal por não ser conforme com a mentira, com a vaidade, com a luxuria que essa gente arrasta pela vida fóra, tem a utilidade grande de ensinar o bom caminho, cantando na Bondade, na Paz e na adoração do lar, a união da familia, que é antes de tudo a unica instituição, que pela nobreza do seu principio e pela religião da sua moral, póde operar a obra sã, glorioso e altiva da regeneração e confraternidade universaes.

Nós, que somos um povo de tristes, degenerados ou indifferentes, temos ainda a vaidade da raça que foi gloriosa e forte como o sol e como o mar. Mas heroes e poëtas não nasceram para serem lembrados num necrologio sentimental, mas para serem imitados.

Porisso na historia lendaria da humanidade as divindades mythologicas da belleza e da força prenderam Achilles e Homero. Entre nós a antiga fé e o antigo amor desappareceram.

E' no meio de tamanha inferioridade moral que deve applaudir-se a tentativa do poeta que falla ao coração dos homens, cantando-lhes o perdão, o amor, a bondade e a belleza. E os seus versos, por vezes frouxos e descuidados, tem sempre dento d'elles a palpitar toda a alma enthusiasta e amorosa do poëta, como uma rutila espada erguida, á luz do sol, na curva duma nuvem negra de desgraça.

PEDROSO RODRIGUES.

José Marques Ladeira & Filho, participam aos seus amigos e freguezes que mudaram o seu estabelecimento para a Praça 8 de Maio, n.º 4, junto á egreja de Santa Cruz.

Continúa grassando a epidemia de sarampo, tendo-se dado ultimamente alguns casos em adultos.

As victimas da epidemia, que dura já ha mêses, e que parece ter passado desapercebida para os poderes públicos, têem sido poucas, e devidas á falta de cuidado dos paes, para quem o sarampo é apenas *temivel* no periodo da erupção, e que cessam todos cuidados na convalescença, quando o perigo é maior e as creanças necessitam de mais cuidados.

Têem sido as complicações pulmonares as mais frequentes e as que mais perigosas têem sido para os doëntes.

CORRESPONDÊNCIAS

Luzo, 6—8—1902.

Permitta, snr. redactor que lhe occupe um cantinho da sua *Resistencia* com umas mal alinhavadas cartas, que me proponho mandar-lhe desta estação de recreio e banhos, para onde foge tanta gente das cidades em procura uns de desopilar o figado e aquietar os nervos neste remanso, debaixo dos cedros, ou entre as mattas de pinheiros esguios que cercam este encantador logar, absorvendo as lufadas deste purissimo ár; outros tomando as aguas que disem ser muito boas para os rins e para outras molestias de que enferma a pobre humanidade.

Eu vim para ambas as coisas: accalmar os nervos e cuidar dos rins e nas horas vagas, como é custume diser-se, dar-lhe noticias d'aqui, se mo consentir.

Serão rapidas, porque não sei como as hei de começar e bem sabe, senhor redactor, que, quem pela primeira vêz se mette nestas *danças*, sente difficuldades em adoptar uma forma que possa seguir dia a dia com utilidade para si, para o jornal e para as pessoas de que tenha de fallar, ou mesmo das coisas que tenha de descrever.

E', pois, este o meu embaraço, que não resolvo hoje por querer que estas cartas sejam desordenadas e ao sabor das impressões recebidas na occasião de as escrever.

E assim por hoje limitar-me-hei ao pedido que lhe faço de dar licença de occupar um cantinho da *Resistencia* e dar lhe nota das pessoas conhecidas que aqui vi.

Principiarei pelo snr. Vice-Reitor do Seminario de Coimbra, com quem deparei ao entrar na espaçosa salla de meza do *Hotel da Carolina*, quando ia almoçar; dr. Franqueira da Louzã; dr. José Pereira de Mattos, digno delegado na Figueira da Foz, que amanhã de manhã parte para a Guarda; dr. Agostinho Lucas Viegas, que chegou hoje com sua gentilissima esposa; dr. Arthur Leirão, que encontrei no parque, com o seu interessantissimo Ruy; Bazilio Xavier d'Andrade e Mourinha que estão com as suas familias; Antonio Francisco do Valle, que tambem está como a familia e tantos outros que tambem vi e que nesta occasião me não lembram, mas de que darei nota nas cartas seguintes.

Luso, 7—8—1902.

Depois da minha carta de hontem não tem havido coisa digna de mensão.

Pouca gente e muito pó, mas apesar disso aqui passa-se bem: de manhã o banho, o almoço e os passeios em jumentos á matta do Bussaco; de tarde, depois de jantar, passeios a fonte do Castanheiro, e ir depois para defronte do Gremio de Luzo vêr brincar as crianças.

Nos annos passados, em que havia maior concorrencia, dançava-se; este anno ainda se não conseguiu reunir numero bastante de pares para uma quadrilha.

Hontem houve a primeira tentativa, mas sem resultado, por que os mais enthusiasmados tiveram de retirar perante a má vontade do grande numero e a recusa de muitos cavalheiros e damas aos rogos e ás sollicitações dos adoradores da deuza Trepichore.

Lá se foram por mais algum tempo os bailes e as reuniões no Gremio.

Estão no Hotel da Matta do Bussaco o sr. dr. José Nazareth e sua esposa, Oliveira Mattos e dr. Teixeira Bastos, dr. Maximino de Mattos Carvalho, sua gentil filha e irmão, o sr. Bispo de Macau.

M. R.

Figueira da Foz, 9—8—1902.

Não tencionava enviar correspondencia para este numero, mas um motivo forte obrigou-me a isso.

Nada menos que lavrar um vehemente protesto contra as calumnias vís, que mal intencionados e invejosos das prosperidades desta formosa praia andam a propalar em desabono da Figueira.

Uma dellas é de que existe aqui a epidemia das bexigas e do sarampo, tentando-se por êsse meio affastar a concorrência em beneficio de outras praias nossas rivaes.

E' uma calúmnia forjada adrede para afugentar da Figueira os banhistas timidos, e que algum resultado tem dado.

E' uma infâmia tal affirmativa, pois o estado sanitário desta cidade é esplendido, não existindo aqui caso algum de bexigas ou sarampo.

Mas que importa mais ou menos indignidade, a quem só de trapaças costuma viver! Se não fôssem os prejuizos que da propagação de falsas atoardas adveem para a Figueira na quadra balnear, só causariam desprezo semelhantes *trucs*, mas assim sente-se profunda revolta, contra aquêlles que, por simples fins gananciosos, prejudicam a população duma cidade inteira.

Pela nossa parte fica desmentida a calúmnia e lavrado o protesto contra tam cobarde cilada.

COSMOPOLITA.

P. S. — A última correspondéncia causou aqui sensação.

Ainda bem que os figueirenses, ao saberem de qualquer acto menos digno, não se ficam numa espectativa benévola, que tem paredes meias com uma disfarçada cumplicidade.

Indignam se, revoltam-se e protestam em voz alta contra os auctores das proezas.

A dignidade não é aqui uma palavra vã.

C.

Mercado

Os preços porque correram ultimamente os generos, no mercado desta cidade, foram os seguintes:

Milho branco	510
» amarello	500
Trigo tremez	620
» de Celorico	660
Feijão vermelho	800
» branco, graúdo	700
» » meúdo	660
» rajado	460
» frade	550
Grão de bico, graúdo	840
» » » meúdo	700
Cevada	260
Centeio	380
Favas	460
Batata, 15 kilos	320
Tremoço (20 litros)	450
Ovos, duzia	140

Decalitro de azeite da presente colheita, fino, a 1$720 e 1$740 reis; — de 1899 e 1900, de 1$300 a 1$500 réis, conforme a qualidade.

Livro Caixa

Vende-se um, formato duplo almasso, na typographia dêste jornal.

ANNUNCIOS

Arrenda-se ou vende-se

Uma bella propriedade de terra lavradia, com pomar e vinha, casas de habitação, curraes, eiras e grande abundancia de agua, sita na estrada de Mira, ao 1.º kilometro, a partir da Figueira, e por isso muito proximo desta cidade.

Para tratar no Passeio Infante D. Henrique, n.º 7.

Não obsta o contra annuncio inserto no n.º 1:086 da *Gazeta da Figueira*, de 6 do corrente, porque a questão que se ventila diz respeito á mota que existe entre este predio e o do dr. Augusto Eduardo Ferreira Barbosa, de Coimbra, e cuja decisão, seja ella qual fôr, nada influe nas condições e valor do predio aqui annunciado, como aquelle dr. Barbosa muito bem sabe.

Figueira da Foz

Aluga-se, agosto e setembro, um 1.º andar, bem situado, confortavel e hygiénico.

Para tratar com João Gomes Moreira, rua Ferreira Borges — Coimbra.

Arrenda-se

No páteo pequeno da Inquisição, uma boa casa que póde servir para celleiro ou para qualquer associação.

Trata-se na rua Ferreira Borges, 95.

Consultorio dentario

Figueira da Foz — Rua Fresca, 45

Herculano Carvalho

Médico pela Universidade de Colmbra

De 15 de Agosto a Outubro — Consultas das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

Sophia, 167

Ha para vender 2 bilhares, sendo um de pau preto e outro de mogno, bem como estantes e portas envidraçadas — **F. Lobo.**

(37) Folhetim da "RESISTENCIA,,

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA DO CONVENTO

XVII

— Edificante de metter medo, meu primo! respondeu Alice. Li a, e, se não fosse o respeito que devo á edade de Mademoiselle de Fayolles, faria mais do que lastimar apenas que seja tam dura com a amizade.

— Tinha curiosidade, disse o coronel, de ver um dos bellos sermões de Mademoiselle Aurelie.

Madame de Villy acabava a leitura,

— Meu caro Roland, disse com a carta na mão, temos pelo menos de pedir licença a Herminie.

— E' justo, minha senhora, replicou Roland dirigindo-se a Herminie; sou um grande indiscreto e peço que me perdoe.

— Não pode haver indiscrição, sr. Lambrune, da parte dum antigo amigo da minha familia, e, de resto ninguem aqui poderia ser indiscreto commigo, que sou por alguns dias ainda uma outra filha da casa.

Roland pegara na carta e lia-a em voz baixa, por tal fórma que Argouges, seu visinho á meza, não perdia uma palavra.

Alice, collocada ao lado do primo, sublinhava com um murmurio as palavras que a encommodavam. Herminie, sentada em frente, notava com um olhar, que não escapava a Emmanuel, phrases como estas: «A data proxima da vossa volta... Passae pois os dias que vos separam de nós.. » Perto delle M. de Villy sacudia a cabeça com um ar que significava:

— Pobre creança!

Era tambem o que pensava o coronel, mas exprimiu-o doutra fórma:

— Irra! Não é nada divertida, a tal prima velha.

Começou então a tentar explicar a attitude de Mademoiselle de Croisy. Agora, como no primeiro dia, não a imaginava disposta a enterrar-se viva nas Agostinhas de Bayeux. Madame de Villy mesmo lhe tinha dito depois de almoço:

— Ella não é todavia da madeira de que se fazem as religiosas, como tu nos fizeste notar a mim e a Emmanuel uma tarde.

Era bastante fraca ou resignada para se sujeitar ao desejo de uma parenta velha?

M. de Lambrune tambem não admittia esta hypothese.

Por acaso a sua situação de orphã e pobre obrigava-a fatalmente a entrar de cabeça baixa pela porta dum convento?

Só tinha a fazer um signal com aquella linda cabeça para se transformar em Madame de Lambrune.

Amava em qualquer parte?

Nenhum homem novo, ou velho frequentava nos ultimos annos a casa da mãe. E, fora do convento, não conhecera ella senão a casa desolada da viuva até aquellas ultimas ferias, em que viera para Villy.

Ahi não tinha visto senão Argouges e elle; elle que ella recusava, Argouges, cuja mocidade lhe fizera temer a principio um ardor subito pela belleza de Herminie, mas que não parecia ter se affastado de Mademoiselle de Villy.

Herminie, pelo seu lado, era para com Emmanuel duma simplicidade e duma naturalidade de todo o instante que não era propria da mulher, sobretodo da menina, a quem o amor pésa no coração.

Por isso era necessario aceitar as razões que tinha dado a Roland, aquelle mixto de temor e aluvez, que lhe não deixava passar adeante.

— Rapariga singular! creatura unica! repetia Lambrune depois de affastar cada hypothese.

E suspirava, o coronel Lambrune!

E' que durante a sua estada no valle, se tinha habituado á ideia de não partir só da Normandia, de reapparecer em Argel com aquella conquistadora de 18 annos, com aquella francêsa de raça reunindo ao encanto brilhante da sua pessoa as qualidades radiantes do espirito.

Amava-a como um velho louco, como dizia, depois de ter deixado Villy; tinha sem cessar deante dos olhos aquella atrevida e encantadora Herminie, que tanto o fizera damnar num passeio a a cavallo, e que tinha admirado tanto no seu ultimo passeio ao jardim.

A' espera, nem vivia; emagrecera. E, quando voltava, esperando que Mademoiselle de Croisy, poria a sua mão na delle para nunca mais a retirar, encontrara se no meio do fumo das illusões que Herminie apagára com o primeiro sopro!

Tinha ido de encontro a apprehensões subtis, talvez falsas, mas expostas com um tal aspecto de clareza que se não atrevia a tomar inteiramente sobre elle a responsabilidade da felicidade do futuro promettido áquella rapariga!

Este choque imprevisto tinha sido tam duro que elle estava esmagado. Parecia escutar, sem ser capaz de responder a Villy.

— Julgo, meu amigo, disse-lhe este, que dormes a andar.

— Agora... Não! Asseguro te que não, respondeu Roland, que tinha na verdade o ar de quem despertava.

Entre nós não te ponhas com cerimonias. Vá, tu tinhas razão: os habitos d'Africa sam terriveis. Vae dormir a sésta á vontade. Eu deixo-te.

Villy não passava dum observador tam superficial como ignorante; tomava a preoccupação por somnolencia.

O coronel não dormia, pensava; e, em vez de subir para o quarto, obliquou para o logar deserto e cheio de sombra do parque.

Roland fora-se assentar num banco de pedra, no fundo dum massiço e, ahi, tinha-se abysmado em si mesmo, quando viu Emmanuel d'Argouges, que se dirigia para elle.

Endireitou se a principio admirado, depois ergueu-se de todo para conseguir uma attitude mais desembaraçada e mais firme.

— Olé! Meu caro Emmanuel, disse, estava a ponto de adormecer, como notava ainda ha pouco o meu caro Villy, mas chegou. Cá estou firme.

— Procurava-o, coronel, respondeu Argouges pegando-lhe no braço, tenho que fallar a sergo comsigo, se o permittir. (*Continua.*)

"EQUIDADE,,

Companhia de Seguros

Vida de animaes, fogos, fianças e rendas de casas

Preços muito reduzidos

Correspondente em Coimbra

Joaquim Antonio Pedro

Em casa do Sr. Antonio Rodrigues Pinto.

LUCCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de Cereja de Ayer—O remédio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmunar, frasco, 1$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer.—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. Frasco 1$100 réis.

O remédio de Ayer contra sezões.—*Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas carthariticas de Ayer.—O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquesita preparação para aformosear o cabello

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

LOJA DO MINHO

44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48

Deposito das ligitimas machinas **Singer,** instrumentos, musicas, Pianos, Bicycletas, occulos e lunetas.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junto dos Casinos e a dois passos da praia de banhos,** continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis.**

O proprietário,

José Maria Junior.

CURSO PRATICO

DE

Escripturação commercial

Abre desde já, para funccionar em Santa Clara, em dias alternados, das 7 ás 9 horas da manhã, sob a regencia de

M. d'Amaral

encarregando se tambem de balanços para trespasses, concordatas ou fallencias, e de partilhas entre particulares.

Informações podem os interessados obtel-as dos srs. Correia, Gaitto & Cannas, rua do Cego, 1 a 7 — COIMBRA.

Casa para arrendar

Arrenda-se uma boa morada de casas, com tres andares e grande quintal, na rua João Cabreira, 21.

Trata-se com seu dono Alipio Augusto dos Santos, rua do Visconde da Luz, 60.

Espingardas

VENDAS A PRESTAÇOES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges = COIMBRA

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

PASTLAERIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, a rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mêsa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Bicycletes com motor

R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

João Gomes Moreira

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

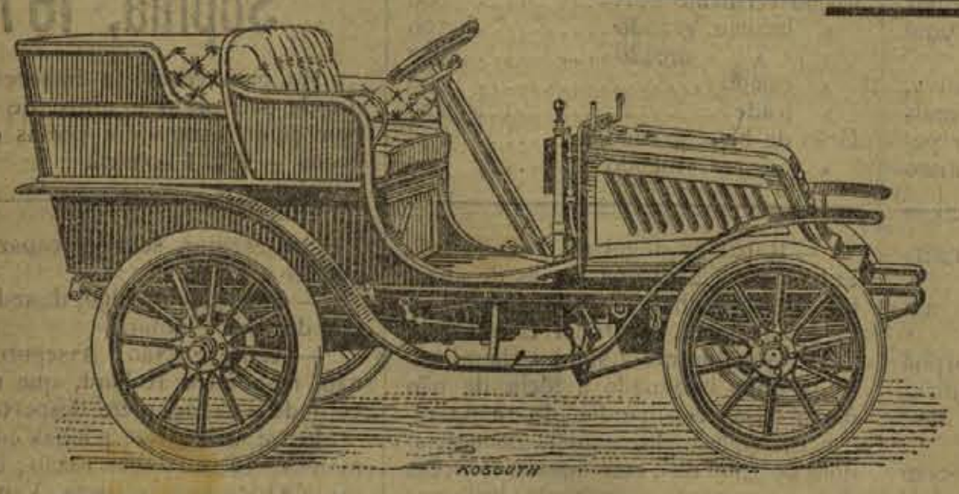
Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem se trabalhos fóra da cidade

EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

AUTOMOVEIS DARRACQ



Para mostrarmos que os **"Automoveis Darracq,,** além de serem

Os mais elegantes, os mais baratos e os que menos gazolina gastam

Sam tambem

Os mais sólidos e os mais ligeiros

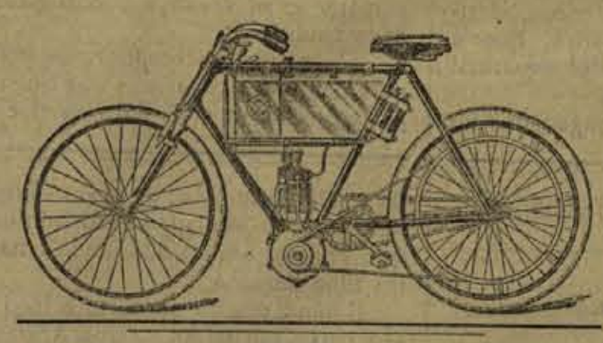
basta ennumerar algumas das suas victórias nêste anno:

1.º prémio na corrida da subida da Turbie

1.º prémio na corrida de Nice — 1.º prémio no Circuit du Nort

Nas grandes corridas Paris-Vienna bateu com carros do máximo 24 cavallos as carruagens «Dainler» de 40 cavallos, «Mors» de 60 cavallos e 6 carruagens de Panhard Levasseur de 70 cavallos!! ganhando o 1.º prémio na série de Vaituret; 2.º, 3.º, 4.º e 5.º na série de Vaituret legere e o prémio de classificação geral.

MOTOCYCLETTE "WERNER,,



A **Motocyclette WERNER** de 1 3/4 de força não precisa de rèclame, comtudo diremos que nas corridas Paris Berlim, Paris Bordeaux e nas subidas de Gaillon e Turbie-Paris Roubaire, Nice-Marseille, etc., etc., chegam sempre na vanguarda!

Nas grandes corridas *Le circuit du Nort* e Paris-Vienna quantas *Werners* partiram, quantas chegaram, apesar do grande temporal que fazia!! Déz de differentes marcas que disputavam o prémio nenhuma chegou!!

Recentemente em Portugal o Record Porto Lisboa feito debaixo de chuva e com estradas em péssimo estado.

Motores **LURQUIN-COURDET** de 1 1/4 cavallos de força applicavel a qualquer bicyclette

Adaptam-se nas nossas officinas e garante-se a sua superioridade a qualquer outro de egual força.

Dos automoveis "Darracq,, da motocyclette "Werner,, e do motor "Lurquin & Courdet,, sám unicos agentes em Portugal

LEÃO, MOREIRA & TAVARES — "Empreza Automobilista Portugueza,, — Coimbra

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 723 | COIMBRA — Quinta-feira, 14 de Agosto de 1902 | 8.º ANNO

Liquidação de responsabilidades

A portaria fundamentada do sr. Hintze Ribeiro, mandando sustar o processo intentado contra o ex-commissário de policia de Coimbra, Pedro Ferrão veio dar nova actualidade ao conflicto académico do convénio, que se julgava já liquidado.

A portaria torna ainda mais irritante esta questão, que bom era liquidar-se de vez e depressa.

O mau fado, que persegue o sr. Hintze Ribeiro, mostra-se, mais uma vez, na fórma como estám redigidos os considerandos, forma balofa, impertinente e banal, ridícula como todos os documentos públicos, em que o nobre presidente do conselho de ministros, se arvora em censor, e pretende arcar com as responsabilidades dos seus subordinados.

Affirma o sr. Hintze Ribeiro nêste documento, redigido sem grammática, e com o mau senso politico peculiar ao distincto homem de estado, que a responsabilidade do tiro não pertence, em parte, ao sr. commissário de policia.

É falso.

A responsabilidade do tiro pertence a quem o auctorizou, como a quem o deu, e o sr. commissário de policia pela fórma como dirigiu sempre a corporação a seu cargo, dando ora mostras de extrema ferocidade, ora provas de condescendencia inexplicavel com desordeiros conhecidos, cujo procedimento público toda a gente reprovava, desorientou os homens, a cujo respeito se devia impor a sua auctoridade, e que não sabiam como orientar-se e proceder no caso mais simples.

O sr. commissário de policia dava diariamente provas de irritabilidade, tendo com pessoas dignas de ser attendidas e respeitaveis menos attenções do que com o primeiro vadio ou gatuno em descanso da sua profissão em Coimbra, onde o sr. commissário de policia lhe fazia a vida socegada e feliz.

O sr. commissário de policia chegou a ameaçar de prisão e até a prender, sem motivo que, aos olhos de todos justificasse tam severo e estranho procedimento, pessoas respeitáveis pelo seu carácter e pela sua profissão, desauctorizando-se assim, quando julgava impôr-se mais ao respeito.

Para a policia o sr. commissário era um bom homem, com genio e *repentes;* mas de quem se fazia tudo, sabendo-o lisongear e levar com geito e modos.

E a polícia copiou naturalmente o sr. commissário, cheia de benevoléncia e attenções com uns, irritante e impertinente com outros.

A polícia gritava e barafustava como o sr. commissário, quando devia estar a sangue frio no exercício consciente da sua missão.

A policia, como o sr. commissário, era branda ou violenta sem se saber quando, nem porquê; a polícia tinha *repentes*, como o sr. commissário.

De resto uma excellente polícia, por quem os gatunos tinham a máxima consideração, respeito e amizade.

Num *repente*, o cabo 3 disparou um tiro, alvejando demoradamente, para o não perder.

De quem foi a culpa? Do sr. commissário, que não soubera fazer a educação dos seus subordinados, do sr. commissário que durante aquêlles dias todos não vira o comportamento do seu sobordinado, justamente censurado por todos, que não soubera reprimir a exaltação delle, o seu excesso de zelo.

E tam notado fôra sempre o cabo 3 que, quando se espalhou pela cidade a noticia do attentado, todos lhe attribuiam o facto, mesmo antes de ter sido denunciado pelas pessôas, que tinham presenciado a sua aggressão brutal.

O cabo 3 foi mais longe do que o sr. commissário, que não daria o tiro e seria incapaz de se demorar cobardemente a alvejar, mas nem por isso este deixa ter a responsabilidade do acto; porque foi o sr. commissário que chamou a polícia, quando o conflicto tinha terminado pelo encerramento da Universidade, e por se haver entregue a polícia das ruas ás fôrças de cavallaria então em Coimbra.

O sr. Pedro Ferrão tem toda a responsabilidade do acto; porque chamou o cabo para a rua, quando elle devia estar descançado na esquadra, porque por falta de disciplina, tinha feito do policia um homem irreflectido, incapaz de se moderar, e por chamar as fórças policiaes civis para a rua, quando estava garantida pelas patrulhas de cavallaria a segurança dos habitantes, e a dos policias, que se viram com o appoio que julgaram incondicional, e cobráram a coragem de espancar e matar, que lhes havia faltado nos dias anteriores.

O sr. commissário de policia tem por isso, para nós, responsabilidades naquêlle tiro aviltante.

Mas ha na portaria do sr. Hintze Ribeiro uma provocação irritante á opinião pública, affirmando escusadamente que a policia civil se póde servir de rewolver sem prévia auctorização do sr. commissário.

Isso corresponde a affirmar que o policia tinha o direito de dar o tiro e parece indicar protecção superior dos poderes públicos para o cabo 3.

Parece que o sr. Hintze Ribeiro, numa rabulice de antigo advogado, pretende estabelecer a defeza do réo, e poder-se-ia até confundir com um elogio encoberto ao seu procedimento por se não ter servido mais cedo do rewólver.

Esta affirmação pública escusada póde converter-se numa provocação aos policias a fazerem uso do rewólver, e é por isso perigosa.

Vir num documento público, em que uma auctoridade era accusada de auctorizar o uso de rewólver a um seu subordinado, affirmar escusadamente que êsse subordinado não precizava de tal auctorização para o fazer, é perigoso; porque, mesmo sem a exaltação da lucta, ha em Portugal o geito de se mostrar fôrça e auctoridade, o que em geral é qualidade dos choléricos e dos fracos.

O sr. Hintze Ribeiro trata êste conflicto académico, como uma occorrência de eleições: salva a responsabilidade da policia e mantem o governador civil do seu partido.

Pelo sr. escrivão de fazenda dêste concelho foram convocados os commerciantes das differentes classes, para constituirem os respectivos grémios, afim do lançamento da contribuição industrial se fazer equitativamente.

As classes que não constituirem grémios, serám contribuidas por lançamentos feitos pela junta de matrizes.

E', portanto, da maxima conveniencia que os interessados se não descuidem e em tempo devido organizem os respectivos grémios.

E' uma regalia da lei, que deve ser aproveitada, pois ninguem melhor do que os proprios commerciantes sabem qual o grau de collecta que deve incidir sobre os differentes estabelecimentos da especialidade, relativamente ao maior ou menor negócio que cada um faça.

SABES TU, HERMENGARDA?...

O *Tribuno* hoje vem melhor.

E' mais um ponto de contacto com a *Revista de Legislação e Jurisprudência*: vem melhor quando collabora o sr. dr. Chaves e Castro.

A explicar o apparecimento e a utilidade do carro camarario escreve o distincto advogado da camara municipal de Coimbra:

«Até 1899 os cadáveres dos fallecidos nos hospitaes da Universidade e dos indigentes fallecidos nas parochias da cidade e subúrbios eram conduzidos ao cemitério municipal em um carro pertencente a esta Cámara e á Santa Casa da Misericórdia, e dava-se de arrematação a condução dos cadáveres, pagando a Santa Casa metade da despêsa com a conducção dos cadáveres dos fallecidos nos hospitaes da Universidade e a Cámara a outra metade, e bem assim a importancia da conducção dos cadáveres dos indigentes fallecidos nas paróchias da cidade e seus subúrbios.

«Todos os annos variava o preço da conducção dos cadáveres, tendo a cámara de pagar pela sua parte 81$830 reis em 1893, — 43$650 réis em 1894, — 48$720 réis em 1895, — 102$000 réis em 1896, — 79$105 réis em 1897, — 48$055 réis em 1898, — 33$500 réis em 1899; e o serviço por meio de arrematação não só era mal feito, apparecendo os conductores ora antes ora depois da hora marcada, e muitas vezes até em hora imprópria, como a imprensa periódica fez notar, mas tambem estava sujeito ao conluio dos que usualmente concorriam á praça em que era arrematado, como elles pretenderam fazer em 1899, para elevar o preço da conducção.

«Tratou por isso a Cámara de regularisar este serviço, fazendo-o por sua conta, e depois de ter contractado com a Santa Casa da Misericórdia receber della por anno a quantia fixa de 60$000 réis, que era a média da despêsa feita por ella nos últimos cinco annos (1894 a 1898) com a conducção dos cadáveres dos fallecidos no hospital, adquiriu o gado necessário para tal fim.

«Desta fórma o serviço tornou-se regular, e o municipio conseguiu uma economia importante, porque tendo sido 133 as carreiras da conducção de cadáveres que a cámara fez em 1901, e sendo de 767,8 réis a média do preço de cada carreira nos últimos sete annos, deixou o municipio de gastar neste anno 115$700 réis.»

Como andávamos enganados.

Nós a gabarmos os ponneys, nós sempre embasbacados, de beiço caído, como qualquer eleitor vencido, quando aquelle carro passava triumphante, com vereadores ou sem elles, a trote rasgado, pelas ruas da Baixa.

E nós a julgarmos que era um trem de luxo.

Qual trem?

E' um carro de enterro.

Não é um vehiculo de luxo.

E' o *carôcho*.

E os senhores vereadores estám na situação romántica do Eurico: agarrados ao próprio cadáver.

Por autopsia a que se procedeu, veio a reconhecer-se que não fôra o crime a causa da morte da creança de nove annos de S. Silvestre, filha do sr. Manuel Ramalho, e que fôra encontrada morta em um poço da Pedrada.

O preço dos capitães-móres

De *O Diario Illustrado:*

«Conheço três capitães móres no Bihé e no Bailundo: um esteve no Bailundo 4 mêses. Soldo 150$000 rs. por mês. Voltou com 15:000$000 réis. O segundo esteve 10 mêses no Bihé, com o soldo mensal de 200$000 réis. Veio de lá com réis 25:000$000. O outro, no Bihé, 2 annos. Soldo de 150$000 reis por mês. Está reformado é proprietário e calculam-lhe a fortuna em 40:000$000 réis!...

As capitanias do Bihé e do Bailundo têem sido uma mina! Ha mais, muito mais, que em estadios de três a quatro mêses trazem oito, nove e doze contos de réis.

Vêem os sobas queixar-se ao litoral e encontram como secretários os antigos capitães-móres. A queixa rende-lhes um *mocano* dos taes de respeito, vindo muitas vezes os próprios queixosos como serviçaes.»

Bem pouco é.

Mais caros nos ficam os capitães-móres do reino.

A junta de parochia da Sé Velha, foi cumprimentar o nosso amigo Antonio Augusto Gonçalves, e dar-lhe os parabens pela sua nomeação de professor da cadeira de desenho annexa á faculdade de Philosophia.

Esta manifestação sympathica ao restaurador da velha cathedral conimbricense foi acompanhada por muitos habitantes da freguezia, que expontaneamente se juntaram aos membros da junta.

A *Revista iberica* publica no seu ultimo numero uma traducção em hespanhol de — *Os sete dormentes*, lenda christã que Eugenio de Castro escreveu para o brinde litterario que o *Diario de Noticias* costuma offerecer todos os annos aos seus assignantes.

A bella lenda de Eugenio de Castro vem acompanhada de desenhos reproduzindo os episodios principaes, duma mancha elegante e facil.

Um esculptor portuguêz em Paris

Pourvu que l'art s'y perpétue,
Statuette au corps divin
N'est pas moindre que la statue,
Mesurer le beau serait vain.

(ALBERT MÉRAT.)

Entre os portuguêses que vêem a Paris beber na fonte vivificante da arte e do saber humano, deve se marcar um logar á parte ao esculptor F. P. da Silva Gouveia.

Proporcionado na sua estatura pequena, a cabeça intelligente, illuminada por olhos vivos e negros, bigode e cabellos fartos, passa altivamente envolto numa capa escura.

Tendo nascido no Porto, a 12 de agosto de 1872, ha já sete annos que é nosso hóspede, mas não sete annos que trabalha, porque, embriagado a principio pela atmosphera da moderna Babilónia, se deixou arrastar por companheiros de alegria.

Esta vida fácil, tam opposta ao recolhimento que exige o verdadeiro talento, não o deixou ficar muito tempo com o seu primeiro professor, Rodin, a quem o tinha apresentado o consul de Portugal, Eça de Queiroz.

O mestre nem por isso deixou de ficar amigo delle.

Depois de ter seguido durante dois annos os conselhos preciosos e amigos de Puech, trabalhou na Escóla de Bellas Artes sob a direcção de Falguière.

Todavia, apezar da sua assiduidade, não foi recebido, como elle conta alegremente, senão á quarta prova e entre os últimos admittidos na rua Bonaparte.

Foi com Injalbert e Rolard que se aperfeiçoou no mister de esculptor.

Assegura nos com espirito que, se não tem ainda a envergadura de Rodin, nem a sciéncia de Injalbert — os dois mestres da fôrça robusta e profunda—nem a graça de Denys Puech, nem o modernismo de Falguière, nem o realismo de Rolard, espera todavia, com um pouco de intelligéncia, poder aproveitar dos conselhos de tam bons mestres, sem os copiar; porque, com o seu orgulho nativo, Gouveia não acceita nenhuma servidão intellectual, gostando mais de ser um phantasista, imperfeito por necessidade, do que um copista impeccavel e sem alma.

Tem fé no futuro, contanto que Deus lhe dê vida. Todavia é de uma modéstia encantadora, e, se lhe viessem dizer que é já de força a dar lições ao Donatello ou a Miguel Angelo, como poderiam fazer lisongeiros desvergonhados, profanadores do passado — não lhes daria crédito!

Gouveia não é um académico; o seu talento toca todos os géneros. E' histórico com a sua *Princeza Beatriz de Portugal*, que lhe valeu uma medalha de prata na exposição de 1900, apezar de escrupulosos historiadores do seu país terem achado esta figura muito rigida, esquecendo que as mulheres daquella época, não tinham talvez nos seus enfeites a graça macia e ondulante das nossas contemporáneas.

Apparece-nos sentimental e sonhador com a sua *Saüdade* ou *Premiers Regrets*, obra recompensada no Salon de 1897, e com as suas pequeninas figurinhas, verdadeiras Tanagras modernas. E' mundano com os seus bustos, medalhões, retratos estatuetas, entre as quaes citamos as do seu amigo e publicista *Xavier de Carvalho*, e seu tio e protector, *Caetano de Pinho*.

Decorador engenhoso modella encantadores bibelots, espelhos, vasos, *presse-papiers*, etc. vendidos numa parte e noutra, em Inglaterra, Austria, Allemanha, Italia, e em Paris em casa de Goldscheider, na avenida da Opera.

Recordam-se tambem do seu *Abandonado*, do qual a *Revue de Bien* deu a primeira reproducção ha um anno.

E' uma pequena obra prima duma realidade tocante, aquêlle pobre bébé, tam tristemente dependurado ao martello da porta de uma casa rica.

Emfim, e não é êsse o lado menos picante do seu talento, é humorista com a multidão de caricaturas, tam rapidamente esboçadas, de um recorte tam curioso, entre as quaes figuram, *Rodin*, na attitude do seu famoso Balzac; o fallecido consul de Portugal *Eça de Queiroz*, um *Diplomata, Lord Beresford*, todas impressionantes de verve, e de semelhança.

A esta collecção acaba de juntar-se o divertido quatuor das suas estatuetas, que se podia admirar numa vitrine no último *Salon des Artistes Français*, e representando de pé seus mestres ou amigos: *Denys Puech, Injalbert*, o actor *Dumeny* e *Marc Legrand*.

Não ha dúvida de que esta galeria portatil de celebridades contemporâneas se não vá em breve augmentando com novos typos, apanhados nos seus gestos habituaes, nas attitudes familiares, e não augmente a reputação dêste parente dos coroplastas da Attico, que enfeita o seu bilhete com êste expressivo neologismo «statuettário».

B. Fries.

Economias

Terminâram ontem os exames de instrucção primária, nesta cidade, sendo examinados mais de quatrocentos rapazes.

Estes exames ainda foram feitos pela lei antiga, na qual estava determinado que os professores recebessem 3$000 reis por cada alumno que trouxessem a exame e ficasse approvado, pagando egualmente os examinandos as propinas estipuladas na mesma lei.

Pois por uma simples circular ultimamente publicada, foi supprimida essa gratificação este anno, apezar de, como dissemos, os examinandos pagarem as elevadas popinas marcadas no regulamento antigo!

Semelhante resolução é, alem de pouco regular, contra-producente, pois lesaram-se até interesses e direitos ligitimamente adquiridos, e tira-se de futuro um estimulo e uma pequena remuneração dada aos professores que, á custo dum trabalho enorme, habilitavam as creanças para as trazer a exame.

Agora só as creanças dotadas duma intelligencia pouco commum, ou por quaesquer motivos particulares que os professores tenham, é que virám a exame, porque é obvio que, acabando-se com uma gratificação justa, que, se não pagava o trabalho extraordinario que os professores têem para habilitarem os alumnos, servia como de galardão, estimulando-os para trazer a exame o maior numero de rapazes possivel.

E' uma economia que, alem de dar resultados negativos, serve perfeitamente para se aquilatar do grau de consideração que merece aos poderes publicos a instrucção popular.

Mas, emquanto isso se faz, está no choco e em vesperas de vir á luz, a fornada de sub-inspectores primarios, que serám para a instrucção o mesmo que os gafanhotos para as searas:— tudo destruirám.

E' a economia portugueza dos farellos...

Tambem para que economisar em farinhas?

Estám tam falsificadas.

Verdade seja que a instrucção tambem parece andar por mãos de padeiros...

Admissão aos lyceus

No sabbado passado fez exame de instrucção primaria, ficando plenamente approvado, o intelligente menino Victor Frias, filho do nosso amigo e commerciante em Santa Clara, sr. José Maria Frias.

*

Tambem fizeram exame os meninos Gualberto e Julia, duas interessantes e estudiosas creanças, filhas do empregado da typographia do nosso presado collega *O Liberal*, sr. Alfredo da Cunha Mello.

Aos paes dos noveis estudantes os nossos sinceros parabens.

Ficou transferida para o proximo domingo a assembleia geral da assembleia geral da Associação dos Artistas, por não ter comparecido, no domingo passado, número sufficiente de socios.

Como determinam os estatutos, a assembleia funccionará no domingo com qualquer número de sócios que comparecer.

Delicadeza e politica

Escreve divertidamente o *Diário do Governo:*

PORTARIA

Sua Majestade El-Rei, a quem foram presentes, por certidão, os autos de corpo de delicto levantados no competente juizo de direito, e em que o Ministério Publico, argue de homicidio frustrado na pessôa de Vasco Francisco Caetano de Quevedo, em 30 de abril último, o cabo n.º 3 do corpo da policia civil de Coimbra, e de co auctor do mesmo crime, nos termos do artigo 20, n.ºs 1 e 5 do Codigo Penal, o respectivo commissário bacharel Pedro Augusto da Silva Ferrão;

Considerando que dos próprios autos se mostra que nenhuma parte directa, ou indirecta, houve o dito commissário naquêlle lamentavel facto, cuja execução não dependia de que por elle fôsse facilitada ou preparada intencionalmente;

Considerando que das informações se mostra que a saida dos agentes da policia do Governo Civil foi solicitada ao referido magistrado, porque se achava alterada a ordem pública, e algumas praças das patrulhas de cavallaria tinham sido apedrejadas, sem que conseguissem capturar os aggressores;

Considerando que as mesmas informações asseguram que, tendo sido aggredidos e apedrejados no dia anterior alguns agentes da policia, que aliás podem, nos casos previstos no artigo 41, n.º 6, do regulamento de 21 de dezembro de 1876, fazer uso de armas de fogo sem determinação superior, o commissário sómente os auctorizou a uzar do rewolver para mera intimidação dos aggressores:

Ha por bem denegar, nos termos do art.º 43 do Código Administrativo, a precisa auctorização para o seguimento do processo na parte respectiva ao mencionado commissário.

Paço, em 9 de agosto de 1902.= *Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro.*

E' o conhecido processo do sr. Hintze Ribeiro, que é o homem mais bem creado, que tem passado pelos conselhos da corôa.

E' divertida a história.

O sr. Hintze louva o sr. Pereira Dias.

Mas o sr. Hintze quiz deslocar o sr. Pereira Dias do lugar de Reitor para o dar ao sr. dr. Costa Simões, como *justa reparação* O sr. Pereira Dias é par, não se deixou deslocar e continuou reitor.

O sr. Hintze louva o sr. Pereira Dias, e por não desconsiderar o sr. Costa Simões, louva-o tambem no mesmo numero do *Diário do Governo* uma antiga commissão scientifica.

O sr: Pereira Dias manda o relatório ao sr. Hintze para ser publicado no *Diário do Governo*.

O sr. Hintze publica o.

No *relatório* do sr. Pereira Dias, o sr. reitor attribuia a responsabilidade do sangue derramado ao sr. Commissário.

Affirmava que com o encerramento da Universidade e a expulsão temporária dos estudantes, a ordem ficaria de vez restabelecida.

O sr. Hintze publica o relatório; mas, para não desconsiderar o sr. Ferrão, e dar-lhe uma justa reparação, nega auctorização, como faria Duarte Nunes de Leão, para continuar o processo criminal contra o sr. commissario.

E' cheio de attenções o sr. Hintze Ribeiro, e conhecedor e respeitador das suas responsabilidades.

Por isso mantem tambem o sr. governador civil, que no conflicto deu provas de alta incapacidade administrativa, por isso veremos qualquer dia no *Diário do Governo*:

«Considerando que o cabo 3 não poderia dar tiros sem um rewolver;

Considerando que, mesmo tendo um rewolver, o cabo 3 não poderia dar um tiro sem ter ballas;

Considerando que, não tendo recursos, o cabo 3 nunca poderia comprar um rewolver e ballas, e por isso nunca poderia dar um tiro;

Considerando mais que a sabedoria das nações affirma que com homem perdido ninguem se metta:

Hei por bem denegar licença para que continúe o processo na parte relativa ao cabo 3.

Paço, em agosto de 1902 =*Ernesto Redolpho Hintze Ribeiro.*

Para dar uma *justa reparação* aos estudantes riscados o sr. Hintze Ribeiro poderá nomeá-los, por um anno, inspectores do sêllo.

Incêndio

Na rua da Moëda, no prédio que tem os n.ºs 65, 67, 69 e 71, conhecido pela estalagem da Donata, manifestou-se incêndio, hoje, pelo meio dia e um quarto, não havendo prejuizos de importância a lamentar, nem desgraças pessoaes.

Apezar da chegada em primeiro logar ser dos Bombeiros Municipaes o serviço de extincção dos Voluntários foi primeiramente montado, sendo para extranhar as contradanças que alguns municipaes fizeram para estabelecer uma mangueira, que só tarde e mal chegou a funccionar.

No dia 10, pelas 8 horas da manhã, realisou se na Sé Cathedral o casamento do sr. dr. Fernando Leal Gonçalves, com sua prima a ex.ma sr.ª D. Laura Leal Gonçalves.

Grande corrida de touros na Figueira da Foz

Dedicada á colónia balnear espanhola, effectua-se, no dia 24 do corrente, na vasta arena do *Colyseu Figueirense*, uma grandiosa corrida de 10 bravos touros, ha muito apartados nas manadas da Companhia das Lezírias do Tejo e Sado.

Alem do espada Revertito, tomarám parte na lide os distinctos cavalleiros Manuel Casimiro d'Almeida e José Casimiro d'Almeida, sendo bandarilheiros R. Peixinho, Theodoro Gonçalves, Silvestre Calabaça, Francisco Saldanha, Carlos Gonçalves e 2 bandarilheiros espanhoes da *cuadrilla* de Revertito.

A corrida é dirigida pelo afficcionado, sr. Jayme Henriques, sendo os forcados do Riacho e da Golegã.

Para abrilhantar esta corrida, organizada com os melhores elementos tauromachicos que possuimos, virá a afamada Banda Municipal Mirobrigense, de Ciudad Rodrigo, tocando tambem a Real Philarmónica 10 de Agosto.

Será lidado um touro a ferros curtos, pelos dois cavalleiros.

Os bilhetes estám á venda na Casa Havanêsa, praça Nova; Costa & C.ª, largo do Carvão; cafés Espanhol, Oceano e Europa, e no dia da corrida, na bilheteira da praça.

Para esta excepcional corrida haverá comboios a preços reduzidos nas linhas da Companhia Real, Beira Alta, e ramal de Viseu, e um comboio especial de Salamanca.

FALSIFICAÇÕES

Continuam, dia a dia, as noticias circumstanciadas das falsificações, interessantes, cheias de pormenores eruditos, e, se os senhores padeiros não sabem fabricar bem o pão por este paiz fóra, é que não têem habilidade para falsificadores.

Tem-se-lhes dito as substancias que podem empregar-se na falsificação do pão, ensinou se-lhes as casas de confiança que as vendiam, tem se ido buscar a tratados technicos ideias scientificas a descripção d'essas materias, ensinou-se lhes a mistura las, indicando as doses proprias por forma a poder-se obter o pão ordinario e o pão de luxo, e a policia do Porto levou a sua amabilidade até chamar um padeiro para lhe ensinar a fabricar pão falso, inutilizando os argumentos dos padeiros, que affirmavam que, com tal mistura, ninguem podia fazer pão e que a *farinha* de serrim de madeira se empregava apenas para *engordar* dos porcos, o que faziam com toda a auctoridade; porque nunca ninguem teve porcos tam gordos como os padeiros.

Não se vê porém o resultado pratico de tám grande movimento.

Em Coimbra deixou se correr tudo morosamente, apezar das denuncias, que havia, de falsificações.

O medico hygienista tem trabalhado, dizem, mas ninguem vê ou sabe dos resultados de tal trabalho.

E impõe se a necessidade de esclarecer o publico.

Em Coimbra ha, ou não pessoas, que tenham recebido do norte farinhas para vender?

Quem as tem recebido?

A quem têem sido vendidas essas farinhas? Quem sám os padeiros que as compram?

Isto é que se impõe. Isto é que é facil de verificar. Isto é que póde prevenir o consumidor contra os falsificadores, se os ha.

Porque se não mandáram vir ainda do Porto exemplares das farinhas falsificadas, que podessem esclarecer o medico hygienista e o consumidor que disso deve entender tanto como elle?

O pão em Coimbra tem sido detestavel, e, por uma singularidade muito para attender e admirar, depois que se denunciaram as falsificações, o aspecto e a qualidade do pão mudaram consideravelmente para melhor!

Em casos d'esta importancia, em que se debatem interesses tám sagrados como os da saúde publica, deve-se dar toda a publicidade ao inquerito.

Mas parece que não, que em Coimbra tudo está parado e quieto, sem temor pelas falsificações, sem receio pela saúde publica.

Verdade seja que na politica de Coimbra as farinhas têem um certo pezo.

O que não é o mesmo que um pezo certo.

Liga da paz

O sr. Cesar Porto acaba de nos obsequiar com um exemplar do seu livro — *A guerra não findará* — conferencia da *Liga Portugueza da Paz*, realizada na *Associação Commercial dos Logistas*.

Transcrevemos o final deste estudo sobre a extenção evolutiva da guerra:

> Vimos as origens das guerras; como o desejo de acquisição humano, se vae lentamente satisfazendo pelo combate contra a natureza, em vez do combate contra os outros homens; como as nações são lentamente forçadas a buscarem dentro em si a sua subsistencia, a causa das suas energias. Depois de quererem subordinar-se, os homens e as individualidades collectivas, ganhão em espirito de justiça e de tolerancia quanto o espirito de sympathia e de liberdade conquista por outro lado. Por fim, muito provavelmente tanto os homens como as nações acabarão por egualar-se, acceitando as mesmas verdades, partilhando communs sentimentos. A guerra entre homens ou entre nações, sem que na essencia, o ser humano ou as entidades collectivas tenhão de qualquer maneira mudado, exgotar-se-ha á falta de elementos; e a concordia quasi perfeita, a união das vontades, a federação dos povos, fará esquecer ao futuro as dissenções do passado, que por mais duras e frequentes que fôssem, não poderião ser eternas, rareando o combustivel que ateou o grande incendio.
>
> Estudar os motivos da guerra e como elles, expontaneamente, se vão sem cessar eliminando, é indicar até certo ponto os meios artificiaes de que podemos servir nos para apressar a era da paz. Sem bem conhecer as causas é impossivel remediar effeitos; mas é facil deduzir d'aquellas, onde deve incidir a acção, o esfôrço voluntario e ponderado dos que anceião por melhor.

E' um trabalho bem pensado e bem escripto sobre a questão de paz universal que tanto prende a attenção dos sociologistas.

Agradecemos a amabilidade da offerta.

Recebemos o segundo numero da *Revista ibérica*, em tudo digno dos illogios que fizemos ao primeiro, quando appareceu. Os artigos sam variados, de nomes conhecidos de litteratos dos dois povos da Peninsula, e a illustração é cuidada e original, sendo notaveis os desenhos fantasistas de Marin.

Agradecemos.

A câmara municipal de Penella creou, em Alfar, uma feira annual de gados e cereaes, que deve realizar-se pela primeira vez no dia 7 do mês de setembro.

Aquella municipalidade vem empregando bastantes esforços para que a feira seja concorrida e animada.

Cartas do Porto

11—VIII—902.

Cheguei aqui ante-ontem de manhã. Nem na viagem, nem na cidade, encontrei coisa de importancia.

Todo o caminho vim impertinado com uma familia burguêsa, que pela estupidez de suas pretensões, e anti-esthetica de suas *toilletes*, me fizeram mal aos nervos.

O *chefe*, merceeiro algures, veio azedando a athmosphera do vagon com a acidez de enfartados arrotos, atafados nas bafuradas de um charuto máu.

A *cara metade* fartou-se de choromingar os males e doenças, atestando ridosamente a importancia que lhes ligára, e os conselhos que lhe dera o médico da terra. E, por cima de tudo isto, duas meninas, filhas, ou coisa que o valha, do supra mencionado par, entrouxadas nuns vestidos de mau gôsto, com os cabellos arripiados, sob um chapeu barato, fallaram, impertigadas, das soirées do Carregal do Sal.

Vim assim enjoado com a palestra e com os *typos*, lendo e relendo um jornal velho, dormitando de boccado a boccado, ora escutando o grazinar das campainhas do telégrapho, ora a lamúria das mulheres da água e dos pasteis, ora o rythmo do arfar da máchina, e remoendo sempre uma paciencia enorme.

Nas alturas de Espinho, sahiram os meus companheiros de viagem, e em troca delles entrou uma familia espanhola, encadernada em *toilletes* ricas, e expulsando com ondas de perfumes cáros, o cheiro burguês que me enjoára.

O comboio abalou de novo, e pelas janellas começou a entrar uma viração fresca, rescendendo á maresia.

Montes de areia manchavam, de vez em quando, a tela azul enquadrada na janella do vagon, e o mar, ao longe, num soluçar constante, esfarellava-se em alvos flocos de branca espuma.

Ao lado de mim, num bater manso e compassado de azas de gaivota, palpitavam os leques de duas espanholas.

O collo arquejava-lhes, sob o corpete justo; advinhava-se lhes a curva sensual do braço, na manga larga de um tecido leve; e parecia ouvir-se-lhes, no silencio da carruagem, o rumorejar dos seios aninhados nas conchas do collete.

Na Granja o ar fresco e fino dos *chalets*, e a alvura de um ou outro vulto destacando-se nos retangulos das janellas, que espreitavam por entre o arvoredo, aguçavam-me o appetite de um banho frio.

A's 10 e meia, o Porto appareceu, ao longe, repoltreando se pelas collinas da margem direita do Douro. Tinha o aspecto pesado e opulento de uma grande pança, cheia de berloques.

O rio ia porco, turvo, barrento, arrepiado. Os cabrestantes rumorejavam a bordo dos paquetes; um ou outro barco vogava pachorrentamente; e, no caes, os carrejões, vergados ao pezo das saccas e caixotes, formigavam no meio de uma nuvem de poeira.

A's 11 horas, um trem da praça aos saltos e aos solavancos, arrastou-me pelas ruas da cidade, e assim vim para este bairro retirado, donde lhes escrevo e donde agora lhes mandarei as minhas cartas.

C. F.

Mortuaria

Falleceu em Benguella o sr. Francisco Miranda Cardoso, sobrinho dos considerados industriaes desta cidade, srs. Manuel, Joaquim, João e Ignacio Miranda.

No dia 26 do corrente deve rezar-se uma missa na igreja de S. Thiago, suffragando o passamento do desditoso mancebo.

A toda a familia do finado enviamos o nosso cartão de pêsames.

Em reunião do conselho superior de instrucção publica, foi emittido o parecer, de que deve ser transferido por conveniencia de ensino, o professor da escola de habilitação de Leiria sr. Mauricio de Oliveira.

Será este parecer resultante duma syndicancia, que se diz ter-se feito a um conhecido professor daquella cidade?

O sr. Mauricio de Oliveira é um professor habilitadissimo e que, querendo, se desempenhara perfeitamente dos deveres do seu ministerio.

CORRESPONDÊNCIAS

Luzo, 9—8—1902.

Em primeiro logar permitta-me, sr. redactor, que rectifique o final da minha carta de 7: terminava-a dando o sr. dr Maximino de Mattos Carvalho, com sua ex.ma familia, no *Hotel da Matta do Bussaco* o que não é verdade, porque sua ex.a, com seu irmão o sr. Bispo de Macau, está hospedado na casa do sr. José Luciano, proximo ao *Hotel Luzitano*.

A vida aqui não se tem modificado — passeios á matta, á fonte do Castanheiro e aos arrabaldes dêste encantador logar, terminando na Alameda, onde se descança para depois ir tomar as águas, que estam sendo bastante concorridas,

O *Grémio* é que continúa pouco animado, e por isso mesmo tudo foge para os terraços das suas casas.

Onde ha mais animação é no terraço do chalet da Carolina e debaixo dos cedros defronte do Lusitano. Ai discute-se, com enthusiasmo, a terra, a lua e o mar e joga se o voltarete. Nas discussões não esquecem as questões mais importantes que têem agitado a opinião pública — Imprensa e falsificações.

Hoje tratarei da imprensa.

*

Sobre a contenda que o *Século*, com a sua linguagem desbragada e calumniosa provocou, dividem-se as opiniões, mas todas sam concordes em que êste jornal deixou de ser um orgão da opinião, para ser um jornal de negócio.

Da questão entre Judicibus e a *Vanguarda*, todos, sem excepção, lamentam que a imprensa se deixe arrastar a questões daquella ordem tam deprimentes e vexatórias.

A imprensa, que é uma fôrça poderosa quando se mantenha á altura da sua missão, prejudica-se com questões destas e prejudica os grandes interesses do pais.

O que profundamente me contrista é vêr jornaes populares embrenharem-se por veredas tam escabrozas. Na minha humilde opinião a imprensa republicana devia fugir, quanto podesse, das questões pessoaes e conservar se alfastada de tudo em que houvesse perigo de conspurca-la.

A sua missão tam alevantada de educação e moralidade não permitte que ella se envolva ou se deixe envolver em intrigas mesquinhas e em questões que motivem a mais leve dúvida da purêsa das suas intenções.

O seu fim é demolir o existente e indicar os principios fundamentaes da nova organização social. Para isso porém precisa ser muito honesta e muito serena nas suas apreciações.

Para adquirir a fôrça moral, de que necessita para impôr-se a todos os espiritos, é indispensavel possuir as qualidades que deixamos apontadas.

Por mim acredito que as possue, mas não basta sómente que eu ou a maioria do partido o accredite, é preciso que a grande massa do público o creia com fé e com convicção profunda.

No caminho, em que se lançou de ha muito tempo já, não só não cria a imprensa essas convicções, mas até afasta das fileiras da democracia muita gente. A questão suscitada entre o *País* e a *Vanguarda* foi uma questão de interesse entre duas emprézas, mas quem soffreu com ella foi o partido republicano porque a lama lançada ás mãos cheias nessa occasião salpicou a todos.

Serenada esta tremenda lucta, apparece a questão entre o *Norte* e a *Voz Publica*.

Como consequência dessas questões veio o affastamento das fileiras do partido de homens tám notáveis pelo seu prestigio, como pelos serviços que lhes devia a causa republicana.

Urge, pois, que se applique sem demora um remédio enérgico a êste estado de coisas para que êsses córos de retaliações, que se ouvem de tempos a tempos, acabem e para que êsse clamôr de descontentes e despeitados se cale.

De todos os lados se pergunta onde está êsse remédio, mas ninguem o indica. Será por que no partido haja falta de homens com aptidões, com talento e prestigio para êsse commettimento? Não, não é; no partido ha elementos valiosissimos e o que é necessário é fazer com que êlles voltem á vida do partido.

Tivemos em tempos idos José Elias Garcia, que com o seu grande tacto político soube organizar o partido republicano em Lisbôa, dando lhe uma fôrça, cohesão e disciplina admiravel, conseguindo aterrorisar os partidos monárchicos da capital, que para o vencerem tinham de collisar-se.

Tivemos depois José Falcão, êsse santo, que, numa visão prophética e prevendo o seu próximo fim, organizava o partido republicano no norte do país, chamando á vida activa do partido homens de prestigio e de valôr incontestavel, que o substituissem na sua morte e continuassem a sua obra.

Vimos então Nunes da Ponte, Duarte Leite, Bazilio Telles e tantos outros mais modestos, é certo, mas que, cheios de enthusiasmo, cooperaram com aquêlle na grande obra da democracia.

Esses homens, que estám retirados da vida activa do partido, é necessário que voltem a êlle e que venham collocar-se á frente dessa grande legião e a encaminhem e lhe dêem unidade.

Vamos, pois, todos, sem distincção de côres, conservadores e radicaes, arrancá-los do seu isolamento e trazê-los até nós. Conseguido êsse fim, damos ao partido republicano uma sólida organização, consentánea com as necessidades do país e do partido. Disciplinemos as nossas fôrças e entramos de vez num caminho prático, sem tibieza, cheios de ardor e rezolvidos a prestar ao paiz o que elle de nós exige.

Falta-nos um homem que tenha a envergadura moral e intellectual necessária para uma missão tam delicada; mas procuremo-lo.

Nunes da Ponte reúné essas qualidades, tem energia, firmeza, prudência e decisão: pois que seja elle o escolhido.

Hade haver quem discorde, mas devemos nós prendermo-nos com isso? Não, positavamente não.

Precisa-se acabar com êste estado de coisas e, se não quizerem assim, então dissolvam o partido, por que é mais lógico e mais útil.

Estar a presencear actos de indisciplina e de fraqueza, como os que temos presenceado, é que não póde ser.

Aqui tem sr. redactor em que deu a minha carta d'hoje.

Saiu fóra do que devia ser, por isso nas suas mãos está o publicá-la ou não, segundo o seu critério e orientação do seu jornal.

M. P.

Companhia de Seguros Indemnisadora

PORTO

Toma seguros n'esta cidade

João Lopes de Moraes Silvano

Mercado

Os preços porque correram ultimamente os generos, no mercado desta cidade, foram os seguintes:

Milho branco	500
» amarello	480
Trigo tremez	640
» de Celorico	600
Feijão vermelho	750
» branco, graúdo	700
» » meúdo	660
» rajado	460
» frade	550
Grão de bico, graúdo	820
» » » meúdo	700
Cevada	260
Centeio	380
Favas	460
Batata, 15 kilos	300
Tremoço (20 litros)	450
Ovos, duzia	140

Decalitro de azeite da presente colheita, fino, a 1$700 e 1$720 reis.

Devem reunir-se, no dia 19 do corrente, na séde da sua associação, os distribuidores e guarda fios telegrapho-postaes de Coimbra.

A reunião é pelas 3 e meia horas da tarde, sendo a ordem dos trabalhos — Leitura do projecto dos novos estatutos.

ANNUNCIOS

EDITAL

Doutor Guilherme Alves Moreira, provedor da Santa Casa da Misericordia de Coimbra.

Faço saber que por deliberação da Mêsa da mesma Santa Casa, se acha aberto concurso por espaço de trinta dias, para o provimento de dois logares vagos de pensionistas do legado *Luz Soriano* e um do legado *Miranda Pio*.

Os concorrentes ao legado *Luz Soriano* deverão apresentar na secretaria da Santa Casa, dentro do referido praso, os seus requerimentos nos quaes declarem a faculdade da Universidade que já frequentam ou em que pretendem matricular-se no proximo anno lectivo e para cuja matricula se achem já legalmente habilitados, a que juntarão os attestados e documentos que provem a sua capacidade e talento, pobreza e boa conducta moral e civil, devendo outrosim apresentar as certidões de todos os exames e actos que tenham feito e das distincções, *accessits* ou premios que tenham obtido. Os que forem providos têem direito á prestação de 15$000 réis mensaes, matriculas e livros e a 100$000 réis concluido que seja o seu curso, e ficam obrigados a apresentar á administração desta Santa Casa, todos os annos, antes de findar o mês de agosto, a certidão authentica do resultado dos actos e exames que fizeram em todas as materias dos annos que frequentaram no seu respectivo curso, do qual não podem mudar para outro conservando a pensão, e attestações da sua boa conducta passadas pelos respectivos lentes ou pelas auctoridades administrativas.

Os concorrentes ao legado *Miranda Pio* deverão tambem apresentar na mesma secretaria e dentro do referido praso, os seus requerimentos instruidos com attestados de pobreza, de bom comportamento, e bem assim documento por onde mostrem que se acham matriculados em qualquer dos annos da faculdade de Medicina ou que estam habilitados para a matricula no primeiro anno da mesma faculdade. A mensalidade é de 8$000 réis durante o anno lectivo.

Secretario da Misericordia de Coimbra, 8 de agosto de 1902.

O provedor,

Guilherme Alves Moreira.

Sophia, 167

Ha para vender 2 bilhares, sendo um de pau preto e outro de mogno, bem como estantes e portas envidraçadas — **F. Lobo.**

EDITAL

Doutor Guilherme Alves Moreira, provedôr da Santa Casa da Misericordia de Coimbra.

Faço saber que no dia 29 do corrente mês, pela uma hora da tarde, se ha de proceder na secretaria da mesma Santa Casa, por meio de licitação verbal, á arrematação dos seguintes generos para consumo dos orphãos e orphãs dos Collegios de S. Caetano: carne de carneiro: 800 litros de feijão branco: 1:000 litros de feijão encarnado: 3:000 litros de feijão frade, e 900 litros de grão de bico.

As condições acham-se patentes na secretaria da Santa Casa em todos os dias uteis desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde.

Secretaria da Misericordia de Coimbra, 8 d'agosto de 1902.

O provedor,

Guilherme Alves Moreira.

Arrenda-se ou vende-se

Uma bella propriedade de terra lavradia, com pomar e vinha, casas de habitação, curraes, eiras e grande abundancia de agua, sita na estrada de Mira, ao 1.º kilometro, a partir da Figueira, e por isso muito proximo desta cidade.

Para tratar no Passeio Infante D. Henrique, n.º 7.

Não obsta o contra annuncio inserto no n.º 1:086 da *Gazeta da Figueira*, de 6 do corrente, porque a questão que se ventila diz respeito á mota que existe entre este predio e o do dr. Augusto Eduardo Ferreira Barbosa, de Coimbra; e cuja decisão, seja ella qual fôr, nada influe nas condições e valor do predio aqui annunciado, como aquelle dr. Barbosa muito bem sabe.

EDITAL

Doutor Guilherme Alves Moreira, provedor da Santa Casa da Misericordia de Coimbra.

Faço saber que por deliberação da Mêsa da mesma Santa Casa se acha aberto concurso por espaço de trinta dias para o provimento de alguns logares vagos de orphãos dos Collegios de S. Caetano.

Os concorrentes aos referidos logares deverão apresentar na secretaria da Santa Casa seus requerimentos dentro daquelle praso, munidos com os attestados exigidos pelo artigo 277 do regulamento, a saber:—certidão de edade, de obito de pae, attestado de pobreza passado pelo parocho, e attestado de saude passado por um dos facultativos da Santa Casa.

Secretaria da Misericordia de Coimbra, 8 de agosto de 1902.

O provedor,

Guilherme Alves Moreira.

Figueira da Foz

Aluga-se, agosto e setembro, um 1.º andar, bem situado, confortavel e hygiénico.

Para tratar com João Gomes Moreira, rua Ferreira Borges — Coimbra.

Arrenda-se

No páteo pequeno da Inquisição, uma boa casa que póde servir para celleiro ou para qualquer associação.

Trata-se na rua Ferreira Borges, 95.

Consultorio dentario

Figueira da Foz—Rua Fresca, 45

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

De 15 de Agosto a Outubro — Consultas das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

(38) **Folhetim da "RESISTENCIA,,**

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA DO CONVENTO

XVII

Conversaremos como quizeres, e quanto quizeres, meu caro amigo, replicou Roland, que encobria com o seu ar militar o desassocego em que estava.

—Sr. Lambrune, continuou Emmanuel, o nome de amigo, que me deu, anima me e decide me á confidencia, que não poderia fazer senão a um amigo, que fosse ao mesmo tempo amigo de meu tio Villy.

Roland parara de repente.

—E' assim tam grave? perguntou.

—E', coronel.

—Pois diabos me levem se adivinho do que se trata. Mas falla, meu caro Emmanuel, estou ás tuas ordens e ás delle.

E continuou a andar, arrastando Emmanuel.

—Conhece a minha infancia, continuou este, sabe que cuidado spaternaes meu tio me dispensou, e que terna affeição elle me vota, ha tanto tempo.

—E' boa. Seria o último a quem o poderia dizer.

—Tenho, por acaso necessidade de accrescentar que lhe retribuo inteiramente esta affeição, duplicada pelo mais vivo reconhecimento?

—E' um excellente coração; nunca duvidei disso; mas aonde quer chegar?

—Ah! Lambrune, ao que pode destruir tudo entre Villy e eu...

—Destruir tudo? Pode haver alguma coisa, que destrua tudo entre o sr. e Villy?

—O que vae já comprehender, coronel.

—Não, não. Nunca poderei comprehender semelhante coisa.

—Apezar d'isso, ouça.

—Não faço outra coisa; mas diga-me: Não está a gracejar?

—Já lhe disse, Lambrune, que era muito grave, e, apezar dos meus vinte e trez annos, tenho consciencia, sobre tudo de coisas sérias.

—Falle; não o tornarei a interromper.

—Repito que a amizade de Villy foi a consolação da minha infancia e que me é sempre preciosa. Mas, nos projectos d'elle, eu sou mais que sobrinho d'elle, sou, d'um dia para o outro, marido de Alice.

—E então?

—Alice para mim é uma irmã, e mais querida talvez, juro-lhe, do que se eu fosse realmente irmão d'ella. Mas basta isto, quando se trata do casamento? Na minha edade, sem ser romanesco, ha sempre um pouco de imprevisto, e sinto que, no fogo da mocidade, se, se não quer expôr a gente a reconsiderações ou a surprezas, para ser marido é necessario ser amante, ao ao menos nos primeiros mezes. O casamento não é só a continuação de habitos affectuosos, e eu nunca poderei ser mais que o amigo de Alice; eis a razão porque ella não póde ser minha mulher.

Lambrune não queria crer no que ouvia, e olhava para Emmanuel de olhos esbugalhados.

—Mas, meu caro Argouges, balbuciou, que posso eu fazer a isso?

—Pode muito, coronel. Pode pegar no braço a Villy, como eu lhe faço n'este momento, leval-o para algum sitio solitario, como este, e explicar-lhe então com a franqueza e o ardor, que conseguem tudo nos negocios da vida ordinaria, como a sua bravura nos campos da batalha.

—Mas, com mil Beduinos, exclamou Roland, é que antes queria receber a ordem de tomar eu só um campo do que a commissão de que me quer encarregar.

—Ah! Lambrune, pois não vê que disso depende tanto a minha felicidade, como a de Alice?

—A sua felicidade é possivel, já que o diz, mas a de Alice?

—Mesmo a d'ella. A minha partida hoje não lhe causaria senão a pena d'um projecto em que a embalavam; mas mais tarde que inconsolavel pesar para ella, se eu enganasse a confiança, que lhe dera o direito de ter em mim?

O coronel não replicou; reflectia.

Um pensamento que lhe não viera no principio, conseguira infiltrar se no seu pensamento e irrompia como um vulcão na cabeça.

—Irra! Seu tio, Emmanuel, hade responder-me que levou bem tempo a fazer-lhe a confidencia, e que, se deixa Alice, é porque ama outra!

O movimento, que acompanhou estas palavras, o tom d'aquella phrase, dita á queima-roupa, o olhar de Roland, cujos olhos pardos haviam retomado a sua fixidez, imobilisaram Emmanuel. Julgou que tinha sido descoberto, não hesitou e atirou-se para deante.

—Pois bem, coronel, devo fazer-lhe essa ultima confissão: é verdade amo outra!

—Ora ahi veio a bomba! exclamou Lambrune; porque a não deixou estalar mais cedo?

—Mais cedo?... O sr. é homem de honra tanto como amigo dedicado, meu caro coronel; seria uma injuria aos seus sentimentos não lhe confiar o meu ultimo segredo: amo M.elle de Croisy!

—Hein? Ama...

—M.elle Herminie de Croisy.

—Que imbecil que eu era!...

Roland, que tinha erguido os braços ao fazer esta declaração, deixou-os cahir com estrondo.

—O que diz, Lambrune, perguntou Emmanuel surprehendido com aquella agitação.

O coronel estava agarrado ao chão, immovel; foi necessario que Argouges repetisse a pergunta.

—Digo... Eh! irra, replicou Roland fazendo um esforço sobre si mesmo, digo que era um imbecil... porque devia ter desconfiado d'isso.

—Porque?

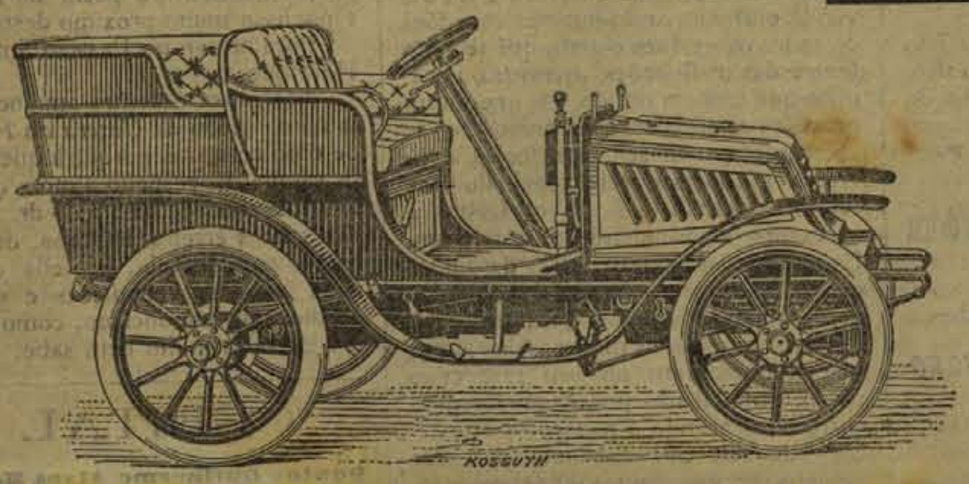
—Porque? Porque estava aqui, ha um mez, em que podia ter-me feito a mesma confidencia a respeito do seu casamento projectado com Alice, e que me não disse uma palavra; porque, tendo desconfiado, ha muito tempo, do amor que o separa de sua prima, não podia ter suspeitas senão da unica mulher que com ella andava ligada á sua vida, de M.elle de Croisy...

Ah! acredito que é uma bomba, e uma bomba para fazer saltar tudo no castello! Deixe-me agora, Argouges; penso no meu amigo velho, em Alice e em si. Sou incapaz, n'este momento, de fallar ou de me determinar; tenho os braços e as pernas partidas como por uma chuva de ballas. Tornar-nos-emos a vêr ámanhã.

(*Continua.*)

EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

AUTOMOVEIS DARRACQ



Para mostrarmos que os **"Automoveis Darracq,,** além de serem

Os mais elegantes, os mais baratos e os que menos gazolina gastam

Sam tambem

Os mais sólidos e os mais ligeiros

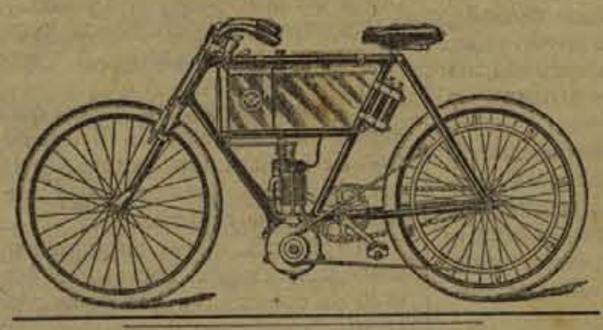
basta ennumerar algumas das suas victórias nêste anno:

1.º prémio na corrida da subida da Turbie

1.º prémio na corrida de Nice ═══ ***1.º prémio no Circuit du Nort***

Nas grandes corridas Paris-Vienna bateu com carros do máximo 24 cavallos as carruagens «Dainler» de 40 cavallos, «Mors» de 60 cavallos e 6 carruagens de Panhard Levasseur de 70 cavallos!! ganhando o 1.º prémio na série de Vaituret; 2.º, 3.º, 4.º e 5.º na série de Vaituret legere e o prémio de classificação geral.

MOTOCYCLETTE "WERNER,,



A **Motocyclette WERNER** de 1 ¾ de força não precisa de reclame, contudo diremos que nas corridas Paris-Berlim, Paris Bordeaux e nas subidas de Gaillon e Turbie-Paris Roubaire, Nice-Marseille, etc., etc., chegam sempre na vanguarda!

Nas grandes corridas *Le circuit du Nort* e Paris-Vienna quantas *Werners* partiram, quantas chegaram, apesar do grande temporal que fazia!! Déz de differentes marcas que disputavam o prémio nenhuma chegou!!

Recentemente em Portugal o Record Porto Lisboa feito debaixo de chuva e com estradas em péssimo estado.

Motores LURQUIN-COURDET de 1 ¼ cavallos de força applicavel a qualquer bicyclette

Adaptam-se nas nossas officinas e garante-se a sua superioridade a qualquer outro de egual força.

Dos automoveis "Darracq,, da motocyclette "Werner,, e do motor "Lurquin & Courdet,, sám unicos agentes em Portugal

LEÃO, MOREIRA & TAVARES — "Empreza Automobilista Portugueza,, — Coimbra

---

Espingardas

VENDAS A PRESTAÇOES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges = COIMBRA

Casa para arrendar

Arrenda-se uma boa moradia de casas, com tres andares e grande quintal, na rua João Cabreira, 21.

Trata-se com seu dono Alipio Augusto dos Santos, rua do Visconde da Luz, 60.

CURSO PRATICO DE Escripturação commercial

Abre desde já, para funccionar em Santa Clara, em dias alternados, das 7 ás 9 horas da manhã, sob a regencia de

M. d'Amaral

encarregando se tambem de balanços para trespasses, concordatas ou fallencias, e de partilhas entre particulares.

Informações podem os interessados obtel-as dos srs. Correia, Gaitto & Cannas, rua do Cego, 1 a 7 — COIMBRA.

LOJA DO MINHO

44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48

Deposito das ligitimas machinas **Singer,** instrumentos, musicas, Pianos, Bicycletas, occulos e lunetas.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos,** continúa recebendo hospedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis.**

O proprietário,

José Maria Junior.

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de Cereja de Ayer — O remédio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmunar, frasco, 1$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer. — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. Frasco 1$100 réis.

O remédio de Ayer contra sezões. — *Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cartharticas de Ayer. — O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquesita preparação para aformosear o cabello

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

LUCCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS DA Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

"EQUIDADE,,

Companhia de Seguros

Vida de animaes, fogos, fianças e rendas de casas

Preços muito reduzidos

Correspondente em Coimbra

Joaquim Antonio Pedro

Em casa do Sr. Antonio Rodrigues Pinto.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges COIMBRA

PASTLAERIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *doces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, a rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mésa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Bicycletes com motor

R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

João Gomes Moreira

Estabelecimento de chapeus para sol e chuva DE

JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA

20 — Rua do Sargento Mór — 24

COIMBRA

N'este antigo estabelecimento se concertam e cobrem de novo guarda soes, tanto de seda como de setim, de brilhantina ou de paninho.

Tambem se fazem guarda-soes novos e se fazem de varetas de todas as marcas, tanto redondas como elasticas, assim como todos os trabalhos concernentes á sua arte.

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typographica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 724 | COIMBRA — Domingo, 17 de Agosto de 1902 | 8.º ANNO

O sangue da aristocracia

O Papa, usando da influéncia, que lhe dá sobre as consciéncias o alto logar que occupa, acaba de fazer uma grande obra de reformador, fazendo saber aos grandes da terra, únicos sobre que tem ainda influéncia o seu cargo espiritual, que não tornaria a auctorizar os casamentos entre principes, ligados por um parentesco próximo

Julga Leão XIII salvar assim o futuro ameaçado das casas reinantes.

Mas não se salva assim o futuro da aristocracia, nem é êste o remédio para o mal secular de que enferma.

As casas aristocráticas estám gastas por um cruzamento, que lhes tem dessorado o sangue, fonte de degenerescéncia, origem remota das lesões, que tornam tam sensacional o agonisar lento de cada soberano, de cada chefe aristocráta.

Póde dizer-se que não ha hoje, nas famílias aristocráticas da Europa, ninguem que seja o representante directo do fundador de uma casa fidalga, ninguem que seja o herdeiro legítimo dum nome.

E' particularmente interessante a história da aristocracia em Portugal.

Todas as vezes que tem havido em Portugal uma convulsão política, todas as vêzes que, no nosso país, tem apparecido um reformador, e tem procurado homens para o ajudarem na sua missão civilizadora, o primeiro facto, que verifica e que deixa assignalado na história, é a decadéncia da sociedade aristocrática do seu tempo.

E prova a história portuguêsa que a decadéncia é tanto phýsica como moral.

Quando D. Dinís quís reformar a sua côrte e animá-la da vida do espírito e da arte, contam os livros illuminados, que documentam a história da fidalguia portuguêsa, que o rei lavrador teve de legitimar os filhos naturaes dos nobres para ter homens, com que formasse a sua côrte de poëtas e trovadores.

E é d'aí talvez que vem uma trova muita antiga, que dá aos filhos naturaes qualidades e dons de intelligéncia, que não têem os que nascem na lei do matrimónio.

Mais tarde, quando D. João I deu um golpe mortal na influéncia e no prestigio espanhol, teve de seguir o exemplo de D. Diniz, e reformou a aristocracia portuguêsa, dando-lhe sangue e vigor novo com a legitimação dos filhos naturaes de cavalleiros e commendadores.

Assim é tudo, nos livros hieraldicos ficaram archivados os nomes humildes das pobres mulheres do povo, que viviam perto dos castellos feudaes e que um capricho de amor tornára senhoras do nobre coração.

Tem sido sempre assim em todos os periodos memoraveis da nossa historia.

Quem salvou sempre a monarchia portuguêsa foi o sangue dos filhos do povo, que um fidalgo julgou ser o seu e a que um rei deu fóros de fidalguia.

Assim tem sido sempre.

No século XVIII estava gafo, pobre e sem vigor, o sangue da aristocracia portuguêsa.

Appareceu então um grande reformador, que teve como todos os outros, de se rodear de gente de valor, que o ajudasse na sua obra civilizadora.

Mas o Marquês de Pombal affastou a nobrêsa, e recorreu directamente ao sangue generoso do póvo.

VAZ PRETO

Na sua casa de Lousa falleceu, no dia 13, o par do reino sr. Manuel Vaz Preto Geraldes.

Foi um dos vultos proeminentes da politica portuguêsa, que podendo concorrer immenso para o bem estar do país, servindo todos os partidos da rotação constitucional collaborou para chegarmos ao estado de decadencia em que nos encontrámos.

Era um honesto, diz se, mas nós não comprehendemos como se possa ser particularmente honesto e politicamente um cúmplice dos descalabros da pátria.

Vaz Preto era representante duma familia illustre, sendo possuidor de avultada fortuna e tendo grande influéncia pessoal, especialmente no districto de Castello Branco.

Foi chefe do chamado grupo constituinte, partido que morreu por assim dizer á nascença e que nunca chegou a subir aos conselhos da corôa.

Não concordámos com a norma adoptada pela grande maioria da imprensa, que elogia, depois de mortos, as individualidades que, enquanto vivas, cobriu de insultos e accusações; é essa a razão porque, ao noticiarmos a morte de Vaz Preto intendemos dizer o que acima se lê, sem com isso querermos demonstrar menos respeito pelo fallecido, mas apenas coherência.

Vaz Preto foi um homem honesto na sua vida particular, serviçal, obsequiador, duma distincção reconhecida, mas politicamente foi um politico monárchico, como os outros.

A noticia da morte do conhecido parlamentar, apesar de esperada, causou sensação, com especialidade entre os numerosos amigos do finado.

O dr. Carlos Alberto Lucas foi approvado para ajudante do conservador do registo predial desta comarca.

O nosso enviado á China

Ora até que enfim já foi descoberta uma das utilidades da embaixada á China.

O embaixador sr. José d'Azevedo foi a Shangae assistir á abertura do novo edificio do *Club de Recreio* daquella cidade, sendo alli recebido com todas as honras.

E digam os más linguas que sam mal empregadas as dezenas de contos que se gastam com a espaventosa embaixada!

Súcia de invejosos, o que élles queriam era tambem serem embaixadores... na China, com escala por Shangae e pelo *Club Recreativo*.

Pudera...

A hygiene da cidade

Apezar da imprensa periódica continuar pedindo informações necessárias sobre as deligéncias feitas para averiguar das falsificações prováveis das farinhas em Coimbra, o sr. delegado de saúde mantem-se no mais censuravel siléncio, reservando os esclarecimentos para os seus cavacos, processo que na verdade é de menos responsabilidade, e deixa sob a protecção da sua phantasia a sua reconhecida negligéncia.

Em Coimbra ninguem sabe quem recebeu aqui a farinha de origem suspeita, e é necessário saber-se para o público tomar a precaução única que póde garantir-lhe a saúde, não comprando farinhas nêsses estabelecimentos.

Em Coimbra ninguem sabe se os padeiros recebiam farinhas falsificadas, ou suspeitas disso, e toda a gente ignora quaes os padeiros que as recebiam.

E parecia-nos êsse um esclarecimento que o público devia ter e que seria fácil dar-lhe.

O sr. delegado de saúde limitou-se a annunciar a sua visita ás lojas de farinha, e a colher amostras, que mandou á anályse demorada de Lisbôa.

Se houver falsificação, a farinha vender-se-ha até lá com grande satisfação do fornecedor e perigo não menor do público.

Que aspecto, que côr, que qualidades têem as farinhas falsificadas?

Ninguem sabe.

E nada havia mais fácil de saber-se.

Bastava mandar vir do Porto amostras das farinhas, que haviam sido reconhecidas como falsificadas, requisitando as das estações competentes.

Expor-se iam em sitio bem público, e o consumidor aprenderia a conhecer a falsificação se ella se póde reconhecer á simples vista.

E como vamos tratando de falsificações, diremos que não sám só as das substáncias alimentares as prejudiciaes á saúde pública.

Ha tambem a falsificação de medicamentos, que importa tanto ou mais do que aquella.

Todos os dias se vêem no largo de Sansão dois charlatães, vendendo á gente ingénua do pôvo elexires e drogas de influéncia sobrenatural e rara.

E todos os dias a pobre gente gasta o seu dinheiro, julgando levar para casa o elexir de longa vida.

Passa-se esta scena edificante á porta dos paços do conselho, na passagem diária do médico hygienista da camara, sob a protecção da policia, que tem um riso esperto de velhacaria de cidade para cada remédio novo que se vende.

E' vérdade que isto se faz em toda a parte, mas é punivel pela lei, é prejudicial á saúde pública, e tolera se por ser hábito antigo, em que ninguem repara, por que observou sempre isto desde creança.

E, como estamos, tratando do medico hygienista, não será talvez para extranhar, não o ver occupar-se da saude publica, a não ser quando a isso é obrigado por uma ordem superior.

Sabemos que s. ex.ª se diz velho, gasto de trabalho, e allude agora frequentes vezes aos seus serviços (?) politicos (?) para exigir um emprego *em que descance*.

Mas não é isso razão; quem está cançado e não póde cumprir, reforma-se, se póde, ou demitte-se.

E não pode o sr. delegado de saude allegar pobreza para o não fazer.

O estado de hygiene da cidade é dos peiores e isso apezar de ha mais dum anno termos a cidade victima de trez doenças epidemicas terriveis — a meningite cerebro espinal, a variola, e o sarampo, que têm alastrado e augmentado de gravidade.

Tudo se passa, como se Coimbra estivesse nas melhores condições de salubridade.

Servidores da monarchia

Conta um nosso illustre collega do Porto, o seguinte:

«O snr. Tenreiro Sarzedas, nomeado inspector das aguas medicinaes pelo snr. Hintze Ribeiro, recebeu ha um anno a maravilha de um magnificente tapete de Arrayollos, que a Casa Pia de Evora lhe encarregára de offerecer á snr.ª D. Amelia.

A offerta quedou-se pela casa do snr. Sarzedas até ha pouco, pois que a imprensa progressista se encarregou de o desencantar d'alli fazendo com que volvesse, cheio de traça, á offertante Casa Pia.

Cunclusões; celeuma progressista no caso, e defesa regeneradora allegando que a historia não tem importancia, pois que a demora na entrega proveio da tardia redacção de uma memoria descritiva, cujo auctor se lembrou, a meio caminho do seu trabalho, de fazer uma visita ao Padre Eterno, enquanto o tapete foi atacado pela traça...

E' interessante.

Todavia, não poderão dizer-nos se as joias da corôa, cujo inventario se requer agora, tambem seriam atacadas pela traça?

Penhoradamente agradeceriamos aos contendores qualquer esclarecimento sobre o assumpto.»

Este anno a Praça do Commércio tem andado em festa constante.

A Rainha Santa passou uma noite na egreja de S. Bartholomeu para lisongear com a sua presença os influentes politicos, que haviam obstado á demolição daquelle desgracioso templo.

Foi uma medida de boa politica, uma censura delicada aos habitantes da praça que este anno não trataram com o enthusiasmo dos outros annos da ornamentação e festas á padroeira de Coimbra.

O gallo do campanário, mais conhecido pelo *gallo do Soares* por ter sido dádiva generosa de este conceituado industrial e nosso amigo, apezar da chuva tinha o ar garrido e empertigado de quem avistára uma gallinha no telhado

Os habitantes andavam mais alegres, apezar da tristeza do tempo, e dormiram mais socegados.

Um houve que passou a noute toda duma janella das trazeiras da sua casa, os olhos enternecidos na luzinha que tremia na vidraça da veranda da igreja, na adoração com que os reis magos seguiram a estrella que os levou á lapinha de Belem.

Foi uma noite que ha de lembrar muitos dias, como muito bem disse um digno mezário.

Agora a bandeira da Senhora da Nazareth deixou a igreja de Santa Justa e veio ficar na igreja de S. Thiago.

Assim se vám alterando os antigos usos.

Commentava o conceituado calembroguista Mendonça e Costa.

O sr. João Franco alterou.

O sr. conselheiro Abel d'Andrade alterou o curso dos lyceus.

Do curso das libras nem fallar.

Consórcio

Celebrou-se ontem pelas quatro horas da manhã o casamento da sr.ª D. Georgina da Silveira Brandão Freire Themudo, gentilissima filha do digno engenheiro chefe da circumscripção industrial de Coimbra, sr. Fortunato F. Themudo, com o sr. José Marques Pereira Barata, antigo estudante laureado da Universidade que se acha concluindo o seu curso de *Engenharia* militar em Lisbôa.

Os nossos parabens e votos de felicidade.

BRIC-Á-BRAC

Eu antigamente não era assim.

Livro com manchas d'agua, ou mal encadernado, não o podia ver.

Havia então umas encadernações de carnéira com o ar velho dos capotes da moda antiga, que me exasperavam.

Pareciam-me sujos de pingos de rapé. Chegava a espirrar sem querer.

Agora não.

Adóro o cheiro dos livros velhos; as manchas da agua sam tam diversas e de tantas cores como as nuvens do ceu.

Ha algumas, que, mal as vejo, me deixam tam alegre, como o lavrador, que descobre no céu o signal certo do tempo desejado, que lhe ha de encher a adega e o celleiro.

O cheiro a bafio faz-me correr um livro com o sobresalto de quem vae na athmosphera fresca dum subterraneo á procura dum thesoiro escondido.

Quando encontro algum documento roido pela traça, fico horas e horas a tentar completa-lo.

E ás vezes vejo logo ao principio que o papel não tem valor; mas não posso resistir, continuo e no fim fico tam contente, como se tivesse feito uma obra util.

Papel rasgado com lettras manuscriptas ou impressas enche-me dum respeito mysterioso e sagrado.

Este inverno fui eu visitar uma senhora velha, e deixei me ficar com ella a conversar.

Era em uma casa, como ás vezes encontro, que por fóra sam como as outras, com a mesma cal empoada, as mesmas janellas tristes; mas que, mal se entra nellas, transportam a gente a um mundo novo, em que se encontra cheio de vida, a vida socegada da familia, um lar antigo.

Logo á entrada havia um corredor estreito, illuminado por uma janella ao fundo.

O sobrado velho e gasto do caruncho estava branco como o pão alvo.

Sobre bancos simples de castanho estavam alinhados ao longo da parede, em que não havia portas, bahus antigos, uns de couro preto cheios de pregaria, a luzir de limpos, outros vermelhos, de pregos dourados em desenhos largos e elegantes, alegres de flôres pintadas, as fechaduras de bronze ou ferro dourado, com os espelhos destacando como um renda de oiro sobre o marroquim vermelho.

Na salla em que estavamos havia nas paredes umas gravuras inglêsas coloridas e eu levantava-me para ver uma que representava o effeito do vento sobre um rancho de senhoras, novas, brancas como o leite, o riso alegre e são como um morango vermelho.

Era do principio do século. Os vestidos leves voavam descobrindo numa garridice o pé e o principio da perna fina e elegante. Os anneis do cabello desfaziam-se e vinham desenrolar-se numa caricia sobre os rostos frescos, cheios de riso.

— Gosta, doutor? perguntou-me sorrindo a velha senhora.

— Hum! Gosto.

— Póde gabar á vontade, não faça escrúpulo, porque eu não lh'a dou.

Riu-se alto. E mais riam os olhos do que os lábios.

Sentada numa cadeira, com o tom dourado que toma a madeira de cerejeira quando velha, a boa senhora apontou-me para um cofre de marroquim vermelho, que tinha sobre a mesinha de costura, e disse-me:

— Nunca lhe mostrei o meu estojo de costura?

— Não...

— Então abra, e veja á vontade.

Era um cofre de marroquim em forma de urna, tendo em cima uma argolla de bronze. Assentava sobre quatro garras de bronze dourado, dum desenho forte, magnificamente burilados.

Dentro, tesouras, dedaes de marfim, agulheiros, todo um arsenal, que a boa senhora me ia explicando.

Ao tirar uma lámina de marfim, vi um compartimento tendo meadas de seda antiga.

Alguns fios de seda dourada enrolavam-se á volta de um pequeno pedaço de papel.

Peguei-lhe e puz-me a examiná lo.

—Tem lettras, disse eu.

A senhora pediu-me a sêda desenrolou-a e deu-me o papel.

—Leia, seu curioso.

Eu li:

Que alegre vejo a Imperatriz Augusta,
Mãi do Principe caro,
Esse modêlo raro
De Constancia, que os Impios tanto assusta!
Ao lado seu Princeza excelsa e justa,
E as infantas saudosas,
Mil carícias mimosas.

—Quem é?

—Eu sei lá, é uma imperatriz velha. O doutor é que deve saber.

Voltei o papel e li:

Em vão ciladas se armão
Contra o Varão constante na Virtude;
Os celestes auxilios lh'as desarmão,
E até fazem que mude
O Crime cego e rude
Contra si proprio a fatal tendência:
Qual conductor electrico, que afasta

—O papel foi cortado á tesoura.

—Olhe talvez fosse com esta, veja lá.

—Como?

—Isso é comsigo. De archeologia não conheço senão o que tenho em casa.

—E' pena.

—O que?

—Estar cortado. Talvez aqui estivesse a origem remota dos tramways electritos.

—Sim?

—E' claro:

Qual conductor electrico, que afasta,

—Já vê que é impossivel: Os conductores dos transways electricos atropelam. E' o que eu leio nos seus jornaes...

Andei muito tempo sem poder descubrir a quem se referiam os versos.

Um dia destes, deram-me varios papeis relativos ás luctas liberaes, e numa folha volante impressa na Impressão regia, *com licença da Commissão de Censura* encontro os versos.

Pertenciam a uma *ode pindarica*, feita ao regressar á patria o sr. D. Miguel, *suspirado esteio de Portugal*.

O modelo raro de constancia era a senhora D. Carlota Joaquina!...

Mesmo em verso custa a ouvir.

Li o nome do auctor—Joaquim José Pedro Lopes, *official da Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros*, e agora ando a ver se descubro se o homem era casado.

Nos mesmos papeis vinha um retrato litographado de D. Miguel dentro dum coração.

Uma fita aperta-o em cima num nó donde saem as chamas como de uma granada. As pontas descem em curvas aos lados com os versos.

O Amor dos Realistas
He sincero, he verdadeiro
Dizem do Coração,
Viva Dom Miguel Primeiro

Nas costas lia-se em lettra manuscripta:

Segunda edição do bentinho. Por este e mais nove como este tive de esportolar 480 réis por cada hum para não ir malhar com os ossos á cadeia.

Bom tempo!...

T. C.

Em consequencia do grande número de guardas policiaes que se encontram destacados na Figueira e impedidos em differentes serviços nesta cidade e noutras partes do districto, é deficientissimo o serviço policial, com o que folgam os gatunos e os desordeiros.

E' necessário remediar um tal estado de coisas, ou augmentando o número de guardas, ou não os desviando para outros serviços.

O que não pode é a cidade não ser policiada devidamente, pois as queixas sám innúmeras e os abusos continuos.

Tomou posse, na quarta feira, do lugar de sub-chefe da repartição dos impostos, o sr. Alfredo de Pratt.

Muito bem

O Seculo acaba de receber mais um profundissimo golpe na sua inglo ria existencia.

O corpo de redacção, composto dos nossos illustrados collegas Vieira Correia, Alberto Bessa, José Sarmento, Francisco Carrelhas, Guilherme Gomes, Amadeu de Freitas, Arthur Mello, Eduardo Fernandes e G. Francisco Grillo, acabam de abandonar aquelle jornal, fazendo nesse sentido uma declaração nos jornaes de Lisboa.

Aquelles nossos collegas vão fundar um novo jornal, que se intitulará *O Diario*, e que deve começar a publicação no proximo mez. Para esse fim já têem o capital necessario, devendo começar já a propaganda, por meio de cartazes affixados nas gares dos caminhos de ferro e nas ruas de terras importantes como Porto, Coimbra, Figueira, Braga etc. etc.

Parece que desta vez o golpe será mortal, podendo chamar se-lhe o golpe de misericordia, apezar de todo o apoio que o governo continua a prestar á empresa de *O Seculo*, que continúa na imprensa a ser o seu defensor e orgão officioso.

O colosso do jornalismo português está prestes a vir a terra, recebendo assim o justo castigo que merece a sua defecção aos ideaes democraticos, sobre os quaes fundou o seu poderio, e o atraiçoamento dos interesses do país em beneficio dos interesses das *cotteries* que têem sido os carrascos da nossa honra e liberdade e dos rendimentos publicos.

Bem fez o corpo de redacção em abandonar aquelle jornal, que em lugar de ser o orgão da opinião publica, era o orgão e sustentaculo daquelles que lhe pagavam a sua cumplicidade.

As campanhas abertas pelo *Imparcial* e pelo *Mundo* vão produzindo o benefico resultado de sanear a opinião publica que tem andado tam desorientada pelo orgão da grande circulação.

O proprietario de *O Seculo* está recebendo a paga do seu indigno e immoral procedimento.

Acha-se muito arruinada a ponte sobre o Ceira no logar das Vendas de Ceira.

A ponte é de muito transito, mesmo de carros e cavallos, e acha-se com o pavimento de madeira esboracado, ou mal reparado, com taboas pregadas sobre as que se haviam deteriorado, o que chega a ser encommodo mesmo para quem anda a pé.

Ainda, ha pouco tempo, um cavallo esteve quasi partindo uma perna, pondo em risco a vida de quem o montava.

Indicamos esta necessidade ao zelo e cuidado de quem competir dar-lhe remedio prompto.

Riem uns, choram outros

Foi aberta no Bairro de Santa Cruz uma estação telegrapho-postal, melhoramento este que muito beneficiou aquelle bairro, que por estar bastante longe da estação central, e em vista da sua população ser já bastante, tinha jus áquelle melhoramento.

*

Os moradores do Bairro Alto protestaram energicamente, por meio de uma representação que entregaram ao sr. governador civil, contra o encerramento da estação telegrapho postal que existia na rua Larga.

A representação é assignada por grande numero de pessoas, parecendo-nos de toda a justiça não se privar os moradores d'aquelle bairro d'uma tal garantia.

Os poderes publicos devem attender o pedido constante da representação.

Os proprietarios da barraca de fan toches que existe ao Caes, foram multados em 1$000 réis, por terem dado alguns espectáculos depois de se lhes ter acabado o tempo porque tinham tirado a licença.

Sem prévio aviso, os fiscaes do sello cairam em cima daquella pobre gente, que alli procurava ganhar a sua vida, quaes lobos esfaimados sobre uma presa appetecida, para receberem a parte que lhes competia na multa.

Diz-se que o dinheiro roubado não luz; pois o adquirido á custa das lágrimas e da mizéria de infelizes, não pode dar muitos augmentos a quem se locupletar com elle.

França Borges

A campanha de reivindicação moral que o emérito e sympáthico jornalista, sr. França Borges, vem de levantar n'*O Mundo*, que magistralmente dirige, contra a influéncia corruptora de *O Século*, tem sido, e continúa sendo, justamente applaudida por todos os homens de bem e pela parte sensata e esclarecida da opinião.

O nosso prezado amigo e distincto collega, que iniciou a sua brilhante carreira jornalistica como simples, mas prestantissimo, *reporter*, conhece de perto os seus collegas da tam decantada fôlha da rua Formoza, trabalhando várias vêzes em companhia dêlles e por isso sabe bem apreciar a reprehensivel conducta daquêlles *condottieri* da imprensa.

A moralidade, que é a verdadeira norma duma conscienciosa narração, duma séria e sã descripção, foi sempre desprezada pela reportagem da fôlha do sr. Silva da Graça, recommendando êste ao seu pessoal noticias circunstanciadas sobre qualquer assumpto, compostas adrêde com o único e exclusivo fim de dispôr o ánimo dos leitôres para o maravilhoso e o phantástico em visivel deterimento da razão e da verdade.

E' sempre prejudicial a propositada adulteração de noticias; perigosa e altamente inconveniente o ministrar-se tam péssimo alimento ao espirito das populações, visto que a leitura, e principalmente a leitura barata de dezenas de milhares d'exemplares de fôlhas avulsas, a 10 réis cada um, é o pão da alma, como algures o definiu essa luminosissima e poderosa intelligéncia que se chamou João Gœthe.

E' pois o commettimento de um grave crime, revestido de todas as circunstáncias aggravantes, o que a decaída, moralmente fallando, é claro, redacção d'*O Sèculo*, vem ininterruptamente e conscientemente praticando, desde que o antigo orgão das aspirações revolucionárias dêste país, arriou a bandeira immaculada e altiva das suas gloriosas e patrióticas reivindicações, capitulando vergonhosamente com armas e bagagens ante a omnipotente e oppressiva oligarchia que o debilita e consomme o país, especialmente desde o funesto mallogro da insurreição do Porto, completando a sua defecção moral com o escandaloso augmento da sua prosperidade material.

O vendido a todas as situações começou então a sua escabrosa ascenção pelos atoleiros do poder, prestando-se a todas as suas transacções e corrompendo os seus numerosos leitores com uma leitura de fancaria adulterada, inspirado por um depravado critério jezuítico e levada a cabo, não com uma machiavélica e diabólica habilidade como muita gente bôa, e como tambem muito ingénuo julga, mas certamente facilitada por uma elevada percentagem de míseros analphabetos, incluindo nêsse deploravel número algumas centenas de leitores do *Carlos Magno*, da *Donzella Theodora*, da *Princeza Mangallona*, da *D. Francisca do Algarve* e doutras ineptas similares producções contemporáneas, ou quási do biblico Adão... *ainda antes do peccado!*

Num país affrontado pela elevada e perigosissima percentagem de 90 % de analphabetos, onde o méthodo de João de Deus apenas serve para fazer *réclame* nas vistosas montras das lojas da capital, ou nas estantes poeirentas das lojas sertanejas; num país onde a alta roda joga descaradamente a batota nos elegantes e perfumados casinos das encantadas praias do *Hig-Life* e onde a nossa *jeunésse dorée* se adextreja para caçadas e touradas, e as meninas para disputarem noivos com dinheiro, para dissiparem largamente no luxo, nas diversas corredouras feminis, não admira que orgãos como *O Século* disfructem uma grande e lucrativa circulação.

A inutilidade da campanha do sr. Borges no ánimo dessa gente, a quem a prodiga Natureza dotou generosamente com dois pés (até parece ironia do nosso bom Padre Eterno!), está largamente demonstrada; mas felizmente o seu precioso tempo está sendo maravilhosamente aproveitado por uma minoria illustrada e consciente, constituida pelos intellectuaes da Democracia Portuguêsa.

A França Borges, que sempre tem honrado as columnas da *Resisténcia* com a vivida inspiração do seu talento d'elite, nas suas apreciabilissimas cartas de Lisbôa, o nosso sincero applauso pela grandiosa, fecunda e patriótica obra de regeneração política, moral e social do nosso velho e querido país!...

FAZENDA JUNIOR.

A igreja a impôr-se

O *velhinho* do Vaticano notificou ás casas reinantes cathólicas, por intermédio da sua chancellaria, que não auctorizaria, de futuro, mais casamentos principescos ou reaes entre parentes.

Apezar de concordarmos com a doutrina de que os cruzamentos de raças sam necessários para a conservação da vida e robustês dos individuos, não deixâmos de achar original, para não dizermos deprimente, as *ordens* que o tal *velhinho* se julga no direito de dar aos chefes das nações que se dizem cathólicas.

Não consente os casamentos entre parentes das famílias principescas, tentando impôr-se assim aos soberanos e ás multidões anónymas, collocando os primeiros numa situação subalterna para com elle; mas um particular qualquer, logo que se esportule com a quantia marcada na tabella da igreja, pode casar-se com parentes os mais chegados possivel!

Mas descansem todos os principescos que desejarem casar se com parentes, que as affirmativas do chefe da igreja modificam-se segundo as conveniencias e interesses da politica do papado.

A questão é de se lhe procurar o geito.

E mesmo é de conveniencia para nós que os casamentos se continuem a fazer entre os reinantes aparentados, para ver se a raça se extingue mais depressa.

Que no periodo da degenerescencia já ella se encontra.

O sr. França Amado tenta construir no terreno do theatro D. Luís uma série de casas baratas para operários, tendo sido o projecto elaborado pelo considerado architecto sr. Pinto.

Era um bom serviço, principio de saneamento do antigo bairro que agglomerava, como de costume, á volta da igreja de S. Christovam.

Em Coimbra era de necessidade reformar as habitações miseráveis em que vive a gente pobre e que sam um foco de insalubridade, um disseminador activo da tuberculose.

Na rua Direita ha casas duma miséria e abandono extremos. Nalgumas ruas, as habitações baratas, as casas térreas, que se alugam a operários sam talhadas, como covas, no terreno, húmidas, sem ar nem luz.

No caso de se levantarem difficuldades á execução do seu plano, pensa o sr. França Amado em tornar a edificar o theatro D. Luís, dotando-o de todos os melhoramentos modernos, exigidos pela hygiene e pela arte scénica.

Opinião auctorisada

O que em seguida publicâmos, é transcripto do *Movimento Médico*, com cuja doutrina concordamos plenamente.

Sublinhamos, porém, algumas linhas por se referirem á falta de competéncia dos médicos hygienistas, por nós já registada.

«**Substancias alimentares.**—Com um alarme justificadissimo e por entre uma indignação que nunca será sufficiente, a imprensa noticiosa communica-nos a existencia de uma extensa falsificação de farinhas feita no Porto, ou redondezas, que parece datar de largos annos, na mais impudente e deslavada impunidade. E' um caso merecedor de registo para ser submettido á critica inexhoravel.

Felizmente o paiz tem hoje muitos funccionarios de saúde; estão em plena actividade alguns laboratorios de hygiene, e outros em via de indispensavel desenvolvimento; um assumpto destes póde porisso liquidar-se conscientemente e definitivamente, a bem da saúde de todos nós, que suppomos valer alguma coisa; além dos recursos materiaes de que se dispõe para essa liquidação, ha a boa vontade do pessoal a quem esses serviços estão entregues, que com verdadeiro desinteresse se occupa activamente de tudo quanto as auctoridades lhe sollicitam, e no Porto mesmo por fórma primorosa. Ha pois todos os elementos necessarios para se apurar a extensão e a intensidade do mal; é preciso que as auctoridades respectivas e competentes providenceiem energicamente, decididamente, sem contemplações de nenhuma especie, porque nisso cumprem um dever profissional e social indeclinavel. *E o facto de agora, sendo um symptoma ruidoso, mostra bem quanto os professores de hygiene têem de fazer para realisar uma missão que a ninguem mais compete, e que respeita á preparação das futuras gerações de medicos, que têem de ser as sentinellas vigilantes postas de guarda á saúde publica.* E' absolutamente indispensavel que os laboratorios trabalhem, e que assentes nas suas conclusões os tribunaes procedam desapiedadamente na therapeutica desta pathologia social, castigando severamente os falsificadores de alimentos, que são dos elementos mais perniciosos, mais nocivos e mais indignos da sociedade moderna.»

Segundo informações mais auctorisadas, pois vêem consignadas nos orgãos mais ligados aos ministros, não será provido o cargo de vice reitor da Universidade, podendo o sr. reitor, quando se ausentar, escolher o lente que o ha de substituir durante a sua ausencia ou impedimento.

Volta-se assim a pôr em uso uma praxe muito antiga, que já ha muito tinha passado á historia.

Ainda bem.

O conselho geral de agricultura vae reunir, para tomar conhecimento de algumas irregularidades, que se dizem commettidas na Escola Pratica Central de Agricultura de Coimbra.

Partiu para Lisboa o distincto sportman dr. Taváres que vae tomar parte nas corridas de automoveis que vam realisar se na capital a favor da liga contra a tuberculose.

No theatro Principe Real anda-se procedendo a obras por fórma a augmentar o número de camarotes e a restringir a área da geral.

Facilita-se tambem assim a policia do theatro.

Já foi remettido ao respectivo ministério, pela direcção das obras públicas dêste districto, o ante-projecto da estrada real n.º 58, entre a avenida esquerda da ponte metállica sobre o Mondego, na Figueira da Foz, e a povoação da Galla.

Já regressou do Gerez, para onde havia partido ha tempo, o nosso estimavel assignante sr. José de Sousa Gonzaga.

Deve partir ámanhã para a praia de Ancora, acompanhado de sua ex.ma família, o nosso prezado amigo e correligionário sr. José Marques Baptista, societárto da emprêsa dêste jornal.

Uma bella temporada de banhos, é o que lhe appetecemos.

Pediu a demissão de presidente da Associação dos Artistas de Coímbra, o sr. Francisco da Fonseca, por se julgar desconsiderado, em consequéncia de ter sido feita uma convocação sem elle ser ouvido.

Na reunião que hoje se realisa, será tratado largamente o assumpto.

Que a sr.ª da paz se metta de permeio e tudo acabe em bem, sam os nossos votos.

Do nosso estimavel collaborador M. B. de Luso, temos em nosso poder uma carta, que publicaremos no proximo numero.

Noticiam os nossos collegas locaes que brevemente vae apparecer á luz, nesta cidade mais um collega.

Será progressista e collaborado por os maioraes do partido e por elementos saídos do *Liberal*.

Então *O Tribuno Popular?*

E' reformado, é posto a meio soldo, é deitado á margem?

Mysterio...

Já se encontram vereneando em Buarcos, os meninos orphãos desta cidade.

Na sua passagem pela Figueira levavam á frente, tocando uma bonita marcha, a sua fanfarra.

LITTERATURA E ARTE

AOS BOERS

Ides partir p'ra a vossa terra bella!...
Ide! Ao deixar a terra portuguêsa,
Passado o Algarve, encontrareis a estrella
Dos Reis-Magos, no ceu, de novo accesa.

Guiar-vos-ha, entre palmas e entre ramos,
Longe de nós, a linda estrella ideal...
Até lá basta a prece que entoamos!
Até lá basta o ceu de Portugal!

Sêde felizes! A' vossa alma forte
O que trouxe a bandeira d'Inglaterra?
Continuareis amando até á morte!
O que ides encontrar é a vossa terra!

São os que eu amo aquelles que aqui estão,
As nossas crenças só as verdadeiras
E o mundo o que nos vae do-coração,
Em ancia, até ás linhas das fronteiras.

Mundo que o mar aperta n'um abraço,
Gritando em tudo a nossa intrepidez,
O que fica p'ra além? Mais um pedaço
De terra aonde o sol não dá talvez!

Com as ondas aos pés, sempre a procella
Ao pé, é claro que ha de haver escolhos;
Os nossos lindos corações á vella,
E' o mar apenas que nos molha os olhos.

Terra de heroes e de poetas, canta
Tudo em nós hoje uma doirada esp'rança;
Até as pedras nosso olhar levanta!
Até as almas nosso amor as cança!

Luctar, vencer! n'um peito de soldado
E' onde bate o coração mais puro...
Que diz a Historia? a gloria do Passado!
E o Passado? a certeza do Futuro!

Isto o que eu penso e toda a gente sente,
Isto o que está dentro de vós, Irmãos,
Que brandis uma espada como a gente
E, como nós, ergueis, p'ra o ceu, as mãos.

Mas dêste forte e glorioso povo,
A' terra onde descançam vossos paes,
Alguma coisa vós levaes de novo,
E' a saüdade que d'aqui levaes.

Terra santa, que olhastes tantas vezes,
Vós longe a lembrareis, já a choraes!
Tereis saüdades como os portuguêses,
Que tem essa palavra e poucas mais.

Guedes Teixeira.

Cartas do Porto

13—VIII—902.

Passei o dia de hoje num quartinho da rua de Malmerendas, acanhado e com pouca luz, laboratório onde um rapaz amigo, cheio de talento, vai materialisando pedaços da sua grande alma de artista, em trabalhos esculpturaes de incontestavel valôr.

O *atelier* fica no rez do chão, e pela janella gradeada, coa-se uma luz fraca, que vem acariciar os bancos de trabalho. Nos pannos das paredes estampam-se telas de estudo e esboços vários. Ao canto, uma bacchante, de cara afogueada, peito nú, e cabellos soltos, saccudidos por uma onda de prazer e num grande espasmo venéreo, verga-se como um arco de flexa. Mais acima, a carranca dum tympano escancara a bôcca num riso alvar e bruto. Aquí, o busto dum moço imberbe, fita me tristemente, com os olhos ainda sem pupillas. Acolá, um Caim, cheio de remorsos, crispa os dedos, e torce o corpo todo, num grande arrepio de allucinado. E enquanto pelas paredes escorrem as telas e os desenhos, e pelos cantos pairam os bustos e as estatuetas, no chão, numa artistica desordem, amontoam-se os esboços de um sem-número de trabalhos. Nêstes montes de barro abandonados, advinham se ainda trechos da vida que os seus dedos modelaram.

Na bella pasta cinzenta, envelhecida, toda gretada, percebe se ora um gesto de supplicio e afflicção, ora um braço que se desdobra num vago menéio sensual, ora um tronco de athleta, que ondeia numa contracção forte e vigorosa, ora, uma jarra elegante que eleva num lance de altivez, a garganta esbelta e bem torneada ora o rosto diabolico de um touro, com os cornos retorcidos e as barbas espalhadas num grande capricho ornamental, gargalhando satyricamente por entre os moldes. Emfim, por toda a parte, fermenta nos montes de barro, e nas manchas de tinta e de crayon, uma onda de vida, um pedaço da alma do artista modesto, mas muito talentoso, que eu, numa religiosa adoração, estive vendo arrancar á pasta humida e fria de um barro acizentado, o perfil encantador de uma mulher fresca como uma alvorada e que sorri angelicamente sob um fino toucado de papoulas.

Julio Vaz, esculptor-decorador, alumno premeiado da Academia de Bellas Artes, artista em cujo *atelier* passei o dia de hoje, está modelando prezentemente um riquissimo centro de meza, estylo novo, encommenda da grande Ourivesaria Reis, da rua de Santo Antonio.

A figura que vi modellar é um dos motivos ornamentaes dessa bella obra, que com certeza virá louvar e muito, o nome já considerado do nosso artista.

C. F.

Está a banhos na Figueira da Foz, o nosso presado assignante, sr. José Simões, desta cidade.

Mais um

Chegou, na quarta feira, pelas 3 horas da tarde, a esta cidade, mais um automovel, para a Emprêsa Automobilista Portuguêsa.

Foi comprado pelo sr. José Monteiro de Carvalho e Albuquerque, de Pomares, que para alli seguiu na quinta-feira, no seu automovel, que é da força de 9 cavallos, e veiu da Figueira para aqui já a funccionar.

A emprêsa espera brevemente outros vehiculos, que tem encommendados, alguns dos quaes já vêem destinados para vários compradores.

Le monde marche...

Foi promovido a 2.ª classe o professor da escola de ensino primário da freguesia de Covas, do concelho de Taboa.

Ao secretário geral do districto de Coimbra, sr. dr. Manuel José Massa, foram concedidos 40 dias de licença.

José Marques Ladeira & Filho, participam aos seus amigos e freguezes que mudaram o seu estabelecimento para a Praça 8 de Maio, n.º 4, junto á egreja de Santa Cruz.

A fim de fazerem serviço na Figueira da Foz, durante a quadra balnear, partiram para aquella cidade os aspirantes da estação telegrapho-postal de Coimbra, srs. Cypriano Dias Simões de Carvalho, Innocéncio Augusto Gouveia e Domingos Ignácio da Silva, e Trinta Junior, da estação de Viseu.

Tem estado nesta cidade o nosso amigo dr. Jeronymo Silva, distincto medico em Poiares.

Pergunta innocente?

Qual é a razão porque ao gatuno e desordeiro Antonio d'Assumpção Novo, vulgo o *Martello*, do Sobral de Ceira, se não obriga a cumprir a penalidade anterior á ultíma que já cumpriu, apezar de entre a primeira e a segunda terem medeado uns seis mezes?

Da primeira vez não apresentou attestado de pobreza e portanto tem de satisfazer as custas e multa em que foi condemnado, ou paga-las na cadeia.

Parece que em Coimbra ha uma certa *predilecção* da parte das auctoridades e empregados pelos gatunos!?...

Se não formos ouvidos ainda desta vez voltaremos ao assumpto, mas pondo mais os pontos nos ii.

Companhia de Seguros Indemnisadora
PORTO
Toma seguros n'esta cidade
João Lopes de Moraes Silvano

ANNUNCIOS

Agradecimento

O mais intimo reconhecimento ao digno director do **Collegio Mondego**, o ex.mo sr. Diamantino Diniz Ferreira, pela proficiencia, zêlo e carinho com que foi leccionado na instrucção primaria meu filho Hermano Ribeiro Arrobas.

São tantas as acções meritorias praticadas por tão illustre obreiro da civilisação, que o receio de feril-o na sua modestia me leva a dirigir-lhe sentidamente estas palavras: o meu coração agradecido e a perduravel gratidão de meu filho pelo seu exame.

Coimbra, 15 de Agosto de 1902.

João Ribeiro Arrobas.

Figueira da Foz

Aluga-se, agosto e setembro, um 1.º andar, bem situado, confortavel e hygiénico.

Para tratar com João Gomes Moreira, rua Ferreira Borges — Coimbra.

Arrenda-se

No páteo pequeno da Inquisição, uma boa casa que póde servir para celleiro ou para qualquer associação.

Trata-se na rua Ferreira Borges, 95.

Consultorio dentario

Figueira da Foz—Rua Fresca, 43

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

De 15 de Agosto a Outubro — Consultas das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

Arrenda-se ou vende-se

Uma bella propriedade de terra lavradia, com pomar e vinha, casas de habitação, curraes, eiras e grande abundancia de agua, sita na estrada de Mira, ao 1.º kilometro, a partir da Figueira, e por isso muito proximo desta cidade.

Para tratar no Passeio Infante D. Henrique, n.º 7.

Não obsta o contra annuncio inserto no n.º 1:086 da *Gazeta da Figueira*, de 6 do corrente, porque a questão que se ventila diz respeito á mota que existe entre este predio e o do dr. Augusto Eduardo Ferreira Barbosa, de Coimbra, e cuja decisão, seja ella qual fôr, nada influe nas condições e valor do predio aqui annunciado, como aquelle dr. Barbosa muito bem sabe.

Sophia, 167

Ha para vender 2 bilhares, sendo um de pau preto e outro de mogno, bem como estantes e portas envidraçadas. — **F. Lobo.**

(39) Folhetim da "RESISTENCIA,,

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA

DO

CONVENTO

XVIII

Apezar da exclamação, que lhe havia escapado, Lambrune não tinha afinal perdido o sangue frio deante da declaração de Emmanuel.

A reacção devia por isso ser mais sensivel. Parecia-se com o ferido orgulhoso, que reage contra o golpe de que está ferido, emquanto o inimigo está em face d'elle, e que cahe depois numa curva como uma simples ave ferida por uma carga de chumbo.

Mal Argouges desappareceu, o coronel deixou-se cahir fulminado sobre o banco em que se havia sentado antes d'aquella conversa.

E então começou por se accusar a si mesmo. Era um rival de vinte e três annos, que elle deixára junto de Herminie, ao affastar-se de Villy.

Como é que, com a sua experiencia, e depois das primeiras suspeitas que tivera, não desconfiára do que se dava? Bem sabia que Emmanuel não estava apaixonado pela prima, e assim havia tudo a temer do contacto quotidiano daquelle rapaz com M.elle de Croisy. Para elle era a novidade, o que era muito para aquella edade, mesmo não sendo a belleza, que acaba com tudo.

Por acaso elle mesmo, Lambrune, com os quarenta e oito annos, que elle chamava a sua razão, teria hesitado entre Alice e Herminie, admittindo que M.elle de Villy estivesse livre de compromissos? Era na verdade ser muito burro, pensava Lambrune.

Depois, seguindo o curso das ideias, perguntava o que se teria passado ao certo depois da sua partida. Teria tido Emmanuel o amor mudo, ou teria dado a conhecer os seus sentimentos a Herminie?

Os namorados mais reservados acabam sempre por se declarar, quando não seja doutra forma, por uma palavra por um olhar. Herminie, com a sua finura, tinha certamente avaliado o alcance daquelle olhar e as consequencias daquella palavra. Não devia ignorar nada, aquella pensionista, a quem o silencio forçado da casa de M.elle de Fayolles tinha além disso aguçado a observação; mas ter se-ia ella tornado cumplice de Emmanuel?

Grande ponto de interrogação para Lambrune. Nesse caso teria sido illudido por mademoiselle de Croisy, como um namorado de vinte annos: ella tinha um motivo occulto para lhe recusar a mão.

— Imbecil! imbecil! repetia o coronel, dando sobre os joelhos palmadas, que soavam alto.

Não estava todavia certo da cumplicidade de Herminie, e, graças á robusta fatuidade, que distingue todos os homens, quando uma mulher lhes possue o coração, não queria render-se á força das deducções; mas prometteu a si mesmo usar todos os meios para descobrir a verdade.

Singular noite aquella!

— Meu caro Roland, fazia observar Villy, dir-se-ía que estás triste como um barrete de algodão, se quizesse calumniar os barretes de algodão da Normandia.

Graça dum homem amavel, que tinha tido na vida apenas o unico desgosto de perder a mulher, e cuja uniformidade de physionomia revelava a do bom humor. Tinha o caracter correcto e doce, como a physionomia, e era o primeiro a gosar do prazer dos outros.

— Eh! meu amigo, respondeu Lambrune, tu sabes o ditado: «Soldado velho...»

— Não acabes ou levantamo-nos todos em massa para protestar.

— Talvez tu tenhas indulgencia por toda a gente.

— Ih! Se o pensasse, era um máu! exclamou Alice.

— Eu, Roland, accrescentou M.me de Villy com um sorriso de senhora velha, eu julgo que isso da sua parte é garridice.

— Minha senhora, disse então Herminie, era essa opinião que eu me não atrevia a formular.

— Ah! replicou o coronel, se M.elle de Croisy tem a bondade de me consolar, então tenho duplamente razão!

— Tome cautella, meu caro Lambrune, e não se calumnie a si e a M.elle de Croisy.

Eram as primeiras palavras que Argouges pronunciava depois do começo do jantar. De resto, o silencio delle não admirava Roland, que estava menos triste do que attento ao mais leve pestanejar de Herminie.

Tinha-se installado como espião implacavel do menor signal, que trahisse uma correspondencia secreta com Emmanuel; mas perdia o tempo. M.elle de Croisy tinha sempre a mesma firmeza de olhar e de attitude, e elle ficou mais uma vez convencido que, se ella havia percebido alguma coisa, nada havia auctorizado.

Herminie tinha muito bem percebido, e fôra só ella a perceber, a amargura do gracejo do coronel sobre a consolação que ella lhe offerecia.

Vira tambem ao mesmo tempo a solidez dos sentimentós, que lhe inspiráva, e que elle se debatia ainda contra a sentença que pronunciára na vespera.

Tinha já pensado nisso depois da recepção da carta de M.elle de Fayolles. Por muito possuida, que estivesse, do sonho, que partilhava com Emmanuel, M.elle de Croisy tinha relembrado mentalmente a sua conversa com Lambrune, e sentira a mordedura do remorso. Entre a inercia de Argouges, e os projectos a curto praso da velha Aurelie, entre o futuro incerto e o sacrificio meditado, tinha encontrdo o caminho da liberdade, a primeira salvação para ella, na independencia de um homem honrado que se conservava á sua disposição.

Fechara o sem o poder tornar a abrir; não havia consultado senão impressões, que se haviam tornado essas vivas para consumir todas as outras antes da ultima chamada de Aurelie, que de repente lançava sobre aquelle fogo a agua benta do convento. A' falta dos braços de Emmanuel, só lhe restava lançar-se nos das damas de Santo Agostinho.

A indifferença affectada, a alegria artificial de Herminie não enganavam Argouges sobre a natureza das suas preoccupações. Lia agora no seu pensamento á luz fugaz, que lhe illuminava os olhos, sem ter necessidade de ella os voltar para elle, o que Lambrune esperava em vão.

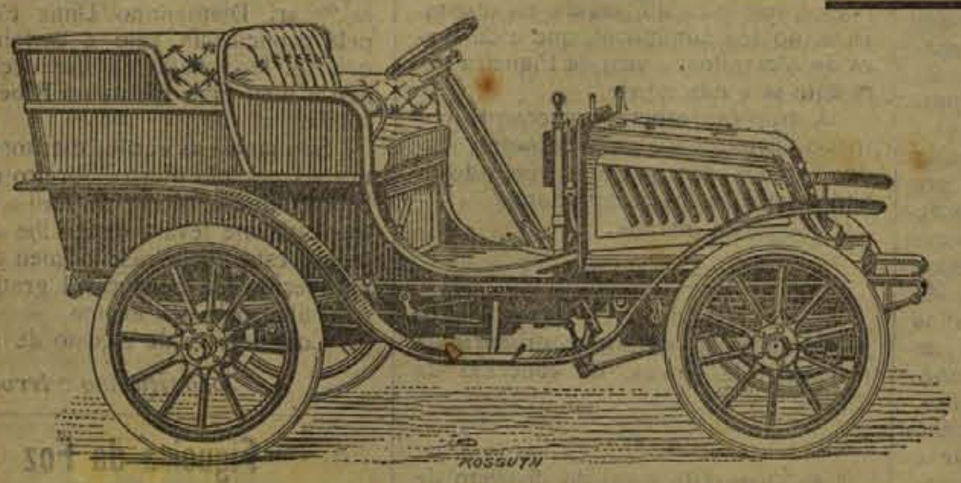
Por muito boa guarda, que fizesse o coronel, era-lhe impossivel não se distrahir um momento durante o serão. Esse momento bastou para que Emmanuel podesse, ao separarem-se, deixar cahir aos ouvidos de Herminie:

— A'manhã, ás duas horas, no curral.

(*Continua.*)

EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

AUTOMOVEIS DARRACQ



Para mostrarmos que os **"Automoveis Darracq,,** além de serem

Os mais elegantes, os mais baratos e os que menos gazolina gastam

Sam tambem

Os mais sólidos e os mais ligeiros

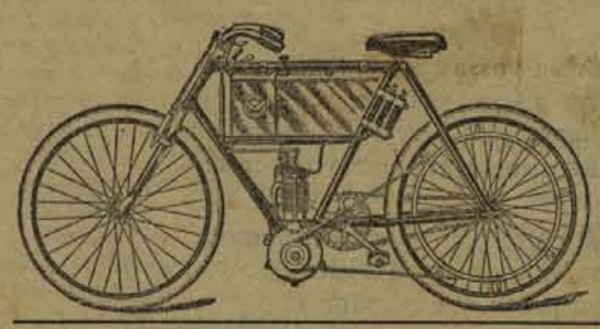
basta ennumerar algumas das suas victórias nêste anno:

1.º prémio na corrida da subida da Turbie

1.º prémio na corrida de Nice — 1.º prémio no Circuit du Nort

Nas grandes corridas Paris-Vienna bateu com carros do máximo 24 cavallos as carruagens «Dainler» de 40 cavallos, «Mors» de 60 cavallos e 6 carruagens de Panhard Levasseur de 70 cavallos!! ganhando o 1.º prémio na série de Vaituret; 2.º, 3.º, 4.º e 5.º na série de Vaituret legere e o prémio de classificação geral.

MOTOCYCLETTE "WERNER,,



A **Motocyclette WERNER** de 1 3/4 de força não precisa de rèclame, contudo diremos que nas corridas Paris-Berlim, Paris Bordeaux e nas subidas de Gaillon e Turbie-Paris Roubaire, Nice-Marseille, etc., etc., chegam sempre na vanguarda!

Nas grandes corridas *Le circuit du Nort* e Paris-Vienna quantas *Werners* partiram, quantas chegaram, apesar do grande temporal que fazia!! Déz de differentes marcas que disputavam o prémio nenhuma chegou!!

Recentemente em Portugal o Record Porto Lisboa feito debaixo de chuva e com estradas em péssimo estado.

Motores LURQUIN-COURDET de 1 1/4 cavallos de força applicavel a qualquer bicyclette

Adaptam-se nas nossas officinas e garante-se a sua superioridade a qualquer outro de egual força.

Dos automoveis "Darracq,, da motocyclette "Werner,, e do motor "Lurquin & Courdet,, sám unicos agentes em Portugal

LEÃO, MOREIRA & TAVARES — "Empreza Automobilista Portugueza,, — Coimbra

---

Espingardas

VENDAS A PRESTAÇOES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges = COIMBRA

Casa para arrendar

Arrenda-se uma boa moradia de casas, com tres andares e grande quintal, na rua João Cabreira, 21.

Trata-se com seu dono Alipio Augusto dos Santos, rua do Visconde da Luz, 90.

CURSO PRATICO

DE

Escripturação commercial

Abre desde já, para funccionar em Santa Clara, em dias alternados, das 7 ás 9 horas da manhã, sob a regencia de

M. d'Amaral

encarregando se tambem de balanços para trespasses, concordatas ou fallencias, e de partilhas entre particulares.

Informações podem os interessados obtel-as dos srs. Correia, Gaitto & Cannas, rua do Cego, 1 a 7 — COIMBRA.

LOJA DO MINHO

44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48

Deposito das ligitimas machinas **Singer,** instrumentos, musicas, Pianos, Bicycletas, occulos e lunetas.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos,** continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis.**

O proprietário,

José Maria Junior.

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de Cereja de Ayer — O remádio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmunar, frasco, 1$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer. — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. Frasco 1$100 réis.

O remédio de Ayer contra sezões. — *Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cartharticas de Ayer. — O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquesita preparação para aformosear o cabello

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

LUCCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

"EQUIDADE,,

Companhia de Seguros

Vida de animaes, fogos, fianças e rendas de casas

Preços muito reduzidos

Correspondente em Coimbra

Joaquim Antonio Pedro

Em casa do Sr. Antonio Rodrigues Pinto.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges COIMBRA

PASTLAERIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, a rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mésa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias,* etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Bicycletes com motor

R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

João Gomes Moreira

Estabelecimento de chapeus para sol e chuva

DE

JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA

20 — Rua do Sargento Mór — 24

COIMBRA

N'este antigo estabelecimento se concertam e cobrem de novo guarda soes, tanto de seda como de setim, de brilhantina ou de paninho.

Tambem se fazem guarda-soes novos e se fazem de varetas de todas as marcas, tanto redondas como elasticas, assim como todos os trabalhos concernentes á sua arte.

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 725 | COIMBRA — Quinta-feira, 21 de Agosto de 1902 | 8.º ANNO

O jogo e a educação nacional

A questão do jôgo é, nesta época de frequencia de praias e thermas, a questão da actualidade, e tem dado uma certa vida á politica mesquinha do nosso país.

A prohibição do jôgo entrou na phase alegre e fútil, em que entram as questões mais sérias, aquellas a que estám ligados os interesses sociaes mais altos, quando começam a ser tratadas pelas pessoas, a quem na vida importa apenas a alegria da sua ociosidade.

Para defender a liberdade do jogo, os que vivem da corrupção monárchica, que lhes garante a vida ociosa, argumentam contra a immoralidade dos que os sustentam, e dizem bem alto que a reforma moral dêste pais deve começar pelos altos poderes do Estado, e que os actuaes ministros não têem auctoridade para fazer refórmas, enquanto não mudarem de vida e de costumes.

Os inimigos politicos do sr. Hintze Ribeiro affirmam, que as medidas de repressão do jôgo de azar, iniciadas e sustentadas pelo actual chefe do partido regenerador, sam mais uma prova da sua incapacidade governativa, e que só a quéda do gabinete regenerador poderia livrar as praias da decadencia próxima e inevitavel, que as ameaça.

Os próprios amigos politicos do sr. Hintze Ribeiro affirmam baixinho, que sua ex.ª teria andado mais prudentemente, regulamentando o jôgo ou prohibindo-o, apenas, a mulheres ou a creanças.

E é esta a voz geral da imprensa monárchica, porque é esta a voz da corrupção.

O interesse superior da familia e do Estado é posto completamente de lado e attende-se apenas ao expediente de occasião.

Assim é o hábito inveterado pela politica nos costumes portuguêses.

Para rezolver uma reclamação de interesse local, attende-se apenas ás difficuldades do momento, sem olhar pelo interesse geral do país.

Assim faz o governo, quando estám em jogo os interesses mais sagrados do país, assim faz a monarchia para ir adiando a hora da derrocada final, para mitigar por um momento a insaciedade dos homens que a defendem.

O exemplo é de todos os dias. Acha-se assignalado duma maneira vergonhosa na discussão leve e superficial do convénio, levada tranquillamente pelos homens dos partidos monárchicos de Portugal, que se conservaram serenos deante do perigo da venda da pátria e se levantaram cheios de indignação apenas para protestar contra a voz que nobremente se levantava para denunciar o crime e fazer reconsiderar a cámara.

Apagado o furor rethórico, votou-se o convénio.

Tinha a politica portuguêsa conseguido o máximo: calar um homem honrado e deixar uma phrase para revista de anno, a entreter os ócios do inverno lisboeta.

Foi sempre assim a administração pública em Portugal.

Ha necessidade de dinheiro? Faz-se um empréstimo, hypotheca-se o trabalho nacional, põe-se a juros a felicidade e a vida do pôvo.

Depois se remediará, quando o perigo estiver passado, dizem os sabidos, quando tiver voltado a tranquilidade, que permitta a reflexão, o trabalho productivo, a economia.

Mas volta a tranquilidade e os homens da administração pública adormecem.

Agora que a vida das praias diminuiu um pouco pela falta de riqueza pública, pela péssima administração dos rendimentos do Estado, pelo excesso de ganáncia, que affastou das nossas praias a maior parte dos frequentadores extranjeiros, pensa-se em atalhar ao mal de momento e em estabelecer a liberdade do jogo.

No inverno se pensará socegadamente.

Para o anno se poderá de longe rezolver a questão.

E' o que dizem os que, enganados pelos ardis e as mentiras politicas, esperam num futuro próximo um governo duma outra facção politica, que possa, sem escandalo, destruir a obra de saneamento moral, que o sr. Hintze Ribeiro por acaso tentou, e que deve ter explicação bem differente da que ordinariamente se lhe dá.

E nêste país, em que a maior doença pública, o defeito mais grave da administração, é a falta da economia e do trabalho, todos pensam em estabelecer, com todas as seguranças e garantias legaes, o jogo, em toda a parte estigmatizado como a causa principal da desorganização da familia, como a origem da ociosidade, como a escola da dissipação.

E todos pedem que se volte ao antigo estado, em que as mães acompanhavam os filhos ás casas de jogo, lhes davam dinheiro para jogar, os aconselhavam com a sua experiéncia da arte do bom palpite, das operações mysteriosas que é necessário fazer ao número que sae, para se saber o número que vai ganhar e trazer o dinheiro cubiçado, a felicidade e a alegria.

Entristecia ver o sorriso, que as mães tinham a agradecer as palavras amáveis que diziam as outras senhoras aos filhos, gabando-lhes a sorte, incitando-os a continuarem.

Procurava-se numa superstição viciosa e repugnante surprehender o palpite das creanças.

Um menino, que ao collo da ama estendia o dedito para a côr brilhante de um número, tinha logo quem lhe seguisse o palpite.

E assim se formava a escóla de jogadores, ao collo das amas, sob o olhar carinhoso das mães.

Assim se preparava uma geração nova nêste país, que agoniza na ociosidade, nesta terra de dissipadores.

O Mundo

Ao illustre director de *O Mundo*, o valente jornalista França Borges, acaba de ser feita, em Lisboa, uma estrondosa manifestação de sympatia e agradecimento, pela maneira levantada e honrosa como elle se tem desempenhado da sua missão.

A brilhante campanha, que desde ha tempo aquelle nosso collega vem sustentando contra *O Seculo*, campanha que bem se pode chamar de saneamento moral, foi uma das causas que motivaram a homenagem que lhe foi prestada, não só por parte da imprensa independente da capital, mas por varias associações e grande numero de pessoas.

A mensagem, que foi entregue a França Borges, é um documento honrosissimo, que serve para attestar, que os serviços prestados á sociedade, nem sempre ficam sem a consagração publica.

França Borges é um jornalista de pulso, que honra o jornalismo e o partido, que desde ha muito vem servindo, com o maior desinteresse e dedicação.

A *Resistencia* associa-se do coração á homenagem que foi prestada ao director de *O Mundo*, juntando as suas saudações ás dos collegas da capital e das provincias que lh'as têem endereçado.

Noticias da côrte diziam que se havia vendido o rei de Portugal.

E affirmava se que fôra comprado por os inglêses.

O *Jornal do Commércio* exclarece a noticia, que nos havia sobresaltado:

«No tribunal de execuções fiscaes foi ontem a praça o vapor *Rei de Portugal*, a fim de, com o respectivo producto, ser pago ao sr. António dos Santos Bernardo, subrogado em todos os seus direitos da fazenda nacional contra a Mala Real Portuguêsa, *por divida de contribuição industrial*.

«O *Rei de Portugal* foi posto em praça por 45:000$000 réis e foi vendido por 70:100$000 réis á firma Pereira & Lane.

«Segundo consta o *Rei de Portugal* foi comprado por uma praça inglêsa.»

E' curioso como o acaso arma bem as coisas.

Vê-se a conveniéncia de mudar de nome ao vapor para não termos um dia novo sobresalto, ao lêrmos: O *Rei de Portugal* foi para a Terra Nova á pesca do bacalhau.

Créches

A beneficio desta benemerita instituição, realisa-se hoje um espectáculo, no *Theatro Guiñol*, ao Caes.

A iniciativa desta festa tomada pela Direcção d'aquelle theatrinho, honra-a muito, e oxalá que para coroar-lhe o caridoso emprehendimento o público acorra ao espectaculo de hoje.

Noticia uma fôlha da capital, referindo-se á abertura da caça em Lisbôa:

«Ontem foi dia alegre e festivo para o *sport* da caça. Entrou se em pleno campo de acção, que durará uns poucos de mêses.

«Para fóra de Lisbôa, á cata da caça, partiram muitos afficionados dêsse género sportico, que constitue uma das distracções mais interessantes, como sam sempre todas as que miram o determinado. A caça é um jogo, e, como todos os jogos, tem os attractivos do acaso.»

Um brazileiro, a banhos na Figueira da Foz, que se entretem a fazer *calembourgs* por não poder fazer batota, ao ler a noticia d'*O Jornal do Commércio*, commentou num grupo:

— Ora ai está um jogo, que o sr. Hintze Ribeiro, se fôr coherente, nunca lia de poder prohibir!

—E' capaz de tudo, disso e de mais.

—Isso é que não! Aposto uma garrafa de Champagne.

— Está apostado.

—Se a caça é um jogo, respondeu o brazileiro triumphante, o Hintze não póde *cassar*... a licença.

E ganhou a aposta.

Por signal que o Champagne era da Anadia, detestavel.

Ora ai tem o sr. José Luciano tambem para se não rir...

Inimigos do regimen

El rei foi á caça e um cortezão jornal da côrte informa solícito:

«Ontem El-rei foi a Mafra em automovel, acompanhado de seu augusto filho o Principe Real e do major Guerreiro, sendo esperados em Cuba, ao pé da ponte, pelos almoxarife do Paço e administrador do concelho.

«Sua Majestade esteve caçando, matando 2 gansos, 3 coelhos, 1 raposa, 6 rolas e 1 gaio, tendo avistado 8 javalis.»

Ver oito javalis e deixá los fugir.

O olhar real está sem poder magnético nenhum.

Como deixa o sr. juiz Veiga correr noticia tam perigosa?

Sobre a desisténcia de Santos Dumont a dar a volta á estátua da liberdade escreve um jornal de Lisbôa:

«Santos Dumont, que está na América, desistiu da sua projectada viagem em balão á volta da estátua da Liberdade no porto de New-York, e segundo se diz essa rezolução é motivada por desaccordo com os iniciadores da ideia. Volta para França a bordo do *Turena*.»

Talvez não seja êsse o motivo.

Santos Dumont pensou talvez que o relicário que lhe deu a sr.ª condessa de Eu e que o tem livrado de tanto perigo, não o auctorizaria, nem protegeria uma volta á estátua da liberdade.

Os relicarios da familia do Conde de Eu têem pouco valor na America.

Deixáram proclamar a republica do Brazil...

O conselho superior de instrucção publica concluiu o parecer favoravel ácerca da dispensa do exame de allemão aos estudantes matriculados no 1.º anno da Universidade. Comtudo não poderão ir a acto no 2.º anno sem apresentarem a certidão dêsse exame.

O parecer foi entregue ao sr. dr. Abel de Andrade.

Generosidade ingleza

Os inglêses, sempre attentos aos seus interesses, fizeram correr um telegramma, que os jornaes portuguêses transcreveram ingenuamente, com a máxima generosidade:

«*Londres, 15.*—O ministério das colónias desmente o boato de que os inglêses devem construir o novo porto de Lourenço Marques».

Temos de fazer o porto novo á nossa custa.

Até lá a generosidade inglêsa, deixar-nos-ha talvez a posse de Lourenço Marques.

Assim é a generosidade inglêsa que o *Novidades* deve conhecer de perto.

Gaba-a tanto. .

Cartas do Porto

18—VIII—902.

Sexta-feira passada foi dia de muitas festas, pelos arredores do Porto; mas como a de maior importáncia fôsse a da Senhora do Pilar, para lá encaminhámos os nossos passos, ao fim da tarde. Foi com esta intenção, que eu e um rapaz amigo, nos lançámos pelas ruas desertas e aborrecidas, que mais rapidamente nos podiam levar á ponte de Luís I.

Galgámos rampas, atravessamos largos, e pouca gente vimos. A cidade tinha o ar triste e aterrador de uma povoação abandonada.

De vez em quando ouvia-se o zumbir de um carro eléctrico e o *tlan-tlan* alarmante da sua sineta de aviso.

Algumas vezes, aquêlle carro passava por nós, rápido, abarrotado de gente, e parava aqui e além para recolher algum transeunte, em traje domingueiro, que parecia andar perdido pelas ruas desertas e abandonadas, onde os nossos passos echoavam.

Num portal, uma mulher esfarrapada, estendia uns peitos lassos, pendentes, denegridos, a um pequenito feio e sujo, embrulhado nuns pannos porcos, e que como um soffrego cachorro, chafurdava naquêlles peitos lassos, pendentes e denegridos.

Numa janella baixa de um quarto pobre, uma rapariguita pállida, devorava com o olhar duas *cocottes* provocantes que passavam, aninhadas num monte de rendas e sedas caras, balouçando-se no fundo da caixa de um *mylord*.

Um pobretão, junto a uma esquina, apanhava vagarosamente a ponta dum charuto. E no canto duma praça deserta, onde costuma parar o *eléctrico*, estacou, numa linha fria e severa, o vulto de uma senhora allemã, toda de preto, rígida e serena, com cabellos loiros, meio embranquecidos, a tez rosada e fresca, e o olhar, liquido, brando e azulino, como a água quieta dum lago, que reflectisse o azul sereno e desmaiado de um ceu muito limpido, á hora do sol-pôr. Interessou-me o vulto daquella allemã serena e aprumada; e quási sem querer, curvei-me ao passar por ella, numa grande linha de respeito. Pouco depois soube que aquella allemã serena e grave, fôra a legítima e amada companheira daquêlle grande homem, grande coração, grande carácter, que se chamou Rodrigues de Freitas.

Alguns minutos passados, encontrei-me no meio da gente que voltava do arraial; mas não sei porquê, appareceu me uma crise de nervos tal, que me fez manchar toda aquella folia, com um pessimismo de azedo e irreverente.

Impertinou me aquella onda de pôvo inconsciente e ignorante, que alagava o taboleiro da ponte, e começava a innundar as ruas da cidade. Impertinou-me a gritaria daquella multidão emborrachada, cheia de pó e de suor, rescendendo a sovaco e a pés, e tresandando a vinho e vómito. Impertinou-me a alegria selvagem dos grupos de caixeiros aos abraços em meretrizes baratas, ruidas pela moléstia, molhos de ossos e má carne, abafados em ondas de pós de arroz.

Aos balanços no meio da ponte, vi com nojo, passar toda aquella gente. Ao longe fitavam-me somnolentes, as luzes avermelhadas da cidade.

No rio, parecia ter caído uma constellação de planetas, e umas esteiras de luz bruxuleavem junto aos barcos. Além, para os lados do Repouso, caminhava uma serpente luminosa, formada pelas pequenas labaredas das tochas de um enterro.

Ao lado de mim, um grupo commentava com risos e chalaças as falsificações dos víveres.

Acolá, para as bandas da cidade, dentro de uma janella illuminada, lençol de luz, chapado no escuro, folgava

talvez em mêsa farta, algum dos *mixordeiros*. Contra as grades frias da cadeia, talvez tambem áquella hora se fincasse num grande desespero, cheio de dôr, ódio e sêde de liberdade, o rosto de qualquer pobre que alli estivesse espiando a sua sorte de miseravel, e o crime justo de roubar um pão para matar a fome.

No entretanto, ante mim, passava sempre num sapatear desordenado e num grazinar brutal de um festim selvagem, a multidão indifferente e ignorante.

Irritou-me todo aquêlle borborinho e, quási a fugir, vim para casa a scismar na indifferença daquêlle pôvo, pelos que o exploram, e mal governam, pelos que attentam até contra a sua vida, e o envenenam, e a scismar tambem na grande ignorancia de direitos e deveres, em que vive.

Nêsse dia de maus nervos, antes quizera ver a populaça, á luz sangrenta de uns archotes, num grande mar de gritos, com os braços erguidos numa raiva enorme de punhos cerrados e mãos armadas.

O que fazem os nervos, meus amigos!!

C. F.

P. S. Recebi o último número da *Resistencia* e nelle vejo salpicada de *gralhas*, a minha carta.

Sim, senhores; fizeram-na bonita! Põem-me bustos a *pairarem*, quando eu os tinha simplesmente *poisados*, arranjam-me montes de barro habilidosos, que até modelam, quando eu só me referia aos dedos do artista; acham *bella* uma pasta de barro, *velha*, toda gretada; põem *louvar*, quando eu queria *honrar*; e por fim arranjam-me um *touro* de barbas e cornos retorcidos! Não quero dizer que os não haja.

Pelo contrário, comigo muita gente affirma que os ha com bigodes, suissas, barbas á guise, á Christo, á passa-piolho, com mosca, sem mosca, etc., etc.; mas no meu caso, tratava-se unicamente da cabeça de um *fauno*.

Mais cautella, pois, senhor revisor, e senhores typógraphos, a quem eu, nêste momento, prometto solemnemente, e de hoje para o futuro, arredondar a lettra, e pô-la bem clara!

C. F.

A firma commercial do Porto, Cowerley & C.ª, entregou na segunda feira á commissão administrativa da camara municipal de Lisboa, uma proposta para o fornecimento de carnes verdes congeladas, vindas da Republica Argentina aos talhos municipaes, emquanto não vigorar o novo regimen.

A proposta a que nos referimos vae ser estudada, para vêr se a ganancia dos srs. marchantes acaba.

E, o que se faz em Lisboa, não se poderia tentar aqui, com vantagem para os consumidores?

Erro gravissimo...

O Norte, numa correspondencia desta cidade, a proposito da noticia publicada no ultimo numero da *Resistencia* sobre a estação telegrapho-postal do Bairro Novo, escreve:

A proposito. Uma folha d'aqui, noticiando hontem a representação, diz antes que foi aberta uma estação telegrapho postal no bairro de Santa Cruz, gabando o facto pela commodidade que se proporciona á gente desse bairro, «que por estar bastante longe da estação central, e em vista da sua população ser já bastante, tinha jus áquelle melhoramento.

Não ha mais nobre zelo de boa informação.

A noticia não é da invenção da *Resistencia*. Quem nos metteu em máus trabalhos e nos fez ouvir do correspondente daquelle collega coisas tam feias, foi *O Conimbricense*, que hoje explica assim o equivoco:

O nosso collega *A Vanguarda*, de sexta feira ultima, publicou a seguinte noticia:

«Abre ámanhã ao serviço a estação telegrapho-postal do Bairro Novo, Coimbra.»

Estranhamos a noticia, mesmo por não ser natural que se abrisse uma nova estação em Coimbra, quando se mandava fechar por falta de pessoal a estação do Bairro Alto.

Não quizemos, pois, dar a noticia sem nos convencermos da sua veracidade, e mandámos um nosso empregado á estação central fazer a pergunta. A resposta foi que effectivamente abrira a estação no Bairro Novo, e nós assim o noticiámos.

Fomos, porém, illudidos. A abertura de estação foi no *bairro novo* realmente, mas na Figueira da Foz e não em Coimbra.

Fica feita a rectificação.

Por o que se vê a responsabilidade deste grande e horrivel crime, que *O Norte*, na sua campanha contra os falsificadores, pôz em evidencia, a falsificação desta noticia não-alimentar, pertence á *Vanguarda*.

Denunciamos o caso ao *Seculo*, que pode aproveita-lo para um artigo sensacional, com o titulo em normando: *Quem sám os verdadeiros falsificadores—Nós e a Vanguarda—Campanha de moralidade...*

Bem mais merece este importantissimo caso.

O correspondente de *O Norte* termina a noticia por accentuar o nosso espírito inventivo:

«O que não admira, visto que para melhores invenções provou já que Deus lhe deu engenho e arte.»

Devolvemos êste último periodo á *Vanguarda*, ainda ha pouco livre, por milagre, dum attentado.

Nós andamos abandonados da graça do Senhor!

E para agradecer ao correspondente d'*O Norte*, a amabilidade que nos permittiu encher este espaço, agora que tam escassos sám os assumptos da actualidade e interesse, transcrevemos gostosamente:

«Mas, se ha verdade—e ha certamente—na informação que recebo de gentes do telegrapho, a tal estação em Santa Cruz, é apenas uma invenção do noticiarista do jornal.»

E' o reclamesito do estylo: *a boa informação do nosso solicito correspondente...*»

E' conhecido...

Transcrevemos mais da mesma correspondência:

«Uma agradavel noticia para os banhistas da Figueira. O sr. José dos Reis, negociante daqui, foi estabelecer, durante a epocha balnear, talho de vacca, vitella e carneiro, naquella praia fornecendo-lhe as carnes o arrematante do género em Coimbra. sr. Antonio Juzarte Paschoal, o que representa um penhor seguro de que vai haver naquella cidade ensejo de comer carne de primeira qualidade.»

Esperamos que, desta vez, não haja falsificação de noticia-alimentar.

Caridade evangélica

No hospital da Universidade falleceu na segunda feira o operário alfaiate Joaquim Lopes, que foi conduzido do depósito do mesmo hospital para a igreja da Sé, conforme é costume.

Uma carreta aguardava á porta o féretro, para dalli o conduzir, na terça feira, de manhã, para o cemitério da Conchada.

Sendo praxe estabelecida o sacerdote, que encommenda o cadaver, acompanhá-lo até perto do limite da freguesia, desta vez não succedeu assim, pois o pastor d'almas da Sé, declarou que não acompanharia o féretro, fóra da igreja, visto ir de carreta, e depois de ter assim cumprido os seus deveres de caridade evangélica retirou se para casa.

Um grupo de pessoas, que assistiu á scena, procurou dentro da Sé o reverendo, para, por meios suasorios, o levarem a cumprir o seu dever, mas não o encontraram, constando que elle quer perseguir, judicialmente, as taes pessôas, allegando que ellas fôram menos respeitosas dentro do templo, o que nos dizem ser menos verdadeiro.

Nós não censuraremos o procedimento do reverendo da Sé, pois que, havendo o registo civil, só quem quer é que se sujeita a soffrer destas e doutras.

E quem gósta, diz o ditado, sopeteia...

Não queremos com isto dar de conselho aos freguezes da Sé que molhem a sua sôpa...

Ponte sobre o rio Ceira no Sobral

A'quella pittoresca povoação foram, no domingo de tarde, os srs. presidente da camara municipal de Coimbra, vereador Nazareth e conductor Monteiro, afim de examinarem o local, onde se deve fazer uma ponte sobre o rio Ceira, ao fundo do lugar do Sobral, pertencente ao troço da estrada, que deve seguir do ramal de Ceira até a entroncar em Torre de Vera, com a estrada districtal que ali tem o seu terminus.

O melhoramento, a realizar-se, é de alcance, pois vai servir várias povoações de importancia, que até agora só communicavam por péssimos caminhos vicinaes, nalguns pontos até impossiveis de serem transitados por carros de bois.

Mas a boa vontade, que a ida dos elementos camararios áquelle lugar parece demonstrar, claramente, é posta em dúvida por o pôvo, pois por mais duma vez a construcção da ponte se tem tentado e sempre infructiferamente.

Como não se avisinham eleições e portanto é desnecessario armar ao effeito, ha quem acredite que desta vez as coisas estam melhor figuradas, pois se não houvesse bôa vontade e esperanças de conseguir bons resultados, não andariam com trabalhos os srs. presidente da camara e os seus collegas; contudo *até ao lavar dos cestos, é vendima*, como nos diz um antigo rifão, e portanto a duvida deve ser admittida, sem intuito offensivo, mas apenas como descrença de quem está affeito a vêr postas de parte as coisas de mais reconhecida utilidade.

O melhoramento é importante e justo, repetimos, e os que o levarem a cabo bem merecem dos habitantes daquella região.

Não ha nada como o verão para dar importancia ás coisas.

Tratâmos a ponte de Ceira, como a ponte da Figueira, ha tanto tempo desejada.

Para a comparação ser perfeita só falta que o sr. engenheiro da câmara erre os cálculos, como os engenheiros da Figueira.

Mas é lá possivel...

O distincto sportman sr. dr. Tavares de Mello acaba de obter um novo triumpho nas corridas que, como noticiámos, se realizaram em Belem, promovidas pelo *Sport Club* em beneficio da Assistencia Nacional aos tuberculosos.

Foi o sr. dr. Tavares de Mello quem ganhou o primeiro premio nas corridas de bicyclettes, montando uma *Werner*.

Felicitamos o sr. dr. Tavares e a *Empreza Automobilista Portuguêsa*, a quem pertence o exclusivo da bicyclete *Werner*.

Se alguem é capaz de dizer que isto é rèclame.

Por isso é que muita gente nos tem inveja...

O sr. general Almeida Pinheiro foi no dia 18 agradecer ao commandante e mais officiaes, do regimento de infanteria 23 a recepção affectuosa, que lhe haviam feito á sua chegada a Coimbra.

Foi recebido na sala de armas, que se acha decorada de armas antigas e modernas, elegantemente dispostas sobre as paredes forradas de um papel vermelho escuro, que faz destacar os brilhos metalicos das peças de armamento.

Deve-se a construcção desta casa ao sr. coronel Victorio de Freitas, que, com uma administração cuidadosa, tem conseguido reformar pouco a pouco o velho quartel, convento antigo e mau, a cahir de podre e de abandono.

Acha-se de lucto o sr. dr. Costa Simões, por fallecimento de seu irmão o dr. Joaquim Augusto da Costa Simões.

O fallecido foi transportado da sua casa de Almofalla, em que morreu, para a Mealhada, onde ficará no jazigo do sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões.

O cortejo funebre atravessou ontem, á tarde pelas ruas da cidade em direcção á Mealhada, seguido de um numeroso cortejo de trens, em que iam os amigos da familia enluctada.

Os nossos pezames.

Foi dada auctorização superior á camara municipal da Figueira da Foz para prover o logar de secretário da mesma câmara, com o ordenado annual de 360$000 réis e respectivos emolumentos.

Festejos a N. Senhora da Bôa Morte

Lorvão, a terra do historico e celebrado mosteiro, monumento nacional e tam despresado pelos governos, prepara-se para festejar nos dias 30, 31 e 1 de setembro a veneravel Senhora da Bôa Morte, uma das reliquias do sumptuoso templo das religiosas.

Este anno as festas serão revestidas de desusada pompa. Alem dos actos religiosos, para o que estám convidados os melhores cantores de Coimbra e a bem dirigida philarmonica *Bôa União*, haverá illuminações, pavilhão para danças, grande repucho e lago, explendido arraial e fogo preso no dia da festa, e diversos divertimentos.

Haverá tambem a inauguração de um grande forno para o bollo Santo!

Finalmente ha todos os elementos costumados e preparam-se outros para que os festejos sejam brilhantes e para que a concorrencia de povo encontre commodidades e leve as melhores recordações das festas de Lorvão.

Coadjuvado pela commissão da festa haverá um bazar em beneficio da *Tuna Lorvanense*.

Sob a presidencia do conselheiro Alfredo Le-cocq reüniu em Lisboa, no dia 18, a secção de ensino agricola do conselho superior d'agricultura, para discutir o regulamento da *Escola Nacional de Agricultura*, de Coimbra.

Não se chegou, porem, a tratar do assumpto para que a reunião havia sido convocada por, em signal de sentimento pelo fallecimento do conselheiro Elvino de Brito, ser levantada a sessão, logo depois de aberta, ficando transferida para hoje.

Na ausencia do sr. reitor da Universidade, que partiu para Rezende, esta fazendo as suas vezes o sr. dr. Avelino Callisto.

Um doido

Na povoação do Ulmeiro, distante de Alfarellos poucos kilometros, existia, havia já bastantes mêses, um individuo, de nome Bartholomeu, atacado de alienação mental, aggravada com a complicação do alcoolismo, vicio este a que o pobre louco muito se entregava.

A familia do desgraçado, em vez de consultar algum médico, applicava lhe rezas e umas certas beberagens aconselhadas por uma chamada mulher de virtude, isto é, por uma d'essas intrujonas que de vez em quando apparecem por essas aldeias e mesmo nas cidades, como nesta succede, a explorar os incautos, sem que as auctoridades se dignem pôr lhes termo, o que mais doido o tornava.

O desgraçado, vendo-se abandonado por completo dos que tinham a restricta obrigação de o vigiar, dirigiu se a esta cidade onde comprou um rewolver e as competentes cargas e voltando á povoação, onde vivia com a familia, suicidou-se dando um tiro no ouvido esquerdo, morrendo instantaneamente.

Pelo ministério da guerra foi auctorizada a verba de 493$000 réis para reparações a fazer nos telhados da cosinha do quartel de infantaria 23.

Tem augmentado consideravelmente a affluencia de excursionistas a Luso e ao Bussaco.

Acham-se completamente cheios todos os hoteis, havendo camas de dormir em aguas furtadas e nas salas de visita.

Ha difficuldade em arranjar lugar, mesmo com antecipação, tal tem sido a concorrencia áquella pittoresca estancia thermal, que promette ser de futuro uma das mais concorridas de Portugal.

No monumento tem continuado as obras, andando se a collocar o fogão monumental, que para lá fez o sr. João Machado segundo um projecto de Manini.

Estám quasi completamente arrancados os azulejos do collegio de S. Boaventura, a que aqui nos referimos, indicando a sua importancia para a historia da industria local, e que o sr. dr. Callisto, a pedido de Antonio Augusto Gonçalves, mandou arrancar com cuidado para serem expostas no museu de antiguidades do Instituto, onde se acha a valiosa collecção ceramica que tanto esclarece a historia da olaria em Coimbra.

A igreja, que vae ser transformada em aula de desenho para a Universidade; é alta e vasta, e communica com um pequeno claustro, que bastaria limpar para dar um ar alegre aquelle edificio tanto tempo abandonado.

A escada, que antecede o claustro e que abre para a rua dos Loyos, está hoje abandonada e suja, sendo facil e pouco dispendioso o seu arranjo.

Com pouco se poderia modificar o aspecto da antiga prisão academica, que até hoje, alli, tám perto da Universidade, tem ido cahindo ao abandono.

Com pouco se fazia d'aquillo um edificio alegre, com o claustro pequeno ensombrado por uma parreira vigorosa, com a cisterna ao centro, abrindo-se n'uma guarda de poço simples, com a ferragem antiga que sustentava os baldes.

E' uma edificação modesta, mas alegre, agora desfeiada por uns tabiques que facilmente se removeriam.

Digressão

Acompanhado de sua ex.ma esposa partiu hoje, em digressão pelas provincias da Beira Alta e Beira Baixa, o nosso prestante correligionário e amigo sr. Manuel José Telles.

Vai no seu bello automovel, contando demorar-se bastantes dias na sua peregrinação pelas pittorescas estradas e povoações das duas beiras.

Deve ser uma digressão encantadora, se algum contratempo não vier perturbá-la, o que estimâmos não succeda.

E as bellezas dum semilhante passeio, mais vale gozá-las, que julgá-las, mas julgue-as quem as não poder gozar.

O Seminario de Coimbra fará uma nova epoca de exames em Outubro, unicamente para os alumnos, a quem faltarem apenas um ou dois preparatorios para poderem matricular-se no curso de theologia.

O prazo para a entrega dos requerimentos dura de 20 de Setembro até 5 de Outubro.

O seminario de Coimbra abre no dia 1 de Outubro, devendo os alumnos do curso theologico dar entrada até ao dia 11 do mesmo mez.

Retirou para Lisboa o sr. general Montalvão, sendo substituido pelo sr. general Almeida Pinheiro, que chegou a Coimbra no domingo, indo espera-lo as tropas da guarnição.

O sr. general Montalvão era em Coimbra estimado e respeitado pela afabilidade e interesse, que lhe mereciam todos os que tinham de pedir os serviços de s. ex.ª, e pela nobreza das suas qualidades de caracter altivo e bom.

Foi para Lisboa assumir a direcção da Escola do exercito, e tomou posse no dia dezoito, sendo recebido pelo tenente-coronel, segundo commandante, coronel Marrecas Ferreira, major Vasconcellos Porto, Fernando Maia, major de cavallaria e mais officiaes de serviço.

Muito ha a esperar da illustração do sr. general Montalvão, que tem no cargo elevado que vae exercer, occasião azada de mostrar o seu saber, e o seu fino tacto de administrador e educador.

Os ordinandos da diocese de Coimbra, que queiram concorrer aos beneficios, que o Seminario d'esta cidade distribue cada anno, têem de apresentar os seus documentos desde o dia 1 até 15 de Outubro.

Foi remettido ao conselho superior de obras publicas, devidamente reformado, o projecto da estrada de serviço municipal de Coimbra ao Botão, a entroncar no ramal de E. D. 73, lanço unico de Pedra d'Alva á Pampilhosa.

Abriu ontem a antiga feira de S. Bartholomeu.

Algumas barracas ainda ontem não estavam concluidas, devendo tudo estar a postos para o dia 23, que é o melhor dia de feira que os barraqueiros devem ter.

Algumas barracas estám arranjadas com gôsto, sendo a sua illuminação profusa, o que mette um bonito effeito e torna mais bello o passeio ao caes nestas tépidas noites de verão.

CARTAS DA PROVINCIA

Luzo, 15 de agosto

Muito obrigado pela publicação da minha carta. E mal alinhavada era, mas dictada pelas melhores intenções e como um echo fraquissimo do sentir da maioria do partido, que vê passar as occasiões sem as aproveitar, por falta de uma organização sólida e prática.

Sei muito bem que um partido, sem possibilidade próxima de governar, está sempre ameaçado de dissolução, porque, por maiores enthusiasmos que os soldados desse partido tenham, vem a acção do tempo, a continuação dos sacrificios que é preciso fazer dia a dia, e por fim o desánimo e o cansaço. Se, porém, a organização é prática e os homens que estám á frente dêsse partido combatem apenas pelo bem da pátria, sem mira no interesse immediato, essa dissolução não se dá, e antes se solidifica a sua fôrça.

No partido republicano ha dedicações como em nenhum outro partido. Ha, em todos os pontos do país, homens cheios de um ardor e uma fé inabalaveis.

Na esperança de ver resurgir uma era nova, que tire a administração do país a êsses bandos que o têem empobrecido, êlles luctam quási sem auxilio, soffrendo toda a sorte de decepções, sem uma quebra de energia, sem um desfallecimento.

Para que estas energias se aproveitem, para que êsses luctadores redobrem de esforço, é convenientissimo que os que estám retirados da vida activa da politica, lhes dêem a sua fôrça, a sua confiança, afim de completar a sua organização e fazer entrar todas as fôrças vivas do partido numa disciplina rigorosa e útil.

A imprensa, que é inegavelmente uma das fôrças mais poderosas do partido republicano, precisa de ser submettida a essa disciplina de orientação e lucta, recebendo em troca o auxilio de todo o partido.

Um jornal bem orientado, bem feito, com secções variadas e úteis, encontra sem difficuldade êsse auxilio. O *Século* é um exemplo. Enquanto esteve republicano, e tinha á sua frente homens devotados á causa republicana, que o orientaram e que o mantiveram como elle esteve nos seus primeiros annos, o público lia-o e dava lhe o seu favor.

Se o partido republicano fez aquelle jornal, que mais tarde infelizmente o traiu, ainda hoje póde repetir aquêlle feito com o mesmo enthusiasmo e com a mesma bôa vontade.

Organizêmo-nos, pois, desciplinemos as nossas hostes e que volte a fé antiga a todos os que andam affastados, e verám do que o partido republicano é capaz.

Ha nos republicanos um costume mau: é não se auxiliarem mutuamente e dizeram mal da sua imprensa e dos seus homens.

E' frequente ouvir-se a crítica acerba de uns contra os outros. Se um correligionário faz um acto, que desagrada a outro, embora dêsse acto haja utilidade para a cauza, a malidecéncia vem logo, chegando a hypotheses offensivas e criminosas.

E' defeito de raça.

Dizia já o nosso Rodrigues Lobo que os portuguêses sam homens de ruim lingua.

Ora é preciso que êstes processos acabem, que se edoquem essas grandes massas, dando lhes os dirigentes exemplos salutares, para serem seguidos e fugindo de retaliações que deprimem.

Não é a fuga e o desánimo a bôa qualidade dos generaes.

Estas questões, que aqui esboço, tam ao correr da penna, convinha que fôssem tratadas por quem tivesse a precisa competéncia.

A *Resistência*, que por mais duma vez tem advogado, com a auctoridade que possue, a necessidade da organização do partido republicano, poderá mais uma vez prestar um grande serviço, abrindo uma discussão sobre êste assumpto, fazendo com que se generalizasse e seja proficua.

*

Tem continuado a chegar muita gente para fazer uso das águas e para passar aqui alguns dias de descanço, á sombra do copado arvoredo que faz o encanto destes sitios.

No *Hotel Luzitano* estám 115 hóspedes e nos outros tambem muita gente.

Hospedes conhecidos têem vindo: —António Maria Pimenta e sua familia, capitão Lemos e filha, Ayres Pinheiro e esposa, José António dos Santos, dr. Aureliano de Mattos e familia, Francisco Maria de Sousa Nazareth e sua esposa, dr. João de Menezes Parreira, tenente coronel Leão, esposa e cunhadas, e muitas outras pessôas cujos nomes me não lembram.

No *Grémio* já se tem dançado muito, mas a animação é pequena. A fórma, como está estabelecido o serviço e a illuminação, é má e necessita ser modificada. Feito isto poderá ser que aquella casa volte ao que foi em outros tempos. Enquanto assim estiver, todos fogem daquella athmosphera impregnada de fumo de petróleo e de aborrecimento.

Os passeios têem-se generalizado e á tarde, por todas as estradas que saem de Luso, se vêem ranchos de formosas damas e cavalheiros na mais descuidada alegria.

*

Continúa passando incommodado de saúde o nosso dedicado correligionário e prestante cidadão sr. José António Dias d'Almeida, que com sua dedicada esposa se encontra aqui tencionando demorar-se até ao principio do inverno.

Tambem tem passado incommodada a espôsa do sr. dr. Saraiva da Rocha distincto clinico de Azambuja.

Saraiva da Rocha fazia parte do célebre grupo dos estudantes republicanos, onde militaram António José d'Almeida, Silvestre Falcão, João de Menezes, João José de Freitas Bigote e outros.

Estimamos as melhoras de tam sympática senhora.

M. P.

Figueira da Foz, 20—8—1902.

Com referencia ao caso por nós narrado, na penultima correspondencia, e que tanta sensação produziu, temais um promenor curioso.

Declara-se na *citação feita* ao importante capitalista sr. *Joaquim Antonio Simões*, que este cavalheiro se recusou a assignar e por isso assignaram duas testemunhas, para comprovarem o facto.

Ora tal citação não se fez, conforme já demonstramos, e portanto o dizer-se que elle se recusou a assignar uma coisa que não se realisou, é caso de eternas luminarias.

Escusado é dizer, que os nomes das duas testemunhas que figuram no documento alludido sám imaginarias, o que torna o caso mais extraordinario.

E, apezar de havermos narrado um tám sensacional acontecimento, ha bastantes dias, os tres jornaes da localidade continuam calados!

Mas nós havemos de continuar a desvendar mais alguns mystérios...

*

Parece que os commerciantes de fóra desta cidade, que têem estabelecimentos abertos no bairro novo, têem sido victimas de excessos de rigor, por parte do pessoal encarregado da fiscalisação.

E' que parece existir contra elles uma certa má vontade, bastante para extranhar, pois vêem trazer a esta cidade a sua cooperação, para os banhistas encontrarem todas as coisas necessarias ao seu bem estar e satisfação dos seus desejos, e portanto não devem ser hostilisados.

Algumas multas injustas, denotando mais do que excesso de zelo, e uns escriptos bem pouco cordatos dum commerciante d'aqui, publicados na *Gazeta da Figueira*, sám demonstrações bem pouco para louvar, e que servem para fazer crer aos extranhos que o commercio da Figueira não está nas condições de poder lucrar com a concorrencia dos de fóra, o que é deprimente para elles e até injusto.

Diz o antigo rifão: que o sol quando nasce é para todos; e assim é, pois a concorrencia faz baratear os artigos e estabelece a emulação, donde resulta a vontade de aperfeiçoar e bem servir.

E quanto aos rigores do fisco será bom que se moderem, para que se não diga, que a exploração é ordenada pelos chefes e duplicada pela avidez dos executores.

*

A Figueira está nos seus tempos aureos. Até ao fim de outubro veste as suas melhores galas e está em festa constante para obsequiar os seus hospedes.

A animação é grande e conta-se que no proximo mês augmente ainda mais.

E' que poucas praias possuem tantas bellezas naturaes e artificiaes, e proporcionam aos seus frequentadores as distracções e commodidades que a Figueira lhes offerece.

Bem merece, portanto, a decidida preferencia que lhe concedem todos os amantes do bello, do que é util e commodo.

A lhaneza dos habitantes desta cidade, tambem concorre para que os hospedes, que aqui venham num anno, voltem no outro a visitar-nos.

Ainda bem.

COSMOPOLITA.

EXPEDIENTE

Aos nossos estimaveis assignantes, em divida do 1.º semestre de assignatura, pedimos a especial fineza de mandarem satisfazer os seus debitos o mais breve possivel.

*

Tendo havido umas pequenas irregularidades na expedição do numero transacto deste jornal, pedimos desculpa dellas aos srs. assignantes que soffreram qualquer atrazo no recebimento do alludido numero.

A Administração.

Queixa-se um nosso estimado amigo, d'esta cidade, de que, sendo-lhe expedido por um seu correspondente do Porto, um telegramma ás 4,30 da tarde de terça feira, só lhe foi levado a casa á meia noite e 35 minutos!

Um telegramma que leva mais de **8 horas** a chegar do Porto aqui, é obra.

Mas esta demora não deve admirar ninguem, desde que se saiba que na estação telegrapho-postal d'esta cidade apenas estám de serviço **dois empregados** que, por mais esforços que façam, não pódem dar expediente á grande quantidade de serviço que se accumula na estação, e milagres ninguem faz.

Tiraram se empregados d'aqui até para Lisboa, afim de que *os afilhados* podessem ir gozar para as praias, e, soffra quem soffrer, comtanto que se satisfaçam os pedidos dos que têem lampada accesa em Méca.

E não ha protestos que bastem para pôr cobro a taes patronagens!

Foi requerida pelo sr. José Alves de Oliveira abertura de fallencia ao sr. Natividade, antigo proprietario de uma cocheira ao Caes.

Foi distribuido o processo, sendo advogado do sr. Oliveira o sr. dr. Teixeira de Abreu.

Promette ter importancia particular para Coimbra o próximo congresso da lucta contra a tuberculose, que ha de realisar-se pròximamente em Vienna.

O sr. dr. Daniel de Mattos tem recolhido subsidios que lhe permittirám estabelecer qual a direcção que deveriam tomar os trabalhos de saneamento da cidade, e que combatem muitas das opiniões mais correntes entre hygienistas e engenheiros.

PUBLICAÇÕES

Está publicado o último número do *Passatempo*, publicação da casa *Grandella*, que vai num movimento crescente de progresso.

Nas gravuras ha a notar-se as vistas da casa do Monte do Facho, na lagôa de Obidos, edificação interessante, inspirada nas obras que deixou a architectura do renascimento em Portugal.

Muito curioso tambem o desenho do sr. Gabriel Pereira, representando o penteado e coifa de Isabel Pinheiro, segundo a estátua jacente do seu túmulo na igreja de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães.

O túmulo vai desapparecendo, cahindo em ruina, em parte pelo abandono em que o deixou a collegiada, em parte pela naturêsa da pedra, que se altera facilmente com a humidade.

Antonio Augusto Gonçalves publicou, por occasião de uma viagem artística ao norte, um artigo na *Resistencia* chamando a attenção sobre o túmulo e sobre o abandono em que se achava e que o ameaçava de ruina total

---

CARNES VERDES

Explicação

Do sr. Antonio Juzarte Paschoal recebemos a carta, em que se defende das accusações que lhe têem sido feitas, e que publicamos, deixando-lhe porém a responsabilidade da insinuação final.

No dia 31 de julho não vendi carne de vitella, faltando assim ao contracto de arrematação celebrado entre mim e a ex.ma Camara Municipal. E não vendi, porque o sr. Joaquim Augusto Rodrigues, veterinario inspector do matadouro regeitou, por **magrêsa**, a vitella que apresentei para ser abatida. Não me conformando, porém, com a regeição, foi a vitella inspeccionada ao outro dia pelos ex.mos veterenarios João Filippe, professor da Escola Nacional de Agricultura e José Correia Mendes, intendente de pecuaria do districto de Coimbra, os quaes foram de opinião que a rez estava nas condições de ser abatida para o consumo publico, o que se fez immediatamente.

Não commento, por desnecessario; essa tarefa deixo-a a todas as pessoas que, independente de paixão, têem seguido de perto a questão das carnes verdes nesta cidade.

Entretanto, como illucidação, sempre direi que não foi esta a primeira vez que a junta médico-veterinária pedida por mim, tem approvado rezes que o sr. inspector Rodrigues tem regeitado, por **magras**. Tem razão o sr. Rodrigues: *magras*, as minhas; *gordas*, as que... não sam minhas.

Coimbra, 16 de agosto de 1902.

Antonio Juzarte Paschoal.

ANNUNCIOS

SINCERIDADE

Ficarei muito grato se me procurar e dér melhores explicações do assumpto da carta anonyma que recebi em 17 do corrente.

(Creia em muito segredo.)

A. M. M.

Arrenda-se

No páteo pequeno da Inquisição, uma boa casa que póde servir para celleiro ou para qualquer associação.

Trata-se na rua Ferreira Borges, 95.

(40) Folhetim da "RESISTENCIA,,

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA

DO

CONVENTO

XVIII

Na epoca, em que o parque de Villy era apenas um pequeno bosque de arvores, formando um massiço á esquerda do jardim, e não se havia augmentado com plantações novas, havia nas faldas da collina, um verdadeiro curral com um rebanho numeroso, que pela manhã saltava sob o azorrague dum cabreiro novo, e ia pastar pelos campos proximos.

Depois do embellezamento de Villy, o gado tinha ido para mais longe, mas existia ainda o curral velho.

Era uma construcção rudimentar de greda e calháu, coberta de colmo, que o musgo enchera de pittoresco, sobretudo do lado do caminho de ferro, suspendendo-se numa queda de espuma verde. Tinham-o conservado por causa do seu aspecto decorativo e campestre, que frizava a elegancia do parque.

O curral fora abandonado por homens e animaes: um banco de costas de madeira apodrecia sem utilidade, com os pés enterrados nas folhas seccas, que o vento d'outomno mettia ás lufadas pelas janellas estreitas, mas sempre abertas, e que se amontoavam em camadas espessas sobre as desegualdades do solo.

Ali fora ter Argouges, ausente do castello desde pela manhã, com a espingarda na bandoleira, e o cão de cabeça baixa, atrás delle. Aquelle caçador não caçava, e o cão que o acompanhava, voltava com vergonha das perdizes, que levantava, e se iam sem um tiro.

Emmanuel atirára a bolsa e a espingarda para um canto, e passeava impaciente, fazendo estalar as folhas debaixo das botas. De minuto a minuto tirava o relogio: tinham já passado duas horas; Mademoiselle de Croisy não vinha.

Seria Alice que a prendera, ou não aceitava ella a entrevista? Porque não respondera com o mais insignificante movimento de cabeça, quando elle a convidára?

A primeira hypothese acalmava Emmanuel, a segunda exasperava-o. E' que Mademoiselle de Croisy absorvera todo o seu ser; moralmente só vivia do seu pensamento, physicamente das ondulações voluptuosas do seu corpo.

Longe della tinha apenas a mola do automato; mas, desde que a tornava a ver, o busto quebrando-se nas ancas, agarrando nas pregas do vestido, que arrastava ainda, como se tivesse ciumes das bellezas de raça, que envolvia, tinha sobresaltos de resuscitado.

O som da sua voz fazia-o vibrar, e o coração batia-lhe apressado só ao ouvir-lhe o passo.

Conhecia bem aquelle passo de amazona, e, quando o ouviu, correu para a porta do curral.

Herminie vinha depressa; apezar da frescura daquelle dia de setembro, trazia o mesmo vestido, que usava no castello, com o collo nu erguendo-se da abertura do copete. e sem um bocado de renda nos cabellos. Nem por isso deixava de ser mais atrahente, e o homem, para quem fugia assim aquella rapariga, tinha o direito de se julgar duas vezes feliz.

—Ah! disse Argouges pegando lhe na mão, que medo que me metteu!

—Sim! Que seria então, se eu tivesse sido menos audaciosa!

—Não tenha medo, Herminie; ninguem poderia descobrir-nos aqui. Estamos sós, e só para nós, accrescentou Emmanuel conduzindo Herminie até ao banco, através das folhas seccas e amarellas, que ella, para amortecer a sua laceração, pisava apenas com a ponta do pé.

Sentou-se perto della, estendendo o braço ao longo das costas do banco, como para lhe poupar aquella dureza.

— Herminie, continuou, olhe bem direito para mim; acredita que a amo?

—Disse-mo; mas não sei mais nada; se me ama, o que decidiu então?

— Hade partir, Herminie; mas não para Bayeux. E' livre, repito-lhe, apezar das pretensões de M.elle de Fayolles a tel-a sob a sua guarda. Tem medo de soffrer em Bayeux indignações hypocritas; não tem precisão de se expôr a ellas. Caen tem os seus conventos tambem, escolha um, em que se refugie. Com o nome que tem, será recebida em toda a parte. Apenas tiver deixado Villy, eu partirei tambem, e, juro-lh'o pela memoria de minha mãe, será minha mulher seis semanas depois.

— Pela memoria de sua mãe?

— Pela memoria de minha mãe, sim, Herminie, meu anjo amado, juro-te!...

— Não sei para onde vou, dando-lhe ouvidos; mas lembro-me de minha mãe, pela qual eu não saberia jurar em vão. O seu juramento será a minha força.

— Duplical-a-ha, Herminie, porque espero que tenha já outra: ama-me, não é verdade?

O braço de Argouges tinha escorregado das costas do banco, e curva-se á volta de M.elle de Croisy que, sob a chamma dum olhar escuro, que accendia o aço dos seus olhos, se deixava magnetizar tanto por aquelle contacto, como domada por aquelle abraço, palpitando, sem força d'esta vez para lhe poder fugir.

— Oh! Responda, dizia Emmanuel, deixe-me ouvir dos seus labios essa palavra encantadora!

A cabeça de Herminie tinha se deitado docemente sobre o hombro de Argouges, e o olhar fluctuava no globo nacarado dos olhos, cuja pupilla subia a apagar-se debaixo das pestanas.

— Emmanuel, suspirou, amo o!

Tudo estava socegado á volta do curral, onde o cão fôra deitar-se a dormir. Passava discreta sob as arvores a primeira brisa d'outomno, desprendendo como uma caricia a folha, que só esperava um vento leve para se desprender. As palavras, sómente murmuradas, no silencio dos bosques tomam uma certa solemnidade.

— Serás minha, e minha toda a vida, dizia Emmanuel.

Expirou um grito nos labios de M.elle de Croisy, e não se ouviu mais que o murmurio da folhagem secca na collina de Villy.

(*Continua.*)

Arrenda-se ou vende-se

Uma bella propriedade de terra lavradia, com pomar e vinha, casas de habitação, curraes, eiras e grande abundancia de agua, sita na estrada de Mira, ao 1.º kilometro, a partir da Figueira, e por isso muito proximo desta cidade.

Para tratar no Passeio Infante D. Henrique, n.º 7.

Não obsta o contra annuncio inserto no n.º 1:086 da *Gazeta da Figueira*, de 6 do corrente, porque a questão que se ventila diz respeito á mota que existe entre este predio e o do dr. Augusto Eduardo Ferreira Barbosa, de Coimbra, e cuja decisão, seja ella qual fôr, nada influe nas condições e valor do predio aqui annunciado, como aquelle dr. Barbosa muito bem sabe.

LOJA DO MINHO

44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48

Deposito das ligitimas machinas **Singer**, instrumentos, musicas, Pianos, Bicycletas, occulos e lunetas.

Espingardas

VENDAS A PRESTAÇOES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

Casa para arrendar

Arrenda-se uma boa morada de casas, com tres andares e grande quintal, na rua João Cabreira, 21.

Trata-se com seu dono Alipio Augusto dos Santos, rua do Visconde da Luz, 90.

Consultorio dentario

Figueira da Foz

Rua Fresca, 43

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

De 15 de Agosto a Outubro — Consultas das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

"EQUIDADE,,

Companhia de Seguros

Vida de animaes, fogos, fianças e rendas de casas

Preços muito reduzidos

Correspondente em Coimbra

Joaquim Antonio Pedro

Em casa do Sr. Antonio Rodrigues Pinto.

LUCCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de Cereja de Ayer — O remédio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmunar, frasco, 1$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer. — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. Frasco 1$100 réis.

O remédio de Ayer contra sezões. — *Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas carthariticas de Ayer. — O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquesita preparação para aformosear o cabello

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges COIMBRA

SILVA & FILHO

COIMBRA

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

PASTLAERIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sécco, como crystalisados, a rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centrosde mésa*, *Castellos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Bicycletes com motor

R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

João Gomes Moreira

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

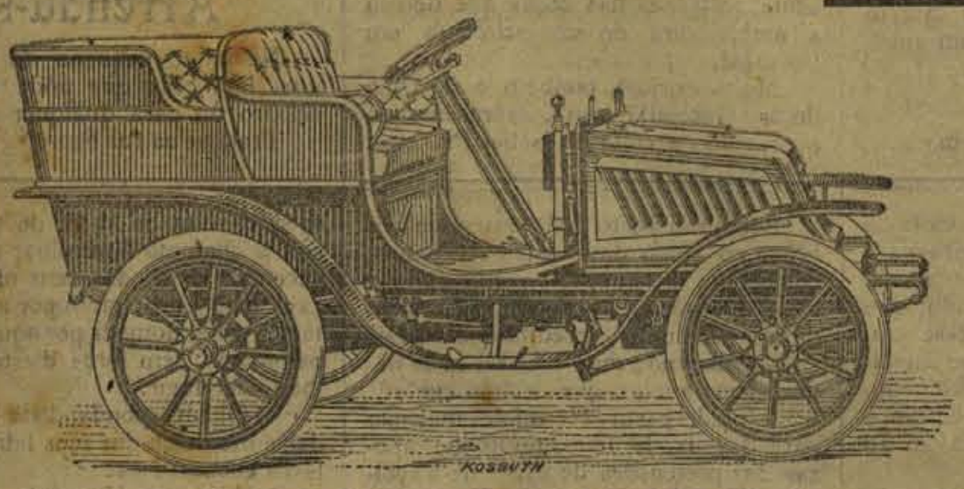
Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

AUTOMOVEIS DARRACQ



Para mostrarmos que os **"Automoveis Darracq,,** além de serem

Os mais elegantes, os mais baratos e os que menos gazolina gastam

Sam tambem

Os mais sólidos e os mais ligeiros

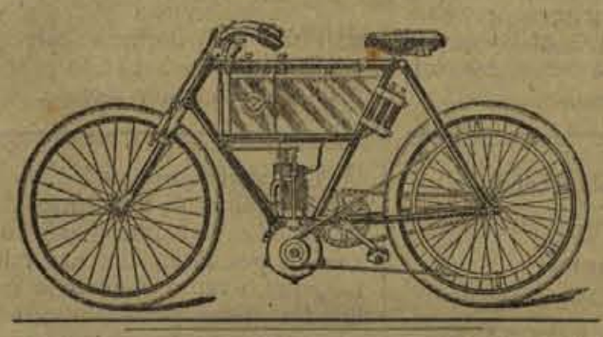
basta ennumerar algumas das suas victórias nêste anno:

1.º prémio na corrida da subida da Turbie

1.º prémio na corrida de Nice — 1.º prémio no Circuit du Nort

Nas grandes corridas Paris-Vienna bateu com carros do máximo 24 cavallos as carruagens «Dainler» de 40 cavallos, «Mors» de 60 cavallos e 6 carruagens de Panhard Levasseur de 70 cavallos!! ganhando o 1.º prémio na série de Vaituret; 2.º, 3.º, 4.º e 5.º na série de Vaituret legere e o prémio de classificação geral.

MOTOCYCLETTE "WERNER,,



A **Motocyclette WERNER** de 1 3/4 de força não precisa de rèclame, contudo diremos que nas corridas Paris-Berlim, Paris Bordeaux e nas subidas de Gaillon e Turbie-Paris-Roubaire, Nice-Marseille, etc., etc., chegam sempre na vanguarda!

Nas grandes corridas *Le circuit du Nort* e Paris-Vienna quantas *Werners* partiram, quantas chegaram, apesar do grande temporal que fazia!! Déz de differentes marcas que disputavam o prémio nenhuma chegou!!

Recentemente em Portugal o Record Porto Lisboa feito debaixo de chuva e com estradas em péssimo estado.

Motores **LURQUIN-COURDET** de 1 1/4 cavallos de força applicavel a qualquer bicyclette

Adaptam-se nas nossas officinas e garante-se a sua superioridade a qualquer outro de egual força.

Dos automoveis "Darracq,, da motocyclette "Werner,, e do motor "Lurquin & Courdet,, sám unicos agentes em Portugal

LEÃO, MOREIRA & TAVARES — "Empreza Automobilista Portugueza,, — Coimbra

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 726 | COIMBRA — Domingo, 24 de Agosto de 1902 | 8.º ANNO

O caso Esteves Ribeiro

O caso sensacional da herança Esteves Ribeiro é mais uma revelação clamorosa da grande hypocrisia social que disfarça, no manto lantejoulado de uma falsa seriedade, a podridão moral que vermina certos sujeitos, com cotação alta na *bolsa* da política e nos *rendez-vous* da burguezia endinheirada e beata.

Os que blasonam de limpos, de immaculados, de intangiveis, parecendo lançar desaffrontadamente um repto a todo o muudo, rindo com cýnica sobranceria das suspeitas e accusações legitimas e justas da canalha pobretona e invejosa — lá vem tambem o dia em que a incidéncia da luz forte da verdade os põe em destaque e a justiça os amarra, inclemente, ao pelourinho de uma fatal expiação.

O caso Esteves Ribeiro, liquidando na descoberta dum grande syndicato de *escrocs*, documenta fulminantemente o que valem êsses senhores, os sérios, os incorruptos, os catões cuja túnica nunca roçou por uma torpeza, os *santos* que purificam a alma, a miudo, na prática de devoções caras...

E a hora de justiça implacavel para uns, é ao mesmo tempo a hora de consoladora reparação para tantos outros, todos os que foram miseravelmente desdenhados e calumniados por essa alta roda de politicões ricos de vaidade, de honrarias, de fazenda, mas vivendo sempre numa grande, numa sórdida indigéncia moral.

E nêsse momento, então, todos nós, os pobretões que preferem luctar sem tréguas pela vida, num indómito orgulho de consciéncia honesta, a fruir repousadamente o preço vil de uma transigéncia ou de um roubo, todos nós, diziamos, temos o direito de vibrar-lhes, por nossa vez, as chicotadas do nosso desprezo e de despejar-lhes na cara a gargalhada homérica do nosso desforço.

O *escroc* que o caso Esteves Ribeiro veio denunciar — o excellentissimo e religiosissimo senhor Joaquim Maurício da Fonseca Araujo — é homem de posição dominante na política monárchica, vereador do segundo município do país, protector valioso do bando negro.

Hám-de mover-se, para o defender, e sonegar á publicidade, e poupá-lo á justiça dos tribunaes, todos os beatos graduados e todos os altos rufiões da política.

Mas, se é possivel que elle escape á punição que as leis lhe comminam pelo seu feito criminoso, não consentiremos nós que fuja á condemnação da consciéncia pública despertada pela resonáncia do escándalo momentoso.

Pois haviam os Araujos de estar todos os dias a insinuar que nós, que pelejamos por um ideal com o desinteresse que vai até ao repúdio de uma tranquilla mediania — somos uns famintos e uns ambiciosos, só temos em mira o prémio largo de compensações futuras e o sanguinário desejo de pagar velhos ódios, e nós deixá-lo-iamos compassivamente na obscuridade, no siléncio complacente do seu crime?

Isso, não! E' percizo distinguir quem sam os sérios, os honestos, os sinceros: se os que se sacrificam á má linha de conducta intergiversavel, sem bêccos criminosos ou portas-falsas de transigéncias reles, se os que pretendem roubar heranças de braço dado com mulheres de vida fácil.

Isso não! E' percizo que se saiba em que campo estám os hypócritas que conclamam, a todos os momentos, uma seriedade inexpugnavel, e estám em débito quantioso para com a polícia e os tribunaes.

E' precizo que se conheçam os puritanos que a honesta política do regimen destaca para os seus postos de honra, e que de lá atiram sobre nós as fulminações do seu desdem e das suas calumniosas suspeitas.

Se não nos vendemos, se nem por preço nem por criminosa benevolência nos calamos ou desertamos, se insistimos em ser pela razão, pela justiça, pela verdade, sentindo-nos fartamente pagos com o orgulho que nos vem da consciéncia satisfeita, o bando endinheirado e pergaminhado dos Araujos move-nos na treva uma persistente guerra, injuria-nos, cobre-nos de calúmnias, na louca esperança de nos exterminar.

Pois bem, senhores ricaços, nobres esteios do throno e do altar:

Somos uns maltrapilhos, como nos chamaes, não andamos no galarim das honrarias, não temos no peito o brilho de veneras, nem á volta de nós a creadagem que vos serve e acclama; mas na nossa pobrêza e na nossa insignificáncia — ó nobres ladrões de heranças — somos incomparavelmente, infinitamente maiores do que vós.

Burnay philósopho

De *O Jornal do Commércio* com um commentário philosóphico novo e original:

«O Shah da Pérsia, que os telegrammas de Londres noticiam ter sido recebido pelo rei Eduardo VII, em Londres, esteve antes em Paris, onde o povo o saüdou enthusiasticamente. Não ha nada como um povo republicano para fazer festas ao monarchas... absolutos.

«O pintor Gervex, que o Shah encontrou em Contruxeville a tomar as aguas e onde estavam trez compatriotas nossos, todos trez titulares, começou a fazer o retrato da Magestade persa, obtendo d'elle uma meia duzia de sessões, e tencionando acabal-o agora á volta de Londres».

E' de suppor que os três compatriotas nossos, todos três titulares, como diz *O Jornal do Commercio* em linguagem de romance, nem fossem applaudidos em Paris, nem tivessem a consagração do talento de Gervex.

O sr. conde de Burnay tem-nos feito por lá tam ma fama...

Partido republicano

Annvnciam os jornaes que entre os grupos rotativos se celebrou já um accordo para as eleições municipaes, de Lisboa e Porto, garantindo se por essa forma a exploração torpe dos dois importantes municipios do país em manifesto prejuizo do bem publico.

Cremos no entanto que o acto não ha de consummar se em plena quietude, pois que ao partido republicano corre o dever de intervir, disputando essas eleições, ainda mesmo prevendo que o resultado não será a affirmação legitima e desaffrontada da vontade dos municipes mas o producto das veniagas sordidas e das violencia ascorosas que constituem o codigo eleitoral dos monarchicos.

E' do programma democratico a restauração das regalias municipaes extinctas ou quasi ao ultimo ponto reduzidas pelas tendencias absorventes do poder central, a quem incommodam os mais leves vestigios da vida livre; e tanto basta por isso para que o partido republicano entre na lucta, procurando dar realidade pratica a esse numero importantissimo do seu programma; somos, pois, pela lucta de que derivam vantagens de evidente reconhecimento, e que ao partido republicano se impõe como um meio de propaganda, de combate, e de disciplina.

A interferencia de um grupo livre de compromissos e avêsso á pratica das immoralidades correntes, nos pleitos eleitoraes, determinará sem duvida a amelioração do suffragio, tam profundamente viciado, immoral e inexpressivo.

Depois não é sem probabilidades de exito que se concorre a essas luctas; e conquistar os municipios, ganhando com exemplos de administração intelligente e honrada a confiança publica, deve ser para o partido republicano um largo *desideratum* a alcançar.

Evidentes sam as vantagens de ir perturbar, com uma opposição honesta, a boa paz com que os rotativos se asseguram o bôdo nos municipios de Lisboa e Porto.

Por certo que os nossos presados correligionarios das duas importantes cidades, que sam muitos e valiosos, não deixarão de mais um vez cumprir o seu dever com a nobreza e a dedicação que lhes é peculiar.

O cuco da instrucção

O nosso estimado collega *O Mundo*, referindo-se á syndicancia, que o sr. dr. Marnoco e Sousa está fazendo no lyceu de Lisbôa aos actos do sr. dr. José Maria Rodrigues, escreve do illustre prefessor da faculdade de theologia, actual reitor do lyceu da capital:

«Nenhuma má vontade, devemos dizê-lo nos anima contra sua rev.ª, mas como não pertencemos ao grupo dos impressionistas julgamo-nos no direito de criticar a sua «obra», como reitor do primeiro lyceu do pais — obra de que, ainda ontem, um dos mais conceituados professores daquêlle estabelecimento de instrucção nos dava a seguinte ideia:

— «Ora, ora, o reitor... V. lembra se do Romão? Pois, salvo melhor comparação e sem intuitos de offender, o José Maria faz me lembrar o antigo continuo do lyceu! O reitor, com effeito, não tem sido outra cousa que não seja um bom continuo...

«O sr. José Maria Rodrigues, a cuja honestidade prestamos a devida homenagem, preoccupava-se na verdade extraordinariamente com a compostura dos alumnos, faltando lhe dessa forma o tempo para vigiar o que se passava portas a dentro d'algumas aulas e onde a sua actividade e energia mais precisas eram!

Isto é o commentário da capital.

Na provincia, ha muito, que o lyceu de Lisbôa tem outro commentário alegre.

A differença entre o lyceu de Lisbôa e os outros do país, diz um homem de espirito, é a mesma que ha entre um relógio de cuco, e um relógio sem cuco.

No lyceu de Lisbôa, quando chega a hora, abre se a porta e apparece um cuco de olhar malicioso e brilhante, á espreita, o corpo secco e delgado numa impaciéncia nervosa.

Ouve-se a voz: cú-cú... cú cú...

Está dada a hora!

O professor não está? O cuco que veio dar a hora, entra, e fecha-se a porta da aula.

O diabo está em que, ás vezes, a *outra ave* vem quási logo. Entra o *mócho* para ensinar e dá com o sr. dr. José Maria Rodrigues, perdão! com o cuco no poleiro...

O lyceu de Lisbôa anda muito bem regulado. E' um relógio.

E' mais alegre do que os outros lyceus.

E faz as delicias das creanças, como os relógios de cuco!...

Inquérito pharmaceutico

A associação dos pharmaceuticos portuguêses pediu ao sr. Hintze Ribeiro um inquérito administrativo ás pharmácias, que illucidam a opinião sobre a identidade dos pharmaceuticos, remédios á venda, data do diploma escola que os habilitou, etc.

Este inquérito é necessário desde ha muito, porque a falsificação dos medicamentos é um facto no país e fóra delle.

O preço excessivo das substáncias medicamentosas, que não sám productos da indústria nacional, que vai em progresso é verdade, mas que está longe do que exigem as necessidades da clínica, põe os pharmaceuticos nacionaes sob a dependéncia das casas extranjeiras, e sugeita os a serem victimas dos falsificadores que acharam meio de dar a substáncias sem valôr therapeutico, o gosto, o cheiro, o sabor, e o aspecto das matérias medicamentosas.

A maior parte dos productos vêem cuidadosamente envoltos e arrolhados, como se tentassem protegel-os contra a alteração possivel da luz e do ar, sendo por isso impossivel verificar a sua authenticidade.

Os grandes fabricantes extranjeiros têem sido os primeiros a denunciar os falsificadores, não conseguindo porém pôr-nos completamente ao abrigo da falsificação.

No nosso último número tinhamos tratado, a propósito dum caso local, o assumpto, que nos parece importante, e que desejavamos ver estudado e remedeado, como merece.

Renovamos hoje a indicação, que aqui fizemos então, de acabar de vez com o espectáculo vergonhoso dos charlatães, que na praça mais concorrida de Coimbra, á porta dos paços municipaes, vendem drogas e elixires, encarecendo o valôr dos medicamentos, e auctorizando o seu saber, mostrando a sua perícia nas sortes de escamoteação.

Cobre e oiro

Informa uma fôlha da capital:

«Constituiu-se em Paris uma sociedade denominada *Société des mines de cuivre de Almodovar (Portugal)*, a qual já pediu registo na competente repartição do ministério das obras públicas em Lisbôa.»

O marquezado de Almodovar pertence ao sr. marquês de Francos.

Accentua se a ruïna financeira do país.

Transforma-se o oiro em cobre...

BRIC-Á-BRAC

O vicio é a caracteristica dominante da espécie humana.

Sinto isso bem, agora que o sagrado amor da sciencia está fazendo de mim uma creatura prevertida com vícios, que sempre detestei nos outros.

Verdade seja que não ha vicios, que mais do coração se detestem, do que os vícios dos outros.

A archeologia, que fez o encanto da minha vida, e a que devo o ter sido citado em livros eruditos umas tres ou quatro vezes, como uma creatura intelligente, que se perde em Coimbra, a archeologia preverteu-me lentamente, e começo a andar irritado comigo mesmo.

Nunca, nem mesmo em pequeno, tive geito nem gosto para tomar interesse pela vida dos outros.

Os crimes célebres, as coisas de amor e de aventura, foram os romances, que mas ensinaram todas.

Em novo, li avidamente tudo o que encontrava, de dia e de noite, e os romances preoccupavam-me a toda a hora.

Vivi sempre naquella atmosphera artificial, que eu creei, e ligava a vida dos heroes aos sitios que eu conhecia.

Os três mosqueteiros eram morgados de uma aldeia próxima, córados, cheios de saüde, montando a cavallo, noite e dia, generosos namorados e bons.

Paulo e Virginia, encontrava-os num carreiro pequenino, orlado de marmelleiros, que se abraçavam de lado a lado, escoltado de figueiras do inferno, perfiladas, de folhas ao alto.

Ao fundo, havia um portão com dois ananazes de zinco, e dentro, em cima duma estufa pequenina, abria uma palmeira de ferro.

Para mim, aquelle canto tinha toda a côr local da terra, em que se amaram Paulo e Virginia.

E ligou-se tam profundamente a impressão da terra, em que nasci, aos romances, que viveu o sonho da minha mocidade, que, ainda hoje, não ouço os nomes de Romeu e Julieta, que me não lembre logo, e veja, nitidamente, uma janella velha de granito, em que uma noite, ao vir duma quinta minha, dei com a filha do caseiro, uma rapariga bonita, com os cabellos da côr que tem o mel perfumado das abelhas, a sorrir tristemente para o namorado, rapaz novo, soldado daquelle anno e que voltava para o quartel ao toque do recolher.

A Rochella, Calais, a Sé de Coimbra, a Batalha, Santarem, Paris, Roma, Venêsa, Aranjuez, tudo isso ha em Lamego.

Sam sitios que conhece muito bem a saudade da terra em que brinquei.

Quando vi, mais tarde, os lugares verdadeiros, em que fallavam os romances, achei que os da minha terra eram mais bonitos, e que só lá havia heroes e trovadores, e que só lá se sabia cantar e amar.

E não podia deixar de entristecer-me o saber que Shakspeare nunca tinha ido a Lamego...

Quando comecei a ler jornaes, não encontrei á vida nada de novo.

Não havia episódio que eu não conhecesse de romance, acção heroica, cujo resultado não adivinhasse.

Bem me importava a mim que fossem d'hoje, bem me importava a mim onde se haviam passado.

Eu bem sabia que só Lamego era terra para aventuras e amôres.

Assim mo ensinára a illusão da minha mocidade.

E assim me desinteressei da vida dos outros.

Agora, não!...

Comecei a ver que não eram os documentos officiaes, as chrónicas e as ordens dos exércitos, as actas e as proclamações escriptas, onde podia estudar-se a verdadeira história, e comecei a colleccionar papeis particulares, memórias avulsas.

Fiz descobertas interessantes, que modificáram ideias sobre pontos históricos; mas, pouco a pouco, comecei a interessar-me pela vida da familia, e, atravez dos papeis, em que procurava a explicação dos actos politicos, comecei a seguir a vida particular.

E vou no caminho da má-lingua.

Em papeis velhos encontrei, um dia dêstes, uma carta com referéncias políticas, que me interessou.

Porto, 15 de Julho de 1828.

Amigo eSenr. Com bastante pezar do meuCoração e Sentimentos respondo a sua estimada de 10 doCorr.*

Sintos os malles que atação rebelde Militar e seus Setelitas paizanos Cauzarão anação: Cujos malles eu tinha previsto, e chorado como Jermias as ruinas de Jeruzalem.

Tantos homens que se julgavão com Senço os via delliriados e Sem tino apoiando os desatinos que vião Cometter elouvando-os, tanto q.to a rebellião! * Estimo que a sua Caza naõ fosse aSolada, eque escapace de insultos.

Sinto anunciar-lhe, que julgo os Cavallos perdidos, hum pr não haver noticias delle, eoque aparece ser om.mo q nada:

Requeri aentrega delle como verá, mandou oGeneral informar oCommand.e daPolicia que não informou mal, verá o desp.o deescuzado, fez-se areplica fallei ao Secretario expuz-lhe as razões, &.a mandou vocalm.e justificar, fez-se aJustificação julgou-se p.r Sen.ca fez-se req.to junto, enelle aparece, d'alguma forma senão detoda oinfame desp.o que Verá no qual he manchada a Sua probid.e assim como me Succedeo amim qd.o pela 1.a vez fallei ao Major Comd.e da Policia: O Ex.mo Sr. General vencedor Povoas foi nod.o Cavallo Domingo p.a Braga: Parecia me amim que seria bom vir fazer ahi huma justificação emcomo o malvado Juiz doCrime lhe tirou aforça os dois Cavallos, ajuntar-lhe aordem que havia dar p.a isso aoOff.al deJustiça, ehuma att.am doEscrivão das Violencias &.a ou então fazer deconta que jogou e perdeo as 96/.m que tinham Custado: Tudo são consequencias que trazem consigo as revoluções.

Meu amigo paciencia, sofrer e gemer os malles sem nos podermos queixar. Malditas idéas liberaes que só nos mostrão que oleberalismo consiste em furtar descaradam.e perseguir, destruir e a Sollar; e fazer montões de victimas.

Apeteço-lhe boa Saude e Sou

Seu am.o Crd.o

J.e R.a da Fon.ca .

* Agora para escapar ao Castigo, dizem que andavão illudidos. Deos nos conserve o Juizo até amorte.

P. S. Não vai ajustificação requerimen.tos &.a p.r que fui denovo fallar aoofficial da Secretaria do General, para saber delle que geito ou remedeio sedevia dar p.a oCavallo ser entregue; emedisse que esperacemos mais alguns dias afim de ver se oGeneral abrandava, pois que agora era sedo e tinha amemoria m.to fresca, eestar como desesperado p.r Causa da rebellião rebentar no seu distrecto, ecom a chegada continua das tropas rebeldes apresentarem-se eos chamados Voluntarios prezos, as tropas vem Soltas, mas os taes Voluntarios, ou verdadeiram.to oque erão guardas revolucionarios. &.a Depois darei p.te emandarei os papeis. = Vai o Suplom.to que contem aextincção dos rebeldes.

Copia do ultimo desp.o

Avista da informação do Sr. Mayor daPolicia desta Cid.e não lhe pertence oCavallo p.r ser presa feita aos revoltosos aque já o Sup.e tinha feito presente delle como entereçado nacauza que elle seguião.

Q.tel G.al doPorto 14 deJ.ho de 1828.

Castro.

Tenho querido saber se o homem era miguelista ou constitucional, e nada pude averiguar pelo documento.

Os erros de orthographia eram communs aos dois partidos.

Na minha collecção, ha um prato commemorativo da constituição de 20, cuja pintura representa um altar, tendo em cima duas figuras nuas, de capacete na cabeça; uma encostada ao brazão português, a outra calcando cadeias, de mãos dadas.

Ao lado dellas um *monstrosinho* verde, talvez o dragão dos Braganças, abre, somnolento, e nada aggressivo, a bocca, donde sae uma fita amarella com os versos:

Duro freio porá em toda o terra
Quem cuidar de fazer-lhe injusta guerra

Na frente do altar lê-se: *Lysia e libardade a dextra unirão.*

A falta de grammática é a caracteristica nacional.

E' commum a toda a politica.

A referencia ao *Ex.mo Sr. General vencedor Povoas*, é uma phrase forçada, com medo de que a carta pudesse chegar ás mãos do general que tinha a memória muito fresca e estava como desesperado.

Neste caso só...

Decididamente eu acabo com a archeologia.

Vou a dar em má-lingua.

Quem tal havia de dizer...

T. C.

Convicções e estomago

Na informação telegráphica de Lisbôa para *o Diario da Tarde*, do Porto, lemos a seguinte notícia:

«O caso sensacional do dia é a carta, que o sr. Simões Margiochi dirigiu ao sr. Hintze Ribeiro, despedindo-se do partido regenerador por não ter sido convidado a preencher o logar de provedor da Casa Pia, vago pela morte do sr. conselheiro Elvino de Brito.

«Dizem que na carta, o sr. Margiochi allega ter gasto parte da sua fortuna com a politica regeneradora, pagando por vezes o aluguer da casa do Centro e sustentando o antigo *Jornal da Noite* que fôra orgão do partido.

«Affirma que a importância total das despêzas por elle feitas com politica sobe a 180 contos. Ao que parece o sr. Margiochi passa para o partido do sr. João Franco.»

Desta leitura tiram-se duas conclusões.

A ingratidão do chefe do partido regenerador para com um dos seus collaboradores e cooperador mais dedicados, e a certeza de que nos partidos monarchico-rotativos, não ha convicções, mas simplesmente barriga.

Um insuccesso na apanha duma posta appetecida, é o sufficiente para justificar o abandono de opiniões politicas, muito tempo apregoadas, como da maxima isenção, por simples imposição de consciencia, e com sacrificio da fortuna.

E será um país, com taes politicos e com 90 p. c. de analphabetos, uma patria?

Como já noticiamos, foi nomeado commandante da *Escola do Exercito* o general de brigada sr. Antonio Vicente Ferreira Montalvão, que durante o tempo que aqui esteve commandante da 5.ª divisão militar conquistou geraes sympathias.

Referindo-se ao brioso militar e á sua nomeação, escreve um nosso prezado collega de Lisboa, o seguinte:

«A escolha foi acertada, porque o novo chefe daquelle estabelicimento de ensino superior militar possue notaveis qualidades de direcção, espirito lucido e justiceiro, foi professor durante largos annos e conhece todos os melhoramentos effectuados no estrangeiro no que se relaciona com a casa que actualmente está a seu cargo.

«Nasceu em 1840. Assentou praça aos vinte annos. Foi promovido a alferes em 1865, a tenente em 1868, a capitão em 1872, a major em 1874, a tenente coronel em 1888, a coronel em 1893 e ao seu actual posto em 1902. E' grande official e commendador da ordem de Avis e commendador da ordem de Carlos III, de Hespanha.

«O general Montalvão foi, como dissemos, professor da Escola do Exercito, de sua magestade el rei e do sr. infante D. Affonso. Tem o curso de artilharia, arma em que sempre serviu. Gosa de geraes sympatias no exercito e tem prestado serviços importantes ao paiz durante a sua já longa carreira militar».

De *O Jornal do Commércio:*

«Dos logares vagos pelo fallecimento do conselheiro Elvino de Brito, só um, o de vogal do Tribunal de Contas, vai ser preenchido pelo sr. conselheiro João Arroyo, a quem foi offerecido e o acceitou.

«Todos os boatos sam prematuros ácerca do provimento dos outros cargos que eram exercidos pelo fallecido.»

E' de supor que os outros logares vagos sejam tambem para o sr. conselheiro João Arroyo.

Estám-lhe a dar tempo para descançar.

O boccado é tam grande e o sr. conselheiro está, ha tanto tempo, sem comer...

O *Diario de Noticias* publicou no numero de 21 de agosto um artigo illustrado sobre o Bussaco, que termina:

«...eu ouso suplicar ao artista que ligou ao monumental edificio o seu glorioso nome — o grande scenographo Manini —; ou a esse outro artista notavel a quem se devem algumas das primorosas esculpturas que se admiram aqui — o sr. Antonio Augusto Gonçalves, intelligentissimo restaurador da Sé Velha de Coimbra; ou a quem quer que possa e deva ouvir-me e attender-me, que substitua, o mais breve possivel, das janellas dos pavimentos superiores do edificio principal aquelles improprios caixilhos que só ali pódem estar por engano ou como provisorio resguardo da construcção; que mude para melhor e mais alto sitio aquelle anjo da Victoria, cujas azas, de possantissima envergadura, foram certamente talhadas para o levantarem muito mais acima das miserias da terra e para o não deixarem assim quasi a rastejar ao nivel dos nossos olhos, que para elle deverão erguer-se como para quem paira em regiões ethereas; e que finalmente arranque dos telhados do rendilhado monumento manuelino aquellas aviltantes telhas de Marselha substituindo-as ou por uma adequada cobertura de pedra, á semelhança das da Batalha, ou, quando mais não seja, pela telha vende vidrada das Caldas da Rainha, de que, ha já muito, se aprecia o effeito em uma das edificações annexas.

«Tudo menos aquelle irritante vermelho do barro ordinario berrando, como um grito desentoado e mal soante, no meio da encantadora harmonia de tons verdes cuja admiravel gamma se desdobra, na cerrada coma da floresta, aos olhos de quem se debruce na varanda de Pilatos ou suba á capella de Caiphás... Ia até jurar que estes abominaveis judeus, cujos tradicionaes maus figados ainda hoje são celebrados com justificado rancor, não seriam capazes de judiarias comparaveis a estas contra que deixo aqui lavrado o meu indignado protesto.»

O anjo, a que se refere o correspondente, não foi feito pelo nosso amigo para aquelle logar.

Foi Manini que, ao vêr o projecto de Antonio Augusto Gonçalves, o achou digno de melhor collocação do que a que lhe estava destinada.

Quanto á substituição das telhas, parece-nos surperflua a despeza. Ha de ser o tempo que ha de modificar-lhes a côr, bem como á pedra do monumento, que é extraordinariamente branca ainda.

Elle se encarregará de harmonizar tudo.

O que é indispensavel e urgente é acabar as obras, quanto antes, e dar as attenções todas á matta, que é necessario conservar, embellezar e augmentar.

Está nesta cidade de passagem... para a Figueira da Foz, o nosso amigo Arthur Leitão, distincto redactor do nosso jornal.

Desejamos-lhe um dia alegre.

O Senhor da Serra

Anda a cidade desde o dia 15, cheia dos ranchos dos romeiros, que vám ou voltam do Senhor da Serra, cuja romaria annual acaba hoje.

A estrada da Beira anda animada daquêlles grupos, que vám de merendas á cabeça, ou voltam com a imagem do Senhor, cuidadosamente mettida na fita do chapeu.

Quando chegam á Portella, se levam animaes, atravessam o rio a váu, sem se importarem com os risos e os ditos, que lhes gritam de cima. os que vám pela ponte, ao verem as mulheres levantarem cuidadosamente, e bem alto, as saias para lh'as não molhar o rio.

Depois lá vai tudo até ás Vendas de Ceira, e d'ai, ladeira acima, até ao alto do monte, donde se avista o telhado alegre da hospedaria da capella, e começa a sentir-se a caricia do vento fresco.

Param a ouvir um sermão, depois outro.

Lino d'Assumpção descreve o offeito comico dos sermões pregados ao mesmo tempo, em pleno ar, e pleno sol.

Ainda hoje a fama do púlpito é para quem mais berra.

O quadro não deixaria de ser singularissimo, e digno dum pincel caustico.

O ceo limpido e azul, o sol claro e abrazador, e a planura do comoro apinhado de homens, suando dentro nos grossos jaquetões de briche, e de mulheres com saias de seriguilha pela cabeça, deixando cair sobre as testas deprimidas as farripas dum cabello empastado como linho antes de ser cardado. Aqui, no púlpito do adro o prégador confundindo a sua voz com o echo de outra que lhe vem lá de dentro de junto do altar. Mais além outro, na beira dum carro, encostado a uma pipa, e a quem o festeiro abriga com um enorme chapeo vermelho, que mais vermelhas torna as bochechas luzidias do prégador. Debaixo dum toldo de barraca e sobre uma mêsa, vê-se outro gesticulando, alagado em água que lhe encharca a sobrepeliz e estola, procurando dominar com a voz as metáphoras do visinho, que sobre uma cadeira á sombra dos pinheiros conta dezenas de milagres acontecidos em favor dos devotos que mandam prégar sermões. E, acabado um sermão, retira-se o grupo que o encommendou e approxima-se outro que o prometteu. E todas estas vozes já roucas procurando dominar o ruido confuso dos descantes, das guitarras, das algazarras dos beberrões, das altercações das rivalidades estimuladas pelo alcool e até das injúrias e grossarias das rixas travadas pela posse duma mulher, ou pela liquidação de velhas contas que vieram abertas lá desde as aldeias. E o sol d'agosto dardejando inclemente sobre os largos chapéos e tornando escuros os rostos luzidios e afogueados e ainda mais negros os beiços ennegrecidos pelo vinho e pelo pó; e como commentário ás palavras dos padres quasi aphonos, que clamam pela justiça e misericordia divinas, as vozes vibrantes das tricanas de Coimbra, menos devotas e mais alegres, bailando e cantando ao som das violas o *Manuel ceguinho* ou o *Oh ladrão! ladrão!*

Por fim entram na capella onde o Christo agoniza numa cruz de pedra, deixando cair a cabeça para mostrar o cabello negro que cresce, como diz a lenda, todos os annos.

Pelas paredes, pregadas em ripas de madeira, vêem-se tranças de cabello de todas as côres, votos que fazem os doëntes, por saberem que é êste o sacrificio que mais gosto dá ao Senhor da Serra.

Anda agora a capella em obras, e foi encarregado de fazer o desenho para a sua reconstrucção o nosso amigo António Augusto Gonçalvez.

Um dia andava elle marcando no terreno os pontos de referéncia da nova construcção, quando o padre correu afflicto, ao vê-lo bater numa pedra e dizer para um pedreiro:

— Um signal aqui.

— Aqui? Para quê? perguntou o padre.

— Para o cunhal da capella.

— Menos isso! O senhor dá cabo de tudo.

— Não é rocha?

— E', e firme!

— Bom! Então: aqui o cunhal.

— O' sr. Gonçalvez, olhe que dá cabo da capella...

— E' o logar mais sólido para o cunhal.

— Mas, como quer o senhor, replica o padre a suar, que se dêem as voltas de joelhos á roda da capella? Se põe aqui o cunhal não fica espaço, e ninguem cá volta...

E teve de modificar se o plano...

AS FALSIFICAÇÕES

Temos aqui censurado mais d'uma vez a attitude do sr. delegado de saúde, dr. Vicente Rocha, pelo seu proceder perante a denuncia das falsificações das farinhas e outras substancias alimentares.

Nunca negamos que o sr. delegado fizesse diligencias para proteger a saúde publica; notamos porem que esses trabalhos se faziam, sem lhes dar a publicidade que impunha o alarme do publico perante as noticias, que os nossos collegas de *O Norte* trouxeram a publico e que originaram o movimento geral de protesto da imprensa.

Hoje podemos affirmar que as diligencias, tarde e preguiçosamente feitas, foram mal dirigidas.

O sr. delegado de saúde recolheu amostras de farinha, mandou-as analyzar.

Demorou-se o resultado, como era de esperar.

Quem defende a saúde publica, emquanto não vem o resultado das analyses?

Mas suponhamos que vem o resultado, e que elle é desfavoravel, que indica que as farinhas estám fálsificadas; nada de util se seguirá d'ahi; *porque os sacos de farinha suspeita não foram sellados,* e se irám esgotando no consumo com grave prejuizo para o publico.

Teria o sr. delegado de saúde meio de elucidar o publico e prevenil-o do perigo possivel?

Tinha.

Era mandar vir do Porto amostras das farinhas suspeitas, e pol-as em lugar onde podessem ser examinadas.

O publico iria ver, e tiraria as indicações que pudesse, para garantir a sua saúde.

Havia ainda outra medida a tomar: informar o publico das casas commerciaes que em Coimbra se forneciam de farinhas de origem suspeita.

O publico, que não tinha outro meio de se salvaguardar, não se forneceria d'essas casas, onde a falsificação era provavel.

Mas assim ficavam as casas commerciaes com as transações embaraçadas?

Ficávam; mas o interesse d'ellas era fazer analysar as farinhas e publicar os resultados da analyse.

Fizessem-no: era o meio de garantir a seriedade do seu commercio.

Mas o sr. delegado de saúde diz que não sabe o nome das casas em que a falsificação se fazia, e que foram denunciadas pela imprensa; porque não tem lido os jornaes!...

Quer dizer: o delegado de saúde de Coimbra, sabendo de uma falsificação de substancias alimentares descoberta no norte, não procura na imprensa a informação diaria, que devia pelo contrario seguir com a attenção e diligencia, que impõe a gravidade do cargo que lhe está confiado.

O sr. delegado de saúde colhe farinhas e não procura saber se póde encontrar perto quem lh'as analyze, mandando-as commodamente para Lisbôa, e contenta-se em brader pela necessidade de um laboratório de analyzes, em que ache pretexto para um ordenado novo, que lhe permitta descançar, como tem direito pelos seus serviços politicos.

E passa a vida a lastimar o subsidio insignificante que a câmara municipal dá ao laboratório de microbiologia da Universidade, onde se trabalha com intelligéncia, saber, e boa vontade.

E assim é que o sr. delegado de saúde de Coimbra passa a vida a lastimar-se, ao passo que do Porto se lembram do sr. Charles Lepierre, do seu saber, da sua boa vontade, e o consultam com proveito.

Lembram-se, no Porto, da boa fonte de informação que havia em Coimbra, da bôa vontade e saber do sr. Charles Lepierre, do gabinete de microbiologia, em que o sr. dr. Vicente Rocha não pensou, tendo-o tam perto!

Vê bem o sr. delegado de saude, que havia outra cousa a fazer, de que s. ex.a se não lembrou, mais util para a saude publica, e de mais credito para esta cidade.

LITTERATURA E ARTE

NA AGONIA

A Carlos Malheiros Dias

Queria erguer-te ao céo, erguer-te aos astros;
Fazer da minha alma um pedestal,
Que andar no mundo, é caminhar de rastros,
N'uma existencia fria e desegual...

Ai, bellos tempos d'esse Portugal,
Em que era o céu azul, sómente d'astros;
Os peitos eram fortes, de metal;
E os braços eram rijos como mastros!...

Morreu tudo isso, agora, — e bem de vez! —
Cahiu o Reino santo da Illusão!
Não temos marinheiros no convez,

Nem musculos possantes de leão!
Já não existe um braço portuguez,
Capaz d'acompanhar um coração!

Ladislau Patricio.

CARTAS DE CÁ

22—VIII—902.

Faz depois d'ámanhã oito dias, que, depois de jantar, me metti num *electrico*, com destino á Foz.

O carro ía abarrotado, e foi por isso que com grande custo, consegui entalar-me entre uma sopeira nédia, e tosada, em traje de festa, com lenço garrido e saias farfalhantes, cheirando a chita nova, e a massa amolancada de uma matrona, de papeira de tres andares, côxas apartadas, resfolgar forte e angustioso, e peitos collossaes, e relaxados, ás tremuras e aos abanões sob o mantelete.

Fazia calor, e naquella athmosphera pairava o silêncio pezado e atterrador da multidão entorpecida pelos balanços e pela monotonia do rodar do carro.

Em certa altura saiu uma familia: —papá, mamã, e dois pequenos, horrivelmente apertados nuns fatinhos justos, com os pés torturados nas botas de verniz, as mãos entaladas nas luvas de fio de Escóssia, o pingalim da praxe, entre os dedos, e as cabecinhas macilentas, delambidas, sem expressão, aureoladas com o bonnet marujo, e talvez tambem com os laureis de um precoce exame de instrucção primária.

Candidatos á vacatura, surgiram dois cavalheiros. Um bronzeado, de barba *á guise*, baixo e de pancinha arredondada, lembrava um dêstes negociantes, de barrete turco, que vendem nas feiras, tapetes argelinos e rozários. Outro, de barba longa, todo saccudido, vinha animado, berrando muito, gesticulando, com ar de pessôa importante, e de quem falla sempre alto e de cadeira.

Este figurão poisou, e continuou a discursar, fallando de exames, de ensino, de administração, de politica, do seu jornal, e desenrolando, sempre com grandes exaggeros e ignorância, o sudário dos nossos males.

Num aviar de caixeiro atarefado, lançava por terra, uma a uma, as personalidades contemporáneas mais em evidéncia, via Portugal nas mãos da Grã-Bretanha, concordava na necessidade de uma tutella, vendia as colónias, arvorava-se em ministério, e por fim, virando se num grande gesto, para o sujeito côr de bronze, e de barba *á guise*, que depois soube ser extranjeiro, argelino até, se não me engano, clamou, envolvendo-nos a todos na larga curva do seu braço: — *Isto é um pais de bestas.*

Remoçou-me um febrão pela face, já afogueada, atirei-lhe um olhar de protesto e de desdem, e mirei depois, em volta, as caras dos parceiros. As bôccas pendiam-lhes embasbacadas, e os olhos tinham a mansidão melanchólica dum olhar de perdigueiro.

O africano mostrava, por entre os beiços escuros e carnudos, a dentuça, clara como um teclado de piano, e com o olhar pesado calcou aquella malta de indifferentes.

O jornalista, limpava-se do suor, e tinha o ar pimpão de um ginete fogoso, apoz um par de coices.

A's duas por três achei-me na Foz. Os carros despejaram alli, uma chusma de passageiros. O mar bramia ao longe, e ao fundo de uma rua, que ia ter á praia, via-se, de quando em quando, espadanar uma rabada de espuma furiosa e alvadia.

No Passeio Alegre, a luz crua e lívida dos bicos Auers, estagnava sobre a grande artéria onde bandos de banhistas andavam pendulando.

Numas chapadas cheias e sonoras, vibravam os metaes da banda. E as meninas passavam sempre, umas atraz das outras, como as ondas, desabrochando risos e olhares, e remoendo, com os tacões das botinas, os grãos de areia, donde o seu passinho miudo e frequente, arrancava um murmúrio semelhante ao farfalhar das sêdas.

A's 10 e meia da noite, atirei-me, novamente, para o *eléctrico*, de volta ao Porto.

Na Cantareira estralejavam foguetes. Uns balões venezianos pingavam uma luz mortiça sobre uns taboleiros de dôces brancos, côr de cal. E ao canto, a capella toda aberta, ostentava, num luxo pagão de luzes, vermelhos e dourados, o altar em festa.

Ao cimo, no meio daquella ornamentação berrante, mas ingénua, o manto da virgem vibrava a nota azul dum céo seguro e limpo.

No Carmo deixei o *eléctrico*, e sepultei me no antigo americano puxado a muares, quási ás escuras, com os lumes de duas velas a espreitarem por uns vidros verdes e vermelhos, e a espalharem lá dentro sombras sinistras de lampadário.

Na rampa da Lapa, esperava-me outra festa. Uns poucos de balões arredondados, cheios, pendiam dos festões de buxo, como se fôssem bagos prenhes de luzes de diversas côres. Uma banda de música remoía uma polka, toda repenicada. Na rua, aos grupos, as raparigas, bailavam, saccudindo as ancas, revolvendo as saias, e palmilhando o pó. E enquanto o sotta numa grande correria e algazarra, espertava as mulas com gritos e vergastadas, um vizinho de banco annunciava-me a celebração, no dia seguinte, da cerimónia do lançamento da primeira pedras, dum hospital, para cuja fundação, uma senhora, ainda viva, muito rica e caridosa, destinara uma somma importante. Sem querer, lembrei me das nossas **Créches**, e do quanto desejava encontrar, para ellas, um espirito caritativo e bom, como o daquella senhora. E não sei se foi por isto, sonhei nessa noite, com um avarento de Coimbra, que nem sequer teve coragem para arrancar á farta bolsa, uns tostões com que pagar ás Creches, uma quota cada mês.

Aquí está, meus amigos, a carta dêste número.

Fi-la já em Coimbra, onde estou, e subordinei-a, por isso ao titulo de *Cartas de cá*. Se quizerem, podem, porém, chamar-lhes *Cartas de cá-ca-ra-cá*.

Não erram, nem eu me zango.

C. F.

Trem desarvorado

Na sexta feira, pelas 8 horas e meia da noite, grande numero de pessoas que estavam no largo da Portagem foram surprehendidas pela passagem dum caleche, sem governo, que, numa correria doida, vinha pela Estrada da Beira, fazendo uma grita medonha os populares que seguiram o trem no curso.

O caleche, ao chegar perto do largo da Sotta, esbarrou numa esquina, ficando muito damnificado, na parte trazeira e na caixa do lado direito.

Felizmente não vinha ninguem dentro, não havendo portanto senão prejuizos materiaes a lamentar.

Procurando informações, sobre o succedido, soubemos o seguinte:

O cocheiro Eduardo Martins Paixão estava com um caleche, da cocheira do sr. Serrano, perto da ponte da Portella. Como anoutecesse apeiou-se para acender as lanternas, não travando o carro nessa occasião como a prudencia indicava.

Um collega, que ali estava, tocou os animaes do carro que guiava, dando em resultado a parelha do Paixão assustar-se e largar numa corrida vertiginosa em direcção a Coimbra.

O cocheiro correu em seguimento della, mas não a conseguiu apanhar, sendo uma felicidade enorme o não atropellar alguem, pois por causa da feira de S. Bartholomeu e da festa do Senhor da Serra, andavam muitissimas pessoas pela estrada e na Portagem.

O acontecimento, como é de prever, causou grande alvoroço.

Começaram no dia 22, e prolongam-se até ao dia 29, as provas dos alumnos, da Escola Normal, a quem por impedimento legal ou por auctorisação da direcção geral de instrucção pública, foi concedido fazerem exame êste mês.

PELA POLICIA

José Nunes Maçarico, de Pedrogam, queixou-se, de que Luiz Quatorze e um tal Lucas, gatunos de profissão, que ha muito deviam ter sido entregues ao governo para lhes dar destino, abusando da sua confiança e com palavras *amaveis*, lhe roubaram a quantia de 5$000 réis, a titulo de arranjar passaporte para ir para a Africa, sendo capturados a tempo pelos guardas 78 e 80, do contrario o pobre homem teria visto os 5$000 réis uma vez.

Tornou a reunir effectivamente na quinta feira a sessão do concelho superior de agricultura, para discutir o regulamento da Escola nacional de agricultura de Coimbra, regulamento que foi elaborado pelos srs. Alexandre Figueiredo, Alvaro Pereira, Achiles Ripamonti e Rodrigues de Moraes.

Presidiu á reunião o sr. Jorge de Mello.

Na administração do concelho de Coimbra está patente, até ao dia 30 do corrente, a lista dos devedores das contribuições industrial, rendas de casas e predial, do anno de 1901, das quatro freguezias de que se compõe esta cidade.

Que os contribuintes em divida se acautellem e tratem de pagar as suas collectas em divida, senão o fisco cae-lhes em cima e leva-lhes os ultimos tarecos que tiverem em casa.

E de mais a mais agora, que estamos no tempo das vaccas magras...

Brancos e pretos

Quando os regulos da Africa portugueza querem prestar vassalagem ao *maniputo* (rei de Portugal), dizem que querem *pegar pé* e mandam os seus séculos ao governador mais proximo para essse fim.

Pois á Anadia têem ido, de varios pontos do pais os *ceculos* de differentes terras amigas *pegarem pé* ao *governador* em disponibilidade conselheiro José Luciano, não ficando atraz nesse acto de cortezia e vassalagem os *ceculos* desta bella cidade de Coimbra.

Ainda bem que o *berço da sciencia* não ficou em pouco e se fez representar na côrte do *maniputo* progressista; *maniputo* sem offensa para o sr. D. Carlos.

Tome conta o illustre Maniputo de Castro; que os seus correligionarios sam homens para s. ex.ª lhes dar o pé e elles pegarem na mão.

O reitor da Universidade de Budapest dirigiu um officio ao director geral da instrucção pública convidando-o a fazer representar os académicos portuguezes no 3.º congresso de estudantes, que brevemente se realiza na capital da Hungria.

O officio era acompanhado por um programma illustrado das magnificentes festas que se realizarão em Budapest, quando da abertura do congresso.

Hontem de tarde o carro da manutenção militar atropellou, no largo da Portagem, uma mulher, de S. Martinho, que foi acompanhada ao hospital pelo guarda n.º 75, para receber curativo.

A tal mania de andar á desfillada, com o tal carrão, ha de forçosamente dar semelhantes resultados.

Nós bem o dissemos, quando reclamámos providencias.

ANNUNCIOS

SINCERIDADE

Ficarei muito grato se me procurar e der melhores explicações do assumpto da carta anónyma què recebi em 17 do corrente.

(Creia em muito segredo.)

A. M. M.

Figueira da Foz

Aluga-se, agosto e setembro, um 1.º andar, bem situado, confortavel e hygiénico.

Para tratar com João Gomes Moreira, rua Ferreira Borges — Coimbra.

Sophia, 167

Ha para vender 2 bilhares, sendo um de pau preto e outro de mogno, bem como estantes e portas envidraçadas. — **F. Lobo.**

(41) Folhetim da "RESISTENCIA,,

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA

DO

CONVENTO

XIX

Lambrune tinha dito, pela manhã, a Villy:

— Decididamente, não assisto ao casamento de tua filha.

— Seria o primeiro a senti-lo, meu caro Lambrune, se não tivesses a desforra: no próximo anno serás padrinho.

— Safa! Camarada, vais muito depressa, sobretudo depois de tantas demoras.

O coronel abanava a cabeça, como um homem que duvidava de tudo. E' necessário dizer que elle tinha abordado este assumpto de conversa, não para fazer o jôgo de Emmanuel, que não o interessava, mas para preparar Villy para a decepção, que poderia feri-lo.

— Com esta é a segunda vez que tu me insinúas a tua inquietação sobre êsse casamento. Não sei donde ella te veio. Emmanuel continúa a ter com Alice as mesmas attenções, o mesmo affecto...

— Sim, é verdade, interrompeu Lambrune, é muito correcto como primo; mas, para noivo, não lhe ficava mal um boccadinho de ternura a mais.

— Querias que elle passasse o tempo aos pés della, como um trovador de romance?...

— Olha, meu caro, os trovadores não eram tam maus como os pintam.

— Não exaggeremos tambem. E' natural que Emmanuel e Alice cheguem docemente á consagração dos sentimentos que os ligam; estám habituados um ao outro, ha tanto tempo!

— E' êsse justamente o perigo, meu amigo. Fallo por Argouges, entende-se. Tem vinte e três annos, a edade das labaredas imprevistas da paixão, e das massadas mais sérias. Quem te diz a ti que daqui a um mês ou dois, por exemplo, numa viagem a Caen, ou a outra parte, por exemplo, não encontre a desconhecida de que se deve desconfiar tanto mais que não é annunciada por nenhum presentimento, e que o hábito dum affecto não seja apagado pela novidade do amor.

— Como, meu velho soldado, estás a fazer romances, tu, puros romances?

— Irra, meu velho lavrador, é que o romance é feito de realidade e, em mais dum caso, fica-lhe inferior. Lembra-te do ditado — muito sabe o diabo; porque é velho. Eu sou velho, meu amigo.

— Aonde queres tu chegar?

— A isto. Que dirias tu, Villy, no dia em que Emmanuel te escrevesse alguma coisa deste género: «Meu bom tio, tenho o mais vivo pezar em contrariar as suas intenções, que até ao presente eram tambem as minhas; mas reconheci que não tinha por Alice mais do que a amisade de um primo; o amor verdadeiro e irresistivel, ah! sinto o por outra. Peço lhe que seja indulgente commigo e obtenha o meu perdão de minha prima, que continúa mais querida que nunca, e por a felicidade da qual faço votos».

— Duro, mas bem dito o teu escripto, meu caro Roland. Faz acreditar que já por lá passaste.

— Vi passar um primo; e bastou.

— Mas, meu velho amigo, ha primos e primos.

— Conheço essa má razão, é a última. Pois bem, o primo, de que fallo, estava exactamente nas mesmas condições que Emmanuel. Tinha sido educado com a prima, cujo pae tinha antecipadamente arranjado e enfeitado o enlace e o futuro das duas creanças. Ambos brincavam de mulher e marido, até á edade, em que se deixa de brincar, e em que por isso se não torna a fallar em casamento. Um dia, a desconhecida terrivel, que nunca é esperada, e que chega sempre, veiu collocar-se entre elles. Então o primo, que se não atrevia a explicar abertamente, mandou o bilhete, *bem escripto, mas duro*, cujos detalhes te poupei.

O coronel olhava para o seu velho camarada. Desta vez, pensava, tenho medo de ter saltado a pés juntos sobre o prato. Mas Villy não se deu ao trabalho de reflectir.

— Esse primo, respondeu, era um garoto e Emmanuel é um rapaz sério.

— Emfim, admitte, por um momento, a minha hypóthese, por disparatada que te pareça. Ao receber o trecho epistolar citado, o que dirias tu?

— Em meu nome, não diria nada.

Argouges não tinha compromettido commigo a sua palavra. Mas, quanto a Alice, o caso é differente. A pobre rapariga habituou-se á ideia de partilhar a sua vida com o pai, a avó, e Emmanuel, e de a dar inteira a êste, quando a avó e o pai lhe faltarem. Tu mesmmo o jurarias, não é verdade, que nunca teve deante dos olhos a imagem de outro homem e que não soffreria mesmo só essa ideia? Para ella, não ha senão Emmanuel; perdendo-o, não quereria ouvir palavras de consolação e menos ainda de esperança. E, eu perderia, ao mesmo tempo, minha filha; porque haveria de fazer-se religiosa, como mademoiselle de Croisy. Seria, talvez, a única dulcificação do seu pesar, pensar que ia encontrar a sua amiga no convento de Bayeux.

O nome de mademoiselle de Croisy devia produzir um effeito singular naquelle momento, sobretudo em quem sabia tudo, como Lambrune. Alice poderia ir-se enterrar em Bayeux, mas, nesse caso, não teria a seu lado a amiga dos seus verdes annos; essa estaria nos braços de Argouges. O coronel voltou a cabeça, com medo de que o rosto não trahisse, numa visagem, essa impressão.

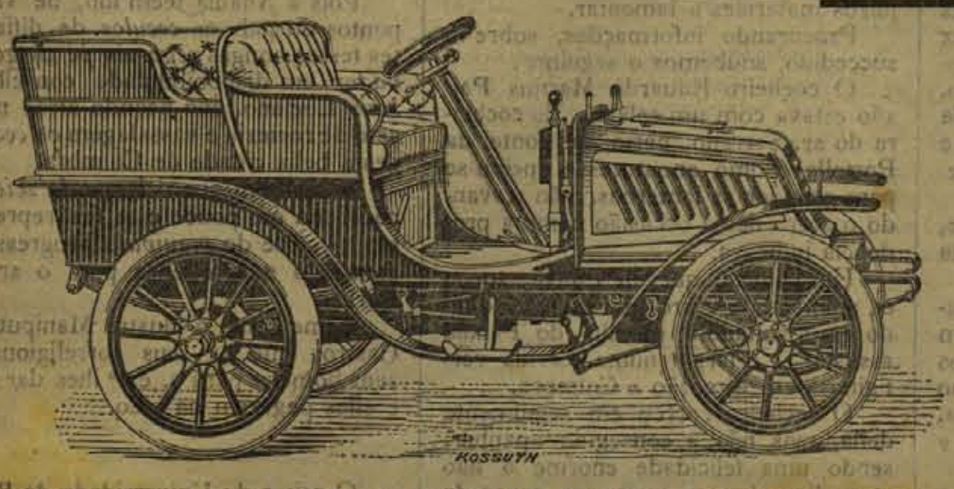
— Então, replicou Villy depois de uma pausa, desde que o futuro de Alice dependesse dessa inconstancia tardia, que me roubaria não só uma esperança afagada de longe, mas minha própria filha, confesso que não sei de que seria capaz naquella dor extrema, a não ser que ficasse logo doido... Não, não; é impossivel! Não pensemos nisso, peço-to, nem mais um instante!

— Perdôa, ao menos, o ter perturbado a tua tranquillidade com esta conversa, disse Lambrune, aterrado com o desespero em que via Villy, ordinariamente tam tranquillo. Não poder ás duvidar, que, querendo prevenir mesmo o impossivel, tive só um fim: a segurança da tua felicidade e a de tua filha.

(*Continua.*)

EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

AUTOMOVEIS DARRACQ



Para mostrarmos que os **"Automoveis Darracq,,** além de serem

Os mais elegantes, os mais baratos e os que menos gazolina gastam

Sam tambem

Os mais sólidos e os mais ligeiros

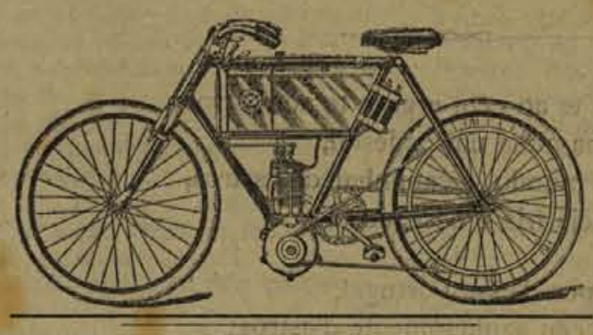
basta ennumerar algumas das suas victórias nêste anno:

1.º prémio na corrida da subida da Turbie

1.º prémio na corrida de Nice — 1.º prémio no Circuit du Nort

Nas grandes corridas Paris-Vienna bateu com carros do máximo 24 cavallos as carruagens «Dainler» de 40 cavallos, «Mors» de 60 cavallos e 6 carruagens de Panhard Levasseur de 70 cavallos!! ganhando o 1.º prémio na série de Vaituret; 2.º, 3.º, 4.º e 5.º na série de Vaituret legere e o prémio de classificação geral.

MOTOCYCLETTE "WERNER,,



A **Motocyclette WERNER** de 1 ¾ de força não precisa de rèclame, contudo diremos que nas corridas Paris-Berlim, Paris Bordeaux e nas subidas de Gaillon e Turbie-Paris Roubaire, Nice-Marseille, etc., etc., chegam sempre na vanguarda!

Nas grandes corridas *Le circuit du Nort* e Paris-Vienna quantas *Werners* partiram, quantas chegaram, apesar do grande temporal que fazia!! Déz de differentes marcas que disputavam o prémio nenhuma chegou!!

Recentemente em Portugal o Record Porto-Lisboa feito debaixo de chuva e com estradas em péssimo estado.

Motores LURQUIN-COURDET de 1 ¼ cavallos de força applicavel a qualquer bicyclette

Adaptam-se nas nossas officinas e garante-se a sua superioridade a qualquer outro de egual força.

Dos automoveis "Darracq,, da motocyclette "Werner,, e do motor "Lurquin & Courdet,, sám unicos agentes em Portugal

LEÃO, MOREIRA & TAVARES — "Empreza Automobilista Portugueza,, — Coimbra

---

Estabelecimento de chapeus para sol e chuva

DE

JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA

20 — Rua do Sargento Mór — 24

COIMBRA

N'este antigo estabelecimento se concertam e cobrem de novo guarda-soes, tanto de seda como de setim, de brilhantina ou de paninho.

Tambem se fazem guarda-soes novos e se fazem de varetas de todas as marcas, tanto redondas como elasticas, assim como todos os trabalhos concernentes á sua arte.

Arrenda-se ou vende-se

Uma bella propriedade de terra lavradia, com pomar e vinha, casas de habitação, curraes, eiras e grande abundancia de agua, sita na estrada de Mira, ao 1.º kilometro, a partir da Figueira, e por isso muito proximo desta cidade.

Para tratar no Passeio Infante D. Henrique, n.º 7.

Não obsta o contra annuncio inserto no n.º 1:086 da *Gazeta da Figueira*, de 6 do corrente, porque a questão que se ventila diz respeito á mota que existe entre este predio e o do dr. Augusto Eduardo Ferreira Barbosa, de Coimbra, e cuja decisão, seja ella qual fôr, nada influe nas condições e valor do predio aqui annunciado, como aquelle dr. Barbosa muito bem sabe.

APPARELHOS BARATOS

para Photographia

Camaras para 6 chapas 6,5×9, munidas de boa objectiva e 1 visador a 1$500 réis.

Ditas com mais luxo e 2 visadores a 2$000 réis.

Ditas para 12 chapas 9×12 e 2 visadores a 4$000 réis.

Outras novidades photographicas chegadas agora.

Grande sortido de chapas Scheleumer's, Lumière, Imperial, etc., e papeis albuminado e aristos pelos preços correntes nas casas principaes do genero.

Papelaria Borges

REDUCÇÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em **ferragens e materiaes de construcção** como em **cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mêsa,** participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quas todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas **compras directamente nas principaes praças extranjeiras e fabricas portuguêsas,** sam uma garantia de que póde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

CURSO PRATICO

DE

Escripturação commercial

Abre desde já, para funccionar em Santa Clara, em dias alternados, das 7 ás 9 horas da manhã, sob a regencia de

M. d'Amaral

encarregando se tambem de balanços para trespasses, concordatas ou fallencias, e de partilhas entre particulares.

Informações podem os interessados obtel-as dos srs. Correia, Gaitto & Cannas, rua do Cego, 1 a 7 — COIMBRA.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos,** continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis.**

O proprietário,

José Maria Junior.

"EQUIDADE,,

Companhia de Seguros

Vida de animaes, fogos, fianças e rendas de casas

Preços muito reduzidos

Correspondente em Coimbra

Joaquim Antonio Pedro

Em casa do Sr. Antonio Rodrigues Pinto.

Casa para arrendar

Arrenda-se uma boa morada de casas, com tres andares e grande quintal, na rua João Cabreira, 21.

Trata-se com seu dono Alipio Augusto dos Santos, rua do Visconde da Luz, 60.

LUCCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

Consultorio dentario

Figueira da Foz

Rua Fresca, 43

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Colmbra

De 15 de Agosto a Outubro — Consultas das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

Nóva Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

Bicycletes com motor

R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

João Gomes Moreira

LOJA DO MINHO

44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48

Deposito das ligitimas machinas **Singer,** instrumentos, musicas, Pianos, Bicycletas, occulos e lunetas.

Espingardas

VENDAS A PRESTAÇOES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges = COIMBRA

"SINGER,,

Lembra-se a todas as pessôas que forem a Lisbôa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surprehendente Exposição Fabril e Artistica SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida.

Mêsa rica

Thomás Pombar com estabelecimento de bric-à-brac, tabacos e occulista na rua Ferreira Borges, em frente ao Arco d'Almedina, tem para vender uma mêsa de pau preto e sándalo, com embutidos de marfim e obra de talha. Quem a pretender póde ir vê-la ao seu estabelecimento onde está em exposição.

Emprêsa editora de publiações illustradas

162, 1.º — Rua da Rosa, — 162, 1.

LISBOA

Em publicação as obras completas de Paulo de Kock, das quaes está já em distribuição o primeiro volume nitidamente impresso e primorosamente illustrado com espléndidas photo-gravuras.

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 727 | COIMBRA — Quinta-feira, 28 de Agosto de 1902 | 8.º ANNO

A imprensa e a educação civica

O que actualmente se está dando com as falsificações das substâncias alimentares, como os escandalos, que vêem a lume no serviço de fiscalização dos impostos, sám uma manifestação a mais da profunda decadéncia da nossa organização política, symptomas do mal geral que provem da falta de educação civica.

A imprensa, por um trabalho inconsciente, não só não tem sabido encontrar remédio ao mal, corrigi-lo, ou curá lo, mas tem pelo contrário, por um excesso de reportagem, contribuido para o aggravar.

A publicação diária de crimes, pormenorizada até á última minúcia, a descripção minuciosa das falsificações, descendo a explicações pedidas a téchnicos auctorizados e respeitados, tem posto ao serviço da ignoráncia pública o trabalho honrado dos experimentadores. E assim se tem feito a escóla do crime.

Hoje, só quem não queira, é que não fará pão falsificado. Sabem-se as substáncias necessárias, as dóses, o meio de conseguir as falsificações das diversas qualidades de pão.

E' fácil experimentar, e verificar o que os jornaes escrevem diariamente.

Por outro lado os falsificadores, a principio perseguidos com todo o rigor das cóleras irreflectidas, sam mais tarde vistos com mais benevoléncia, acabando-se por lhes perdoar tudo, por se não poderem castigar todos.

E esta marcha da opinião é confirmada pela imprensa, que a segue inconscientemente e lhe dá auctoridade e fôrça.

A fôrça suggestiva da imprensa, a sua acção deletéria sobre organismos fracos e debilitados physica ou moralmente, está hoje determinada por todos os que se têem dado ao estudo dos phenómenos sociaes, e das suas causas determinantes.

Assim é que por vezes se tem feito, mesmo na imprensa, uma campanha contra as notícias dos suicídios, que vêem determinar sempre o apparecimento de outros casos, claramente devidos á leitura das noticias sensacionaes.

Apparecem assim, numa localidade, casos seguidos de morte por suicídio, como se se tratasse duma doença epidémica.

Na genese do crime, a influéncia determinante de leituras especiaes observa-se desde longa data. Um episódio, que feriu a attenção do criminoso numa circunstáncia especial e a ella deve o ter-se gravado duma maneira intensa no seu cérebro, explica a modalidade do crime, a sua especialidade, a sua individualidade.

E' assim que, ás vezes, o mesmo facto criminoso, repetido nas mesmas crcunstáncias, se explica de um modo satisfatório, e leva ao conhecimento e castigo do crime.

Mas, outras vezes tambem, vem a verificar-se que a unidade do crime é devida á unidade da suggestão, actuando ao mesmo tempo sobre organizações viciosas.

Um crime descripto minuciosamente, pormenorizado durante muitos dias, actua ao mesmo tempo sobre organizações identicas em eminéncia mórbida e determina a multiplicação dos factos criminozos, reproduzindo-se sempre nas mesmas circunstáncias, com os mesmos detalhes.

O facto é tanto mais para estudar e para temer, que a leitura do crime e do vício é a seguida com mais attenção, a que mais lucros dá, e a imprensa deixa-se arrastar, quando não pelo interesse, pelo desejo de satisfazer o público.

Assim é que em Portugal, ora se escondem os suicídios, ora se publicam ruidosamente, quebrando todos os compromissos tomados a êsse respeito.

Vê se mesmo mais, todas as vezes que um jornal consegue chamar a attenção pública e prendê la com a narração dum escándalo ou dum críme.

O resto da imprensa acompanha o jornal, tenta roubar-lhe ou esconder-lhe a glória que poderia ter com a descoberta, e dai a pouco vê-se com extranheza um jornal attribuir a si toda a moralidade duma campanha iniciada e sustentada por outro.

E a repetição dêstes factos não pode deixar de influenciar desastrosamente sobre os que estám na eminencia de um crime.

Assim é que o excesso de detalhes sobre falsificações deve dar logar ao appareeimento de novos falsificadores.

Por outro lado, a imprensa tem mostrado como é fácil a vida vendendo a consciéncia; todos os dias denuncia um novo crime, que fica sem castigo e sem protesto; cita os nomes dos maiores homens públicos como exemplos de corrupção, e contribue assim inconscientemente para garantir a impunidade, a quem o mêdo do castigo provavel seria bastante para desviar do crime.

A influéncia indirecta na nossa administração pública tem sido tambem das mais nefastas.

A imprensa que se vende, e que consegue, apezar de toda a gente o saber, influir na direcção dos negocios publicos, tem sido, por exemplo, um agente de corrupção.

E' assim que se tem fundado jornaes unicamente para favorecer os interesses dum individuo ou duma classe, que preferem gastar assim, sem ter de pedir favores, o dinheiro que por outra forma teriam mais trabalho a gastar para pagar agentes da corrupção, com apparencia de homens honestos.

A imprensa mostrando impune o procedimento das auctoridades superiores, ensinando o segredo da vida facil, tem a responsabilidade da corrupção nacional; porque não tem tido a consciencia da responsabilidade que lhe compete na educação civica.

A imprensa tem vulgarizado o escandalo, propalado o crime, sem uma phrase de indignação sentida, preoccupada só com a excellencia da sua informação, reclamando a prioridade da publicação de circumstancias insignificantes, sem um conselho, sem uma phrase de elevação moral.

A imprensa tem-se importado unicamente em Portugal com o numero dos seus leitores, tem por isso lisongeado o maior numero, modificado as opiniões ao correr dos acontecimentos, sempre com a mira no lucro, sempre com a ideia do numero dos seus leitores, que é sempre a primeira noticia, o a mais cuidada dos jornaes portuguêses.

E desceram tám baixo os creditos da imprensa, que ninguem se atreverá a garantir que seja essa a noticia mais verdadeira.

O sr. Charles Lepierre está procedendo ás analyses de vinhos e azeites, cujas amostras lhe foram enviadas pelo sr. delegado de saúde de Coimbra.

Assim devia ter-se já feito com as farinhas; porque era de prever que em Lisboa não poderiam facilmente analyzar com a rapidez, que as circumstancias exigiam, as amostras de farinha e generos alimentares, que se suppunham improprias para a conservação da saúde publica.

As amostras têem affluido ás centenas, e em Lisboa ha difficuldades de dar resposta prompta por excesso de substancias a analyzar e por falta de analystas.

O conveniente teria sido montar laboratorios de hygiene nas principaes cidades do pais, ou pelo menos em Coimbra, Porto e Lisboa, com dotação e pessoal sufficiente para fazer as analyses que lhes fossem pedidas pelos commerciantes ou consumidores, estabelecendo a tabella de preços e forçando á affixação do resultado das analyses.

Por agora a boa vontade do sr. Charles Lepierre vae ajudando a resolver a difficuldade de momento; mas é necessario attender que, apezar do interesse da saúde publica, não se póde pensar em manter este estado, devendo estabelecer-se remuneração condigna que indemnise o sr. Charles Lepierre do tempo que com isso perde, roubando-o aos seus trabalhos diarios.

Além disso deveria estabelecer-se uma verba especial dos cofres do governo civil para a compra dos reagentes necessarios para analyzar as substancias alimentares.

As dotações dos laboratorios officiaes de Coimbra, em que ellas se poderiam fazer, é insignificantemente ridicula, e não chega mesmo para as necessidades correntes do ensino.

A direcção geral de instrucção publica já expediu á reitoria da Universidade de Coimbra a portaria auctorizando a matricula no 1.º anno da Universidade aos estudantes a quem falta o exame de allemão, nos termos da consulta emittida pelo conselho superior de instrucção, a que nos referimos.

Tem nos ultimos dias, sobre tudo depois do de S. Bartholomeu, affluido muitos viajantes a Coimbra. E' por isso a animação na cidade maior do que a dos annos anteriores, notando-se um movimento desusado nos hoteis.

Do Bussaco foram em digressão artistica ao mosteiro de Lorvão, os srs. Ruy Ennes Ulrich e dr. Henrique de Vasconcellos, demorando-se, na volta, o dia de ontem, em Coimbra, para vêr a Sé Velha e os museus.

Salubridade publica

Chamamos a attenção da camara para o vergonhoso estado de abandono em que se encontram as runas que passam entre as ruas de João Cabreira e da Moeda e entre esta e a da Louça.

Descobertas n'uma grande extensão, as immundicias encontram-se accumuladas nalguns sitios, exhalando um cheiro insupportavel, principalmente quando os raios do sol incidem sobre ellas.

As runas não podem continuar descobertas, sendo de inadiavel urgencia não só cobril-as, mas de quando em quando lançar sobre ellas jorros de agua, que as desobstruam, livrando-se assim os pobres moradores de cheiros incommodos e tám nocivos para a saúde.

Dizem-nos que por vezes a camara tem tratado de providenciar para o cobrimento das runas, mas que a politica mesquinha se intromette entre ella e as providencias, continuando as coisas no mesmo deploravel e prejudicial estado em que se encontram!

Veremos se as nossas justas reclamações sám attendidas.

Por se estar fazendo muito tarde para a affixação do edital respeitante ás matriculas do futuro anno lectivo, a reitoria da Universidade pediu, por telegramma, á direcção geral de instrucção publica as necessarias instrucções sobre o assumpto, que já devem ser em harmonia com a nova reforma, mas que ainda não chegaram.

Sempre felizes

Um dos *generaes* do monarquismo, ha pouco fallecido, declarou no seu testamento: *que apezar de muito calumniado em vida, morre pobre.*

Tambem Lopo Vaz *morreu pobre*, mas por acaso soube-se que os seus herdeiros tinham a receber no Banco de Inglaterra, uma porção de dezenas de contos. E apezar disso não deixou nenhuns 500$000 réis a cada creado...

Não ha, para terem sorte, como os grandes politicos: gosam á custa dos outros, em vida, e no testamento dizem-se *pobres e honrados*, para arranjarem *um bom lugar* no outro mundo.

Depois de enganarem os mortaes, tentam illudir o Padre Eterno e subornar S. Pedro...

A sua última vontade, é a vontade de toda a sua vida politica.

Apezar de ainda se notarem alguns casos de varicella, variola e sarampo, tem melhorado o estado sanitario de Coimbra.

Liquidações monárchicas

Lê-se no *Diário da Tarde:*

«Desde março que o sr. Jeronymo de Vasconcellos tratava de descobrir uma fraude no imposto das fabricas de cerveja. Hontem conseguiu apurar que essa fraude era commettida com a cumplicidade de varios individuos empregados na fiscalização do sello.

«O escandalo é enorme e tem sido por toda a parte o assumpto das conversas. Os empregados implicados são os seguintes:

«Romano Navarro, chefe fiscal, Carlos de Oliveira, sub-chefe, Almeida, Gonçalves, Borja, Saldanha, Pereira, fiscaes. Parece averiguado que recebiam cada mês da fábrica de cerveja «Jansen», respectivamente, 40$000, 30$000, e 20$000 reis e da da «Trindade» 90$000, 80$000, e 20$000 reis para que as referidas fabricas deixassem de dar ao manisfesto grande quantidade de cerveja.

«Nestes dois ultimos mêses, calcula se que por esta fórma fossem sonegados ao fisco trinta mil litros.

«O pessoal compromettido neste escandalo está preso na inspecção, devendo ser remettido para a alfandega juntámente com os gerentes das fabricas. A fraude, que era rendosa, data de ha muito tempo.

«A' ultima hora soube tambem que tinha sido preso Lanes Ferreira, alferes da guarda fiscal, que tambem recebia 40$000 reis mensaes.

«Diz-se que ha outros escandalos analogos, que em breve devem vir á supuração.»

O *Mundo* insere o seguinte commentario sobre as causas que determinariam o sr. Jerónymo de Vasconcellos a proceder:

«Noticiou ha dias este jornal que o sr. Hintze descobriu taes coisas no ministério da fazenda que chegou a indignar-se contra o amigo Jerónymo.

«Posteriormente, informações officiaes deram noticia da aposentação próxima do sr. Jerónymo.

E' após isto que o amigo Jerónymo *descobre* um importante roubo á Fazenda.

«Quiz apenas amigo Jerónymo mostrar os seus préstimos e a sua habilidade?

«Quiz mais alguma coisa — vingar-se do sr. Hintze na pessôa dalgum amigo?

«Ficam simplesmente as perguntas por enquanto.»

Continuando, publica o mesmo collega o seguinte, que se refere tambem ao assumpto:

«A hora já adiantada, podemos saber que o motivo da fallada aposentação do inspector geral dos impostos é mais escandaloso do que suppúnhamos.

«Pelas informações que temos, a polícia ter-se-ia, enfim, decidido a fazer diligencias sérias sobre a venda de empregos públicos e teria esbarrado com o nosso conhecido Jerónymo de Vasconcellos.

«Então, em nome de superiores razões d'Estado, ter-se-ia resolvido que as diligencias parassem, liquidando-se o caso com a aposentação.

«Reservamo-nos para averiguar até que ponto sam exactas estas informações e até onde chegou a condescendencia do juizo d'instrucção criminal ou a immoralidade do sr. Hintze.»

Nós, acceitando os commentários de *O Mundo*, levamos mais longe a desconfiança.

Conhecendo os processos monárchicos, custa-nos a crer na punição dos dois crimes.

O sr. Jerónymo de Vasconcellos, se fôr verdadeira a accusação, sairá da justiça mais rico e mais honrado.

S. Ex.ª faz politica monárchica.

A uma ameaça respondeu com um escándalo.

Se continuarem as diligencias, o escándalo avolumará e é o perigo da politica monárchica de corrupção.

Nos altos cargos do Estado, rouba-se, dizem-no todos.

Quanto, só elles o sabem.

Para ninguem o saber tudo se calará.

O distincto esculptor Teixeira Lopes anda trabalhando num busto do poeta Eugenio de Castro.

João Arroyo, o *irrevogavel*, disfructa, além das honras de conselheiro de estado, as seguintes prebendas:

Lente da Universidade, director da companhia do gaz, administrador da companhia real, director da companhia das aguas e conselheiro do Tribunal de Contas.

E... se mais mundo houvera, lá chegára.

CARTAS DE CÁ

27—VIII—902.

Apoz uma estopante demora na Pampilhosa, chegámos a Luso no sabbado á noite. Aquelles comboios da Beira cada vez andam mais insupportaveis, e cada vez mais abusam da nóssa paciencia. Além de ronceiros e incommodos, deram agora em atrazar-se meia hora e mais. No sabbado sahiram com perto de 40 minutos de atrazo.

Alguem dizia já que era porque o Emygdio Navarro estava a jantar, e dentro da carruagem corria mesmo contra elle um rumor de protesto e de má lingua. No fim de contas a demora era por um simples capricho, creio eu, da gente da estação. O carro de verga do Homem do Chalet, estacionava ao longe. Afinal soaram as badaladas da sineta, trinou o assobio do conductor, silvou roufenho o alarme da locomotiva, a carruagem estremeceu, e depois, a pouco e pouco, o comboio lá rodou, com grande gaudio dos passageiros.

Na estação de Luzo, havia o barulho do costume, nesta epocha de grande concorrencia. Cotoveladas, pisadellas, luctas com os correctores dos hoteis, muita algazarra, lanternas de carruagens a fitarem-nos espantadiças no escuro, tilintar de guizos; e depois, os solavancos, os estalos do chicote, a poeira, o resfolgar dos cavallos ao subir da rampa, o rumor surdo das rodas contra os eixos, as arvores paradas á beira do caminho, um piscar de cigarro no canto do *char-á banc*, e, por fim, a paragem do carro á porta da Carolina.

Um ventrudo lampeão alagava com a sua luz o terraço da entrada, e recortava, sobre a porta, as letras pretas do letreiro do hotel — *Hotel Luzitano*. Um ou outro hospede gosava ali a fresca, e lá em cima, para a banda do chalet, o piano rumorejava uma musica qualquer.

Fiz as necessarias abluções, abracei um ou outro conhecido, e fui, passado algum tempo, para a ceia.

Na sala de jantar, os creados andavam dum lado para o outro, e, aos grupos, aqui e além, os hospedes sorviam a chavena de chá e trincavam a torradita.

Dormi depois como um anjo, e, no dia seguinte, encetei a santa vida dos ultimos tres dias. Levantava me muito cedo, e rompia pela fresca, para a matta. A manhã, de ordinario ennovoada, andava penteando a nebelina por entre os pinheiraes. Uma humidade fria como um marmore, trespassava me o casibeque, as arvores alinhadas á beira da estrada, tinham um ar grave, e rumorejavam, umas com as outras, num segredo mysterioso.

A agua das fontes gargalhava, occulta, numa risadinha musical e impertinente; e no boqueirão das grutas, e no verde sombrio das aguas empoçadas, sem um arrepio, muito lisas e quietas, havia um não sei quê de atterador e de sinistro.

Buscava de novo a esteira fulva da estrada poeirenta, accordava dois amigos mais madriões, abalavamos para o banho, retoiçavamos na agua pura e limpida da piscina, e depois, ás 10 horas, lá estavamos num canto da salla de jantar, donde se vê a matta, e o Chalet do Navarro, ubeberando-nos, com um appetite devorador, nos pratos do almoço.

Ao longe, as arvores da matta, muito juntas, galgavam, numa carga cerrada a serra do Bussaco. A' volta do Chalet, ou antes da falcatrua do Navarro, agrupavam-se humildemente as casas do lugar. Os telhados do Chalet do Collen punham uma mancha côr de sangue junto á estrada; e o castello *rococó* e estupido do Mattoso dos Santos, alevantava, com ar pretencioso, o rachitico e mal feito torreão.

Tinha o ar de um castellinho de loiça a pedir uma lamparina, lá por dentro, a illuminar lhe as janellas e minaretes. Na salla de jantar ouvia-se o tilintar, alegre e claro, dos pratos e talheres, e no meio do cheiro gorduroso a bifes e ensopados, havia um perfume lavado e fresco a banho e sabonete.

Depois do almoço, o sol espadanava lá por fóra, e do lado da estrada vinha, com o pó, um bafo quente e entorpecedor. As damas punham-se a brincar ou a costurar sob a sombra do arvoredo; e os homens, quasi todos, vinham encaixar-se nas cadeiras de verga do terrasso, a remoer o almoço e a lêr, de olhar descahido, e entorpecidos, a correspondencia e os jornaes.

De vez em quando, pela estrada, passavam, cavalgando em burricos de olhar triste e passo miudo, familias de acquistas. Algumas vezes tambem nós fomos em alegre burricada, passear até á matta, pelas horas do calor. E então, ao passar pelas longas alamedas, prenhes de sombra, silenciosas como um claustro de um grande convento abandonado, architetava uma lua de mel, passada por estas socegadas regiões, olhos pousados nuns outros muito meigos, as mãos enlaçadas numa caricia branda, as boccas colladas num beijo muito sôffrego, escutando a canção enternecedora de um regato, e o segredar das folhas do arvoredo.

A' tarde encontrava-me, de novo na salla de jantar, alagada de luz, cheia de risos e musica de talheres. E ai, de quando em quando, nos intervallos do serviço, surprehendia num trecho de *flirt*, olhares sequiosos, parados, bebendo outros olhares, na soffreguidão insaciavel duma abelha sugando o nectar de uma flôr.

Depois de jantar, abalava a colónia pelas estradas circumvizinhas, no passeio pela fresca.

Eu, com o meu grupo, iamos, quási sempre, para diante da *Fonte do Castanheiro*, até ao *Echo*.

Alli paravamos, e então todos á porfia accordavam o silencio do valle, já meio adormecido, para ouvi-lo repetir ao longe, numa voz triste e abafada, as nossas exclamações.

—Ah! gritava-lhe um, e o echo lá rumorejava: — Ah!

—Adeus! dizia outro, e o echo, somnolento, grave, murmurava ainda surdamente: Adeus!

— Oh! gritava outro, e o echo lá accordava de novo, e repercutia um oh! muito claro.

E enquanto todos apoquentavem o echo, com esta chusma de gritos, eu estava sobre brazas, temeroso, que elle mal humorado, fizesse como o seu collega do Jardim Botánico, que uma vez respondeu *mal* a um illustre e grave cathedrático, que o fôra mostrar a umas senhoras.

Os echos sam, ás vezes, malcreados!

Do *Echo* voltavamos a casa, e então tinhamos a dansa, a múzica, o *flirt*, e outras coisas mais que não digo aqui, por não ter mais papel.

C. F.

Foi de 20$820 réis a importância liquida do espectáculo realizado no *Theatro Guinol*, ao Caes, em beneficio da humanitaria instituição das Creches, desta cidade.

A despeza foi de 17$120, sendo portanto o total da receita de 37$940 réis.

E' muito para louvar a philantropia dos proprietários daquêlle theatrinho, que não se esqueceram das pobres creancinhas e quizeram concorrer, com a sua quota-parte, para o seu bem estar.

Bem hajam aquêlles que, apezar de pouco abastados, e ganharem a vida á custa de muito trabalho e economia, se privam de parte do fructo do seu labor em beneficio dos desprotegidos da fortuna.

Quem assim procede bem merece a coadjuvação do público, que certamente lhe não faltará.

No dia 24 foi extraordinaria a concorrencia de habitantes de Coimbra á corrida de touros da Figueira da Foz.

A praça teve uma enchente, como poucas vezes se tem visto, conservando-se cheia durante toda a corrida apezar da chuva persistente e miuda que começou cahindo, quando ia começar a tourada, e que durou todo o tempo, parando apenas, quando ella acabou.

Pedem nos para recommendarmos ao cuidado do sr. administrador do conselho da Figueira a necessidade de regular a velocidade e o serviço dos carros, que é feito tumultuariamente, sem ordem e sem fiscalização e que, só por milagre, não tem dado até agora origem a accidentes graves.

A sahida da tourada, um carro atropellou um rapazito, que não teve tempo para fugir; dahi a pouco outro batia com a lança nas costas dum homem atirando-o felismente para o lado, e, apezar de tudo isto, e dos clamores que taes actos levantavam, os cocheiros continuavam a toda a brida, em gritos de irritação contra quem não tinha tempo nem lugar para se afastar.

Recommendamos estes casos ao sr. administrador, pedindo para elles as providencias que o publico reclama e que nós achamos de toda a justiça, por mais de uma vez termos verificado factos, como os que agora nos sam communicados.

Amigos do alheio

Emquanto aqui se consentir a estada de reconhecidos gatunos, dar-se-ão sempre roubos, por mais que elles declarem e se compromettam para com a policia a não exercer em Coimbra a sua profissão.

Ainda no domingo passado, na estação velha, o sr. Daniel Pessoa Guedes, de Penacova, e que se dirigia para a Figueira, deu pela falta duma carteira, onde tinha quarenta e tantos mil réis, carteira de que elle tirou dinheiro nesta cidade para a compra do bilhete.

Claro está que o roubado se queixou, mas o seu rico dinheiro é que não foi encontrado.

*

Tambem o sr. dr. Tavares de Mello foi victima, na Figueira da Foz, dum roubo, quando assistia á tourada.

A carteira, na qual levava uma nota de 100$000 réis, foi lhe roubada, ficando lhe o divertimento por uma conta calada.

A *industria* da rapina cada vez está mais aperfeiçoada.

Emfim! Sempre é um progresso.

Mortuaria

Falleceu ontem de manhã o antigo commerciante desta praça sr. Manoel José Vieira Braga.

No seu testamento contempla varios estabelecimentos pios.

—Tambem falleceu nesta cidade a sr. Elisa da Fonseca e Souza, esposa do sr. Thomaz Antonio de Souza.

A lei publicada, ha bem pouco tempo, no *Diário do Governo*, sobre a conservação dos monumentos nacionaes, ficou sem repercussão no espirito público, occupando-se della, quási sem commentários, apenas um muito restricto número de jornaes.

O inventário dos monumentos nacionaes, notáveis pela sua importância histórica, é difficil e longo de fazer; mas nem por isso se devem deixar ao abanno os que sam conhecidos de antiga data, e que se vám deteriorando lentamente.

O perigo é maior ainda para aquêlles, que toda a gente imagina estarem sob a protecção directa do estado, por nêlles se fazerem obras, que parecem indicar interesse e estudo especiaes.

Acontece isto com o claustro do mosteiro de Cellas, que foi restaurado com intelligência e cuidado, que agora vai desapparecendo lentamente, num abandono *limpo e decente*.

A casa e o claustro andam varridos e limpos, mas os capiteis vám se esfarellando, e os detalhes, com que a ingenuidade do artista tratou a vida de Christo e dos santos, vám-se sumindo gradualmente.

Hoje o estado do claustro, apezar dos cuidados de conservação, é peior do que era ha quinze annos; porque se não tem tentado obstar á destruição lenta e progressiva da pedra.

Assim o capitel que representa a fuga para o Egypto, e que era tam curioso pela figura movimentada de S. José, dobrando um dos angulos, adeante do burro, com o varapau ás costas segurando a merenda, está hoje completamente perdido.

O somno da Virgem, vigiado por um anjo que adormeceu com a cabeça encostada ao braço, está tambem muito arruinado e próximo a desapparecer de todo.

Na adoração dos reis, episódio que attraia pela graça ingénua e simples do esculptor, é evidente tambem a alteração progressiva.

Lembramos á junta de Cellas, que tanto cuidado tem tido pelo monumento, e que o mantem num estado que attesta o seu respeito e amôr por esta obra d'arte, a conveniência de mandar estudar rapidamente êste assumpto, e de requisitar dos poderes públicos o auxilio que não deixará de lhe ser dado, porque é bem conhecida a belleza do magnífico claustro que está assignalado na litteratura portuguêsa por uma das páginas mais formosas da prosa de Ramalho Ortigão.

Lembramos tambem á junta de parôchia de Cellas os trabalhos que António Augusto Gonçalvez, director e conservador do museu de antiguidades do Instituto, tem iniciado para obstar ao desapparecimento completo de algumas das pedras lavradas, que se conservavam no museu, em estado adeantado de deterioração.

Convém empregar todos os esforços para impedir a ruïna do curioso claustro, que é, julgamos nós, exemplar único no país.

LITTERATURA E ÀRTE

O REI FINGAL

Este rei paladino
vencêra e destronara a rainha da Islandia,
e matara-lhe o esposo em combate leonino.

Para a Escócia a levou cativa, e a atroz Finlandia
o facto celebrou em seus annaes lendários,
e fallam dêlle mil tradições da Groelandia.

Seja verdade ou lenda, o caso é que cem vários
paladins e barões viram o rei Fingal
a *Cativa* incensar com dons extraordinários.

Mas guardando o seu *lucto intérmino e imortal*,
a Cativa do rei — do seu mármoreo lábio —
não desfranziu jámais um sorriso jovial.

O rei Fingal, porém, rei paladino e sábio,
não a affrontou jámais. — Caprichava, ao contrário,
em ser casto e em ser bom, qual Scipião ou Fábio.

De honrarias a encheu, e a um barão seu contrário,
mil batalhas ganhou, cidadelas, castellos,
—os quaes cedeu ao irmão da Cativa, a Lothário.

Mas a régia Cativa, a tantos mil disvelos,
oppunha uma tenaz indif'rença, que o lucto
tornava mais glacial que os seus barbaros gêlos.

Um dia o rei Fingal prostrou o mais astuto
dos reis: e tal victória estrepitosa alcança
que colhe de tropheus e espólios basto fruto.

— Todo o povo apregoa a sua invicta lança!
— Todo o povo celebra o egrégio Campeador!
— Todos lhe arrojam flor's, tudo a seus pés se lança!...

Só com mágua, com ais, com lástimas, com dôr,
elle enxerga á Cativa — extranjeira a taes palmas —
alheia a taes tropheus, num lucto de rigor.

Então o grande Heroe, com uma nobre calma,
mas vertendo lá dentro a lágrima encoberta
das mágnas aflições... como quem solta a alma...

á Cativa bradou: — «Senhora, estaes liberta!
«Regressa ao reino teu, e volta a ser Rainha!
— «Fique eu só a carpir em ruina deserta!...

«Não vos pungiu jámais minha afeição maninha!
«Não vos dôa portanto o lucto de vencida!
—«O vencido fui eu!... vencida a sorte minha!...

«Uma batalha gánha, e outra maior perdida!
«Catíva eis a teus pés *vencido o vencedor!*
— «Para tudo eu te dar, até te dou a vida!...

Dizendo isto, matou-se. — O ferro sem pavor,
que tanto se extremára em prélios mil, tão vastos,
— trez vezes o embebeu no peito o Campeador.

A Rainha cativa então caiu de rastos,
e, n'um pranto, todo ais, convulsivo, anormal...
beijou-lhe a fronte, as mãos, os seus cabellos bastos...

O seu pranto, aos roldões, doía, a fazer mal.
Tardia era porém essa dôr, mui tardia!
— Era morto, de vez, o grande rei Fingal!...

Gomes Leal.

CARTAS DA PROVÍNCIA

Figueira da Foz, 26—8—902.

No domingo realizou-se a tourada, no *Colyseu Figueirense*, como êste jornal noticiou.

Uma impertinente chuvinha fez esfriar um pouco o enthusiasmo dos amantes de touros.

Ainda assim a falta de *sol e moscas* não obstou a que a concorrência fôsse grande e o trabalho dos artistas de primeira ordem.

A emprêsa tinha caprichado em reünir elementos de valôr para deixar satisfeitos os aficionados, e conseguio, apezar das negaças que o Padre Eterno lhe esteve a fazer lá de cima.

Talvez descontente por não poder vir cá abaixo gosar a tourada e consolar-se a ver ás hermosas filhas de Espanha.

O diabo o jure...

*

A Voz da Justiça, desta cidade, promette no seu último número proceder a averiguações, sobre os factos extraordinários succedidos ha tempo na repartição de fazenda dêste concelho, por nós narrados numa das últimas correspondéncias, e depois dizer de sua justiça.

Cá ficamos á espera do resultado das suas averiguações; mas se fôrem infructíferas nós lhe diremos a maneira de se esclarecer devidamente.

*

Como já devem saber os leitores da *Resistência*, o *Casino Peninsular* fechou as suas portas, como protesto contra a prohibição do jogo, demonstrando assim que só da exploração daquêlle vicio desejava auferir os proventos para a sua conservação.

Semelhante procedimento só serviu para causar prejuizo á emprêsa proprietária do casino, ficando os banhistas privados dum dos locaes mais vastos e melhor ornamentados para se divertirem.

O chefe do governo, êsse, se ao seu conhecimento chegou a noticia, certamente não deixou de jantar nêsse dia e de tratar do bem estar dos seus consolidados.

E, desenganem-se os habitantes das praias, desde o momento que se não jogue em nenhuma d'ellas, a differença no número dos banhistas é insignificante. Se os jogadores costumam fazer grandes despezas, é porque aliviavam os bolços dos banhistas, que lhe caiam nas unhas, deixando portanto êstes, e as familias, de fazerem grandes gastos, por falta de dinheiro.

Feitas bem as contas, fica uma coisa pela outra.

*

Começámos esta correspondéncia dando noticia da tourada realizada no Colyseu Figueirense e vamos terminá-la noticiando outra, que se deve effectuar no dia 8 do próximo mês, no mesmo redondel.

A emprêsa cada vez se esforça mais por contractar elementos de valor, e, para o próximo dia 8, conta com o trabalho dos seguintes diestros: cavalleiros, Manuel Casimiro d'Almeida e Fernando Ricardo Pereira; espada, Emilio Torres *(Bombita)*; bandarilheiros: Pulguita de la Triane e Rodas da *cuadrilla* de *Bombita* e Raphael Peixinho, Torres Blanco, Thomás da Rocha, Francisco Xavier e José da Costa.

Os touros sam da afamada *ganaderie* do sr marquês de Castello Melhor, que caprichou na sua escolha e apartamento.

E', pois, uma tourada de primeira ordem que se prepara, e portanto *a los toros*, guapas miñas e gentis portuguesitas.

COSMOPOLITA.

Associação dos Artistas

A receita e despeza do bazar realizado nos dias 29, 30 e 31 de Maio, e 1, 2, 6, 7 e 8 de Junho, do corrente anno, em beneficio da Associação de Soccorros Mutuos dos Artistas de Coimbra, foram as seguintes:

RECEITA

Apuro da venda de bilhetes	319$460
» em arrematação....	148$805
Recebido em donativos....	170$390
Total réis.....	638$655

DESPEZA

Com o bazar.....	123$025
Dinheiro entregue á Liga das Associações por conta do debito da Associação dos Artistas.....	515$000
Em poder do thesoureiro..	630
Total réis.....	638$655

O Secretario,

Antonio Augusto Duarte Ralha.

O Thesoureiro,

Manuel da Conceição Ningre.

Mercado

Os preços, porque correram ultimamente os generos, no mercado desta cidade, foram os seguintes:

Milho branco.....	460
» amarello.....	420
Trigo tremez.....	600
» de Celorico.....	620
Feijão vermelho.....	760
» branco, graúdo.....	700
» » meúdo.....	660
» rajado.....	380
» frade.....	540
Grão de bico, graúdo.....	700
» » » meúdo.....	640
Gevada.....	260
Centeio.....	380
Favas.....	460
Batata, 15 kilos.....	310
Tremoço (20 litros).....	440
Ovos, duzia.....	150

Theatro Universal

Têem continuado a agradar e a serem regularmente concorridos os espectaculos deste popular theatro-barracão, que se encontra estabelecido á entrada da Estrada da Beira.

Os artistas, embora modestos, sám apreciaveis e merecedores do favor do publico.

Todas as noites ha espectaculos, até 31 do corrente, em que se realizará o ultimo, em beneficio dos artistas da companhia.

D'esta cidade vão para a praia de Espinho, onde contam demorar-se.

PUBLICAÇÕES

A Illustração Moderna.— Recebemos os n.os 1 e 2, do 2.º anno, que mais uma vez vem confirmar a excellência das gravuras do atelier de Marques de Abreu.

A illustração é profusa, nitida e interessante e o texto superiormente redigido.

*

O Tiro Civil;—Publicou-se o n.º 241 desta interessante revista illustrada, orgão da União dos atiradores civis portuguêses e da União velocipedica portuguêsa.

Relata desenvolvidamente os factos de mais interesse occorridos durante a quinzena, referentes a tiro, caça e velocipedia, e traz artigos da especialidade devidos ás pennas de Ribeiro Arthur, Montufar Barreiros, Carlos Callixto e José Mendes Neutel.

*

Occidente— Em todos os numeros tem sempre *O Occidente* motivo de interesse e novidade em suas gravuras e artigos As gravuras do n.º 851 sam: retrato do sr. Bispo Conde, fundador do novo Sanctuario de Lourdes na Carregosa, com quatro gravuras representando a igreja, o retabolo e o tecto do dito sanctuario e uma vista da quinta e casa da Costeira, em Carregosa, solar do sr. Bispo Conde; O Real Theatro de S. Carlos, retratos dos maestros Joseph Haydn, Hector Berlioz, Sebastian Bach e Frederic Haendel; Abalroamento do *Corsica* no Tejo, salvamento dos passageiros e bagagens.

O texto é: Chronica occidental, por D. João da Camara; Sanctuario de Lourdes, em Carregosa, por Marques Gomes: As nossas gravuras; O Real Theatro de S. Carlos, por F. da Fonseca Benevides; Brios nacionaes, por D. Francisco de Noronha; Uma noite na floresta; Meteorologia; Publicações, etc.

*

Regulamento do Imposto do Sêllo

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com séde na Rua de S. Mamede, 111. (ao Largo do Caldas), Lisboa, acaba de editar este novo regulamento; é a *unica* edição que contem todos os mappas e modelos que do mesmo fazem parte, sendo o seu custo 200 réis, franco de porte.

Banhos da Curia

Contendo a analyse d'estas conhecidas aguas, a descripção da visita de notaveis medicos e hydrologistas, e a opinião da imprensa, foi distribuido um pequeno opusculo pela empreza das Aguas da Curia.

A impressão foi feita na Typographia Auxiliar de Escriptorio, désta cidade. Agradecemos a offerta dos opusculos que nos enviaram.

Ficou distincto, com 17 valores, o estudante de 11 annos de edade, de nome Henrique Videira e Mello, para o qual, a pedido do digno professor da escola official da freguesia da Sé, abrimos uma subscripção no nosso jornal, por a sua pobrêsa não lhe permittir o apresentar-se decentemente perante os seus examinadores.

O estudioso Henrique concorreu ás provas, para a obtenção de prémios, a que podiam concorrer todas as creanças que ficassem distinctas no seu exame.

As provas começaram na segunda feira.

O protegido dos nossos leitores obteve o premio de vinte mil reis, a que havia concorrido.

No domingo, pelas 8 horas e meia da noite, deram as torres signal de incendio, chamando os soccorros para a rua da Alegria.

Foi rebate falso, a que deu lugar o ter caído, em cima do telhado da casa onde habita o sr. Fernandes Thomaz, um candieiro acceso, dum balão.

O caso, como era de prever, causou bastante alvoroço, chegando a saír parte do material de incendios.

Um marchante perdeu num jogo de rifa, na feira de S. Bartholomeu, a quantia de 57$560 réis, que a policia fez de novo entregar ao infeliz jogador, intimando o dono da rifa a comparecer no commissariado, onde lhe foi caçada a licença.

Achamos bem que se reprima o jogo, o que não impede que façamos a seguinte innocente pergunta:

Se fosse o dono da rifa que perdesse os cincoenta e tantos mil réis, a policia obrigaria o *ponto*, que os ganhasse, a restitui los?

Ao concelho superior de obras publicas foi remettido o auto de recepção provisoria do fornecimento de tubagem e candieiros para gaz, e sua collocação, na penitenciaria de Coimbra.

No dia 1 do proximo mez vam á praça varios foros, pertencentes á camara municipal da Louzã.

Ao commerciante desta praça sr. Patricio da Silva foi feito um arresto, na segunda feira, nos seus estabelecimentos da rua dos sapateiros e de Santa Clara.

Companhia de Seguros Indemnisadora

PORTO

Toma seguros n'esta cidade

João Lopes de Moraes Silvano

José Marques Ladeira & Filho, participam aos seus amigos e freguêses que mudaram o seu estabelecimento para a Praça 8 de Maio, n.º 4, junto á egreja de Santa Cruz.

ANNUNCIOS

EDITAL

Doutor Guilherme Alves Moreira, provedor da Santa Casa da Misericordia de Coimbra.

Faço saber que na secretaria da mesma Santa Casa se acham patentes, por espaço de oito dias, a contar do dia 29 do corrente mês, as contas da receita e despêsa da dita Santa Casa relativas ao adno economico findo e respectivos documentos, a fim de todos os interessados as poderem examinar e a seu respeito apresentar, dentro do referido praso, quaesquer reclamações ou observações escriptas.

Secretaria da Misericordia de Coimbra, 26 de agosto de 1902.

O provedor,

Guilherme Alves Moreira.

SINCERIDADE

Ficarei muito grato se me procurar e der melhores explicações do assumpto da carta anónyma què recebi em 17 do corrente.

(Creia em muito segredo.)

A. M. M.

Arrenda-se

No páteo pequeno da Inquisição, uma boa casa que póde servir para celleiro ou para qualquer associação.

Trata-se na rua Ferreira Borges, 95.

Troca de roupas

Ao ecclesiástico, que no dia 21 do corrente viajava em caminho de ferro, e, quando saíu na estação nova de Coimbra, levou por engano um sacco com roupa pertencente a outro viajante, pede-se a finêsa de desfazer a troca, na Figueira da Foz, em casa do sr. João da Encarnação, onde está depositado o sacco que lhe pertence.

(42) Folhetim da "RESISTENCIA,,

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA DO CONVENTO

XIX

—Não tens necessidade disso, replicou Villy apertando as mãos do coronel. Agradeço-te o conselho, meu velho amigo, e vou aproveita-lo.

Lambrune mordeu a lingua para não gritar: Quanto antes!

Os pormenores desta conversa passavam-lhe pelo espirito, ao passear no parque, de tarde pelo logar, em que tinha recebido na vespera a confissão de Argouges.

Admirava mais uma vez a cegueira fatal dos primeiros interessados em uma historia de amor, pae, marido, noivo ou amante. E' necessario o desastre para reconhecer o perigo. O coronel tinha posto os pontos nos ii, por forma, dizia elle a estoirar os olhos a um camarada, e Villy não vira nem os pontos, nem os ii. Era caso para fazer pena.

Mas como era que Alice, por o seu lado, com o instincto de mulher a corrigir lhe a ingenuidade, não vira que Argouges, apezar de simular cuidados, só tinha no fundo, desde um certo tempo, uma doce indifferença?

Roland voltou-se ao ruido de um passo leve, que havia tomado a principio pelo roçar duma folha secca, correndo levada pelo vento junto da terra.

Era M.elle de Villy, que se dirigia para elle.

—Vê-se bem coronel, disse Alice, que está habituado a evitar surprezas: ninguem dá comsigo facilmente

—Minha querida filha, não tinha a intenção de me esconder, disse, pegando paternalmente na mão de Alice e enfiando a pelo seu braço. Estou mesmo encantado por acabar o meu passeio comtigo... Mas porque é que M.elle de Croisy não vem tambem?!

—Herminie deixou-me para ir escrever a M.elle de Fayolles. Mas nem por isso havemos de deixar de conversar e tám gravemente como hoje Lambrune o fazia com o papá no terraço.

O coronel teria perdido as estribeiras, se Alice não continuasse quasi logo:

—Não sei o que diziam; mas estavam ambos tám enthusiasmados, que devia ser por força coisa muito interessante.

—Interessante? Palavra que não; por o menos para ti... Julgo que fallavamos de politica.

—Oh! Essa! exclamou Mademoiselle de Villy rindo, o papá a fallar de politica é novidade. E o coronel, que anda sempre a dizer que é *um soldado que só conhece a bandeira*, como lhe deu para fallar de politica?

—Entre amigos velhos, minha filha, ha dêstes esquecimentos.

—Esquecem se a conversar, esquecem; mas não é a conversar de politica.

E Alice, com um movimento rápido do indicador, por baixo do bigode do coronel, mostrava que riscava tal hypothese.

—E's teimosa, disse Roland, nunca chegarei a convencer-te.

—Não, coronel, embora fizesse uso de todas as armas para o conseguir.

—E de que pensas tu que nós podiamos estar a fallar?

—Sr. Lambrune, adivinho tudo o que pensa meu pae; porque elle adivinha tambem tudo o que eu penso.

—Estou com curiosidade, minha filha, vamos a ver o que adivinhaste.

—Tratava-se, aposto, de Mademoiselle de Croisy.

—De Mademoiselle de Croisy? Porque?

—Porque... Lambrune atrapalha-me; mas é necessário que eu me explique... Porque meu pae póde dizer-lhe muitas coisas, em que eu apenas posso pensar.

—Pois, minha cara Alice, deixa-me dizer te que isso me não explica nada.

—Coronel, por acaso a minha amiga, Mademoiselle de Croisy não lhe parece absolutamente encantadora?

Alice havia cruzado as mãos sobre o braço de Lambrune e espreitava a expressão da physionomia dêlle, ao fazer-lhe aquella pergunta. Ficara, na verdade, frio.

—Eu disse alguma vez o contrário? perguntou.

—Ah! Como eu seria sua amiga, se a amasse bastante para fazer della Mademoiselle de Lambrune!

Roland não poude furtar-se a um movimento de surpreza; mas recobrou logo o sangue frio.

—Então não querem ver? perguntou rindo sem querer: uma menina, que ainda não está casada, e que já pensa em casar os outros.

—Ficaria tam contente, continuou Alice, se Hermínia casasse ao mesmo tempo que eu!

—No mesmo dia, e talvez á mesma hora?

—Sim, coronel, ia acrescentar isso. E' o meu sonho, ha um mês.

—Ah! minha cara filha, replicou Lambrune, em voz surda, não póde passar de um sonho!

Andando sempre, tinham-se approximado do curral. Mademoiselle de Croisy e Emmanuel estavam bem longe do pensar em tal. Herminie, com o cabello meio desatado, as tranças cheias de fôlhas seccas, rolava a cabeça chorando, sobre o peito de Argouges.

—Por toda a vida! repetia Argouges, cujo peito arfava sob aquelle peso delicioso.

Herminie levantou a cabeça, depois, envergonhada, affastou-se de Argouges para compôr o desarranjo do cabello. Elle em pé por detraz della, cheio de sêde, como se tivesse perto uma taça voluptuosa, perto daquella nuca cujos cabellos em anneis se enrolavam em volta dos dedos de Mademoiselle de Croisy, queria demorá-la ainda.

—Deixe-me ir, disse ella, já me demorei de mais.

Emmanuel acompanhou-a fóra, e beijou-lhe as mãos, que ella tentava retirar-lhe, á falta dos lábios que recusava dar-lhe.

Nêste momento, um grito agudo fendeu o ar. Estremeceram ao mesmo tempo e olharam á roda.

Alice, distante apenas vinte passos, com a mão estendida como para mostrá-los e amaldiçoá-los ao mesmo tempo, perdia as fôrça e caía sobre o braço estendido de Lambrune.

XX

O coronel, muito embaraçado por causa da conversa, que tinha tido com Mademoiselle de Villy, só então levantar os olhos, que baixára para esconder o faiscar da sua indignação. Teve tempo de surprehender Hermínie tirando os dedos dos de Argouges, mas a custo poude amortecer a queda de Alice, que tombou hirta sobre a terra do parque.

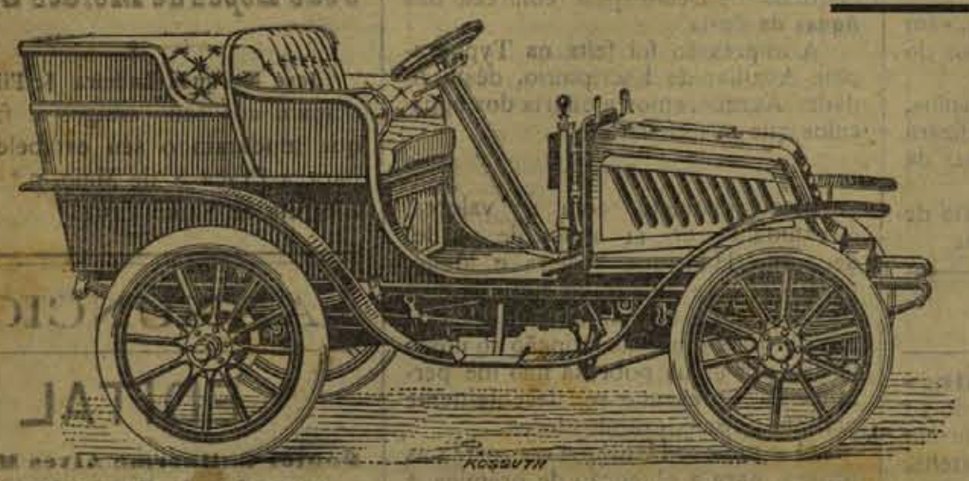
Mademoiselle de Croisy e Emmanuel não podiam fugir. Foi para ambos um momento doloroso ao terem de chegar até Mademoiselle de Villy sob o olhar cheio de desprezo de Lambrune.

—Senhor; disse êste a Emmanuel, corra ao castello e faça o que puder!

(*Continua.*)

EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

AUTOMOVEIS DARRACQ



Para mostrarmos que os **"Automoveis Darracq,,** além de serem

Os mais elegantes, os mais baratos e os que menos gazolina gastam

Sam tambem

Os mais sólidos e os mais ligeiros

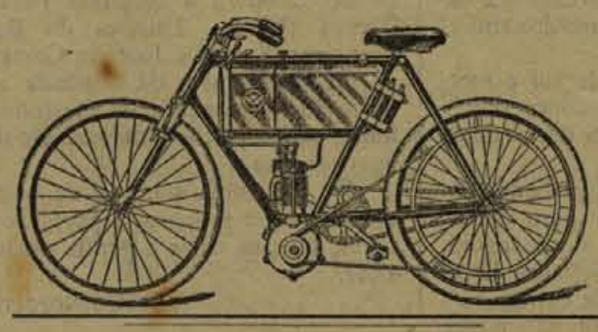
basta ennumerar algumas das suas victórias nêste anno:

1.° prémio na corrida da subida da Turbie

1.° prémio na corrida de Nice ═══ ***1.° prémio no Circuit du Nort***

Nas grandes corridas París-Vienna bateu com carros do máxime 24 cavallos as carruagens «Dainler» de 40 cavallos, «Mors» de 60 cavallos e 6 carruagens de Panhard Levasseur de 70 cavallos!! ganhando o 1.° prémio na série de Vaituret; 2.°, 3.°, 4.° e 5.° na série de Vaituret legere e o prémio de classificação geral.

MOTOCYCLETTE "WERNER,,



A **Motocyclette WERNER** de 1 3/4 de força não precisa de rèclame, contudo diremos que nas corridas Paris-Berlim, Paris Bordeaux e nas subidas de Gaillon e Turbie-Paris-Roubaire, Nice-Marseille, etc., etc., chegam sempre na vanguarda!

Nas grandes corridas *Le circuit du Nort* e Paris-Vienna quantas *Werners* partiram, quantas chegaram, apesar do grande temporal que fazia!! Déz de differentes marcas que disputavam o prémio nenhuma chegou!!

Recentemente em Portugal o Record Porto-Lisboa feito debaixo de chuva e com estradas em péssimo estado.

Motores **LURQUIN-COURDET** de 1 1/4 cavallos de força applicavel a qualquer bicyclette

Adaptam-se nas nossas officinas e garante-se a sua superioridade a qualquer outro de egual força.

Dos automoveis "Darracq,, da motocyclette "Werner,, e do motor "Lurquin & Courdet,, sám unicos agentes em Portugal

LEÃO, MOREIRA & TAVARES — "Empreza Automobilista Portugueza,, — Coimbra

---

Estabelecimento de chapeus para sol e chuva

DE

JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA

20 — Rua do Sargento Mór — 24

COIMBRA

N'este antigo estabelecimento se concertam e cobrem de novo guarda-soes, tanto de seda como de setim, de brilhantina ou de paninho.

Tambem se fazem guarda-soes novos e se fazem de varetas de todas as marcas, tanto redondas como elasticas, assim como todos os trabalhos concernentes á sua arte.

Arrenda-se ou vende-se

Uma bella propriedade de terra layradia, com pomar e vinha, casas de habitação, curraes, eiras e grande abundancia de agua, sita na estrada de Mira, ao 1.° kilometro, a partir da Figueira, e por isso muito proximo desta cidade.

Para tratar no Passeio Infante D. Henrique, n.° 7.

Não obsta o contra annuncio inserto no n.° 1:086 da *Gazeta da Figueira*, de 6 do corrente, porque a questão que se ventila diz respeito á mota que existe entre este predio e o do dr. Augusto Eduardo Ferreira Barbosa, de Coimbra, e cuja decisão, seja ella qual fôr, nada influe nas condições e valor do predio aqui annunciado, como aquelle dr. Barbosa muito bem sabe.

APPARELHOS BARATOS para Photographia

Camaras para 6 chapas 6,5×9, munidas de boa objectiva e 1 visador a 1$500 réis.

Ditas com mais luxo e 2 visadores a 2$000 réis.

Ditas para 12 chapas 9×12 e 2 visadores a 4$000 réis.

Outras novidades photographicas chegadas agora.

Grande sortido de chapas Scheleumer's, Lumière, Imperial, etc., e papeis albuminado e aristos pelos preços correntes nas casas principaes do genero.

Papelaria Borges

REDUCÇÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em **ferragens e materiaes de construcção** como em **cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mesa,** participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quas todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas **compras directamente nas principaes praças extranjeiras e fabricas portuguêsas,** sam uma garantia de que póde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

CURSO PRATICO DE

Escripturação commercial

Abre desde já, para funccionar em Santa Clara, em dias alternados, das 7 ás 9 horas da manhã, sob a regencia de

M. d'Amaral

encarregando se tambem de balanços para trespasses, concordatas ou fallencias, e de partilhas entre particulares.

Informações podem os interessados obtel-as dos srs. Correia, Gaitto & Cannas, rua do Cego, 1 a 7 — COIMBRA.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos,** continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis.**

O proprietário,

José Maria Junior.

"EQUIDADE,,

Companhia de Seguros

Vida de animaes, fogos, fianças e rendas de casas

Preços muito reduzidos

Correspondente em Coimbra

Joaquim Antonio Pedro

Em casa do Sr. Antonio Rodrigues Pinto.

Casa para arrendar

Arrenda-se uma boa morada de casas, com tres andares e grande quintal, na rua João Cabreira, 21.

Trata-se com seu dono Alipio Augusto dos Santos, **rua do Visconde da Luz, 60.**

LUCCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

Consultorio dentario

Figueira da Foz

Rua Fresca, 43

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

De 15 de Agosto a Outubro — Consultas das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.° 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

Bicycletes com motor

R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

João Gomes Moreira

LOJA DO MINHO

44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48

Deposito das ligitimas machinas **Singer,** instrumentos, musicas, Pianos, Bicyclatas, occulos e lunetas.

Espingardas

VENDAS A PRESTAÇOES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges = COIMBRA

"SINGER,,

Lembra-se a todas as pessôas que forem a Lisbôa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surprehendente Exposição Fabril e Artistica SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida.

Mêsa rica

Thomás Pombar com estabelecimento de bric-à-brac, tabacos e occulista na rua Ferreira Borges, em frente ao Arco d'Almedina, tem para vender uma mêsa de pau preto e sándalo, com embutidos de marfim e obra de talha. Quem a pretender póde ir vê-la ao seu estabelecimento onde está em exposição.

Emprêsa editora de publicações illustradas

162, 1.° — Rua da Rosa, — 162, 1.

LISBOA

Em publicação as obras completas de Paulo de Kock, das quaes está já em distribuição o primeiro volume nitidamente impresso e primorosamente illustrado com esplendidas photo-gravuras.

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 728 | COIMBRA — Domingo 31 de Agosto de 1902 | 8.º ANNO

O regulamento da fiscalização dos alimentos

O sr. Ricardo Jorge finge desconhecer as reclamações públicas, meio engenhoso de lhes não dar a attenção que devia.

A opinião pública pedia mais do que o sr. dr. Ricardo Jorge fez, era a occasião para estabelecer, sem protestos, um serviço de fiscalização das substancias alimentares, satisfazendo a todas as exigencias da sciencia e da saüde pública.

O sr. dr. Ricardo Jorge deixa perder esta occasião excepcional, para fazer, como de costume, um relatório sensacional e uma reforma de secretaria, *original* para o *Diario do Governo*, de que s. ex.ª é, com desvanecimento, um dos collaboradores mais notados pela elegancia da sua penna, pela nobrêsa da sua dicção portuguesissima e castiça.

No Porto, reclamavam as associações de soccorros mutuos as anályses gratuitas e obrigatorias para os géneros de qualquer especie;

a responsabilidade conjuncta do negociante e do fabricante de géneros falsificados;

a multa determinada pelo damno e pela causa;

a entrega dos falsificadores e negociantes ao poder judicial;

que o processo e fórma do julgamento fosse feito segundo a lei contra os falsificadores da moëda;

que as penalidades não podessem ser remidas a dinheiro;

que os falsificadores não podessem ser affiançados;

e, finalmente, que, verificada a falsificação, o negociante e o fabricante não podessem exercer mais o respectivo commércio e industria, nem por si, nem por interposta pessoa.

Sám exigencias necessárias e que se poderiam satisfazer agora sem levantar reclamações do público.

As reclamações dos negociantes e vendedores, essas hade have-las sempre, mas serão sempre elles os únicos a queixarem-se, e acabarám por o não fazerem, quando, como em Inglaterra, a execução exacta da lei lhes mostrar que sam baldados os seus esforços.

O regulamento, porém, entretem-se na rethórica simples e ingenua dum reporter a pensar pela primeira vez em assumptos graves de interesse social.

E' vê-lo discretear:

> «A lei não podia deixar de attribuir responsabilidades ao vendedor, muito embora nenhuma cumplicidade possa existir entre elle e o falsificador que o burlou, falsificador contra o qual aliás se estipulam as medidas de justa perseguição; do contrário ficaria desarmada a cohibição das fraudes alimentares, quando, como tantas vezes acontece, se não chega a deslindar a origem directa da falsificação ou quando a origem é extranjeira. Força-se deste modo o retalhista a fiscalisar para sua immunidade a purêsa dos seus géneros de abastecimento, uma espécie de auto-fiscalização, que é uma garantia para o commércio e para o público. A exhibição de attestados de garantia de purêsa, passados pelo fornecedor, usados no extrangeiro, e melhor ainda a reserva de amostras facultadas pelo fornecedor ao vendedor a retalho, sam outras tantas práticas que têem certamente de vulgarizar se no nosso meio commercial, sob a pressão da fiscalização official. E, para facilitar ao retalhista a anályse dos productos de que se fornece, o regulamento reduziu para seu uso a metade o precário já muito modesto das anályses nos laboratórios officiaes.»

E' a rethórica gasta e banal dum homem intelligente que vê vagamente as coisas; mas não sabe medir-lhes o alcance, o interesse social.

O sr. dr. Ricardo Jorge deixa tudo á actividade do serviço de fiscalização; ella se encarregará de levar fabricantes e negociantes á necessidade de fazerem *voluntariamente*, o que a lei tem a amabilidade de lhes não exigir.

É de suppor, porém, que fabricantes e negociantes illudam a *ingenuidade* do sr. dr. Ricardo Jorge e comprem a fiscalização.

O exemplo está dado.

O sr. dr. Ricardo Jorge escreveu aquelles periodos apenas para ter o prazer de fallar no *preçario* das anályses.

O termo castiço, portuguesissimo e raro, é uma das fórmas assás curiosas porque se trae a degenerescéncia daquelle fino espírito.

Exigia a opinião pública que se augmentasse a pena aos falsificadores das substáncias alimentares, que se equiparassem aos falsificadores da moëda que alteravam a riquêsa pública, os que falsificavam os alimentos e arruinavam a saüde pública, e com ella a riquêsa e trabalho nacional.

Nada mais justo.

O sr. Ricardo Jorge, porém, escreve, meticuloso e prudente:

> «Não toca nem podia tocar o governo na preceituação do código penal; mas tivera elle essa faculdade que nem assim a assumiria.
>
> «Inspira a maior das repulsões êste delicto de propinar ao consumidor, não o alimento que confiadamente julga adquirir para sua mantença, mas um mixto incapaz de nutrir convenientemente, ou de infligir damnos á saüde.
>
> «No ímpeto de revolta da consciéncia chega a parecer pouco todo o castigo que se lance sobre tam odioso delicto. É muito mais quando pensa que o acto facinoroso não é praticado contra êste ou aquelle individuo, mas contra a sociedade inteira, ameaçada em tudo quanto constitue o seu bem commum, desde a riquêsa até á saüde. É um verdadeiro crime social, daquelles que põem em risco a segurança de toda uma collectividade humana e a que como tal competiria uma cathegorização á parte em direito penal.
>
> «Certo é, todavia, que nenhum código, dos mais recentes e avançados, consiga disposições que não sejam moldadas nas prescripções tradiccionaes da legislação criminal.»

Confessa que, mesmo que pudesse tocar no código penal, não o faria para aggravar a pena!

Tem medo que um *ímpeto de revolta da consciencia* o leve a um castigo extraordinário.

E accrescenta:

> «E muito embora mais que uma vez se tenha emittido a ideia de um pacto internacional contra os falsificadores, que até prejudicam mutuamente os povos nas fontes da sua producção, nem sequer ensaios se tentaram para êsse accôrdo de defesa commum»

O que a imprensa extranjeira poderia commentar dum modo desfavoravel por parecer que Ricardo Jorge, que sabe que a falsificação não tem um correctivo num pacto de legislação universal, quer deixar em socego e a salvo os que têem arruinado o crédito do commércio português, fazendo fortunas com a exportação de géneros falsificados.

E num ímpeto philosóphico escreve mais adeante:

> «O aggravamento da penalidade nem teria a justificá-lo a inefficácia das penas actuaes, pois que é ultrarara a applicação das penas máximas.»

Em vez de verificar que a exiapplicação tem dado coragem aos falsificadores, que facilmente se tiram dos embaraços dos tribunaes, Ricardo Jorge acha que a pena é sufficiente e que não ha necessidade de a augmentar.

E' que Ricardo Jorge, cuja obra de hygienista reformador tem sido tantas vezes criticada, notando todos ultimamente a sua ineficácia para proteger a saüde pública, quer fingir ignorar as recriminações, que de todos os lados lhe dirigiram e apresenta o actual regulamento, como o fructo do trabalho reflectido, como a sequéncia natural e lógica da sua reforma, e não como a satisfação á opinião pública, que se levantou a accusá-lo.

E' por isso que escreve:

> «Ao ter a honra de apresentar a vossa majestade o diploma de 24 de dezembro de 1901, hoje o estatuto orgánico da nossa sanidade publica, assegurou o governo que iria completando a pouco e pouco a sua obra reformadora.
>
> Atravez dos trabalhos de implantação do novo regimen e das instituições sanitárias nêlle criadas vem hoje abrir a série dos regulamentos parciaes, onde as diversas espécies hygiénicas encontrarám as praxes minudentes da sua realização médico-administrativa, compondo o corpo do nosso código sanitário.
>
> Cabe a vez, e essa vez era devida, ao regulamento da inspecção e fiscalização dos géneros alimenticios, como defeza contra as suas adulterações e sofisticações, á apparição do qual circunstáncias de todos conhecidas deram no momento decorrente a mais alta opportunidade e mais urgéncia.»

O regulamento não saíu por o exigirem as circunstáncias, não foi *forçado*, foi um acto expontáneo.

O sr. Ricardo Jorge continúa a sua obra de reformador, na serenidade olýmpica dos deuses, sem ouvir a voz humilde dos mortaes.

E' por isso que a sua obra, como a seguir mostraremos, não dá uma só solução a qualquer dos problemas levantados pela opinião pública.

A obra de Ricardo Jorge nasceu expontáneamente, e pelas coincidéncias vulgares no génio, veio no momento próprio, quando era necessária.

Assim o quer fazer suppor no desvanecimento em que anda sempre de exhibição de alta intellectualidade.

E assim parece sê-lo; porque o regulamento mostra bem a falta de conhecimento das necessidades de momento.

Charles Lepierre

O sr. Charles Lepierre officiou ás estações superiores, fazendo notar que ás analyzes de substancias alimentares, suspeitas de terem sido falsificadas, importavam despêsa de tempo e de dinheiro.

No mesmo officio, o sr. Charles Lepierre pondera que, se pode gastar o tempo disponivel em utilidade para a saüde pública, se não julga, porém, com direito de exigir o mesmo sacrificio do seu preparador.

O sr. Charles Lepierre propõe ao governo uma tabella de preço de cada uma das primeiras 3:000 réis e o das do azeite, de 500 réis.

Estes preços sam, na verdade, insignificantes e affirmam mais uma vez a boa vontade, nunca desmentida, do sr. Charles Lepierre em prestar os seus serviços e saber, quando lhe sam pedidos para utilidade publica.

Se a analyze do azeite leva pouco tempo, a dos vinhos é mais demorada sendo necessarios tres dias.

Do preço estabelecido para as analyzes o sr. Charles Lepierre retira 30 % para o gabinete em que a analyze é feita, como indemnização pelos reagentes gastos e pelo material utilizado.

Como se vê, é digno de todo o elogio o sr. Charles Lapierre pela sua boa vontade e pela pequena renumeração que, com todo o direito, exige para o seu trabalho.

Seria uma boa medida, que permittiria dar á fiscalização das substancias alimentares em Coimbra, a promptidão e a seriedade, que as circunstancias reclamam.

O sr. dr. Mendes dos Remédios está escrevendo um estudo histórico sobre D. Pedro V.

Esse estudo servirá de introducção a uma série de cartas escriptas por êste monarcha a José Jorge Loureiro, e offerecidas por os seus descendentes á Bibliotheca da Universidade.

Foram tambem offerecidas á mesma Bibliotheca algumas breves cartas de D. Maria II ao mesmo ministro.

Estas, porém, sam sem valor histórico.

As de D. Pedro V, esclarecem a vida deste monarcha, mostrando como elle se occupava das minimas particularidades da administração.

Vem a propósito dizer que, em uma dellas, D. Pedro V escreve ao ministro: que se acha muito occupado a fazer o regulamento das faltas para a Universidade de Coimbra.

Desde domingo passado que a temperatura tem baixado muito, chovendo algumas vezes torrencialmente.

Mais parece que estamos em Janeiro do que em Agosto.

BRIC-Á-BRAC

A independéncia do Brasil

E' para admirar como a alma portuguêsa tem resistido a tanto século de tortura moral.

Desde o século XVI que em Portugal se vive numa atmosphera má, de desconfiança e ódio.

Começou-se assim, logo no período aureo das descobertas, quando o ouro que vinha á farta da India, despertou as primeiras invejas nos que haviam ficado socegadamente, no conchego do lar.

Começaram então os primeiros processos ruïdosos com o desfecho trágico da forca na Ribeira de Lisbôa.

E foram mais roubados os heroicos capitães da India, na terra da Pátria, pelos portuguêses, do que no alto mar pelos piratas.

E muitas vezes o governador da India, ao partir triumphalmente para o seu governo novo, quando mal distincta era já a terra de Portugal, e procurava no ceu um vôo d'ave, em que mandasse para a terra da pátria a saüdade dum último olhar, estremecia ao ouvir o rir sinistro dos corvos, que voavam á procura da carne apetecida, de que as riquezas da India traziam fartas as fôrcas de Lisbôa.

Veiu depois a inquisição, e não houve laço sagrado, que se não tornasse em Portugol a origem duma suspeita.

Mais tarde, com o dominio dos Filippes aggravou se êste mal estar em [illegible] denúncia da gente de Portugal.

Seguem as guerras da acclamação, da invasão francêsa, e por fim as luctas liberaes.

E assim se estabeleceu a atmosphera de desconfiança, em que...

Mau! Lá ia caíndo na fiscalização dos impostos e na falsificação das farinhas.

Lembrou-me isto, ao lêr uma carta antiga de commércio, dum tempo em que ellas eram interessantes, porque o jornalismo não tinha entrado ainda na sua phase aguda.

Dizia a carta:

Persuad.º que lhe será agradavel o conhecim.to dos objectos mais notaveis, e que podem ter relaçaõ comnosco, tomo a Liberd.e delhetransmetir essa nota; recomendando-lhe ao m.mo tempo devulgarizal-a pouco *p.* prudencia, não havendo necessid.º de ter disgosto apezar de dizer averdade.

A carta é datada de 28 de julho de 1810 e refere-se a circunstáncias curiosas da invasão francêsa, que hoje deixaremos, para transcrever apenas da mesma correspondéncia, que possuimos, algumas notas interessantes a propósito da independéncia do Brasil.

A três de maio de 1826 diz fallando do estado dos espiritos no Brasil:

Entretanto, aqui salta aos Olhos, que os Portuguezes no Brazil sejaõ estrangr.os eque a Princeza Brazilr.a não seja Estrangr.a para ser Rainha de Portugal.

A mesma ironia resalta de outra carta de Bernardo António da Cruz Pinto.

Os negocios no Rio de Janeiro estaõ disgraçados, e facilmente dêlles julgará pelo jornal incluzo, contendo os preços dos effeitos d'exportação, e cambios: Tudo isto se deve a politica do Governo com aguerra de Bs Ayres, q continúa a ser lima surda da prosperid.e do Imperio vastissimo e riquissimo; a onde a moeda de cobre custa de 18 a 20 pC.to de premio. A' tempo, a juizo q apolitica do Imperador havia d'involver Portugal em guerra com Bs

TOMÁS LOPES DE MORAES SILVANO COIMBRA

Ayres, e tendo-se ali permitido aos Corsarios nas Cartas de Marca de tomar Navios Portuguezes, p.r que o Imper.or do Brazil héra Rei de Portugal, já tem começado hostillida.s nestes Mares; assim como, na Costa de Portugal, o Almirante Pacheco, tomado a entrada de Lisboa, além d'outras Embarcaço ens.

Entretanto, o Imper.or sahio aqui com o Decreto de 3 de Março, q̃ logo ahi aparecerá, em q̃ sua Alta Sabedoria havia marcado pa completar asua Abdicação a Coroa Portugueza &.a, e tudofica na mesma; nem eu já espero couza alguma boa, cá, nem lá.

Era amante da sua terra e custava-lhe que os estudantes brazileiros abandonassem Coimbra.

A isso se refere em carta de 28 de abril de 1830:

Q.to a vinda pa o Brazil dos Estudantes Formados, eos q̃ estavão ainda estudando, assim hera de prezumir huma vez estabelecidos em Pernambuco, e Sm Paulo, os Cursos Juridicos, e chamando pa cá oGoverno os filhos do Brazil, é em cominação, m.to antes da creação das Cadeiras, com o notavel incomodo e prejuizo dos Estudantes, cuja med.a teve p.r fim o odio a Portugal, q̃ o Imper.or animou; e que jamais se extinguirá, preferindo estudarem en Universid.es de outras Naçoens, e começando elle p.r devidir o patrimonio q̃ então ninguem lhe disputava, e agora não sei oque será: eis aqui d'onde nascem todos os acontecim.tos que tem havido, e que hão de haver, cá, e lá.

Ao que o Brasil não teria chegado, se tivesse continuado a importar bachareis de Coimbra . .

A carta mais curiosa que eu delle possuo, é a que se refere á abdicação de D. Pedro IV e á independéncia do Brazil.

Acima tem V. M. a copia da ultima carta que lhe tenho escripto em 1 d'Abril *pp*, pelo navio César; e depois escrevilhe abreviadamente pela Nova Piedade, avizando a Abdicação do Imperador, eq̃ seguia p.a a Europa, e d'então p.a cá, não tenho recebido carta alguma sua; cuja falta atribuo ao Bloqueio Francez; assim concidéro retidas as minhas cartas q̃ fôraõ pelos refe- em 8 do corrente mês, recebi carta de 5 de Junho de Jozé Joaquim da Costa Silva & F.o de Lisboa, Pr hum navio Estrangeiro, participando odito Bloqueio, e q̃ este destacou Embarcações pa os mais portos de Portugal, e pa as Ilhas, de maneira q̃ não lhe pode escapar Navio algum; tendo suspend.o a sahida pa aqui o Berg.im Vencedor, já com a malla abordo; e q̃ V. M. havia disposto dos 12$000 rs em metal.

A minha situação he cruel, occupado sempre e em diferentes couzas, inquieto o espirito, e assustado com os acontecimentos q̃ tem occorrido, tendo sahido muita gente, outra fica-se apromptando, e outra medita como ha de dispôr de suas fortunas, em cuja transacção há grande de ficuld.es, pela deminuição de valor, e falta de Comprador, e em cima dezastrozos meios de passar fundos p.a se retirarem; porq̃ o Brazil acabou; indicando peor sorte q̃ a America de Hesp.a; em razão do grande numero d'Escravos de diversas côres, e qualidades altivos e insolentes, dizendo q̃ logo são livres: Entretanto, nas Camaras, e por fóra, falla-se sem rebuço em Federação, e em República, o q̃ no estado das couzas parece ser o m.mo q̃ des membração do Imperio: e am.a opinião hé, q̃ se as couzas não mudarem, todos os Europeus hão de deixar o Brazil, e devem hir apromptando ofato; não sendo pequenafortuna se oGoverno da Regencia poder sustentar o Edificio inteiro 3, ou 4 annos, pa dar lugar a liquidações, e arranjos, afim denão abandonarem tudo precipitadamente; eos Brazileiros que tiverem q̃ perder, estão no mesmo estado: sendo aGuerra feita a côr branca, e aos cabedaes; pois o Imper.or Pedro 2.º, não chegara agovernar, tal hé a marcha dos negócios; e nestas circunstáncas, todas as minhas deligencias são de hir dezembaraçando os meus particulares, liquidando, e recolhendo, eremettendo alguma couza, afim de dar o passo necessário; e com essas vistas em Maio *pp* fiz humas remessar pa a India, e China, como meio de ir passando pa lá com lucro, ou pouco prejuizo.

. . . . . .

Esta semana, sahirão d'aqui p.a Lisboa 3 Embarcações, supondo q̃ asua chegada estaria levantado o Bloqueio, mas eu não escrevi, parecendo me sedo, m.mo porq̃ o Imp.or tinha chegado a França, e apolitica naturalm.e tomando outra vereda mudaria; mas pertendo escrever, com hum navio que segue breve, pelo Porto, e Lisboa; e então, direi o mais q̃ occorrer.

E' curioso verificar a identidade do dizer d'então, e as phrases sentidas, que a imprensa monarchica de Portugal ainda não abandonou depois da proclamação da República no Brasil.

E ainda ha quem gabe a originalidade da phylosophia commercial de Emygdio Navarro.

T. C.

Festas da Nazareth

Por um programma, que nos foi enviado da Real Casa de Nossa Senhora da Nazareth, vemos que se devem realizar na formosa praia da Nazareth brilhantes festejos, nos dias 7, 8, 11 12, 13 e 14 do proximo mez.

Do programma extractamos o seguinte:

No dia 7.—Pelas 6 horas da tarde, matinas, a grande orchestra de Lisboa, sob a direcção do maestro sr. Antonio Duarte; á noite fogueiras e musica de arraial.

No dia 8.— Alvorada, missa a grande instrumental, sermão pelo reverendo Manuel Lopes Vicente e procissão; ás 4 horas da tarde grandiosa tourada; á noite, illuminações e fogos de artificio.

No dia 11.—Entrada dos cirios da Praia Grande, Caldas da Rainha, Obidos, Penella, Olhalvo, Mata Cães, Dois Portos, Almargem e outros.

No dia 12.—Festejos promovidos por alguns cirios, com missa a grande instrumental; á tarde grande tourada; á noite, illuminações e fogos de artificios por conta da Real Casa.

No dia 13.—Missa com acompanhamento de orchestra; á tarde outra tourada e á noite musicas e illuminações.

No dia 14.—Retirada dos cirios; á noite illuminações, musicas, danças populares etc. etc.

Durante os dias das festas terão lugar espectaculos nos theatros barracas, bailes campestres, descantes etc. etc.

Haverá, para estes pomposos fes- [illegible] de Cima e Valado, com bilhetes validos por bastantes dias.

Quem tiver dinheiro e vontade de se divertir, vae ter uma occasião de passar alguns dias de prazer e alegria.

N'uma correspondencia de Cabanas, para o nosso collega *O Tribuno Popular*, de 27 do corrente, lê-se o seguinte:

«O vinho de dia para dia sobe extraordinariamente de preço, tendo se vendido já no visinho concelho de Nellas, a 3$000 réis, o almude, do branco. Em Oliveirinha ha já offertas de 2$100 por almude da nova colheita a tirar do lagar.

Estám mal os devotos de S. Martinho.»

Em Cabanas, ou o almude é do tamanho da legua da Povoa, ou o correspondente usa oculos de augmento, que lhe fazem tomar os dedos por hospedes!

Que o acredite quem quisér, nanja nós, que não temos guellas para engulir semelhantes *canards*.

N'uma das parochias circumvisinhas, onde se realisou no domingo passado uma procissão, succedeu o seguinte extraordinario caso:

O parocho, alias um bom *vivant*, não quis que um sujeito filiado na irmandade de S. Martinho vestisse a opa da irmandade da freguezia, para acompanhar a procissão, no que fez bem; mas despojando-se das insignias sacerdotaes, esmurraçou o *devoto*, e em seguida fechou-o la n'uma casa, onde o conservou até findar a cerimonia religiosa, no que procedeu pessimamente.

Fervor religioso a murros, como diria um conhecido rabiscador da capital, não é muito conforme com as maximas prégadas por Christo, nem é bom exemplo para as ovelhas do rebanho do assomadiço pastor catholico.

Um boccado de mansidão e paciencia evangelica não ficavam mal ao parocho auctor da proeza e mesmo porque, se as coisas da religião se não fizerem com geito, á valentona é que não progridem.

A opinião em face do "Século,,

E' um pronunciamento geral contra a fôlha do sr. Silva da Graça!... O partido republicano, longo tempo comprimido pela tácita cumplicidade da gente da rua Formosa, transigindo sempre com governos despresadores da opinião, expande-se agora com uma impetuosidade irresistivel; lavra a sua sentença condemnatória, sem appellação nem aggravo; porque não póde allegar defeza possivel quem, com o mais inaudito dos descaramentos e a mais inconsciente das baixezas, despresou a razão, calcou aos pés a justiça e sacrificou a dignidade á ambição.

A causa da Democracia, levantando o lábaro sacrosanto da Liberdade Nacional, affirma a justiça das suas reivindicações em face do despotismo.

A República, serena e implacavel como o Destino, trágica e grandiosa como a Fatalidade, espreita nas brumas do Futuro o signal redemptor do seu inevitavel advento.

Os traidores ham de ser varridos como as hordes indisciplinadas dos bandidos ante as baionetas dos soldados.

O escravo do Dever ha de anniquilar o parasita do sectarismo e o Socialismo Revolucionário ha de acabar com o Socialismo d'Estado que arruïna e avilta o país.

O *Século* é o esteio da reacção. Derrubá lo é mais do que uma obra de sanidade porque é uma obra de Justiça. O partido republicano é incompativel com o jornal que pretendeu entregá-lo criminosamente ao poder, aviltando os seus princípios, tentando conspurcar os seus homens; intrigando, com o faro dum espião de Baixo Império, o complemento do ódio e da infámia.

A hora de justiça resôa nos horisontes da Pátria chamando as consciéncias honestas ao combate sacrosanto em prol da Liberdade e da Democracia. O sol scintillante da República desponta no ceu, ainda calliginoso, da politica portuguêsa, afugentando as trevas do despotismo, batendo invencivel as brumas da theocracia.

A despeito de todas as repressões, a causa republicana triumpha por toda a parte. Não é impunemente que se calca aos pés o sentimento da Liberdade e da Justiça.

O Mundo, que galhardamente se tem mantido na brecha pelejando de[illegible] annos, apezar da traiçoeira guerra d'encruzilhada que vem de supportar ácêrca de dois annos, tem prestado relevantes serviços ao país com a sua campanha de moralidade, e ao nobre e patriótica campeão da Democracia Portuguêsa estava merecidamente reservada a glória d'executor da sentença da opinião contra os que tám infamemente aviltaram os seus principios e deposeram a bandeira da Liberdade aos pés do despotismo.

A exemplo do saüdoso e inolvidavel jornalista, cujo prematuro passamento ainda hoje deploramos, António Narciso Rebello Alves Correia, o nosso presado amigo e distincto collega, sr. Antonio de França Borges, tem sustentado o seu posto de honra, o seu reducto e aturado combate com a heroica galhardia dum capitão da famosa e avassaladora Roma dos aureos tempos da República.

Os seus prodigios têem lhe grangeado a estima e a consideração da Nação Portuguêsa e os applausos da Europa, garantindo ao seu nome uma respeitosa consagração da Posteridade.

Na gloriosa história do Jornalismo Internacional está lhe decerto marcado um logar de honra ao lado de Armando Carrel, de Loustallot, de Paulo Luís Courrier, de Camillo Desmoullins e de tantos outros vultos de colossal grandeza, e o seu laureado nome inscripto em carácteres d'ouro no Evangelho do Livre Pensamento, será de futuro a gloriosa bandeira de combate, o invencivel estandarte da Revolução, que ha de conduzir os povos á guerra contra o despotismo e a tyrannia.

Portuguêses!... Congregar-nos todos em prol da sacrosanta bandeira da Republica é lavrarmos o Decreto de Emancipação da nossa Gloriosa e Altiva Nação!...

E a primeira *étape* da gloriosa Jornada é a derrocada do immundo jornal que atraiçoou o nosso Ideal.

FAZENDA JUNIOR.

Ao integérrimo juiz de Direito desta comarca, sr. dr. Rocha Callisto, foram concedidos 30 dias de licença, assumindo, por êsse motivo, aquellas funcções, o sr. dr Cunha Vaz.

Estudos da Universidade

O *Diário do Governo* publica um decreto, auctorisando a matricula na faculdade de theologia, aos alumnos que tiverem acabado o curso dos seminários, obtendo a classificação de *néminè discrepante*.

O decreto está subordinado á reforma de instrucção secundária.

Era uma medida reclamada ha muito tempo pela faculdade de Theologia; veio porém tarde, e a exigencia do exame de allemão deve difficultar o concurso.

O sr. Hintze chega sempre tarde como os heroes burlescos de Offembach.

Tarde e mal.

Sendo necessario regular a execução do disposto no artigo 93.º do decreto de 24 de dezembro de 1901, que reorganizou os estudos na Universidade de Coimbra;

Attendendo á proposta feita pela Faculdade de Theologia da mesma Universidade; e

Conformando me com a consulta a tal respeito emittida pelo Concelho Superior de Instrucção Publica, em data de 24 de julho ultimo:

Hei por bem decretar o seguite:

Artigo 1.º O exame de admissão, exigido pelo artigo 93.º do decreto de 24 de dezembro de 1901 para a matricula, como ordinario, na Faculdade de Theologia, ao alumno que mostre ter sido approvado *néminé discrepante* nos tres annos do curso theologico de qualquer seminario do reino, consta de provas escritas e oraes, e realizar-se-ha na primeira quinzena de outubro de cada anno.

§ unico A admissão ás provas oraes depende da approvação nas provas escritas.

Art. 2.º As provas escriptas são as seguintes:

1.ª Composição em português (uma hora);

2.ª Traducção de português para latim (retroversão), uma hora;

3.ª Traducção de português para francês (uma hora);

4.ª Traducção de allemão para português (uma hora);

5.ª Exercicio mathematico, comprehendendo algebra e geometria (uma hora e meia);

6.ª Exercicio sobre um ponto de physica, chimica ou historia natural

7.ª Exercicio de desenho geometrico (uma hora e meia).

§ 1.º Para cada uma d'estas provas haverá vinte pontos, organizados pelo jury e approvados pela Faculdade de Theologia.

§ 2.º Os pontos serão extrahidos dos programmas do 7.º anno do curso dos lyceus quanto a português, latim e allemão, e do 5.º anno quanto a francês, mathematica e desenho.

§ 3.º Os pontos são tirados á sorte no acto do exame por um dos candidatos admittidos no mesmo dia.

§ 4.º Nenhum ponto póde servir para mais de uma epoca de exames.

Art. 3.º As provas escriptas podem realizar-se para todos os alumnos no mesmo dia.

§ unico. Para estas provas não é permittido o uso de outros livros que não sejam os diccionarios, taboas de logarithmos e taboas chimicas.

Art. 4.º Terminadas as provas escritas o jury reune e, depois da devida averiguação em conferencia, procede á votação.

§ 1.º A votação é feita por disciplina, segundo a escala seguinte:

Máu;
Mediocre;
Sufficiente;
Bom;
Muito Bom.

§ 2.º O candidato que obtem maioria de notas de *sufficiente*, pelo menos, em cada uma da maioria das provas escritas, e em nenhuma das restantes obtem maioria de notas de *mau*, está admittido ás provas oraes.

§ 3.º O candidato que na maioria das provas escritas obtem maioria de notas de *bom*, pelo menos, e nas restantes só notas de *sufficiente*, é dispensado das provas oraes nas disciplinas correspondentes.

Art. 5.º As provas oraes comprehendem:

1.ª Lingua e literatura portuguêsa;
2.ª Lingua Latina;
3.ª Lingua francêsa,
4.ª Geografia e história;
5.ª Filosofia;
6.ª Mathemática;
7.ª Sciencias phýsicas e naturaes;
8.ª Lingua allemã.

E constam de tantos interrogatorios quantos os numeros indicados.

Cada interrogatorio dura, pelo menos, quinze minutos, e liga-se ao respectivo programma da 7.ª classe dos lyceus no que respeita á lingua e literatura portuguesa, linguas latina e allemã, geografia historia e filosofia, e ao progamma da 5.ª classe no tocante a mathematica e sciencias physicas e naturaes.

Art. 6.º Concluidas as provas oraes o jury procede á votação por disciplinas com respeito a cada candidato.

§ 1.º Para a votação de geografia e historia, comprehendidas num só interrogatoriocontam-se como uma disciplina; e damesma maneira as sciencias physicas e naturaes.

§ 2.º Candidato que obtiver maioria de notas de *sufficiente*, pelo menos, em cada disciplina, considera-se approvado.

Art. 7.º O jury do exame de admissão compõe-se de quatro examinadores e um presidente, nomeados pelo reitor da Universidade, sobre proposta da Faculdade de Theologia.

O Conselheiro de Estado, Presidente do Concelho de Ministros, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, assim o tenha entendido e faça executar.

Paço, em 23 de agosto de 1902. = REI. = *Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro.*

Acha-se entre nós o sr. Moraes Caravella, correligionário a quem o partido republicano deve serviços assignalados de propaganda e dedicação nunca desmentida.

Demora-se apenas alguns dias, partindo depois para a Figueira da Foz.

Mulheres de virtude

Continuam exercendo, socegadamente a sua industria, mercê da benevolencia e protecção da policia, as conhecidas *mulhersinhas de virtude*, que vam depennando os papalvos que a ellas recorrem em virtude da sua ignorancia.

Que importa que ellas vivam da intrugisse, que forneçam drogas, a maior parte das vezes causadoras de perturbações perigosissmas nos organismos de quem as toma? A policia não está para se incommodar e ellas lá vam governando a vidinha, soffra quem soffrer.

Algumas dellas têem uma freguezia enorme: em certos dias as consultantes estám á vez para poderem ser intrujadas pela espertalhona, que se vale de mil estratagemas para as explorar.

Muito pode a ignorancia e de muito vale a protecção policial.

Voltou de Lisbôa o sr. dr. Marnoco e Souza, que, como noticiamos, tinha ido á capital em syndicância ao lyceu nacional.

Está elaborando o relatório, cujas couclusões não sam conhecidas ainda.

Voltou de Lisbôa o sr. António Augusto Gonçalvez, director da *Escóla Brotero*.

O nosso amigo foi tratar de assumptos intimamente ligados com o ensino de desenho industrial.

Partiu para a praia de Buarcos, onde tenciona demorar-se até ao dia 13 do próximo mês, o nosso presado assignante sr. Maximiano Augusto Cunha, illustrado e bemquisto professor nesta cidade.

—Para Luso seguiu o conceituado procurador privativo da Santa Casa da Misericordia e habil solicitador nesta comarca sr. Joaquim da Costa Rodrigues.

Está hospedado no Hotel dos Banhos.

—Tambem o nosso estimado assignante sr. Francisco de Salles Ferreira Preces Diniz partiu para a praia da Nazareth, a passar a quadra balnear.

—Já regressou da Figueira, acompanhado de sua ex.ma familia, o digno contador deste juizo sr. Evaristo Camões.

—Tambem já se encontra nesta cidade, vindo egualmente da Figueira, o sr. conselheiro Antonio Maria da Silva, illustrado vice reitor do Seminario.

Foi collocado na direcção das Obras Publicas deste districto, o servente Zeferino dos Santos.

—Ao escripturario da mesma direcção sr. João Pinto Galvão foram concedidos 30 dias de licença.

CARTAS DA PROVÍNCIA

Figueira da Foz, 30—8—902.

Apezar de termos feito algumas considerações, no número transacto da *Resistência*, sôbre o encerramento do *Casino Peninsular*, voltaremos hoje de novo a fallar sobre tal assumpto.

A causa de ter fechado as suas portas, aquêlle vasto e sumptuoso edifício, foi a prohibição do jogo. Quer dizer, os seus proprietários, ao gastarem uma porção de contos de réis com a construcção do *Peninsular*, não tiveram em vista dotar a Figueira com um edifício tam magnificente, mas apenas arranjarem uma armadilha, rodeada de encantos e commodidades, onde os seus frequentadores podessem á sua vontade perder o que tivessem e até o que não tivessem.

E não se julgue que fazemos uma affirmativa gratuita, pois a prova é evidente: á emprêsa foi feita uma proposta, offerecendo lhe 1:500$000 réis, pelo aluguer do sumptuoso edificio, até ao fim da temporada de banhos, para nelle se darem bailes, concertos e vários géneros de divertimentos.

Pois a empreza não acceitou, o que quer dizer, que não só o dinheiro não lhe falta, mas que havendo destinado o edificio para casa de jogo, tendo annexos vários chamariz para attrahir os concorrentes, desde que o jogo era prohibido o casino fecharia as suas portas.

Claro está que as pessoas que offereceram o conto e quinhentos mil réis, era com o fim de ganharem, devendo portanto avaliar se em muito mais o rendimento liquido que o *Casino Peninsular* podia dar até ao fim da quadra balnear.

Mas ha mais. Os artistas contractados pela empreza do casino, antes da prohibição do jogo, têem de receber os seus honorarios por inteiro, sem trabalharem, o que mais vem corroborar as nossas affirmativas.

O *Casino Peninsular* é, pois, só uma casa de jogo e, desde que este está prohibido, elle fecha as suas portas.

E' triste uma tal affirmativa, mas é verdadeira.

*

A Figueira cada vez está mais animada. Na rua da Boa Recordação, com especialidade, a concorrencia é enorme.

Tudo o que ha de mais distincto na Figueira dá ali rendez-vous, e á noite o transito é difficil.

E' que a belleza iberica encontra-se ali largamente representada, ficando-se por vezes estatico perante o apparecimento dalgumas hermosas filhas de Espanha ou da belleza de gentilissimas lusitanas.

O quadro, que se disfruta durante algumas horas da noite na rua da Boa Recordação, é surprehendente, e delle se conservarám sempre immorredoiras recordações.

E é que êste anno a permanéncia das estonteantes visinhas parece prolongar-se por o mês de setembro, o que será mais um motivo para attrair no próximo mês maior número de familias portuguêsas, principalmente onde houver rapazes novos...

Para setembro estám muitissimas casas alugadas, o que denota que a animação nesta encantadora praia augmentará ainda, caso para nos felicitarmos.

Pena é que os proprietários das casas não sejam mais um pouco commedidos nas rendas, motivo que affugenta muitos banhistas, que não pódem dispôr de quantias tam elevadas para o pagamento duma só verba de despêsa.

E' certo que as contribuições sam muitas e as despezas com as reparações e custeio dos prédios sam elevadas; mas, ainda assim mesmo, alguns senhorios sam gananciosos de mais, estando sempre á espera de receber maiores rendas de quem não prometteu vir, o que dá em resultado ficarem ás vezes com os prédios por alugar, prejudicando esta praia, pois a fama da careza das casas faz derivar para outras muitissimas familias de banhistas.

*

Para variar a sua correspondéncia, que quási ia tratando só das bellezas da Figueira, vá lá uma noticiasita.

Os leitores de Coimbra não conhecem talvez o sr. Assumpção Martinho, apezar delle ter ahi cursado a Escola Nacional de Agricultura? Pois este rapaz, que durante muito tempo foi um *plumitivo* bem conhecido pelas suas prosas e versalhadas arrelientas, metteu-se á ultima hora a fazer concorrencia ás toninhas.

Depois de fazer um *record* de natação entre as escadas que ficam em frente da rua *10 de agosto* e o extremo sul do forte de Santa Catharina quer realisar outro entre a estação do caminho de ferro e a praia de banhos.

Se apertarem muito com elle é capaz de navegar entre duas águas, desde o Amaral até ao Feteira, sem cair... de cansado.

Para maiores coisas ainda elle estará guardado.

*

Para terminar.

Diz-se vulgarmente: vêr Paris e depois morrer; pois nós, parodiando a phrase, escreveremos: vêr a Figueira uma hora só nesta quadra e depois... trabalhar um anno inteiro para arranjar *massas* e poder cá voltar.

COSMOPOLITA.

Esteve ontem nesta cidade o sr. dr. Manuel D. Berrueta, cathedrático na Universidade de Salamanca.

Sua ex.ª visitou os estabelecimentos de ensino com o sr. dr. Sousa Refoyos, que para isso o acompanhou de Espinho, onde o illustre clinico se acha veraneando.

Ontem de madrugada passou nesta cidade, em direcção aos campos de manobras de Vizeu, uma bateria de artilheria vinda de Alcobaça.

Foi approvado para ajudante do conservador de Arganil, o sr. Arthur de Figueiredo Perdigão.

Mortuária

Falleceu ontem pelas 4 horas da tarde, a sr.ª Antonia de Jesus Alves, esposa do commerciante désta cidade sr. Manuel da Costa Cravo, a quem damos os nossos pezames.

A finada contava 53 annos de edade, e o seu funeral realisa-se hoje ás 2 horas da tarde.

Paz á sua alma.

Não será um espectaculo repugnante o deixarem-se á hora do dia, em ruas de grande transito, animaes mortos pelo bôlo municipal, horas e horas?

Não poderia o serviço de extincção ser feita doutra fórma?

"Voz do Dão,,

Com o seu n.º 4, do 1.º anno, começou a visitar-nos este bem redigido semanario de Santa Comba Dão, do qual é redactor o sr. dr. Augusto Sobral.

Apresenta-se como independente e tem uma orientação moderna, saindo para fóra dos moldes antiquados, em que a maioria da imprensa portuguêsa se funda.

Vamos retribuir a visita do estimavel collega.

PUBLICAÇÕES

A guerra Anglo-Boer. — Da Bibliotheca do nosso estimado collega *O Diario de Noticias*, recebemos os fasciculos n.os 11 a 15 da importante obra que a emprêsa daquelle jornal anda publicando com o titulo que nos serve de epigraphe.

E' uma obra, ornada de illustrações de Roque Gameiro e Celso Hermínio e escripta por um funccionário da benemérita Sociedade da Cruz Vermelha, ao serviço do Transwaal, obra que disperta grande interesse e se lê sempre com crescente prazer.

O custo de cada tomo é de 150 réis, acceitando a emprêsa assignaturas para a publicação, quer em fasciculos quer em tomos, á vontade dos srs. assignantes.

*

O Passatempo. — Revista quinzenal, illustrada, de que é editora a secção de publicidade dos armazens Grandella.

O número que temos presente é o 40, do 2.º anno, que insere 12 illustrações e artigos de merecimento.

*

Moda universal. — O numero de setembro, d'este jornal, que é o de maior circulação do paiz, como repositorio da moda, já corre impresso por toda a parte.

Aqui o temos sobre a nossa banca de trabalho com as suas quatro paginas repletas de figurinos variadissimos e perfeitos, bastando passar os olhos por elle para se ficar sobejamente inteirado das *toilettes* que lá por fora apparecem agora de novo.

Não é segredo para ninguem que no extranjeiro as senhoras vestem com elegancia e por pouco dinheiro. Ora a quasi totalidade d'essas senhoras compram a *Moda Universal* e por ella confeccionam por suas proprias mãos esses vestidos adoraveis de bom gosto, que os figurinos da *Moda* reproduzem.

Como por vezes temos dito a "*Moda Universal*,, assigna se nos escriptorios da *Agencia Nacional*, Rua Aurea, 168, Lisboa.

As assignaturas são annuaes e custam 480 réis, que devem ser remettidos em carta registada ou valle do correio.

Observação d'um doutor

Notavel cura obtida com as "Pilulas Pink,,

Dedicatoria aos enfraquecidos, aos nevroticos, a quantos soffrem do estomago

O Doutor N. C. de Mello Travassos (Mealhada) escreve: Para debellar a anemia, considero as Pilulas Pink senão como o unico, pelo menos, como um dos melhores medicamentos, de que se possam servir os doentes.

Não desejando explanar affirmativas sem provas, citarei como caso de cura notavel, obtida com as Pilulas Pink, a de um dos meus clientes, cuja observação é a seguinte:

Soffria elle, de ha muito, d'empobrecimento gradual do sangue, resentia-se de grande fraqueza, muscular, de cansaço excessivo ao andar pouco que fôsse, d'incommodo gastro intestinal quasi que de continuo; apoquentavam-o nevralgias, por vezes excruciantes. De noite, não dormia, ou então o somno era entremêado com sobresaltos pêzadelos, etc. Emfim, para prova de que carecia de sangue rico, tornara-se friorento em demazia e repugnava lhe qualquer occupação, até a mais pequena. Concorria para peiorar a situação a idade avançada do meu cliente. Ora, ultimamente, notara eu os bons resultados obtidos por alguns doentes, que attributam a cura ás Pilulas Pink. Resolvi, então, dalas ao meu doente e eis o que se passou. O doente descuidou-se do tratamento, não so quanto á regularidade, mas tambem quanto á propria dose de pilulas, e não fallamos da inobservancia teimosa da dieta alimentar e de mais outras prescripções, tendentes a falicitar o tratamento.

Devido ás Pilulas Pink, alimenta-se o doente muito melhor, recobrou o apetite, digere sem custo, readquirio forças, passeia sem cansaço, vão lhe diminuindo os incommodos nevralgicos tanto, que são já so simples manifestações. Em summa, são taes as melhoras, que é fora de duvida que desapparecerão de todo os soffrimentos, caso continue o doente com o tratamento mais alguns dias.

Dado o caso acima referido, um dos mais caracteristicos de fora da minha clinica, creio firmemente que o tratamento da anemia, da cholorose, da fraqueza geral e de quantas doenças se derivam da pobreza do sangue, tem nas Pilulas Pink um excellente agente de cura.

.....

A um medico foi confiado o encargo de responder gratuitamente a todas as informações relativas ás pillulas Pink, que forem pedidas aos srs. James Cassels & C.º, no Porto.

As pillulas Pink foram officialmente approvadas pela Junta Consultiva de Saude. Estão á venda em todas as pharmacias pelo preço de 1$000 réis a caixa e 5$000 reis as 6 caixas.

Deposito geral para Portugal, James Cassels & C.º, successores, Rua Mousinho da Silveira, 85 — Porto.

Relação dos alumnos subsidiados pela Santa Casa da Misericordia de Coimbra, pelo legado do bemfeitor Bacharel Simão José da Luz Soriano, durante o anno lectivo de 1901-1902, com indicação das faculdades e annos do curso que frequentaram e dos resultados que obtiveram nos seus actos.

António José Marques, 5.º anno da faculdade de medicina, approvado *néminè discrepante*.

Manuel Firmino da Costa, 5.º anno da faculdade de medicina, approvado *néminè discrepante*.

Amadeu da Silva, 4.º anno da faculdade de Direito, *approvado néminè discrepante*.

Os dois últimos alumnos obtiveram a classificação de *distinctos*.

Secretaria da Misericordia de Coimbra, 29 de agosto de 1902.

O provedor,

Guilherme Alves Moreira.

José Marques Ladeira & Filho, participam aos seus amigos e freguêses que mudaram o seu estabelecimento para a Praça 8 de Maio, n.º 4, junto á egreja de Santa Cruz.

ANNUNCIOS

Arrenda-se

No páteo pequeno da Inquisição, uma boa casa que póde servir para celleiro ou para qualquer associação. Trata-se na rua Ferreira Borges, 95

CONCURSO

O Administrador do Concelho de Arganil faz saber, que em virtude da auctorisação superior se acha aberto concurso por espaço de trinta dias a contar da segunda publicação do presente annuncio no *Diario do Governo*, para provimento do logar de amanuense da secretaria da Administração, com o ordenado fixado no artigo 287 do Codigo Administrativo.

Os concorrentes deverão apresentar n'esta secretaria, dentro do referido praso, os seus requerimentos instruidos nos termos dos decreto de 24 de dezembro de 1892,

Arganil 28 de Agosto de 1902.

O Administrador do Concelho,

Augusto Coimbra

---

(43) **Folhetim da "RESISTENCIA,,**

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA DO CONVENTO

XIX

O coronel tinha a sua voz de commando; Argouges affastou-se rapidamente, mudo e consternado.

Herminie procurava no casaco um frasco de saes, que não encontrava.

—Os saes fazem voltar os sentidos, quando os desmaios sam a brincar, de pura galantaria. Este é serio, minha senhora, e é obra sua.

—Garanto lhe, coronel, que o meu encontro com Argouges é fortuito, e, em summa, innocente.

—E eu garanto-lhe, minha senhora, que não me torna a enganar.

Lambrune pegou em Alice ao collo e levou-a para um pequeno monticulo de herva, perto de uma arvore pouco distante; militarmente, tirara a sobrecasaca, e dobrara-a por forma a deixar repousar sobre ella a cabeça de Mademoiselle de Villy, tam brandamente, quanto era possivel.

O corpo de Alice estava terrivelmente hirto, e só a respiração mostrava que vivia ainda.

Herminie conservava se de pé, immovel no mesmo logar, sem saber se deveria adeantar-se ou retirar-se. O coronel comprehendeu aquella hesitação.

—Fique, minha senhora; fique, que é preciso!

Encommodava ve-lo com a testa franzida, as sobrancelhas baixas, o canto do labio torsi— pela impaciencia, por baixo do bigode levantado, do lado para onde obliquava o nariz. Nunca o preoccupára tanto o socorro esperado no campo de combate.

Fez-se ouvir felismente na extremidade da alea o passo de muitos homens a correr.

Dois creados traziam uma padiola, cobertores e almofadas; ao lado delles vinha Villy, com o chapeu na mão, cançado e cheio de inquietação.

—Alice? perguntou, onde está Alice?

—Socega, amigo velho, disse Lambrune. E' um accidente, é passageiro... Bem sabes..., as mulheres... sobretudo as novas... Uma syncope, não é verdade?

—Sim; mas é a primeira vez, respondia Villy, agarrando nas mãos da filha.

Ajoelhára deante della. Beijava lhe a testa.

—Alice, querida filha! Alice... repetia. Respira ella ao menos?

—Respira, meu velho camarada. Toca a leva-la depressa para o castello, é o que importa.

E levantou Mademoiselle de Villy, como já tinha feito, e levou a para a maca.

Herminie aproveitou-se da presença do pae, deante do qual o major não poderia protestar sem imprudencia, e começou dando os maiores cuidados a Mademoiselle de Villy, como o caso pedia.

Collocava o travesseiro para lhe levantar a cabeça; afastava-lhe as dobras do rosto, depois poz-se em marcha com os carregadores, moderando lhes o passo e regularizando lhes o movimento com um gesto, com uma palavra.

—E' inacreditavel, dizia Villy: Emmanuel contou-me summariamente que tinham vindo todos trez espera-lo, tendo adivinhado a sua volta da caça pela porta pequena do parque, cuja chave está em posse delle, quando Alice, que vinha pelo teu braço, dobrou os joelhos, ou antes cahiu de repente sem sentidos.

—Mas, a proposito, onde está teu sobrinho? perguntou o coronel.

—Foi elle proprio atrelar o tilbury e partiu já a grande galope para Bernay, onde vae procurar medico. O pobre rapaz está perdido de todo.

—Quero crer! respondeu Roland por forma a ser ouvido de Mademoiselle de Croisy.

A velha senhora de Villy, a quem o filho temia dar uma emoção viva, não fora prevenida.

Só o soube, quando ouviu o rumor, que fazia no castello Lambrune a correr para lhe dar parte do succedido, e explicar lhe a causa com toda a especie de precauções, e de cuidados.

Tremia com todos os membros, quando entrou no quarto da neta, onde Herminie ajudava a creada de quarto a despir Alice e a deita-la no seu leito grande, de docel azul.

—Minha filha! Pobre pequena! dizia, cruzando as mãos. Que desgraça, em ti, que nunca offendeste a Deus. Não é verdade, Mademoiselle de Croisy, que esta pobre pequena não merece uma afflicção? Alice, continuava debruçando-se sobre o ouvido de Mademoiselle de Villy, como se devesse ser ouvida, Alice, sou eu, a avósinha, a que te emballou tantas vezes quando tu choravas, minha querida, e por causa de quem tu não deixavas correr as lagrimas, para me não fazeres mal!

Alice, mais palida ainda entre os lençoes brancos e o cortinado azul, continuava inerte immovel.

—Dê-me uma cadeira, disse Madame de Villy; não quero deixar a cabeceira da minha desgraçada filha.

Herminie sentára-se numa cadeira, em frente della!

—Ah! Soluçava a avó, a senhora é tambem amiga d'elle!

O mutismo completo de Mademoiselle de Croisy podia, na verdade, ser tomado por um signal de dôr profunda.

O proprio coronel, *que ella não tornaria a enganar*, como tinha declarado, não poderia dizer o que se passava no espirito della.

Era por remorso, ou por inflexibilidade, que ella se conservava assim, com os olhos parados, os labios fechados, espreitando o mais ligeiro sobresalto de Alice? Não teria podido responder, se lhe tivesse feito tal pergunta alguem, que estivesse, como elle, ao corrente dos acontecimentos. E o coronel estava todavia hesitante entre o odio e o desprezo, um nascendo do seu orgulho ferido, o outro saltando de uma dupla traição.

O medico de Bernay chegou com Argouges. Era um destes bons velhos, que não tomam conhecimentos de nada depois do pouco que apprendem, excessivamente doce, timido tanto por ignorancia, como por bondade e incapaz de romper com as tradições da expectativa, durante a qual os doentes ou morriam por culpa delle, ou se salvavam sem seu auxilio.

Concluiu rapidamente por uma congestão, e receitou, depois de ter consultado a caixa de rapé, compressas de agua gelada sobre a testa e sinapismos nas barrigas das pernas.

(Continua.)

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

SILVA & FILHO

COIMBRA

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta natureza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *doces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, a rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mêsa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos. passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

"EQUIDADE,,

Companhia de Seguros

Vida de animaes, fogos, fianças e rendas de casas

Preços muito reduzidos

Correspondente em Coimbra

Joaquim Antonio Pedro

Em casa do Sr. Antonio Rodrigues Pinto.

Casa para arrendar

Arrenda-se uma boa morada de casas, com tres andares e grande quintal, na rua João Cabreira, 21.

Trata-se com seu dono Alipio Augusto dos Santos, rua do Visconde da Luz, 60.

Espingardas

VENDAS A PRESTAÇOES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

LUCCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de Cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmunar, frasco, 1$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer. — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. Frasco 1$100 réis.

O remédio de Ayer contra sezões. — *Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cartharticas de Ayer. — O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquesita preparação para aformosear o cabello

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

Estabelecimento de chapeus para sol e chuva

DE

JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA

20 — Rua do Sargento Mór — 24

COIMBRA

N'este antigo estabelecimento se concertam e cobrem de novo guarda soes, tanto de seda como de setim, de brilhantina ou de paninho.

Tambem se fazem guarda-soes novos e se fazem de varetas de todas as marcas, tanto redondas como elasticas, assim como todos os trabalhos concernentes á sua arte.

Consultorio dentario

Figueira da Foz

Rua Fresca, 45

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

De 15 de Agosto a Outubro — Consultas das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

Arrenda-se ou vende-se

Uma bella propriedade de terra lavradia, com pomar e vinha, casas de habitação, curraes, eiras e grande abundancia de agua, sita na estrada de Mira, ao 1.º kilometro, a partir da Figueira, e por isso muito proximo desta cidade.

Para tratar no Passeio Infante D. Henrique, n.º 7.

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges COIMBRA

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

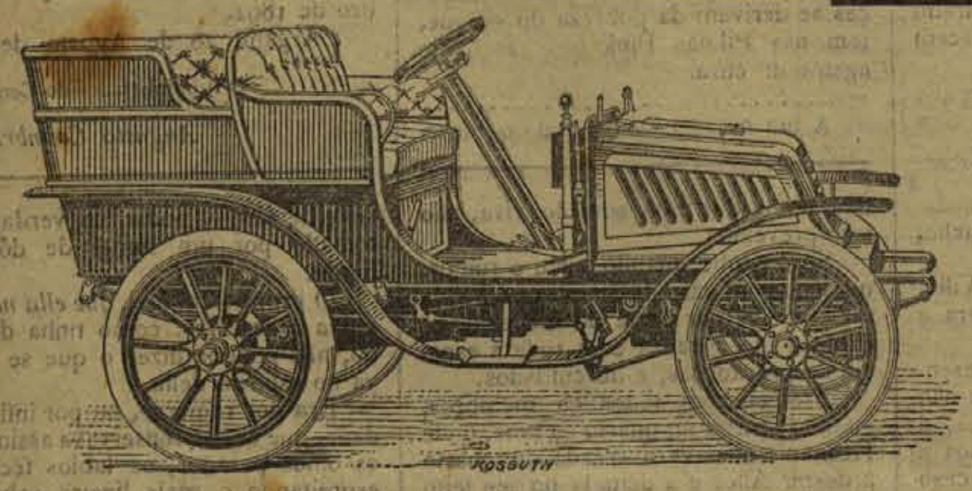
ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

AUTOMOVEIS DARRACQ



Para mostrarmos que os **"Automoveis Darracq,,** além de serem

Os mais elegantes, os mais baratos e os que menos gazolina gastam

Sam tambem

Os mais sólidos e os mais ligeiros

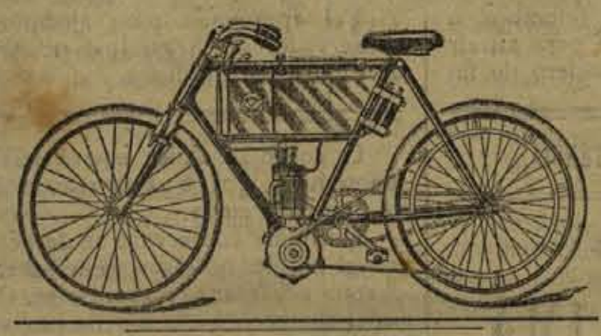
basta ennumerar algumas das suas victórias nêste anno:

1.º prémio na corrida da subida da Turbie

1.º prémio na corrida de Nice — 1.º prémio no Circuit du Nort

Nas grandes corridas Paris-Vienna bateu com carros do máximo 24 cavallos as carruagens «Dainler» de 40 cavallos, «Mors» de 60 cavallos e 6 carruagens de Panhard Levasseur de 70 cavallos!! ganhando o 1.º prémio na série de Vaituret; 2.º, 3.º, 4.º e 5.º na série de Vaituret legere e o prémio de classificação geral.

MOTOCYCLETTE "WERNER,,



A **Motocyclette WERNER** de 1 3/4 de força não precisa de rèclame, como tudo diremos que nas corridas Paris-Berlim, Paris Bordeaux e nas subidas de Gaillon e Turbie Paris Roubaire, Nice-Marseille, etc., etc., chegam sempre na vanguarda!

Nas grandes corridas *Le circuit dit Nort* e Paris-Vienna quantas *Werners* partiram, quantas chegaram, apesar do grande temporal que fazia!! Déz de differentes marcas que disputavam o prémio nenhuma chegou!!

Recentemente em Portugal o Record Porto Lisboa feito debaixo de chuva e com estradas em péssimo estado.

Motores **LURQUIN-COURDET** de 1 1/4 cavallos de força applicavel a qualquer bicyclette

Adaptam-se nas nossas officinas e garante-se a sua superioridade a qualquer outro de egual força.

Dos automoveis "Darracq,, da motocyclette "Werner,, e do motor "Lurquin & Courdet,, sám unicos agentes em Portugal

LEÃO, MOREIRA & TAVARES — "Empreza Automobilista Portugueza,, — Coimbra

RESISTENCIA

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 729 | COIMBRA — Quinta-feira, 4 de Setembro de 1902 | 8.º ANNO

As falsificações

Certos factos têem para os povos um papel análogo ao dos revulsivos—depois duma perturbação apparentemente desordenada, a actividade orienta-se num determinado sentido em harmonia com um fim util. A peste do Porto em 1899 deu origem a uma reforma dos serviços sanitários, depois de patentear bem a nacionaes e extranjeiros quanto era precário o nosso estado em matéria de hygiene, tanto theórica como prática. E' ainda no Porto que ultimamente se faz a denuncia dum facto gravissimo que affecta profundamente a saúde pública: — toneladas e toneladas de farinha adulterada têem sido ingeridas pelos estômagos portuguêses. Matérias inertes foram encontradas nessas farinhas e ao lado destas substancias inuteis havia as tambem prejudiciaes.

Durante que annos a fraude durou, não se sabe, pela simples razão de que ninguem procurou sabê lo. Ora a fraude era grosseirissima; não era necessário possuir largos conhecimentos chimicos para determiná-la; bastava lançar 2 grammas de farinha num tubo de ensaio contendo 25 grammas de chlorofórmio, e o kaolino, o gesso e outras matérias mineraes denunciar-se-iam immediatamente no fundo do tubo.

Pois ninguem executou esta elementarissima investigação, ou se a executou entendeu do seu dever ou conveniencia *não fazer transpirar*.

Os extranjeiros que virem o escandalo nos nossos jornaes noticiosos, ham de pasmar e não comprehender como num pais civilizado uma falsificação tam grosseira passou ignorada annos e annos, affectando as cidades mais importantes do reino, onde necessariamente se presume uma investigação permanente, como a que é feita, por exemplo, em Paris pelo seu laboratório municipal.

A descoberta verdadeiramente dolorosa não é a de algumas saccas de farinha com kaolino; não é o terem-se enredado nesta meada numerosos fabricantes de pão, moageiros e negociantes, que nos deshonram e nos aviltam perante o mundo; em todos os paises, ainda nos de maior probidade commercial como a Inglaterra, os falsificadores sam numerosos; ha em toda a parte individuos desmoralisados, capazes de envenenar o seu semelhante para adquirir mesquinhos lucros; o que é desolador é o ter-se realisado uma fraude tão extensa, tão intensa, durante annos, sem que um laboratorio ensinasse ás auctoridades qual era o seu dever. Formidavel documento, não direi da nossa inepcia, mas da nossa *inercia*, dessa inercia verdadeiramente oriental, que não nos premitte averiguar sequer a natureza daquillo que comemos.

Percorrendo numerosos relatorios publicados pelos laboratorios de França, de Inglaterra, Suissa, Allemanha, Belgica, Austria, Hollanda, América do Norte, etc., nos ultimos annos, nem sombra de falsificação análoga se encontra naquelles paises. (1)

Uma tal differença não resulta da maior honestidade dos outros povos; lá tambem existe uma escória social, capaz de envenenar todos os seus concidadãos, se o pudesse fazer impunemente, como acontece em Portugal.

E' a impunidade que motiva este rebaixamento. E a quem pertence a culpa?

Os alvitres agora sam numerosos: —uns queixam se da falta das leis, da sua insufficiencia, da sua insensatês; outros queixam-se do compadrio, dos interesses eleitoraes que se não harmonisam com uma regular fiscalização, nem dos géneros alimenticios nem de coisa alguma. O nosso pais é em quasi tudo mal fiscalisado, mas não sam sómente as leis e a politica que têem a culpa, é a indoléncia peninsular que reclama tambem um bom quinhão nessa indifferença policial.

Com as lei que existem já ha muito que a fraude das farinhas e muitissimas outras podiam ter sido reprimidas; e porque se começa só agora? Porque só agora o escándalo estalou na imprensa e os laboratórios foram obrigados a fallar bem alto para que todo o pais ouvisse. Nós temos, ha muito, laboratórios com homens competentissimos á sua frente, para fiscalizar bem os alimentos; mas a fiscalização sanitária é que não entendia conveniente interrogá los com frequencia e quando os interrogava era muito em segredo para que o pais se não *amotinasse;* coitado delle! com gesso e salicato de alumina no ventre nenhum povo faz [illegible] que nós temos não incide sobre os géneros bromatológicos; a falsificação suprêma está nos homens que têem o encargo das coisas públicas, está nas suas ideias, nos seus principios. Todos os annos o relatório das falsificações alimentares é publicado nos differentes paises da Europa, dando a *R. Intern. des Falsif.* um extracto désses relatórios em cada bimestre; nêsse inventário de fraudes Portugal faz uma honrosa figura: este *abençoado* pais não tem falsificações!!

Os que julgam as leis capazes de tudo e responsaveis de tudo têem lembrado mil expedientes: augmentar o número de padarias para que a concorrencia ponha de lado os fabricantes desleaes, augmentar o valor das multas para que o prejuizo destas supplante os lucros da fraude, tornar público por editaes o nome do falsário para acarretar sobre elle o descrédito, etc. Uma legislação sobre esta materia não vai sem algumas difficuldades positivamente.

No relatório do director do serviço municipal de Dresde para 1899 encontra-se uma demonstração prática destas difficuldades: — uma manteiga de cosinha, cuja acidês ascendia a 35, foi declarada imprópria pelo laboratório de Dresde; o tribunal porém intendeu improcedente a queixa, porque o Dr. Filsinger declarou que neste assumpto não era o perito-chymico quem tinha a verdadeira competencia mas sim o consumidor. Foi chamado um padeiro que, mediante um ensaio prático, achou a manteiga ainda própria para o consumo. E com desgosto que Beythien conclue: «De futuro o público deverá proteger-se a si proprio contra os productos avariados, quando se tratar da acquisição de manteiga de cosinha».

Semelhante jurisprudencia, a despeito de ter curso num pais civilizado como é a Allemanha, não pode acceitar-se sem reflexão principalmente num pais como o nosso onde o consumidor não sabe precaver-se.

Na propria Allemanha, apezar da grande instrucção do povo, não ha muito que fiar da defêsa individual. Uma prova disso dá-no-la o relatório do professor Fischer de Breslau de 1899-1900. Os operários duma fábrica queixaram-se de que o pão lhes feria os dentes desagradavelmente. A análise demonstrou que o pão tinha fragmentos dum silicato natural. Provou-se porém a innocéncia do padeiro porque a farinha procedia dum moinho cujas mós tinham sido substituidas. «O padeiro, accrescenta Fischer, informou-nos, o que não é sem interesse, que não tinha tratado menos de 80 quintaes desta farinha e nunca lhe tinha chegado a menor queixa da parte dos clientes de retalho. E' a prova da precipitação com que se recebem os alimentos e da pouca attenção que se toma na sua qualidade».

Supponhamos agora que o consumidor desconfia do género, ou que o encontra cheio de impurezas, mais resultantes do desleixo e falta de limpêsa do que de intenções fraudulentas, como nos acontece ai diariamente com o ascar, que póde elle fazer? Queixar-se á policia? E' coisa que não lembra a ninguem; e não lembra porque a nossa educação faz-nos suppor que os poderes públicos não têem obrigação de vigiar o que cada um compra livremente suas queixas soam ao público que as análises serám feitas rapidamente e barato, que os falsários serám castigados e nós teremos a policia hygiénica organizando-se naturalmente sem declamações, sem apparatos eruditos, muito simplesmente; mas com uma condição: —não gastem o tempo e a energia em alindar leis (as leis não têem nenhuma virtude intrinseca para salvar os povos) e formulas burocráticas complicadas, que nos absorvem algum vigor que ainda temos; declarem ao povo que o protegem e protejam-no realmente. A insufficiéncia das leis é fácil de obviar nêste país onde as leis se fabricam com grande facilidade e onde se não cumprem com uma facilidade ainda maior.

As multas sam pequenas para alguns casos, é certo; mas ha países em que ellas não sam maiores e o pôvo está bem defendido — na Holanda a multa varia entre 1 e 25 fiorins, não póde ir além. Mas a investigação é constante e os criminosos sam punidos. No laboratório de Rotterdam durante o anno de 1900 foram examinadas 7:293 amostras. Muitas falsificações se descobriram, mas todas um pouco timidas; a farinha de trigo, por exemplo, era falsificada com o arroz (tem por fim fazer que o pão retenha mais água e fique mais branco), cevada e milho. Mas esta falsificação que era permanente na Hollanda está em via de desapparecer.

A publicidade das falsificações é util, e os concorrentes saberám lembrar ao público o nome do commerciante desonesto para que êste se inutilise. O interesse commercial obriga assim á honestidade.

O que é indispensavel, e desde já, é fazer cumprir as leis que existem dando-lhes a precisa execução. Desenvolvam-se os laboratórios que existem, criem-se mesmo novos laboratórios, se a experiéncia demonstrar a sua necessidade, e deem-lhes que fazer, obrigando-os a apresentar relatórios annuaes de que as auctoridades farám o uso que o bom senso e as actuaes leis exigem.

E' de esperar que se não fique só em palavras; alguma coisa útil sahirá dêste escándalo. Os officiaes de saúde não pódem continuar como até aqui a fiscalizar os géneros alimentares só com o nariz e os olhos, como qualquer profano.

Necessitam duma instrucção téchnica, que sem ser muito pretenciosa seja contudo honesta e sufficiente para descobrir as fraudes ou para suspeitá-las. Para que a lei possa exigir dêlles um serviço de fiscalização útil, sam necessárias duas condições sem as quaes tudo é illusório: *sciéncia sufficiente* e *tempo bastante*. Mas não se esqueça que aqui realmente o tempo é dinheiro.

O Porto terá ainda uma vez a glória de representar o papel inicial nas revoluções sanitárias portuguêsas.

SERRAS E SILVA.

(1) Em França descobriu-se uma fraude semelhante em 1899. Um moageiro em 4 ou 5 annos espalhou em alguns departamentos de oeste a bella cifra de 800:000 kilos de gesso, misturados ás farinhas. A fraude tambem não foi descoberta pela fiscalização, como aconteceu agora entre nós, mas lá o caso era bem differente, as farinhas falsificadas não tinham penetrado nas grandes cidades munidas de grandes laboratórios.

O sr. Hintze Ribeiro anda a visitar os hospitaes.

E' ao que leva *o spleen* do poder, o amôr do funebre que é uma das mais bellas qualidades do talento comico do illustre chefe do gabinete.

Da visita a Rilhafolles escreve um collega da capital:

«Continuou hontem as suas visitas aos Hospitaes o sr. conselheiro Hintze Ribeiro, que esteve acompanhado pelo sr. dr. Curry Cabral no edificio de Rilhafolles, onde o recebeu o sr. dr. Bombarda.

«O illustre chefe do governo examinou detidamente todas as dependencias do Hospital, ouviu as indicações do director e de outros empregados, questionou alguns dos doentes, demoradamente, por forma a poder fazer um rapido mas seguro juizo sobre o tratamento em geral, ali feito. Basta dizer que essa visita durou trez horas.»

Já é talento! Em trez horas ficou *bombarda* de todo.

Hintze anda na escola dos grandes tragicos.

A Sarah, a Duze, o Novelli, o Zaconi, frequentam os hospitaes á procura do gesto raro da visagem impressionante.

O sr. Hintze aprendera já muito com a Sada Yacco e outros artistas.

A sua *mascara* funebre era conhecida na historia do theatro nacional.

Agora vae na esteira dos grandes tragicos extranjeiros com passagem por o D. Amelia.

Ainda o havemos de vêr contractado por o sr. Visconde de S. Luis de Braga para uma *tournée* ao Brazil!

Ha lá tanta falta de politicos de talento...

Guerra e "flirt,,

De *O Jornal do Commercio:*

«Nos centros militares, o assumpto predominante das conversas era a prova brilhantissima dada hontem no campo pelo sr. conselheiro Sebastião Telles, coronel dos serviços do estado maior. Grande numero de officiaes que occorrera propositadamente para assistir ao exercicio dirigido pelo ex-ministro da guerra, era unanime em declarar que jámais vira um plano tão superiormente concebido e melhor executado.

«O sr. conselheiro Sebastião Telles demonstrou e evidenciou os seus altos dotes de militar e as suas distinctas qualidades de homem de gabinete.»

Não se póde ser mais galante; trata-se um exercicio militar com a gentileza com que se escreve a chronica elegante dum baile da côrte!

Admira-se a gente de não vêr terminar a noticia: — *S. Ex.ª foi da maior amabilidade com os srs. officiaes inferiores.*

As praças de pret retiráram penhoradas com a amabilidade do sr. Sebastião Telles.

Não deixa tambem de ser para escolmesse uma prova de [illegible] *distinctas qualidades de homem de gabinete...*

Arreda!...

Na *Calçada* pela manhã.

Passa uma guarda de soldados novos, commandada por um cabo pequenino, empertigado, na attitude de auctoridade e commando de que sam só capazes os homens de pouca altura.

Pouco adeante da guarda, caminha um homem velho, o dorso curvado, de cançado pelo peso dos annos.

— O' homem, ó homem... gritam os da guarda.

O pobre velho continua andando, sem ouvir.

— Oh! oh!

E os soldados olham espantados por vêrem deante aquelle dorso curvado, sem se affastar.

O cabo obliqua um boccadinho, e o soldado da ponta roça pelas costas do velho, mette-lhe um hombro e sacode o para o lado, rindo.

Os outros riam tambem e continuam marchando, voltando os rostos vermelhos e a rir para verem o velho que ficou cambaleando, assustado, como se tivesse visto passar ao lado a furia dum velocipede...

Lembra-nos este caso uma reforma urgente nos uniformes, e que o sr. Pimentel Pinto não poderá lêr sem um sorriso de satisfação.

E' já tam difficil inventar uma moda nova para soldados...

Nada mais justo do que não impedir a marcha fatal das tropas. Somos os primeiros a reconhecê lo.

Mas, para evitar atropellamentos, não nos pareceria fóra de proposito fornecer aos cabos da guarda uma corneta como as dos cyclistas ou dos automoveis.

Quando houvesse difficuldade no transito, o cabo daria o signal e todos se affastariam respeitosos.

Aconselhando a reforma ao sr. Pimentel Pinto, não esquecemos a vantagem que d'ahi proviria para aviso de sopeiras enamoradas...

Ao Sr. João Penha

Não sei se é a mim que o sr. se refere na critica ao *Allivio de Tristes* e á *Terra de Portugal*, publicada no n.º 73 da *Chrónica*. Mas como lá interpreta mal phrases que eu escrevi a seu respeito, julgo que sim. Por isso as vou explicar, notando-lhe que seria mais leal citar o meu nome—ou o nome daquélles a que se refere; e que essa falta de lealdade condemna o seu processo de discussão.

A não ser que me não cite, para mostrar que me não liga importância; mas isso, sr. João Penha!...

Eu não disse, no meu artigo sobre a homenagem prestada pela *Chrónica* ao talento que os redactores dêsse jornal lhe concedem com tanta e tam desinteressada generosidade, que a forma era uma cousa desprezivel: disse que a fórma era inseparavel da ideia e que toda a ideia (ideia grande e bôa, como o sr. nunca teve nem terá!, é claro) traz comsigo a fórma mais própria e mais precisa de a exprimir.

Théophile Gautier, de que o sr. transcreve uma phrase, tem razão; o sr. é que a não tem em fazê-lo advogado da sua Arte Poética, que não é Arte nem tem Poesia. Sabe porque é que o *Poëta «deve pezar cada verso, cada palavra, cada syllaba, na sua balança d'ouro?»* E' para melhor dizer o seu pensamento, não para fazer combinações de sons escondendo a pobreza de sentir e de pensar, que o caracteriza como artista, sr. João Penha. Porque se cada ideia traz comsigo a sua forma, é preciso procurar esta e aperfeiçoá-la; não surge no espirito com a mesma facilidade com que surgiam no seu as conhecidas *piadas* de Coimbra.

Já sabia que era uma verdade muito velha isso do Poëta dever transmittir a sua commoção a quem o lê; mas apezar de velha, é uma verdade e tanto basta para que se repita; principalmente a quem, como o sr., parecia desconhecê-la:

Por ser velha é que eu me admirava que o sr. a não conhecesse; se fôsse nova, não teria tal espanto:— Como é que o sr. ha de comprehender uma verdade nova, se não comprehende as velhas, as que já sam do dominio de toda a gente?...

E enquanto ao pudor que o sr. invoca ridiculamente, para se justificar aos outros o seu sentimento — dá vontade de rir. Se realmente existia esse pudor não o devia declarar para se defender duma accusação: conservava-o apesar de tudo.

O sr. confessa que êsses críticos poëtas de que falla (*serám* ou não *serám* eu?) o collocaram numa posição incerta e desequilibrada. Se essas palavras se dirigem a mim — como julgo — dir-lhe-hei que só quem está muito pouco equilibrado se desequilibra tam facilmente; a não ser que a minha critica fosse tam justa... tam verdadeira, que o sr. reconhecesse a justiça e a verdade della. Mas a minha modestia não permitte que eu viva nesta ideia durante muito tempo... E dir-lhe-hei tambem, sr. João Penha, que todo o meu desgosto é não o ter desequilibrado por completo.

JOÃO DE BARROS.

N. B. Não julgue o sr. que eu escrevo estas linhas por sua causa: escrevo-as unicamente por causa de meia dúsia de pessoas que leram o meu artigo e que o julgaram escripto com sinceridade e consciencia, como realmente foi. (Porque se eu não transcrevia passagens dos seus livros para provar as minhas affirmações, citava aquellas que melhor poderiam dar prova da sua incapacidade — e que, no entanto, eram admiradas). Para esses é que eu escrevo agora: não vá alguem julgar que me atemorizou a sua resposta á minha critica, ou, se o sr. não quer nada commigo, á critica dos taes criticos poëtas que repetiram as phrases que eu dissera a seu respeito

J. de B.

Esteve nesta cidade o engenheiro sr. Julio Portella, chefe da 2.ª circunscripção telegraphica, para colher elementos que o habilitem a elaborar o orçamento da linha telephonica que a camara municipal deseja aqui estabelecer, entre os postos fiscaes e de incendio, a repartição de aguas e edificio camarario.

O rendimento do imposto do real d'agua neste concelho, durante o findo mez de agosto, foi de 627$038 reis.

Altar de S. Bento

Do lyceu de Coimbra vae retirar-se o retabulo do altar mór da egreja do antigo collegio dos Bentos, para ser collocado na egreja de Frieira, concelho de Torres Vedras.

As egrejas de Coimbra têem sido systhematicamente postas a saque para lisongear vaidades e satisfazer compromissos eleitoraes, e, com pezar, temos visto collaborarem nesta obra vandalica homens que pela sua posição deveriam ser os primeiros a impedi-la.

Está ainda na memoria de todos o caso curioso, que se deu com o retabulo da capella do claustro de Cellas.

No convento de Sant'Anna a razzia foi geral e a egreja ficou núa, vindo por favor especial para o museu d'antiguidades do Instituto apenas um fragmento de talha insignificante, com as armas do bispo D. Affonso de Castello Branco, fundador do convento.

O retabulo do altar mór foi cedido por complacencia partidaria a uma egreja do norte, e lá ficou como padrão a attestar o valor e o prestigio do partido progressista em terras da Beira.

Para o collocarem tiveram de o reformar, alteando as paredes da egreja.

O retabulo de S. Bento tem sido por vezes objecto de caprichos artisticos com o pretexto de o aproveitarem.

Já houve quem tentasse mettel-o na pequena capella da Universidade!

O retabulo de S. Bento é uma obra grandiosa, que a custo encontrará egreja, onde possa caber inteiro.

Como exemplar de obra de talha do seculo XVII, é curioso pela composição e pela execução do trabalho.

A historia da esculptura decorativa em madeira é um dos capitulos mais interessantes da historia da arte em Portugal, e acha-se por escrever.

Os exemplares, que poderiam ter-se conservado, têem-se deixado perder, utilizando os os marceneiros para fazerem moveis de phantasia, para que nunca faltam compradores com pretenções de amadores de arte.

No norte têem-se feito moveis estranhos, verdadeiras barbaridades, conservadas com respeito e admiração em casas de brazileiros e colleccionadores ingenuos.

Foi a sorte que teve tambem a tampa [illegible] tirou do altar mór da Sé da execução.

Do que havia em Coimbra pouco tem sido recolhido no museu de antiguidades do Instituto, que nesta secção é realmente pobre.

N'este mesmo museu póde vêr-se a intelligencia e o cuidado com que um outro director das obras publicas de Coimbra, tratou o que se havia confiado á sua guarda.

E' um fragmento do tecto manuelino, que pertenceu ao paço episcopal de Coimbra.

O tecto estava inteiro. Ao centro tinha as armas de um bispo, o resto era composto todo de almofadas dum trabalho delicado, e emoldurado por um friso formado por cordas que prendiam, numa ou noutra parte, em laços.

Quando foi da restauração, que o sr. Franco Frazão infelizmente realizou no paço episcopal, o sr. Antonio Augusto Gonçalvez, recommendou ao seu cuidado o tecto, mostrando-lhe a conveniencia de se lhe tirar uma photographia que permittisse a sua collocação mais tarde.

Tudo prometteu, mas o tecto foi apeado sem que se photographasse, e no inverno os operarios queimáram-no para se aquecerem!

Escapou apenas o fragmento que está na sala do mobiliario do museu de antiguidades, por detraz da Senhora da Piedade.

Está alli attestando a falta de competencia e de zêlo do sr. Franco Frazão.

Fóco de infecção

Queixam-se-nos alguns moradores da rua Direita, de que dum pateo e saguão, que o sr. Adriano da Silva Ferreira tem no predio onde habita na rua da Sophia, se exala um cheiro pestilencial, que muito os encommoda e deve prejudicar-lhes a saude.

E' justissima a queixa, conforme tivemos occasião de verificar e para tal facto chamamos a attenção de quem competir, esperando que o sr. Ferreira será obrigado a conservar o pateo e saguão da sua casa no devido estado de aceio, sem a accumulação de immundicies que por vezes ali se nota.

E quem a mim avisa...

Ainda bem

Foram mandados regressar a esta cidade dois empregados da estação telegraphica de Coimbra que tinham ido fazer serviço em Lisboa.

Será esta ordem o resultado das reclamações que nós, e outros collegas, fizemos nesse sentido?

Na verdade o serviço, só com o pessoal que aqui ultimamente tem estado, é feito morosamente devido á accumulação de telegrammas e a não haver numero sufficiente de empregados para lhes darem prompto expediente.

O publico é sempre o lesado para, repetimos, se satisfazerem os afilhados, que nesta quadra desejam ir veranear para as praias.

No meio das maiores falsificações passam ás vezes despercebidas algumas, que por não darem tanto nas vistas, não deixam contudo de serem importantes.

A imprensa tem-se referido largamente ás falsificações dos vinhos, dos azeites, das farinhas etc. etc., mas ainda não vimos que se referisse ao uso, que moageiros e padeiros pouco escrupulosos, dão aos farellos, que sam a qualidade dos residuos das farinhas, que o povinho, na sua linguagem pittoresca, chama — semeas de aza de mosca.

Pois os taes farellos sam mandados remoer, e o pó que produzem é depois peneirado, sendo parte aproveitado para o chamado pão segundo e a outra parte para misturas para a brôa.

Nesta cidade faz-se isso largamente; havendo padeiros que vam comprar ás fabricas de moagem daqui, ou mandam vir de fóra, até por vagons completos, com especialidade do Porto e de Lisboa, os taes farellos, ou *semeas de aza de mosca*, fazem os remoer em Sernache, nas chamadas pedras biscainhas, apartam depois em duas qualidades, por meio dos peneiros como já dissemos, o pó que lhe trazem os moleiros, e é essa a tal mistura que se vende para a brôa que as mulheres da Carvalhosa, Semide, Torres e outras povoações circunvisinhas trazem para vender a esta cidade, comendo se, portanto, parte dos farellos remoidos, em lugar de farinha de milho ou de trigo.

Muitas vezes os taes farellos, quando vam para remoer, devem, estar em más condições, pois sam armazenados tempo, o que faz com que se deteriorem bastante.

Ora ahi fica marcado um caso, para o qual chamamos a attenção do sr. delegado de saude que, querendo, facilmente averiguará quaes as pessoas que concorrem para a adulteração de pão e da broa, que outra coisa não é juntar lhe farellos reunidos em lugar de boa farinha.

Foram deveras brilhantes os festejos realisados na quinta da Costeira, na Carregosa, por occasião de ser inaugurado o templo que o sr. bispo conde ali mandou erigir.

Foram muitas as pessoas convidadas para assistirem ao acto, que foi revestido de grande pompa.

Um collega local tem a pecha de se julgar o único com auctoridade sufficiente para reclamar quaesquer providencias e ser attendido.

Nós, ou outro qualquer jornal, reclamamos uma coisa justa, que por isso mesmo é attendida; pois o tal auctorizado e importante jornal, refere-se ao assumpto, em segundo logar, e no número ou números immediatos elle aí vem a cantar victoria e a dizer que a sua voz, a sua palavra auctorizada, foi attendida.

Ora isto não é muito regular e um boccadinho de modestia não fica mal a ninguem, antes pelo contrario.

Honra ou censura deve ir sempre a quem tocar.

Foi approvado superiormente o 2.º orçamento supplementar da Camara Municipal deste concelho, na importancia de 968$635 reis.

Já estam concluidas as analyzes das amostras dos vinhos enviadas ao laboratorio chimico da *Escola Industrial Brotero* em 23 do findo mês de agosto.

O vinho donde foram colhidas as amostras analyzadas, reconhecido como bom, pertencia aos estabelecimentos dos srs. José dos Santos Machado, do Almegue; Francisco Maria da Fonseca e Antonio Maria, de Santa Clara.

CARTAS DE CÁ

3 — IX — 902.

Quinta feira, á noite, abalei de novo para Luzo. Tinhamos tido, eu e dois rapazes amigos, um jantar de annos. Era precizo o passeio de carruagem, e sendo assim, lá se mandou atrellar os cavallos.

A' hora da nossa partida, no *Montanha*, meia dúsia de freguêses abancavam á volta das mêsas de mármore. As pedras do dominó estalavam, aqui e além; e as bolas de bilhar, rolando sobre o tapete verde, chocavam se umas com as outras, numas pancadas claras, muito seccas.

Num theatro da Feira, um realejo monstro roncava, aos soluços, uma walsa; para as bandas do Caes, junto aos balcões das barracas, alagadas de luz, formigava rumorejante a multidão. Aninhámo-nos no *phaeton*, e batemos pela Calçada fóra. As patas dos cavallos chapavam ruidosamente nas pedras da calçada, e a carruagem rolava, num barulho ensurdecedor. As luzes claras das lojas, sem ninguem, espreguiçavam-se, em frente dos portaes. Um caixeiro dobrava, pachorrentamente, uma peça de panno, estendida sobre um balcão.

Na livraria do França, estacava pasmado um grupo de rapazes.

A' porta do Pombar, desenhava se a silhuête pequena, gordinha, e empertigada, de um coronel muito nosso conhecido. O *Zé Mudo*, fazia garatujas á porta do *Luzitano*. E um garoto, com jornaes, apregoava o *Século* para as bandas da *Havaneza*.

Passamos a Sophia, aquella rua larga, fria, e estúpida, que me lembra sempre o corredor amplo e severo de um convento, galgámos uma rampa, onde a luz de umas *Alminhas* pestanejava somnolenta, descemos para o lado da estação velha, subimos de novo, e caimos por fim na monotonia de uma estrada ás escuras, ladeada pelas sombras sinistras de umas árvores. Um dos meus companheiros regougava, entre dentes, uma canção qualquer. Outro rumorejava uns versos a meia voz. E eu, entorpecido, começando a sentir a necessidade de dormir, fui caindo, pouco a pouco, numa grande somnoléncia.

De repente accordou me o silvo de uma machina, e deante de nós, o ráio de luz, passou espavorido, jorrando luz, pelas janellas dos wagons.

Nas alturas da Mealhada, começou a caír uma chuva, miudinha e fria. Abafámo-nos com os varinos, e muito callados, sempre sob chuva, atravessámos uns pinhaes silenciosos, hirtos, gottejantes, espécados sinistramente, junto á estrada.

A's onze e meia da noite, depois de perto de três horas de jornada, o carro parou á porta da Carolina. A chuva miudinha continuava a caír sempre, com grande impertinéncia, alagando-nos e ensopando nos fortemente o so fato. Um bando de senhoras, saltando sobre as poças, com as saias arregaçadas, passava de volta dum concerto. A Carolina não tinha lugares e, por isso, fomos bater á porta do Serra.

Appareceu nos allí uma velha, fresca e muito risonha, que nos prometteu arranjar uns colchões na salla de vizitas. E assim foi. Arrumaram se umas cadeiras, e pespegaram-nos com duas camas no chão, entaladas entre um piano e uma janella.

Deitámo nos todos três, e, pelo menos eu, dormi excellentemente até ás 6 da manhã.

Quando accordei, um dos meus companheiros, que costuma começar a dormir só muito de madrugada, praguejava contra as criadas e contra os hospedes, que, a essas horas, andavam já numa grande azáfama.

Por duas ou três vezes, e ainda na cama, vimos abrir se a porta da salla, e assomarem a ella os vultos de algumas damas, que sem calcularem o que as esperava, fugiam espavoridas, ao deparar com o nosso ninho.

Levantámo-nos ás dez horas; fomos até á piscina; almoçamos em seguida; e aí, pela uma hora e meia da tarde, fomos para a assembleia, onde o sexteto do *Casino Peninsular* dava uma *matinée*.

Numa fila de cadeiras estacavam umas damas, sem interesse. Apenas, para o nosso lado, uma rapariga esguia, de pálpebras descaídas, e longos cilios, com o pescoço fino entalado numa golla de sêda escarlate, dava a impressão agradavel de umas destas mulheres de *affiche*, com cabellos em bandós, mãos afuseadas, e dum perfil correcto, escorrendo numa linha firme, sobria e suave.

Junto a um grupo, um menino bonito do Club, parado numa posição caricata, modelada por um livro de maneiras, esbugalhava uns olhares famintos e acarneirados sobre uma pállida burguezinha.

O sexteto encaixou-se no estrado e rompeu, numas rajadas harmoniosas, com uns trechos do Tanhäuser. Tocaram depois a Bohémia e a Cavallaria Rusticana; o violino desenhou num solo, um filigramma muzical complicadissimo; o violoncello gemeu um adágio delicioso; e nós passamos uma esplendida *matinée*.

A' tarde abancámos á mêsa do Hotel, cheio de brazileirada e gente grossa, e onde apenas havia, de curioso, uma provincianasinha muito ingénua, redondinha e córada, como uma boneca de *biscuit*, e um par de noivos, sempre a segredarem, muito meigos, com deliquios voluptuosos de gatinhos.

A medida que nos abeiramos da sobremêsa, a conversa foi-se animando, e, por último, ao café, descaimos numa grande discussão.

O Zé Bruno, barafustante, rodopiando nervosamente o monóculo entre os dedos, clamava, a cada passo: —*O Eça não se discute.*

O Manel di Quadros, esgalhava os braços seccos por diante de mim, e com os dedos retezados, em garra, como as unhas desembainhadas de um gato, rumorejava na sua toada muito mansa, cheia de sotaque de indiano:

—*Oh! menino* E o *Camillo*, e as *Scenas da Foz*, e o *Portugal* da Rattazzi, e os *Criticos do Cancioneiro Alegre*, e mais aquella graça, e mais aquelle espirito. E palavra puxa palavra, tambem eu lá me metti no barulho, naquella baralha desordenada, de conversa de fim de jantar, com fumos de charuto e de café, em que se discutia o sarcasmo do Eça e do Camillo, e a rizadinha azeda daquelle, e a gargalhada trocista deste, etc., etc., etc.

Tolices!

A's duas por três, estávamos todos a rir; e no grupo, figurára, já muito animado, o sr. Serra, o dono do Hotel, gordo e vermelhudo como um marchante, e todo elle com o seu facataz pelas rapaziadas e pelos estudantes.

A' noite tivemos scenas de prestidigitação, dois pares a bailarem na Assembleia, chá na Carolina, e por fim uma conversa muito comprida, num quarto do Hotel. Esqueceramo-nos dos [illegible] da manhã, um grupo de *pés de chumbo*, clamando pragas contra nós, ameaçava-nos, em puro brazileiro:

—*A' noite, veremos, quem accorda elles!*

Felizmente, porém, não chegaram a accordar-nos, porque partimos nesse mesmo dia. A's 6 horas já iamos no comboio entallados numa carruagem cheia de mallas e passageiros, onde se fallava de Paris e de Marselha, como se falla de Espinho, da Figueira, de Luso ou da Póvoa.

Ao chegarmos á Pampilhosa tinha-se levantado uma discussão sobre Lourdes.

Uma besta, que trazia na lapella, uma fita de Christo, e dizia *convenções*, por *convicções*, arrotava basófias de descrença, e um capitão, muito bom homem, todo risinhos e philosophia, exclamava com ar escarninho:

—*A respeito de milagres, meus senhores... não vae nada!*

Como elle com os milagres, estou eu agora com a carta.

Por mais que queira escrever uma coisa em termos, *hoje não vai nada;... nem a verruma.*

C. F.

Retiramos a continuação dos artigos sobre o regulamento da fiscalisação das substancias alimentares, para darmos lugar ao artigo que o sr. dr. Serras e Silva acaba de publicar em *O movimento medico*:

Sua ex.ª com a auctoridade, que lhe dá o estudo da especialidade, pede para os delegados de saúde mais sciéncia e menos occupações.

Em Coimbra a apreciação é frizante de verdade, devendo porém accrescentar — *mais diligéncia* e *mais bôa vontade*.

E fica talvez quási certo...

Sae brevemente dos prelos da Universidade, a obra — *Antonio Homem e a Inquisição*, de que é auctor o sr. dr. Antonio José Teixeira.

Foi ordenado, com urgencia, pelo sr. director das obras publicas deste districto, o levantamento da planta do terreno do Penedo da Saudade, onde se tenciona edificar o novo hospital,

CARTAS DA PROVÍNCIA

Figueira da Foz, 2—9—902.

Cá *tornamos a tornar*, estimáveis leitôres, ao caso do *Casino Peninsular* encerrar as suas portas, á colónia balnear, e aos próprios habitantes desta cidade, que allí iam passar agradabilíssimas horas, nos seus vastos salões.

E se *tornamos a tornar* é porque chegou ao nosso conhecimento outro facto, ainda mais demonstrativo de que a emprêsa do *Peninsular* não quís dotar a Figueira com um estabelecimento de recreio de primeira ordem, talvez o melhor da península, mas apenas arranjar uma explendida casa de batota, em que as exterioridades do divertimento servissem de capa e chamariz á exploração do jogo.

A emprêsa não quís continuar a ter abertas, por sua conta, as portas do *Casino*, sem lá haver jogo; a emprêsa não quis acceitar a offerta dum conto e quinhentos mil réis que lhe foi feita pelo arrendamento do *Casino* até ao fim da quadra balnear; a emprêsa recusou o offerecimento do importante capitalista sr. Joaquim Antonio Simões, que se responsabilisava por qualquer *déficit* que a exploração do *Casino* desse até ao fim da temporada de banhos, pagando do seu bolço as differenças que houvesse.

Este último offerecimento serviu para tirar quaesquer dúvidas, que alguns ingénuos ainda tivessem, sobre a boa vontade e intenções dos proprietários do *Casino*.

Não quizeram explorar por sua conta e risco; não quizeram arrendá-lo por uma quantia avultada; não quizeram fazer a exploração sob a responsabilidade dum importante capitalista, que apenas se associava á emprêsa para lhe pagar todo e qualquer prejuizo que ella tivesse!

Então o que é que querem os senhores do *Casino*?

Querem o jogo e só o jogo?

Querem attrair os pontos, por meio dum luxo espaventoso e duma série de distracções qual dellas mais seductora, para melhor os depennarem?

E' isto que se diz do procedimento da emprêsa; é isto o que se acredita, em vista do que deixamos narrado, e que é simplesmente a expressão da verdade.

Jogo e só jogo; dinheiro e só dinheiro; mas arranjado pelos illícitos meios da roleta, do monte e das outras espécies de armadilhas, feitas adrede para depennar patos e explorar mulheres e adolescentes.

Ora semelhante procedimento é revoltante, e os maiores inimigos dos jogadores, sam, portanto, os próprios jogadores, que com o seu pouco cordato e pouco hábil procedimento estám indispondo todas as pessôas honestas contra êlles.

Sam exploradores inhábeis, os taes srs. jogadores, que se vingam do público, privando o duma casa de recreio de primeira ordem, só porque não os deixam satisfazer o seu vicio e realizar as explorações que desejam.

Vám bem nêsse papel.

*

A ordem do dia sam as falsificações; do dia e da noite, porque é principalmente de noite que se preparam as mixôrdias, que depois se impingem aos consummidores.

Pois cá o *Cosmopolita* tambem quer metter a sua colherada no assumpto.

E é uma local da *Voz da Justiça*, jornal desta cidade, que nos dá a nota para dizermos algo sobre o assumpto, no seu último número.

Nessa local, intitulada *Falsificações*, e escripta por quem sabe da poda, lê-se o seguinte:

«...o sr. dr. Cymbron, sub-delegado de saúde com o concurso do sr. dr. Serras e Silva têem feito anályses de farinhas das padarias da cidade e de outros géneros, nada tendo encontrado de mau nas farinhas e apenas excesso de acidez em alguns azeites. **A acidez excessiva** do azeite é nociva á saúde, **mas não é falsificação nem é da responsabilidade dos vendedores,** que certamente se appressarám a substituí-los.»

O sublinhado dalgumas phrases é nosso e serve para demonstrar que não somos prejudicados na saúde por azeites falsificados, pois a falsificação em género de tanta necessidade, não se faz, porque custaria mais caro o óleo falsificante do que o próprio azeite. O que ha sam azeites de qualidades inferiores, por conterem excessiva acidês, proveniente de mau fabrico, da azeitona não ser de boa qualidade, ou por outras causas resultantes da sua má conservação, e nunca por falsificação.

Tornamos isto público, frizando bem o caso, para socegar muitissimas pessoas, que andavam alarmadas com as noticias terroristas espalhadas por alguns jornaes pouco escrupulosos, e por constar terem vindo azeites dessa cidade para a Figueira, que os taes plumitivos diziam serem falsificados.

A acidez, repetimos, sendo excessiva, é prejudicial, mas a acidez não é o producto duma falsificação, mas apenas o resultado de várias causas a que o vendedor é extranho, quási sempre.

E perdoem-nos o desabafo, os *mestres* do assumpto, pois se mettemos a nossa colherada foi para socegar pessôas alarmadas e restabelecer a verdade dos factos.

*

A gatunagem anda por aqui desenfreada.

Não admira; devem ser os gatunos em férias, que a polícia de Coimbra ai tolera com a obrigação de não exercerem a sua indústria nessa cidade, e que estám veraneando nesta praia.

E diz se que a civilização não caminha...

COSMOPOLITA.

Excursão a Madrid

Só não vai visitar a capital do visinho reino e admirar as formosas espanholas, quem não quizer ou não possuir uma de X.

Por preços ínfimos se pode ir no comboio especial que parte no dia 20 do corrente e regressa no dia 28.

As condições da viagem e todos os esclarecimentos necessarios sam fornecidos na casa José Tavares da Costa, sucessor, á Portagem.

Na secção competente publicamos um annuncio, para o qual chamamos a attenção dos leitores.

No seu último numero, sob o titulo *A quem competir*, insere um collega local o pedido dum recluso das cadeias desta cidade, preso ha 14 dias, de nome João da Silva, para que se cumpra o art.º 988 da *Novissima Reforma Judiciaria*, por não haver pronuncia nem qualquer procedimento contra elle.

Procurando informações sobre o facto, para secundarmos o pedido do collega no caso de ser justo, soubemos que o João da Silva e uma sua amante estam presos, o primeiro por ter roubado roupas e outros objectos em S. Martinho do Porto, a um lavrador dali, e a segunda por encobridora e tentar vender e empenhar os objectos roubados.

Já vê o collega que o sugeito queixoso é um marau, que não merece protecção e que abusou da sua boa fé.

*

A propósito do nome do reclamante, lembra nos a seguinte verídica anedocta, succedida com um então prezo nas cadeias da Figueira da Foz e que tinha a *graça* egual á do heroe de S. Martinho.

Precizando o tal *hospede* do sr. José Maria Rodrigues (o sr. José Maria Rodrigues é o estimavel carcereiro das cadeias da Figueira) dum attestado de pobrêsa, mandou-o pedir ao regedor de Lavos, donde era natural, que lho passou da seguinte forma:

Attesto em como João da Silva é pobre e precisa emquanto estiver prezo; mas quando sair da cadeia ninguem tenha pena delle, pois o seu officio é roubar.

Lavos, tantos de tal etc.

O regedor,
F.

Claro está que o João, ao lêr tam *honroso* attestado, foi ás nuvens e rasgou-o em mil pedaços, pois as verdades ás vezes sam duras de ouvir e, no caso narrado, de lêr.

Encontram-se a banhos na Figueira da Foz, os nossos estimaveis assignantes srs. Alberto David, Joaquim Augusto Borges de Oliveira, Diamantino Dinis Ferreira, Manuel da Silva Rocha Ferreira e dr. Roxanes de Carvalho.

—Já regressaram de Luso, acompanhados de suas ex.mas familias, os nossos estimaveis correligionarios e amigos srs. Cassiano Martins Ribeiro e Arthur Leitão.

Festividade

No domingo e segunda feira próximos realiza-se em S. Silvestre, com grande explendor, a festa do Santissimo Sacramento.

Consta, no domingo, de manhã, de missa solemne a grande instrumental, prégando ao Evangelho o reverendo prior da freguesia, sr. Fernando Velloso; e de tarde *Te Deum*, sermão pelo reverendo prior de Souzellas, sr. José Pinto Machado, e procissão que sairá da egreja matriz, pelas 5 horas, sendo acompanhada pela philarmónica *Taveirense*.

A egreja está, para êste fim, sendo explendidamente adornada pelo habil armador, desta cidade, sr. Candido Sant'Anna.

Na segunda feira ha danças populares em dois elegantes pavilhões construidos a capricho, corridas de frangos, mastro de cocagne, etc.

No sabbado será queimado um vistoso fogo de artificio.

Parte brevemente para Espinho o nosso amigo e collega de redacção, sr. Arthur Leitão.

Companhia de Seguros Indemnisadora
PORTO
Toma seguros nesta cidade
João Lopes de Moraes Silvano

Durante o findo mês de agosto foram tirados no governo civil de Coimbra 56 passaportes, sendo 4 para a Africa, 51 para o Brasil e um para viagem pela Europa.

Estiveram aqui de visita, no passado domingo, grande número de excursionistas dos cirios civis, de Lisboa, que fizeram a digressão da capital á Figueira.

Os excursionistas tinham chegado áquella cidade no sabbado e no domingo e vieram até Coimbra admirar os seus monumentos e os seus bellos arredores.

Parte seguiu para a Figueira no próprio domingo e o resto na segunda feira, de manhã, indo satisfeitissimos com a sua visita a esta cidade.

Alguns dos visitantes declaráram, que no proximo anno viriam expressamente a Coimbra, onde se demoraram alguns dias, afim de poderem ver tudo com vagar e poderem gosar bem os lindos arredores, que circundam Coimbra.

Bem vindos serám sempre os forasteiros que quizerem honrar esta cidade com a sua visita.

José Marques Ladeira & Filho, participam aos seus amigos e freguêses que mudaram o seu estabelecimento para a Praça 8 de Maio, n.º 4, junto á egreja de Santa Cruz.

ANNUNCIOS

Arrenda-se

No páteo pequeno da Inquisição, uma boa casa que póde servir para celleiro ou para qualquer associação.

Trata se na rua Ferreira Borges, 95.

SINCERIDADE

Ficarei muito grato se me procurar e der melhores explicações do assumpto da carta anónyma què recebi em 1 do corrente.

(Creia em muito segredo.)

A. M. M.

A Madrid!...
A Madrid!...

E' aproveitar a occasião de visitar a capital de Hespanha, por preço unico e excepcionalmente barato.

BILHETES DE IDA E VOLTA

1.ª classe.....	**16$500 réis**	
2.ª »	**5$800**	»
3.ª »	**3$800**	»

Comboio especial com excursionistas portuguêses em visita a Madrid.

Partida em 20. Regresso em 28 do corrente.

Trata-se para venda de bilhetes e esclarecimentos na casa José Tavares da Costa, Successores, Portagem.

EDITAL

Doutor Guilherme Alves Moreira, provedor da Santa Casa da Misericordia de Coimbra.

Faço saber que no dia 20 do proximo mês de setembro, pela uma hora da tarde, na secretaria da mesma Santa Casa, se hade proceder á arrematação em hasta publica, por meio de licitação verbal, do arrendamento da casa do cêbo, sita á Ribeira de Coselhas, pertencente a esta Santa Casa. — As condições da arrematação acham-se patentes na secretaria da Santa Casa em todos os dias uteis desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde, onde podem ser vistas e examinadas pelos pretendentes.

Secretaria da Misericordia de Coimbra, 30 de agosto de 1902.

O provedor,
Guilherme Alves Moreira.

---

(44) Folhetim da "RESISTENCIA,,

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA
DO
CONVENTO

XIX

—O teu medico parece-me burro. disse brutalmente Lambrune a Villy, Parto com elle para Bernay e de lá corro a Caen, onde encontrei ultimamente um agregado de medicina, um normando, antigo discipulo de nosso amigo L..., que deve ser um pouco mais forte que este invalido. Hei de encontra-lo, e cá to trago ou no ultimo comboio desta noite ou no primeiro da manhã.

O velho medico de Bernay voltava bastante socegado, dizendo que nada havia mais a fazer naquelle momento, e que viria no dia immediato «para vêr se por acaso se declarava alguma doença.»

A noite foi terrivel para Villy e para a mãe. As compressas de agua tirada dum poço gelado não davam resultado algum; os sinapismos causavam uma irritação passageira e mais nada. Herminie tinha querido velar tambem.

—Esta pobre rapariga, dizia M.me Villy ao filho, está tám afflicta como nós.

A's 10 horas da manhã chegava Lambrune com o doutor Pierre Touzaud, que é hoje uma das celebridades dos hospitaes de Paris.

O medico olhou a doente attentamente, apenas meio minuto, tomando-lhe o pulso.

—Não tem febre. Melhor! Mas não é o que julgava, coronel.

—Ha perigo eminente, doutor? perguntou Villy.

—Não, senhor, respondeu Pierre Touzaud desatando as ligaduras, que apertávam a cabeça de Alice. Mas deve-se parar com as compressas e sinapismos, e metter M.elle de Villy num banho.

—Garante-nos a vida d'ella? disse a avó, agarrando-lhe nas mãos, para vêr se estava a tremer de susto como ella.

—A vida? Garanto sim, minha senhora.

—Não nos deixa, doutor? perguntou Villy, que não tinha comprehendido a restricção, que havia na resposta de Pierre Touzaud.

Pelo contrario, Lambrune ficou impressionado, e apressou se a interrogar o medico, levando-o para o quarto que lhe tinham preparado.

—Coronel, disse Touzaud, M.elle de de Villy não teve congestão alguma, e, se o dr. de Bernay em vez de se contentar com um tratamento relativamente benigno, apesar de perigoso quando demorado, tivesse tido a ideia desgraçada de sangrar, como deveria ter feito, se tivesse ido de accordo com o diagnostico, matava a com certeza.

O caso é outro, e foi uma anemia que deu origem a tudo. Como? Não sei, e o sr. provavelmente tambem não; mas M.elle de Villy se não tem a sua vida em perigo, como eu dizia ha pouco, tem ameaçada a sua razão.

—A razão? A pobre creança ficará doida, meu amigo?

—Não vamos a correr. Felizmente não ha febre e eu conto com o banho, apesar de tardio, para impedir que ella venha.

Emmanuel acabava de encontrar no corredor Lambrune e Pierre Touzaud. Lambrune respondeu friamente ao cumprimento d'elle.

—Quem é este cavalheiro? perguntou Touzaud.

—Argouges, sobrinho de Villy.

—E quem era, desculpe a indiscripção, mas o medico é o mais util dos confessores, a senhora nova, que estava ao pé do leito de M.elle de Villy?

—Uma amiga de collegio—M.elle de Croisy.

—Ah! disse o doutor.

Tinham entrado no quarto, para onde haviam levado a mala do medico parisiense.

—Irra! exclamou Lambrune. O sr. sabe que é aterrador? O que pensa d'isto tudo, meu amigo?

—Tudo o que deve saber, coronel, disse Touzaud, despertando a mala. M.elle de Villy é noiva do primo?

—E'.

—E o primo ama, como um doido, a bella nevrose que o sr. chama M.elle de Croisy? Comprehendo. Traiu se, o desgraçado, e um facto qualquer, que se deu, foi como uma martellada na cabeça de M.elle de Villy.

Todo o mal está ahi, disse o medico, fazendo uma pirueta e collocando se em frente de Lambrune.

—Com mil diabos! disse este, o que ahi vae! Induz, deduz, conclue... isso é que é a medicina moderna?

—N'este caso, sobretudo, não ha outra.

—Pois bem! E' uma bella indiscripção!

—Sim, coronel, mas é a vida.

XXI

As anciedades de Villy estavam um pouco mais acalmadas, mas não podia achar explicação para um accidente daquella ordem, e declarava-o ao medico, a quem, como hospede minucioso e estricto no comprimento dos seus deveres, quizera fazer as honras do almoço, muito retardado n'aquelle dia.

—Basta uma contrariedade, dizia o medico, explodindo inteiramente, uma surpreza dolorosa para ocasionar este phenomeno nervoso.

—Mas, continuava Villy, não fico menos surprehendido com essa hypothese. Aqui está M.elle de Croisy, que tem com minha filha uma intimidade de irmã; aposto que não comprehende mais do que eu.

Herminie percebia que estava sendo cuidadosamente espiada e sondada pelo olho do dr. Tuzaud, olho cinzento dos camponêses, seus avós, aguçado ainda pela observação pathologica do meio em que tinha vivido, debaixo da arcada ruiva da sobrancelha. O nariz pequeno e levemente levantado era dum farejador, apesar de levemente arredondado na extremidade; a dobra ironica dos labios não se deixava intimidar; o queixo espesso tinha antes o caracter da vontade que o da sensualidade, e aquella cabeça solidamente collocada sobre uns hombros largos era das que se não abalam facilmente.

Um juiz teria parecido menos perigoso a M.elle de Croisy do que o medico trazido por Lambrune, que não poderia guardar muito tempo para elle o segredo do que se havia passado.

—Não é verdade, minha senhora, que para si é tambem um enygma? perguntou Villy.

Era necessario sahir do mutismo em que se pozera Herminie. O coronel não poderia desmentil-a, e só a audacia a poderia salvar.

—Sr. Villy, disse ella, reparou com certeza como Alice ficou encommodada com a ultima carta de M.elle de Fayolles. Conteve-se alguns dias, mas ontem fallámos dos modos altivos, que minha prima tinha para toda a gente, e da minha proxima partida. Talvez se podesse achar a causa, que o doutor, ha pouco, procurava, na irritação extrema, que ella dissimulava.

—E' justo, exclamou o excellente Villy, é justo! Decididamente aquella Aurelie Fayolles é ave de máu agoiro! Que pensas tu disto Roland?

(*Continua.*)

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de chapão, e todos os objectos de escriptorio.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, a rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mésa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

"EQUIDADE,,

Companhia de Seguros

Vida de animaes, fogos, fianças e rendas de casas

Preços muito reduzidos

Correspondente em Coimbra

Joaquim Antonio Pedro

Em casa do Sr. Antonio Rodrigues Pinto.

Casa para arrendar

Arrenda-se uma boa morada de casas, com tres andares e grande quintal, na rua João Cabreira, 21.

Trata-se com seu dono Alipio Augusto dos Santos, rua do Visconde da Luz, 60.

Espingardas

VENDAS A PRESTAÇOES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges = COIMBRA

LUCCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de Cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmunar, frasco, 1$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer. — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. Frasco 1$100 réis.

O remédio de Ayer contra sezões. — *Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cartharticas de Ayer. — O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquesita preparação para aformosear o cabello

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

Estabelecimento de chapeus para sol e chuva

DE

JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA

20 — Rua do Sargento Mór — 24

COIMBRA

N'este antigo estabelecimento se concertam e cobrem de novo guarda soes, tanto de seda como de setim, de brilhantina ou de paninho.

Tambem se fazem guarda-soes novos e se fazem de varetas de todas as marcas, tanto redondas como elasticas, assim como todos os trabalhos concernentes á sua arte.

Consultorio dentario

Figueira da Foz

Rua Fresca, 4

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

De 15 de Agosto a Outubro — Consultas das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

Mêsa rica

Thomás Pombar com estabelecimento de bric-à-brac, tabacos e occulista na rua Ferreira Borges, em frente ao Arco d'Almedina, tem para vender uma mêsa de pau preto e sándalo, com embutidos de marfim e obra de talha. Quem a pretender póde ir vê-la ao seu estabelecimento onde está em exposição.

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges COIMBRA

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

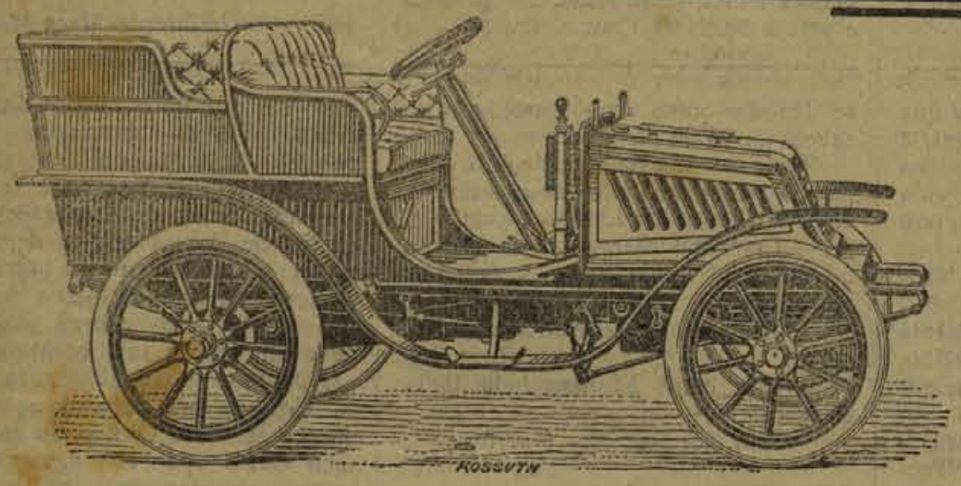
ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

AUTOMOVEIS DARRACQ



Para mostrarmos que os **"Automoveis Darracq,,** além de serem

Os mais elegantes, os mais baratos e os que menos gazolina gastam

Sam tambem

Os mais sólidos e os mais ligeiros

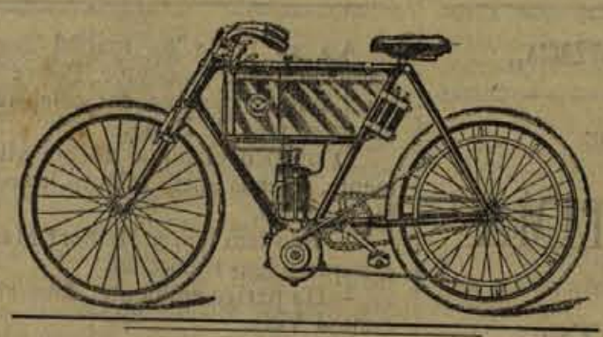
basta ennumerar algumas das suas victórias nêste anno:

1.º prémio na corrida da subida da Turbie

1.º prémio na corrida de Nice — 1.º prémio no Circuit du Nort

Nas grandes corridas Paris-Vienna bateu com carros do máximo 24 cavallos as carruagens «Dainler» de 40 cavallos, «Mors» de 60 cavallos e 6 carruagens de Panhard Levasseur de 70 cavallos!! ganhando o 1.º prémio na série de Vaituret; 2.º, 3.º, 4.º e 5.º na série de Vaituret legere e o prémio de classificação geral.

MOTOCYCLETTE "WERNER,,



A **Motocyclette WERNER** de 1 3/4 de força não precisa de rèclame, comtudo diremos que nas corridas Paris-Berlim, Paris-Bordeaux e nas subidas de Gaillon e Turbie-Paris-Roubaire, Nice-Marseille, etc., etc., chegam sempre na vanguarda!

Nas grandes corridas *Le circuit du Nort* e Paris-Vienna quantas *Werners* partiram, quantas chegaram, apesar do grande temporal que fazia!! Déz de differentes marcas que disputavam o prémio nenhuma chegou!!

Recentemente em Portugal o Record Porto-Lisboa feito debaixo de chuva e com estradas em péssimo estado.

Motores LURQUIN-COURDET de 1 1/4 cavallos de força applicavel a qualquer bicyclette

Adaptam-se nas nossas officinas e garante-se a sua superioridade a qualquer outro de egual força.

Dos automoveis "Darracq,, da motocyclette "Werner,, e do motor "Lurquin & Courdet,, sám unicos agentes em Portugal

LEÃO, MOREIRA & TAVARES — "Empreza Automobilista Portugueza,, — Coimbra

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 730 | COIMBRA—Domingo, 7 de Setembro de 1902 | 8.º ANNO

O regulamento da fiscalização dos alimentos

Vejamos como o sr. Ricardo Jorge deu satisfação aos que na imprensa se levantaram exigindo, em nome da saúde publica ameaçada, a fiscalização das substancias alimentares e o castigo dos falsificadores.

Todos os jornaes affirmáram a incompetencia dos actuaes delegados e sub-delegados de saúde.

Não tinham preservado, como lhe competia, a saúde publica; tinham deixado annos seguidos prosperar a industria dos falsificadores, que enriqueciam no meio da consideração publica.

As falsificações eram das mais grosseiras, não havia subtilidades de artificio, não estavam ligadas a processos chimicos desconhecidos e difficeis de verificar.

Não se faziam em artigos raros, em substancias de exportação; eram falsificações de lar, era a industria caseira do roubo.

Era uma falsificação diaria, conhecida da pobre gente, que não sabe escrever, verificada pelos carregadores das estações de caminho de ferro.

Foi denunciada pela imprensa, e apenas, denunciada, todos a verificáram, e a convicção fez-se instantaneamente, servindo apenas os estabelecimentos officiaes para lançar a dúvida, abalar a opinião, pela discussão da terminologia, pela história da analyze das falsificações em Portugal.

O trabalho, que devia ter sido feito pelos officiaes de saúde, fôra feito pela imprensa.

Os officiaes de saúde tinham deixado medrar a indústria, a imprensa descobriu-a e denunciou-a.

Os officiaes de saúde tinham mostrado mais uma vez a sua inutilidade.

Começaram os trabalhos da repressão e é ainda a imprensa que incita os officiaes de saúde a cumprirem o seu dever.

E' ella que pede as analyzes, é ella que pede o parecer dos competentes, dos homens de saber, e os publica largamente, commentando-os com interesse, incitando com palavras de agradecimento e louvor os que corriam á sua chamada.

Os officiaes de saúde continuavam lentamente, como quem vae serenamente, sem desvio e sem precipitação, pelo caminho direito do dever.

Officiavam a custo.

Ricardo Jorge lia, anotava e escrevia um futuro relatório compendioso, que désse margem ás phrases rasas da sua penna brilhante.

Os padeiros indignam-se. Affirmam que os calumniam, que ninguem seria capaz de fazer pão com taes substancias, tám estranhas, e escreviam, com um sorriso superior de ironia nos lábios: que era necessário não ser padeiro para affirmar que se pudésse fazer pão de pau, kaolino, gesso...

Os senhores officiaes de saúde continuavam calados, na immobilidade dos deuses e das creaturas superiores.

A policia chamou um padeiro e fez pão com as mixórdias que no Porto se vendiam com o nome falso de farinha.

Ficou toda a gente a saber o que só os senhores padeiros continuam a ser os unicos a ignorar.

E o povo applaudiu pela primeira vez a policia, do coração e com vontade.

A incompetencia dos officiaes de saúde ficou assim demonstrada mais uma vez pelo seu procedimento depois das denuncias do Porto.

Nem antes, nem depois, os officiaes de saúde se mostráram capazes de exercer o seu cargo, como o exige a necessidade de preseveração da saúde publica.

Toda a imprensa se levantou a pedir que se regularizasse a fiscalisação por outra forma.

Até *O Seculo* e o *Novidades* tiveram esta opinião.

E os srs. officiaes de saúde obrigáram gente honrada a applaudir a policia, *O Seculo* e o *Novidades*...

Estavam condemnados em parte os delegados e subdelegados de saúde.

O sr. Ricardo Jorge faz o regulamento e escreve:

Art. 2.º A inspecção e fiscalisação dos géneros alimenticios, destinadas a obstar á venda e consumo de géneros alterados, e promover o castigo dos delinquentes, conforme á lei penal, competem aos serviços de saúde e funccionários respectivos, nos termos do regulamento geral de saúde pública de 24 de dezembro de 1901 e nos déste regulamento.

E deixou tudo na mesma!

Mas ha mais.

Tinha sido uma falsificação de *rolão* que tinha dado origem á descoberta, e o sr. Ricardo Jorge escreve no artigo 1.º:

Géneros alimenticios—*toda a substância destinada a consumo para servir ao homem de alimento ou bebida*...

E assim ajudou o sr. Ricardo Jorge a indústria dos falsificadores, exceptuando do regulamento de fiscalização as substáncias empregadas para a engorda dos animaes ellas que tinham sido a origem da descoberta de toda a falsificação.

E' que o sr. Ricardo Jorge precisava de apresentar o regulamento, que foi forçado a fazer, e que mostra a sua insufficiencia de reformador, como a continuação lógica dos seus trabalhos, como estudo de gabinete, levado a cabo voluntariamente sem responder a uma exigencia de momento não prevista.

A sua obra é immutavel e fatal, como a do sábio e a dos deuses.

O seu caracter superior affirma-se na curva cara do nariz, no brilho extranho do olhar, no corte vigoroso da sua cabeça de águia.

E elle passa entre os mortaes, mostrando êstes dons divinos, indifferente á voz da multidão, com o ar cansado e o sorriso irónico, com que Ganimedes passeava, nos jardins do Olympo, a águia de Júpiter.

Um saráu em Rilhafolles

A *Tarde* publica a noticia official da visita do sr. Hintze Ribeiro ao hospital de Rilhafolles.

Canta assim a interressante fôlha:

> O sr. Hintze Ribeiro conversou com alguns doentes, de tudo inquiriu, e entre pobre gente doida, e de todas as classificações, chegava a parecer aos visitantes que se estava n'uma sala.»

Podemos completar a noticia.

O sr. Hintze Ribeiro, com o talento trágico que o caracteriza, recitou a poesia—*Tasso no hospital dos doidos*, sendo acompanhado ao piano pelo sr. dr. Bombarda, pianista bem conhecido no mundo scientifico.

Não se póde descrever a commoção que se apoderou de todos, quando a voz grave de Hintze pronunciou, com o assento lugubre e fatal o—*Tasso, Tasso que fizeste*...

Mesmo as doidas, que não estavam habituadas aos arrancos da eloquência parlamentar do illustre homem de estado, choravam.

Choravam os jornalistas.

E rolavam tambem as lágrimas grossas e chrystalinas pelas faces do sr. Hintze, como se se houvesse derretido o vidro das suas lunetas ao fogo do seu olhar de génio.

Mas voltemos á *Tarde*:

> «A impressão do illustre estadista, ao que nos consta, não podia ser melhor emquanto á parte administrativa. A ordem, a disciplina, o asseio e a distribuição dos serviços são inexcediveis de boa organisação manisfestando-se por egual, tanto no pateo dos *perigosos*, onde se encontram alguns doentes que vieram da Penitenciaria, como no dos epilepticos, como no dos proprios *immundos*, chegando a parecer... que o não são! Tal é a ordem, tal é o asseio, a distribuição dos serviços e a disciplina.

E' a linguagem official, a prosa constitucional.

E' a admiração pelo estado de limpêsa e de asseio dos estabelecimentos públicos, que El-Rei tem deixado na página d'honra dos livros de visitantes.

Nem o mérito da originalidade tem a linguagem mentida do illustre parlamentar.

Em El-Rei a phrase é natural.

A repetição constante é quási um dever constitucional.

E' sempre o mesmo o discurso da corôa.

Depois não podemos deixar de concordar que é lógica a admiração de El-Rei pela limpêsa.

Vive em contacto constante com os ministros.

E não os ha, na Europa, mais limpos de mãos.

Banco de Portugal

Devido a umas irregularidades que appareceram na agéncia do Banco de Portugal nesta cidade foram suspensos três empregados, que fôram substituidos por outros que vieram de Lisbôa, até que a Direcção do Banco resolva sôbre o caso.

Na irregularidade não houve alcance nem desvio de qualquer somma, apenas um abuso dêsses empregados, que parece ter origem em irregularides antigas, que se fôram pouco e pouco enraizando ficando por fim com foros de prática corrente.

Se assim é, não póde caber a responsabilidade aos empregados suspensos.

Sam novos, encontraram já no banco a prática irregular, que aliás é commum em muitas casas commerciaes.

Acompanhada de seu extremoso filho o sr. Adelino Simões de Carvalho, alumno do 6.º anno do lyceu, regressou da Figueira da Foz, para onde tinha ido a uso de banhos, a ex.ma sr.ª D. Ignez Diniz Simões de Carvalho, virtuosa esposa do nosso amigo, sr. José Diniz Simões, proprietario, e vereador da camara municipal dêste concelho.

Fados e fadas

Coimbra anda abandonada de todo.

Parece uma destas cidades de contos de fadas, de que ninguem se approxima com medo do Ogre, que habita no castello abandonado.

E não ha maior injustiça.

O sr. dr. Luís Pereira da Costa é todo graça e doçura.

E' por isso que extranhamos a fuga precipitada para Lisbôa do sr. ministro das obras públicas, que havia promettido visitar Coimbra.

O sr. Pimentel Pinto mal passa Taveiro, sente-se logo prêso por um somno invencivel.

Ha mesmo quem affirme ter visto fadas no governo civil.

Não nos custa a acreditar.

A administração do sr. dr. Luis Pereira é encantada.

E de encantar.

Viagem de recreio á Figueira da Foz

A manhã, 8 do corrente effectua-se uma viagem de recreio aquella cidade, por occasião da tradiccional festa da Senhora da Encarnação, em Buarcos, e da extraordinaria corrida de touros no Colyseu Figueirense, corrida em que tomam parte os cavalleiros Manuel Casimiro d'Almeida e Fernando Ricardo Pereira, o notabilissimo espada Emilio Torres «Bombita», com a sua «Quadrilla», e os bandarilheiros Raphael Peixinho, Torres Branco, Thomás da Rocha e Francisco Xavier.

Ha bilhetes de ida e volta a preços excessivamente reduzidos, validos para a ida nos dias 7 e 8 e para a volta nos dias 9 e 10 pelos combóios ordinários.

Os passageiros para além de Mangualde têem como último combóio de regresso, o combóio n.º 3 do dia 10.

Os preços dos bilhetes com o imposto do sello incluido, das estações abaixo indicadas á Figueira e volta é o seguinte:

Villar Formosa e Freineda, 2$700 em 1.ª classe; 1$650 em 2.ª e 1$250 em 3.ª; Cerdeira e Villa Fernando, 2$500, 1$550 e 1$150; Guarda, Pinhel e Villa Franca, 2$300, 1$450 e 1$060; Celorico, Fornos e Gouveia, 2$000, 1$250 e 950; Mangualde e Nellas, 1$800, 1$150 e 820; Cannas, Oliveirinha e Carregal, 1$600, 1$050 e 720; Santa Comba, 1$500, 950 e 620; Mortágua e Lnso, 1$200, 820 e 520; Pampilhosa e Murtede, 1$000, 620 e 420; Cantanhede, 800, 520 e 370; Limede e Arazede, 700, 460 e 310; Montemor, 500, 320 e 180; Alhadas, 350; 220 e 150 e Maiorca, 220, 150 e 100 rs.

A fiscalização dos alimentos

Do nosso collega *O Liberal*, no número de 4 de setembro:

> «Como era de esperar do zelo dos respectivos funccionários, não tem sido descurada nesta cidade a importante questão da hygiene alimentar.
>
> «*Tanto o sr. sub-delegado de saúde, dr. Freitas Costa, como o activo director do laboratório chimico da Universidade, sr. Charles Lepierre,* têem procedido á análise daquêlles géneros em que a falsificação se tem dado...»

Muito tempo andamos a procurar uma referéncia ao zelo do sr. delegado de saúde.

Afinal lá encontramos:

> «Esse officio, enviado ao sr. delegado de saúde, é do theor seguinte:»

E em mais parte alguma encontramos outra referéncia a sua ex.ª, a não ser nesta pequena nota, que diz que sua ex.ª recebera um officio.

Se o mandou para as estações competentes, tem tido a actividade de secretaria, que distingue a organização dos serviços de hygiene em Portugal:—gastar papel e collaborar no *Diário do Governo*, que é, no jornalismo português, quem paga mais caro os artigos.

Discordamos porém do collega, quando affirma que a questão da hygiene alimentar não tem sido descurada.

Esta questão tem sido tratada pelas auctoridades competentes, tarde e mal, como aqui temos escripto por mais de uma vez.

Os funccionários competentes têem servido á fôrça, porque a opinião pública os não tem deixado adormecer.

Quando se denunciou a falsificação das farinhas, os funccionários de Coimbra entregaram tudo nas mãos dos outros, enviando as amostras para Lisbôa, e mandando-as ao sr. Charles Lepierre só tarde, quando lhes foi estranhado que se não tivessem lembrado delle logo, como pedia a urgéncia do caso.

As auctoridades fiscaes da saúde pública em Coimbra nem as amostras recolheram com a deligéncia e os cuidados que pediam as circunstáncias, e não se lembráram de estudar as reacções simples, ao alcance do saber e da habilidade téchnica de qualquer caixeiro de mercearia, mesmo sem prática habitual de falsificação.

Foram feitas tarde, mal, e sem a iniciativa que tem honrado officiaes de saúde de terras humildes e sem recursos.

Onde se pedia luz e larga publicidade, houve apenas para illucidar a opinião, o cavaco em voz baixa, a denúncia surda de falsificação possivel.

A primeira satisfação á opinião pública, que pedia a publicação de noticias officiaes, vem agora, a reboque de uma noticia publicada na *Resistência* em 31 de agosto.

E ninguem póde dizer que a imprensa as não tivesse pedido bem alto, e bastantes vezes.

Longe de affirmarmos com *O Liberal* que a questão da saúde pública não tem sido descurada pelas auctoridades competentes, nós aproveitamos a occasião para declarar-mos mais uma vez que nas providéncias tomadas em todo o país para garantir a saúde pública, em seguida á campanha contra as falsificações levantada pelo jornal *O Norte*, Coimbra destaca pela murosidade e pela falta de iniciativa útil e necessária.

Desculpe-nos *O Liberal* a opinião que é convicta, apesar de contrária á sua.

E mais talvez não.

O Liberal affirma que os funccionários na defeza da saúde pública andaram como era de esperar do seu zelo...

E nós nunca esperamos mais.

NO PAÍS DO SAQUE

O que os jornaes dizem dos escândalos ultimamente occorridos por êsse país fóra, narrando-os numa furiosa avidês de rèclames largamente pormenorizados, denota bem a estatura moral desta sociedade, gasta á força de corrompida.

Abrem se os jornaes, e logo os olhos do leitor sám surprehendidos por longas tiradas, em grosso normando, dando-lhe em saborosa leitura a notificação de torpes falsificações exercidas por assassinos envenenadores do público, de mizeraveis casos de *escroquerie* praticados por altos trunfos da politica, de negociações de empregos públicos feitas por um veneravel conselheiro que, na sua absoluta miséria moral, symboliza toda a podridão do existente, afóra mil outros casos vulgares, de todos os dias, que já nem preoccupam a opinião pública — tám acostumada ella está a esta continua successão de pequeninas porcarias — mas que no seu lento desenrolar sám outros tantos golpes vibrados na vitalidade dêste povo.

Não fallando dos crimes perpetrados pelos particulares — que aliás dám a nota do extrêmo egoismo, da febre allucinada do lucro sem attenção aos meios, da extrêma depauperação moral duma sociedade que cultiva na sombra os mais requintados processos de roubo — o que mais avulta, sensibilizando ainda o publico anesthesiado dêste Baixo Império e dando ao caso um ruïdoso interesse, é a descoberta da criminosa *chantage* exercida pelo meretissimo Jerónymo de Vasconcellos, vendendo clandestinamente empregos públicos mediante a paga de sommas mais ou menos avultadas. E note se que êste género de especulação não é novidade no *modus vivendi* dos altos financeiros do regimen — é antes processo muito velho e conhecido, como consta da história da maior parte de todos elles.

Ora o que isto demonstra é a falta de probidade nos homens que superiormente dirigem os negócios dêste desgraçado país, victima da baixa corrupção que nelle se propalou, graças a um regimen em que os grandes ladrões, os maiores cýnicos e os cabotinos da infima espécie têem nas leis o previlégio da sua impunidade.

Por isso a politica é assaltada por toda a casta de chatins inaptos para um trabalho util, tida como um facil meio de vida, cuja única espórtula d'entrada é a venda da consciencia. De resto, nada de cuidados, apenas servir com zêlo a causa da monarchia e patentear inteira dedicação pela quadrilha que prodigaliza os favores. Isto feito, é-se um perfeito homem de bem — tal como o entendem os ineptos conselheiros que vêem na eterna conservação do regimen uma fonte perenne de felicidades para o pôvo. E assim se prolonga a noite de pesadello para um pôvo que geme, cada vez mais carregado, na sua desgraça e se sente amordaçado para não gritar.

Mas isto ha de acabar, ha de.

O calix de amargura tanto se ha de encher que, por fim, sem mais poder comportar, ha de extravasar n'uma cruel mas justa vingança contra aquelles que não souberam ou não quizeram, na hora feliz, servir a causa pública com a dedicação de uma inquebrantavel dignidade civica.

A hora ha de chegar, ha de.

E então se verá rejuvenescer um povo do longo prostramento, da profunda ruïna em que o lançou um constitucionalismo nefasto aos seus interesses, tendo uma alma nova para uma nova vida.

A. C.

Está salva a pátria

No último número da *Correspondencia de Coimbra* vem publicado um *Desmentido*, no qual se declara não ser verdade o sr. José Caldeira Gomes da Silva, de Villeirinho de Pombeiro, ter abandonado o partido regenerador, continuando aquelle prestante cidadão ao lado dos seus amigos com a maior etc. etc.

Esta salva a patria.

Desta vez é que o sr. Hintze Ribeiro se consolida, mata o *déficit* e dá cabo dos seus inimigos.

E para o que der e vier lá esta o sr. Gomes da Silva, de Villeirinho...

Por isso elle se mostra tam intransigente no caso da fiscalização do sello.

Não ha, como um bom general, para formar um bom soldado.

Carta aberta ás Associações Operárias e a toda a imprensa livre

A greve geral do operariado de Gouveia

Com êste titulo recebemos a carta abaixo transcripta, na qual os operários de Gouveia, expondo a triste situação em que se encontram, situação aggravada pela greve em que estám, appellam para os seus companheiros de trabalho e para as associações de classe, afim de que os auxiliem nos seus pedidos e protestos.

Não conhecendo nós todas as causas que deram motivo primeiro ás reclamações dos operários e depois á greve, não podemos dar uma opinião segura sobre o conflicto e até que ponto chega a sua justiça, contudo quer nos parecer que só levados por motivos poderosissimos é que tomariam tam graves rezoluções.

Por toda a parte o operariado lucta com um mal estar que cada vez se aggrava mais; é que as necessidades da vida augmentam e os seus salários não crescem em proporção. Daí um desequilibrio, que em breve os conduz á miséria e os lança na lucta contra aquêlles que julgam os causadores dos seus infortúnios e que muitas vezes não sam tambem mais do que as victimas das más condições dos mercados e doutras causas, que os impedem de attender ás reclamações dos seus operários.

Desde o momento que da parte dos patrões e dos operarios haja boa vontade e desejo de harmonisarem os seus interesses, facilmente chegarám a um accordo honroso para todos.

E succederá desta vez isso?

A carta é do theor seguinte, e ella é mais expressiva do que tudo quanto possámos dizer sobre o assumpto:

Irmãos:

A classe operária é uma família e essa familia está por toda a parte luctando com os horrores da miséria.

Temos necessidade de nos unirmos, trabalhando um por todos e todos por um, para ver se com o nosso esforço podemos saccudir o feudalismo degenerado que faz de nós escravos.

A evolução do progresso e da liberdade nasce do cérebro humano como a planta robustecida nasce do seio fertilisador da terra. Fatigados pela pressão feudal dos ambiciosos, dos vampiros que sugam o sangue humano, dessa alceteia de exploradores que nos tiram a vida, erguem-se os mártyres do trabalho, que têem de se impôr pelo meio da gréve.

Nós, operários de Gouveia, que vivemos num meio de exploração como não ha em parte alguma, vendo que os nossos queridos filhinhos definham a olhos vistos, e as nossas estremecidas companheiras andarem apenas com a pelle o osso, a ponto de algumas se verem a braços com a terrivel doënça que se chama tuberculose, e a nós tambem a faltar-nos as fôrças devido á grande falta de alimento, tivemos que nos unirmos todos num só laço e mandarmos circulares aos nossos patrões pedindo augmento de salário ,ao que êlles nem ao menos se dignaram responder-nos!

Em vista do siléncio dêlles tivemos de lançar mão da gréve para ver se assim podemos minorar a nossa horrivel miséria, havendo já 15 dias que todos bem unidos, não voltamos ao trabalho, sendo próximo de **oito centos** os companheiros em gérve.

Companheiros: Vós, na qualidade de bons irmãos do trabalho, esperamos que abris subscripções nas fábricas, nas officinas, nas associações, nos jornaes e emfim em toda a parte para que nos arranjeis algum dinheiro, ao menos para mitigar a fome aos nossos filhinhos, pois que se vós não nos auxiliardes, decerto teremos de succumbir, e isso é ao que nos querem sujeitar os nosos patrões, que se conservam com as fábricas fechadas, não annuindo ao nosso pequeno e justo pedido.

Queridos companheiros: Vós bem sabeis o que é o amôr de familia, porque tambem a tendes. Bem sabeis os transes dolorosos porque se passa, quando em casa os nossos filhinhos agarrados a nós, e em gritos afflictivos, nos pedem pão, sendo para nós um horror dizer lhes que **não o ha!** E' pela nossa adorada família que todos nós nos sacrificamos e por quem estamos luctando e luctaremos sempre enquanto carregar em cima de nós a **desalmada exploração!**

Companheiros: precisamos do vosso auxilio para que êsse terrivel espectro, que se chama **fome,** não bata á porta das nossas humildes mansardas com mais violência do que tem batido até aqui. Repetimos: precisamos do vosso auxilio, queridos companheiros, para combatermos os nossos exploradores.

Irmãos do trabalho: Nós venceremos, se vós nos ajudardes. E' em vós, irmãos, que estamos esperançados. Contamos que abrireis, como acima pedimos, subscripções por todos os lados, contando tambem com a imprensa livre para nosso auxilio.

Quebrar os ferros degradantes do servilismo, é o que todos nós ambicionamos!

Queremos luz e liberdade para, pelo meio do nosso trabalho, usufruir o pão preciso para sustento nosso e dos nossos esqueléticos filhinhos.

Nestas conjuncturas, para salvaguarda da nossa dignidade, e como a nossa associação de classe, creada ha pouco tempo, não tem os fundos necessarios para auxiliar a gréve, appellâmos para a generosidade e philantropia das associações operárias, afim de que ellas, com a caridade bondosa de irmãos, nos estendam o seu manto protector.

Todos os donativos devem ser dirigidos á respectiva **Associação de Classe dos Manufactores de tecidos, de Gouveia.**

Gouveia e Sala da Associação, aos 4 de Setembro de 1902.

O OPERÁRIADO GREVISTA DE GOUVEIA

Para terminar, diremos que não teremos dúvida de abrirmos no nosso jornal uma subscripção em benefício dos grévistas de Gouvea, quando nos esclarecerem dos motivos que os levaram a fazer essa greve e quando se nos dirija a commissão, que devem ter eleito para zelar os seus interesses.

João de Barros

Do último número dos *Commentários*, extrahimos o artigo, em que se aprecia o último livro de João de Barros, o moço poëta tam estimado pela nobrêsa do seu caracter, a independéncia das suas opiniões, a adoração constante da Arte.

Palavras Sãs. — Formam um volumesinho, azulaceo de côr e de frontespicio sobrio e severo, em que um poëta de fortes inspirações e nobres intuitos, acommette, em rythmos movimentados e harmónicos, os novos themas que a natural evolução da arte está propondo aos que não se queiram atrazar no culto de bysantinismos, esticados e amarellos como pergaminhos. João de Barros é o nome predestinado dêsse poeta inquieto e vivo cuja lyra, perdida a tranquilidade descuidosa e ingnéua da sua estreia, hoje vibra, em sobresaltos dolorosos e amargos, com a larga commoção que penetra as baixas camadas, educando-se no soffrimento para a conquista do mundo. A vida tem nelle um corajoso interprete, apto a rasgar-lhe as vastas perspectivas, a sondar-lhe os universaes movimentos, a marcar-lhe as fórmas que mais levantadamente a symbolizam e a definir-lhe a belleza e a força. Não se creia, porém, João de Barros enfeudado a qualquer theoria libertaria, dessas que, nesciamente reclamam a revizão e a remodelação do *statu quo* social e humano, em nome de conceitos e axiomas meramente intellectuaes e abstractos — pelo contrario: o seu criterio, o seu modo de apprehender, de sentir e de vibrar, é o de todos os que, descrentes de racionalismos abstruzos, valorizam os phenomenos e os factos pela maior ou menor porção de vitalidade que encerram.

Na rua de Ferreira Borges foram em tempos apagados os numeros das portas evidentemente para serem substituidos por outros mais legiveis, mas, ou por esquecimento ou por desleixo, esses numeros continuam apagados desde o n.º 151 em deante.

Muita gente tem extranhado o facto e por mais hypotheses que se estabeleçam para esclarecer o motivo de tal falta, não se encontra.

Poderá a camara ou alguem por ella esclarece lo?

Se é por falta de verba approvada no seu orçamento, que deixa de mandar fazer a numeração que falta, abriremos uma subscripção para isso, comtanto que esses poucos numeros sejam feitos.

A's vezes ha cada esquecimento, que até parece lembrança!...

Aviso aos elegantes

A' conhecida e acreditada *Alfaiataria Académica* acaba de chegar o sr. Saturnino F. Gant, ex-contramestre da Casa Amieiro de Lisboa, e uma das melhores *thesouras* da capital.

Quem quizer, pois, vestir irreprehensivelmente, não tem mais do que dirigir se á *Casa Affonso de Barros*, escolher as fazendas, que as tem lá de primeira qualidade, mandar cortar da qualidade que mais lhe agradar, vestir-se a primor e depois... pagar, que sem dinheiro não se fazem figuras, senão de urso.

Na secção competente publicamos o annuncio.

Na Figueira encontram-se a banhos mais os nossos estimaveis assignantes: João Simões da Fonseca Barata e Domingos Miranda.

O *Diario do Governo* publica o aviso de que a começar no proximo mês de outubro serám expedidas, pelos paquetes allemães, que mensalmente partem de Lisboa para a Africa Oriental (via Suez), encommendas postaes sem valor declarado e até ao pêso de 5 kilogrammas para o Ibo, Porto Amelia e mais territorios do districto de Cabo Delgado.

Cada uma destas encommendas deve ser acompanhada de declaração para a alfandega e franqueada por meio de sêllos na importancia de 910 réis.

Desde o dia 10 do corrente até ao dia 25, está aberta a matricula no lyceu desta cidade.

Fômos procurados pelo párocho, a quem se referia uma noticia do nosso penúltimo número contando o caso de um devoto, que queria acompanhar uma procissão, fóra da irmandade de S. Martinho de que, pela animação da face e preguiça da lingua, dava claros indicios de ser irmão.

Era uma noticia de *humour*, episódio de arraial d'aldeia, a que o tempo de verão, que vai correndo escasso de assumpto jornalistico, deu importancia fóra dos nossos hábitos.

O prior fêz affastar da procissão um *freguês* bêbado, por ninguem mais o querer fazer; levou-o para sua casa, deu lhe aguardente, porque o devoto se recusou a tomar o *café*, que lhe offereciam, *por não estar bébado.*

O devoto está arrependido.

Tanto melhor.

Dei-te-lhe o párocho a benção. E' attribuição sua.

E, se o prior lhe tivesse dado dois sôccos, como preparativo para exame de consciencia mais rápido, nem por isso nos irritariamos.

Sám nos completamente indifferentes estes caprichos de exhibicionismo cathólico de *devotos* bébados, ou não bébados.

PUBLICAÇÕES

Revista Ibérica. — Recebemos o 3.º n.º desta publicação illustrada, que continúa a fazer-se com a máxima regularidade.

Nos artigos destacâmos — *Poësia de las Catedrales góticas*, de Rafael Altamira, vibrante de sentimentalidade intellectual; *Solos*, de Manuel Machado, espirituosamente illustrado por *Marin*; *Del-camino*, de António Machado e *Debaixo da Vida*, versos de Silvio Rebello, obra sã de sinceridade artistica, individual como tudo o que escreve êste rapaz tam modesto, como intelligente e artista.

Para terminar indicaremos o desenho impressionante com que Cuerda sublinhou o artigo Angel Guerra sobre Gorki.

Com prazer verificâmos o exito crescente da nova revista.

*

Commentários. — Publicou-se o n.º 6 — Julho-Agosto — de que, noutro logar, transcrevemos o artigo que dedica á obra de João de Barros.

O summário do número é: — *Garret — Mães — Génios — Onde está o mal? — Um chronista — Registo bibliográphico.*

A edição é da livraria Gomes de Carvalho, de Lisboa.

Agradecemos.

Ecloga de Rosiris

«Rosiris, meu amôr, de cabellos loiros e d'olhos verdes, como brincos de esmeralda, vem ver o sol.

Cantam os sinos da ermidinha branca, accordando os noivos que se vám casar. Linda manhã doirada que hoje amaneceu. Vem ver o sol, Rosiris. No adro da igreja lindas moças triguesinhas jogam confeitos dôces sobre o veu da noiva. Que linda vai, calçada em setim branco, com seu veu de renda, como uma rede de luar. Alluminam círios junto ao altar mór, orlado de velludo vermelho, com lantejoulas prateadas. O fumo do incenso sobe para o céo, desenhando torres azuladas de turqueza e corpos virginaes e perfumados, que vám na carícia do fumo, brando e leve, como a sombra dum lyrio na água glauca do mar. Preguiçosa que ainda dormes no leito ajardinado de açucenas doiradas, a jarra, esmaltada de lavores preciosos, que guardava o ramo de violetas murchas, tombou aos pés do teu leito sobre o tapete verde dos fetos da montanha. Embriagou te o perfume das violetas, Rosiris, meu amôr, que deixaste ao orvalho da noite a tua espada nua como a fôlha de um punhal. Hoje, quando o sol rompeu, crestou as azas da delicada borboleta branca que sugava nos teus lábios o sangue dôce dos beijos. Rosiris, meu amôr, accorda...»

E ella alargou os braços fortes, espreguiçando se toda numa ância doida de goso, e êlles descaíram no espaço azul do céo, como as azas brancas de uma águia que desce sobre o mar. Foi então que a curva indomavel do quadril se ergueu em flecha sobre o campo alegre, estrellado d'oiro, como uma curva foice de prata luminosa. Rosiris accordara e abrindo os olhos verdes para a luz do sol ergueu todo o magnífico corpo melodioso, duma frescura de leite.

De repente, numa carícia peccaminosa, a sua linda mão accenou-me para a beijar. Quando sentia já o perfume do seu corpo, ella assentou-se mais perto de mim, sobre uma grande pedra, coberta de musgo verde e perguntou-me, torcendo voluptuosamente os fios doirados do seu cabello...

—Para que me chamou quando eu sonhava?

—Para ver a luz dos seus olhos.

—No sonho os olhos allumiam fechados. Sonhava...

—Com o seu amado, Rosiris!

—Não.

Mas os seus verdes olhos mysteriosos accenderam-se mais e cobrindo o rosto Rosiris gritou assustada:

—Fuja. Não o quero ao pé de mim.

Torceu as pernas num arranco de luxúria e deixou-se escorregar pela aspérêsa do monte, até á borda do lago, onde boiavam cysnes brancos a cantar.

Arrastei-me atraz de Rosiris, como um sapo.

Num cardo agreste, florido á roda como uma alcachofra de S. João, rasgara ella a carne mimosa dos seios. E as suas mãos em concha sobre o peito, acariciavam doridamente os dois pombos nevados e fartos com manchas rubras de sangue.

Rosiris, baixava o olhar cariciosamente e o sol doirando-a toda punha na sua pelle macia e fina um grande beijo d'amôr.

Coava se a luz pelo seu corpo transparente duma pennugem de damasco perfumado e loiro.

Quando a alcancei, Rosiris chorava. Perdera o alfinete de pérola com que prendia as tranças compridas e anneladas como espiraes d'oiro fino.

Encontrei-o eu debaixo duma roseira brava que floria ao pé do lago. Rosiris para o tomar das minhas mãos inclinou todo o corpo sobre o meu corpo. Quási a desprender-se, como uma andorinha medrosa do primeiro vôo, ergui-lhe os braços para a amparar, doido de a sentir no meu peito e de sorver o perfume delicioso da sua carne.

Mas a linda mulher apontou sobre o coração o alfinete de pérola e disse num sorriso:

—Se faz isso...

—Rosiris, amo-te.

E cingi-lhe os braços numa cadeia de aço á roda do pescoço, procurando na sua bôcca o coval florido dum grande beijo.

Num esforço desesperado Rosiris desprendeu-se e caiu ajoelhada, de olhos baixos, sobre a relva verde e orvalhada. Encostou sobre o coração a ponta do

alfinete de pérola e ameaçou-me, com a voz cheia de lágrimas.

—Quer ver-me morta?

—Como?

—Enterro-o até ficar só a pérola á flôr da carne.

—Por amôr de Deus.

E doido de dôr quebrei o, torcendo o todo num desespero de amôr brutal.

Rosiris, o meu amôr, a minha vida, soltou a voz melodiosa, avelludada, de caricias.

—Não o amo. Nunca serei sua. Para que veio a perseguir-me, se a minha virgindade não morre na ferida do seu desejo? Para que veio acordar-me do meu sonho lindo de innocência, quando eu cuidava da sorte do Principe do Sol, preso num castello erguido no mar, de altas torres denegridas, onde as gaivotas faziam ninho? E no meu sonho, o Principe do Sol corria alta noite pela agua verde de limos e branca de espuma em busca do cofre chapeado de bronze que guardava o coração da sua amada.

E, porque um dia viu cravado na areia, a brilhar, um rubim sangrento, trouxe-o nos dentes até ao seu castello. Não era o rubim o coração da saudosa amada e de novo se lançou ao mar na esperança do verdadeiro amôr.

Pois quando voltou da longa viagem pelas ilhas encantadas de girasoes floridos e pelos palácios de mármore com lavores de madreperola, erguidos no fundo do mar, depois da lucta com os monstros, e da tentação das sereias, sem alcançar a victória do amôr, tremulava nas ameias do castello do seu sonho uma bandeira doirada, toda aos fios, como se a tivessem retalhado centenas de espadas finas.»

Rosiris calou-se. O claro sol dava sobre a ermidinha onde se celebrara o noivado.

Um sino repicava na claridade do céo, tocando ao meio dia e os altos cedros da montanha enroscavam-se como serpentes pela terra crua, ensombrando as águas do lago, coalhadas de begónias assetinadas, côr d'oiro velho, com manchas pardas de ferrugem.

«—A bandeira era feita da trança duma Princeza da Saudade. Ella esperava ha que annos o seu Principe de Sol, que partira em procura do coração da linda amada. Era feia, a Princeza. Quando elle voltou e viu entre as ameias denegridas dois seios de neve coalhada matou toda a sede do seu desejo. Porque era salgada a água do mar e tinha posto nos seus lábios um travo gelatinoso que cortava a bocca em feridas pállidas como as pétalas das rosas murchas.»

Fallava agora tam baixo que eu não ouvia. Inclinei-me a escutar a linda história do sonho de Rosiris.

Mas a voz calou-se e dos seus olhos quási fechados grandes e luminosas lágrimas corriam.

Porque choras, Rosiris?

A Princeza morreu. Era feia. O perfume do seu corpo vinha do collar de contas de coral preso á volta do seu pescoço e que derramava na fimbria dos seios gottas dum balsamo suavissimo.

O seu corpo foi de neve coalhada enquanto durou a carícia do luar. Ao fim da noite de amôr, quando o sol nasceu, era cheio de nodoas roxas do martyrio, todo mordido dos beijos, vermelho do sangue que estalava á flôr da pelle em ténues suicos pequeninos.

Tinha-a gosado toda, pô-la ao alcance das águias, amarrada á torre mais alta, e ella deitou-se lhe aos pés de olhos alevantados para o céo. Quando a primeira águia chegou, puxou-lhe pelos lindos cabellos que a vestiam amorosamente. A princeza pôs-lhe os dedos magros na garganta e a águia toda torcida na ância da morte veio caír aos pés do Príncipe. Veio a segunda águia e cortou as cordas duras que prendiam o corpo da Princêsa. Ella ia a precipitar-se no ar, os braços erguidos, procurando um appoio, quando a grande águia branca a tomou nas azas, a caminho do ninho.

O Principe então erguera-se desvairado.

Descobrira a belleza daquêlle corpo gasto de amôr e de soffrimento, correu para o alcançar, tropeçou numa pedra em agulha que rematava a torre, rasgou a mão toda numa lança de prata que apontava para o poente, sobre o mar, e na loucura de recuperar a amante abandonada ergueu os braços para voar, deu um salto desesperado e caiu numa doida velocidade sobre o mar sereno e verde.

Abriu-se uma cova na água, o corpo sumiu-se e uma esponja vermelha a boiar veio pegar se ao musgo verde de um rochedo.»

Rosiris estremeceu, callou-se e de um salto mergulhou no lago, como uma cobra de água voluptuosa.

Quando os seus cabellos se desenrolaram numa transparéncia de algas doiradas á flôr da água deitei-lhe as mãos e ergui-a desesperado.

Rosiris é nova e tenra como um botão de roseira florida. A sua linda bôcca fez uma prega de desgosto, o seu olhar a rir mergulhou no meu olhar, enlacei-a, salvei-a, era minha, cobria-a de beijos, estalava a de encontro ao meu peito.

—Amas-me, Rosiris?

Não respondeu. Fugi com ella nos braços pelos corregos floridos da montanha. Ia cançado. Deitei-a sob um massiço de madresilvas.

—Onde estamos perguntou Rosiris medrosa, a tremer de frio?

—Na terra do Amôr!

PEDROZO RODRIGUES

Mercado

Os preços, porque correram ultimamente os generos, no mercado desta cidade, foram os seguintes:

Milho branco	420
» amarello	400
Trigo tremez	600
» de Celorico	620
Feijão vermelho	700
» branco, graúdo	680
» » meúdo	600
» rajado	480
» frade	500
Grão de bico, graúdo	700
» » » meúdo	600
Cevada	240
Centeio	360
Favas	460
Batata, 15 kilos	360
Tremoço (20 litros)	410
Ovos, duzia	160

CARTAS DA PROVÍNCIA

Cadima, 4 de agosto.

As minhas correspondencias, de certo, sam motivo de surprêsa, tam raras ellas sam. E' que não quero abusar da paciencia dos leitores, com futilidades, nem tomar a êsse jornal um espaço que com mais utilidade possa ser preenchido; de mais até, por vezes, o assumpto e o tempo escaceiam.

Para não cair no esquecimento aí vai mais esta, principiada já ha dias.

Terminaram as inspecções militares neste concelho. A percentagem dos mancebos isentos foi diminuitissima, porque a junta, honra lhe seja, procedeu com a máxima indepedencia, não attendendo a empenhos, o que desagradou aos livrados, que vinham explorando a ingenuidade dos pobres paes que, nem por quanto ha, querem ver os seus filhos soldados.

Tenham paciencia e mais dignidade, senhores livradores, que as coisas iam estando sérias.

Se das investigações a que procedeu a auctoridade administrativa, a instancias do digno presidente da Junta, nada se apurou de criminoso contra êsses exploradores ficou, todavia, demonstrado que se recebeu dinheiro por taes serviços.

A continuarem as inspecções com a moralidade e a justiça das dêste anno, todas estas verganhas e outras de que se lança mão acabam muito breve.

Assim é para desejar.

Contra o imposto de terrado da feira quinzenal da villa de Cantanhede, creado ultimamente pela camara, houve grande chinfrim, a que uns processos contra os amotinadores, em breve, porám termo.

Pelos modos, não é brincadeira, a julgar pela fiança de 2:000$000 réis, arbitrada aos implicados.

Eduquem o povo, dêem lhe exemplos de bôa administração, e ninguem se revoltará contra impostos justos.

O papelucho que dá pelo nome de *Jornal de Cantanhede* faz côro, no seu último número, com a imprensa, que, de ha muito, vem appoiando a opinião pública nas justas reclamações contra a torpe e infame falsificação dos géneros alimenticios.

Duvída, e tem razão de sobra para isso, de que nêste concelho não haja mixórdia; extranha que nada se tenha feito no apuramento da verdade.

Vem tarde; porém, mais vale tarde que nunca.

A's províncias tudo chega atrazado; até as noticias e, para reclamações justas, nem sempre ha um cantinho.

E' para admirar a extranheza na falta de providencias tempestivas e proficuas; quanto a mim o que falta é coragem para as reclamar.

O bem dos povos interessa a poucos.

Acaso têem prestado as auctoridades sanitarias do concelho a minima attenção á saúde publica?

Pelo que sobre o assumpto tenho lido nêste jornal, em Coimbra, dão-se identicas faltas. Lá, como cá — superiores e inferiores afinam pela mesma.

No Porto alguma cousa se fez: perseguiram-se commerciantes e padeiros, a dar tempo a que as fabricas impozessem as mixórdias, apezar daquelles declararem que dellas se forneciam, só tarde se colheram as amostras cuja analyse revela que os fabricantes possuem productos genuinos.

Pudera, não que elles são parvos!

E quem pagaria depois o carneiro com batatas? O thesouro não dá para tudo.

A *Resistencia* insurge se contra a descarada tolerancia na venda de drogas virtuosas, feita nas praças públicas por intrujões que exploram a insensata credualidade do vulgo, e bem assim contra a protecção dispensada pela policia ás mulheres de virtude.

Cá ha mais que isso: nada menos que uns dez curandeiros, afóra alguns curiosos que não vivem desse mister. E contudo as auctoridades sanitarias fingem que os não vêem. Pois se alguns delles vivem de mãos dadas com...

Para que relatar vergonhas, se é prégar no deserto?

O voto que lhes confere a contribuição industrial, como sangradores, vale bem as vidas que annualmente mandam para o diabo.

E' certa, desta feita, a construcção dum caes para despacho de pequena velocidade no apeadeiro de Lemede. Certo, se a companhia não roer a corda.

Para obter este melhoramento, que constitue boa fonte de receita para a companhia, abriu-se uma subscripção local para o custeio de toda a madeira para o caes coberto, travessas para a linha d'accesso a este, terreno e salário de quarenta homens para o desaterro; offerta *sine qua* a companhia não se abalançava a tam *gigantesca* obra.

A commissão composta pelo rev.º prior d'esta freguezia e pelos proprietarios srs. Antonio Francisco das Neves e Antonio José d'Almeida assignaram já um documento de responsabilidade da offerta e o ultimo sr. outro de cedencia gratuita do terreno necessario.

E' muito louvavel o zêlo e a actividade da commissão na consecução de tão importante melhoramento local, desde ha annos infructiferamente pedido.

C.

ANNUNCIOS

Arrenda-se

No páteo pequeno da Inquisição, uma boa casa que póde servir para celleiro ou para qualquer associação.

Trata-se na rua Ferreira Borges, 95.

SINCERIDADE

Ficarei muito grato se me procurar e der melhores explicações do assumpto da carta anónyma què recebi em 17 do corrente.

(Creia em muito segredo.)

A. M. M.

A Madrid!... A Madrid!...

E' aproveitar a occasião de visitar a capital de Hespanha, por preço unico e excepcionalmente barato.

BILHETES DE IDA E VOLTA

1.ª classe.....	16$500 réis
2.ª »	5$800 »
3.ª »	3$800 »

Comboio especial com excursionistas portuguêses em visita a Madrid.

Partida em 20. Regresso em 28 do corrente.

Trata-se para venda de bilhetes e esclarecimentos na casa José Tavares da Costa, Successores, Portagem.

Penitenciaria Central de Coimbra

Arrematação

No dia 15 de Setembro do corrente anno, pelas 10 horas da manhã, e na Secretaria da Penitenciaria de Coimbra, ha de ser arrematado o fornecimento de lenha e generos alimenticios para consumo da mesma Penitenciaria.

As condições dos fornecimentos podem ser vistas na Secretaria, todos os dias uteis desde as 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Penitenciaria Central de Coimbra, 28 d'Agosto de 1902.

O Sub-director,

João de Menezes Parreira.

Alfaiataria Academica

AFFONSO DE BARROS

Acaba de chegar a esta casa o eximio tailleur Saturnino F. Grant, exgerente da Alfaiataria Amieiro, de Lisboa.

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Bom emprego de capital

Vendem-se, juntos ou separados, dois prédios contiguos, de sólida construcção, com quintal e poço de água com bomba, numa das ruas do centro da Baixa de Coimbra, que se prestam para estabelecimento, fábrica, hotel, collégio ou habitação de numerosa familia.

Prestam-se esclarecimentos e recebem-se propostas na Drogaria Villaça, Rua Ferreira Borges.

(45) **Folhetim da "RESISTENCIA,,**

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA DO CONVENTO

XXI

Lambrune estava espantado com a naturalidade com que Herminie dera a explicação.

Abanava com a cabeça, como se appoiasse, mas olhava obliquamente para Argouges de maneira a fazer-lhe comprehender:

—Veja como ella é mais forte que o senhor!

Villy levantára se da meza.

—Vamos ver, disse, como vae a nossa pobre doente.

O banho tinha feito effeito. Os nervos começaram a acalmar-se, mas as palavras sem sentido, que lhe escapavam, aterravam a avó:

—Ah! doutor, é o delirio das febres violentas.

—Não, minha senhora, ha um pouco de delirio, mas Mademoiselle de Villy não tem febre. Tudo espero dum outro banho esta tarde.

—O sr. salva-me tambem a mim; mas que doença tam extravagante...

—Meu Deus! disse o filho affastando se do leito, Mademoiselle de Croisy indicou-nos muito bem a causa. Alice ficára encommodada com a carta de Mademoiselle de Fayolles e ficára muito excitada interiormente. Ontem mesmo, essa carta má tornou-se o assumpto da conversa, e todo o peso que Alice tinha sobre o coração, juntamente com a ideia de uma separação proxima, subiu lhe á cabeça e rebentou.

—Não me custa a acreditar, respondeu Madame de Villy, é tam sensivel a pobre pequena!

Lambrune e Pierre Tuzaud tinham descido para fumar um cigarro no terraço.

—Conhece muito Mademoiselle de Croisy, coronel? perguntou o medico.

—Não a via desde a infancia, quando á encontrei aqui o mês passado.

—E o pae? E a mãe?...

—Morreram ambos; o pae ha alguns annos, a mãe ha mêses.

—Ah! E' orphã, e... rica?

—Não; mais que pobre, miseravel para quem tem um tam grande nome.

—E foi educada com Mademoiselle de Villy?

—Ao lado della, em Bayeux, no convento.

—No convento?

—E' verdade. No convento das donas de Santo... não sei que, Santo Agostinho, se a memoria me não falha.

—Oh! O nome não faz ao caso. E que papel representa na vida della a prima velha, aquella Mademoiselle de Fayolles de quem se fallou ao almoço?

—O papel de velha rabugenta, a dueña de theatro em todo o seu horror. Espera com impaciencia a volta de Mademoiselle de Croisy a Bayeux, para a enclausurar, para aferrolhar atraz della a porta do convento, e depois como sabe, o *in pace*.

—Oh! *in pace*, respondeu Tuzaud seria mais uma vez a formula dum gracejo cruel. Essa paz não foi feita para certas naturezas.

—Mas, continuou o coronel interrogando a seu turno, parece-me que tem um interesse particular por Mademoiselle de Croisy?

—Sou medico.

—Ora; meu amigo, nem por isso deixa de ser homem.

—Coronel, quando um medico, mesmo na minha edade, com 28 annos, parece tam curioso como eu, é porque vê menos uma mulher do que o que elle chama *um caso*.

—Eh! Então os srs. doutoures tem tanta falta de gentileza, como de descripção! Para o sr., Mademoiselle de Croisy não passa de um caso?

—Para mim assim é, embora eu não lhe tire nenhuma das suas seducções.

—Diabo! Parece-me todavia que, o que os senhores habitualmente chamam *casos*, não sam habitualmente coisas muito seductoras?

—Eh! replicou Tuzaud, sacudindo com o dedo minimo as cinzas do cigarro, nos trez quartos das mulheres não ha outra coisa ordinariamente.

—Obrigado! O sr. consola-me de ter ficado solteiro, disse Lambrune; mas para indiscripção, indiscripção e meia: qual é, entre nós, o caso de Mademoiselle de Croisy?

—Um verdadeiro romancista, sem ser Balzac, o mais forte dos psychologistas, dir lho ia tam bem como eu. Mademoiselle de Croisy nasceu intelligente e orgulhosa, — tem isso escripto na cara — e viu cahir a vida sonhada, ao crescer, tudo o que os carinhos da infancia lhe promettiam para o futuro. Foram outros tantos assaltos ao orgulho, que ficou de pé, porque tinha o amparo, e a resistencia da esperança que dá a intelligencia; mas, por isso mesmo, sentia mais vivamente estas humilhações da sorte.

E em que meio? No convento, em que não é permittido, — bem o sei; porque tive irmãs educadas em casas religiosas; — offerecer as suas penas senão a Deus, onde tudo é dissimulação e pesar abafado, em que os queixumes, não comprehendidos pelas freiras, reprimidos por uma Mademoiselle de Fayolles se accumulavam em revolta surda e concentrada. As ambições recalcadas gritam mais ardentemente e sobem ao cerebro. O organismo é atacado e tudo fica abalado sobre tudo aos dezoito annos. Ah! Se o sangae levasse a melhor, — perdoe, é o medico, que falla agora, — o mal seria menor. Mas as nossas normandas, com as rosas abertas das suas faces que se tingem ordinariamente com o pouco sangue que ha, não sám, pense embora cada um o que quizer, deste temperamento, e não é com o regimen dos conventos, — essa morte lenta das donzellas, — que se pode fortificar a anemia, a clorose e o resto. E ahi tem o que as mais ricas familias, como por exemplo a do sr. de Villy, vám lá buscar para as filhas...

—Muito bem, meu amigo; mas não desgostava de que o medico cedesse agora a palavra ao romancista physiologista.

—E' tudo a mesma coisa, meu caro senhor.

—Seja! Mas voltemos a Mademoiselle de Croisy.

(*Continua.*)

Agradecimento

Manuel da Costa Cravo, muito reconhecido para com todas as pessoas, que acompanharam á ultima morada sua estremecida esposa, Antonia de Jesus Alves, e lhe deram demonstrações de estima e consideração, vem por este meio patentear a todos a sua eterna gratidão.

Coimbra, 5 de Setembro de 1902.

LUCCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

Casa para arrendar

Arrenda-se uma boa morada de casas, com tres andares e grande quintal, na rua João Cabreira, 21.

Trata-se com seu dono Alipio Augusto dos Santos, rua do Visconde da Luz, 60.

Espingardas

VENDAS A PRESTAÇÕES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

"EQUIDADE,,

Companhia de Seguros

Vida de animaes, fogos, fianças e rendas de casas

Preços muito reduzidos

Correspondente em Coimbra

Joaquim Antonio Pedro

Em casa do Sr. Antonio Rodrigues Pinto.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, a rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mêsa*, *Castellos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de Cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmunar, frasco, 1$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer. — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. Frasco 1$100 réis.

O remédio de Ayer contra sezões. — *Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cartharticas de Ayer. — O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquesita preparação para aformosear o cabello

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

Estabelecimento de chapeus para sol e chuva

DE

JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA

20 — Rua do Sargento Mór — 24

COIMBRA

N'este antigo estabelecimento se concertam e cobrem de novo guarda soes, tanto de seda como de setim, de brilhantina ou de paninho.

Tambem se fazem guarda-soes novos e se fazem de varetas de todas as marcas, tanto redondas como elasticas, assim como todos os trabalhos concernentes á sua arte.

Consultorio dentario

Figueira da Foz

Rua Fresca, 43

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

De 15 de Agosto a Outubro — Consultas das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

Mêsa rica

Thomás Pombar com estabelecimento de bric-à-brac, tabacos e occulista na rua Ferreira Borges, em frente ao Arco d'Almedina, tem para vender uma mêsa de pau preto e sándalo, com embutidos de marfim e obra de talha. Quem a pretender póde ir vê-la ao seu estabelecimento onde está em exposição.

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges COIMBRA

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

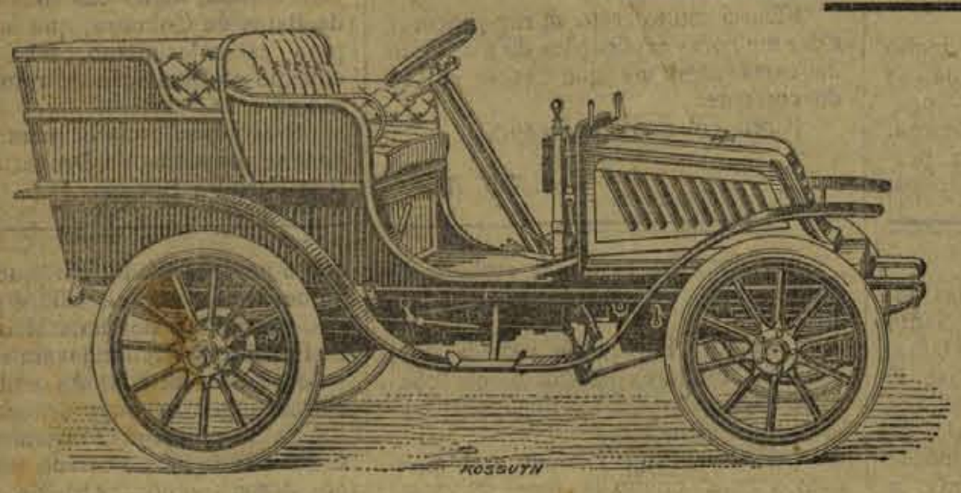
ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

AUTOMOVEIS



DARRACQ

Para mostrarmos que os **"Automoveis Darracq,,** além de serem

Os mais elegantes, os mais baratos e os que menos gazolina gastam

Sam tambem

Os mais sólidos e os mais ligeiros

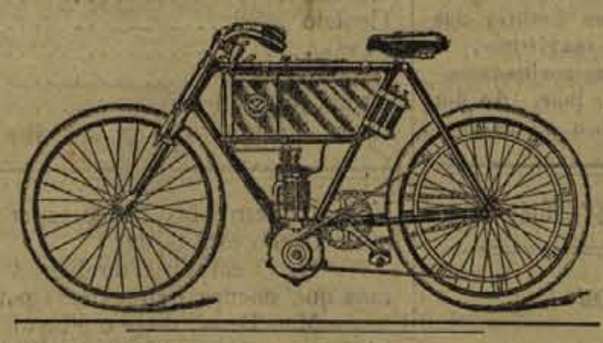
basta ennumerar algumas das suas victórias nêste anno:

1.º prémio na corrida da subida da Turbie

1.º prémio na corrida de Nice ═══ *1.º prémio no Circuit du Mort*

Nas grandes corridas Paris-Vienna bateu com carros do máximo 24 cavallos as carruagens «Dainler» de 40 cavallos, «Mors» de 60 cavallos e 6 carruagens de Panhard Levasseur de 70 cavallos!! ganhando o 1.º prémio na série de Vaituret; 2.º, 3.º, 4.º e 5.º na série de Vaituret legere e o prémio de classificação geral.

MOTOCYCLETTE



"WERNER,,

A **Motocyclette WERNER** de 1 ¾ de força não precisa de rèclame, contudo diremos que nas corridas Paris-Berlim, Paris Bordeaux e nas subidas de Gaillon e Turbie-Paris-Roubaire, Nice-Marseille, etc., etc., chegam sempre na vanguarda!

Nas grandes corridas *Le circuit du Nort* e Paris-Vienna quantas *Werners* partiram, quantas chegaram, apesar do grande temporal que fazia!! Déz de differentes marcas que disputavam o prémio nenhuma chegou!!

Recentemente em Portugal o Record Porto-Lisboa feito debaixo de chuva e com estradas em péssimo estado.

Motores **LURQUIN-COURDET** de 1 ¼ cavallos de força applicavel a qualquer bicyclette

Adaptam-se nas nossas officinas e garante-se a sua superioridade a qualquer outro de egual força.

Dos automoveis "Darracq,, da motocyclette "Werner,, e do motor "Lurquin & Courdet,, sám unicos agentes em Portugal

LEÃO, MOREIRA & TAVARES — "Empreza Automobilista Portugueza,, — Coimbra

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 731 | COIMBRA — Quinta-feira, 11 de Setembro de 1902 | 8.º ANNO

O regulamento de fiscalização dos alimentos

Não ha artigo do regulamento de fiscalização das substâncias alimentares que não revelle o propósito firme, por parte do sr. dr. Ricardo Jorge, de fingir ignorar que a opinião geral se acha excitada pela falta de inspecção sanitária, que proteja a saüde pública contra as falsificações dos productos alimentares de primeira necessidade.

Quando foi do primeiro rebate, dado pela imprensa do Porto, todo o país se levantou pedindo que se fizessem inspecções nas fábricas de productos alimentares, que se recolhessem amostras dêsses productos e se desse a êste inquérito, defensor da saüde pública, todo a publicidade necessária para tranquilizar o espírito público desassocegado pelas falsificações novas, que cada dia vinham a lume.

Era a publicidade em alta escala uma necessidade que impunham os interesses do commércio, como da protecção da saüde pública.

Vem o regulamento, e o sr. dr. Ricardo Jorge escreve no artigo em que estabelece a forma a haver nas investigações:

Art. 12.º De toda a diligência se lavrará auto subscripto pelos funccionários que nellas tomarem parte e pelo interessado, onde se mencionem especificadamente o nome do producto, a marca ou qualquer signal que o distinga, o nome ou firma do possuidor a natureza e o local do estabelecimento, a data da colheita, o número das amostras, os motivos da suspeição, as quantidades dos artigos sequestrados, e, emfim, qualquer recusa ou embaraço postos pelo interessado á execução destas prescripções.

§ único. E' prohibido aos funccionários públicos, que tomem parte nesta diligência, fazer della objecto de notícia ou divulgação, até que a anályse confirme a suspeita.

Assim, quando toda a imprensa pedia a máxima publicidade para estimular o zelo dos officiaes de saüde, para lhes louvar ou condemnar o procedimento, o regulamento põe-os a cuberto do segredo profissional, e o delegado e o sub-delegado de saüde escapam á vigilância pública.

Este artigo, claramente feito para dar a entender que a lei fôra determinada anteriormente ás reclamações do público, que fizeram o que os officiaes de saüde não tinham sabido realizar, por falta de actividade, por falta de saber, por falta de cuidado, e para obedecerem aos interesses dos correligionários politicos, êste artigo póde tornar-se nas mãos de empregados nomeados para satisfazer compromissos políticos, e não em respeito do valôr scientífico, que o não têem, póde tornar-se em mãos habilidosas, uma arma terrivel de descrédito, numa arma de corrupção eleitoral, tanto mais para temer que as fôrças velhas de prestigio político vam desapparecendo, e que a última, de que dispunha a politica mesquinha do nosso país—*o recrutamento* lhe foi roubada pela nova reforma dêste serviço.

E' verdade que o regulamento estabelece claramente a responsabilidade da divulgação de noticias por parte dos officiaes de saüde; mas isso, longe de ser uma garantia para o negociante, constitue, pelo contrário, um verdadeiro perigo.

O delegado de saüde entrará duas, três, quatro vezes numa casa commercial de que é inimigo político, e, quando lhe perguntem *se as suspeitas* se confirmáram, encolherá os hombros e metter-se-ha *honradamente* detraz do segredo que a lei lhe impõe.

E vai passando o tempo e a calúmnia alarga.

O commerciante não tem outra defeza senão a anályze de contra-prova.

E, só quem não conhece os hábitos da politica portuguêsa, é que póde ter a ingenuidade de acreditar, que o resultado da anályze, que passa por serviços, *propositadamente*, talvez, estabelecidos junto dos ministérios, seja dado dentro do prazo competente.

O delegado de saüde êsse continuará a defender se com o segredo que a lei lhe impõe.

E a êstes vexames, claros e de todos os dias, a lei não dá uma compensação de justiça e moralidade.

No caso de falsificação, a sentença é affixada á porta, mas no caso contrário o commerciante é que terá de defender-se da suspeita que a auctoridade competente póde habilidosamente levantar, e a que póde dar o vulto que exigirem as necessidades eleitoraes da occazião.

A anályze tem, é verdade, um período certo para se fazer e organizou-se para isso uma tabella especial.

No caso de se não participar êsse resultado dentro do período, que marca a lei, perceitua o artigo especial.

Art. 13.º A anályse tem de ser executada e notificada dentro dos prazos marcados na tabella annexa a êste regulamento, findos os quaes o interessado, desde que não haja recebido por si ou pessôa idónea intimação alguma, póde dispôr do género sequestrado, sem embargo do procedimento a que estiver sujeito desde que a anályse confirme a suspeita.

Vê se pois que a única garantia, que o commerciante tem contra os embaraços, que pódem ser propositados, da fiscalização é poder vender o artigo, se o resultado da anályze lhe não fôr notificado.

Mas êsse resultado póde legalmente fazer-se esperar e o regulamento tem o cuidado de sujeitar o negociante ás necessidades eleitoraes de momento, e de o ter seguro ao dispôr do pessoal da fiscalização das substáncias alimentares.

Diz, na verdade o paragrapho único do art.º 13:

§ unico. Não poderá todavia dispôr da amostra, nas circunstáncias dêsde que, antes de findo o prazo, lhe seja notificada a sua conservação.

Assim se poderá ir demorando a anályze o tempo que quizerem as repartições officiaes e, como o art. 13 deixa suspensa a ameaça de procedimento criminal no caso de alteração, ninguem quererá sujeitar-se a um castigo possivel e deixará sem venda a substáncia suspeita.

O que todos reclamavam era um serviço permanente, franco, claro, para todos, de todos os dias, que o público visse como uma necessidade e não encarasse como uma suspeita.

Só um serviço assim poderia satisfazer as justas exigéncias da opinião pública.

O governo transformou o serviço de fiscalização das substáncias alimentares numa arma política, como fizera do serviço da fiscalização dos impostos uma succursal da polícia secreta.

E' verdade que o regulamento diz:

Art. 28.º A polícia hygiénica dos géneros alimentícios deverá constituir um serviço regular e permanente, não podendo os médicos sanitários e os agentes da auctoridade administrativa e policial eximir-se, sob qualquer pretexto, ao seu pleno cumprimento, nem deixar de executá-lo com o maior zelo e assiduidade, entendendo-se que a inexecução ou o desleixo desta obrigação capital dos serviços de saüde será tida como falta grave, para a applicação das penas disciplinares comminadas pelos regulamentos respectivos.

Mas êste serviço *regular e permanente* é como todos os serviços de hygiene e reformas do sr. Ricardo Jorge: uma reforma de papel, boa apenas para as necessidades dum momento eleitoral.

Em nenhum dêlles se dá satisfação á opinião médica, e os hygienistas officiaes andam no exhibicionismo ridículo do seu saber primacial, antepondo-se a tudo e perturbando tudo.

A publicação da nova lei de defeza contra a tuberculose, adrede publicada, quando ia abrir-se um congresso, a que concorriam os homens mais respeitados do mundo médico em Portugal, mostra bem a inquietação em que anda o sr. Ricardo Jorge com medo que o não vejam, e se desviem para outros olhares de respeito que só o seu alto saber merece.

Nada mais justo, nada de mais rudimentar civilidade do que esperar as resoluções do congresso e dar, na lei e nos regulamentos, satisfação ao trabalho desinteressado dos médicos portuguêses.

Mas não. Na defeza contra a tuberculose, como na fiscalização das substáncias alimentares, só Ricardo Jorge pensa, só Ricardo Jorge sabe.

Para que ouvir a opinião ignorante dos médicos portuguêses, para que attender ás reclamações da imprensa?

Só Ricardo sabe.

E Ricardo vela.

«O DIARIO»

Saiu effectivamente, como estava annunciado, no passado domingo, o 1.º número dêste importante jornal, propriedade dos antigos redactores de *O Século*.

E' um jornal de larga informação, feito para agradar não só á grande massa anónyma, mas mesmo ás classes illustradas.

Os antigos redactores do *Século*, conhecndo a fundo os gostos dos leitores do seu antigo jornal, confeccionarem *O Diário* de forma a poder substituir com vantagem *O Século*, declarando no seu programma que estarám sempre ao lado do direito e da justiça, defendendo a liberdade e a civilização.

Nesta cidade teve o nosso collega larga acceitação, parecendo-nos que deve fazer carreira, se mantiver sempre, em toda a sua pureza, os princípios expostos no seu programma.

O Diario é, portanto, um jornal lançado, a quem desejamos longa e próspera existéncia, agradecendo a honra da visita e permuta.

Aviso meteorológico

Um nosso estimavel collega publica o seguinte aviso:

«Os viticultores procederám com prudéncia se concluirem as vindimas até 30 de setembro. Em 9 de outubro principiarám chuvas intensas, que hám de persistir até 25 de novembro. A partir de 14 e principalmente de 20 de novembro, deve haver receio de innundações.»

Sairá certo o prognóstico?

Pelo sim e pelo não sempre será bom que os lavradores tomem precauções e procedam ás vindimas o mais cedo possivel.

A colheita, êste anno, deve ser de minutissima e se fôr estragada pela chuva, é uma calamidade sobre outra.

E mais vale dizer bem fiz eu, do que se eu soubera...

Nada menos de 15:000 kilos de penisco adquiriu a direcção geral de agricultura, para a sementeira das dunas existentes nos districtos de Leiria, Aveiro e Coimbra e dalgumas clareiras existentes no pinhal real de Leiria.

Por falta de semente não é que os ariaes deixariam de crear pinheiros. Agora se nascerám e se crearám, isso só com tempo se poderá dizer.

Os pinhaes andam abandonados no nosso país, onde em geral se tem descurado a arborização.

Antigamente havia-os grandes e bastos, hoje sám pequenos e rachiticos.

Quem se não lastima sám os ladrões, que antigamente passavam trabalhos na Azambuja e na Felperra, e agora levam vida regalada nas secretarias do estado, sempre, como antigamente na *honrosa* profissão de **fiscalizar** o alheio.

Ao nosso estimavel confrade e collega *O Benaventense* enviamos sinceras e calorosas felicitações pela sua entrada no 6.º anno de publicação.

Quem, como nós sabe quanta dedicação e coragem é necessária para conservar durante uns poucos de annos a publicação de um jornal provinciano, desajudado de protecções e guerreado pelos exploradores do povo, não pode deixar de endereçar parabens ao luctador, que durante tám largo espaço de tempo se sustentou, firme e intemerato no seu posto de honra.

Por isso cumprimentamos os nossos collegas de *O Benaventense*, a quem desejamos longa vida e mil prosperidades.

BRIC-Á-BRAC

Vam-se-me pouco a pouco as illusões.

Eu antigamente pensava que havia de levar toda a vida a rir, e que, a rir, havia de morrer.

Imaginava-me no leito da morte, rodeado dos amigos, alegre, morrendo a rir. E, mais duma vez, eu procurava adivinhar a hora final para preparar o meu último dito, que a Havas telegrapharia, e que annos depois havia de ser attribuido a outro, por um trindade-coëlho qualquer de Traz-os-Montes ou Douro.

Hoje sinto que não, e vejo-me ameaçado de ter uma morte séria.

Deus queira que se demore, para a imprensa ter tempo de se prevenir.

Os estudos históricos, com que agora ando, têem-me mudado, sinto-me um quasi nada heroe, e, por um paradoxal phenomeno, vou perdendo o feitio, o ar, o geito do democrata profissional, que fazia o segredo da sympathia com que todos me olhavam.

A trasformação tem sido graduada.

Um dia destes, em papeis do tempo das luctas liberaes, encontrei um requerimento dos prézos de Lamego, doëntes, cheios de sarna, pedindo a entrada no hospital.

Ill.mo S.or Provedor.

Resta alcançar a licença de V. S.ª para poderem os Supp.tes entrar no Ospital desta cidade a tratarem por algum tempo de sua saude, e para conseguir aquella vão por via desta os Supp.tes aos pés de V. S.ª implorar, e pedir se digne conceder-lha; o q̃ assim esperão ver defferido, bem convencidos de que nunca a supplicas tão justas se custumou negar, e tudo confiando no benigno, e bemfeitor coração de V. S.ª

P. se digne defferir-lhe com benignidade.

E. R. M.

Ao que o provedor respondeu, ponderadamente, com um ar burocrático, que até parece liberal:

Se ha perigo de contagio na cadêa pela molestia dos Sup.tes, com mais fortes motivos o ha tambem no Hospital; mas não obst.e isto. Sejão os Sap.es examinados pelos m.º Facultativo compat.el de Cirurgia, e se achar q̃ não haverá este perigo no Hospital, os fará recolher.

Lam.e 29 de Janeiro de 1833.

Macedo P.or

O médico ouvido responde grave, cheio de si e de saber:

A sarna de q̃ se fala, principalm.te a postolosa, e geralm.te todas as molestias de pelle, assim como a tosse, q̃ alega o supp.te pretensem ao foro Médico, e não ao Cirurgico.

Lam.e 1 de Fevr.º 1833.

IMTavares —

Não se deram por vencidos os prezos e em argumentação cerrada perseguem o Tavares e põe em embaraços o Provedor.

Ill.mo S.or Provedor,

Supostò q̃ a molestia dos Supp.tes seja contagiosa, com tudo ella o deixa

de ser, logo q.ª o calor, ou a approximação em q.ª estão dos outros prezos se obvevie; em consequencia disto, he q.ª requererão hir tratar-se ao Hospital; pois talvez V. S.ª não ignore o aperto em q.ª estaõ os prezos tanto nesta, como nas mais prizoens desta cidade, onde necessariamente ao menos durante a noite he forçoso tocarem uns nos outros, e nestas circunstancias poucas molestias deixarão de ser contagiosas. No Hospital podem os Supp.tos curar-se sem tocar em pessoa alguma, e esta razão basta para tirar o receio do contagio, pois outras molestias ha mais perigosas, e q.ª no d.º Hospital se tem curado. Alem disso um dos remedios de q.ª mais precizaõ os Supp.tos, saõ banhos, os quaes só ali poderá tomar. A' vista do respond.º pelo s.or Facultativo cerugico, digne se V. S.ª mandar que os Supp.tos sejaõ examinados pelo respectivo Medico, visto naõ serem sufficientes as attestaçoens juntas dos dous Medicos, dos quaes um já pelos seus conhecimen.tos ecr.os nesta, e outras cidades, já pelo seu caracter se naõ pode negar o cr.º, e considera ção devida. Assim de novo rogaõ os Supp.tos a V. S.ª se digne mandallos remover p.ª o d.º Hospital, p.ª ou ali, ou m.to aqui serem examinados pelo Medico com a brebid.e possivel, p.ª obstarem ao progresso da d.ª molestia. Esperaõ por isso um justo, e benigno deferim.to.

E. R. M.

O Provedor remata a questão com um último despacho:

Presentem.te não podem ser removidos p.ª o Hospital, porq.ª já não á enfermaria de Prezos.

Lam.º 2 de Fevr.º de 1833.

Macedo P.or

Um documento mais antigo mostra o rezultado dêste tratamento nas cadeias de Lamego.

Theodoro Joaquim Pereira Mariz formado na faculdade de Medecina, e Chirurgia, que exercito a Nosologia, e Therapeutica chlynica ha mais de vinte annos

Attesto, que o Sñr. Manoel Nunes, prêzo politico nas cadêas d'Amacâbe dêsta cidâde scacha há m.to annos aleijado da pérna direira por hũa disloca ção do femur com atibia, emque os tendões dos musculos, que na proximidade desta articulação tem sua insersão, forão taõbem lezados, e porisso se tornarão mais duros, grossos, e curtos, e a mesma articulação perdeo sua firmêza, sendo necessario para se segurar o andar encostado a hũa muleta, sem cujo auxilio não pode mover-se. Outro sim soffre hua molestia cutanea tão inveterada e geral, que lhe abrange todo o tronco, extremidades, e até a mesma face, deixando entre si mais pequenos intervallos as vastas e largas inflamações, dispostas em carimbos, termin.ndo de tempos a tempos as pustulas por escamas; porisso os praticos dão aesta molestia o nome de ichthiose. Esta serenova na prezença dos frios, e grandes calôres, cauzando ao doente terriveis incommodos; e agora se acha no seu maior auge de exacerbação, tendo resistido aos continuados remedios internos, e externos; e p.ª attalhar o progresso de tão funesta infermidade entre os remedios, q.ª defficultozam.to pode obtêr no local, em q.ª se acha, lhe aconselhei a sangria no braço direito, em virtude, do q.ª se acha hoje de cama com a terceira sangria; o que tudo he verdade, q.ª affirmo debaixo do juram.to do meu grão. Lamego 24 de janeiro de 1834=

Theodoro Joaquim Per.ª Mariz.

Refere-se a Manoel Nunes, capitão do porto da Figueira da Foz, que teve um procedimento patriótico durante a invazão francêsa e a cuja vida aventurosa voltarei mais de uma vez.

O que motivou, porém, êste *bric-à-brac* foi a designação rara, que me cabe como filho da Universidade de doutor *em medicina* e *cirurgia*, exercitando a *Nosologia e a Therapeutica clinica.*

Não é para desprezar esta designação estranha, nos tempos que vám correndo, em que a vida médica se vai arrastando em práticas de commércio mettidiço, em luctas de réclame industrial.

Pena é não poder ir na ortographia do Mariz.

Em todo o caso, senti-me tam vaidoso, ao ler aquêlle attestado gasto do tempo, como, quando, ao correr diplomas do tempo de D. João IV, vim a saber que, por ser descendente directo de paes a filhos de cidadãos de Lamego eu era *infanção* por graça real.

Infanção!

Por isso eu tenho, ás vezes, repelões de sangue nobre!

E, desde então, sinto-me outro, com logar certo na história, e vou apanhando geitos de nobreza e perdendo o meu ar descuidado e villão.

O conhecimento modifica o homem.

Quem sabe se o ar, que tanto nos faz rir em gente que passa gravemente na boa e alegre terra de Coimbra, como se fôssem alheados do mundo em preoecupação grande de pensar, não será natural?

Sam talvez sábios.

E sam os únicos a sabê-lo.

T. C.

Escóla Industrial "Brotero,,

Está aberta a matricula nesta escola em todos os dias uteis, desde as 11 da manhã ás 2 da tarde, e das 6 e meia ás 9 da noite, a começar no dia 15 e terminando no dia 30 do corrente mês.

Para todos os esclarecimentos deverám os interessados, dirigir-se á secretaria, nas horas acima indicadas.

Desastre

Um pobre homem de nome José Pereira da Motta, de Castello Viegas, quando pelas 8 e meia horas da manhã de segunda feira, passava pela estrada do Almegue, succedeu lhe um desastre bem para lamentar.

Um carro de bois, carregado de madeira, desabou-lhe em cima, deixando-o em lastimoso estado.

Foi conduzido ao hospital, onde se encontra em perigo de vida.

Liquidação

Para a 4.ª pagina do nosso jornal chamamos a attenção dos leitores, afim de lerem o annuncio que o commerciante de Lisboa sr. João Gomes Pereira ali publica.

E' uma liquidação importante, que dá ensejo a comprarem-se, por baixos preços, artigos de grande utilidade.

Em fazendas, a liquidação é deveras notavel.

No domingo á noite houve grande desordem na visinha povoação de Coselhas.

Trez valentões, de nome Abel Ferreira Patricio, Joaquim Fortunato e Antonio de Oliveira, atiraram-se a Virgilio Pereira Dinis, á bordoada, e deixaram no um lásaro, tendo de ir curar se ao hospital.

Virgilio Pereira Diniz ficou muito ferido com uma cacetada na região parietal esquerda, contusões nos membros, e nas mãos, achando-se impossibilitado de exercer a sua profissão de alfaiate ainda por bastante tempo.

A policia tomou conta do caso e vai enviar para juizo os três valientes, que não têem vergonha de se juntarem em malta, para aggredirem um pobre desgraçado.

No mesmo logar de Coselhas houve naquelle dia de tanta devoção varios desacatos nocturnos, com arrombamentos de portas e roubo de fructas.

CARTAS DA PROVÍNCIA

Figueira da Foz, 9=9=902.

A empreza do *Colyzeu Figueirense* tem direito a que se diga, que tem empregado todos os esforços ao seu alcance para dar touradas de primeira ordem, o que conseguiu nas duas primeiras da epocha, mas falta-lhe justiça no tocante á tourada hontem realisada, pois o resultado não foi tam bom como se esperava e ella contava.

A culpa, porem, não foi da empreza, mas dos touros corridos, que sendo de bôa estampa e bem tratados, mostraram mau sangue, fugindo ao castigo como uns catitas.

O Padre Eterno tambem quiz concorrer para que á tourada faltasse aquelle lusimento e enthusiasmo, que é o *clou* das festas tauromachicas. Uma impertinente chuvinha abateu os calores aós *afficionados* e não deixou brilhar os artistas, que empregaram toda a sua boa vontade em fazerem trabalhos de valor.

Mas que pode a boa vontade e o saber, contra a cobardia dos touros e as partidas do tempo!

Touros maus e ausencia de *sol e moscas*, dão em resultado — aborrecimento e vontade de dizer mal.

Manuel Casimiro, que é um artista de raça, foi superior no seu trabalho, e mesmo o seu collega no toureiro a cavallo Ricardo Pereira, alguma coisa fez com geito, apezar da sua apparencia de veterano da liberdade.

Bombita, que disfructa uma fama peninsular, portou se á altura dos seus creditos, tratando de bem ganhar a quantia avultada porque foi contratado.

Os bandarilheiros, justo é confessalo, fizeram o que puderam, que não foi pouco, attendendo á qualidade dos bichos.

Os forcados é que se egualaram aos *malossos* corridos, na cobardia. Desunidos, fracos, receiosos, pareciam um bando de estorninhos, a que um pechote na arte de Nemrod pozesse em fuga, só com a sua presença. Mal o bicho os fitava, já não sabiam de que reino eram e só forçados é que se ativam ás rezes, bem de má raça, por signal.

A enchente, na praça, era grande, vendo-se bastantes hermosas espanholitas, com as tradicionaes mantilhas, a darem uma nota alegre no meio dos trajos e rostos sorumbaticos das nossas patricias.

E aqui está uma ligeira noticia do que foi a tourada de segunda feira.

O serviço da policia é que deixou ainda a desejar, apezar de ser mais bem feito do que foi das outras vezes.

A grande agglomeração de carros e as correrias em que costumam andar, para servirem maior numero de freguêses, produzem accidentes lamentaveis, sendo necessario haver todo o rigor para que os cocheiros respeitem o phisico das pessoas que, por falta de dinheiro, têem de andar no «cavallo de S. Francisco», como vulgarmente se costuma dizer.

Desta feita não foi nenhum carro que causou avarias, mas sim o automovel do sr. Francisco Pinto de Carvalho, de Cantanhede, onde ia tambem o conhecido frequentador desta praia sr. Amadeu Infante, que atropellou dois pobres *flabionos*, que em virtude de lerem a «decima muito carregada» não attenderam o signal de «arreda, arreda, minha gente», que o «chauffeur» do automovel soltava, dando isso em resultado ficarem com varias avarias nos «cadables».

Seja dito em abono da verdade, que os automobilistas prestaram-se e promptificarem-se a indemnisar os atropelados, pagando todas as despezas feitas com a medicina e a pharmacia.

Que este caso, que felizmente não teve consequencias de maior, sirva de exemplo, para se não permittirem taes vihiculos, em correrias, por meio de grandes agglomerações de pessoas, evitando-se assim futuros desastres.

*

As recitas no theatro «Principe D. Carlos» tiveram um successo completo.

Todos esperavam ver Ferreira da Silva, que de tantas sympathias gosa na Figueira, no papel de «Avarento» em que tem uma creação magistral.

Nunca no nosso theatro vimos applausos tam delirantes, nem ovação tam enthusiástica e merecida.

Foram as duas noites do *Avarento* e a dos *Dois garotos* as de verdadeiro successo para a Companhia, que contava actores excellentes, mas que o mérito crescente de Ferreira da Silva não deixava destacar.

Todas as attenções eram para elle e o publico só descansava, quando elle saia de scena, para o tornar a ouvir attento, quando elle voltava ao palco.

Ferreira da Silva deve ir contente com a ovação que recebeu, tanto mais que foi expontánea, sem o caracter de triumphos annunciados e muito réclamados.

Cosmopolita.

Já nem uma pessôa, em sua casa está livre de apanhar para o seu tabaco.

E' um effeito da rigorosa fiscalização do sr. Hintze!

O sr. Firmino Fernandes da Silva, estabelecido ás Ameias, mandou pôr fora do seu estabelecimento o ledor de sinas e mariolão nas horas vagas Antonio Pereira, natural de Cámara, concelho de Oliveira de Azemeis.

O Pereira não se conformou com a ordem e, zangado por não se prestar o sr. Silva a ser explorado, descarregou nêste tal paulada na cabeça, que o prostrou por terra, banhado em sangue.

Foi dada parte á policia que já capturou o sujeitinho, que em ferros dá el-rei lamenta talvez o advinhar para os outros e não adivinhou para si os precalços de partir a cabeça do próximo.

Bem andáram as justiças d'El-rei.

Lá diz o dictado: quem adivinha prende-se.

Collégio de S. Pedro

Publicâmos hoje uma nota dos alumnos dêste conceituado collégio, que aproveitaram o anno lectivo findo.

Esta nota é um honroso documento que muito depõe em favor daquelle estabelecimento de instrucção, superiormente dirigido pelo nosso amigo sr. Maximiano Augusto Cunha, e, sem favor algum, recommendavel pela sua seriedade e pela boa educação e instrucção que nelle se ministra.

O nosso amigo sr. Octavio Pereira de Moura, abre no proximo anno lectivo um curso particular de ensino primario. Para quem conhece os grandes dotes pedagogicos do illustrado professor, que na ultima epoca de exames se provou como um dos mais trabalhadores da sua classe, comprehendendo nitidamente o grande papel social da escola, só desconhecido, ao que parece, nas estancias governativas, cujo empenho é sustentar e desenvolver a mais crassa ignorancia publica, ocioso, se torna recommendar o novo curso, que vae annunciado na secção respectiva.

Em Buarcos encontra-se a banhos o nosso estimavel assignante sr. Fructuoso Lobo.

(46) Folhetim da "RESISTENCIA,,

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA

DO

CONVENTO

XXI

—Já reparou, coronel, nos olhos de Mademoiselle de Croisy?

—Já; são na verdade extravagantes.

—Isso. Olhos, cuja pupilla alternativamente se contrae filtrando o olhar, delgado e sombrio, e se dilata desmedidamente como a flôr brilhante da loucura. E' uma doênte differente de Mademoiselle de Villy!

—O doutor, seriamente, acredita que o amor ande mettido nisto, e que ella tenha um sentimento vivo por Argouges? perguntou Roland que teria ficado encantado se podesse apanhar numa falta aquelle terrivel observador.

—Creio mesmo, coronel, já que estamos no capitulo das confidencias, que este amôr já teve começo. Os olhos sam traiçoeiros e eu examinei muito os de Mademoiselle de Croisy.

—Leve-o o diabo! exclamou Lambrune atirando o cigarro a dez passos; quanto mais anda, mais o caso se embrulha.

—Perdão, coronel, respondeu Pierre Touzaud perfilando-se diante delle com as mãos atraz das costas e a cabeça deitada sobre o hombro esquerdo, isto é claro como agua, e eu não lhe perguntei nada que o sr. pudesse porventura dizer.

—E' que o sr. espanta-me. Palavra d'honra! Temos então: Mademoiselle de Villy que perdeu a razão...

—Mas que com certeza a ha de recuperar depressa, posso agora affirma-lo.

—E' uma felicidade! E Mademoiselle de Croisy, que está ameaçada...

—Por uma catastrophe mais ou menos proxima, se a amiga se salvar. Tal e qual, coronel!

—Mas, com mil bombas, o sr. bombardea-me com enygmas como uma esphynge!

—Por isso me vou explicar; porque falta um remedio, que eu não posso receitar a Mademoiselle de Viliy. Esse pobre pae foi, ainda ha pouco, enganado por Mademoiselle de Croisy. Atreve-se a negá lo?

—Estou a ouvir.

—Pois eu, por minha vez, atrevo-me a responder que foi uma felicidade.

O sr. de Villy não desconfia que a filha ficou como fulminada por um ataque de ciumes e de dor, desconhecidos e imprevistos. Não insisto, coronel; o sr. conhece melhor que eu os detalhes do passeio no parque, em que me fallou, arranjando-o como para um medico ingenuo de Bernay.

—E' demais! resmungava Lambrune.

—E' demais, é, replicou Pierre Touzaud sem se desconcertar. O abalo foi rude. O meio de reparar tudo é velho como o mundo, porque está na natureza dos seres, e depende apenas de Argouges. Uma grande dôr só se cura com uma grande alegria: o primo, o noivo de Mademoiselle de Villy é o unico que pode dar lha, pedindo lhe que cure depressa para se casarem.

—Ao menos não parta, peço-lhe, disse o coronel; talvez tenha necessidade do sr. até ao fim.

Pierre Touzaud sorriu, pensando como os homens que tem todas as bravuras e todas as ferocidades nos masacres militares, sam timidos e quasi pusilanimes em face dos acontecimentos, mais vulgares, da vida.

A' noite, depois do banho, o estado de Alice melhorou ainda; os membros perderam a rigidez, o corpo amolecera e as palpebras tinham palpitações de azas de ave, que vae levantar vôo. Dos seus labios sahiam as palpebras, cada vez em maior numero, e mais incoherentes. Mas o doutor tranquilizara Villy e a mãe sobre esse ponto. Segundo a opinião delle este delirio mesmo era uma volta lenta ás faculdades do espirito.

A velha senhora de Villy mal resistia ás fadigas physicas e moraes da noite e dia passados á cabeceira da neta.

—Fico eu a pé, minha senhora, disse Herminie. Basta que V. Ex.ª deixe consigo a creada de quarto.

—E' bem assim, disse Pierre Touzand, que tinha tanto medo como Herminie dalguns monosyllabos indiscretos da doente. Vá descansar, minha senhora; tem necessidade disso, e já não ha nada a temer.

—Além de que, disse Villy, eu ficarei alerta, no quarto, numa cadeira.

—E eu, replicou o doutor, estou habituado por oito annos dos hospitaes de Paris a dormir com um olho aberto.

—Pobre creança! disse Madame de Villy abraçando Herminie. Como merece ser amada!

XXII

No fundo do quarto, a chama do candieiro collocado sobre a meza fora baixada um pouco, encoberta pelo abat-jour.

Naquella claridade velada, mal se destinguia do travesseiro a figura branca de Alice, coberta pelas cortinas de seda azul, franjadas de prata. Entre a luz e ella estava Herminie assentada num fauteuil, aos pés da cama, no mesmo lugar da noute antecedente.

Os seus olhos haviam se habituado a ver claro naquelle penumbra e seguiam todos os movimentos da doente desde o arquejar do peito ate ao palpitar ligeiro das pálpebras. O seu olhar fixo teria talvez desassocegado Madame de Villy se alli estivesse e o tivesse podido surprehender na obscuridade em que dardejava.

E' que aquelle olhar era duma solicitude estranha: era de medo em vez de ser de esperança por o fim do entorpecimento que Alice sacudia lentamente, e te-la-ia sem duvida conservado nelle, se isso dependesse da sua influencia. Mademoiselle de Croisy comprehendia que não era só uma questão de rivalidade, mas uma questão de vida ou de morte a que havia entre ella e Alice, e comprehendia o agora melhor do que depois da entrevista da bibliotheca.

Alice fora a primeira ferida; mas se ella se levantasse, era a condemnação terrivel de Herminie.

E todavia, naquelle momento, de que lado estava o direito?...

(Continua.)

COMMUNICADO

Sr. redactor; — Peço a v. a fineza de dar publicidade no seu acreditado jornal ao escripto, que nesta data enviei á redacção de O *Liberal*.

De v.

Miguel da Fonseca Barata.

Sr. redactor do *Liberal*. — Devo a um amigo a leitura do artigo que sob o titulo — *Azeite falsificado* — foi publicado em o numero do seu jornal de 28 de Agosto ultimo, no qual se fazem algumas referencias injustas ao meu nome, que procuro, e sempre procurei, conservar honrado.

Nesse artigo sou eu accusado de ter vendido a um negociante de Braga azeite falsificado, e improprio para o consumo.

Esta accusação, é *absolutamente* falsa, pois toda a minha vida tenho usado do maior escrupulo na escolha dos azeites que adquiro, e a maxima lealdade e lisura nas vendas que realizo, podendo desafiar altivamente os meus inimigos a que próvem o contrario.

Isto não quer dizer que eu só venda azeite fino, de primeira qualidade, pois a verdade é que em Coimbra, como em toda a parte, o commercio desta mercadoria comprehende diversos typos ou qualidades, desde o mais fino até á *borra;* mas o que positivamente garanto ao publico é que *não engano ninguem*, apresentando e vendendo como azeite bom, aquelle que o não é, e que muitas vezes só póde ser empregado em usos industriaes, especialmente no fabrico de sabão.

Todo o azeite que eu vendo para consumo é magnifico, como não se encontra superior em qualquer outro estabelecimento. E' por isso até que o meu azeite tem geralmente preferencia no mercado, preço por preço, e muitas vezes o tenho vendido por mais alguma coisa.

O meu proprio interesse me aconselha, para conservação do meu credito, a ser muito escrupuloso na escolha do azeite que adquiro para revenda, e assim tenho sempre feito. Mas o que eu não posso certamente fazer é transformar as condições climatericas, que muitas vezes influem na qualidade do azeite, como succedeu nos ultimos annos, em que raro se podia encontrar algum sem grande acidez.

Toda a gente o sabe, porque o phenomeno foi geral, e muitos lavradores tiveram de pôr de parte o azeite das suas colheitas, pelo seu gosto desagradavel, mandando comprar outro para seu uso.

Tambem este azeite seria falsificado?

Certamente não; mas o anno é que foi mau; e o azeite ficou de 2.ª qualidade, e algum até improprio para o consumo, pois o grau de acidez era tal que nem sequer se derretia no verão com o calor natural.

Aqui o falsificador foi... a Natureza, que os regulamentos sanitarios não pódem abranger nas suas penalidades.

Quanto ao facto dum negociante de Braga, a quem foi apprehendido o azeite com 8.º de acidez, ter declarado que o tinha comprado a mim, só tenho a protestar terminantemente que tal declaração é menos verdadeira—se acaso existiu. Esse meu freguez sempre me requisitou azeite bom, e eu nunca lhe vendi azeite que não fosse realmente bom. Além disso o azeite da ultima remessa que lhe fiz devia estar já por elle vendido, vista a época da expedição.

As auctoridades sanitarias de Coimbra colheram amostras no meu estabelecimento, e em todos os outros, dos azeites armazenados, para os submetter á competente analyze. Espero com tranquillidade o resultado dessas analyzes, que hão de vir comprovar publicamente tudo quanto deixo escripto.

Tenho passado uma vida de grande trabalho, e só a elle devo os poucos bens que possuo, e que tantas invejas causam a algumas pessoas.

Que essas pessoas tenham paciencia e sigam o meu exemplo, porque felizmente neste paiz e nesta cidade ainda valle a pena trabalhar com honra e seriedade.

Não é aboccanhando a dignidade alheia que se alcança fortuna.

Eu, pela minha parte, continuarei como até hoje, a cumprir os meus deveres, servindo bem o publico, e defendendo o meu nome das calumnias dos inimigos.

Coimbra, 2 de setembro de 1902.

Miguel da Fonseca Barata.

De Lisboa; para a Zeliteira, Torres Vedras, partiu ha dias o nosso assignante sr. Antonio E. Dias Brega.

PUBLICAÇÕES

Illustração Moderna. — O n.º 6 correspondente a agosto, desta brilhante revista de litteratura e arte, publicada no Porto sob a direcção litteraria de Oliveira Passos e artistica do distincto gravador sr. Marques Abreu.

O presente número insere formosas gravuras e uma collaboração variada.

Assigna-se na Rua de S. Lázaro n.º 310, Porto e custa por anno 520 réis.

O Instituto — Correspondente ao mês de setembro, recebemos o n.º 9 desta bem redigida revista scientifica e litteraria, de Coimbra.

Os distribuidores telegrapho postaes desta cidade ainda não receberam os seus ordenados referentes ao mês de Agosto.

Sendo costume pagar-se lhe no principio de cada mez, o ordenado do mez antecedente, tal demora, deveras inexplicavel, muito transtorno deve causar áquelles pobres servidores do estado.

E' necessario que cesse tal irregularidade, que está prejudicando quem tanto trabalha e tam pouco recebe.

Para a Figueira da Foz, partiu na segunda feira, a fazer uso de banhos o rev.º dr. Joaquim Mendes, acompanhado de seu irmão sr. Mario Mendes.

— Na Figueira da Foz egualmente se encontra passando a epocha balnear a sr.ª D. Maria José Manso, e seu genro o ex.mo sr. dr Cunha Vaz.

Encontra-se nesta cidade o illustre jurisconsulto sr. dr. Luciano Monteiro, que aqui tenciona demorar-se até ao fim do corrente mês.

A apparecer breve

BÍBLIA DO CORAÇÃO

Versos por *Oliveira Passos*

Um volume artistico e nitidamente impresso em papel superior

Requisições á administração da *Illustração Moderna* rua de S. Lázaro, 310—Porto.

Preço de cada exemplar com o retrato do auctor: 500 réis. — Aos assignantes da *Illustração Moderna*, desconto de 20 p. c.

ANNUNCIOS

Alfaiataria Academica

AFFONSO DE BARROS

Acaba de chegar a esta casa o eximio tailleur Saturnino F. Grant, exgerente da Alfaiataria Amieiro, de Lisboa.

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Arrenda-se

No páteo pequeno da Inquisição, uma boa casa que póde servir para celleiro ou para qualquer associação.

Trata se na rua Ferreira Borges, 95.

Companhia de Seguros Indemnisadora

PORTO

Toma seguros nesta cidade

João Lopes de Moraes Silvano

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

A Madrid!...

A Madrid!...

E' aproveitar a occasião de visitar a capital de Hespanha, por preço unico e excepcionalmente barato.

BILHETES DE IDA E VOLTA

1.ª classe.....	16$500 réis
2.ª »	5$800 »
3.ª »	3$800 »

Comboio especial com excursionistas portuguêses em visita a Madrid.

Partida em 20. Regresso em 28 do corrente.

Trata-se para venda de bilhetes e esclarecimentos na casa José Tavares da Costa, Successores, Portagem.

Bom emprego de capital

Vendem-se, juntos ou separados, dois prédios contiguos, de sólida construcção, com quintal e poço de água com bomba, numa das ruas do centro da Baixa de Coimbra, que se prestam para estabelecimento, fábrica, hotel, collégio ou habitação de numerosa familia.

Prestam-se esclarecimentos e recebem-se propostas na Drogaria Villaça, Rua Ferreira Borges.

Em todas as localidades nós procuramos pessoas que queiram arranjar rendimentos supplementares pela venda d'um artigo de collocação facil.

Offertas sob K. 687, a HEINR. EISLER, Hamburgo.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos,** continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis.**

O proprietário,

José Maria Junior.

Instrucção primaria

Octavio Neves Pereira de Moura, professor official da freguezia da Sé Nova, abre no proximo anno lectivo um Curso prático de Instrucção primaria.

Largo da Feira

COIMBRA

Paris em Coimbra

NOVA ALFAIATARIA

DE

J. M. de Vasconcellos

Ex-contramestre da casa

AFFONSO DE BARROS

Este já bem conhecido alfaiate comprou em Lisboa tudo o que ha de novidade em fazendas para a proxima estação, que vende por preços que nenhuma outra casa póde imitar, pelos encargos que tem com os contra-mestres.

Em elegancia e gosto é escusado o reclame, porque já é conhecido de todos os que se sabem vestir.

ESTRADA DA BEIRA (Junto ao Gymnasio)

COIMBRA

Executam-se com promptidão e modicidade de preços na Typographia de Manuel dos Reis Gomes, Rua da Moeda, 12 e 14 — COIMBRA.

TRABALHOS COMMERCIAES

Collegio Mondego

Continua este collegio a leccionar todas as classes dos Lyceus, bem como **INSTRUCÇÃO PRIMARIA** e o **CURSO COMMERCIAL.**

Os alumnos de instrucção secundaria podem frequentar o collegio ou o Lyceu.

As aulas de **Francez, Inglez e Allemão** pratico continuam a ser regidas por professores das respectivas nacionalidades.

O praso para a matricula nas classes da Nova Reforma termina em 25 do corrente.

O director,

Diamantino Diniz Ferreira.

CONCURSO

A Administração do Concelho da Louzã, devidamente auctorisada, abre concurso documental, por espaço de 30 dias, contados da 2.ª publicação deste annuncio no *Diario do Governo*, para provimento dum logar de amanuense com o vencimento annual de 120$000 réis.

As petições dos concorrentes devem ser instruidas com os documentos indicados no decreto de 24 de Dezembro de 1892.

Louzã, 6 de Setembro de 1902,

Arthur Fernandes de Carvalho.

Consultorio dentario

Figueira da Foz

Rua Fresca, 43

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Colmbra

De 15 de Agosto a Outubro — Consultas das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

COLLEGIO DE S. PEDRO

COIMBRA

Rua Alexandre Herculano (Quinta de Santa Cruz)

Estatistica dos alumnos approvados no anno lectivo de 1901-1902

Instrucção primaria (2.º grau)

D. Idalina dos S. Pereira, 13 v.
D. Maria de N. Serra (D.) 15 v.
Abel Adelino de Sá, 11 v.
Arcadio A. da F. Vasco, 14 v.
Daniel Guedes dos Santos, 10 v.
Estevão A. d'Oliveira, 14 v.
Eugenio Sanches da Gama (D.) 16 v.
Gualter Ribeiro Alves (D.) 15 v.
Hamilton G. de Figueiredo, 12 v.
Jayme dos S. Pereira (D.) 15 v.
José Maria dos Santos, 14 v.
José d'A. Pereira Frazão, 10 v.
José Ferreira Cabrita, 12 v.
José Simões Cortez (D.) 15 v.
Pedro Vasques, 14 v.
Raul M. Simões Dias, 10 v.
Raymundo Jorge Coimbra (int.) 14 v.

Instrucção secundaria

Alumnos que frequentaram o collegio e que fizeram exame

De admissão á 2.ª classe (INTERNOS)

Eurico D. Barroso Tierno (7 BB.)
Januario Cavalheiro (D. 5 MB. MB. e 2 BB.)
Roberto A. Canellas (3 BB. e 4 SS.)

(EXTERNOS)

João M. Ladeiro (5 BB. e 2 SS.)
João R. da Silva Couto (5 BB. e 2 SS.)
Julio C. de S. Refoios (2 MB. MB. e 5 BB.)

De admissão á 3.ª classe (INTERNO)

Jeronymo M. de Lacerda (2 MB. MB. e 6 BB.)

(EXTERNOS)

Cesar d'A. Fontes (6 BB. e 2. SS.)
Eduardo Cardoso de F. (6 SS. e 2 MM.)

De admissão á 4.ª classe (INTERNO)

Humberto F. Costa Carvalho (1 B. e 8 SS.)

(EXTERNO)

Americo Vianna de L. (2 BB. e 7 SS.)

De admissão á 5.ª classe (INTERNO)

Adelino B. de Carvalho (9 SS.)
Alfredo M. Esteves (7 SS. e 2 MM.)
José A. M. Barbosa (7 SS. e 2 MM.)

De sahida do curso geral (INTERNO)

Ximenes Cerveira O. Vaz (2 BB. e 7 SS.)

(EXTERNOS)

Adelino S. de Carvalho (3 BB e 6 SS.)
Alvaro M. Machado (3 BB. e 6 SS.)
Antonio A. V. Raposo (1 B. e 8 SS.)
Ismael de Sá C. Sampaio (n'outro lyceu.)
Luiz Mendes (9 SS.)

Alumnos que frequentaram o collegio e que passaram pela media

Para a 2.ª classe (INTERNOS)

Antonio E. da Costa Agria.
Carlos A. d'Oliveira Esteves.
Eduardo de Queiroz Godinho.
Henrique Fernandes Ruas (**Distincto.**)
João de Menezes Fernandes Costa.
D. Pedro de Castro.

(EXTERNOS)

Mario E. da Silva Cardoso.
Armando R. de Castro (**Singular.**)

Para a 4.ª classe (INTERNO)

Belarmino Ribeiro do Amaral.

Para a 5.ª classe (INTERNOS)

José de Seiça Ferrer.
José Antunes d'Oliveira.

(EXTERNOS)

Antonio Mendes Junior.
Carlos A. Falcão (**Singular.**)

Alumnos internos que frequentaram o Lyceu e que passaram pela media

Para a 2.ª classe

Alberto Barreto de Carvalho.
Antonio Bebiano Correia.
Antonio d'Oliveira Zuquet.
Armando de Freitas Cortezão.

Para a 3.ª classe

Alfredo da Silva Lopes.
Jorge da Cruz Jorge.
José Ribeiro Telles.

Para a 4.ª classe

Joaquim Pereira Machado.
Julio da Silva Lopes.

Para a 7.ª classe

Adelino da Silva Lopes.
Evaristo Pessoa Jorge.

Alumnos internos que frequentaram o Lyceu e que fizeram exame

De passagem á 3.ª classe

Mario Serrão Burguet.

De passagem á 4.ª classe

Antonio H. Cardoso Norte.

De sahida do curso geral

Amavel Jardim Grange.

De passagem á 7.ª classe

Francisco Ribeiro Telles.

Não se admitte nenhum alumno, como interno, que tenha completado 13 annos na occasião da primeira matricula.

Nenhum alumno póde ser matriculado na 1.ª classe sem apresentar certidão de idade e a de instrucção primaria; e em qualquer outra classe sem a de passagem ou approvação em exame de classe anterior áquella que pretende frequentar; porém, se se acha inscripto no Lyceu de Coimbra, o director do collegio encarrega-se de a mandar tirar, se assim o desejarem.

Todas as aulas reabrem no dia 2 de Outubro.

Coimbra, Collegio de S. Pedro — Setembro de 1902.

O Director e proprietario.

Maximiano Augusto Cunha.

IMPORTANTE

LIQUIDAÇÃO DE FAZENDAS!!

D'UMA

CASA DE MODAS DE LISBOA

Só por 4 dias!!

45 — RUA FERREIRA BORGES — 47

COIMBRA

Um grande saldo de mais de quatro mil metros de fazendas para vestidos—novidade—em armures, achemiras, diagonaes, populines e outros tecidos de phantasia, que eram de 600, 800 e 1$000 a 350!!

Um saldo de fazendas de phantasia, para vestidos, a **240**!!

Um saldo de castelletas infestadas, pura lã, para vestidos, a **150**!!

UM GRANDE saldo de córtes para vestidos de **LUXO**, entre 20 e 60 mil is, vendem-se quasi de graça!!

Um grande saldo de ricos tecidos d'algodão, alta novidade, em cassas, plumetis — kets — foulards — Luisines e outras novidades, que eram de 400, 500, 600 e 800 a **240**!!

Um saldo de fazendas pretas, infestadas a 300!!!

UM GRANDE saldo de ricos tecidos de lã, pretos, novidade, que eram de 00, 900, 1$200 a 400!!!

Um grande saldo de lindissimas granadines de seda de côres, que eram de 800 e 000 a **360**!!

Saldo de flanellas, fustões e escocezes d'algodão, que eram a 240 e 300 o metro, **130**!!

Um saldo de ricas toalhas de linho, para rosto, que eram de 800, 1$000 a **400**!

Um saldo de chailes de cashmira, façoné, que eram de 2$200 a **1$000**!!

Grande saldo de lenços de seda, que eram de $000 e 1$200 a 550!

Um saldo de bons cintos de couro, a 360!!

Um grande saldo de ricos lenços de seda, que ram de 1$800, 2$000 e 2$400 a 1$000!

Um saldo de cintos d'alta phantasia e novidade!

Um saldo de leques a 100 e 200.

Um saldo de lenços de malha (pretos) a 100.

Grande saldo de cortinados de crochet, que eram de 4$000, 5$000 e 6$000 a 1$800!

UM SALDO de bôas de gaze e tulle, alta novidade, que eram de **12$000** a **3$500**!!!

Um saldo de saias de baixo, de côr, a **600** e **1$000**!!

GRANDE saldo de ricas gravatas de seda, que eram de **600, 800** e **1$000** a **200**!

Um saldo de fazendas, pura lã, para vestidos ou saias a **80**!

GRANDE SALDO de toalhas de linho, muito superiores, para meza de jantar, que eram de **2$000, 3$000** e **4$000** a **1$200**!!!

Um saldo de sombrinhas de seda de cor, para senhora, que eram de 6$000 a 2$000!!

Um saldo de ditas d'algodão, de phantasia, que eram de 3$000 e 4$000 a 1$200!!

Um saldo de ricas toalhas turcas, de phantasia, para rosto, que eram de 2$000 a 800!!

Um saldo de boas camisas brancas, para homem, que eram de 1$500 a 600!!

Um saldo de blusas de zephir, para senhora, que eram de 1$600 e 1$800 a 600!!

SÓ POR 4 DIAS

Aproveitem a occasião

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 732 | COIMBRA — Domingo, 14 de Setembro de 1902 | 8.º ANNO

O regulamento de fiscalização dos alimentos

Os acontecimentos haviam-se encarregado de demonstrar que o serviço de fiscalização das substancias alimentares era defeituoso, e que os laboratórios officiaes não tinham dado por falsificações grosseiras em substancias de uso diário.

Pareciam por isso condemadas as repartições competentes e era de esperar a remodelação completa do existente.

Tal não fez o sr. dr. Ricardo Jorge, que conservou, ao lado dos empregados condemnados, os laboratórios que tinham sido incapazes de denunciar a falsificação antiga das farinhas.

Assim o diz o artigo 2.º no seu parágrapho único:

> «§ único. Sam mantidas para o seu fim especial as inspecções e fiscalização instituidas no Ministério das Obras Públicas, destinadas a contrastar a qualidade de determinados generos agricolas de consumo;

e o artigo 7.º:

> «Art. 7.º As anályses phýsicas, chímicas e bacteriológicas, a que seja necessário proceder para a pesquiza da pureza ou alterações dos géneros, serám praticadas a requisição dos médicos sanitários, nos laboratórios dependentes da Inspecção Geral dos Serviços Sanitários e da Direcção Geral de Agricultura, devendo o chefe do laboratório respectivo passar um boletim, certificando o resultado da anályse, conforme ao modelo junto.

O sr. Ricardo Jorge não fez caso das reclamações públicas; porque ao sr. Ricardo Jorge, e á affirmação da sua superioridade de organizador genial, parecia convir que se dissesse que o regulamento não fôra impôsto como uma necessidade de occasião, não era mais uma affirmação do estado em que estavam os serviços de hygiene, da sua insufficiencia para proteger a saúde pública.

O sr. Ricardo Jorge não attendeu a reclamação pública; porque ella fôra posterior á elaboração do regulamento.

E todavia nenhuma necessidade ha tam inadiavel como a de augmentar os laboratórios da anályse, como a de modificar a organização do pessoal de fiscalização.

Os factos demonstram-o á evidencia.

De muitas terras do país foram para Lisbôa, ao primeiro rebate, amostras de substancias alimentares, que se julgavam impróprias para o consumo, e de muitas nada se sabe.

Outras vezes tem acontecido que, quando se tem ido procurar a farinha que se verificou estar falsificada ou corrompida, se não pode inutilizar; porque, durante o tempo que demorou a anályse, o género alimenticio foi consumido.

Assim é que officiaes de saúde e camaras municipaes pedem a installação de novos laboratórios de analyse; porque a falsificação das substancias alimentares é enorme e carece remédio pronto.

Algumas cámaras municipaes têem ido mais longe e iniciaram o estabelecimento de pequenos laboratórios, modestos é verdade, mas dotados já com instrumentos e reagentes, que permittem anlyzar ràpidamente as substáncias alimentares, perseverando assim a saúde pública das falsificações mais vulgares ou mais grosseiras.

Vem a pello fallar na cámara municipal da Figueira da Foz, que tem prestado ao nosso amigo e correligionário dr. Cýmbron todo o auxilio que elle tem pedido dentro do seu parco orçamento e recursos.

E é tam vasto o campo de trabalho, e é tam exigente de cuidados, que a mesma cámara deu ao médico do partido a licença que elle solicitou para organizar o laboratório e proceder ás anàlyses indispensaveis e urgentes.

Em terras menores, de menos habitantes e menos recursos, têem os officiaes de saúde, cançados por não verem resposta pronta aos pedidos de anályze das amostras que colheram e enviaram para os laboratórios especiaes, installado pequenos laboratórios e feito trabalho útil, com proveito para a saúde pública.

Em Coimbra parece tambem a vereação reconhecer a necessidade dum laboratório municipal de anályzes.

Pelo menos assim se deprehende de um artigo publicado no último número do *Tribuno Popular*, que se pode considerar como orgão official da actual cámara municipal.

Em todas as partes se reconhece a insufficiencia dos laboratórios officiaes, em muitas se pede a creação de outros, em algumas se procede já á installação de officinas modestas, mas já conhecidas pela sua utilidade.

Só o regulamento de fiscalização, a que *circunstáncias de todos conhecidas deram no momento decorrente a mais alta opportunidade e urgencia*, como diz ingenuamente a prosa brilhante do sr. dr. Ricardo Jorge, só o regulamento affirma que basta o que estava anteriormente organizado.

Assim o mandava a sua vaidade.

Assim se fez.

Dr. Cerqueira Coimbra

O nosso amigo sr. dr. Antonio Cerqueira Coimbra encontra-se na Figueira da Foz, onde teve um acolhimento, que bem mostra a sympathia e a admiração sempre vivas, que a todos impõe a nobreza do seu carácter immaculado, a bondade do seu coraçao.

De longe nos associamos á alegria dos seus amigos, affirmando nós tambem hoje, como sempre, a nossa amizade, e o nosso respeito pelas suas nobres qualidades.

Está a concurso, com o ordenado annual de 300$000 réis, o lugar de facultativo do concelho de Montemór-o-Velho, com residencia na villa de Pereira.

Aos caçadores

Fomos informados que foi tirada uma lista dos nomes dos caçadores, que têem licenças para uso e porte de arma, e não foram registadas, além do commissariado, na repartição de fazenda, para lhes ser imposta a multa de 2$000 réis.

Tal medida, que julgamos vexatoria e iniqua, apezar de poder ser muito *legal*, não pode applicar-se, pois que semelhante innovação da lei não teve a devida publicidade e mesmo que se queira levar tudo á valentona, ainda assim só poderão ser compellidos ao pagamento da multa *aquelles que começaram a usar da licença de uso e porte de arma* ha mais tempo do que o marcado na lei, para a sua legalisação.

E' que pode ter-se a licença muito tempo em casa sem querer começar a usar della e o tempo só poderá contar-se desde que se usou e nunca desde que foi passada.

E como *as provas negativas* não se fazem em juizo, á gente da fazenda é que compete provar que o possuidor da licença usou della, sem o competente registo, mais tempo do que o marcado na lei, e nunca ao possuidor da licença, provar o contrario.

E' claro que, quem accusa, é que tem de provar a veracidade da accusação.

Os possuidores das licenças, sem o visto, não devem pagar a multa, no nosso intender, sem se aconselharem com os *mestres da lei*, que nos parece os aconselharám em conformidade com o nossa opinião.

Foram concedidos 30 dias de licença ao sr. Ricardo Carvalho, amanuense do commissariado de instrucção de Coimbra.

A ver! A ver, senhores!..

D'*O Século:*

> «Foi operado de kelotomia umbilical, pelo distinctussimo clinico interno do estabelecimento, o sr. dr. Armando Gonçalvez, a doente Júlia Saüdade, que havia entrado na véspera em deploravel estado, com sýmptomas de estrangulação herniária. Fôram coadjuvantes os futuros lentes da faculdade de medicina, os drs. Luís Viegas, Elýsio de Sousa, drs. Vicente Rocha e Freitas Costa, delegado e sub-delegado de saüde.»

Foi uma operação catita, com lentes e auctoridade sanitária.

Aquêlles futuros lentes, doutores e auctoridades sanitárias, que parecem ter vindo de longe admirar um operador raro num caso difficil de cirurgia, sám ao todo quatro pessôas, clinicos actuaes das enfermarias do hospital, que ajudaram por obrigação uma operação de urgéncia, de cirurgia vulgar, mais insignificante que outras, que no mesmo hospital se teem feito com menos réclame.

Para o réclame ser completo falta-lhe apenas a nota dos successos coimbrões—o combóyo a preços reduzidos e a vinda de gente da Figueira.

Com isto não cremos tirar a fôrça ao réclame.

E gritaremos tambem com o *Século:*

A ver! A ver, senhores! O grande operador.

A vê-lo com prémio em todos os annos da Universidade da muito nobre cidade de Coimbra.

A ver o talento reconhecido por jovens futuros lentes da Universidade.

A ver o talento verificado pelo sr. delegado e sub delegado de saúde e reconhecido sem falsificação alguma!...

Emfim, noticias de verão.

Banco de Portugal

Já retirou para Lisboa na quinta feira o empregado superior do Banco de Portugal, que aqui tem estado inspeccionando a agencia deste districto.

Os taes empregados suspensos, por causa das irregularidades encontradas na agencia, continuam na mesma situação, apezar das affirmativas em contrario de alguns collegas.

A direcção do Banco ainda não tomou deliberação a tal respeito, esperando pelo relatorio que um seu empregado de confiança lhe fornecerá.

Como já dissemos no cofre do banco entraram perto de sete contos de reis, que tal era a importancia das letras em *reserva* e que não havia dado entrada, em tempo competente, por ser de hábito antigo, esperar pelo pagamento a negociantes de probidade reconhecida, quando por qualquer circunstancia o não podiam fazer em epoca própria.

Veremos no que o caso ainda vem a dar.

Pelo novo regulamento de instrucção primária sám providos, por concurso, todos os logares de professores das escolas normaes e das escolas de habilitação para o magistério primário, de sub inspectores e dos funccionarios da secretaria da inspecção.

Aos leitores

Em consequencia da abundáncia de annúncios que tivemos de inserir no número transacto da *Resistencia*, vimo nos forçados a retirar bastantes notícias e outros escriptos, que publicâmos no presente número.

Regressou da estancia thermal de Luso, o solicitador desta comarca, sr. Joaquim da Costa Rodrigues.

—Para a Figueira da Foz, acompanhado de sua ex.ma familia, seguiu o sr. José Dória, digno administrador da Companhia do Gaz e o digno director dos correios, sr. Antonio Maria Pimenta.

As grandes manobras do victorioso exército português, cujo soldado é, foi e será sempre o primeiro soldado do mundo, no dizer do *Novidades*, que é, foi e será sempre, o jornal mais divertido do mundo, as grandes manobras tiveram a consagração cómica, que já agora é de uso nos espectáculos de instrucção militar, que inventa a phantasia do sr. Pimentel Pinto.

Os soldados de infanteria 9 tiveram de recolher a quarteis em ceroulas e em camisa por falta de fardamento!

Ardil do sr. Pimentel Pinto.

Fórma original de calar murmuradores.

O orçamento do ministério da guerra tem a applicação legal.

O exército português tem ainda camisa.

E' mais feliz do que o pôvo.

E mais talvez fôsse uma experiéncia.

Será talvez a ceroulla e a camisa uma *toilette* nova, para manobras de verão.

Mais uma reforma de fardamentos.

Vae ser collocado no muzeu de antiguidades do Instituto uns dos paineis de azulejo, que foi retirado do collegio de S. Boavemtura.

Foi difficil o arrancamento dos azulejos, porque as laminas de barro eram delgadas, de barro muito friavel, e tinham-se encorporado com a cal, adherindo fortemente á parede, donde a muito custo foram tirados, soffrendo por isso algum damno felizmente reparavel.

Vae proceder-se tambem á reparação da sala envidraçada do muzeu, que por defeito inicial de construcção exigia modificação urgente.

De braço dado

Ha dois annos que eu não via o mar. Foi num extase que olhei a água, espadanando ao pé do Forte, revolta do vento áspero que corria do Sul, galgando até á praia, amarellada e triste, aonde uma noiva, burguesinha melanchólica, ouvia sob o toldo azul e branco da barraca um desbotado madrigal de amôr. As gaivotas em bandos luminosos batiam as grandes azas brancas sobre os rochedos assetinados de musgo verde, e para os lados de Buarcos os poveiros saiam pela barra fóra, cantando uma triste ladainha, vélas enfunadas recortando a pureza do azul, na esperança da pescaria afortunada que os ajude a viver, tam cheios de miséria, de amôr e de immundície.

A' tarde, quando o sol estoira, satanicamente rubro, as redes prateadas arrastam-se pela areia fóra, as ovarinas moreninhas e gaiatas, jogam pelo ar a cesta de vime esburacada e as mães piedosas e as esposas e as noivas, sentadas na amurada do velho barco arruïnado esperam a volta dos outros barcos, que partiram ao romper da madrugada.

Pouca gente daquella que vem para o mar tomar na água esverdeada da onda da manhã, o seu banho reconfortante e hygiénico, ou dansar na sala encerada do casino a walsa voluptuosa que seduz a linda loira, macia e forte, um poucochinho sardenta e aristocraticamente *coquette*, pouca dessa gente passa a tarde á beira do mar sereno, a ouvir os gritos das redes de arrastar, quando uma mancha de paquete esfumada e crua foge na linha luminosa do azul, que se confunde com a immensidade do céo, e uma onda mais alta e mais branca tem a vaidade triste de alcançar a altura olýmpica dos astros.

Os clássicos banhistas não gosam a frescura immaculada do mar, amodorram-se ás mêsas dos cafés, adormecem a ouvir enternecidos as músicas do Casino, encaixados, com ar grave e inspirado, no seu assento forrado a setim amarello, com debrum de sêda prateada.

E' a vida estúpida, banal e deshonesta que toda a gente deve censurar, que nem desenvolve o corpo nem depura o espirito para a vida do trabalho útil e para o enleio do verdadeiro amôr, fecundo, inspirador e são.

Lá mais abaixo o meu bom companheiro, intelligente pelo que sabe e artista pelo que sente, conta-lhes a história da vida degenerada e idiota da praia em Portugal.

Eu, que vim á Senhora da Encarnação, linda romaria poeirenta, cheia da devoção mysteriosa dos pescadores, que passam toda a vida a ouvir a voz do mar, bravo nas noites pavorosas de dezembro, sem a claridade do luar nem o perfume do sonho bom em que abraçamos a deliciosa amante do último amôr de primavera, eu, que vim a encontrar aqui o único amôr verdadeiro da minha mocidade, a linda rapariga vaidosa e bella, a quem d'antes fiz saüdosos versos frouxos e tristes, eu, que sou essenciaimente estúpido e extraordinariamente doido para lhes fallar de coisas sérias, como o destino da vida e a miséria della, de que lhes hei de fallar, meus amigos, leitôres pançudos e somnolentos, raparigas ingénuas e feias, que vos commoveis, litteratos finos e ridículos que me despresaes? Não fallo da toirada. Enthusiasmei me pouco. A tarde esteve impertinente de chuva, de vento e de frio. Eu não percebo nada de toiros. Pódem as capas vermelhas de setim dar reviravoltas diabólicas no ar, que eu cuido sempre num *passe* magistral.

Do que eu gosto immenso é do tom de alacridade duma tarde de sol, esfusiante de luz, de côr e de som, vestidos garridos na archibancada, mulheres lindas, desprendendo sorrisos da polpa

vermelha dos grandes lábios acerejados, trambulhões na arena, sem consequências, o hymno da carta marcialmente atacado por qualquer philarmónica Recreio e Instrucção e depois, á saída, aquêlle borborinho nervoso e poeirento de gente que se diverte e que ostenta ante os miseráveis e os vagabundos um grande ar de felicidade intangivel.

Além disto vi muitas mais coisas interessantes, como um conde antigo da Beira a esconder-se dos automóveis atraz do portal da sua cocheira fidalga de três parelhas, encontrei muita gente conhecida, fallei ao meu querido poëta João de Barros, que anda mais tostado mais amoroso e mais feliz, discuti com o Belizário o casamento fidalgo e o amôr livre, e outras coisas ainda, que não tendes precisão de saber.

Abalei com uma saüdade funda...

De braço dado, agarradinhos como a hera que entronca nos ramos das videiras, como as rosas de toucar numa trança d'oiro preciosa, como dois noivos felizes com medo de perder-se, como dois brincos de ágatha escura prêsos á carne delgada e rósea de umas lindas orelhas de mulher, nós ambos, um amoroso, outro trocista, um descuidado, outro philosopho, um gordo outro magro, um loiro, outro moreno, passámos na Figueira o dia 8 de setembro de 1902, um anno de pouco vinho e de pouco trigo, que ha de ser uma desgraça para o lavrador da nossa bôa e linda terra de Portugal.

Adeante.

Lá voltamos qualquer dia.

PEDROZO RODRIGUES

*

Figueira, *Casino Mondego*, 9 da noite.

A salla de baile está cheia, a trasbordar. Balouçam-se no ar as melodias de uma valsa empolgante e arrastada. Vai lá dentro um borborinho, miudo e effervescente, como o desmanchar duma espuma de champagne, numa taça fina de crystal.

No meio da salla arrastam-se uns pares de valsistas, emballados pela múzica, nuns grandes requebros, lassos e sensuaes. Os lustres jorram, sobre tudo, uma luz livida e crua. A athmosphera e as luzes, estonteiam-nos. Paira no ar um perfume pezado e asphyxiante a carne e pó de arroz.

Uns leques enfileirados, palpitam mollemente, num rythmo certo e compassado. Uma grande pedra, limpida e brilhante, flammeja na soberba trança de uma mulher, como uma gotta de luz tombada sobre uns cabellos negros, como um pyrilampo perdido na escuridão.

Aqui perto, de ventas dilatadas, e olhar parado, uns embonecados caixeirotes, agrupam-se junto á porta, numa ância de machos cheios de cio, farejando um covil de fêmeas núas.

Uma burguezinha, insipida e banal, numa grande pretensão de luxo, com as mãos enrodilhadas nuns pedaços de renda barata, ridicula caricatura dumas *mitaines*, umas argollas de brilhantes falsos a gottejarem luz, nas orelhas pequenas e mal feitas, o pescoço entalado numa golla alta, e o cabello afastado nuns bandós pretenciosos, muito em moda, assesta uns olhitos negros e brilhantes, como contas, sobre um badaméco, de *smoking* emprestado, o peitilho engommado a esconder-lhe a camiza suada e suja, os tacões das botas roídos e cambados, as mãos entalladas numas luvas de pellica, a esburacarem-se, e todo elle a rescender a suor, benzina e violeta. Fuzilam olhares, de canto para canto, numa grande febre de namoro.

Um estudantito, a esfregar as mãos, acotovella-me brutalmente, rompendo pela salla, feliz e saltitante como um poldro, clamando em calão:

—*Decididamente, atiro-me.*

E na dansa, nas cadeiras, por toda a salla, roçam-se, numa grande promiscuidade, as sêdas caras das filhas dos viscondes, com a setineta barata das blusas das mais plebeias das burguezas; e num mesmo formigar, banhadas pela mesma luz, flammejam as pedras finas das meninas ricas, e as joias falsas das pobretonas, mascaradas de ricaças.

Dá vontade de pregar á porta, um grande cartaz a apregoar: — *Baile e vida de alta roda, a preços reduzidos. 300 réis a entrada.*

Ao observar êste meio, em que estou passando a noite, vejo desenrollar-se, ante mim, a trági-comédia de um carnaval.

Sob êste luxo, na maior parte, pelintra e falso, esconde-se muita mizéria e muita dôr.

Muitas destas meninas abafam a pobreza das suas arcas, a falta de camisas e roupa branca, na ostentação dum vestido espalhafatoso, em débito na modista. Aquella, mal retem ainda, as lágrimas vertidas, na raiva de não ter umas botinas novas.

Aquell'outra, debruçando-se sobre o par, e acariciando a esperança de o seduzir, murmureja-lhe a falsa história de um tio rico. E elle, falla-lhe de grandes empregos, de rendosas formaturas e padrinhagens, e dardeja, emtretanto, sobre o espelho, radiante e de soslaio, um olhar furtivo, p'ra namorar o brilho do seu collarinho alto, comprado ha pouco, e o ar arrebitado e aristocrático das guias do bigode.

Que tristeza, meu Dens!

E é assim, no meio desta falsidade, com o processo summário de uns olhares sensuaes, de umas cartas delambidas e cheias de mentiras, e de uns *gargarejos* estúpidos e indecentes, a altas horas, que se conquista uma espoza, e se fórma um lar!

Corre-se atraz de umas joias falsas, de umas *toilettes* caras, da curva dum collo, da linha duns bandós, dum sonho mentiroso de riquêza, da fidalguia, sem préstimo, dum nome, ou dos bordados estúpidos duma pasta, para no fim alcançar, para companheira, uma mulher a quem só ensinaram a fingir!

Pobre miséria mascarada!

Ensinam-se, em geral, as raparigas a tocarem piano, só para que seduzam e para que depois se esqueçam!

Ensina se-lhes uns rudimentos de línguas, para apenas apparentarem uma alta educação!

Vestem-se de caro, para que pareçam ricas!

E nada de ensinar-se-lhes a serem francas, honestas, boas donas de casa, boas companheiras, boas mães, que nos saibam encher o lar de conforto, nos saibam suavisar a vida, nos dêem bons filhos e no-los eduquem bem!

Como se forma um lar em Portugal!

C. F.

Automobilismo

A noticia, que em seguida publicamos, é transcripta do nosso estimavel collega *O Districto de Vizeu*, e reproduzimo-la por se referir a cavalheiros desta cidade, que muito prezamos, e a uma empreza que desejariamos vêr continuando próspera e com o favor público que tem tido até aqui.

«Afim de vêr as manobras militares, vieram da Figueira da Foz, em automovel, os srs. dr. Tavares e João Gomes Moreira.

«O automovel, que é construido pela fabrica *Darracq*, é de bonita forma, tendo o motor a força de 12 cavallos effectivos; foi importado pela Empreza Automobilista Portugueza, de Coimbra.

«Na passada sexta feira, fez este carro varias evoluções pela cidade, subindo e descendo a ingreme calçada de Viriato, cuja inclinação se pode calcular em 30 graus.

«Acompanhava-os o nosso muito amigo dr. Amadeu Paes Borges de Brito, de Nellas, onde em sua illustre casa, pernoitaram na quinta feira, chegando a Vizeu em 55 minutos».

Segundo informações que nos deram, este carro já está vendido ao sr. Conde do Refúgio, devendo brevemente chegar á empreza, mais dois automoveis da força de 16 cavallos, sendo um para o sr. Alves Dinis, de Lisboa, e o outro para o distincto clinico nesta cidade sr. dr. Armando Gonçalves.

Como se vê, o favôr publico continua a ser dispensado á Empreza Automobilista Portuguêsa, que bem digna é delle, pela seriedade com que cumpre os seus compromissos.

Foi dispensado da presidencia de jury dos exames dos candidatos ao magisterio secundario, 4.º grau, o sr. dr. Raymundo da Motta e nomeado para o substituir o sr. dr. Bernardo Augusto Madureira, lente da Universidade.

No ministerio das Obras Publicas deu entrada o orçamento para a reparação da ponte da Mucella, no kilometro 36, da estrada real n.º 12, para se evitarem mais estragos no proximo inverno, occasionados pelas enchentes do Mondego.

A GRÉVE DE GOUVEIA

Desde o número passado que estám compostos, o officio e os documentos comprovativos, que a directoria da Associação de Classe dos Manufactores de Tecidos, de Gouveia, nos enviou para justificar a gréve e a sua atitude perante a recusa dos industriaes em se harmonizarem com o elemento trabalhador daquelle centro fabril.

A excessiva abundancia de original e amúncios, que tivemos no número transacto, não nos permittiu inserir a composição referente ao assumpto de que tratamos, o que fazemos hoje, mostrando assim a boa vontade que nos anima de proteger as causas justas e necessitadas de appoio.

Os leitores, pela singela e commovente exposição que a associação de classe faz no officio e documentos que abaixo damos á publicidade, podem perfeitamente ajuizar das circunstâncias precárias em que se encontra o elemento trabalhador de Gouveia, e quanto é digno de protecção e soccorro.

Nesta redacção acceitar-se-hão quaesquer donativos que nos enviem com destino aos grévistas, donativos que podem ser enviados á Associação de Classe dos Manufactores de Tecidos, de Gouveia.

Que um accôrdo honroso e humanitário se estabeleça entre os operários e patrões daquella importante villa, sam os nossos desejos e o de todos os que combatem em prol da emancipação e bem estar do proletariado, *desideratum* a que só se chegará num governo rasgadamente democrático.

Segue o officio e os documentos:

...sr. redactor. — Temos presente o último número do valente defensor da santa causa da Liberdade, a *Resistencia*, de que v. é muito digno redactor, em que vemos publicada a circular que enviámos ás associações de classe e á imprensa livre, na qual contamos o jornal de v.

Por elle vemos que v. não tem ainda conhecimento das justissimas causas que nos levaram a declarar-nos em gréve, por isso vamos dar ao sr. redactor os devidos esclarecimentos.

Em Gouveia, a classe operária está luctando cada vez mais com os horrores da miséria.

Os géneros de primeira necessidade estám carissimos e os salários sam muito pequenos, pois que ha aqui desgraçados chefes de familia a ganharem 200 a 240 réis diários; creanças, de 14 e 15 annos a ganharem 60 a 80 réis, sendo ainda obrigadas nos dias de inverno a fazerem largos serões Devido a tanto trabalho e tam pouca remuneração, andam estes infelizes operarios, muito magros, rachiticos, com os fatos cobertos de remendos e côdoas do azeite das máchinas, descalços e vivendo em humildes mansardas que mais parecem lojas de animaes do que habitações humanas.

E' um horrivel quadro o que se presenceia, ao sairem estes desgraçados das fábricas em que trabalham.

As mulheres, ganham, o máximo, 300 a 350 reis por semana, sendo ainda obrigadas a ireu aos domingos e dias santificados, a estender, voltar e apanhar lã, e muitos outros serviços que lhes não pertencem (pois que todos estes trabalhos sam feitos de graça), sendo ainda multadas quando se demoram mais algum tempo do que o que elles lhe marcam, e não vam a horas competentes para fazerem os taes serviços de graça.

E foi devido a tanta mizéria que nós rezolvemos todos por unanimidade circular aos nossos patrões, para que elles nos augmentassem mais alguns reses aos nossos minguadissimos salários, para assim podermos melhorar um pouco a nossa precária situação.

Os tecelões pediam, como v. deve ver pela circular que junto lhe enviamos, que lhe pagassem o serviço de tecer as teias pelos preços antigos, isto é, pelo mesmo preço que lhas pagavam quando elles vendiam as fazendas muito mais baratas.

Nesse tempo em que elles pagavam o serviço pelo preço que agora lhe pedimos, compravam-se os géneros alimenticios por metade do preço, ou ainda por menos, porque agora se compram.

Os industriaes de Gouveia aproveitam-se da estação do inverno, que é quando ha menos trabalho, para baixarem o preço aos empreiteiros que teem as teias.

Isto revolta, sr. redactor.

Como não recebemos resposta ás circulares que lhe enviamos, e não podendo nós por mais tempo supportar tam desalmada exploração, eis o motivo porque nos declarámos em gréve.

O povo de Gouveia e seus subúrbios, que conhece perfeitamenre que a nossa causa é justíssima, está todo a nosso lado. Apenas aqui ha um empregado de uma fábrica (escripturario), que tambem negoceia em *puados*, couros e mais algumas coisas, que a troco de vender por altos preços aos industriaes esses artigos se metteu correspondente do *Século*, para mandado por elles, enviar para aquelle jornal telegrammas crivados de refinadas mentiras.

A commissão eleita para zelar os nossos interesses é a direcção da Associação de Classe dos Manufactores de Tecidos em quem todos confiamos.

Dito isto, julgamos ter dito o bastante.

Antecipadamente agradecemos do fundo d'alma a v., todo o auxillo que nos prestar.

Saüde e felicidade é o que lhe desejamos.

A direcção da Associação de Classe dos Manufactores de Tecidos, de Gouveia.

«Ill.mos Srs. — Os operarios tecelões, na reunião da Associação de Classe rezolveram por unanimidade de socios presentes levar ao conhecimento de V. Ex.as a importante deliberação tomada. Em virtude da grande carestia dos alimentos de géneros de primeira necessidade, que não podemos mercar pela pequenês do nosso ganho pois anda hoje muito mal pago o nosso trabalho, propomos a V. Ex.as que de boamente se dignem attender ao que vos vamos dizer. Alem disso a quasi nudêz das nossas mulheres e filhos é que nos leva junto a V. Ex.as a supplicar-lhe que nos haja por bem attender, porque nós não queremos barulhos, nem revoluções, mas sim vimos pedir que sejamos attendidos á boa paz, pois só a nossa mesquinha vida e a pobrêsa da nossa familia nos obriga a este pedido.

Oxalá que V. Ex.as recebam a nossa circular comprehendendo o fim pacifico della, e não nos levando a uma saida que será inevitavel se V. Ex.as não acceder em benevolamente, como esperamos, á nossa proposta seguinte, isto é, os mesmos preços porque antigamente eram pagos estes serviços a saber:

1.ª—Peças lisas duma só côr ...	1$500
2.ª—Peças riscadas.....	2$000
3.ª—Peças de 20, duma só côr..	2$400
4.ª—Peças xadrês	2$800
5.ª—Peças de 22.....	2$600
6.ª—Peças de 24.....	2$800
7.ª—Peças de 27, xadrês	3$000

Como V. Ex.as sabem, sam êstes os antigos preços do tempo em que ainda os géneros eram muito mais baratos; e hoje nós, pela sua grande carestia, vimos pedir a V. Ex.as que nos paguem por esses mesmos preços.

Esperando que a rezolução de V. Ex.as seja a nosso favor, pedimos para que a mande participar a esta Associação de Classe, até ao dia 21 do corrente, e desde já muitissimo agradecemos.

Com a maior consideração somos de V. Ex.as muito respeitadores—Gouveia e casa da Associação de Classe dos Manufactores de Tecidos, aos 16 de agosto de 1902—Os socios da Associação de Classe dos Manufactores de Tecidos.»

«Ex.mo Sr.—Os tecelões abaixo assignados, em reünião extraordinária na Associação de Classe dos Manufactores de Tecidos, rezolveram vir hoje apresentar a V. Ex.a o pedido que segue:

Como V. Ex.a sabe, todos os nossos irmãos e camaradas, já ha tempo que conseguiram de seus patrões o não mais fazerem os trabalhos que actualmente nós estamos fazendo de graça. Por consequencia, em vista da grande crise que todos nós estamos atravessando devido aos muito diminutos salários que estamos tirando, não podemos, porém, adquirir assim os géneros alimenticios a não ser por preços elevadissimos como V. Ex.a tem conhecimento.

Por isso vimos de commum accordo com os nossos camaradas pedir muito respeitosamente a V. Ex.a para que nos seja retirado todo o serviço que até hoje temos feito gratuitamente, afim de podermos melhorar mais um pouco a nossa situação, para que desta fórma possamos tornar os nossos salários um tanto mais avultados, passando assim a desenvolver com mais facilidade os nossos trabalhos.

Esperamos, pois, da benevolencia de de V. Ex.a se não recuse a um pedido de tanta justiça, porque de caso contrário, acompanharemos os nossos camaradas para todos os effeitos.

Por hoje nada mais exigimos.

A resposta esperâmo la na fábrica de V. Ex.a, na casa dos teares, até ao dia 23, sem falta, para nosso governo.

Gouveia, 22 de agosto de 1902—Os tecelões.»

CARTAS DA PROVÍNCIA

Figueira da Foz, 10=9=902.

Os jornaes dessa cidade têem-se queixado do *trop de zèle* dos fiscaes do sello, que por toda a parte julgam vêr contravenções, que lhes possam encher os bolsos.

Por aqui, nêste jardim, *na foz do Mondego plantado*, tambem os taes fiscaes e *malsins* camarários andam esfomeados.

Por dá cá aquella palha, é multa que te parto.

Não ha razões que os convençam; não ha explicações que os satisfaçam: está multado e está multado, — sam só estas as expressões que oppõem aos pedidos e protestos das victimas.

Alguns estimaveis commerciantes d'aí, que aqui se encontram, têem sido victimas das fúrias dos homemsinhos, e pago as faltas de dinheiro que elles soffrem.

E á custa de injustiças bem grandes, conforme tivemos occasião de indagar, é que elles se enchem. Mas que fazer lhe!

Se os multados vám para juizo, ainda gastam mais, além dos incómmodos, que têem de passar.

O melhor remédio é aquelle de que prometteu usar um commerciante que aqui está de Lisboa.

Quando um bem conhecido *malsim* camarário lhe entrou pelo estabelecimento e pronunciou as sacramentaes palavras: está multado, por uma supposta transgressão. respondeu lhe claramente: — eu pagarei indevidamente a multa, mas você tem que se intender directamente commigo no areal ou mesmo noutro qualquer lugar em que o encontre. Poderei ficar sem alguns tostões, mas parto-lhe a cara onde o achar a geito.

E o *malsim* ganancioso e refilão, bateu em retirada, e o teso commerciante nada pagou.

E' que o homemsinho camarário não traz as costellas no seguro e já sabe como ellas mordem, por várias vezes, e até por mãos feminis.

Contos largos, que ainda havemos de esmiuçar.

*

Obteve approvação tutellar o orçamento, na importancia de 340$000 réis, votado pela câmara municipal deste concelho, para reparação do pavimento da rua Oriental do largo da egreja da mesma.

Era uma obra necessária, e que se impunha pela urgência.

COSMOPOLITA.

PUBLICAÇÕES

Narrativas do tempo primitivo. — E' esta a segunda obra do phantasioso escriptor inglez *H. G. Wells* que a *Livraria Central* publica.

Concizo na sua narrativa, *Wells* parece que apanhou essas creaturas, de quem fala no decorrer da interessante obra, em flagrantes scenas ingenuas e puras como deviam ser esses entes da *edade da pedra* dos quaes descendemos por varias e complicadas evoluções da Natura.

Narrativas do tempo primivo são a historia de duas creaturas que se adoram até á idolatria e que á custa de sacrificios, de extraordinarias aventuras e de espantosas luctas, conseguem libertar-se dum jugo que lhes custa a supportar. *H. G. Wells* apresenta-nos nesse primoroso trabalho costumes exoticos dos primeiros homens.

As *Narrativas do tempo primitivo* propõem-se a fazer conhecida, por esta forma romantizada, a vida na *edade da pedra*, sem que se cance o espirito com pormenores que, de superfluos se tornassem fatigantes, vida essa toda cheia de extraordinarias aventuras que se desdobram ao correr da penna deste engenhoso escriptor britannico.

Finalmente as *Narrativas do tempo primivo*, 1 volume 200 réis, traducção de Henrique Marques Junior, devem causar tanta sensação ao nosso publico como os *Exploradores da Lua*, de *H. G. Wells* tambem editados pela Livraria Central de Gomes de Carvalho, 158, Rua da Prata, 160—Lisboa.

Do mesmo auctor, no prélo: *Uma historia do tempo futuro.*

Foi nomeado sub-delegado desta comarca o sr. dr. Carlos Lucas, em substituição do sr. dr. Bento P. de Carvalho, que foi exonerado a seu pedido.

LITTERATURA E ARTE

CARTA AO MIGUEL

(Da Guarda; em ferias)

A' hora a que te escrevo dormes tu, decerto.
Um gallo, fóra d'horas, canta aqui de perto;
Percorre-me a medulla um frémito d'agoiro;
E em roda do meu quarto, esfalfa-se um bisoiro...

Começo mal a carta. Eu quero que se regre
O meu sentir p'lo teu... Desejo ser alegre!

Mal sabes em que eu passo o tempo aqui, em férias;
Corre-me puro e bom o sangue nas artérias,
Nesta cidade sã da minha Beira ideal,
—A província mais triste que ha em Portugal!
Amostra-se a tristeza na aridez dos montes,
E porque abunda o pranto, abundam muito as fontes...
Ha lindo luar d'agosto; ha neve immaculada;
Aqui é mais honesta a luz da madrugada;
E o vento refrescante; e pura a atmosphera...
E' triste mas, emfim, nem sempre o riso impera!

Eu quero vêr-te cá; eu quero que aqui venhas
A receber o ar saüdavel das montanhas,
Que o sol, o lindo sol, alegre sobredoira!

A Beira, a dôce Beira, a minha Beira loira!...
Calculas tu lá bem o que eu por cá descubro,
Desde que deixo Coimbra até que volta Outubro!...
Não levo aquella vida estulta e fatigante...
Sou muito mais burguês e menos estudante;
Não tenho a pallidez funérea que se enxerga!
Aqui ha mais conchego e menos illusão,
Conserva-se mais bamba a corda da emoção...

Um grande amôr d'agora é frio, é triste, é mudo,
Amanhece a chorar, e acaba a rir de tudo...
Vamos erguê-lo ao céo—mas não attinge o cume;
Dormita num prazer, e accorda num ciume!
Ha mais amôr unido á trama duma renda,
Que á luz dum lindo olhar que a outro olhar se prenda...
O amôr anda ligado aos brilhos duma joia!
Helena é uma mentira—é uma mentira Troya!...
Uma affeição sincera, em vez de rir commove!

Eu fui pouco feliz nas affeições!—Pois ouve:

Aquella raqariga esbelta que tu viste,
(Quando ias passear commigo) toda triste;
A cujo coração eu tinha o meu tám prezo,
(E ao pé de quem a lua, a lua era sem pezo...)
D'olhos chorando luz, e bôcca distillando
Palavras, mas palavras dum sabor tam brando!
Essa Mulher galante, e alta, e caprichosa,
Que a rir era uma estrella, e andar era uma rosa!
Essa moça que armou (abysmo que seduz!)
O peito em cemitério... os braços numa cruz!
Essa nevada loira, a amar os ideaes,
Foi falsa, vê lá tu, Miguel, como as demais!

Teci lhe, com amôr, um ninho fofo e bom,
De joias a luzir, e rendas d'Alençon!
Por fóra tinha o aspecto altivo dum castello;
E por escadaria nobre—o sete-estrello!
Por dentro era uma concha em mármore talhada,
Serena, interessante, alegre e complicada!...

E como eu fui sincero! e tanto que eu lhe quís!...
As cartas que lhe dei... os versos que lhe fiz...

Pois essa rapariga alegre como as bodas,
Foi falsa, vê lá tu, Miguel, como sám todas!

* * *

Vim para aqui. Deixei Coimbra, os sonhos meus!
Co'a Vida puz-me a mal; mas puz-me a bem com Deus!
Vim para aqui, p'ra a minha terra triste e feia,
Mas cá é mais bonita a luz da lua cheia...

As distracções é certo, é certo—andam de rastros;
Mas, em compensação, ficam mais perto os astros!..
A terra dos três *ff*—*feia*, *fria* e *farta*!...

Mas, não êste ainda o fim da minha carta:

Pediste-me p'ra ir fazer-te uma visita:
«Melhoras, Ladislau; melhoras, acredita...
Numa aldeia do Minho!»
Ah! sim, eu creio nisso!
O Minho é todo seiva; o Minho é todo viço;
E vive a gente lá sem mesmo qu'rer, Miguel;
Os raios sam de prata; as luas sam *de mel*...

Porém, não posso, não. Desculpa; tem paciéncia;
Faz mal a quem me estima, a minha convivéncia!
Estou insupportavel, crê; o meu nervoso
Irrita o mais pacato, e excita o mais bondoso!
Tenho noites e dias taes de tal quisília,
Que só me sinto bem no seio da família.
O médico, sereno, alvitra que é *mania*,
Doënça de poetastro, emfim—neurasthenia!
Será. Seja o que fôr, amigo, mas não vou...
Precocemente, até pareço um velho avô!...

Na minha terra, é certo, agora está-se mal:
Semelha—nem sei quê...—semelha um hospital!
Os Týsicos passeando aos grupos, aos cardumes,
Solteiros sem amôr; casados com ciumes!...
A febre estende os crepes, e a dôr o riso empana!

Que triste fim não tem a raça lusitana!...

O vê-los por aí,... sósinhos,... a tossir...
Não sei porque, mas faz lembrar neve a cair!
E é tal a pallidez das suas faces frias,
Que, quando a gente os vê, só reza *Avé Marias*...

Uma Týsica branca e loira, entre os diversos
Já pouco tem de vida!—Um dia fiz-lhe uns versos...
Uns versos!?...Sei lá bem, se um dobre de defuntos!
—Depois eu t'os lerei, quando estivermos juntos.

E é nisto em que se fecha, agora, a minha vida.
Monotona, banal, doënte, aborrecida.
Reparto esta existéncia aguada, entre dois pólos:
Os versos que componho, e a graça dos consolos.
(Porque eu inda possúo mil venturas sãs:
Ainda tenho Pae, e Mãe e cinco irmãs!)

A' quinta e ao domingo, envergo a minha *póse*
E vou ouvir tocar a música do 12.
Cavalheiros janotas; moças, com afan,
Tecendo madrigaes aos lábios de romã...
Depois, muita má lingua, e muito abraço falso!
Se ha escandalo passante—é tudo em seu encalço!
Se uma mulher extranha aqui chegou, não tarda
A ter apaixonados *D. Juans* em barda!...
E olhamo-la amorosos; e olhamo-la vorazes...
—Que grandes corações nós temos—os rapazes!...

Depois, fórma-se a *claque* impante, a rir, trocista:
«—Observa aquêlle andar! Tem modos de corista!
Não vês os olhos della abertos a carvão?...
E as ancas? e o carmin? e os braços d'algodão?»

Melhor é terminar aqui: Pouco interessa
O traço dum perfil, e o ar duma cabeça...
O teu bom coração pouca importância liga
Aos foros dum amôr e á raiva duma intriga.
Depois verás melhor (que um dia has de aqui vir.)

Esta vai longa já. E' tarde; vou dormir.

Ladislau Patrício.

EXPEDIENTE

Afim de acabar com mal entendidos, e costumeiras contra producentes, a administração da «Resistencia» declara, que não faz publicações gratuitas neste jornal, desde que não sejam de corporações de beneficencia e caridade, ou não tratem de questões de interesse publico.

Os srs. assignantes, porém, gosam do desconto de 50 p. c. em todos os réclames, communicados, ou annuncios que mandem publicar.

Esta administração, respeitando o procedimento differente que por ventura seja de uso nas administrações dos outros jornaes, que se publicam nesta cidade, tem a sua tabella de preços de publicações e é por ella que se regulará.

A administração.

Esteve nesta cidade, acompanhado de sua ex.ma familia, o sr. dr. Romão José da Cruz, de Amarante.

Devem entrar em circulação, no dia 28 do corrente, os cartões postaes, de resposta paga, creados pelo § 5.º, do art. 7.º do regulamento dos correios, e approvado por decreto de 14 de julho de 1902.

ANNUNCIOS

Alfaiataria Academica

AFFONSO DE BARROS

Acaba de chegar a esta casa o eximio tailleur Saturnino F. Grant, exgerente da Alfaiataria Amieiro, de Lisboa.

Rua Ferreira Borges
COIMBRA

Arrenda-se

No páteo pequeno da Inquisição, uma boa casa que póde servir para celleiro ou para qualquer associação.
Trata-se na rua Ferreira Borges, 95.

Companhia de Seguros Indemnisadora
PORTO
Toma seguros nesta cidade
João Lopes de Moraes Silvano

Paris em Coimbra

NOVA ALFAIATARIA
DE
J. M. de Vasconcellos
Ex-contramestre da casa
Affonso de Barros

Este já bem conhecido alfaiate comprou em Lisboa tudo o que ha de novidade em fazendas para a proxima estação, que vende por preços que nenhuma outra casa póde imitar, pelos encargos que tem com os contra-mestres.
Em elegancia e gosto é escusado o reclame, porque já é conhecido de todos os que se sabem vestir.
ESTRADA DA BEIRA (Junto ao Gymnasio)
COIMBRA

COSINHA POPULAR
Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31
Figueira da Foz
Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos,** continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.
Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis.**
O proprietário,
José Maria Junior.

Instrucção primaria

Octavio Neves Pereira de Moura, professor official da freguezia da Sé Nova, abre no proximo anno lectivo um **Curso prático de Instrucção primaria.**
Largo da Feira
COIMBRA

Executam-se com promptidão e modicidade de preços na Typographia de Manuel dos Reis Gomes, Rua da Moeda, 12 e 14 — COIMBRA.

TRABALHOS COMMERCIAES

Consultorio dentario
Figueira da Foz
Rua Fresca, 43

Herculano Carvalho
Medico pela Universidade de Coimbra

De 15 de Agosto a Outubro—Consultas das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

Collegio Mondego

Continua este collegio a leccionar todas as classes dos Lyceus, bem como **INSTRUCÇÃO PRIMARIA** e o **CURSO COMMERCIAL.**

Os alumnos de instrucção secundaria podem frequentar o collegio ou o Lyceu.

As aulas de **Francez, Inglez** e **Allemão** pratico continuam a ser regidas por professores das respectivas nacionalidades.

O praso para a matricula nas classes da Nova Reforma termina em 25 do corrente.

O director,
Diamantino Diniz Ferreira.

CONCURSO

A Administração do Concelho da Louzã, devidamente auctorisada, abre concurso documental, por espaço de 30 dias, contados da 2.ª publicação deste annuncio no *Diario do Governo*, para provimento dum logar de amanuense com o vencimento annual de 120$000 réis.

As petições dos concorrentes devem ser instruidas com os documentos indicados no decreto de 24 de Dezembro de 1892.

Louzã, 6 de Setembro de 1902,
Arthur Fernandes de Carvalho.

Scenas da vida

Apezar de na quarta feira não ser dia de S. Bartholomeu, o diabo parecia que andava ás soltas em Fóra de Portas.

Nada menos de dois casos de sensação ali succederam; casos a que mais propriamente se deve chamar occorrencias lamentaveis.

Foi o seguinte:

Uma Nossa Senhora, cujo primeiro nome é Anna, tem uma filha de tamanho pequeno, mas com uma linguasinha de prata e dum comprimento respeitavel.

Por causa de ralhos de *senhoras visinhas* a pequenita trazia enfredados os seus progenitores e um morador do mesmo predio, de nome Joaquim Carlos de Brito, do que resultou uma rixa, que causou uma desgraça.

A Nossa Senhora, julgando-se uma Maria da Fonte, ameaçava de dentro de casa e por um postigo, com uma moca, o phisico do Brito; este, por seu turno, jurava pela pelle á valentona e tratou de a esperar.

Como era de prever, morando no mesmo prédio, deu-se o encontro entre os dois belligerantes e emquanto a Anna tratava de ir buscar a tal móca, qual D. Roberto dos fantoches, o Brito deu-lhe uma ripada na cabeça, tam puchada, que lha partiu.

Gritos *aqui del rei*, da espevitada da filha; clamores da visinhança que accudiu; fuga do aggressor, que vendo a contendora por terra deu ás de Villa Diogo.

E tudo isto se passou perto da casa do regedor da freguezia, que em lugar de accudir e tratar de prender o Brito, se recolheu a penates, deixando correr os marfins, como vulgarmente diz o povinho.

A Anna Nossa Senhora, ficou transformada num lazaro, vindo receber curativo á pharmacia Viegas; mas como os seus soffrimentos se aggravassem, foi conduzida em maca para o hospital, onde se encontra em perigo de vida.

Este foi um dos acontecimentos; agora vamos ao outro.

*

Numa pedreira situada na Ladeira da Forca, em Fora de Portas, andava trabalhando o cabouqueiro José Ferreira.

Ou por imprevidencia ou por qualquer accidente emprevisto, desabou em cima do infeliz uma barreira. Emquanto elle se tratava de livrar das terras e pedras que o cercavam, desabou nova barreira, que o soterrou.

Accudiram lhe rapidamente, livrando assim o infeliz duma morte affrontosa.

Ficou com alguns ferimentos no corpo e com grandes contusões, sendo levado em maca para o hospital, onde se encontra em tratamento, sendo o seu estado pouco satisfatorio.

E digam lá se por Fóra de Portas, na quarta feira, não andava o diabo ás soltas!

O diabo e até, quem sabe, o filho mais velho.

Em todas as localidades nós procuramos pessoas que queiram arranjar rendimentos supplementares pela venda d'um artigo de collocação facil.
Offertas sob K. 687, a HEINR. EISLER, Hamburgo.

Bom emprego de capital

Vendem-se, juntos ou separados, dois prédios contiguos, de sólida construcção, com quintal e poço de água com bomba, numa das ruas do centro da Baixa de Coimbra, que se prestam para estabelecimento, fábrica, hotel, collégio ou habitação de numerosa familia.

Prestam-se esclarecimentos e recebem se propostas na Drogaria Villaça, Rua Ferreira Borges.

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:	
Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680
Sem estampilha:	
Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

IMPORTANTE

LIQUIDAÇÃO DE FAZENDAS!!

D'UMA

CASA DE MODAS DE LISBOA

Só por 3 dias!!

45 — RUA FERREIRA BORGES — 47

COIMBRA

Um grande saldo de mais de quatro mil metros de fazendas para vestidos — novidade — em armures, cachemiras, diagonaes, populines e outros tecidos de phantasia, que eram de 600, 800 e 1$000 a 350!!

Um saldo de castelletas infestadas, pura lã, para vestidos, a **150**!!

UM GRANDE saldo de córtes para vestidos de **LUXO**, entre 20 e 60 mil réis, vendem-se quasi de graça!!

Um grande saldo de ricos tecidos d'algodão, alta novidade, em cassas, plumetis — silkets — foulards — Luisines e outras novidades, que eram de 400, 500, 600 e 800 a **240**!!

Um saldo de fazendas pretas, infestadas a 300!!!

UM GRANDE saldo de ricos tecidos de lã, pretos, novidade, que eram de 800, 900, 1$200 a 400!!!

Um grande saldo de lindissimas granadines de seda de côres, que eram de 800 e 1$000 a **360**!!

Saldo de flanellas, fustões e escocezes d'algodão, que eram a 240 e 300 o metro, a **130**!!

Um saldo de ricas toalhas de linho, para rosto, que eram de 800, 1$000 a **400**!

Grande saldo de lenços de seda, que eram de 1$000 e 1$200 a 550!

Um saldo de bons cintos de couro, a 360!!

Um grande saldo de ricos lenços de seda, que eram de 1$800, 2$000 e 2$400 a 1$000!

Um saldo de cintos d'alta phantasia e novidade!

Um saldo de leques a 100 e 200.

Um saldo de lenços de malha (pretos) a 100.

Grande saldo de cortinados de crochet, que eram de 4$000, 5$000 e 6$000 a 1$800!

UM SALDO de bôas de gaze e tulle, alta novidade, que eram de 12$000 a 3$500!!!

Um saldo de saias de baixo, de côr, a **600**!!

GRANDE saldo de ricas gravatas de seda, que eram de 600, 800 e 1$000 a 200!

GRANDE SALDO de toalhas de linho, muito superiores, para meza de jantar, que eram de 2$000, 3$000 e 4$000 a 1$200!!!

Um saldo de sombrinhas de seda de cor, para senhora, que eram de 6$000 a 2$000!!

Um saldo de ditas d'algodão, de phantasia, que eram de 3$000 e 4$000 a 1$200!!

Um saldo de ricas toalhas turcas, de phantasia, para rosto, que eram de 2$000 a 800!!

Um saldo de boas camisas brancas, para homem, que eram de 1$500 a 600!!

Um saldo de blusas de zephir, para senhora, que eram de 1$600 e 1$800 a 600!!

SÓ POR 3 DIAS

Aproveitem a occasião

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 733 | COIMBRA—Quinta-feira, 18 de Setembro de 1902 | 8.º ANNO

O nosso estimado assignante

Nas mais pequeninas coisas se nota o profundo grau de decadência e miséria moral a que chegou a sociedade portuguêsa.

Para esta desorganização tem contribuido a imprensa em grande parte, levada umas vezes inconscientemente pela imitação de processos gananciosos, abusivamente introduzidos no jornalismo, outras vezes, muito reflectidamente, pela exploração interesseira do reclame bem pago.

Ha, nas typographias dos jornaes, phrases sempre compostas, que o typógrapho sabe collocar no lugar devido e do costume, phrases que toda a gente lê sem espanto, embora, se reflectir, as julgue em sua consciencia injustas.

Pelas referencias diárias do jornalismo português pode-se saber approximadamente o nome e o número dos seus assignantes.

Ha uma phrase, que se reproduz com insistencia:—*o nosso estimado assignante.*

E a imprensa parece indicar que toda a estima pelas pessôas lhe vem apenas da boa qualidade, que possam ter, de pagarem a sua assignatura.

Os nossos estimados assignantes sam os primeiros em cada classe, só elles têem valor, reconhecido, dia a dia, nas columnas do jornalismo português.

E assim se lêem, sem admiração e sem um correctivo consciente de justa indignação, as noticias diárias, suggeridas pela villêsa da exploração mercantil das profissões honestas.

Muitas vezes é inconsciente êste papel da imprensa, que vai levada por uma informação, que julga auctorizada, e pelo desejo, natural em cada um, de ajudar os que julga collaborarem na mesma obra.

Concorre para simplificar a obra dos que fazem escala pelo reclame falso, o augmento, sempre crescente, do campo de laboração da imprensa.

Hoje, cada jornal é uma página de encyclopédia: tratam-se diáriamente todos os problemas, e de preferencia os mais complicados e mais escuros, os que, segundo uma phrase tambem consagrada, se acham na tela da discussão.

Quem aproveita com as difficuldades diárias, em que a curiosidade doëntia do público põe o jornalismo, é *o nosso estimado assignante*, que, por si ou por outrem, se faz valer e acreditar.

Assim é que *o nosso estimado assignante* apparece numa apotheose falsa provocada pela luz sagrada da imprensa, como um raio benéfico de sol accende ás vezes o fógo de artificio que a ignorancia preparou para festejar um santo milagreiro.

E assim se passa a vida de glória reclamada de *o nosso estimado assignante.*

E assim se chega ao fim da vida, que fecha na imprensa o necrológio tantas vezes mentido por um erro de falsa piedade.

O nosso estimado assignante julga-se com direito ao appoio incondicional do jornal que assigna.

Se é accusado, conta com elle para evitar canceiras, na commodidade que ha em desviar uma questão, quando é tratada por outro.

Se o jornal não entra de vez na campanha dos interesses do assignante, *o nosso estimado assignante* devolve o jornal e fica-se á espera da satisfação, que permitta á sua dignidade offendida continuar nas columnas do jornal a ostentação da sua vida sem desdouro de réclame.

E chegou a tanto a susceptibilidade de *o nosso estimado assignante*, que, quando o jornal não dá conta da passagem, sempre notavel, do seu anniversário natalício, o devolve no dia immediato.

E parece isto a todos a cousa mais natural do mundo.

E não ha nada mais profundamente desconsolador do que ver como a imprensa contribue para a má educação do *nosso estimado assignante*, desde os seus mais verdes annos.

Começa a vida, auxiliando o reclame do pae, quando apparece á luz na imprensa *o robusto filho do nosso presado asignante.*

No exame de instrucção primária, vem a imprensa gabar a intelligência precoce do sympáthico filho do *nosso estimado assignante.*

E os jornaes dos partidos politicos começam fazendo distinções, affirmando a superioridade dos filhos dos *estimados assignantes* sobre os outros, os que não podem fazer pagar o reclame.

A obra deprimente da política é accentuada pelo reclame dos professores, que se acreditam com a influéncia social das pessoas, que lhes confiam os filhos.

Assim apparece um factor novo viciando a obra da imprensa.

Quando casam, a imprensa gaba os dotes e a educação primorosa dos filhos dos nossos estimados assignantes.

E assim vae andando a vida na exploração do reclame, *o nosso estimado assignante*, a quem ninguem ensinou a respeitar a dignidade da imprensa.

Mas conhece bem a força da imprensa...

Porisso acaba ás vezes jornalista o filho do *noso estimado assignante.*

E não é esse o menor mal, de que enferma, a imprensa em Portugal.

Até ao fim do corrente mês devem ser apresentadas na repartição de fazenda as declarações de todos os contribuintes, que desejarem pagar em quatro prestações as contribuições do proximo anno.

Amanhã tem logar no ministerio da fazenda a arrematação dum grupo de fóros pertencentes ao extincto convento de Cellas.

RAUL LINO

Espera-se brevemente em Coimbra o sr. Raül Lino, architecto bem conhecido pelos seus dotes artísticos pouco vulgares e pelo carácter de tradicionalismo português, de que sam impregnadas todas as suas concepções artísticas.

Raül Lino, que teve na Allemanha uma sólida educação artistica, aprendeu tambem lá o respeito pela arte tradiccional, o amôr pelas bellas obras do passado.

Por isso as construcções, que tem levado a cabo no pais, se reflectem o conhecimento e posse segura da arte de construir, revelam tambem excepcionaes dotes de sentimentalidade artística.

Por os seus desenhos, pelas suas aguarellas dum toque tam fino e delicado parece que será possivel dar um carácter próprio e nacional á habitação portuguêsa, que se vai desnaturando e perdendo o pouco que tinha de original na imitação grosseira das construcções pretenciosas dos architectos francêses, amantes do pittoresco.

Ao passo que no extranjeiro todos os artistas se preoccupam com os effeitos decorativos sempre novos, que podem obter-se com o azulejo polychrómico, nós, que, no passado, fizemos um uso brilhante dêste meio de decoração, abandonamo-lo quási por completo, deixando-o caír nos padrões vergonhosos da indústria cerámica de Lisbôa e Porto.

Quando todos os críticos d'arte reconhecem a belleza da casa do Renascimento, as qualidades que a habitação particular reüniu excepcionalmente no século XVI, e que mais tarde foram desapparecendo, nós, que temos espalhados por todo o país tantos exemplares daquellas construcções tomando em cada região uma feição própria e local, deixamos sem estudo êstes curiosos restos do passado, e os architectos tem procurado nos edificios monumentaes, nas igrejas dos conventos a inspiração que deviam ter buscado nas habitações particulares.

Raül Lino é uma curiosa excepção nêste movimento.

Raül Lino encontrará nas reliquias das habitações da Renascença, que tanto o impressionam, e de que ha tam curiosos restos em Coimbra, motivos novos de inspiração.

O MUNDO

Completou, na terça feira, dois annos de existencia êste illustre collega de Lisboa, superiormente dirigido pelo nosso valente correligionario sr. França Borges.

O Mundo, que com os melhoramentos que ultimamente soffreu, é um dos jornaes mais bem feitos que actualmente se publicam, continua prestando optimos serviços não só ao partido a que pertence, mas á sociedade em geral, por meio de justas campanhas de saneamento moral, em que se tem empenhado com todo o enthusiasmo e vigor.

Ao nosso distincto collega, pelo seu anniversario, enviamos sinceros parabens, fazendo votos pela sua longa existencia e prosperidades.

Desafinação

No último número do *Instituto* escreve o sr. dr. Bernardino Machado no artigo—*Notas dum pae:*

«Quem é em Coimbra o grande inimigo do professor,—não falando no maior de todos os inimigos, que é sempre outro professor—?

O doutor, que não pôde ser professor.

E do doutor?

O bacharel formado, que não pôde ser doutor.

E do bacharel formado?

Todos os que não puderam ser bachareis formados.

E quem sabe mais que o gato, que mato o rato, que roe o muro, que ampara o vento, que desfaz a nuvem, que encobre o sol, que derrete a neve, que o meu pé prende?

E' o sr. conselheiro Bernardino Machado!

Logo a seguir continúa sua ex.ª:

«Alguns individuos, aliás muito intelligentes e instruidos, passam metade do dia a fazer tolices e a outra metade a arrepelar-se por as ter feito.

O sr. conselheiro Bernardino Machado anda só aos meios dias.

A última *nota:*

«Não basta fazer as coisas, é preciso fazê-las bem. Ha pessôas que fazem immenso, mas só com immensa paciencia se podem aturar.

O sr. conselheiro Bernardino Machado vai no 3.º volume das *Notas dum pae...*

Matriculas na Universidade

O *Diario* publicou um decreto regulando da fórma seguinte os serviços universitarios com referencia á procuradoria.

«1.º Prohibindo aos empregados da Universidade, de qualquer cathegoria, tratar ou procurar directamente ou indirectamente os negocios academicos, remunerados ou gratuitos. Aos empregados que infringirem as disposições serão applicadas as penas das leis e regulamentos da policia academica.

«A agencia dos negocios universitarios exercida pela Philantropica será auxiliada por todos os empregados de secretaria.

«Essa agencia terá uma tabella de serviços, que será approvada pelo reitor.

«Os documentos da agencia, que entrarem na secretaria, terão a chancella do presidente da Sociedade Phylantrópica. O despacho e expediente desta agencia será preferido a quaesquer outros que no momento não sejam urgentes e imprescindiveis.

«Na abertura e encerramento de matriculas serám tambem preferidos os académicos que as solicitarem ou requererem, por intermédio da dita agéncia, exceptuando os que pessoalmente se apresentarem.»

Partiu para Lisboa o sr. João de Oliveira Mendonça Cortêz, proprietario da fabrica de moagens *A Confiança*, que foi expressamente para assistir á reunião de moageiros, que vai realizar-se na capital.

O motivo da queixa dos moageiros é o não poderem dar com os trigos duros exlstentes no mercado, farinhas de boa apparéncia, fazendo pão regular, e não poderem importar do extranjeiro trigo com que possam misturar o nacional.

Queixam-se tambem do Estado, que reconhecendo a crise que êlles atravessam e a má qualidade dos trigos nacionaes, mandou vir do extranjeiro trigo por fórma a obter nas padarias militares um pão regular, abrindo assim uma excepção condemnavel.

Já tem, pelo que se vê, o exclusivo da importação do trigo exótico.

Ainda o governo ha depedir o monopólio da falsificação.

O diabo é que os moageiros parecem resolvidos a dar ao governo má farinha eleitoral.

Sam como os trigos nacionaes—duros de roër.

BRIC-A-BRAC

Ditos, e Casos Succedidos neste r.no que tem galantaria, e discriçam; e alguns taõbem fôra delle

E' raro que eu acabe qualquer coisa.

E ninguem começa um estudo novo com tanta vontade como eu.

Ao principio não sei fallar noutra coisa a toda a gente, depois, passada a primeira alegria, que me dá a descoberta dum fato curioso e desconhecido, vou-me desinteressando pouco a pouco, até acabar por esquecer de todo o que a principio me trazia tam alvoroçado.

E' tal o esquecimento que ás vezes fico sem saber se publiquei já artigos, em que fallei a toda a gente.

Mas nunca dou com artigo publicado e esquecido que o não trate como um amigo, que não veja, ha muito tempo.

E demoro-me ás vezes a ver se me recordo do dia alegre, em que encontrei aquêlle caso raro, do tempo que andei, só a pensar nelle.

A's vezes uma phrase faz-me lembrar um dia inteiro de alegria, outra recorda me horas lentas de trabalho, seguindo na investigação um fio errado.

Assim é com os amigos, que a gente encontra, e não tem visto, ha muito tempo.

As horas bôas, que se passam, a recordar alegremente tristezas e alegrias passadas...

Assim é com os amigos velhos.

E não tenho eu melhores amigos, que mais alegria me dêem e com quem falle, mais a coração aberto, do que o pouco que escrevo.

Hoje, por acaso, ao arranjar uma desordem nova os meus livros, encontrei, pronto para a imprensa, um *linguado* de papel, que li a rir.

Era um fragmento do manuscripto da Bibliotheca da Universidade—*Ditos e Casos Succedidos neste r.no que tem galantaria*—e que eu me havia esquecido já de ter começado a publicar na *Resisténcia.*

Dizia o manuscripto:

Hum fidalgo Flamengo, que veyo a Portugal, dizia, q̃ lhe contentavam m.to os costumes Portuguêses; mas q̃ tinhaõ hum mal m.to grande, *Que se não faziam honrados senão com o q̃ tiravam dos outros.*

Dizia hum Italiano, *Que não sabia que couza era esta fidalguia del Rey de Portugal donde todos os fidalgos o queriam ser.*

Hum Judeo a que outros consolavam no Sambenito, com que sahio, disse: *Que não lhe pezava, senão porq̃ não tinha mangas.*

Tam dezavergonhados sam quasi todos.

Mandando o Duque de Aveiro pedir a hum Conigo húas azemelas emprestadas, e pondo lhe no principio da carta o *Senhor* em regra; e respondeo o Conigo, *que havia de mister as azemelas p.ª lhe mudarem o Senhor de baixo p.ª sima.*

Contando hum fidalgo Portuguez a outro q.do se descobrio a India e como acharam aquella terra, e quam rica era; mas q̃ deviam os Portuguezes levar m.to dinh.º de cá p.ª comprar as especiarias, disse o seg.te: *Visto isso, parece-me q̃ elles sam os q̃ nos descobriram a nós.*

Dizia hum fidalgo a D. Henrique de Menezes, que os Castelhanos sempre se gabavam huns a os outros, e engrandeciam a sua terra, e que os Portuguêses pelo contrário. Respondeo D. Henrique: *Huns, e outros mentem.*

D. Henrique de Menezes devia ser fidalgo dos quatro costados—dois de Portugal e dois de Castella...

T. C.

A sepultura de Pedro Alvares Cabral

A egreja da Graça, em Santarem, edificio precioso, pela delicadêsa da execução dos detalhes, pelas sepulturas que encerra e pelas obras com que o estylo da Renascença o decorou, ameaça ruína próxima.

Como em todos os edificios góthicos, os gigantes expostos á acção destruidora do tempo, perderam a solidês antiga e a capella mór e as paredes lateraes, principalmente a do lado esquerdo, precisam ser reforçadas ou reconstruidas.

No orçamento do anno vigente foram destinados 600$000 réis para a consolidação da abóbada, achando-se o trabalho em via de execução.

Por mais duma vez se tem aventado a ideia de construir um túmulo monumental a Pedro Alvares Cabral, que aí se acha sepultado em capella própria, digna de ser vista e estudada por mais de um motivo.

Agora o sr. Abel de Carvalho acaba de fazer appello á gratidão dos brazileiros, reclamando para o descobridor do Brasil a consagração do monumento tumular, que já tiveram Camões e Vasco da Gama.

Assim se exprime o sr. Abel de Carvalho, expondo o fim da memória que acaba de publicar:

Eis a origem da presente memoria.

Poucos recursos bastarão para tão nobre fim.

Afigura-se-nos inacreditavel que, para o tumulo de Cabral, elles não se encontrem no Brasil e no coração de todos os brasileiros.

Descobridor de um mundo, não será possivel que nesse mundo replecto de riquezas, por elle descoberto, não haja um óbolo para o seu tumulo.

Sobre os magnificos sarcophagos occupados pelas cinzas de Camões e de Vasco da Gama, na igreja de Belem, lê-se que forão elles construidos por disposição testamentaria do sr. Simão José da Luz Soriano.

Iniciativa brasileira, obtida a necessaria autorisação, póde realisar o mesmo em relação a Pedro Alvares Cabral, se não com tanta pompa e magnificencia, pelo menos com o mesmo amor e a mesma fervorosa admiração.

Foi o seu alto feito que abriu as portas do Brasil a todas as gerações que successivamente ali tem vivido.

Que a nossa, ao menos, eleve acima do chão a sua sepultura, e ampare o tecto da igreja hospitaleira que a guarda.

A pedra tumular de Cabral é uma pagina immensa de historia e de moral, profunda lição para todos os da nossa raça.

Quem, em presença d'essa sepultura, não se reconciliará com a adversidade e a ingratidão?

A cinza ardente do glorioso morto, semelhante a um fóco sagrado, reconforta o coração o mais desalentado.

Altissimos são os preceitos que ella ensina, o desinteresse associado á immensa grandeza dos commettimentos, a pobreza reunida á gloria e á immortalidade, a serena conformidade com o olvido.

A excelsa memoria de Cabral arrebata o espirito na sua poderosa idealização.

Delle tambem póde dizer se o que Chateaubriand escreveu de Washington: «nas florestas do mundo onde fulgiu a sua espada, levantáram-se cidades.»

Absortos e commovidos deante de tanta gloria e tanto esquecimento, ouvindo o passado anciar no ambiente impregnado de recordações immorredouras, foi o berço da nossa patria que divisámos sobre a sua campa ancestral.

Ha quatrocentos annos aquelle morto immortal espera da generosidade de dois povos, um tumulo digno do seu feito e da sua gloria.

Conquanto avessos a contrariar a vontade dos heroes, e tendo o maior respeito pelos que consagráram a sua vida de abnegação por uma última vontade de humidade e modéstia, não podemos deixar de admirar a nobrêsa de sentir que dictou êste opúsculo.

Na nossa opinião, conservar-se-ia a campa e a capella, sem addicionação dum monumento inutil.

A verdadeira obra a fazer é a conservação da egreja no respeito que impõe o amor pela arte e pelas tradições sagradas da pátria.

Foi determinado pela Direção geral da instrucção publica uma segunda época de exames nos lyceus centraes de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Evora e Viseu, que começará no 1.º dia útil de outubro e terminará no dia 9 do mesmo mês.

As clausulas para a admissão destes exames são as seguintes:

A estes exames só poderão concorrer os alumnos do periodo transitorio aos quaes faltem até 3 disciplinas para concluirem os cursos dos lyceus, nos termos da legislação em vigor. Os alumnos que provem faltar lhes uma disciplina preparatoria para determinados cursos de instrucção superior, carreiras e misteres para que seja sufficiente habilitação os exames singulares, os exames que os alumnos de que trata a alinea antecedente, fizerem, em virtude desta concessão, sómente prevalecerão para o effeito da matricula nos cursos superiores ou carreiras e misteres, que tiverem indicado, o que deve ficar consignado nos respectivos termos e mais documentos.

O prazo para apresentação dos requerimentos começará no dia 16 do corrente e terminará pelas 4 horas da tarde do dia 30 do referido mez. Para estes exames é dispensavel o attestado de que trata o artigo 9.º e seu § 1.º do decreto de 20 de outubro de 1888.

As propostas para os jurys de exames seram enviadas pelos reitores dos lyceus á direcção geral de instrucção publica até 23 do corrente.

Ao professor primario elementar do Bolho sr. Manuel Joaquim da Silva Pereira, foi concedida a aposentação com a penssão annual de 85$000 réis.

A direcção das obras públicas deste districto adquiriu por ajuste particular, o fornecimento de madeiras de eucalypto para raparação na ponte da Portella.

CONTAS

Pela commissão dos festejos da rua Ferreira Borges realizados em honra da rainha Santa Izabel, foi publicado o relatório da receita e despêza, dos ditos festejos, de que em seguida damos o extracto.

A commissão, como em tempo dissemos, compunha-se dos srs. António Dias Themido, António Vieira de Carvalho, António Ferreira Pereira, José António da Costa Pereira e José Cannas, e empregou os maiores esforços para bem se desempenhar do seu mandato, e conseguiu, apezar do pouco tempo de que dispôz, dar uma nota nova nas ornamentações da festa tradiccional de Coimbra.

Doc. n.º 1—35 aranhas....	$400
» » 2—seis dúzias de fogo.....	1$800
Doc. n.º 3—Transporte de bandeiras.....	$330
Doc. n.º 4—Conta de cordas.....	3$710
Doc. n.º 5—Idem de Corrêa, Gaitto & Cannas..	3$630
Doc. n.º 6—Idem da Companhia do Gaz.....	106$000
Doc. n.º 7—Idem de Adriano Marques.....	23$000
Doc. n.º 8—Idem do Bico Aureo.....	121$100
Doc. n.os 9, 10 e 11—Idem de flôres.....	71$100
Doc. n.º 12—Idem de António Elyseu.....	67$000
Doc. n.os 13 e 14—Idem de Albino C. da Silva....	1$700
Doc. n.º 15—Idem de António Ferreira Pereira....	3$315
Doc. n.º 16—Transporte de bandeiras para Lisbôa..	$506
Doc. n.º 17—Conta de Luis de Sousa Conzaga.....	21$000
Doc. n.º 18—Idem de Bernardo de Carvalho.....	71$000
Doc. n.º 19—Idem de António Dias Themido.....	8$580
Doc. n.º 20—Idem de António Vieira de Carvalho...	6$665
Doc. n.º 21—Idem de Joaquim Fernandes.....	6$000
Doc. n.º 22—Diversas miudezas.....	1$640
Doc. n.º 23—Photographias.....	6$000
Carretos.....	5$000
Gratificações por serviços extraordinários.....	15$000
Idem á Fanfarra dos Orphãos.....	20$000
Impressos.....	5$000
	569$665
Importância offerecida á Associação das Créches de Coimbra.....	8$335
	578$000
Receita.....	578$000
Despêza..... 569$665	
Offerecido á Creche..... 8$335	
	578$000

Mortuária

Falleceu ontem, nesta cidade, o sr. dr. Francisco Eduardo d'Almeida Leitão e Cunha, distincto revisor da imprensa da Universidade, e que ha tempo se encontrava enfermo.

Era um caracter honesto e bom, gosando de geraes sympathias em Coimbra.

Na politica é que não fez carreira, talvez por a sua honestidade não convir aos corypheus partidários.

Antes assim.

Que descance em paz o illustre finado, e sua dorída família receba o nosso cartão de pezames.

Apezar da irregularidade do tempo da semana, que vai correndo, não tem diminuido a concorrência de visitantes a Luso e ao Bussaco.

Os hoteis em Luso têem ainda o ar hospitaleiro das antigas hospedarias portuguêsas, em que o viajante encontrava sempre o sorriso acolhedor, e o serviço alegre e prompto.

Está a cosinha sempre aberta, para cada um ver o que come, e mais duma senhora enfarinha as suas mãos brancas de patrícia, douradas já pelo sol da serra, a ensinar o manjar difficicil, um dôce raro da cidade.

A batalha de flôres, improvisada em alguns dias teve um éxito brilhante, animador de outras festas e diversões.

Tudo correu na maior animação, no côro alegre dos risos provocados pelos artificios de imaginação de cada um para supprir o que se não podia conseguir por falta de tempo, e de recursos naquella linda terra socegada, onde a gente vai preso pela saüdade das árvores e das fontes.

A terra é deliciosa e as burras não fugiram ainda á concorrência dos automóveis, e continuam com os seus nomes bizarros, na alegre faina de andar devagar, como se deve andar para deixar psssear socegadamente os olhos.

Encontra-se ha dias em Luso, com sua ex.ma familia o nosso dedicado correligionario sr. dr. Eduardo Vieira, dignissimo notario nesta cidade.

— Na Figueira da Foz está a banhos o distincto clinico sr. dr. José Rodrigues d'Oliveira.

Por um prospecto que nos foi remettido pela respectiva commissão, vemos que se devem realizar pomposos festejos, nos dias 17, 20 e 21 do corrente na Villa de Ceia, por occasião de de serem benzidas as imagens do Coração de Jesus e S. José.

Desastre

Na terça feira, pelas 4 horas e meia da tarde, deu se um triste acontecimento, ao Caes, que deu em resultado o menor António Simões, de 11 annos, do lugar do Ingote, ficar com as pernas partidas.

O carreiro Mannel dos Santos da Quinta da Boa Vista, ía muito repimpado em cima do carro de bois, que guiava, mas querendo fazer concorrência aos automóveis, tratou de picar os animaes, que largaram numa correria doida, atropellando o Simões, que ficou em lamentavel estado.

Depois de receber os primeiros curativos, foi conduzido ao hospital onde se encontra em tratamento.

O carreiro êsse deu entrada na esquadra, donde será removido para a cadeia, afim de responder pelo desastre, que a sua imprevidéncia e brutalidade occasionou.

A Associação Instrucção Popular da Figueira da Foz, foi revogada, nos seus estatutos, a parte respeitante aos artigos 31.º e 32.º, por serem incompativeis com o artigo 36.º do codigo administrativo, as suas disposições.

Na Praça 8 de Maio vae ser collocado um kiosque para a venda de pão, pertencente ao sr. José Bento Correia.

O kiosque é feito pelo carpintêiro sr. Manuel Sarmento.

Brevemente devem chegar a está cidade afim de darem entrada na penitenciaria cinco presos vindos das cadeias da Relação do Porto.

Tem hoje logar na Figueira da Foz, na séde do Gymnasio Club Figueirense, um *match* de athlética, entre os *sportmen* srs. João d'Azevedo desta cidade, e Ruy Alves da Cunha, de Lisboa.

Melhorou consideravelmente o estado sanitário de Coimbra, tendo desapparecido quási por completo a varíola e o sarampo, que este anno grassou com tanta intensidade nesta cidade.

Inspecção Geral dos Impostos

A «Bibliotheca Popular de Legislação, com séde na Rua de S. Mamede, III, Lisboa, acaba de editar o *Regulamento para o serviço da Inspecção Geral dos Impostos e do respectivo Corpo da Fiscalisação*, seguido de todos os *mappas e modelos*, e em harmonia com a segunda publicação feita no *Diario do Governo* de 1 de setembro do corrente anno, visto a primeira, inserta em 11 de agosto ultimo, ter soffrido importantes rectificações; é esta a *unica* edição que está conforme com a nova publicação feita na folha official. O seu preço é de 160 réis, franco de porte.

Já começou o pagamento, que andava em atrazo aos distribuidores telegrapho-postaes desta cidade, ficando porém ainda por pagar os da Pampilhosa, Goes e Arganil.

Este pagamento costumava ser feito no principio do mês com a regularidade, que exigia a mesquinhez do salário desta classe tam mal remunerada.

Para restabelecer a regularidade da paga dos honorários, vam os distribuidores de Coimbra, pedir, como é de justiça, que sejam pagos pela fôlha dos empregados, ficando assim a receber no principio dos mêses como se fazia antes de se pôr em prática o último regulamento.

---

(46) **Folhetim da "RESISTENCIA,,**

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA

DO

CONVENTO

XXI

Por acaso não tinha recebido ella, Mademoiselle de Croisy, o juramento supremo que não tinha nunca fundido os labios de Mademoiselle de Villy e de Emmanuel?

Não lhe pertenceria no futuro aquelle homem, cujo peito quente lhe parecia sentir ainda junto ao seu? Mesmo a distancia, devia elle sentir se envolvido pela sua respiração medrosa, como ella andava sempre envolta no seu halito ardente; os seus braços estavam ligados por forma a não poderem esquecer o laço, e tinham-se entregado tam completamente um ao outro que, se o mundo cahisse entre elles, não seria capaz de os separar.

Herminie não tinha a consciencia da sua falta, não ouvia senão o grito do sacrificio ainda vibrante, e a voz clamorosa da paixão.

Se Alice morresse, não haveria mais ninguem entre ella e Argouges.

Não tinha consciencia do fundo criminoso daquelle pensamento; teria acreditado então no que o capellão do convento chamava *os decretos da providencia*, e o egoismo feroz, que é como a flôr sangrenta do amor, teria feito empallidecer até á apagar a amizade dedicada e enganada de Mademoiselle de Villy.

Mademoiselle de Croisy estava hirta, direita sobre os braços do fauteuil que estalavam de vez em quando, sob a crispação das mãos.

De tempo a tempo, quando a respiração de Alice se interrompia, debruçava-se sobre o leito numa attitude equivoca. De resto ninguem podia ve-la, a creada de quarto dormitava no gabinete de toilette.

Mas a doente ficava mais animada depois de cada momento de repouso. Pela manhã, quando o primeiro alvorecer, filtrando pelas persianas, deu uma luz pallida e vacillante á chama cançada da lampada, Alice abriu pesadamente os olhos, depois sentou-se sobre a cama.

— Ah! disse ella, olhando para Mademoiselle de Croisy.

— Conheces-me? perguntou Herminie, que se levantou logo.

— Conheço, respondeu a custo a doente.

Mademoiselle de Croisy chamára a creada de quarto.

— Vá buscar, disse ella, o caldo que mandou o medico.

Estava só, bem só com Alice. Ella podia fallar.

— E Emmanuel? continuava Mademoiselle de Villy.

Os olhos della procuravam, espantados, por toda a parte. Depois accrescentou:

— Já te não beija as mãos?

— Era a brincar.

— A brincar! Mas onde estou eu? O curral... lembro me do curral...

— E' verdade. Fallava-me de ti, minha doida, e enternecia-se a fallar de ti, e da nossa amizade.

— Não comprehendo nada, disse Mademoiselle de Villy passando as mãos pela testa.

— E todavia é bem simples.

— Mas os vossos dedos estavam apertados, os labios beijavam-se.

— Argouges, muito expansivo, depois duma conversa que tinhamos tido, e que interessava ao vosso futuro, beijava me os dedos, dizia elle, em signal de reconhecimento pelo affecto, que eu te tenho.

— Ah! Não sei! suspirou Alice deixando cahir a cabeça sobre o travesseiro.

Levantou a porém, quando a creada lhe apresentou a chavena de caldo.

— Beba menina, disse a creada, beba e ficará sã e salva; com isto tenho esperança que já amanhã a heide vestir.

Mademoiselle de Villy bebia de vagar, com os olhos sempre erguidos para Herminie, como se tivesse querido ler-lhe o pensamento no olhar.

— Obrigado, disse ella em voz baixa.

E deitou-se outra vez, com um braço estendido pela borda do leito, o outro dobrado sobre o peito, os labios fechados, as palpebras immoveis, sem forças para voltar á vida.

Assim a encontraram Villy e o dr. Touzaud, que Herminie mandára avizar. Alice não correspondeu á efusão de palavras do pae senão por um aceno de cabeça e um aperto de mão!

A avó, que chegára ao mesmo tempo, não foi mais feliz tambem, e voltou-se, como o filho, aterrada para interrogar o medico.

Pierre Touzaud socegou-os com um gesto, que queria dizer: *tudo vae bem.*

— E' o estado estupido, que segue fatalmente a crise, dizia um momento depois a Lambrune.

Apenas Madame de Villy entrou no quarto, Herminie desappareceu.

— Vá-se agora deitár, minha cara filha, dissera a avó de Alice. Vá descançar.

Deitar-se! Descançar! Então, menos do que nunca, ella poderia descançar.

Só vira Emmanuel na vespera, á hora de jantar, e parecera-lhe que elle evitava qualquer occasião de conversarem. Talvez que a prudencia assim o exigisse, mas nunca ella poderia entrar em concorrencia com o amor, sobre tudo no extremo, em que uma mulher, que deu todo o seu ser se arrisca a perder aquelle a quem se entregou.

Herminie sentia na cabeça, perturbada ainda pelas vigilias, como o dobre dum sino, cujo som lhe echoava nos ouvidos, e atravessava lhe o cerebro uma dor lancinante, como se tivesse enterrado um dos pregos do seu cabello.

Não podia mais: era necessario remover as difficuldades da situação, precipital-a em proveito proprio, ladeal-a parecia impossivel. Se era mau fallar, escrever era peior. E porque não havia de escrever? Infelizmente não era aquelle o primeiro receio de se comprometter e Argouges podia lêr tudo, sem ter o direito de se espantar. (*Continua.*)

CARTAS DA PROVÍNCIA

Figueira da Foz, 15—9—902.

Os amantes de touradas, a immensa cohorte de *afficionados*, que polulam por esta formoza praia, andam nos ares.

Preparativos e mais preparativos, para a tourada do proximo domingo, eis do que tratam todos aquelles que anceiam por ver, com os *aviamientos* em punho, a insigne Maria Salomé, *La Reverte*, como vulgarmente é conhecida, no vasto redondel do *Colyzeu Figueirense*.

E na verdade o attrativo é de primeira ordem e certamente chamará numerosa concorrencia á nossa praça, que é sem contestação uma das primeiras do pais.

La Reverte é em extremo querida em todas as terras onde tem trabalhado, e certamente na Figueira deixará saudosas recordações a todos quantos tiveram a fortuna de a ver na faina.

Viva tu madre, viva tu padre, viva tu abuelo, ermoza chica, serám os gritos que os espectadores enthusiasmados soltaram no domingo, ao verem a guapa toureira em frente dos *bichos*, já com bandarilhas, já com o capote, já com os *aviamientos*, simulando a sorte da morte, quando os afficcionados lhe gritem: *mátalo, mátalo*.

E na verdade ella é bem capaz de matar todos os varões, assignalados e e não assignalados, que fite com aquelle par de olhos, que sam mesmo uma tentação e, por vezes, uma perdição, para quem os desejar e não poder alcança-los.

Os touros para a corrida sam do *ganadero* de Coruche, sr. Ernesto Ferreira Jordão, devendo tomar parte na *brega* os cavalleiros João Mercelino e Joaquim Alves e os bandarilheiros Torres Branco, Thomaz da Rocha, José Coelho, e os hespanhoes Joaquim Perez, Cypriano Borgued, Juan Morales e Joaquim Alceniz.

Emfim uma tourada como *Dios lo manda* e os amadores sonham, mas poucas vezes apanham.

No passado domingo realizou-se, no solar do sr. visconde de Maiorca, um lauto *pic-nic*, a que assistiram perto de oitenta cavalheiros e damas, tanto portuguêses, como da colónia espanhola, idos desta cidade.

Os convidados foram para Maiorca em bicycletes, automóveis e trens, sendo o último a chegar aquêlle em que iam os srs. drs. Jardins, conforme noticia o correspondente daquella localidade para a *Gazeta da Figueira*.

Bem se diz lá: os grandes homens chegam sempre tarde, para a entrada ser mais sensacional.

O *pic-nic* teve lugar numa vasta eira da quinta, que o sr. visconde alli possue, correndo cheio de animação e alegria.

Os convidados retiraram se satisfeitíssimos e em extremo penhorados para com os seus amphitriões.

O que nós não pudemos averiguar é se, no regresso, tambem o carro dos srs. drs. Jardins veio por último, o que muito bem podia ser, pois lá diz o Evangelho: os últimos serám os primeiros.

COSMOPOLITA.

S. Silvestre, 11—9—902.

Correram bem os festejos do Sacramento, neste pittoresco logar.

Por certo que se não terám arrependido as pessoas, tanto de Coimbra como de outros pontos, que a elles vieram assistir.

Para se assemelharem ás festas da Rainha Santa, em Coimbra, só faltou imprimirem-se programmas, pois, estas como aquellas, começaram por *repiques festivos de sinos*, e acabaram por *mastro de cocagne*, *corridas de frangos*, etc.

No sabbado, o fôgo de artificio, que fôra encommendado a um pyrothechnico dessa cidade, não produziu mau effeito.

No domingo, saiu da egreja matriz a procissão do S. Sacramento, sendo muito concorrida de irmãos, que conduziam 85 ánjos.

Era acompanhada pela philarmonica *Taveirense*.

E' muito para louvar o procedimento do sr. regedor substituto desta freguezia, sr. Antonio Corrêa Pacho, pela maneira correcta como se houve na manutenção da ordem durante os festejos, assim como merecem os nossos elogios, pela organização dos mesmos *festejos*, os mordomos, srs. Antonio Dias, Francisco Neves, Antonio Chegança Ramalho, Manuel Antonio e Sant'Anna.

Correram animadas até ao alvorecer, nas noites de domingo e segunda feira, as danças em dois magnificos pavilhões, que para êsse fim tinham sido construidos, sendo um no Terreiro do Paço, proximo á egreja, e outro ao fundo do logar.

O vento, porém, é que não quiz que se dançasse no pavilhão do Terreiro do Paço, sem lhe fazer das suas, pois arremessou lhe com a cúpula, de panno, para o ar. Foi depois o diabo, porque as raparigas ficaram possuidas de medo e não queriam ir dansar com receio de ficarem *alapadas* debaixo daquelle grande *cobertor*.

Não aconteceu assim ao do fundo do logar, onde as *coisas* correram melhor, não sei se devido ao *commando* do nosso amigo Manuel Mendes Lopes, que dirigiu as dansas em todas as noites até pela manhã, hora a que todos dispersaram. No entanto, as raparigas do pavilhão do Terreiro do Paço, ensaiadas pelo sr. José da Silva Beirão, tambem nos mereceram elogios pela forma como se apresentaram.

Já me esquecia dizer que no domingo, houve missa cantada a grande instrumental e que subiu ao pulpito, ao Evangelho, o reverendo prior desta freguezia, sr. Fernando Augusto dos Santos Velloso; e *Te-Deum*, de tarde, pregando o rev.º prior de Souzellas sr. José Pinto Machado.

MARQUÊS.

Bibliotheca Municipal

A camara de Penacova vai estabelecer nos Paços municipaes daquella villa, uma bibliotheca, para o que anda pedindo o auxilio de várias pessôas, afim de o melhoramento ser levado a effeito o mais rapidamente possivel.

E' um emprehendimento louvavel, e que devia ser seguido pelas demais municipalidades, onde não existem bibliothecas públicas.

Companhia Horticola

Acabamos de receber o catalogo illustrado n.º 36 que a Real Companhia Hortjcolo-Agricola Portuense vem de distribuir. E verdadeiramente notavel.

E um volume de 240 paginas, illustrado com numerosas gravuras, e n'elle se encontra mencionadas e descriptas todas as plantas que esta Companhia tem á venda no seu estabelecimento, vantajosamente conhecido pela extensão e importancia das suas culturas.

Nas plantas de estufa: Begonias, orchideas, palmeiras, fetos e muitas outras que seria longo enumerar.

Nas plantas de ar livre: Arbustos diversos e de collecção, taes como azaleas, rhododendrons, fuchsias, pelargonios, para cima de 700 variedades de camellias e cêrca de mil variedades de roseiras.

Plantas ornamentaes, trepadeiras, vivazes, bolbosas e tuberculosas; arvores de folhagem caduca e persistente e coniferas ou arvores resinosas.

Em fructeiras encontra-se o que ha-de melhor e de primeira qualidade: Numerosas variedades de macieiras e pereiras, tanto nacionaes como extranjeiras, ameixieiras, cereijeiras, pecegueiros, laranjeiras, etc., e videiras das melhores qualidades, tanto para vinho, como para meza.

Além d'estas plantas encontram-se sementes de numerosas variedades de hortaliças e plantas hortenses, de flôres e pastos, etc., assim como diversos artigos horticolas e agricolas, taes como: Emplasto para enxertos, ligaduras, tinta indelével, colmeias moveis e seus accessorios, etc., etc.

Finalmente, todas as collecções d'este antigo e acreditado estabelecimento são valiosissimas, e mais uma vez repetimos que no seu genero é o primeiro da Peninsula.

Nas salas da nossa redacção está patente o catálogo recebido para ser consultado por quem o desejar,

Creança salva

Verdadeiro caso de salvavida restituiu ao affecto da Ex.ma Sr.ª D. Maria Augusta da Costa, sua sobrinha Laura, que se achava em risco de vida.

A Ex.ma Sr.ª que habita no Porto, rua de Francos, n.º 179, explica na carta, a seguir, como se operou tal successo.

Todas as mães lerão com interesse essa carta, particularmente as que têem creanças, cujo estado de saúde lhes dê cuidados. Alli acharão, pois, e dada por uma verdadeira mãe adoptiva, preciosa indicação, que, consciosamente observada, fará recobrar ás creanças a saúde e ao espirito das mães o apetecido socego.

«E' com prazer que lhes participo que as Pilulas Pink, tomadas por minha sobrinha, deram os mais satisfatorios rezultados. Chamá-se Laura e tem 13 annos d'idade esta creança, que é toda a minha alegria. Não podem imaginar o meu desespero ao vêr ir augmentando todos os dias os estragos causados na minha pobre sobrinha pela anemia, de que soffria.

Essa terrivel molestia haveria sem duvida roubado o ente querido aos meus affectos, sem a virtude maravilhoza das Pilulas Pink, que foram o bastante para que em poucos dias recobrasse as côres, a alegria, a saúde, emfim, que julgára inteiramente perdida.

Mando-lhes incluza a photographia de minha sobrinha e verão como agora respira saúde, e será mais uma prova de que affirmo a exacta verdade.»

Um ponto fica de todo estabelecido pelos milhares de attestados a que accresce o que vae acima publicado, e é que as Pilulas Pink são soberanas na anemia. Muita gente por ahi anda anemica, e que de tal não desconfiam, mas a quem, em um breve futuro, aguardam bastantes soffrimentos.

Util, pois, se torna apontar aqui os symptomas, por que vem a ser conhecida uma pessôa como anemica. Tez pallida, labios e gengivas descórados, baforadas de calôr com palpitações e esfalfamentos, ameudadas dôres de cabeça e tontices, por vezes desmaios demorados e dezarranjos digestivos; eis a anemia!

Diminue a quantidade de sangue e sobretudo diminue a densidade e a quantidade dos globulos que contem.

Periga o doênte e esse estado de fraqueza pode ir levando se de manso até á tisica.

Reagir então ao menor de taes symptomas. Reconstituir o sangue degenerado, com as Pilulas Pink, que debellam victoriosamente a anemia.

.....

A um medico foi confiado o encargo de responder gratuitamente a todas as informações relativas ás pillulas Pink, que forem pedidas aos srs. James Cassels & C.º, no Porto.

As pillulas Pink foram officialmente approvadas pela Junta Consultiva de Saude. Estão á venda em todas as pharmacias pelo preço de 1$000 réis a caixa e 5$000 reis as 6 caixas.

Deposito geral para Portugal, James Cassels & C.º, successores, Rua Mousinho da Silveira, 85—Porto.

ANNUNCIOS

Instrucção primaria

Octavio Neves Pereira de Moura, professor official da freguezia da Sé Nova, abre no proximo anno lectivo um **Curso prático de Instrucção primaria.**

Largo da Feira
COIMBRA

Casa para arrendar

Arrenda-se uma boa morada de casas, com tres andares e grande quintal, na rua João Cabreira, 21.

Trata-se com seu dono Alipio Augusto dos Santos, rua do Visconde da Luz, 60.

Escola Nacional de Agricultura
CONCURSO

Perante o director da Escola Nacional de Agricultura, nos termos do Decreto de 24 de Dezembro de 1901, está aberto concurso por 15 dias, a terminar em 3 de Outubro proximo, para a admissão dos alumnos até ás vagas existentes.

São condições para a admissão:

Não ter menos de 12 nem mais de 18 annos.

Ter sido vaccinado, não padecer molestia contagiosa e ter bastante robustez para a vida agricola.

Ter o curso preparatorio conforme a tabella C, junta áquelle decreto, ou as habilitações equivalentes em qualquer escola official do reino ou colonias, alem do exame de instrucção primaria do 2.º grau.

São preferidos os individuos que apresentarem maior numero de habilitações, os filhos de lavradores, os que requeiram para internos e os que façam na Escola os exames preparatorios, devendo estes declarar desde já quaes as disciplinas que lhes faltam e comparecer na Escola no dia 10 de Outubro proximo, por 10 horas da manhã, afim de responderem ao exame d'essas disciplinas.

Os alumnos a quem foi permittido repetição de exames devem comparecer na Escola no dia 4 de Outubro e as aulas, para todos os alumnos, abrem no dia 15 do mesmo mez.

Escola Nacional de Agricultura, 16 de Setembro de 1902.

O Director,

Antonio Augusto Baptista.

Collegio Mondego

Continua este collegio a leccionar todas as classes dos Lyceus, bem como **INSTRUCÇÃO PRIMARIA** e o **CURSO COMMERCIAL.**

Os alumnos de instrucção secundaria podem frequentar o collegio ou o Lyceu.

As aulas de **Francez, Inglez e Allemão** pratico continuam a ser regidas por professores das respectivas nacionalidades.

O praso para a matricula nas classes da Nova Reforma termina em 25 do corrente.

O director,

Diamantino Diniz Ferreira.

Espingardas

VENDAS A PRESTAÇÕES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges = COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria. Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

Alfaiataria Academica

AFFONSO DE BARROS

Acaba de chegar a esta casa o eximio tailleur Saturnino F. Grant, exgerente da Alfaiataria Amieiro, de Lisboa.

Rua Ferreira Borges
COIMBRA

Arrenda-se

No páteo pequeno da Inquisição, uma boa casa que póde servir para celleiro ou para qualquer associação.

Trata se na rua Ferreira Borges, 95.

COLLEGIO DE S. PEDRO
COIMBRA

Rua Alexandre Herculano (Quinta de Santa Cruz)

Estatistica dos alumnos approvados no anno lectivo de 1901-1902

Instrucção primaria (2.º grau)

D. Idalina dos S. Pereira, 13 v.
D. Maria de N. Serra (D.) 15 v.
Abel Adelino de Sá, 11 v.
Arcadio A. da F. Vasco, 14 v.
Daniel Guedes dos Santos, 10 v.
Estevão A. d'Oliveira, 14 v.
Eugenio Sanches da Gama (D.) 16 v.
Gualter Ribeiro Alves (D.) 15 v.
Hamilton G. de Figueiredo, 12 v.
Jayme dos S. Pereira (D.) 15 v.
José Maria dos Santos, 14 v.
José d'A. Pereira Frazão, 10 v.
José Ferreira Cabrita, 12 v.
José Simões Cortez (D.) 15 v.
Pedro Vasques, 14 v.
Raul M. Simões Dias, 10 v.
Raymundo Jorge Coimbra (int.) 14 v.

Instrucção secundaria

Alumnos que frequentaram o collegio e que fizeram exame

De admissão á 2.ª classe (INTERNOS)

Eurico D. Barroso Tierno (7 BB.)
Januario Cavalheiro (D. 5 MB. MB. e 2 BB.)
Roberto A. Canellas (3 BB. e 4 SS.)

(EXTERNOS)

João M. Ladeiro (5 BB. e 2 SS.)
João R. da Silva Couto (5 BB. e 2 SS.)
Julio C. de S. Refoios (2 MB. MB. e 5 BB.)

De admissão á 3.ª classe (INTERNO)

Jeronymo M. de Lacerda (2 MB. MB. e 6 BB.)

(EXTERNOS)

Cesar d'A. Fontes (6 BB. e 2. SS.)
Eduardo Cardoso de F. (6 SS. e 2 MM.)

De admissão á 4.ª classe (INTERNO)

Humberto F. Costa Carvalho (1 B. e 8 SS.)

(EXTERNO)

Americo Vianna de L. (2 BB. e 7 SS.)

De admissão á 5.ª classe (INTERNO)

Adelino B. de Carvalho (9 SS.)
Alfredo M. Esteves (7 SS. e 2 MM.)
José A. M. Barbosa (7 SS. e 2 MM.)

De sahida do curso geral (INTERNO)

Ximenes Cerveira O. Vaz (2 BB. e 7 SS.)

(EXTERNOS)

Adelino S. de Carvalho (3 BB e 6 SS.)
Alvaro M. Machado (3 BB. e 6 SS.)
Antonio A. V. Raposo (1 B. e 8 SS.)
Ismael de Sá C. Sampaio (n'outro lyceu.)
Luiz Mendes (9 SS.)

Alumnos que frequentaram o collegio e que passaram pela media

Para a 2.ª classe (INTERNOS)

Antonio E. da Costa Agria.
Carlos A. d'Oliveira Esteves.
Eduardo de Queiroz Godinho.
Henrique Fernandes Ruas (Distincto.)
João de Menezes Fernandes Costa.
D. Pedro de Castro.

(EXTERNOS)

Mario E. da Silva Cardoso.
Armando R. de Castro (Singular.)

Para a 4.ª classe (INTERNO)

Belarmino Ribeiro do Amaral.

Para a 5.ª classe (INTERNOS)

José de Seiça Ferrer.
José Antunes d'Oliveira.

(EXTERNOS)

Antonio Mendes Junior.
Carlos A. Falcão (Singular.)

Alumnos internos que frequentaram o Lyceu e que passaram pela media

Para a 2.ª classe

Alberto Barreto de Carvalho.
Antonio Bebiano Correia.
Antonio d'Oliveira Zuquet.
Armando de Freitas Cortezão.

Para a 3.ª classe

Alfredo da Silva Lopes.
Jorge da Cruz Jorge.
José Ribeiro Telles.

Para a 4.ª classe

Joaquim Pereira Machado.
Julio da Silva Lopes.

Para a 7.ª classe

Adelino da Silva Lopes.
Evaristo Pessoa Jorge.

Alumnos internos que frequentaram o Lyceu e que fizeram exame

De passagem á 3.ª classe

Mario Serrão Burguet.

De passagem á 4.ª classe

Antonio H. Cardoso Norte.

De sahida do curso geral

Amavel Jardim Grange.

De passagem á 7.ª classe

Francisco Ribeiro Telles.

Não se admitte nenhum alumno, como interno, que tenha completado 13 annos na occasião da primeira matricula.

Nenhum alumno póde ser matriculado na 1.ª classe sem apresentar certidão de idade e a de instrucção primaria; e em qualquer outra classe sem a de passagem ou approvação em exame de classe anterior áquella que pretende frequentar; porém, se se acha inscripto no Lyceu de Coimbra, o director do collegio encarrega-se de a mandar tirar, se assim o desejarem.

Todas as aulas reabrem no dia 2 de Outubro.

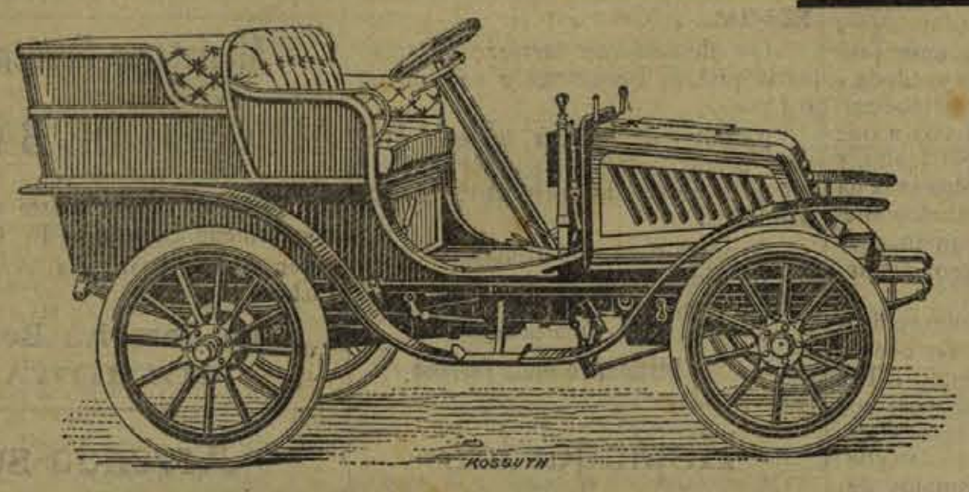
Coimbra, Collegio de S. Pedro — Setembro de 1902.

O Director e proprietario.

Maximiano Augusto Cunha.

EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

AUTOMOVEIS "DARRACQ,,



Para mostrarmos que os **"Automoveis Darracq,,** além de serem

Os mais elegantes, os mais baratos e os que menos gazolina gastam

Sam tambem

Os mais sólidos e os mais ligeiros

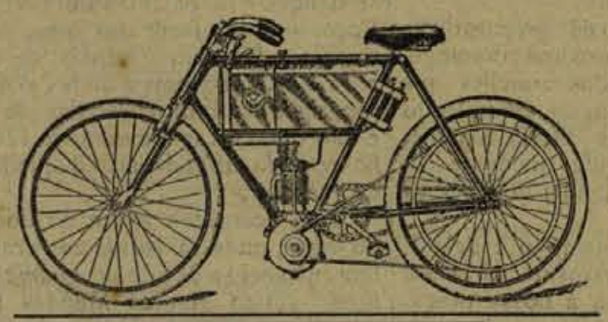
basta ennumerar algumas das suas victórias nêste anno:

1.º prémio na corrida da subida da Turbie

1.º prémio na corrida de Nice ═══ *1.º prémio no Circuit du Nort*

Nas grandes corridas París-Vienna bateu com carros do máximo 24 cavallos as carruagens «Dainler» de 40 cavallos, «Mors» de 60 cavallos e 6 carruagens de Panhard Levasseur de 70 cavallos!! ganhando o 1.º prémio na série de Vaituret; 2.º, 3.º, 4.º e 5.º na série de Vaituret legere e o prémio de classificação geral.

MOTOCYCLETTE "WERNER,,



A **Motocyclette WERNER** de 1 ¾ de força não precisa de rèclame, contudo diremos que nas corridas Paris-Berlim, Paris-Bordeaux e nas subidas de Gaillon e Turbie-Paris-Roubaire, Nice-Marseille, etc., etc., chegam sempre na vanguarda!

Nas grandes corridas *Le circuit du Nort* e Paris-Vienna quantas *Werners* partiram, quantas chegaram, apesar do grande temporal que fazia!! Déz de differentes marcas que disputavam o prémio nenhuma chegou!!

Recentemente em Portugal o Record Porto Lisboa feito debaixo de chuva e com estradas em péssimo estado.

Motores LURQUIN-COURDET de 1 ¼ cavallos de força applicavel a qualquer bicyclette

Adaptam-se nas nossas officinas e garante-se a sua superioridade a qualquer outro de egual força.

Dos automoveis "Darracq,, da motocyclette "Werner,, e do motor "Lurquin & Courdet,, sám unicos agentes em Portugal

LEÃO, MOREIRA & TAVARES — "Empreza Automobilista Portugueza,, — Coimbra

---

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos,** continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis.**

O proprietário,
José Maria Junior.

Mêsa rica

Thomás Pombar com estabelecimento de bric-a-brac, tabacos e occulista na rua Ferreira Borges, em frente ao Arco d'Almedina, tem para vender uma mêsa de pau preto e sándalo, com embutidos de marfim e obra de talha. Quem a pretender póde ir vêla ao seu estabelecimento onde está em exposição.

SILVA & FILHO

COIMBRA

Fábrica manual de calçados tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

LUCCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

Estabelecimento de chapeus para sol e chuva

DE

JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA

20 — Rua do Sargento Mór — 24

COIMBRA

N'este antigo estabelecimento se concertam e cobrem de novo guarda-soes, tanto de seda como de setim, de brilhantina ou de paninho.

Tambem se fazem guarda-soes novos e se fazem de varetas de todas as marcas, tanto redondas como elasticas, assim como todos os trabalhos concernentes á sua arte.

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo.

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

Consultorio dentario

Figueira da Foz

Rua Fresca, 43

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

De 15 de Agosto a Outubro — Consultas das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

"EQUIDADE,,

Companhia de Seguros

Vida de animaes, fogos, fianças e rendas de casas

Preços muito reduzidos

Correspondente em Coimbra

Joaquim Antonio Pedro

Em casa do Sr. Antonio Rodrigues Pinto.

Em todas as localidades nós procuramos pessoas que queiram arranjar rendimentos supplementares pela venda d'um artigo de collocação facil.

Offertas sob K. 687, a HEINR. EISLER, Hamburgo.

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de Cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmunar, frasco, 1$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. — Frasco 1$100 réis.

O remédio de Ayer contra sezões. — *Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remédios que ficam indicados sám altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cartharticas de Ayer. — O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL — MARCA «CASSELS»

Exquesita preparação para aformosear o cabello

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA — MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA — MARCA «CASSELS»

Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

Paris em Coimbra

NOVA ALFAIATARIA

DE

J. M. de Vasconcellos

Ex-contramestre da casa

Affonso de Barros

Este já bem conhecido alfaiate comprou em Lisboa tudo o que ha de novidade em fazendas para a proxima estação, que vende por preços que nenhuma outra casa póde imitar, pelos encargos que tem com os contra-mestres.

Em elegancia e gosto é escusado o reclame, porque já é conhecido de todos os que se sabem vestir,

ESTRADA DA BEIRA (Junto ao Gymnasio)

COIMBRA

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 » »

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 734 | COIMBRA—Domingo, 21 de Setembro de 1902 | 8.º ANNO

O jogo e a prophilaxia da tuberculose

A regulamentação do jogo tem no nosso país sido encarada sob três pontos de vista: augmento dos rendimentos do estado, o progresso e desenvolvimento das praias de banhos, e, o que não deixa de ser bastante interessante sob o nosso regimen de desmoralização, o effeito moral do jogo na família e na sociedade.

E ninguem se lembrou ainda de estudar o effeito da regulamentação do jogo sobre a saúde nacional, o que não deixa de ser tambem interessante, porque se debatia o problema da regulamentação do jogo exactamente na mesma occasião, em que funccionava um congresso de médicos na lucta contra a tuberculose.

Não nos parece que o problema não valha a pena de ser discutido e estudado pela sua importância e por se achar intimamente ligado ao problema da prophilaxia da tuberculose.

A solução do problema não se nos afigura fácil.

O jogo é um dos grandes dissiminadores da tuberculose.

O indivíduo tuberculoso deixa-se levar por todos os caprichos, arrastar para práticas condemnáveis por irritação nervosa, por necessidade doëntia de aparentar fórças que não tem, de alardear as poucas que lhe restam, comette com facilidade todos os excessos, e procura na vida e agitação artificial do vício a sensação rara, que lhe faça perder por instantes a obsessão da morte próxima.

O tuberculoso é jogador, e, como tal, é um verdadeiro perigo dissiminando a tuberculose em estações demoradas, na promiscuidade característica da casa de jogo.

E é tam exigente esta necessidade viciosa, que por vezes se tem visto em estações de altitude, reünirem-se, em barracas sem conforto para jogar, passando a noite e o dia, numa atmosphera viciada, que lhes vai apressando o fim da vida breve.

Estabelecido o jogo, os tuberculosos correrám ás praias, onde a sua estada constitue um perigo público, num país como o nosso, com leis insufficientes de polícia sanitária de que ninguem faz caso.

O perigo é tanto maior que as praias de banhos sam frequentadas por pessôas ameaçadas de tuberculose e que correm assim, com pretexto de adquirir robustez e saúde, a uma morte certa.

E' por isso que se não deve regulamentar o jogo para salvar as praias de banhos.

As praias de banhos foram creadas por exigéncia de saúde pública para fortalecer organismos, tem progredido em resultado da necessidade sempre crescente de combater a tuberculose; desde que se convertam numa causa de dessiminação da tuberculose estám condemnadas pelo mesmo princípio que deu origem ao seu estabelecimento e progresso.

O jogo, o *progresso* da praia, como os entende o vulgo sam um dos maiores agentes da dessiminação da tuberculose.

E basta pensar apenas no que se está actualmente dando na Figueira para ver claramente demonstrada esta asserção.

A Figueira foi uma praia encantadora, aonde toda a gente ia procurar a saúde e o descanço.

Esqueciam-se todos propositadamente que viviam perto de uma cidade. O bairro novo, Buarcos eram terras á parte, onde se andava á vontade, ao sol, ao ar vivificante do mar, na atmosphera resinosa e saüdavel dos pinhaes.

Por toda a parte se viam as creanças a brincar, como precisam, sobre a areia, descalços, de chapeus largos de palha que o vento bom do mar lhes puxava da cabeça, numa carícia, ao passar.

Toda a gente conhecia o caminho da Várzea, Tavarede, Quiaios, o cabo mondego e a costa que havia para além tam pittoresca, tam difficil de andar, mas de que se voltava com um apetite novo.

Toda a gente dormia na Figueira, e era bom dormir alli.

Veio o jogo; abriram-se ruas, todos abandonavam a praia, as senhoras frequentavam os casinos e levavam consigo as creanças, roubando-as ao ar saüdavel do mar.

Uma senhora vimos nós accordar uma creança que adormecera num concerto, para a acostumar a ouvir música, e a gostar della como ella, que era sua avó.

O pequenito branco e louro a pedir ar e luz e sol e exercícios que o robustecessem, caía a dormir, mal o deixavam.

E voltava a avó a accordá-lo.

Os hoteis augmentáram e desenvolveram-se mais; apezar disso, a accumulação de hospedes, o entrar continuado, o ruído de todos os dias ás horas dos combóyos, que se multiplicáram consideravelmente, tornaram a habitação nelles imprópria para quem vá para robustecer a sua saúde.

Por outro lado, a Figueira da Foz tornou-se uma estação elegante, e as senhoras, escravas submissas da moda, começáram a andar todo o dia na ostentação de *toilettes* e de joias.

Ora a moda é o agente mais terrivel da tuberculose, e em todos os países a voz dos médicos clama contra a fórma pouco natural dos vestidos, contra o seu papel de agente preparador de organismos facilmente tuberculizáveis, como dessiminadora da tuberculose.

Os hábitos de exercícios, tam salutares e necessários, foram postos de lado; a vida passou arrastada, longe do mar, á porta dos cafés.

As praias fóram creadas em nome da saúde pública, a ella devem o seu desenvolvimento e progresso, sam uma necessidade, mas uma necessidade reclamada pelos interesses sagrados da saúde pública.

A regulamentação do jogo, que condemnamos, nunca deverá consentí-lo nas praias.

Admittido o jogo, como necessidade pública, como mal inevitavel, deve prohibir-se sempre nas praias.

As estações officiaes de jogo devem fazer-se, longe do mar onde constituem um perigo para a saúde pública.

A regulamentação do jogo deve ser uma fonte de receita para o estabelecimento necessário de instituições sanitárias, que permittam ao povo português luctar vantajosamente contra a tuberculose que o dizima.

Talvez que com o robustecimento do corpo, venha a energia para combater o vício do jogo e os outros que enervam o pôvo português.

Karrilho & Companhia

Diz o *Diario da Tarde*:

«O comboyo que hontem partiu de Lisboa para esta cidade, pelas 4 e meia horas da tarde, foi assaltado, entre as estações de Albergaria e Caxarias, por uma horda de selvagens, que escavacaram todos os vidros do salão, depois de o alvejarem a tiros de espingarda. Pouco antes, haviam estado n'este compartimento os srs. D. Antonio Barroso, bispo d'esta diocese, Alberto de Figueiredo e outros cavalheiros conhecidos que, felizmente, retiraram antes da inqualificavel malvadez. As bestealidades d'esta natureza repetem se quotidianamente, ficando sempre impunes os criminosos. O desleixo das auctoridades competentes anima os na pratica de taes façanhas e a sua ousadia vae crescendo a tal ponto, que é hoje verdadeiramente perigoso viajar nas linhas portuguezas. Do caso, foi levantado auto pelo fiscal, sr. Bandeira, sendo enviada a respectiva participação para a Companhia Real. Vê-se que a proeza, posta em pratica por alguns estudantes de Coimbra, por occasião do convénio, fructificou lindamente. Os exemplos são cada vez mais notaveis. Agora, substituiu-se a pedra pela bala, que é mais definitiva e concludente!»

E' o proposito malevolo de fazer reviver uma questão esquecida.

Na sala dos capellos o bispo do Porto foi assuado pelos estudantes.

Agora é apedrejado pelos estudantes.

D'aqui a pouco será fuzilado pelos estudantes.

A imbecilidade de Emygdio Navarro fructificou.

A responsabilidade da multiplicação dos attentados ao comboio cabe á imprensa monárchica que durante mezes seguidos não tratou doutra cousa avolumando a importância dum facto insignificante, e assegurando que se repetiria sem impunidade.

A suggestão fez o seu effeito.

Os attentados multiplicáram-se, a culpa é de quem os suggeriu.

Excursão a Madrid

Ficou addiada para o dia 17 do proximo mez, com regresso no dia 26, a excursão que se devia ter realisado no dia 20 do corrente.

O addiamento foi feito a pedido da *Sociedade Sport Club*, de Lisboa.

A educação dum principe

Está salva a patria.

Póde dormir o povo descançado.

O principe herdeiro póde tomar conta do governo.

Já sabe fazer tudo o que faz S. M. El-rei seu pae.

De *O Jornal do Commercio*:

«Dizem nos do Alfeite que Sua Alteza o Principe Real, depois de receber muito amavelmente os cumprimentos das auctoridades de Almada, almoçou, deu um grande passeio em bicycleta pela quinta, e saiu á tarde, recolhendo para jantar.»

:

Está um principe acabado.

E não será talvez um *Principe Perfeito*...

Fausto Guedes Teixeira, o poëta tám conhecido e tám amado em Coimbra, vae publicar na casa Aillaud um novo livro de versos com o titulo de *Vida de lagrimas*.

O poëma, que é esperado com o interesse que dispertam sempre as obras do talento original e extranho de Fausto Guedes, deve ser posto á venda em principios de Outubro.

Theatro Circo

O Theatro Circo de Coimbra deve abrir no dia 22 do próximo mês de Outubro com a primeira d'uma serie de recitas da companhia de opera—Giovanini.

Tem-se feito obras importantes no theatro, por fórma a tornál o confortavel e fazer perder lhe o ar nú e frio, que lhe dava a falta de pintura.

Construiram se camarotes novos, que ficam ligando a geral ao proscenio.

Por baixo da nova ida de camarotes fica o balcão, reduzindo se assim consideravelmente o espaço da geral.

Nas portas collocaram se guarda-ventos para evitar as correntes de ar que antigamente eram um dos maiores defeitos do theatro.

O theatro e a lanterna foram pintados por o sr. Elyseu, no gosto do casino Oceano da Figueira, pintura que a desigualdade da construcção e o estado do estuque exigiram que fosse dum colorido mais quente.

Nas almofadas, que encimam as portas dos camarotes, pintar se ão emblemas da arte dramatica, e dos jogos de circo.

As varandas ficam a branco e oiro.

O pano e a bambolina serám reformados por Antonio Augusto Gonçalves.

Além destas modificações na sala de espectaculo fizeram se outras fóra, modificou-se o escriptorio, que ficou com uma pequena sala de visitas, e anda-se construindo o *foyer* dos artistas que terá um bello tecto de madeira, desenhado pelo sr. Benjamim Ventura, cuja competencia para este genero de trabalhos é bem conhecida.

Finalmente os camarins sám feitos de novo, o que bem necessario se tornava.

Poder se ha em breve ter em Coimbra uma casa de espectaculos digna da cidade.

A emprêsa, que está mostrando tám intelligente boa vontade deve pensar tambem no scenario e na mobilia de scena, que tem sido até agora vergonhosos.

E' digna de louvores a emprêsa pelos sacrificios que está fazendo, e que o publico, como estamos certos, saberá compensar.

Vam á praça no Ministerio da Fazenda, no dia 26 do corrente, fóros pertencentes ao convento de Santa Clara.

CARTAS DE CÁ

No casarão dos paços do concelho da Figueira, existe um muzeu interessantíssimo, que o indigena, em geral, desconhece e não vizita. Nêsse muzeu, á custa de uma grande somma de trabalho, de estudo, de despezas e de sacrificios, e graças aos esforços de Santos Rocha, um espírito emprehendedor, altamente culto, verdadeiramente dedicado á sciencia, um *raro*, emfim, encontra-se hoje um thesouro scientifico de primeira ordem.

A gentinha da nossa terra, ignorante, como poucas, não liga importancia a essas coizas, e, naturalmente, porá de lado esta minha carta. Não importa. No nosso meio, onde a mediocridade campeia e governa, e onde se alcunha, com um risinho de mofa, de *caturras*, assim como quem diz *gajos*, todos aquelles que trabalham desinteressada e probamente, é isso um costume velho, a que, infelizmente, estâmos habituados.

Por mim, rara é a occasião que, pessoas das minhas relações, e, diga-se a verdade, minhas amigas e bem intencionados, não me dizem:

—*Largue você a authropologia, homem. Para que diabo serve isso?*

E o bonito, é que entre ellas figuram professores, alguns dos quaes, o são, como poderiam ser qualquer outra coisa, comtanto que os deixassem papar, pelo menos, o conto e tal.

Sou um *caturra*, não ha dúvida, e, por isso, ingénuo, ou crianç, como lhe queiram chamar, enterneço me sempre e enthusiasmo-me quando encontro alguem, trabalhando desinteressadamente, alheio ás censuras dos outros, extranhos á politiquice reles, e gastando a sua vida no grato sacrificio de fazer qualquer coisa, util e perduravel, que a *massa* não percebe, que os cretinos abocanham, e que, no fim, felizmente trazem, o prazer grande, e o gozo incomparavel, qüe só experimenta o que trabalha, com gosto, e o que pode contemplar, com orgulho, uma obra sua, feita com toda a probidade e dedicação.

No domingo passado, deparei com um dos meus *homens*.

Foi Santos Rocha. Saboreei-lhe a palavra erudita e sábia, gozei, guiado pelo seu verbo authorizado, uma bella jornada, por esses tempos fóra, até uma das mais remotas *étapes* da civilisação, enthusiasmei me com a maneira brilhante porque o vi interpretar os traços minusculos de alguns ornatos, e as fórmas grosseiras de alguns silex, admirei o cuidado e o amor com que alli se trabalha e com que se reconstituem preciosas peças fragmentadas, enterneci-me com a narração dos sacrificios e dos trabalhos que custara a acquisição de aquelles interessantes despojos, sem valor e sem prestimo, para profanos: e, ao fim, sahi mais confortado e, mais animado para o estudo.

Na rua, cá fóra, a primeira pessoa com que topei, foi um *conselheiro* modelo, especimen de estupidez atrevida, que se guindara á custa de muita malandrice. E ao mesmo tempo, por mim se roçou tambem, um officialeco pimpão, de cerebro vazio, com as charlateiras a luzir, as fitinhas das condecorações colladas contra o peito, e que passava *liró*, fumando o seu charuto, e respirando todo elle um grande ar de importancia e felicidade.

A espada nunca lhe sahira da bainha, senão nos exercicios de parada, no quartel, e nos dias de procissões, quando o mandavam commandar a guarda de honra.

Uma vez prendera um malandrote, que lhe dera uma pançandinha, numa casa de alcouce, onde tinha um aconchego; outra vez (grande façanha!) batera, em carga cerrada, contra um grupo de bebados, que, num arraial, lhe chamara: *guita*.

E foi assim, com estas e outras mais, e com a padrinhagem do tio que tem trezentos votos, e mais do sogro que é chefe de secretaria, que elle go-

za hoje várias commissões, que tem várias medalhas, que nunca foi á Africa, e que até preteriu, numa pretensão, um pobre maluco, seu collega, que se entretem a escrever coisas sobre história ou zoologia, que tem o vicio do estudo, que caiu na patetice de ser honrado e independente, que não tem politica, e que, a estas horas está gemendo com febres, ou com uma balla no peito, ai para a costa da Africa, longe da familia, e sem conforto algum. (Um heroe, o pateta!)

A propósito disto, lembra-me uma história de um official, de altissimo valôr, que tem feito importantes trabalhos de anthropologia, e por quem perguntei a Santos Rocha.

Esse official, desejando ficar no Porto, num lugar, que lhe não trazia augmento de ordenado, mas que apenas lhe dava umas horas de folga, para trabalhar, foi recommendado ao actual presidente de ministros, e creio que tambem ao Pimentel Pinto, numa carta em que se fazia notar a lista brilhante dos seus serviços, e as condições precárias da sua vida.

Disse-se lhes que êste official acompanhara sua alteza o sr. Infante D. Affonso, na campanha á India, que se batera, que ao mesmo tempo que levava na mão uma espada com que trouxe um pouco de glória á sua terra, levava na outra a caixa dos seus instrumentos anthropométricos, com que fez um trabalho que honra a sciência pátria; disse-lhes que era pobre, que tinha mulher e 5 filhos; disse-se-lhes mais, que, no regresso da India, quando no caes de Lisbôa, as familias dos seus collegas corriam a abraçá-los, elle só, atravessara triste a multidão, por não ter alli a compartilhar aquêlle regosijo, a sua espôza e os seus filhinhos, e isto simplesmente, porque a pobre senhora, e as pobres criancinhas, não tinham vestido, nem fato em termos para o vir esperar!

E no fim, meus amigos, não só não se lhe deu o lugar que se lhe pedia, como tambem o mandaram agora para a Africa!

E é assim que se premeia o trabalho honesto entre nós!

A Inglaterra, glorifica os seus homens de sciência, fá-los até grandes do reino, senta-os na câmara dos lords, enche-os de honras e riquezas.

E nós, costa de Africa com êlles!

E viva o *patriotismo* minha canalha!

C. F.

Carta ao Miguel

Esta bella carta em verso, de Ladislau Patricio, publicada por nós, no numero passado, foi, infelizmente, victima de algumas desfeitas typographicas, e até do roubo involuntário de todo um verso.

Na impossibilidade de publicar agora novamente aquella poësia, limitamo-nos a apontar como emendas principaes, a intercallação do verso:

Na capa e na batina e em todo o que enverga,

entre os dois:

Não tenho a pallidez funérea que se enverga,
Aqui ha mais conchego, menos ha illusão;

e alem d'esta, a substituição da palavra *raios* pela *rios*, no verso:

Os raios sam de prata; as luas sám de *mel*...

E ao fim de tudo, que o nosso distincto collaborador nos perdoe!

O que será?

Conta uma folha elegante da capital:

«Como de costume, ha recepção de gala no paço da Ajuda, pelas 2 horas da tarde, no proximo dia 28, anniversario natalicio de Suas Magestades.»

Dizem as *Novidades*:

«Consta que Sua Magestade a Rainha não assiste ao beija mão do dia 28 no paço da Ajuda.

«Não nos parece que assim aconteça. Emfim, veremos...»

Que tudo acabe em bem:

Que el-rei baile, que el-rei dance,
que el rei dance de roda:

Ponha aqui, ponha aqui
O seu pesinho,
Ponha aqui, ponha aqui
Ao pé do meu...

QUESTÕES HOSPITALARES

Dos srs. drs. Elysio de Moura e Luís Viegas recebemos as cartas, que hoje publicâmos, e que se referem ao incidente desagradavel, a que deu lugar a notícia cómica de duas operações feitas nos hospitaes da Universidade.

Eram noticias dum reclame ingénuo, que devem ter sido lidas com interesse pela gente crédula do campo, mas que em Coimbra fôram levadas a rir, como expedientes de dentistas de feira a attrahirem o público ignorante das praças e arraiaes d'aldeia.

Estas operações cirúrgicas tinham, ha muito, em Coimbra, a designação burlesca, que consagra os expedientes da politica manhosa do sr. Marianno de Carvalho.

Chamavam-se a estas operações cirúrgicas, duma cirurgia tam simples, e tam banal, *operações bem combinadas*.

Dando hoje a publicidade devida á carta do sr. dr. Elysio de Moura, pedimos desculpa de só hoje o fazermos, mas estava a imprimir-se já o nosso jornal, quando nos foi communicada.

Seguem as cartas:

Ex.mo amigo e sr.—Ha pouco e casualmente encontrei no n.º 57 de *O Liberal*, que se publica nesta cidade, uma noticia sob a epigraphe —*Hospitaes da Universidade*,—referente a uma operação de crico tracheotomia alli feita pelo clínico interno, sr. Armando Gonçalves.

A circunstância de tal noticia haver sido *dada pelo Hospital*, como averiguei, embora se me occultasse o nome da pessoa que a forneceu, compelle-me a vir publicamente rectifica-la, na sua parte final, que é, como vou mostrar, menos exacta.

Nella se diz, com effeito, que o sr. Armando Gonçalves foi na referida operação auxiliado por mim, «clinico da enfermaria onde foi operado o doënte».

Poderá talvez pensar-se que a noticia não vale o trabalho da leitura; e effectivamente assim o creio.

Mas tambem é possivel que, dados certos factos que o público para que escrevo não ignora, alguem queira vêr nas palavras transcriptas, perfidia e cobardia além de falsidade.

E isto por não ser crivel que o informador houvesse tam rapidamente esquecido a sala onde fôra praticada a operação, e que foi uma muito differente e distante até das que fazem parte da enfermaria actualmente a meu cargo; portanto póde suppôr-se que aquella maneira de dizer quer disfarçadamente,—iamos a dizer insidiosamente, significar que eu não soube, não pude ou não quiz operar. e fui sollicitar do sr. clinico interno o favor de intervir; não tendo comtudo havido a coragem bastante,—o impudor bastante, iamos a escrever—, para a mentira descoberta.

Sim. Alguem poderá pensar que foram estas as intenções do auctor da noticia *dada pelo Hospital*. A mim, porem, repugna-me invencivelmente admitti-lo. Presumo que apenas houve um lapso na redacção,

Entretanto, movido pelo amôr da verdade e mui particularmente pelo intuito de impedir pelos meios mais simples e porventura mais efficazes, que de futuro venham a ser commettidos descuidos de maior gravidade e que envolvam o meu nome, venho succintamente expôr como se passaram os factos a que allude a referida noticia.

Na tarde do dia 4 do corrente, foi transportado ao Banco do Hospital, nos braços do pae, o menor F., que, em estado de asphyxia eminente pela presença de certo corpo estranho nas vias aereas, reclamava um tratamento urgente, inadiavel. O sr. clínico interno, depois de baldadamente se haver empenhado em provocar a expulsão daquêlle corpo, recorrendo aos meios que lhe aprouve, enviou pelas 8 horas da noite a minha casa um empregado do Hospital sollicitando a minha cooperação.

Compareci immediatamente.

Examinado o doënte, acordámos em que só uma intervenção cirúrgica, a crico-tracheotomia, poderia, ainda que com remota probabilidade, salvá-lo.

O sr. Armando Gonçalves, na sua qualidade de clínico do Banco, procedeu á operação.

Eu assisti; o auxilio que propriamente no acto operatório lhe prestei póde dizer-se nullo, como nullo foi o resultado colhido pelo operado, que morreu poucas horas depois.

Em summa. Em vez de se tratar dum doënte da minha enfermaria e operado pelo sr. Armando Gonçalves, como poderia deprehender-se da leitura das palavras que rematam a notícia *dada pelo Hospital*, trata-se duma creança que um accidente pôz em risco eminente de morte, que não foi operada na enfermaria que interinamente estou dirigindo, nem nella falleceu, nem nunca por ella passou; duma creança levada ao Banco longe da hora regulamentar da visita clinica, e reclamando soccorros immediatos, que só ao sr. clinico interno competia prestar-lhe.

Pela publicação desta carta, se confessa, sr. director, muitissimo grato — *Elysio de Moura*.

... *Sr. redactor*.—Peço a v. a fineza de publicar no primeiro número do seu conceituado jornal, a carta que escrevi á redacção do *Tribuno Popular*, e cuja cópia lhe remetto.

De v. etc.,

Coimbra, c. de v. 18 de setembro.

Luís Viegas.

Ill.mo e ex.mo sr. redactor do *Tribuno Popular*.

Só ontem e devido ao obséquio de um amigo, tive conhecimento de uma local publicada no n.º 4:829 dêsse jornal de 10 de setembro corrente, em que junto ao propósito de me ferir, se descortinam, sem necessidade de grande perspicácia, intuitos de outra ordem, tam transparentes que não vale a pena referi-los, nem mesmo para a fácil mas ingrata tarefa de os estygmatisar.

E' a local que se refere ao fallecimento de uma doënte que deu entrada na 5.ª enfermaria dos hospitaes da Universidade, no dia 5 do corrente, ao cair da tarde, já depois das 5 horas, muitas horas passadas portanto sobre a visita diária da enfermaria, feita ás 9 da manhã; doënte que tinha adoëcido gravemente na véspera, com symptomas *claros de estrangulação* de uma antiga hernia umbilical, conforme reconheceram os clínicos chamados a assistir lhe, srs. Armando Gonçalvez, Cruz Amante e Luís Rosette, segundo se lê no seu jornal e me referiu a própria doënte.

Nessa local, porém, a par de uma fórma ambígua e falta de precisão no dizer, ha uma tal desvirtuação dos factos e revela se uma ignorancia, certamente desculpavel, tam completa dos regulamentos hospitalares—na parte em que se referem aos deveres e reciprocas relações dos directores d'enfermaria e do clinico interno e ás obrigações que muito expressamente sobre este impendem—que me veria forçado a rectifica-los, como estou prompto a fazer, com o testemunho dos meus actuaes collegas no hospital e do pessoal hospitalar, se a referida local tivesse um nome a firmá-la.

Assim, nas condições em que foi publicada, limito-me a asseverar a V. Ex.ª que a sua boa fé e reconhecida integridade e rectidão de carácter foi illudida, fazendo votos para que não mais o seja por articulistas que se mostram tam falhos de escrúpulos como de respeito á verdade.

Creia, sr. redactor, nos protestos da minha maior consideração e no muito que lhe ficará grato pela inserção destas linhas o

De v. etc.

Coimbra, 17 de Setembro de 1902.

Luiz Viegas.

A *Fôlha de Coimbra*, tem feito a estas duas cartas justos commentários, estygmatisando o procedimento baixo de quem pretende ganhar a sua vida á custa do descrédito dos outros.

Mas permitta nos o collega que lhe digamos que a culpa das coisas terem chegado a esta situação desagradavel cabe em grande parte ás condescendéncias da imprensa.

Desde que se publicáram as primeiras notas de operações, poude a imprensa saber a pouca importância daquellas operações banaes, que de raro tinham apenas o nome téchnico.

Além disso alguns doëntes fôram observados por outros médicos e, conquanto se não pudesse fazer abertamente uso do que se sabia pelos accasos da convivéncia forçada duma terra pequena, ninguem ignorava o valôr que tinham os diagnósticos e as operações.

Devia-se por isso ha muito a imprensa ter recusado a publicar a lista de taes operações.

Assim o fez a *Resistência*.

Agora a questão está posta no terreno, em que devia ser; a *Resistência* aguarda porisso as explicações, que se esperam ás cartas dos srs. drs. Elysio de Moura e Luís Viegas.

Porque agora as noticias assumem uma gravidade maior, porque se tenta deprimir a honra, o saber e o carácter de médicos novos no principio da sua vida, na véspera dum concurso.

O resto pouco valia; passava sem uma palavra, no sorriso que disperta a vida das grandezas falsas nas terras pequenas.

Eram um pretexto novo de riso nesta bôa terra, as phrases de réclame gargarejado e cuspido de quem imagina que póde dar classificações e distribuir valôres, por fazer enfeites de retroz para capellos de doutor.

Automoveis "Darracq,,

Na carta da Figueira da Foz, que o nosso solícito correspondente nos enviou, e que hoje publicâmos, vem minuciosamente descripto o accidente que soffreu um automovel *Darracq*, vendido pela Emprêsa Automobilista Portuguêsa, com séde nesta cidade.

Deve estar satisfeita a Emprêsa com o succedido, pois ficou provado cabalmente, que os seus carros sam duma resistencia a toda a prova, caindo pela base o que andavam propalando: que os carros *Darracq*, embora fossem de elegante construcção e relativamente baratos, coisas que se não podem negar por serem evidentes, sam contudo frageis e defeituosos.

Quando a um carro succede um accidente como aquelle a que se refere o nosso correspondente, e resiste, soffrendo apenas damnos, por assim dizer, insignificantes, é necessário que a uma grande solidez reüna um perfeito acabamento.

E' caso para mais uma vez repetir: ha males que vêem por bens.

Caçadores de multas

Outro nome não merecem os fiscaes que por aí enxameiam pelas ruas da cidade, á procura de casos multáveis e arranjando-os por meios astuciosos quando não lhes apparecem doutra forma.

Sam bastante deprimentes os *trucs*, de que alguns dos taes *caçadores* se servem, para provocarem transgressões e assim se locupletarem, com as partes que lhes competem nas multas.

Ainda não decorreram muitos dias que um dos taes caçadores, entrou dentro de um estabelecimento, depois da hora regulamentar, pedindo vinho e insistindo com a pessôa que alli estava para que lh'o vendesse, apezar de êste lhe declarar, que não era o domno do estabelecimento e que, se alli estava, era porque tinha fallecido naquêlle dia a espôsa do domno da casa.

Deve-se notar, que as portas do estabelecimento que deitam para a rua, estavam fechadas e só se conservava aberta uma porta travessa, que deita para a escada por onde os moradores do prédio se servem.

Este caso deu se na rua da Moëda, e já por outra vez o tal fiscal tentou enganar o domno do mesmo estabelecimento, que não caiu em lhe dar aguardente que elle pedia, apezar das suas instáncias, por saber que elle costuma surprehender a boa fé dos commerciantes, usando semelhantes expedientes, para os multar, no caso dêlles lhe darem ou venderem, o que pede.

Na rua das Sollas, eguaes *trucs* fôram empregados pelo dito fiscal, para com o sr. Celestino Pires Rego, que tambem não se deixou lograr pelas espertezas saloias do explorador figurão.

Eis para que serve o exército de esfomeados fiscaes, que o governo lançou sobre todo o país, e que, julgando-se em terras conquistadas tratam de provocar transgressões em lugar de as prevenirem e obsterem a que se pratiquem, sendo uns verdadeiros agentes provocadores.

Nesta cidade, então, os abusos têem sido descabellados e a êlles, e por differentes vezes, nós, e alguns collegas locaes, nos temos largamente referido.

A quem competir se pedem providéncias, se nêste país ainda ha quem ouça e attenda reclamações justas que se façam.

E' prégar no deserto, sem querer converter infieis.

Norte e Leste

Nesta linha, entre as estações de Souzellas e Pampilhosa, partiu-se o veio da machina que rebocava o comboio ascendente, que devia chegar na sexta-feira, ás 10 horas da noite, do Porto, ficando impedido o transito de comboios, e tendo de haver trasbordos.

Desta cidade partiu um comboio com pessoal para proceder ás reparações da linha e estabelecer a circulação, pessoal que foi sob as ordens dos srs. inspector Corrêa e adjuncto Motta.

O desastre fez com que varios comboios chegassem atrazados, não tendo havido correspondencia entre alguns.

A linha já está livre, não havendo, felizmente, desgraças pessoaes a lamentar, segundo nos affirmam.

Ainda no último número noticiámos um acontecimento desastroso, a que deu lugar a imprevidéncia dum carreiro, que por tal motivo se encontra prezo, e já ontem vimos uns poucos de carreiros, em cima dos carros, a espicaçarem os bois, pelas ruas da cidade e no Caes!

Pelo visto, o succedido ao collega não serviu de licção aos taes homensinhos, que muitas vezes, em intelligencia, estám inferiores ao gado que conduzem.

Na Africa

Sam devéras consoladoras as noticias recebidas da Africa.

As columnas portuguêsas, em operações, têem-se coberto de gloria, sendo o gentio rebelde severamente castigado pelas depradações e morticinos que fa fazendo nos últimos tempos.

Tanto no Bailundo como no Barué, os soldados portuguêses mais uma vez se affirmaram não só pela sua intrepidez mas pela sua subordinação e genio soffredor, aguentando, sem murmurios nem revoltas, as maiores privações e fadigas, como dignos de outros dirigentes, e de outro regimen.

João de Azevedo Coutinho, esse bravo official que com tanta isenção, patriotismo e bravura, se tem evidenciado nos ultimos tempos, novamente se cobriu de louros, fazendo retumbar os sertões africanos com as suas proesas e justo renome.

Pelos telegrammas recebidos vê-se que as operações estam prestes a findar, com grande brilho e honra para o nome português.

No meio de tanta cobardia e baixeza, de tanta ambição e pequenez, faz bem ao nosso coração de patriotas; lêr as noticias vindas de Africa, onde os feitos dos nossos antepassados encontram quem os relembre, por meio de acções egualmente heroicas.

Hoje, porém, como então, bem podia ter mais utilidade para a pátria tam nobre sacrificio e tam grande esforço e valentia.

Juntamos, portanto, as nossas modestas saudações, ás que a imprensa e a parte honesta do país endereça aos valentes soldados, que em Africa defendem e honram a gloriosa bandeira das quinas, que nunca fôram tanto como hoje o emblema irónico e cruel dêste país chagado.

A exportação de vinhos realizada pela praça de Lisboa durante o mez de agosto ultimo, foi de 84:836$770, réis ou sejam menos 24:104$060 réis, do que no mez de julho. O valor deste genero, exportado desde janeiro a agosto do presente anno, foi inferior a réis 59:833$000 réis, do que no mesmo período do anno passado.

Sendo o vinho uma das nossas principaes fontes de riqueza, a diminuição nas exportações importa um aggravamento das nossas já precarias condições economicas.

Contudo o governo não toma sobre o caso as devidas providencias, procurando abrir novos mercados, preparando-se assim um futuro pessimo para os viticultores.

Mas as politiquices de campanario e as consolidações partidarias continuam em larga escala.

No vapor *Hersog*, com destino a Capetown e Durban, vão 50 cestos e 350 caixas contendo 90:000 ovos, no valor de 940$000 réis.

Que valente gemmada se fazia com semelhante quantidade de ovos!

Mas emquanto se exportam tám grandes quantidades de ovos, em Coimbra tem havido falta delles no mercado, vendendo-se a 200 réis a duzia e até a mais.

CARTAS DA PROVÍNCIA

Figueira da Foz, 19—9—902.

Hoje deu-se nesta cidade um accidente que poderia ter tido consequências graves e mostra a necessidade de reprimir a garotagem que infesta o bairro novo.

O creado, que estava lavando o *Darracq* do sr. Lopes Vieira, teve de deixá-lo na rua para ir ao barracão que a *Emprêsa Automobilista* tem na rua dos Banhos.

Nêste intervallo, uns garotos, que elle tinha reprehendido por andarem a mexer no carro, vieram sorreitaramente e deram lhe um impulso forte.

O carro começou descendo pela rua dos Banhos com velocidade crescente e ao chegar ao primeiro lanço de degraus deu uma volta completa, ainda sobre os pneumáticos, saltando sobre os degraus, acabando por dar uma nova volta ao caír sobre a estrada de Buarcos por onde desceu, sendo então seguro.

Era hora do banho, estava a praia cheia de gente que começou a gritar e a fugir desordenadamente, augmentando o panico, quando rebentou um pneumático com grande estrondo.

Os distinctos *chauffeurs* M. J. Telles e Rainha correram logo, e verificaram que o motor funccionava, trazendo com admiração de todos o carro á *garage*. Ninguem suppunha na verdade que o carro pudesse funccionar, e todos imaginavam que se tivesse partido e inutilizado o machinismo que erradamente ao que se vê, se dizia ser imperfeito, facilmente deterioravel, e sem resistência.

O carro apenas teve dois raios quebrados em uma roda, um eixo torcido, um pneumático furado e avarias facilmente reparáveis na caixa e guarda lamas.

O farol e as lanternas tinham sido retiradas na occasião da limpeza.

No primeiro momento todos julgavam o carro perdido e esta noticia espalhou-se rapidamente pela cidade, estando muita gente persuadida da veracidade della, ainda á noite.

Este facto, que está sendo muito commentado é o maior rèclame que póde ter a casa *Darracq* e a Emprêsa Automobilista Portuguêsa.

A bobina, que saltou fóra do seu logar, ficou prêsa pelos fios e continuou trabalhando, apezar dos choques e saltos violentos.

Foi um dos successos dêste dia.

*

Outro foi o do desafio de athlética dos srs. João de Azevedo e Ruy da Cunha.

O *Casino Mondego* encheu se completamente, porque os *sportmen* sam muito conhecidos na Figueira da Foz.

Ficou vencedor João de Azevedo, que acceitára gentilmente o desafio, sem trenagem alguma.

Ruy da Cunha tem um corpo esculptural, de uma musculatura forte.

O corpo de João de Azevedo espanta pela grandeza dos musculos, em toda a parte accentuados, sem um desvio anormal, levantando-se a cada movimento em contracções harmoniosas e rythmicas.

A sua cabeça, a sua barba loura, dam-lhe o ar dum capricho esculptural do século XVIII, dum daquelles gigantes fortes que sustentam a sorrir, nos palácios, o peso enorme de frisos e molduras.

Este desafio veio movimentar um pouco a monotonia em que tudo caira depois da alegria do último *pic-nic*.

*

Falla-se com enthusiasmo na corrida de domingo, e todos correm a admirar as photographias da *Reverte*, e quem nunca poude ver toureiros, anda interessado pela corrida.

*

Foi aberto concurso pela camara municipal deste concelho, para o provimento do logar do partido médico da freguezia de Buarcos, com o ordenado annual de 300$000 réis e condições patentes na sua secretaria.

Diz-se que será provido o nosso dedicado correligionário sr. dr. Cerqueira da Rocha.

*

A Voz da Justiça, cumprindo a promessa feita ha números, de que averiguaria o que houvesse respeitante a uma noticia por nós publicada e referente a factos passados na repartição de fazenda dêste concelho, — informa, no seu último uúmero de que, se se trata de 1$393 réis respeitantes a uma collecta lançada pelo presidente do Grémio de serviços do Mondego e barra da Figueira e respectiva citação, contra a qual o interessado não protestou ao que nos consta, dá por findo o seu trabalho de investigação; se porém não é êste o caso, pede para nos explicarmos.

Satisfazendo ao obrigante pedido de tam apreciavel collega, vamos satisfazê-lo da seguinte fórma.

Se o caso a que allude se refere a uma contribuição, em que era interessado o capitalista sr. Joaquim António Simões e que êste tinha incumbido ao seu administrador sr. Correia de satisfazer e que por esquecimento aquêlle senhor não cumpriu, dando isso por resultado o tal escripturario Branco forjar uns tantos autos e demais papellada, a que punha remate uma pretensa citação feita na pessôa daquelle capitalista e que êste se tinha recusado a assignar, — é effectivamente o caso de que tratamos. Se, porém, os informes do collega não concordam com êstes, então o caso é outro, havendo portanto um duplicado de poucas vergonhas.

E não admira que assim seja, pois o mesmo Branco andou a intrujar o sargento encarregado do real d'água, por causa duma grande quantidade de bebidas, que um tal sr. Parracho, do Alqueidão, vendeu a quem quis sem pagar os respectivos direitos e depois, para se livrar das unhas do encarregado do fisco, recorreu ás habilidades do Branco, que forjou uns pseudo-officios e respectivas respostas, vindas de Villa Nova de Gaya, a propósito do nome dum phantástico commerciante, para quem se disse terem ido as bebidas, e assim se burlar a fazenda e o empregado respectivo.

Se o collega pudesse tambem fazer inteira luz sobre êste facto, era importante, pois nós pouco mais podemos pormenorizar.

Ficamos á espera das informações que o collega poder colligir.

*

Nesta cidade devem começar a funccionar, no principio de Outubro, as aulas dum novo estabelecimento de ensino, dirigido pelo sr. dr. José Luís Mendes Pinheiro, illustrado professor de desenho na Universidade.

No Collégio Lyceu Figueirense admittem se alumnos internos, semi-internos e externos, para a frequencia das aulas de instrucção primária e secundária (curso dos lyceus).

A matrícula acha-se aberta na secretaria do collégio, rua da Fonte, n.º 58, das 10 horas da manhã até ao meio dia.

COSMOPOLITA.

Mortuária

Falleceu ontem de manhã, victimado por uma congestão pulmonar, que o atacou na quarta feira, o antigo solicitador dos auditórios desta comarca, sr. Joaquim da Costa Rodrigues.

Era bastante conhecido e estimado nesta cidade, pelo seu excellente carácter.

A todos os seus damos sentidos pezames.

No combóio ascendente de mercadorias, que costuma passar em Coimbra ás 3 horas e meia da tarde, deu-se ontem o descarrilamento de um wagon, que causou um atrazo consideravel aos combóyos que daqui partiam para Lisbôa, Porto e Figueira.

Quando o combóyo passava na ponte um dos wagons saltou para fóra dos rails por se lhe haver partido um eixo continuando a ser arrastado pela máchina, inutilisando por essa occasião 21ô chulipas.

O combóyo parou sobre a ponte o tempo bastante para desligar o wagon descarrilado, que ficou sobre a ponte continuando os outros da frente para o Porto, depois de feito o transbordo.

De Alfarellos veiu uma máchina buscar os 6 wagons da cauda.

Duas horas depois estava restabelecido o transito.

Desastre e morte

Manuel Laparo, do Bordallo, andando a trabalhar na Abegoaria Municipal, atirou com uma pedra ao companheiro Manuel Ignacio, de Falla, freguezia de S. Martinho do Bispo, que o deixou em estado grave, recolhendo ao hospital, onde falleceu no dia 16 do corrente.

Por tal motivo foi dada ordem de prisão ao Laparo.

«LIZ E LENA»

Assim se intitula um collega, que cemeçou a ver a luz da publicidade em Leiria, sob a direcção do sr. Tito Benevenuto de Sousa Larcher, escrivão de direito nos auditórios daquella capital de districto.

Diz-se orgam dos interesses de Leiria o apresenta-se escripto numa linguagem enérgica, que parece denotar independência e franqueza.

Em politica diz se ecléctico.

No seu primeiro número, que temos presente, insere uma poësia intitulada *Abandonado*, já publicada no n.º 717 da *Resistência*, com a assignatura do sr. Mário Monteiro.

Ao *Liz e Lena*, que parece fundado para fazer opposição intransigente ao *Districto de Leiria*, damos as boas vindas.

Foi enviado ao concelho superior de instrucção pública, o processo para a creação duma escóla de ensino primário para o sexo feminino na freguesia de Eiras, dêste districto.

Na sessão camarária que se effectuou na quarta feira, foi deliberado denunciar o contracto com a Companhia do Gaz, desta cidade, que termina em outubro de 1904.

Parece que a camara deseja, pôr a concurso a illuminação da cidade, por meio de luz eléctrica, ou, sendo a gaz, em condições e fórma que a illuminação satisfaça cabalmente, o que presentemente não succede, pois deixa bastante a desejar.

Sômos apologistas do progresso em tudo, comtanto que se respeitem interesses e direitos legitimamente adquiridos.

Affirma-nos pessôa que nos merece inteiro crédito, que não serám readmittidos nenhuns dos empregados da Agencia do Banco de Portugal nesta cidade, e que ha tempo se encontram suspensos.

Mercado

Os preços, porque correram ultimamente os generos, no mercado desta cidade, foram os seguintes:

Milho branco	360
» amarello	340
Trigo tremez	700
» de Celorico	600
Feijão vermelho	760
» branco, graúdo	680
» » meúdo	600
» rajado	420
» frade	560
Grão de bico, graúdo	700
» » » meúdo	600
Cevada	260
Centeio	380
Favas	460
Batata, 15 kilos	240
Tremoço (20 litros)	560
Ovos, duzia	180

Conversação com um Doutor em Sevilha

Fui ultimamente testemunha em Sevilha (Hespanha) de uma conversação muito interessante.

Tratava-se de doëntes e de doenças, de tratamentos especiaes para certas moléstias e de resultados surprehendentes, obtidos na maioria dos casos. Tinha para mim particular attractivo a discussão entre competentes, cujos pareceres eram por completo oppostos. «Convicção absoluta, sim senhor, diante de certas affirmativas radicaes, não ha que duvidar.»

Pois bem, redarguia o adversário, cabem sempre dúvidas, quando não se deu o caso comnosco, ou quando não ha testemunhas oculares, que certifiquem o facto. Veio então a fallar-se d'um médico, mui conhecido em Sevilha, o Dr. Oñate Jimenez, praça de la Nata, n.º 14, e, como já estivesse inteirado do valor médico do ex-alumno do Hospital Central, ex-professor do Amphitheatro Anatómico e possuidor de honrosos diplomas, entrevim na conversa. Vem ao caso as pilulas Pink, e negam-lhes alguns a virtude regeneradora e tónica. Outros médicos empregaram-as com grande éxito e dêsses poderei citar o Dr. Jimenez. E ahi vam as textuaes palavras, que me autorizou a dar á publicidade:

«Certifico que nas diversas occasiões em que receitei as pilulas Pink, colhi resultados mui satisfactórios. Assim, pois, tenho-as por um dos medicamentos mais efficazes nos múltiplos casos, em que tem o médico que recorrer a meios reconstituintes e tónicos, isto é, nas molestias, causadas pela pobrêsa do sangue.»

Perante tám cathegórica declaração, não se póde senão inclinar-se e ficar-se de vez convencido que taes pilulas, tám reputadas, curam a anemía, a cholorose, a neurasthenia, a fraquêsa geral e os rheumatismos, ou por outra, a fraquêsa do sangue.

.....

A um medico foi confiado o encargo de responder gratuitamente a todas as informações relativas ás pillulas Pink, que forem pedidas aos srs. James Cassels & C.ª, no Porto.

As pillulas Pink foram officialmente approvadas pela Junta Consultiva de Saude. Estão á venda em todas as pharmacias pelo preço de 1$000 reis a caixa e 5$000 réis as 6 caixas.

Deposito geral para Portugal, James Cassels & C.ª, successores, Rua Mousinho da Silveira, 85 — Porto.

Chegou ontem a esta cidade, vindo de Espinho, o nosso estimado collega de redacção sr. Arthur Leitão.

Ao sr. António Joaquim Machado do Lago Cerqueira, alumno da faculdade de philosophia da Universidade, foi auctorisado, por meio de portaria, a matricular-se como alumno obrigado nas cadeiras de chimica organica, botanica, physica 2.ª parte e zoologia.

O conselho superior de obras públicas e minas, na sua última sessão, occupou-se da recepção de candeeiros para a penitenciária desta cidade, e ante-projecto de uma ponte provisória no Mondego, junto á estrada real 58, dêste districto.

Festividade

Em Santo António dos Olivaes deve realizar-se, no próximo dia 12 de outubro, uma festividade em honra do mártyr S. Sebastião.

Para êsse fim organizou-se uma commissão, que anda tratando de angariar donativos.

---

(47) **Folhetim da "RESISTENCIA,,**

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA DO CONVENTO

XXI

Herminie pegou febrilmente na pena e começou a escrever, lacerando por vezes o papel.

«Disse-lhe um dia, Emmanuel, que havia de ser a causa da minha última desgraça. Sinto a chegar, já me tocou, e vai levar-me.

«Porque me levou a ella, se não tinha força para a evitar? De nós ambos um só é culpado, bem o sabe: é o senhor que, não satisfeito com ter despertado com os seus olhares e as suas palavras o coração duma mulher nova e ignorante, sem a experiéncia das coisas mais simples da vida, aproveitou um incidente que a punha incapaz de resistir, e inconsciente ao alcance dos seus lábios para a reanimar com um beijo inolvidavel. Ainda o sinto mais delicioso do que os outros; tinha passado por elles a sua alma e prendera a minha no sopro que passou.

«Perdeu-me êsse beijo, Emmanuel, depois delle nunca mais me possui, fiquei sempre sua escrava.

«Na conversa, que tivemos na bibliotheca, depois do passeio fatal, e fiz-lo levantar do chão, em que ajoelhára, para que voltasse á realidade, e essa realidade brutal e terrivel, se não foi então absolutamente desprezada pelo senhor, tratou-a pelo menos com tam pouca importância, que me não deixou quási motivo algum para receios, mademoiselle de Croisy nunca teria duvidado da palavra do sr. Argouges; mas nêsse dia obteve mais ainda, sem o pedir: um juramento pela memória de sua mãe. Desde êsse momento julguei-me ligada ao senhor por um laço tam sagrado, como o senhor se achava ligado a mim, e Argouges era senhor da minha honra, como eu o era da sua.

«Por isso não hesitei em ir ao seu encontro no funesto dia de ante-ontem na entrevista do curral, cuja recordação meu amado Emmanuel, me traz partilhada entre a felicidade e o desespero. Ah! Como me sinto ainda embriagsda com aquella phrase tam ternamente repetida:

Para toda a vida! Para toda a vida!...»

«Mas não posso mais tempo deixar de o avizar de que temos de pensar noutras que trocamos. O plano que me tinha traçado e a que eu me submetera, não foi alterada ainda, depois dos acontecimentos a que a sua imprudéncia deu lugar? Vou partir; assim é preciso. Para onde? Onde virá o que jurou ser meu para a vida e para a morte cumprir o juramento que fez á única mulher que é sua noiva á face da sombra de sua mãe e á face de Deus? *Herminie.*»

Mademoiselle de Croisy tinha tido o cuidado, como se vê, de não dizer a Argouges que tinha lançado o espirito de Alice na incerteza, desde que ella voltára a si. Poderia temporizar ainda, e ella queria esporeá-lo pelo contrário com o medo de explicações difficeis e censuras amargas. Talvez, vendo que continuava resolvida, elle encontrasse um pretexto para ser o primeiro a partir, tanto mais que se via bem que não estava á vontade deante de Lambrune.

A porta do quarto de Emmanuel estava entreaberta; Herminie correu nos bicos dos pés até ao fogão a collocar a carta, cuidadosamente lacrada, debaixo da cigarreira de Argouges. Tinha a certeza que elle havia de dar depressa com ella.

Depois d'almoço, com effeito, Emmanuel, que por não saber á dois dias como matar o tempo, subira para o quarto, deu com aquêlle sobescripto dirigido a elle. Não conhecia a lettra de mademoiselle de Croisy; mas ha uma emoção instinctiva (qual é o amante que o ignora?) quando se toca com os dedos na carta da mulher amada, como se ella tivesse deixado um fluido magnético naquêlle papel, em que fixou o olhar, e deixou passear a mão.

Argouges abriu o enveloppe e leu avidamente.

Para que apellava ella para a sua honra! Por acaso a expressão do amôr experimentado, o pensamento dos extases immateriaes, das volupias ardentes bebidas nos seus labios não bastavam para atear uma séde nova, das que parecem insaciaveis?

Alice quasi morta, o pae acabrunhado, Madame de Villy chorosa, todo aquelle terrivel espectaculo acabava de desapparecer num só momento dos olhos de Emmanuel.

Para Emmanuel não havia no mundo mais ninguem que aquella encantadora Herminie, só via o seu bello rosto palido, só ouviu a sua voz que, havia dois dias, tinha um timbre mais grave.

—Oh! minha vida, é a tua vez de mandar, a mim só me compete obedecer.

Era isto o que respondia, beijando vinte vezes a carta de Mademoiselle de Croisy, e o que ia para lhe escrever, quando bateram á porta.

—Estás lá, Emmanuel?

—Estou, meu tio, respondeu Argouges, bastante surprehendido com aquella visita.

Villy entrou.

XXIII

—Tinha que te fallar, Emmanuel, disse Villy depois de ter fechado a porta e ter pegado affectuosamente nas mãos do sobrinho.

—Mas, meu caro tio, estou sempre ás suas ordens, disse Emmanuel, que escondia sob a sua expansão a cuidado que lhe inspirava aquelle começo inesperado.

—A differença de edade que existe entre nós, replicou Villy, desappareceu das nossas relações desde que tu és homem. Uma amizade sincera egualiza tudo. Não è verdade? Pois então fiquem as coisas neste pé, e conversemos.

—Meu caro Emmanuel, continuou, deixei-te a ti e a Alice brincarem desde pequenos como Paulo e Virginia Fiz mal? Não creio; tudo nos approximava, e não era sem enternecimento que eu via esta intimidade. Mais tarde vocês encontravam-se nos mezes de ferias e a duração do vosso affecto reciproco fazia robustecer a minha esperança. Este anno emfim, quando Alice sahiu do convento, tu parecias vir aqui não simplesmente como meu sobrinho ou meu segundo filho, mas como o noivo de tua prima. Nunca te disse uma palavra sobre o que podia pensar, nem sobre o que Alice tinha o direito de acreditar; esperáva socegadamente a declaração dum e outro. Não acrescentarei que era antecipadamente um pae obediente. Tudo caminhava por si, do modo mais encantador; hoje, meu caro Emmanuel, tudo é grave...

—E porque? perguntou Argouges, que adivinhava onde iam bater estas amabilidades de Villy, mas que não sabia ao certo as voltas que levavam.

(Continúa)

EXPEDIENTE

Afim de acabar com mal entendidos, e costumeiras contra producentes, a administração da «Resistencia» declara, que não faz publicações gratuitas neste jornal, desde que não sejam de corporações de beneficencia e caridade, ou não tratem de questões de interesse publico.

Os srs. assignantes, porém, gosam do desconto de 50 p. c. em todos os réclames, communicados, ou annuncios que mandem publicar.

Esta administração, respeitando o procedimento differente que por ventura seja de uso nas administrações dos outros jornaes, que se publicam nesta cidade, tem a sua tabella de preços de publicações e é por ella que se regulará.

A administração.

ANNUNCIOS

Instrucção primaria

Octavio Neves Pereira de Moura, professor official da freguezia da Sé Nova, abre no proximo anno lectivo um Curso prático de Instrucção primaria.

Largo da Feira
COIMBRA

Espingardas

VENDAS A PRESTAÇOES
João Gomes Moreira
Rua Ferreira Borges = COIMBRA

Escola Nacional de Agricultura

CONCURSO

Perante o director da Escola Nacional de Agricultura, nos termos do Decreto de 24 de Dezembro de 1901, está aberto concurso por 15 dias, a terminar em 3 de Outubro proximo, para a admissão dos alumnos até ás vagas existentes.

São condições para a admissão:

Não ter menos de 12 nem mais de 18 annos.

Ter sido vaccinado, não padecer molestia contagiosa e ter bastante robustez para a vida agricola.

Ter o curso preparatorio conforme a tabella C. junta áquelle decreto, ou as habilitações equivalentes em qualquer escola official do reino ou colonias, alem do exame de instrucção primaria do 2.º grau.

São preferidos os individuos que apresentarem maior numero de habilitações, os filhos de lavradores, os que requeiram para internos e os que façam na Escola os exames preparatorios, devendo estes declarar desde já quaes as disciplinas que lhes faltam e comparecer na Escola no dia 10 de Outubro proximo, por 10 horas da manhã, afim de responderem ao exame d'essas disciplinas.

Os alumnos a quem foi permittido repetição de exames devem comparecer na Escola no dia 4 de Outubro e as aulas, para todos os alumnos, abrem no dia 15 do mesmo mez.

Escola Nacional de Agricultura, 16 de Setembro de 1902.

O Director,
Antonio Augusto Baptista.

REDUCÇÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges
(Em frente ao Arco d'Almedina)
COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em **ferragens e materiaes de construcção** como em **cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mêsa,** participa a todos os seus freguêses, e ao publico em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas **compras directamente nas principaes praças extranjeiras e fabricas portuguêsas,** sam uma garantia de que póde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centrosde mêsa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias,* etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Maeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos. passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Estabelecimento de chapeus para sol e chuva

DE

JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA

20 — Rua do Sargento Mór — 24
COIMBRA

N'este antigo estabelecimento se concertam e cobrem de novo guarda soes, tanto de seda como de setim, de brilhantina ou de paninho.

Tambem se fazem guarda-soes novos e se fazem de varetas de todas as marcas, tanto redondas como elasticas, assim como todos os trabalhos concernentes á sua arte.

Paris em Coimbra

NOVA ALFAIATARIA
DE
J. M. de Vasconcellos
Ex-contramestre da casa
Affonso de Barros

Este já bem conhecido alfaiate comprou em Lisboa tudo o que ha de novidade em fazendas para a proxima estação, que vende por preços que nenhuma outra casa póde imitar, pelos encargos que tem com os contra-mestres.

Em elegancia e gosto é escusado o reclame, porque já é conhecido de todos os que se sabem vestir.

ESTRADA DA BEIRA (Junto ao Cymnasio)
COIMBRA

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo.

João Gomes Moreira
Rua Ferreira Borges COIMBRA

"EQUIDADE,,

Companhia de Seguros

Vida de animaes, fogos, fianças e rendas de casas

Preços muito reduzidos

Correspondente em Coimbra
Joaquim Antonio Pedro

Em casa do Sr. Antonio Rodrigues Pinto.

Nova Havaneza
Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria. Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçados tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA
EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA
COIMBRA

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 » »

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas
4 — Praça 8 de Maio — 4
COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

Alfaiataria Academica

AFFONSO DE BARROS

Acaba de chegar a esta casa o eximio tailleur Saturnino F. Grant, exgerente da Alfaiataria Amieiro, de Lisboa.

Rua Ferreira Borges
COIMBRA

Arrenda-se

No páteo pequeno da Inquisição, uma boa casa que póde servir para celleiro ou para qualquer associação.

Trata se na rua Ferreira Borges, 95.

Casa para arrendar

Arrenda-se uma boa morada de casas, com tres andares e grande quintal, na rua João Cabreira, 21.

Trata-se com seu dono Alipio Augusto dos Santos, rua do Visconde da Luz, 60.

Consultorio dentario

Figueira da Foz
Rua Fresca, 43

Herculano Carvalho
Medico pela Universidade de Coimbra

De 15 de Agosto a Outubro — Consultas das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31
Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos,** continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis.**

O proprietário,
José Maria Junior.

LUCCA

Delicioso licor extra-fino
VINHOS
DA
Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra
CONFEITARIA TELLES
150, R. Ferreira Borges, 156

Collegio Mondego

Continua este collegio a leccionar todas as classes dos Lyceus, bem como **INSTRUCÇÃO PRIMARIA** e o **CURSO COMMERCIAL.**

Os alumnos de instrucção secundaria podem frequentar o collegio ou o Lyceu.

As aulas de **Francez, Inglez e Allemão** pratico continuam a ser regidas por professores das respectivas nacionalidades.

O praso para a matricula nas classes da Nova Reforma termina em 25 do corrente.

O director,
Diamantino Diniz Ferreira.

Em todas as localidades nós procuramos pessoas que queiram arranjar rendimentos supplementares pela venda d'um artigo de collocação facil.
Offertas sob K. 687, a HEINR. EISLER, Hamburgo.

Mêsa rica

Thomás Pombar com estabelecimento de bric-a-brac, tabacos e occulista na rua Ferreira Borges, em frente ao Arco d'Almedina, tem para vender uma mêsa de pau preto e sándalo, com embutidos de marfim e obra de talha. Quem a pretender póde ir vela ao seu estabelecimento onde está em exposição.

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de Cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmunar, frasco, 1$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. — Frasco 1$100 réis.

O remédio de Ayer contra sezões. — *Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remédios que ficam indicados sám altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas carthariticas de Ayer. — O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL — MARCA «CASSELS»
Exquesita preparação para aformosear o cabello
Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA — MARCA «CASSELS»
Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA — MARCA «CASSELS»
Muito grandes — Qualidade superior
A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 735 | COIMBRA — Quinta-feira, 25 de Setembro de 1902 | 8.º ANNO

Vencidos e humilhados

Agora que terminou a guerra anglo-boër com a paz forçada por barbaridades, que só a Inglaterra não reconhece, e de que só ella é capaz, começa a delinear-se, bem nítida, a humilhação em que Portugal tem vivido, desde o começo daquella lucta heroica.

Os boërs fôram vencidos não pelas armas inglêsas, mas pelas lágrimas das mulheres, pelos gritos de fome e morte dos filhos.

Para desarmar aquêlle pôvo forte foi necessário que se dessem as mãos a ferocidade bárbara dos cafres á atrocidade intelligente dos inglêses.

A electricidade que representa a symbolização do progresso, a electricidade a maior fôrça da indústria e do commércio, a electricidade que purifica as águas e torna habitáveis os terrenos férteis, que cercam os lagos, e se estendem ao longo dos rios, a electricidade em que o homem procurou um meio de abreviar o soffrimento dos condemnados á morte, a electricidade —foi empregada pelos inglêses num supplicio novo e requintado.

E assim se transformou num supplicio de mulheres e creanças innocentes a fôrça a que um pôvo intelligente e nobre fôra pedir o meio de tornar menos penosa a morte fatal dos grandes criminosos.

E enquanto o mundo todo applaudia a lucta dum pôvo fraco, nós eramos humilhados e escarnecidos.

Para não deixar dúvidas sobre a certeza da nossa humilhação, as tropas portuguêsas e inglêsas juntavam-se no theatro da guerra, em paradas officiaes.

Termina a guerra, e, quando os boërs se levantam a reclamar indemnizações, com que possam fructificar o solo querido da pátria, por que luctaram, nós ouvimos sem um protesto, na mais criminosa indifferença, sem uma palavra de protesto ou de indignação, as vozes que na imprensa extranjeira se levantam a avizar-nos de que a Inglaterra se prepara para nos roubar Lourenço Marques.

E no jornalismo canalha, o que se compra e o que se vende, mal se levanta alguma voz a gritar, e a denunciar o escândalo, baixa-se em phrases de conselho, a pedir que se callem, e que não vám com palavras imprudentes apressar um desastre que é fatal.

Dizem covardemente essas fôlhas, habituadas á transigéncia, que torna fácil a vida de expedientes vergonhosos, que arrastam, que o melhor seria entregar já á Inglaterra, com um sorriso amigo, o que ella fatalmente nos ha de levar.

Outros escrevem palavras exaggerando o louvor e a vantagem da alliança inglêsa.

E não faltou quem se atrevesse a dizer em Portugal, que só a alliança com a Inglaterra nos poderá livrar de sermos conquistados pela Espanha.

Contra a Espanha ha em Portugal uma fôrça maior do que a de todas as allianças, é o ódio secular de raça, é talvez a elle que a Espanha e Portugal devem a sua fraquêza na Europa.

E' tám grande em Portugal o ódio a Espanha, como a desconfiança com a Inglaterra.

A política monárchica tem decorrido na exploração dêste ódio e desta desconfiança.

Em Portugal tolera-se o inglês porque elle occupa Gibraltar e é uma humilhação constante do orgulho espanhol.

Portugal está bem defendido contra a Espanha; porque está defendido pelo ódio que se aprende na escóla, ao mesmo tempo que começam a admirar os feitos heróicos da raça portuguêsa.

Os ódios de Portugal e Espanha sám ódios históricos, têem a consagração da sentimentalidade portuguêsa em Felippa de Vilhena, armando os filhos contra a Espanha na defeza da pátria.

E' um ódio consagrado pelo amor mais irreflectido, no mais puro, no mais exclusivo, no amôr maternal que nada escuta, quando vê em perigo a vida dos filhos.

Em Portugal o ódio á Espanha é geral. Até as mulheres se armam quando o invasor é um espanhol. A padeira d'Aljubarrota é o exemplo do povo na educação do ódio á Espanha, como D. Felippa de Vilhena é o exemplo da nobreza.

E ha uma Sé em Portugal em que se mostra, como a coisa mais sagrada, uma imagem que um bispo trazia, quando andava batalhando contra os espanhoes.

Não ha classe em Portugal que não tire orgulho do ódio á Espanha, e tem sido baldados todos os exforços dos pensadores para acabar com êste ódio que nos tem sido tám prejudicial.

Portugal está bem armado contra a Espanha pelo ódio de raça que tem mais força do que todas as allianças políticas.

Mas está indefezo contra a Inglaterra, a quem é entregado pela política monárchica, prezo de pés e mãos.

Em Africa combatem os nossos soldados, contam-se maravilhas do seu valor.

Trabalho baldado.

Nos ministérios em Lisboa trata-se da venda de Lourenço Marques, como um dissipador sem recursos pensa na venda duma propriedade para continuar a vida viciosa, e imagina o pretexto que ha de apresentar para aparentar o descuido de quem vive vida desafogada.

E nós, que começámos na campanha boer por concessões que nos deshonraram, acabamos, quando aquêlle heróico povo entra em vida nova, não escondendo que nada esquecerá, que nada perdoará e que combaterá sempre pela liberdade do seu solo, preparando-nos para entregar aos inglêses um pedaço da terra portuguêsa, regado por tám heroico sangue dos nossos antepassados.

E tudo applaudem os partidos monárchicos, pensando apenas em qual será o que poderá repartir pelos seus correligionários o preço da venda.

Sempre houve nas armas de Portugal, sobre as chagas de Christo, os cinco dinheiros de Judas.

E nunca houve armas que fallassem mais alto e mais verdade.

Dr. Duarte de Vasconcellos

Encontra-se nesta cidade, no *Grande Hotel Bragança*, o nosso respeitável amigo, sr. dr. Francisco António Duarte de Vasconcellos, considerado juiz desembargador da Relação do Porto, que pelos seus elevados dotes de espirito e de coração, alliados ás suas extraordinárias faculdades de trabalhador infatigavel, é uma authentica glória da magistratura portuguêsa.

Cumprimentamo-lo.

No congresso internacional, que ultimamente se realisou em Bruxellas, para tratar do melhoramento da sorte dos cegos, chamou a attenção, merecendo unanimes applausos de todos os congressistas, o sr. dr. Mascaró, bem conhecido especialista de Lisboa, pelo alphabeto para cegos, que apresentou, e que é uma modificação feliz do methodo de Braille.

A imprensa belga faz os maiores elogios á obra do dr. Mascaró, e alguns reproduzem o fac-simile do alphabeto.

Instrucção pública

Termina no dia 24 de Outubro o concurso para os vinte e um logares de sub-inspectores, creados pela nova regularização da Instrucção primaria.

As habilitações que os candidatos precizam ter sám: um curso de instrucção superior secundária ou especial, prática de ensino, ou então o diploma de professor de instrucção primária.

O jury para o concurso é composto pelos srs. dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos, lente de theologia e inspector da segunda circumscripção, pelos sub-inspectores srs. António Guilherme de Saldanha e Albuquerque e Bento José da Costa, pelo sr. dr. Sá e Oliveira, professor do lyceu, e Thiago Fonseca, professor das escolas normaes.

Os outros vinte e um sub-inspectores que existem, segundo a nova regulamentação foram escolhidos no pessoal da antiga inspecção extincta em 1892.

JOÃO DE BARROS

Da *Revista Ibérica*, a interessante publicação madrilena, a que já por mais duma vez nos temos aqui referido, extraímos as palavras de merecido louvor que dedica ao talento e ao carácter do nosso amigo João de Barros que hoje honra mais uma vez as páginas do nosso jornal com os seus dois últimos sonetos.

«... la colección de poesias de João de Barros titulada *Palavras sãs* (I.—*Entre a multidão*), revélanos un alma que promete, ingenua y buena. Es un libro de amor, en el sentido cristiano de esta palabra. Se lee coe una sorrisa de condescendencia, y se dice, al fin, que allí hay un talento y un carácter, ¡cosa consoladora para estos tiempos!

«Y ya, sin malicia, mi amigo me extendió la mano para despedirse, terminando así:

«—Con todo, João de Barros es un sugestionable, que talvez la Universidad modifique. Aun no podemos augurarle el futuro: talvez la podredumbre del medio lo asfixie. ¡Aqui todo está podrido!»

QUESTÕES HOSPITALARES

Aggressão ao director da "RESISTENCIA,,

Na Calçada, no domingo á noite, houve um conflicto, a que deu origem carta do sr. dr. Luis Viegas, que hoje publicâmos:

Sr. redactor.—Mais uma vez venho importunar a v., forçado pelas circunstáncias.

Ontem, pelas 9 horas da noite, quando passava só e socegadamente pela rua de Ferreira Borges, fui aggredido, em seguida a curta provocação, pelo clinico sr. Cruz Amante, que para êsse fim se me dirigiu; e, quando, acto continuo, me desforçava da insólita aggressão, vi dirigir-se, provocando-me egualmente, o clinico sr. Luis Rosette, ao tempo em que a intervenção de pessôas estranhas pôs termo ao incidente.

Em nenhum outro motivo posso filiar esta estranha aggressão a não ser na carta que dirigi ha dias a v. e com cuja publicação v. me honrou no número de domingo passado do seu jornal.

Succede portanto que, em resposta a uma carta em que eu promettia a rectificação de factos deturpados para quando alguem assumisse a responsabilidade da accusação anónyma, que me fôra feita como director da 5.ª enfermaria do hospital, aquêlles clinicos parece pretenderem intimidar-me, preparando-me scenas de pugilato ou porventura mais, se não fôra a intervenção de pessôas estranhas, em vez de pedirem pela imprensa a acclaração dos factos que eu promettera e estava prompto a fazer logo que a isso fôsse convidado.

Deixo ao público a apreciação de taes processos.

Pela inserção desta carta muito grato lhe ficará o

De v. etc.,

Coimbra, 22—9—902.

Luis Viegas.

O sr. dr. Cruz Amante, aggredindo e insultando o sr. dr. Luis Viegas, que pedia apenas o nome do auctor do artigo inserto no *Tribuno Popular*, veio assim declarar publicamente que era o auctor dêsse artigo, qualificado de infame por quantos médicos o haviam lido.

Não é êste o procedimento mais digno dum médico, que ataca a dignidade profissional d'outro.

Se o sr. dr. Cruz Amante, como médico, censurava o procedimento de outro médico, e se servira da imprensa para o fazer, o sr. Cruz Amante tinha obrigação restricta de vir continuar abertamente a questão no campo em que a collocára.

O sr. Cruz Amante tinha obrigação de recorrer á imprensa.

Ai teria o sr. Cruz Amante campo aberto para ostentar o seu saber na defeza da sua dignidade.

O sr. Cruz Amante não o fez; mostrou assim que só lhe servia a imprensa para descrédito dos outros, sob a salvaguarda do anonymato.

O sr. Cruz Amante praticou, pois, um acto duplamente criminoso, pela falsidade da informação e pela cobardia do anónymo; porque se é cobarde, sr. Cruz Amante, quando se chama outro a campo de combate para lhe vibrar traiçoeiramente uma facada.

O ataque do sr. Cruz Amante foi covarde: provocou na imprensa, devia continuar a questão na imprensa.

Mas não nos illudamos.

O sr. Cruz Amante quís apenas desviar a questão, quando a viu posta na *Resistência*, com a franqueza com que as costumamos tratar.

Não sómos amigos do sr. dr. Luís Viegas, temo-nos até muitas vezes affastado da sua convivéncia.

Nunca desejamos nem procuramos occasião de lhe ser agradavel; mas repugnam-nos injustiças e maus procedimentos na imprensa, ou fóra della.

Quando escrevemos o ultimo artigo, sabiamos já que o auctor do artigo de *O Tribuno Popular* era o sr. Cruz Amante. Elle tem dirigido sempre o reclame, que tem coberto de ridiculo os medicos de Coimbra.

D'ai, o nosso ataque ao reclame, que tem feito fóra o descredito dos medicos de Coimbra.

Em Lisboa e no Porto, mostram-se as listas das operações, e commentam-se com escarneo e com desdouro para a Universidade,—dizendo, entre sorrisos de ironia, *que em Coimbra se extrahem kistos e se arrancam dentes, e que os doentes, que soffrem tam perigosas operações, não morrem!...*

E professores e discipulos soffrem o ridiculo de tam industriosos reclames.

Quando escrevemos, estavamos pois resolvidos a mostrar os motivos porque nos conservavamos affastados de este reclame vergonhoso.

Dissemos por isso que era ridiculo, tal procedimento, que trahia a exploração sem attender a interesses alheios, sem respeitar mesmo as mais elementares considerações com dois medicos novos, em vespera de concurso, um concurso que se espera com interesse, por circunstancias especiaes, que cada um conhece.

O sr. Cruz Amante viu o perigo das declarações da *Resistencia*, que affirmava que se fazem no **Posto**, tam reclamado, diagonosticos errados, que se opera imperfeita e incompletamente, e que se não dá o nome verdadeiro ás operações que se fazem, factos que têem sido denunciados por outros medicos no acaso das conversas das terras pequenas.

A *Resistencia* fez esta declaração, disse que aguardava a satisfação que se devia ao sr. dr. Luiz Viegas.

O que era de esperar? Que se pedisse á *Resistencia* a prova de tam graves affirmações, e que se désse dellas ao publico satisfação, desaggravando a dignidade profissional offendida e mostrando que, se havia erros, isso provinha das informações não serem dos clinicos que operavam.

O sr. Cruz Amante pretendeu abafar com um escandalo a publicidade que se fazia á volta do seu nome, e que fa comprometter lhe os interesses; o sr. Luiz Rozette accudiu com ameaças em reforço do sr. Cruz Amante.

Não vemos como se desaggrava assim a dignidade offendida; não percebemos como se terminam assim questões de dignidade medica, provocadas por um artigo de jornal.

A imprensa condemnou unanimemente o procedimento dos clinicos.

A *Folha de Coimbra* começou com palavras de justa indignação exprobando procedimento tám raro em medicos da Universidade.

O Liberal abandonou-os, salvando-se com uma phrase de pura diplomacia.

O *Tribuno Popular*, publicando sem um commentario a carta de desforço do sr. dr. Luis Viegas, pôz-lhe o titulo significativo de *Rectificação importante*, e publicou-a seguidamente ao artigo do fundo, abandonando assim o sr. dr. Cruz Amante, apezar dos seus compromissos políticos. Pôz a dignidade jornalistica acima dos falsos interesses da politica.

Fez bem.

O caso passado com o sr. dr. Luis

Viegas é tanto mais para censurar que a operação da hernia estrangulada tem a gravidade do successo em circumstancias multiplas, que é difficil discriminar, e cujo valor muda de caso para caso.

Os srs. drs. Cruz Amante, Luis Rozette e Armando Gonçalves não deviam deixar de operar uma doente, que haviam examinado e em quem tinham feito manobras de *taxis*.

Não a podiam os srs. drs. Cruz Amante e Luis Rozette operar por não serem clinicos do hospital?

Porque não operou o sr. dr. Armando Gonçalves, que é clinico interno do hospital e a quem cabe por isso fazer as operações de urgencia?

Estava moralmente obrigado a fazer a operação por ter visto a mulher antes, mais obrigado ainda se fez manobras de *taxis*. Podia faze-lo por ser clinico interno, e logo, sem consultar ninguem; assim lh'o permittiam os regulamentos do hospital.

Devia faze lo.

Se o sr. Armando Gonçalves contribuiu com o seu procedimento para addiar a operação, e a doente morreu em vírtude desse addiamento, a responsabilidade do facto cabe inteira ao sr. Armando Gonçalves.

O sr. Armando não operou.

O que parece isto indicar? Que os trez clinicos do **Posto**, se queriam a gloria da operação, desejavam não correr lhe o risco.

O doente era operado; em seguida á operação sentia-se melhor?

Começou o successo, e estava o successo seguro.

Se morresse, depois, a culpa era dos serviços do hospital.

Mais um reclame para a *Casa de saúde*.

Não havia operação mais bem combinada, nem de effeitos mais seguros.

O máu, porém, é que os regulamentos do hospital não permittiam tám bem combinada operação.

O srs. Cruz Amante e Luis Rozette não poderam operar por não serem clinicos do hospital; viram fugir-lhe a occasião d'um reclame de espavento; o sr. Cruz Amante, que é esperto, agarrou se ao sr. Armando Gonçalves, unica taboa de salvação.

E fez aquillo no *Tribuno Popular*!

E' triste!

Esta é a verdade.

E deixem-se de alardes falsos de dignidade offendida, que não enganam ninguem.

*

Já depois de escripto o artigo que acima se lê, deu-se segundo conflicto: foi aggredido o illustre director da *Resistencia*, sr. dr. Teixeira de Carvalho, pelo sr. Luiz Rozette. Era o turno dêste cavalheiro. No entanto, se a cobardia do sr. Amante ainda não lhe permittiu conseguir desta vez a *torre espada* requerida, a proêsa do valentão Rozette de que saiu ferido o sr. dr. Teixeira de Carvalho, não o illustra e muito menos o isempta das responsabilidades que possam caber lhe no caso em discussão. Na verdade, a violencia, a brutalidade, a selvajaria com que um homem vigoroso e forte, como o sr. Rozette, se arremessou, armado de uma forte bengalla, sobre um individuo fraco, invalidado do seu braço esquerdo, — como o sr. Rozette muito bem sabe, e todos aquelles que, frequentando o 1.º anno médico privam com o notavel operador de anatomia, — revelam ou um instincto hediondamente feroz ou uma implacavel demência e desorientação, qualidades sobre maneira perigosas em quem pretende ser um cirurgião de mérito e renome.

E o certo é que, se não fôra a intervenção energica do nosso presado collega, sr. Arthur Leitão, que ontem se encontrava em Coimbra, e acompanhava casualmente o sr. dr. Teixeira de Carvalho, teriamos hoje a lamentar uma enorme desgraça, que a premeditação do sr. Rozette tristemente aggravava.

Mas não percâmos tempo a commentar a penosa situação em que o sr. Rozette deixou os seus créditos, pretendendo abafar com uma commoção violenta factos que precisavam e deviam de ser esclarecidos para honra de todos, e que *apezar de tudo e contra tudo* o ham de ser neste jornal.

Estâmos convencidos de que será êste senhor o primeiro a lastima-la, se porventura no seu desvairamento de insensato houver uma clareira de luz, que lhe mostre a triste figura a que o obrigam mãos pouco escrupulosas, abusando da sua ingenuidade saloia.

*

Para Luso seguiu, no comboio da manhã, o sr. dr. Teixeira de Carvalho, a tranquilizar pessoas de sua familia.

O programma dos festejos commemorativos da inauguração do monumento a Affonso de Albuquerque, que se realiza no dia 3 de outubro proximo, é o seguinte:

A's 9 horas da manhã — Partida da divisão naval composta dos cruzadores *D. Carlos*, *D. Amelia e S. Raphael*, corveta *Duque da Terceira* e canhoneira *Sado*, a qual fundeará defronte da Praça de D. Fernando.

Ao meio dia e meia hora, estarão formadas, na Praça de D. Fernando para fazerem a guarda de honra a Sua Magestade El-Rei, uma força de 200 homens do corpo de marinheiros da armada e um regimento de infanteria, com as respectivas bandas.

A' 1 1/2 da tarde — Inauguração, por Sua Magestade El Rei, da estatua de Affonso de Albuquerque, com as solemnidades do estylo, salvando os navios da marinha de guerra. Para este acto serão convidados os membros das altas corporações do Estado, a commissão testamentaria de Simão da Luz Soriano, a Sociedade de Geographia, os funccionarios superiores, etc.

A's 8 horas — Illuminação na Praça de D. Fernando e nos navios da divisão naval, tocando em coretos a banda do corpo de marinheiros e as bandas regimentaes.

A's 10 horas — Fogo de artificio queimado no Tejo a bordo d'um pontão

O dia 3 de outubro é considerado para todos os effeitos de grande gala.

Foi por causa de todo este *explendor* que demorou tanto a inauguração do monumento a Affonso de Albuquerque.

Incendio

Pela uma hora da madrugada, de terça feira, deram as torres signal de incendio, chamando os soccorros para a rua Ferreira Borges. Havia-se manifestado fogo num pequeno armazem, que o commerciante sr. Caetano Rocha, possuia nos fundos do seu estabelecimento.

Compareceu immediatamente o material de incendios, sendo o primeiro a chegar o dos municipaes, trabalhando apenas uma agulheta destes, não chegando á funccionar o dos voluntarios, apezar de montarem o serviço.

Os prejuizos, cobertos pela companhia de seguros Bonança, foram elevados, indo hoje os peritos proceder á respectiva avaliação, por o agente da companhia nesta cidade, o sr. Francisco Maria de Souza Nazareth, não se confermar com a indemnisação pedida pelo sr. Rocha, que nos dizem querer 3:000$000 reis.

Para a commissão technica permanente encarregada de revêr e escolher os livros de ensino primário e normal, foram nomeados os srs. dr. Santos Lucas, da Escola Polytechnica, Alipio Camello e Sá e Oliveira, do Lyceu de Lisboa, Eugenio da Costa Rodrigues e Thiago dos Santos Fonseca, da Escola Normal, Alberto Ferreira de Mattos e Domingos Coelho Ribeiro, das escolas primárias do Porto e Lisboa.

Commemorando o anniversário do fallecimento de D. Pedro IV, realisou-se hontem, na Sé Nova, uma missa.

Assistiu o sr. general commandante da divisão, a officialidade do quartel general e do regimento de infanteria 23 disponivel, assim como a banda e uma guarda de honra do mesmo regimento.

Já estám reparadas as avarias, que soffreu o automóvel Darracq, pertencente ao sr. Alfredo Vieira, no accidente succedido na Figueira da Foz, conforme narrámos no ultimo número.

As reparações foram feitas pelo pessoal da *Empreza Automobilista Portugueza*, ficando o automóvel nas mesmas condições de solidez e acabamento, que tinha antes do accidente.

António Correia d'Oliveira

Lembra-me bem.

Levantára-me de mau humor. Sentei-me a almoçar e comecei abrindo a correspondéncia deixando para o fim um volume pequeno, que me pareceu ser algum folheto de reclame a medicamento novo.

Quando o abri dei com um livro pequenino com o titulo de *Auto do fim do dia*.

Li a dedicatória e pus para o lado o folheto.

O João de Barros, que almoçava á pressa para ir para a Universidade, perguntou me:

—Está zangado?

—Não!

—Póde se fallar?

—Póde!

—Porque fez essa cara, quando abriu o livro?

—Porquê? Porque gostava que quem me faz uma dedicatória assim a mim, fizesse um livro bom, e estou com medo de o ler. Não ha de prestar para nada, como o costume, e eu tenho de dizer mal...

—Mas não diga nada. Deixe ver? Póde se lêr.

—Lê. Diz-me coisas que eu gostava que fôssem verdadeiras e que houvesse um homem de talento, que m'as dissesse, mas ha de ser mais um da amabilidade do costume, da amabilidade a pedir e a agradecer um réclame.

—Talvez não seja...

João de Barros passou-me o livro e eu comecei a ler a medo, como se fôssem versos d'acaso á espera do verso mau.

Depois comecei a ler alto e o João de Barros que parava de pé, com medo de faltar á aula, dizia para mim, que olhava admirado para elle: é muito bom e não é fácil.

Quando vinham chegando os companheiros eu ia lendo. Nenhum o conhecia.

Sai com o livro para o theatro anatómico. No largo do Muzeu fiquei-me a lê lo aos novatos e um disse-me que já lêra um livro dêlle — *Ladainhas* — que ficára tambem muito admirado mas que não sabia quem era António d'Oliveira.

Um estudante que passava e que se chegára para o grupo, disse que conhecia um homem com um nome assim em S. Pedro do Sul; mas que se os versos eram bons, não podiam ser delle.

António Correia d'Oliveira é na verdade de S. Pedro do Sul e um grande poëta.

Em Coimbra andava tudo doido com os versos delle, e um empregado da livraria França Amado dizia me communicativo, numa occasião em que eu me queixava da falta de educação litterária da geração d'hoje:

—Veja lá o sr. dr. chega aqui uma obra do sr. Domingos Guimarães e tenho para ai os exemplares todos. Chega o *Auto do fim do dia* dum homem, que poderá ser muito bom mas que ninguem conhece e vendo os exemplares todos em três dias. A culpa tambem é do sr. dr. que se pôs a dizer bem do livro. E' para onde lhe dá...

Eu sorri-me a gostar de ouvir aquillo e fiquei muito calado; porque sabia que Correia d'Oliveira é muito amigo de Domingos Guimarães e não havia de ficar contente se soubesse que eu dizia mal do cunhado.

António Correia de Oliveira é o poëta mais português que eu conheço.

Enternece-me ver a alma do nosso povo em toda a ingenuidade de fórma e de conceito.

Encontro nelle todo o encanto dos poëtas quinhentistas, que transformáram nas fórmulas mais bellas da arte a fina e delicada sentimentalidade portuguêsa, filha do amôr e da saüdade.

Os sonetos quinhentistas impressionáram-nos, porque têem de extranjeiro apenas a fórma litterária. O pensar, o sentir, é o dos trovadores portuguêses, sempre a amar, sempre a advinhar tristêsas novas.

Um verso português de lei conheço o, mesmo traduzido, como se conheceria um verso de Homero ou um verso de Virgilio.

E commovem-me os versos portuguêses dum modo differente dos de Homero ou de Virgilio, como as árvores e os rios da minha terra, que fallam e se riem para mim.

Em paises distantes, dava ás vezes com os meus olhos tristes a olharem para mim do fundo das águas tranquillas, e em rios de Portugal nunca me vi senão descuidado e a rir.

Cada nuvem branca que passa, no ceu da minha terra, me leva um cuidado e me deixa mais livre e azul o ceu.

O mesmo é com os versos portuguêses. Distrahem-me as tristezas, que ouço trovar, quando as dita a alma portuguêsa, e sinto-me desenfadado e livre de cuidados.

O que me admira na obra de Correia de Oliveira é sentir uma alma, que não abandona pensamento que por lá passe. Cada livro é um poëma ligado e perfeito.

A fórmula do *Auto do fim do dia*, em que a paysagem é dada em sonetos, a fórma do renascimento, e a acção, a alma é traduzida em trovas populares e ingénuas, indica a fina sensibilidade dêste artista e explica-nos porque tivemos uma escola de pintura que faria a glória de qualquer pôvo, e que todos nós reconhecem.

Ha naquelle arranjo a impressão da pintura portuguêsa do século XVI em que a acção se passa em palácios, e os santos e os grandes da terra têem o sorriso, a bondade, da gente ingénua do povo.

Os brocados, as pedras preciosas, vêem se menos, apezar de tam ricos, do que aquêlles rostos simples e ingénuos que cantam bem alto a adoração da arte.

Correia d'Oliveira consegue o que conseguiram os pintores do Renascimento português, espiritualizar a alma do pôvo, tornando a subtil e delicada de conceito.

Quem olhar para os quadros portuguêses vê bem que as virgens e os santos eram do pôvo, que o artista trabalhou com modelos das classes pobres, ás vezes a mulher e os amigos.

Ha anjos que deviam moer tintas e estám vestidos de roupas ricas na intimidade dos santos adorados pelos grandes da terra, humildes, de joelhos.

Pois, apezar das feições grosseiras, ha no olhar, no geito da cabeça, na fórma de pôr as mãos, e no andar toda a graça do Senhor e dos santos.

Correia d'Oliveira tem um trabalho parallelo. Conhece, como ninguem, as expressões populares, sabe applicá las a propósito, mas com tal arte que a ingénua phrase diz um conceito delicado e subtil, e as pobres quadras desgarradas, como num improviso de arraial d'aldeia, unem-se e formam um trovar de côrte de amôr.

O seu último livro — *Cantigas* — começa, como todo o amôr em Portugal, por cantares para acabar em tristezas.

Acabada a invocação de amôr, começa a cantar a saüdade portuguêsa:

No céu ha uma janellinha,
Vê-se Portugal por ella:
Quando Deus se sente triste
Vai sentar-se a essa janella!...

Uma quadra só dá toda a nossa alma, a vida de amor de aventura:

Ai quem me fôra gageiro,
Nau Cathrineta no mar
E que teu pae me dissesse
Para contigo casar...

O mar leva-o ao passado:

O' ondas do mar salgado
D'onde vos vem tanto sal?
Vem das lágrimas choradas
Nas praias de Portugal

Houve um Rei antigamente
Bôa-Memória chamado:
Se cá tornasse, quizera
Ser bem desmemoriado

Portugal de tanto andar
E' tal qual como um velhinho:
Deita os seus olhos atraz,
Não se atreve a mais caminho.

Ai de quem chama dos outros
Aquillo que chamou seu:
Ai triste de quem tem sêde
Da água que já bebeu.

Portugal, meu grão de areia,
Fama de grandes respeitos!

Mas do passado heroico vem a força e a crença no futuro, dada numa quadra simples, da mais funda uncção religiosa:

Bandeira das Cinco Chagas,
Se cahiste, isso que tem?
Três vezes cahiu Jesus
P'ra se erguer como ninguem

E volta á terra da patria ao seu amôr, e sente-se alegre e bom a rir e a cantar:

Vi uma fonte seccar,
De novo a vi correr...
Nos homens, sécca a virtude,
Na terra, não póde ser.

Olha o Vouga, entre verduras,
Como vai devagarinho...
Parece que vai pasmado
De vêr tam lindo caminho

Bemdita seja a viola
Por cem annos e um dia.
Mais a roda, mais a Santa
Que nos traz da romaria

Meu rosário de cantigas,
Agora vais no final:
Padre Nosso Avé Maria
Pelo bem de Portugal.

E' mais duro que os penedos
O coração que não ama...
Ha pedras que fazem echo
E respondem a quem chama.

Lembra as tradições historicas, a alma portuguêsa que ficou na lenda de Ignez de Castro nos Lusiadas, como na Silvaninha da trova popular e volta, sem querer, ao amôr de Portugal, e á quadra final de amor.

Em nome do amor acabo,
Que em nome delle comecei...
Esta é aquella tristêsa
Com que tanto me alegrei.

A. C.

Subscripção

Para os infelizes grévistas de Gouvêa, que levados pela miseria reclamam pão para sí e suas familias, e a quem os serventuarios do regimen espingardearam cobardemente, criminosamente, recebemos as seguintes importancias:

Antonio Chaves	$500
A. P.	$200

Fica assim iniciada a subscripção em favor do operariado grévista da Covilhã, que lucta com dois males terriveis: a fome e a crueldade dos agentes das auctoridades, ás ordens de industriaes pouco condoidos da miseria dos seus operarios.

No pittoresco lugar de Tovim, proximo desta cidade, deve effectuar-se, no dia 28, uma festividade em honra da Senhora da Piedade, um dos mil nomes porque é festejada a mãe de Jesus Christo.

Os festejos parece que este anno seram rijos, a avaliar pelo que se diz:

Fogo de artificio, na vespera á noite, saida da bandeira da egreja de S. José no dia 28 de manhã, ladainha e sermão á tarde, em seguida recolhimento da bandeira a S. José, com acompanhamento de vistoso cortejo.

Não faltarám tembem as costumadas arrematações de fogaças, executando, por essa occasião, as melhores peças do seu reportorio, uma das muitas *bandas de músicas* de que ha fartura pelas povoações suburbanas desta cidade.

O lugar do Tovim será pequeno para comportar os festeiro e devotos, que ali accorrerám, no proximo domingo.

Scenas da vida

No passado domingo de tarde, no lugar do Arieiro, envolveram-se em desordem Augusto Duarte, da Portella da Cobiça, José Maria dos Santos e Bento Carocha, morador na Bica da Cheira, dando este ultimo uma paulada na cabeça dos Santos, partindo-lha.

Foi prezo o *paulista* pelo ferido, que é reservista, e por Adriano Noronha, de Chão do Bispo, que trataram de o conduzir para esta cidade.

Chegados, porem, á entrada da estrada da Beira, appareceu um tal Augusto Duarte, que sendo amigo do preso tratou de lhe dar escapula, agarrando-se para esse effeito ao Noronha emquanto o Carocha dava ás de villa Diogo.

Estamos num tempo, talvez percursor da vinda do ante-christo, pois já um Carocha qualquer parte a cabeça aos *santos* e se põe a salvo, sem ao menos dizer — agua vae.

Bem se diz lá — *que está proximo a fim do mundo.*

Com pouca demora esteve nesta cidade o nosso illustre correligionário, dr. Paulo Falcão, um dos vultos mais querido do nosso partido.

Ao nosso prestante correligionário apresentamos os respeitos de quem, avaliando as suas primorosas qualidades, se orgulha com a sua amizade e camaradagem.

LITTERATURA E ARTE

Para o beneficio do "Instituto de Soccorros a Naufragos„

ESPHYNGE

I

O Mar das tempestades, das procellas
E dos náufragos ha quinhentos annos,
— Prôas audazes, enfunados panos —
Foram a descobrí-lo as caravelas.

E depois de perigos, mortes, damnos,
— Sem mastros, e sem lemes, e sem velas —
Voltaram outra vez as caravelas
Julgando conhecer-lhe os maus enganos.

E êsse orgulho do Homem, que é tám grande,
Que em parte alguma se não doma e expande
Além da Vida para bem viver,

Cuidou, ao desvendar-lhe a immensidade,
Que terminára emfim toda a anciedade
De olhar as ondas e de as não vencer!

II

Acabáram assim velhas chiméras...
De mundo a mundo, dum ao outro pólo,
O Mar foi ama que embalou no cóllo
A coragem dos homens doutras eras.

E como um bosque extranho sobre um sólo
Movediço — com flamulas e espheras,
Os mastros das falúas e galeras
Povoáram as ondas, pólo a pólo...

Mas, supprimido o medo da distáncia,
Ficou nos corações a mesma áncia,
Ouvem-se, como sempre, os mesmos ais

Quando partem os barcos para o Mar
— Na tristeza infinita de chorar
Os que talvez não voltem nunca mais...

SETEMBRO, 1902. **João de Barros.**

Trasladação

Para a villa de Vieira foi trasladado o ataúde onde se encerravam os restos mortaes do estudante Guilherme F. dos Santos Abreu, fallecido nesta cidade em 5 de Fevereiro de 1882.

Por o caixão não estar em condições, foi ordenado. pelo sub-delegado de saude sr. dr. Freitas Costa, que o caixão fosse envolvido noutro de chumbo e depois encerrado num de mogno, afim de a saúde publica não soffrer.

Os trabalhos da trasladação foram dirigidos pelo sr. dr. Jayme Rodolpho de Abreu, irmão do fallecido.

CARTAS DA PROVÍNCIA

Figueira da Foz, 24=9=902.

A' hora a que escrevemos vai começar o sarau no *Casino Peninsular*, que afinal teremos uma vez aberto, para o concerto em beneficio da Sociedade de Soccorros e Náufragos.

O concerto realiza-se na sala de baile, onde a affluéncia de senhoras e cavalheiros é extraordinária.

A sala do café, antiga sala de espectáculos, está brilhantemente decorada de rêdes, elegantemente dispostas, e do material de soccorros a náufragos.

O barco salva-vidas está cheio de flôres a um lado, por cima corre montado o cesto-vaivem, ao outro lado os carros do material; por toda a parte verdura e flôres.

O effeito da decoração é brilhante.

A tourada de domingo correu bastante animada, apezar do nenhum valôr do gado.

No primeiro boi, a *Reverte* perdeu o sangue frio e teve um trabalho desigual, sendo todavia applaudida, pela coragem que mostrou, indo para a cabeça do touro com arrojo e brio.

João Marcellino teve uma ovação delirante, provocada pela sua temeridade.

Joaquim Alves foi o excepcional que todos conhecem e que todos admiram.

Mais tarde a *Reverte* fez se applaudir em bandarilhas e na sorte da morte do touro, que fez bem.

Os bandarilheiros nada fizeram, a não serem Pechuga no salto da vara, e, Torres Blanco, que teve alguns ferros bem postos.

A tarde, que a principio estava de vento, serenou e a corrida deu se com um tempo magnífico.

Muito notada a phylarmónica *10 de Agosto*, que está tocando de uma fórma superior.

Vamos ter em breve uma companhia de zarzuella.

A Maria da Encarnação (a Via Ruca), do lugar das Alhadas, foi feita uma melindrosa operação, pelo srs. dr. Garcia de Araujo, desta cidade, e dr. José Rodrigues d'Oliveira, distincto médico d'ai, estando a operada em muito bôas condições.

Aos estabelecimentos desta cidade, que vendem azeites, têem sido feitas inspecções pelo digno sub delegado de saúde sr. dr. Augusto Cymbron, sendo encontrado algum com mais de 18 graus de acidez!

Claro que tal azeite foi desnaturado, assim como muito outro que, sem ter tanta acidez, foi julgado prejudicial á saúde pública.

Que as inspecções sejam repetidas e rigorosas, sam os nossos desejos.

Temos no domingo tourada fidalga, em beneficio da Santa Casa da Misericórdia, no *Colyzeu Figueirense*.

E dizemos que a tourada *é fidalga*, por nella tomarem parte os distinctos e nobres cavalleiros amadores, srs. D. Luis do Rego, D. António Siqueira e Visconde de Alverca.

Ver-se-ha, portanto, no *Colyzeu*, tudo que houver da alta roda, não só nesta cidade e circumvisinhanças, mas em várias partes do país, onde os três cavalleiros contam admiradores e amigos dedicados.

Bandilharám Theodoro Gonçalves, José Martins, Francisco Saldanha, Thomás da Rocha e J. Peres.

Os touros sam da Companhia das Lezírias, dirigindo a corrida o distincto afficionado D. António Infante.

Mais uma corrida de primeira ordem se prepara, não devendo, tanto os cavalleiros como os artistas de pé, deixarám de brilhar por o gado se recusar ao castigo, como por vezes aconteceu êste anno, porque os touros da Companhia das Lezírias costumam ser bravos e os bichos para esta corrida ha muito que fôram apartados a capricho.

Mesmo o fim humanitário da festa tauromáchica de domingo, muito tambem deve concorrer para que a concorrência seja grande.

A camara municipal d'esta cidade obteve a aprovação dos seguintes orçamentos:

275$000 para obras nos passeios do jardim Infante D. Henrique; 175$000 para construcção do cano de esgoto da rua da União; 234$930 para obras de assentamento da bordadura de cantaria nos passeios da avenida Saraiva de Carvalho; 150$000 reis para construcção do passeio da rua de Fernandes Thomaz.

COSMOPOLITA.

"O Revolucionário„

Fômos visitados pelos dois primeiros números dum novo jornal, que começou a publicar-se em Lisboa, com o titulo acima.

Diz-se socialista.

Foi auctorisado o alumno da Universidade, sr. José Ferreira de Carvalho, a matricular-se nas cadeiras de anthropologia e archeologia prehistórica, junctamente com zoologia e mineralogia.

Foi publicada uma portaria concedendo, excepcionalmente, uma nova epocha de exames de admissão ás escolas normaes e districtaes, aos candidatos que o requeiram até ao fim do corrente mez.

Minas

Em Miranda do Corvo foi descoberto um vastissimo filão de magnifico carvão de pedra e outro de metaes, cuja importancia não é por agora conhecida, estando a analyze das amostras a fazer já em Lisboa e no extranjeiro.

A descoberta foi registada na secretaria da camara pelo importante capitalista sr. Luiz Cesar José de Figueiredo, da Quinta do Cabecinho, que, em successivas explorações dos locaes, tem evidenciado já a vasta zona occupada pelo filão.

Vimos nesta cidade o sr. dr. Sousa Refoios, que se encontra a banhos em Espinho, e o sr. dr. Franqueira, da Louzã.

Quem te manda a ti...

A propósito do descarrilamento dum wagon, que se deu na ponte do caminho de ferro sobre o Mondego, caso por nós narrado no último número, insere *O Diário*, em telegramma daqui, uma noticia sobre o caso, algo *espicolondrifica*.

Depois de informar que se partiu o *freio do motor*, declarou, entre outras coisas extraordinárias, aos leitores estarrecidos, que o *terrifonds ficou em péssimo estado!*

E diz depois, *que as lavadeiras fugiram espavoridas*...

Se lhe parece que ellas não *haveram* de fugir, ao verem o *terrifonds* em péssimo estado.

Até nós fugiríamos, e o próprio Candido de Figueiredo, se lesse uma semelhante prosa, era capaz de se julgar em frente dum Herodes das lettras e nunca mais *abriria bico* na secção *Falar e escrever*, do *Diario de Noticias*.

Um telegramma desta cidade para um diário da capital, noticia: — «que foi agarrado um papagaio que andava fugido, e que a policia já o entregou ao dono.»

Jornal que tem tal correspondente está livre *duma penhora* e... acredita-se.

No próximo dia oito de Outubro abrem as aulas da *Escola Industrial Brotero*, desta cidade.

PUBLICAÇÕES

O Occidente. — Sempre com interesse e novidade o *Occidente* é uma verdadeira illustração portuguêsa.

As gravuras d'este numero são: retrato do publicista brazileiro, Dr. Rodrigo Octavio Langgaard, de visita a Portugal; As manobras militares do Outomno, El-rei D. Carlos assistindo as manobras da 1.ª divisão; uma avançada da Infanteria; missa Campal no Campo da Santa Cruz, em Vizeu; Setubal; Palmella; O *Lia* vencedor na regata de Leixões Cascaes.

Os artigos são: Chronica Occidental de D. João da Camara; As nossas gravuras; Visitas d'El-rei D. João V á Inquisição d'Evora, de Ramos Coelho; De Lisboa a Aldegallega, Pinhal Novo, Setubal e Palmella, por Victor Ribeiro; walsa de Strauss, por Franz: Meteorologia; Publicações, etc.

ANNUNCIOS

SÉ VELHA

Está aberta todos os dias não sanctificados até ao meio dia, e nos dias sanctificados até ás 2 horas da tarde.

Fóra destas horas póde o empregado da egreja ser procurado no Becco da Carqueija, n.º 4.

(48) **Folhetim da "RESISTENCIA„**

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA DO CONVENTO

XXI

Argouges pensava comsigo que talvez Villy soubesse da entrevista do curral e viesse como inimigo, como despota de familia, pae cioso, arrancal-o a Mademoiselle de Croisy.

Só a ideia o irritava, e estava quasi a indignar-se, quando Villy continuou:

— Alice esteve á morte, e está ainda doente com algum desgosto mysterioso. Ao aniquilamento succedera o delirio; agora está em prostração, apezar de ter todos os sentidos e se achar com os olhos abertos. O doutor Touzand, a quem nós devemos a vida della, affirma que a noticia duma grande alegria póde terminar a cura. Tenho sido sempre discreto comtigo, Emmanuel, não deves ter difficuldades em reconhece-lo, essa alegria, creio eu, que só tu lh'a pódes dar. Sobrinho, queres fallar a tua prima no teu proximo casamento?

Argouges, que já estava avisado, tinha recobrado o sangue frio a ouvir o tio.

— Meu tio, respondeu, julgaria fazer uma offensa a Alice apresentando-me a ella como um remedio.

— Pobre creança! Como havia ella de pensar em tal.

— Havia de desconfiar mais tarde, e, em todo o caso, e em qualquer caso, deixe-me dizer-lho, a palavra dada nestas condições parece-me indigno de mim e do tio.

— Então recusas, Emmanuel?

— Reflicto, meu tio. O futuro de Alice, que não entrou ainda em plena posse de si mesmo e o meu dependem duma palavra. Perdoe-me que hesite um pouco por agora.

Villy estava espantado com aquella resistencia que não comprehendia.

— Ah! disse levantando se. Nos homens, só os paes sabem amar!

E saiu deixando Argouges admirado com a opposição que soubera fazer tão firmemente á vontade do tio.

Lambrune, que fôra o instigador daquelle passo de que o seu velho amigo se rira, como de um successo certo, esperava o resultado no terraço, e passeava com as mãos atraz das costas, dando estallos intermittentes com os dedos.

— Então? perguntou, quando avistou Villy.

— Então... estou com medo de que tu conheças Emmanuel melhor do que eu. Apresentou-me razões singulares, objectou-me motivos de delicadeza, que nunca me teriam vindo á ideia, e que, de resto, me não convenceram.

— Em summa: que te respondeu?

— Que parecia que se offereceria como um remedio, e que nisto havia alguma coisa de offensivo para Alice, para mim e para elle.

— Ora ahi está uma coisa bem arranjada, e que parece verdadeira. Mas não havemos de ficar por ahi. Eu vou fallar a esse subtil sr. Argouges!

— Meu caro Lambrune, elle não ignora quanto me affligiu; exprimi-lhe em taes palavras a minha surpreza e a minha pena. Não queria que agora parecesse que eu continuava a cerca-lo. Já que põe a dignidade adeante; cada um tem a sua!

— Não tenhas cuidado com isso, respondeu o coronel; um novo cerco da tua parte não ha de parecer-lhe extraordinario. Vae em paz, meu velho camarada; volta para ao pé de tua filha; eu fico aqui de sentinella, e Emmanuel não passará sem fallar primeiro.

— Duvido que tu consigas alguma coisa, quando não conseguiu nada o seu segundo pae, como elle me chama tantas vezes.

— Bah! Não sou nem seu segundo pae, nem tio, nem pae de Alice; nisso está a minha força; não tenho de calçar luvas para o fazer voltar, com a minha franqueza habitual de soldado. Vae e espera. Não o largarei sem motivo mais sério.

Argouges, quanto mais pensava, mais perturbado ficava com a sahida rapida do sr. de Villy. Talvez tivesse sido um pouco secco com aquelle homem excellente, e não queria ser accusado de tanta inconveniencia como ingratidão.

Desceu para o procurar e mitigar com desculpas affectuosas o mal que podia fazer-lhe, sem todavia mudar da sua primeira decisão. Emmanuel caiu assim nos braços de Lambrune, que abria effectivamente os braços.

— Ah! Com os diabos! Já é tempo de conversarmos!

Emmanuel para quem o encontro era pelo menos desagradavel, ficou bastante frio, deante daquella expansão.

— Meu caro Argouges, continuou Lambrune, já lhe disse, creio, que era seu amigo e amigo dedicado.

— Obrigado, coronel.

— Mas as palavras para mim, meu caro, não sám nada; tenho o habito de provar o que digo. Deixa-me faze-lo agora?

— Com todo o gosto, disse Emmanuel com um leve sorriso de desconfiança. Presentia o ataque e cahia em guarda, segundo a expressão de sala de armas.

— Estamos sós, continuou o coronel, e, como amigo sincero, não tenho nada a occultar-lhe. Tinha offerecido a minha mão a Mademoiselle de Croisy antes da minha partida...

— O senhor mesmo?

— Em pessoa... E então não recusou.

O golpe tinha acertado. Argouges ficou livido desde a testa até aos labios.

— Quando voltei, continuou Lambrune, a reflexão em que eu a deixára a pedido della não me tinham sido favoraveis. Não acha este addiamento bastante curioso, e esta recusa tardia cheia de ensinamento?

— Não posso dissimular comsigo, ponha o seu pensamento a descoberto. Peço-lh'o!...

— Não o advinha? Mademoiselle de Croisy, essa educanda de convento, tinha batêrias duplas, carregada, concordo, duma paixão de menina nova que era por o seu lado; mas, emfim, se o senhor não tivesse cahido, era o senhor, que por amisade por mim, me levantaria hoje, assim o creio.

— O coronel dá-me a sua palavra d'honra que acredita nesse duplo jogo?

— Dou lhe a minha palavra de honra que acredito. Mas é necessario que o senhor possa julgar por si mesmo.

(Continua.)

COLLEGIO DE S. PEDRO

COIMBRA

Rua Alexandre Herculano ✣ *(Quinta de Santa Cruz)*

Estatistica dos alumnos approvados no anno lectivo de 1901-1902

Instrucção primaria (2.º grau)

D. Idalina dos S. Pereira, 13 v.
D. Maria de N. Serra (D.) 15 v.
Abel Adelino de Sá, 11 v.
Arcadio A. da F. Vasco, 14 v.
Daniel Guedes dos Santos, 10 v.
Estevão A. d'Oliveira, 14 v.
Eugenio Sanches da Gama (D.) 16 v.
Gualter Ribeiro Alves (D.) 15 v.
Hamilton G. de Figueiredo, 12 v.
Jayme dos S. Pereira (D.) 15 v.
José Maria dos Santos, 14 v.
José d'A. Pereira Frazão, 10 v.
José Ferreira Cabrita, 12 v.
José Simões Cortez (D.) 15 v.
Pedro Vasques, 14 v.
Raul M. Simões Dias, 10 v.
Raymundo Jorge Coimbra (int.) 14 v.

Instrucção secundaria

Alumnos que frequentaram o collegio e que fizeram exame

De admissão á 2.ª classe (INTERNOS)

Eurico D. Barroso Tierno (7 BB.)
Januario Cavalheiro (D. 5 MB. MB. e 2 BB.)
Roberto A. Canellas (3 BB. e 4 SS.)

(EXTERNOS)

João M. Ladeiro (5 BB. e 2 SS.)
João R. da Silva Couto (5 BB. e 2 SS.)
Julio C. de S. Refoios (2 MB. MB. e 5 BB.)

De admissão á 3.ª classe (INTERNO)

Jeronymo M. de Lacerda (2 MB. MB. e 6 BB.)

(EXTERNOS)

Cesar d'A. Fontes (6 BB. e 2. SS.)
Eduardo Cardoso de F. (6 SS. e 2 MM.)

De admissão á 4.ª classe (INTERNO)

Humberto F. Costa Carvalho (1 B. e 8 SS.)

(EXTERNO)

Americo Vianna de L. (2 BB. e 7 SS.)

De admissão á 5.ª classe (INTERNO)

Adelino B. de Carvalho (9 SS.)
Alfredo M. Esteves (7 SS. e 2 MM.)
José A. M. Barbosa (7 SS. e 2 MM.)

De sahida do curso geral (INTERNO)

Ximenes Cerveira O. Vaz (2 BB. e 7 SS.)

(EXTERNOS)

Adelino S. de Carvalho (3 BB. e 6 SS.)
Alvaro M. Machado (3 BB. e 6 SS.)
Antonio A. V. Raposo (1 B. e 8 SS.)
Ismael de Sá C. Sampaio (n'outro lyceu.)
Luiz Mendes (9 SS.)

Alumnos que frequentaram o collegio e que passaram pela media

Para a 2.ª classe (INTERNOS)

Antonio E. da Costa Agria.
Carlos A. d'Oliveira Esteves.
Eduardo de Queiroz Godinho.
Henrique Fernandes Ruas (Distincto.)
João de Menezes Fernandes Costa.
D. Pedro de Castro.

(EXTERNOS)

Mario E. da Silva Cardoso.
Armando R. de Castro (Singular.)

Para a 4.ª classe (INTERNO)

Belarmino Ribeiro do Amaral.

Para a 5.ª classe (INTERNOS)

José de Seiça Ferrer.
José Antunes d'Oliveira.

(EXTERNOS)

Antonio Mendes Junior.
Carlos A. Falcão (Singular.)

Alumnos internos que frequentaram o Lyceu e que passaram pela media

Para a 2.ª classe

Alberto Barreto de Carvalho.
Antonio Bebiano Correia.
Antonio d'Oliveira Zuquet.
Armando de Freitas Cortezão.

Para a 3.ª classe

Alfredo da Silva Lopes.
Jorge da Cruz Jorge.
José Ribeiro Telles.

Para a 4.ª classe

Joaquim Pereira Machado.
Julio da Silva Lopes.

Para a 7.ª classe

Adelino da Silva Lopes.
Evaristo Pessoa Jorge.

Alumnos internos que frequentaram o Lyceu e que fizeram exame

De passagem á 3.ª classe

Mario Serrão Burguet.

De passagem á 4.ª classe

Antonio H. Cardoso Norte.

De sahida do curso geral

Amavel Jardim Grange.

De passagem á 7.ª classe

Francisco Ribeiro Telles.

Não se admitte nenhum alumno, como interno, que tenha completado 13 annos na occasião da primeira matricula.

Nenhum alumno póde ser matriculado na 1.ª classe sem apresentar certidão de idade e a de instrucção primaria; e em qualquer outra classe sem a de passagem ou approvação em exame de classe anterior áquella que pretende frequentar; porém, se se acha inscripto no Lyceu de Coimbra, o director do collegio encarrega-se de a mandar tirar, se assim o desejarem.

Todas as aulas reabrem no dia 2 de Outubro.

Coimbra, Collegio de S. Pedro — Setembro de 1902.

O Director e proprietario.

Maximiano Augusto Cunha.

"EQUIDADE,,

Companhia de Seguros

Vida de animaes, fogos, fianças e rendas de casas

Preços muito reduzidos

Correspondente em Coimbra

Joaquim Antonio Pedro

Em casa do Sr. Antonio Rodrigues Pinto.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçadoe tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

Instrucção primaria

Octavio Neves Pereira de Moura, professor official da freguezia da Sé Nova, abre no proximo anno lectivo um Curso prático de Instrucção primaria.

Largo da Feira

COIMBRA

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos,** continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis.**

O proprietário,

José Maria Junior.

Consultorio dentario

Figueira da Foz

✣ Rua Fresca, 45

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

De 15 de Agosto a Outubro — Consultas das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

Casa para arrendar

Arrenda-se uma boa morada de casas, com tres andares e grande quintal, na rua João Cabreira, 21.

Trata-se com seu dono Alipio Augusto dos Santos, rua do Visconde da Luz, 60.

Alfaiataria Academica

AFFONSO DE BARROS

Acaba de chegar a esta casa o eximio tailleur Saturnino F. Grant, exgerente da Alfaiataria Amieiro, de Lisboa.

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Arrenda-se

No páteo pequeno da Inquisição, uma boa casa que póde servir para celleiro ou para qualquer associação.

Trata-se na rua Ferreira Borges, 95.

Em todas as localidades nós procuramos pessoas que queiram arranjar rendimentos supplementares pela venda d'um artigo de collocação facil.

Offertas sob A. 687, a HEINR. EISLER, Hamburgo.

Collegio Mondego

Continua este collegio a leccionar todas as classes dos Lyceus, bem como **INSTRUCÇÃO PRIMARIA** e o **CURSO COMMERCIAL.**

Os alumnos de instrucção secundaria podem frequentar o collegio ou o Lyceu.

As aulas de **Francez, Inglez e Allemão** pratico continuam a ser regidas por professores das respectivas nacionalidades.

O praso para a matricula nas classes da Nova Reforma termina em 25 do corrente.

O director,

Diamantino Diniz Ferreira.

Paris em Coimbra

NOVA ALFAIATARIA

DE

J. M. de Vasconcellos

Ex-contramestre da casa

Affonso de Barros

Este já bem conhecido alfaiate com prou em Lisboa tudo o que ha de novidade em fazendas para a proxima estação, que vende por preços que nenhuma outra casa póde imitar, pelos encargos que tem com os contra-mestres.

Em elegancia e gosto é escusado o reclame, porque já é conhecido de todos os que se sabem vestir.

ESTRADA DA BEIRA (Junto ao Gymnasio)

COIMBRA

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo.

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges COIMBRA

Estabelecimento de chapeus para sol e chuva

DE

JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA

20 — Rua do Sargento Mór — 24

COIMBRA

N'este antigo estabelecimento se concertam e cobrem de novo guarda soes, tanto de seda como de setim, de brilhantina ou de paninho.

Tambem se fazem guarda-soes novos e se fazem de varetas de todas as marcas, tanto redondas como elasticas, assim como todos os trabalhos concernentes á sua arte.

LUCCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria. Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

Mêsa rica

Thomás Pombar com estabelecimento de bric-á-brac, tabacos e occulista na rua Ferreira Borges, em frente ao Arco d'Almedina, tem para vender uma mêsa de pau preto e sándalo, com embutidos de marfim e obra de talha. Quem a pretender póde ir vêla ao seu estabelecimento onde está em exposição.

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

Espingardas

Vendas a prestações

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges = COIMBRA

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de Cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmunar, frasco, 1$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. — Frasco 1$100 réis.

O remédio de Ayer contra sezões. — *Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remédios que ficam indicados sám altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas carthariticas de Ayer. — O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL — MARCA «CASSELS»

Exquesita preparação para aformosear o cabello

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA — MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA — MARCA «CASSELS»

Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

José Marques Ladeira & Filho

Empreitaires das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e cordão de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno	3$600 réis
Ilhas adjacentes, »	3$000 »

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.

Réclames, 60 » »

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 736 | COIMBRA—Domingo, 28 de Setembro de 1902 | 8.º ANNO

A ESTÁTUA

A terra de Portugal, tantas vezes victoriosa e enaltecida, cuja fama aventureira, impregnada de todo o mysticismo do génio peninsular, corria saüdosamente de bôcca em bôcca, á luz fulgurante das batalhas, e na amenidade dos velhos serões reaes em que os moços aprendiam dos velhos a sciéncia de luctar e o amôr de vencer, a terra de Portugal, de céo puríssimo, de claro sol, de claro luar, aonde as mulheres sam meigas e amorosas e os homens poëtas e heroes desde o berço, a terra de Portugal, tam florida e tam preciosa como nenhuma, tam alta e tam nobre entre as primeiras, tem galopado numa derrocada pavorosa, como um baque surdo de àguia sobre o mar, como uma montanha erguida ha 700 annos e que na queda escurecesse a luz maior e intangivel do sol.

Mas não se erguem braços athléticos de apóstolos e de luctadores que despedacem as raizes da árvore do mal, que revolvam a terra inteira, grão a grão, de sol a sol, plantando nova semente vigorosa e sã, regando-a com o sangue do seu corpo, cavando fundo, até retalhar todo o podre, para que a terra seja florida como d'antes, forte e valorosa como nunca.

Os grandes homens, que hoje dominam na terra de Portugal, os grandes dêste reino desprezado, que vive na má lingua das outras nações, abaixando-se a todos os insultos, estendendo a cara a todos os escarros, os grandes homens, felizes, ricos, imbecis e maus, têem um soberano gesto de desdem, uma torpe visagem de tédio, para a agonia do pôvo, que no egoismo do nosso amôr pela pátria, quereriamos elevar, o mais alto no mundo.

A imbecilidade da grande gente portuguêsa architecta festas espaventosas e ridiculas, com réclames nos jornaes de grande monta, faz ella a consagração dos nossos heroes, que repouzam na morte, gloriosos e calmos, manda erigir estátuas magnificas, inaugura-as e apregoua-as perante o mundo com a mesma importáncia com que preside ás corridas do *sport* em Cintra ou em Cascaes, com o mesmo ar aprimorado e superior com que marca as quadrilhas, nas reüniões solemnes.

Fallam da tragédia portuguêsa no Oriente, com certa pompa heráldica. Sabem que Affonso d'Albuquerque foi governador da India, arvoraram-no em heroe, elle que nunca deixára de o ser, ha tantos annos já, e viciados da megalomania, da mania da grandeza, um dos peores agentes pathológicos de que enferma a sociedade portuguêsa, os grandes do reino decretaram a estátua olýmpica e maravilhosa que ha de consagrar o génio do *terribil* conquistador.

Mas os senhores sabem decerto que em 1503 Affonso d'Albuquerque fôra governador para a India, «que do tempo do seu governo datam as melhores conquistas: Gôa, todo o Malabar, Ceylão, as ilhas de Sonda, Ormuz, a peninsula de Malaca, além da qual, pelos reinos de Pegú e Ceylão, tributários, o império português se estendia até ás fronteiras da China.»

Sabem que o rei da Pérsia, suserano de Ormuz, mandou pedir o tributo ao português; e êste mostrou aos embaixadores uma pilha de granadas e de feixes de espadas, respondendo lhes «— nesta moëda paga el-rei de Portugal os seus tributos.»

Mas vós todos, gente nobre e grande, sabeis que Affonso d'Albuquêrque, o maior dos conquistadores, pensou dominar o Egypto para tomar posse de Suez e poder d'ai dominar o mar Roxo, para dar um golpe mortal em Meca, a Jerusalem do islamita; e nêsse propósito imaginára desviar o curso do Nilo nas suas nascentes ethiópicas. Isto vem nas chrónicas antigas, gloriosas e altivas que contam os grandes feitos portentosos e sublimes, isto vem nos livros de Oliveira Martins, o nosso grande historiador moderno.»

Mas todos aquêlles que figuram no caso da estátua, apóstolos do culto do osso, formam a tara degenerada, fraca e inútil, que em todo o tempo ha de existir, que deixou morrer miseravelmente o génio de Camões, que condemnou a honestidade de Pedro d'Alfarrobeira, que discutiu ainda ultimamente a consagração de Garret, de Anthero e de João de Deus, na ignoráncia do que sejam os grandes homens, conquistadores valorosos ou poëtas sublimes.

A estátua tem o valôr altíssimo do exemplo, perante aquêlles que pelo valôr da sua fé e pela energia da sua vontade pódem aspirar á prática de altas virtudes e nobilíssimos feitos.

Parque não basta a admiração e o culto pela heroicidade do passado, é sobretudo indispensavel o amôr pela religião do futuro e pelo triumpho no presente.

Mas o levantamento da estátua do grande Affonso d'Albuquerque na nossa situação moral, desgraçada e perniciosa, sem a regeneração dum bom exemplo, nem a utilidade duma sã doutrina, dá perante o mundo uma prova imbecil da nossa vaidade, da nossa incapacidade physica e da nossa idiotice mental.

Convençam-se disto, os senhores, os grandes do reino, que esperam alcançar a glória, agarrados ao estribo do carro olýmpico, que vôa com os heroes para o país doirado da Victória.

Mobilia nova

Os senhores deputados da nação portuguêsa vam ter cadeiras novas, compradas em Inglaterra. A carpinteria nacional é insufficiente para os paes da patria.

Em compensação, o hemorrhoidal chronico do conselheirismo sisudo vae ter cura radical.

Porque a mobilia nova ha de aguentar melhor o pêso bruto.

Falleceu o sr. Silviano Brandão, vice-presidente da republica do Brazil.

VALSA TRISTE

El-Rei sae a passeio. El-Rei vae correr mundo em longas viagens diplomaticas que hâm de restabelecer o nosso credito abalado e a nossa dignidade nacional, perante o extranjeiro. El-rei é agora a mimosa flôr que symbolisa a esperança da patria. El-Rei é mais gordo, mais feliz e mais heroe agora do que nunca.

Nós applaudimos a valsa da despedida. Por causa do nosso fraco pela muzica.

Ao voltar El Rei ha de contar coisas maravilhosas...

Nessas viagens
Sulcando os mares

E as bandas regimentaes ham de soprar doridamente o hymno e os politicos intelligentes do *Popular*, da *Tarde*, do *Novidades* ham de applaudir, delirantes. Tudo isto parece enredo dos *Sinos de Corneville*.

Foi justo ha dias o casamento do nosso querido companheiro e amigo, dr. Costa Ferreira, talentoso licenciado em philosophia e terceiranista de medicina, com a ex.ma sr.ª D. Alice Pimenta, virtuosa e gentil filha do ex.mo sr. António Maria Pimenta, digno director dos correios, deste districto.

Sempre se realisa uma corrida de automóveis, cujo trajecto será pela Figueira, Coimbra, Pombal, Leiria, Alcobaça, Caldas, Carregado, Azambuja, Villa Franca, Sacavem, estrada militar, Lumiar e Campo Grande.

Haverá seis premios, e a corrida terá effeito a 26 de Outubro próximo.

Noticias da Côrte

Sua Magestade a rainha D. Maria Pia chegou, no dia 23, á tarde, a Nice, ida de Aix-les Bains.

*

Nas Caldas da Rainha realisou se, com a assistencia de Suas Altezas, na quarta feira, a inauguração do Theatro Pinheiro Chagas.

Não havia um unico bilhete.

Depois effectuaram-se regatas no largo, partidas de law-tennis no parque, illuminações, vistosos fogos de artificios, musicas militares, etc., etc.

*

Sua Magestade el-rei vae para Paris, no proximo dia 16 de Outubro, demorando-se um mez.

De Paris seguirá para Londres, a cumprimentar o rei Eduardo.

*

Em Gouveia foram espingardeados os grevistas indefezos, que reclamavam um pequeno augmento de salario, para comprarem pão para si e suas familias, tendo caído dois varados pelas balas, afóra numerosos feridos.

COMO SE ARRANJAM MANIFESTAÇÕES

Data já de ha muito tempo a organisação de *manifestações expontáneas*, para honrar os chefes do estado ou algum figurão altamente collocado.

E' portanto velha a praxe, mas o que é novinho em folha é o descaramento com que presentemente se procede.

Antigamente procurava-se guardar as conveniencias, cobrir com uma espécie de véu, a fórma de apresentar, nos momentos opportunos, a burocracia e a militança. Davam-se ordens, á surdina, mandavam-se fazer pedidos por terceiras pessoas, e aos recalcitrantes dirigiam-se lhes ameaças indirectas.

E as manifestações e os beija-mãos reaes eram larga e numerosamente concorridos.

Hoje em dia essa especie de pudor desappareceu.

As ordens sam claras, dá-se-lhes larga publicidade e caracter official, sendo a comparencia portanto mais um dever, que tem de ser cumprido, e ai daquelle, ou daquelles, que faltarem, sem motivo poderoso, ou se recusarem a cumpri-las.

Não ha lei, que auctorize tal abuso; não ha, ao menos, um sentimento de vergonha, ou de impostura, que leve os aulicos da realêsa a cobrirem as apparencias.

O escándalo faz se ás escáncaras e vai tomando fóros de direito e dever, que deve repugnar, não só aos que sam obrigados, pela sua posição, a cumprir ordens contrárias á sua dignidade, mas aos próprios adeptos sinceros e amantes da actual ordem de instituições, pelo desprestigio e odioso, que acarretam contra aquelles que sam a causa, ainda que indirecta, dellas se darem.

Para os leitores avaliarem devidamente a justiça das nossas observações, publicâmos em seguida as determinações que, para uns cumprimentos ás majestades pelo seu anniversário, foram expedidas por ordem do general Craveiro Lopes, commandante da primeira divizão.

1.º—Que os srs. generaes e mais officiaes subordinadas a êste quartel general, que não estiverem de serviço, estejam ás 2 horas da tarde do dia 28, no Paço da Ajuda, para cumprimentarem suas magestades.

2.º—Que a formação do cortejo seja a seguinte: Pessoal do quartel general da divisão; inspecção dos serviços de engenharia, de artilharia, dos telegraphos e de saude; secção de fiscalisação da administração militar; tribunaes militares e casa de reclusão; officiaes em disponibilidade por ordem de armas e n'estas por ordem de graduações e antiguidades; regimentos de engenharia, artilharia 1, grupo de artilharia de guarnição n.º 4 e grupo de baterias a cavallo; quartel general da 4.ª brigada de cavallaria e respectivos regimentos; quartel general da 1.ª brigada de infantaria, batalhão de caçadores da rainha, regimentos de infantaria 2 e de reserva n.º 1 e 2; quartel general da 2.ª brigada de infantaria, batalhões de caçadores d'el rei, regimentos de infantaria 5 e 16 e de reserva; companhias de saude, de subsistencia e de equipagens; regimento de infantaria 1.

3.º—Que o regimento n.º 1 de infantaria da rainha, na sua maxima força disponivel, esteja pela 1 hora da tarde do mesmo dia, formado junto do referido paço, como guarda de honra.

4.º Que todas as bandas regimentaes dos corpos da guarnição estejam ás 2 horas da tarde no vestibulo d'aquelle paço, para tocar durante a recepção.

Leram?

Pois é assim mesmo que presentemente se procede.

Não se consultam vontades, não se espera pela demonstração expontánea de sympathias; dam se ordens terminantes a quem não pode deixar de as cumprir, e assim se arranjam luzidos cortejos, numerosas manifestações, concorridos beija-mãos, mais falsos do que a consciencia de quem os organizou.

Assim procuram enganar os monarchas, aquelles que já não enganam ninguem, por as suas artimanhas serem de ha muito conhecidas e desprezadas.

Tudo vai decaindo e se falsifica, nesta boa terra de Portugal.

Já os reis, para terem quem lhes beije as mãos, quem os comprimente, necessitam de companhia obrigada.

Pobres monarchas, infeliz povo.

Questões hospitalares

Ainda se não desvaneceu a funda impressão, que causou em Coimbra, a brutal e cobarde aggressão praticada pelo médico Rozette na pessoa do director politico dêste jornal, um dos homens mais respeitáveis, pelo seu talento e pelas suas nobres qualidades, que existe nesta cidade.

E a impressão é tanto mais funda, quanto mais illustradas sam as pessôas que a sentem, pois melhor avaliam quanto ha de baixo e mizeravel no acto praticado por um homem na fôrça da vida e armado, para com um ente inerme, quási inválido, e que não costuma envolver-se em desordens de brigões de feira.

O motivo, que levou o médico Rozette a commetter o insólito e vergonhoso attentado, cobre de oppróbrio quem, sendo chamado a campo para vir defender-se de accusações, que diziam respeito aos seus conhecimentos profissionaes e que lhe podessem tocar como membro da trindade do **Posto Médico** Amante, Rozette & Gonçalves, — em lugar de provar pela imprensa a sem razão das accusações, defender-se, emfim, lança mão dos meios usados pelos carrejões do Caes e mariolões de esquina, para fazerem valer as suas opiniões e abafar os murmúrios contra os seus actos incorrectos.

Pois semelhantes meios só produzem resultados contraproducentes, e, se antes da aggressão haveria quem ainda duvidasse da veracidade das asserções feitas na imprensa, agora todos acreditam nellas.

E' que, quem tem razão e meios ao seu alcance para provar a falsidade das accusações que lhe assacarem, demonstra-o, e, se em lugar de o fazer se vale da aggressão mizeravel, procurando assim abafar a voz de quem o accusa, demonstra cabalmente que se sente culpado, que não tem defeza possivel.

Portanto o vergonhoso acto praticado pelo médico Rozette resume se no seguinte: cobardia e confissão.

Cobardia, por atacar brutalmente, quem não se podia defender; confissão, por que não se livrando das accusações que lhe possam tocar como sócio da *trindade médica*, confessa assim, indirectamente, que sam verdadeiras.

Rasões dadas por meio da bengallada, não desfazem accusações feitas por meio da imprensa.

Aggressões cobardes, não honram nunca quem as pratica.

Mas sempre foi assim.

E' tocar na arca santa das vaidades e dos interesses, por mais justa que seja a causa, e ver-se ha o visado romper em excessos de toda a espécie.

Diz se correntemente: pique-se um russo e apparecerá logo o cossaco; accuse-se um rústico diplomado e apparecerá logo um labrego.

Dirigem se lhes de luva branca, e respondem com o chinguisso.

Cada qual dá o que tem.

Mas, quem dá assim uma pública demonstração da sua incapacidade moral, e da sua *valentia*, para com quem não podia defender-se, necessita dum correctivo e correctivo sério.

E' o que já lhe começou a ser dado por quem o conhece de larangeira.

E continuará; pois com o seu cobarde procedimento, só fez irritar a questão, fazendo-a tomar um caracter agudo que não tinha. Já a sabedoria das nações diz, que quem semeia ventos colhe tempestades.

O médico Rosette, julgando-se aggravado como profissional, respondeu como um rústico sertanejo o faria a qualquer companheiro de tarima de quem tivesse aggravos.

E' extraordinário, é vergonhoso, porém é verdadeiro.

Mas...

Por hoje basta, pois nem aqui está

quem tomou a seu cargo o escrever a secção cujo titulo encima este escripto, nem mesmo quem hoje empunha a penna para publicar este simples desabafo, está com a necessária quietude de espirito para tratar tam melindroso assumpto.

Já sairam a campo dois dos parceiros ferozes, como gladiadores.

Salte agora o terceiro!

E o espectáculo ficará assim completo.

Instrucção Primária

Pela nova organização de ensino primário, foi o pais dividido em três grandes circumscripções, com sédes em Lisboa, Coimbra e Porto, que se subdividem em circulos escolares.

A circunscripção, de Coimbra, que é a segunda, ficou assim composta:

Séde em Aveiro: os de Agueda, Aveiro, Albergaria-a-Velha, Estarreja, Ilhavo, Sever do Vouga e Vagos.

Séde na Anadia: os da Anadia, Oliveira do Bairro, Mealhada, Cantanhede, Mira, Oliveira do Hospital e Taboa.

Séde em Oliveira de Azemeis: os de Arouca, Castello de Paiva, Espinho, Feira, Maceira de Cambra, Oliveira de Azemeis e Ovar.

Séde em Castello Branco: os de Castello Branco, Certã, Idanha-a-Nova, Oleiros, Proença-a-Nova, Villa de Rei e Villa Velha de Rodam.

Séde na Covilhã: os de Belmonte, Covilhã, Fundão e Penamacor.

Séde em Arganil: os de Arganil, Goes, Louzã, Miranda do Corvo, Pampilhosa, Penacova, Poiares, Pedrogam Grande e Figueiró dos Vinhos.

Séde em Figueira da Foz, Montemór-o-Velho, Penella, Soure e Pombal.

Séde em Ceia: os de Ceia, Fornos de Algodres e Gouveia.

Séde na Guarda: os da Guarda, Manteigas e Sabugal.

Séde em Trancoso: os de Aguiar da Beira, Celorico da Beira, Pinhel e Trancoso.

Séde em Villa Nova de Fozcôa: os de Almeida, Figueira de Castello Rodrigo, Meda e Villa Nova de Fozcôa.

Séde em Leiria: os de Alcobaça, Alvaiazere, Ancião, Batalha, Caldas da Rainha, Leiria, Obidos, Pederneira, Peniche e Porto de Mez.

Séde em Lamego: os de Armamar, Lamego, Rezende, Sinfaes e Tarouca.

Séde em Moimenta da Beira: os de Moimenta da Beira, Penedono, S. João da Pesqueira, Sernancelhe e Taboaço.

Séde em S. Pedro do Sul: os de Castre Daire, Oliveira de Frades, S. Pedro do Sul, Sattam, Villa Nova de Paiva e Vouzella.

Séde em Tondella: os de Carregal, Mortagoa, Nellas, Santa Comba Dão e Tondella.

Séde em Vizeu: os de Mangualde, Penalva do Castello e Vizeu.

Já foram nomeados, para alguns dos circulos escolares, desta circunscripção, os seguintes sub inspectores:

Circulo de Anadia, José Augusto dos Santos; de Aveiro, Bento José da Costa; de Castello Branco, Antonio Guilherme de Saldanha e Albuquerque, de Arganil, José Maria Dantas de Sousa Baracho; da Figueira da Foz, Alfre, do Augusto Martins; da Guarda, João Francisco Gonçalves; de Trancoso Albino de Moraes Ferreira; de Lamego, José Lopes de Araujo; de Moimenta da Beira, Antonio de Carvalho Mourão; de S. Pedro da Sul, Antonio Cardoso Pinto.

Para a secretaria fizeram se as seguintes nomeações:

Secretario, bacharel Manuel Duarte Areosa; amanuenses, Ricardo Diniz de Carvalho e Domingos Alves da Cunha; continuo, José Bento Correia.

Em commissão — Amanuense, Honorato Arthur Pires da Silva Santos e Joaquim de Oliveira Baptista.

A folha official publicou ontem o regulamento da Procuradoria de Negócios Universitários, que só pode ser exercida pela agencia da Sociedade Philantrópica de Coimbra.

O Conselho Superior de Obras Públicas, em sessão de quinta feira, examinou o pedido de construcção duma estrada que ligue Santo António dos Olivaes com a Casa do Sal e o Promotor.

Da praia da Nazareth regressou a esta cidade o nosso estimado assignante sr. Francisco de Salles Ferreira Preces Dinis.

A minha architectura

Raul Lino

27—IX—902.

No *sud express* de ante ontem, chegou a esta cidade o architecto Raul Lino, artista de mérito e rapaz muito sympáthico, que eu tive o prazer de conhecer pessoalmente, e que, com mais um amigo meu, acompanhei num pequeno passeio pelo bairro de Santa Cruz, onde brevemente se levantarám algumas construcções delineadas por aquelle novo architecto.

Encaixados num caleche, sob um sol abrazador, ai pela 1 hora, passámos pela Avenida, e mostrámos lhe primeiro que as nossas bellezas architectónicas, aquella galeria de monstrosinhos, que os honestos, mas pouco artistas, mestres de obras, cá da terra, e mais alguns, têem ido poisando por êsse bairro de Santa Cruz fóra.

Apresentámos-lhe aquelle mostrengo da Padaria militar, sellado na frontaria, como todas as coisas, e fizemo lo admirar aquelle caprichosinho ingénuo e ridiculo, de uma casolita de boneca, feita de tijolo, e encarrapitada na chaminé da mesma padaria.

Mostrámos lhe depois a pequena cartonagem da casa de bombeiros e a boceta — Theatro, barriguda e atarracada, como o Santos Lucas, e, por fim, aos poucos, fomos-lhe apontando aquellas frontarias chatas, em rectangulo, com janellas em rectangulo, e portas em rectangulo, monótonas variações sobre o mesmo thema, — o rectángulo, ou então construcções estylo cartão de visita, como espirituosamente lhes chama um amigo nosso.

Olhar de alguma consideração mereceu nos apenas uma casa, que fica quasi ao meio da rua, e que é a melhor casinha do sitio.

Ao chegar ao largo, fallámos-lhe desta nossa geral e exaggerada preoccupação das frontarias, e do absoluto desprezo das fachadas lateraes, justificado, provavelmente, por uma razão análoga á que podem apresentar os sujeitos que não cuidam da roupa branca, porque ella se não vê.

Para confirmar as nossas maldizencias, apresentamos-lhe uma das fachadas dum grande edificio, pintado de côr de rosa, na frente, e de branco, nos lados, onde, aos zig-zags, corria a bicha amarellada do canno das latrinas, e onde apenas se abriam umas estreitas frestas.

Mais para cima, defrontámos com uns exemplares curiosos, calcados sobre espcimens extranjeiros, e alem delles, alguns edificios achalézados, que seriam mais bem cabidos numa praia, ou no campo, e que, provavelmente, foram construidos na ideia de que a cidade não chegaria até alli.

Sou má lingua, e não percebo nada disto. Sou o que quizerem; mas deixem-me fallar.

Eu sempre embirrei com esta mania de pôr chalets numa rua urbana, com est'outra de trazermos para o seio do nosso clima ameno, edificios carrancudos dos paises frios, com telhados de lousa, empinados por causa das neves, como, por exemplo, succede num edificio que conheço na rua Gonçalo Christovam, no Porto, e por último com estas outras manias dos castellinhos abrazileirados, e dos palacetes ro-có-cós.

Eu quero que a casa d ga com o clima e com o morador.

Ver um castello no meio dum jardim, e avistar-lhe, nos minaretes, os calções e as fraldas dos meninos a enxugar, embirro.

Ver um brutamontes, mettido num destes edificiosinhos, caixas de *bon bons*, que a França nos tem mandado, estragando com as botifarras, o encerado do *parcquet*, ou arrotando, em mangas de camisa, os gazes do jantar na sua varanda janota, embirro.

Ver estas casas burguêsa, pretenciosas, com ornamentações de mausoleu, embirro e embirrarei.

Quero luz, quero limpeza, quero hygiene. Concordo em que as janellas sejam bem rasgadas, os quartos amplos, as estrebarias em pavilhões affastados, as latrinas isoladas e as cosinhas á parte. Mas não quero que se façam casas como quem faz caixotes.

Não precisamos sómente de satisfazer as necessidades do corpo; temos tambem as do espirito.

Mettam me numa salla grande, bem aquecida, mas com pouca mobilia, e eu sinto frio.

Ponham-me numa casa de jantar, de aspecto severo e pesado, e eu como contrafeito, e como menos.

Mostrem me uma rapariga bonita, numa janella banal e chata, e até me parece menos bonita; falta lhe a moldura.

Mas se, pelo contrário, respeitarem o pittoresco, tenho outro gozo, satisfaço outras necessidades.

Subir, por exemplo, uma destas escadas, que correm por fóra do edificio, e que tantas tenho visto pelo Minho, e ver, lá em cima, sob o alpendre, e á porta, o dono da casa a receber nos, dá-me uma bella impressão de hospitalidade e de franqueza, que é muito nossa caracteristica.

Ver num edificio qualquer coisa de nosso, de original, a nossa telha, ou os nossos azulejos, arreiga-me mais o amôr da terra.

Pôr na minha caza qualquer coisa de pessoal, e que me encha de conforto a própria vista, acho necessário. E ver o alegre, morar numa casa alegre, e ter uma casa branca, com persianas, á beira-mar, num céo muito azul, e em dias de sol, acho bello. E levo me tanto por estas coisas, que até me interesso com a fórma da chaminé do telhado, e com a direcção que o fumo ha de tomar, á tarde, quando eu vier do meu passeio, e o vir, ao longe, esfarellando-se, brandamente, pelo ar.

Ora aquí têem porque eu quero que o architecto seja um grande artista. Conheça as regras da construcção, os preceitos da hygiene, a resisténcia dos materiaes; saiba a phýsica, a chímica, a geologia e a mechánica, mas seja tambem artista, saiba dar a nota do pittoresco, e comprehender a paysagem e o temperamento do indivíduo, e casar com elle a habitação.

Eu não sei se ha uma casa portuguêsa, típica, tradiccional; mas sei que ha, nas nossas velhas casas de provincia, qualquer coisa que se irmana com o nosso feitio e com a nossa terra.

Numa conversa com um architecto do Porto, meu amigo, e moço de incontestavel talento, lembro-me de ter fallado dêste assumpto, da estylização tradicional (eu metto-me em tudo, é vício), e tenho ainda prezente a crítica que elle fez aos projectos de Raul Lino. Entre outras coisas, dizia elle, que êste architecto copiara o ar asymétrico e amontoado que se nota nos nossos velhos edificios de provincia, como sendo um dos caracteristicos da nossa habitação, como o typo a que obedecesse desde princípio, a construcção dêsses edificios.

Não é verdade, dizia elle. O edificio foi passando de paes a filhos, de filhos a netos, e, a pouco e pouco, foram-se construindo novos annexos, á medida que variavam as necessidades da família, ou iam envelhecendo as construcção da fábrica primitiva. As janellas não têem disposição symétrica, têem várias fórmas e estám a várias alturas e em várias posições, porque se fôram rasgando em épochas differentes e foram tomando o feitio dessas épochas e a maneira dos novos operários. Não sei o que isto valha, nem quero discutir; mas o que sei dizer, é que é pittoresco e agradavel, o aspecto destas habitações.

Diz se que a casa, que se suppõe ser nossa, existe lá fora, nas habitações da mesma epocha. Concordo; mas imprimimos-lhes ou não lhes imprimimos um cunho nosso? Adaptámo-las ou não?

Não haverá nenhum traço tradicional que convenha aproveitar nas habitações modernas, feitas consoante as novas exigencias da vida e da hygiene? Parece-nos que sim. Ora é tudo isto que faz Raul Lino, o architecto que esteve entre nós. E' artista, e é português.

Ha nelle o que raro se encontra nos nossos architectos. Preoccupa-se com a physionomia da região, e com a côr da paysagem, e tira partido de tudo que possa dar um ar pittoresco e regional, á sua construcção.

E agora, meus amigos. Terei dicto muita asneira, nesta minha carta; o Quim se cá estivesse talvez me tivesse puxado as orelhas, por castigo, mas, ao menos, fico com a consolação de que disse o que sentia, e que não errei em dizer que Raul Lino, é um artista de alto mérito.

Até breve.

C. F.

Já começaram os trabalhos para a montagem da rêde telephonica, que a camara estabelece nesta cidade, em virtude de ter sido dada superiormente a devida auctorisação.

Foram admittidos mais 10 orphãos na Santa Casa da Misericordia de Coimbra.

Universidade

Foi publicado no *Diario do Governo* um edital determinando que a abertura da Universidade se verifique no dia 16 de Outubro, com solemnidade religiosa e juramento dos lentes pela fôrma prescripta nos estatuos, recitando se na sala grande dos actos a oração de *Sapientia*.

No dia 17 principiarão os exercicios escolares em todas as faculdades.

Nos primeiros 15 dias do mez proceder-se-ha, na secretaria da Universidade, á matricula dos alumnos que houverem requerido para cursar as disciplinas das cinco faculdades academicas, matricula que se effectuará, como já noticiámos, nos seguintes dias: — Dia 1, faculdade de Theologia; dia 2, 3 e 4, faculdade de Direito e cursos annexos; dia 6, faculdade de Medicina; dias 7, 8, 9 e 10, faculdades de Mathematica e de Philosophia e respectivos cursos.

A assignatura do termo de matricula póde effectuar se por bastante procurador, porém todos os requerimentos para matriculas devem ser assignados pelos alumnos, com a declaração da filiação paterna, localidade, naturalidade, concelho, districto, etc.

Numa conversa no *Montanha*.

.....

—Que te parece a falta de solidariedade jornalistica, que existe em Coimbra?

Não te parece um caso demonstrativo da nenhuma comprehensão dos deveres que a camaradagem e a justiça impõem?

—Não tens razão; não houve tal, falta de solidariedade.

—!?

—Porque para haver falta de solidariedade, era necessário que houvesse jornalistas, e essa classe é que, em Coimbra, quasi que não existe.

A imprensa aquí é composta de simples curiosos e de bem fraco estôfo, por signal.

E dai talvez lhes fosse estampilhada certa circular pomposa a annunciar certo *Pósto de soccorros*...

.....

Forte, mas quasi que está certo.

Desastre

Na fábrica de moagens dos srs. Areosa & C.ª, em Fóra de Portas, deu-se um accidente, na passada quinta-feira, que causou a perda dum braço e várias escoriações ao menor José Simões, que alli trabalhava.

Quando tentava arranjar uma correia do machinismo, foi colhido por ella, ficando com o braço em mísero estado e bastante ferido.

E não ficou todo esmagado, por a máchina ter sido parada a tempo.

Foi conduzido em maca para o hospital, onde lhe amputaram o braço e lhe applicaram os devidos pensos nas outras feridas e contusões.

Um infeliz, que no alvorecer da vida ficou inutilisado para emquanto penar por este valle de lagrimas!

Os donos da fábrica prestaram-se a pagar todos os soccorros ao desventurado, dizendo se que não o abandonarám depois da sua saida do hospital.

E' uma acção nobre, que virá desannuviar um pouco o futuro tenebroso que espera o Simões.

Quem soccorre os pobres e os inválidos, empresta a Deus, diz um antigo adágio.

Quem faz mal aos animaes, dá indícios de mau caracter. E' por isso que os officiaes deste juizo, Tavares e Lopes, deitaram *a luva* a Manuel Salvado, da Cioga do Campo, que matou um *cidadão da vista baixa* á paulada.

Sempre ha cada selvagem, cada valentão, por este mundo...

Pelo prelado desta diocese devem ser conferidas ordens do presbytero, no dia 19 do próximo mês.

Pelas 6 horas da manhã de quinta-feira falleceu Rosa da Silva, em Santa Clara, exposta da roda de Braga, pouco depois de dar á luz uma creança do sexo feminino.

A recemnascida foi internada no hospicio, afim de ali ser creada.

O amante da fallecida, Cassiano Magalhães, tecelão, grevista da Covilhã, encontra-se detido para averiguações.

O cadaver da Rosa foi autopsiado na *Morgue*, por haver suspeitas de que a morte não fôsse natural.

NOSSA TERRA

VIAGEM SENTIMENTAL

Ando burro, prompto. Não atino. Desafinam-me nos miolos a côr, a luz e o som. A' volta duma esquina, hoje de manhã, topei com um mendigo leproso, a cara toda em chaga, que esfregava desesperadamente os olhos piscos, dolorosamente roídos, para entrever na nesga azul do céo, entre a casaria da rua, a luz forte do sol. E o leproso limpou os beiços grossos á costa da mão sujissima e calosa e soprou num velho pifaro o trilo suave de uma melodia triste. Ao lado, tamburilava uma mocinha andrajosa, a compasso, e os garotos á volta mais as mulheres do pôvo ouviam, extasiados.

Ora já no domingo, quando eu voltava da praia, encontrei-o, assentado á ilharga de uma rua, raspando com as unhas no pó, e mordendo os beiços, a cara abrazada, toda a escorrer.

E nisto uma mulher fidalga, toda vestida de branco, ondulando como uma pena, num rastro de perfume luminoso e forte, baixou os lindos olhos rasgados em amendoa, côr da água do mar, e deitou carinhosamente a esmola ao leproso.

As outras mulheres, que regressavam do banho, raparigas novas, felizes e bonitas, sorriam ao de leve, cheias de inveja por aquella linda acção.

Amanheceu o domingo da toirada, cheio de nevoeiro, eu com uma dôr de cabeça pavorosa, da noite mal dormida num hotel manhoso, cama de chão, com um travesseiro cheio de areia e toques de buzina, alta noite, da parte duns cyclistas famosos, que faziam jornada para Tavarede.

Quando cheguei á borda do mar, começava a romper o sol, por entre as nuvens transparentes, que se desfaziam em flocos de filagrana prateada. O mar, levemente picado, tinha um ruído surdo, que echoava nos ouvidos como o canto monótono dum búzio.

A' beira da água, sobre a areia molhada, ao pé do salva vidas, os namorados esperavam, de toalhinha branca sobre o braço, que a noiva voltasse do banho, cabellos desfeitos, empastados no lindo rosto, bôcca descorada da água salgada, olhos avermelhados, faiscantes de volúpia.

Todos os corpos, loiros, brancos, morenos, negros e voluptuosos, de seios turgidos, de seios pequeninos e virginaes, têem a sua maior belleza ao sair da água; em cada linha rythmica e saüdavel o poëma da carne ondula, maravilhosamente bello, cheio de saüde e frescura, como um pomar esplendido, coberto de fructos d'oiro, que o sol beija e amadurece. A mulher linda, que conhece a seducção do seu corpo admiravel, que sabe o perigo da tentação peccaminosa da carne, tem uma vaidade em se mostrar, correndo pela areia ágil e forte, como uma cobra voluptuosa, que se torce toda, á luz quente do sol.

As outras, enfesadas, tristes e galantes, têem o pudor original das feias, porque o seio mirrado é incapaz de alimentar os filhos e o esqueleto franzino não lhes promette uma musculatura varonil. E' porisso que ao sair do banho, a desillusão do namorado, que sonhava entre os vestidos roçagantes, cheios do perfume da carne nova, tenra e inviolada, um corpo de mulher gracil e poderoso como um arco de flecha, quando dobra, e o vôo de uma águia, quando cae, estraga o namoro ideal das tardes serenas e saüdosas em que elle lhe seguia o sulco luminoso, envolto num veu de sonho caricioso e bom.

Cheios de alacridade, outros bandos de mulheres novas, numa revoada de andorinhas, correm agora para o mar. Outros namorados as espiam cubiçosos e felizes. Uma grande onda de areia vem quebrar perto de mim.

Um figurão pansudo salpica-me todo ao passar com a esgrouviada da consorte, em gritos pequeninos e repenicados de pardal novo.

Meninos lisboetas miram as minhas botas, admirando a perfeição do sapateiro, que fez uma mais alta do que a outra. Têem olhares de piedade. Muitissimo obrigado. Sacco do monóculo e atravesso impávido, muitissimo satisfeito, com uma grande vontade de almoçar e pouco decidido a ir á tourada.

E com effeito não fui.

Passei toda a tarde num jantar intimo, cheio de alegria; vi a volta dos toiros buliçosa e garrida. Segunda feira, ás nove da noite, voltei. O C. F. veio a dormir até á Bemcanta. Perto de Alfarellos debrucei-me á portinhola

mirando o azul profundo da noite escura. Passou se uma ponte. A lua rompia atraz dum monte esguio, cinzento e calvo.

Complicava-se-me na cabeça uma historia de ladrões, outra de amor, um descarrilamento; um grande incendio no campo deserto, que o meu olhar embaciado avistava na sombra. A paysagem corria, arvores esguias recortavam-se sinistramente na chapa de ferro do comboio, que caminhava a toda a força, banhado pelo claridade do luar amortecido. Montes de pedras rolavam num fragor medonho, ao longe; nos velhos casaes arruinados, bruxuleava uma luz pequenina fumacenta e triste.

Uma voz roufenha gritou: *Coimbra*. Accordei. Corria uma aragem fria da nevoa que pairava sobre o rio. O Cruzeiro no céu, pisca que pisca, arrebanhava as outras estrellas luminosas e pequeninas.

P. R.

MORTUÁRIA

Depois de prolongado e doloroso soffrimento, finou-se na sexta-feira de manhã, o conhecido e estimado encadernador desta cidade, sr. Alberto Rodrigues Vianna.

Ha muito que se encontrava enfermo, tendo se os seus males aggravado com uma tentativa de suicidio, a que o levou o estado precario da sua saúde e por desesperar de se restabelecer.

Na quinta-feira foi acommettido por uma congestão cerebral, que veio pôr cobro aos soffrimentos cruciantes do desventurado.

Deixa viuva e filhos em precarias circumstancias, ultimamente já aggravadas pela sua enfermidade.

Alberto Vianna era trabalhador e honesto, duas qualidades para se notarem, hoje que a honestidade e o amor pelo trabalho escasseiam nesta sociedade pervertida e egoista, que só cuida de gozos e satisfação de ruins paixões.

O fallecido foi durante uns poucos de annos correspondente do nosso estimado collega *A Vanguarda*, professando ideias rasgadamente democráticas.

Associamo nos do coração á dôr que avassala a sua compungida familia, que com a perda do seu chefe tão rude golpe soffreu.

Mulheres de virtúde

Por bastantes vezes nos temos insurgido na *Resistencia* contra a especie de protecção, que as auctoridades parecem dispensar ás chamadas *mulheres de virtude*, que por ai existem em varias ruas, conforme já indicámos.

Mas as nossas instancias, apezar de justas, não têem sido attendidas devidamente, o que depõe bem pouco em favor de quem tem por dever escutar nos e providenciar.

Pratica-se descaradamente o crime de burla, exerce-se clinica — *medicina feiticeiral*, causadora de graves accidentes, explora-se a boa fé de incautos, e as auctoridades ficam de braços crusados e deixam *correr os marfins*.

Ora isto não é serio e muito menos regular.

Sabem-se os locaes onde se praticam verdadeiros crimes, aponta se as criminosas, as victimas reclamam contra as embusteiras que as ludibriaram e nenhumas providencias se tomam para acabar com as causadoras dos males!

E não se diga que exaggeramos, pois ha um caso bem recente, que comprova a veracidade das nossas affirmativas.

Referimo nos á queixa que Joaquim Novaes fez á policia, contra a *adivinhoa* Anna do Rego, moradora em Fóra de Portas, que lhe receitou uma mixordia, que lhe arruinou a saude, apanhando lhe pela consulta 3$120 reis.

A mulher veio preza para a esquadra, na quinta feira á tarde, mas foi mandada em liberdade, ficando apenas intimada para comparecer na sexta feira de manhã no commissariado, de policia, donde foi mandada em paz.

Legados

Pela mêsa da Santa Casa da Misericordiam desta cidade já foram concedidas as pensões dos legados Luz Soriano e Miranda Pio, sendo preferidos, entre os concorrentes, para o primeiro, os estudantes de medicina Jacintho Humberto Torres e D. Domitilia de Carvalho, e para o segundo, Custódio Henriques e D. Maria da Gloria Paiva.

CARTAS DA PROVÍNCIA

Figueira da Foz. 27=9=902.

Embora nos alcunhem de massadores, nem por isso deixaremos de continuar insistindo no caso da repartição de fazenda, a que *A Voz da Justiça* se referiu.

Colhemos mais informações e por por isso voltaremos a fallar sobre o assumpto.

E' que tem estado aqui o tal escripturário Branco e quem sabe se foi elle, ou alguem por elle, que informou o nosso illustre collega, para o despistar, embrulhando a questão, que é importante.

O caso deu-se tal e qual nós o narrámos nas correspondências em que temos tratado delle, sendo menos verdadeiro o que se disser em contrário.

Mas, para melhor comprehensão, recapitularemos:

Na repartição de fazenda dêste concelho, hoje a cargo dum distincto funccionário transmontano, no tempo em que era dirigida pelo escrivão Barreiros, o escripturário Branco, protegido e muito querido do escrivão, explorava os contribuintes, forjava certidões e outra papelada para poder metter a unha á vontade, e não se contentando com fazer taes coisas aos contribuintes desprotegidos, fê lo ao capitalista sr. Joaquim António Simões, a quem diz ter citado, não sendo a citação assignada por elle—por se ter recusado a fazê lo.

Disto é que não ha que fugir, por mais voltas que se queira dar á questão e pôr a coberto o empregado prevaricador.

Mas não se julgue que só sabemos de proezas dêste quilate, do tal escripturário, amigo e protegido do escrivão Barreiros. Sabemos de mais, e egualmente graves.

Já no número passado começámos a levantar um pouco o véu, que encobre outra proeza, commetuda por tam inclito varão.

E, se dissemos que sobre o caso poucas mais informações poderiamos fornecer, foi para deixar estender a caça, pois temos elementos sufficientes para precizar os factos.

Se o nosso illustrado collega *A Voz da Justiça*, apezar da sua boa vontade, não poder colher as informações necessárias, fallaremos então mais claro.

E' que sempre foi de bôa táctica, não atirar á caça com toda a pólvora e chumbo, para não a matar de vez e não se estar continuamente a repetir as mesmas accusações.

Deve-se ir condimentando os casos com novos pormenores, para os tornar mais interessantes.

E' o que faremos.

*

E' extraordinária a animação que se nota para a tourada de ámanhã.

Os afficcionados andam num verdadeiro frenesi, pois esperam ter amanhã um dia cheio de peripécias interessantes e imprevistas.

Na verdade, a tourada é sensacional, e parece estar destinada a deixar renome nos fastos da tauromachia.

Nós, e sem vergonha o confessâmos, tambem estâmos com curiosidade de assistir ao *torneio*, para ver se os *fidalgos*, os toureiros de *sangue azul*, picam com distincção e arte, os *cornúpetos* que lhes couber na *faena*.

Se no Colyseu se notava uma enchente completa na passada corrida, nesta a concorrência deve ser anormal, havendo comboios a preços bastante reduzidos, o que permittirá aos afficcionados de longe, virem assistir á extraordinária festa de caridade.

E chamâmos-lhe festa de caridade, porque o producto liquido da corrida reverte em beneficio da Santa Casa da Misericordia, que tam digna é de ser ajudada, com quaesquer donativos, na sua benemérita missão.

E' que os rendimentos da Santa Casa sam diminutos, e os pobres a soccorrer sam muitos.

*

Apezar de estarmos quasi no fim de Setembro, a animação desta formosa praia parece augmentar em vez de diminuir.

A Figueira está em festa continua, e os seus hóspedes certamente levarám daqui inolvidaveis recordações, que os farám esperar com anciedade novo ensejo para aqui virem passar outra temporada de banhos.

E diga-se o que se disser:

Como a Figueira,
Não ha, não ha.

O sarau em beneficio do Real Instituto de Soccorros a naufragos, que se realisou no *Peninsular*, foi brilhante e extraordináriamente concorrido,

Tomou parte o sexteto do Casino Mondego e várias damas e cavalheiros que obsequiosamente se prestaram a coadjuvar o promotor, o sr. João Filippe de Quadros, digno capitão do porto.

As ornamentações, que eram brilhantes, foram dirigidas pelo sr. Baldaque da Silva.

COSMOPOLITA.

Nem os feijões escapam!

Noticia *O Jornal do Commercio*:

«Dizem telegrammas do Porto que á redacção do *Jornal de Noticias* foi muita gente ver amostras de feijão preto, pintado. Esse feijão distinge com agua. Era pintado, porque o feijão preto, que se exporta em grande quantidade para o Brazil, tem o preço de 1$200 réis e mais por alqueire, ao passo que o feijão amarello e verde regula por 800 e 900 réis.

«E andam para ahi os velhos a dizer que já não ha rapazes, nem sangue na guelra, nem estomagos á prova de melancia e lagosta... Pudéra!»

Até agora não nos consta que fossem presos os *tintureiros* do saboroso cereal.

Infanticidio?

A povoação de Alcarraque, pertencente á freguesia de Trouxemil, é o local onde se suppõe ter-se commettido nada menos que um crime de infanticidio.

Imagine se o alvoroço que o facto deve ter causado na pacata aldeola, onde as noticias de sensação devem ser tam raras como os taes annos de perdões.

Contemos o facto:

Anna Bandeira, de 34 annos d'edade, é uma mulher casada, mas que não vive com o marido ha uns oito annos, pela simples razão delle estar nas terras de Santa Cruz.

Mas apezar disso, e talvez devido a milagre, começou a apparecer muito volumosa, segredando a visinhança, que ella andava no seu estado interessante.

A Anna negava aos pés juntos, que fossem verdadeiros os ditos da visinhança, mas quando menos se esperava começaram a correr boatos de que ella tinha dado á luz e feito desapparecar o fructo dos seus illicitos amores.

E os boatos tinham razão de ser, conforme o cabo 10 e o guarda 52, da policia desta cidade, tiveram occasião de averiguar.

A Bandeira, andando na segunda feira á lenha num pinhal, deu á luz uma creança do sexo feminino, que trouxe no aventel e enterrou numa estrumeira.

Allega ella que a creança nasceu morta e que, para se livrar dos ditos da visinhança que podiam ser transmittidos ao homem, para o Brasil, enterrára o pequenino cadaver.

Nasceria a creança morta?

Dar-se ia um crime de infanticidio?

A medicina e a justiça é que esclarecerám o caso, pois o pequenino cadaver foi desenterrado e trazido para a morgue, afim de ser autopsiado.

A Anna Bandeira, que se não é uma infanticida é pelo menos uma adultera, está presa, tendo sido detidas para averiguações várias pessoas de Alcarraque e entre ellas uma irmã da supposta criminosa, que se diz ser sua cumplice.

O factor de 1.ª classe da companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguêses, sr. António Mendonça, levantou um auto, para ser entregue ao poder judicial, contra José Victorino d'Almeida, vendedor de jornaes, que aggrediu na estação desta cidade o carregador Antonio Henriques, por este impedir que elle entrasse a porta da estação, quando já tinha sido dado o signal de partida ao comboio n.º 8, correio, e em que pretendia, apezar disso, embarcar.

Juntamente com elle foi tambem feita queixa contra o vigia dos impostos, n.º 29, a quem o preso tinha sido entregue, responsabilizando-se elle pela manutenção da prizão, dando depois fuga ao Victorino.

O vigia arranjou-a bonita e metteu se numa camisa de onze varas da qual ha de custar a livrar-se.

Creança exposta

Em Taveiro foi exposta, pouco depois da meia noite, de quinta feira, uma creança do sexo femenino, dentro dum cesto, ao fundo das escadas do alojamento do chefe da estação, que a entregou ao cuidado de Marianna de Jesus, esposa do agulheiro Luiz Ferreira.

A creancinha foi conduzida para esta cidade, na sexta feira de manhã, e aprezentada no commissariado, donde a enviaram para o hospicio.

A recemnascida, pois a pequenina exposta pouco tempo tem de existencia, estava embrulhada nuns pannos e com um rolhão de assucar na bocca, para não chorar.

Suppõe se que os auctores do abandono da creancinha, sejam um homem e uma mulher, que tiraram bilhetes para Taveiro, na estação nova desta cidade, no comboio da meia noite, e que depois desappareceram.

A policia procede a averiguações.

Seria o abandono levado a cabo para esconder uma falta? Seria feito com o fim de se desfazerem dum ente a mais na familia, levados a isso pela miseria? Seria apenas por malvadez?

Em qualquer dos casos, uns mais graves do que outros, mas sempre criminosos, a exposição duma creança é um delicto pelo qual os seus auctores responderám perante a justiça, se chegarem a ser descobertos.

Queixa-se nos o sr. Silverio Couceiro, de Tentugal, de que sendo forçado a satisfazer uma necessidade urgente, em virtude duma molestia de bexiga de que soffre ha muito, foi multado por um guarda e como não satisfizesse a multa foi conduzido ao commissariado, onde o sr. commissario depois de ouvir as razões apresentadas pelo sr. Silverio, annulou a multa e mandou-o em paz.

E' de notar que o local, onde se deu a contravenção, se encontrava cheio de materias fécaes e verdadeiramente immundo.

A' camara lembramos a urgencia de mandar proceder á limpeza do *tal canto*, que fica quasi em frente da 2.ª esquadra e que, além de ser repugnante á vista, é contrario á decencia e aos mais rudimentares preceitos da hygiene.

Coimbra

Deve sahir do prelo, nos fins do proximo mez, um poema historico, com o titulo *Coimbra*, de que é auctor o sr. Mario Monteiro e editora a Livraria França Amado.

O poema descreve Coimbra desde a sua fundação até aos modernos tempos, trazendo na capa uma bella gravura, desenho de Alvaro de Lemos.

No Lyceu de Coimbra matricularam-se: 1.ª classe, 78; 2.ª, 62; 3.ª, 76; 4.ª, 27; 5.ª, 41; 6.ª, 64; 7.ª 49.

Nalgumas das classes terá de haver desdobramento, em consequencia do grande número de alumnos matriculados.

Na sexta feira, de tarde, um tal José Maria, da Rocha Nova, estando a medir estrume, na montureira, á Casa do Sal, desaveio-se com o empregado da camara, Garcia, tentando aggredi lo.

Foi participado o caso para a Câmara, seguindo para alli, no *breck*, o vereador sr. Nazareth e o chefe dos zeladores sr. Germano Antunes, sendo êste cuspido da almofada, em consequencia da grande velocidade do carro, soffrendo uma entorse num pé.

Quando chegaram á montureira, já o José Maria se tinha pôsto a andar.

Mercado

Os preços, porque correram ultimamente os generos, no mercado desta cidade, foram os seguintes:

Milho branco	360
» amarello	340
Trigo tremez	700
» de Celorico	600
Feijão vermelho	660
» branco, graúdo	680
» » meúdo	600
» rajado	420
» frade	560
Grão de bico, graúdo	700
» » » meúdo	600
Cevada	260
Centeio	380
Favas	460
Batata, 15 kilos	260
Tremoço (20 litros)	460
Ovos, duzia	180

Provas para a frente
Quem soffrer, que leia

Cura inesperada de duas meninas

A prova irrefutavel da efficacia d'um medicamento é o tributo diario de numerosos casos de curas. São as pilulas Pink, sem contradicta, o remedio que leva á apreciação do publico o maior numero de factos, e ainda assim os preparadores d'esse perfeito regenerador do sangue veem-se obrigados a seleccionar os attestados, que quotidianamente recebem, sem o que teriam forçozamente que abarcar todos os dias as paginas inteiras do jornal. Um caso devéras interessante, é o que nos manifesto o Ill.mo Snr. Joaquim Mendes, de Gaya-Raza, a Mafamude, na carta seguinte:

«Minhas filhas, Maria da Gloria Mendes Ferreira e Amelia Mendes Ferreira, uma de 17, outra de 16 annos, soffriam já ha muito tempo d'anemia, que as enfraquecia e esfalfava a tal ponto, que a mais nova fôra tida irremediavelmente por desenganada.

Apezar de varios medicamentos, nada de resultado, e a doença lá ia continuando com os seus estragos. Lêra a miudo nos jornaes annuncios de curas maravilhosas devidas ás pilulas Pink, mas, francamente o digo, não acreditava de todo n'essas curas e estava cansado de comprar tantos remedios. Pessôa d'amizade disse me então que, se minhas filhas tomassem pilulas Pink, recuperariam certamente a saúde perdida, visto ter ella a prova d'isso em si mesma, como em outras pessôas tambem conhecidas. Compraram-se as pilulas e, á sexta caixinha, deu-se o milagre.

Podem todos imaginar qual a minha alegria ao vêr as filhas salvas e radicalmente curadas. Aconselhei o uso das pilulas Pink a muitas pessôas doentes, como as minhas filhas, e que obtiveram os resultados mais satisfatorios. Autorizo a publicação da presente.»

Quanta gente já vai no primeiro grau da anemia, doença cujas consequencias são tão funestas, e que de tal não se apercebe. Ahi vão alguns symptomas do estado anemico.

Palidez do rosto e do reves das palpebras, andar arrastado, falta d'alegria, um descahimento para tristezas. Sobe de dia para dia o mau genio e descarta-se a gente da presença dos outros. Diminue o apetite pouco a pouco e desanda em tedio de quasquer alimentos. Apontam as enchaquecas e tornam-se mais intensas, á medida que vai minguando a alimentação necessaria. Vai para sebir-se as escadas, de repente palpitações do coração cravam-nos alli em pé, e apertamos o peito, com as mãos, como a soffrear taes pancadas. Ao andar, ficamos logo esbaforidos, buscamos assento e descanço. Para mais não dão as forças. Vão-se taes symptomas aggravando de dia para dia, até que o doente, branco como um sudario, emmagrecido, os olhos a fulgirem-lhe de febre, tem que ir para a cama. Chegado a esse ponto de enfraquecimento, a muito custo melhora o organismo e assim só um medicamento, da força das pilulas Pink, póda operar o milagre, de que dá prova a carta supra. Mais natural é, pois, não esperar até esse periodo grave. Mais depressa voltará a saúde, se ao menor symptoma dos que acabamos de enumerar, regenerarmos o sangue enfraquecido, os nervos arrebentados, com o uso do maior regenerador do sangue, tónico dos nervos, as pilulas Pink, decisivas na anemia, cholorose, fraqueza e dôres do estomago.

.....

A um medico foi confiado o encargo de responder gratuitamente a todas as informações relativas ás pillulas Pink, que forem pedidas aos srs. James Cassels & C.ª, no Porto.

As pillulas Pink foram officialmente approvadas pela Junta Consultiva de Saude. Estão á venda em todas as pharmacias pelo preço de 1$000 réis a caixa e 5$000 réis as 6 caixas.

Deposito geral para Portugal, James Cassels & C.ª, successores, Rua Mousinho da Silveira, 85 — Porto.

Já reassumiu o commando de infantaria 23 o coronel sr. Victório de Freitas.

ANNUNCIOS

SÉ VELHA

Está aberta todos os dias não sanctificados até ao meio dia, e nos dias sanctificados até ás 2 horas da tarde.

Fóra destas horas póde o empregado da egreja ser procurado no Becco da Carqueija, n.º 4.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junto dos Casinos e a dois passos da praia de banhos**, continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis.**

O proprietário,
José Maria Junior.

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, todos os objectos de escriptorio.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mêsa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Maeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos. passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Alfaiataria Academica

AFFONSO DE BARROS

Acaba de chegar a esta casa o eximio tailleur Saturnino F. Grant, exgerente da Alfaiataria Amieiro, de Lisboa.

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Consultorio dentario

Figueira da Foz

Rua Fresca, 43

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

De 15 de Agosto a Outubro — Consultas das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

REWOLVERS

Saint Etienne

Com balas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

Espingardas

Vendas a prestações

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

LUCCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçados tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

Mêsa rica

Thomás Pombar com estabelecimento de bric á-brac, tabacos e occulista na rua Ferreira Borges, em frente ao Arco d'Almedina, tem para vender uma mêsa de pau preto e sándalo, com embutidos de marfim e obra de talha. Quem a pretender póde ir vêla ao seu estabelecimento onde está em exposição.

Instrucção primaria

Octavio Neves Pereira de Moura, professor official da freguezia da Sé Nova, abre no proximo anno lectivo um Curso prático de Instrucção primaria.

Largo da Feira

COIMBRA

Estabelecimento de chapeus para sol e chuva

DE

JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA

20 — Rua do Sargento Mór — 24

COIMBRA

N'este antigo estabelecimento se concertam e cobrem de novo guarda soes, tanto de seda como de setim, de brilhantina ou de panninho.

Tambem se fazem guarda-soes novos e se fazem de varetas de todas as marcas, tanto redondas como elasticas, assim como todos os trabalhos concernentes á sua arte.

Collegio Mondego

Continua este collegio a leccionar todas as classes dos Lyceus, bem como INSTRUCÇÃO PRIMARIA e o CURSO COMMERCIAL.

Os alumnos de instrucção secundaria podem frequentar o collegio ou o Lyceu.

As aulas de Francez, Inglez e Allemão pratico continuam a ser regidas por professores das respectivas nacionalidades.

O praso para a matricula nas classes da Nova Reforma termina em 25 do corrente.

O director,

Diamantino Diniz Ferreira.

"EQUIDADE,,

Companhia de Seguros

Vida de animaes, fogos, fianças e rendas de casas

Preços muito reduzidos

Correspondente em Coimbra

Joaquim Antonio Pedro

Em casa do Sr. Antonio Rodrigues Pinto.

Casa para arrendar

Arrenda-se uma boa morada de casas, com tres andares e grande quintal, na rua João Cabreira, 21.

Trata-se com seu dono Alipio Augusto dos Santos, rua do Visconde da Luz, 60.

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo.

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges - COIMBRA

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno	3$600 reis
Ilhas adjacentes, »	3$000 »

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

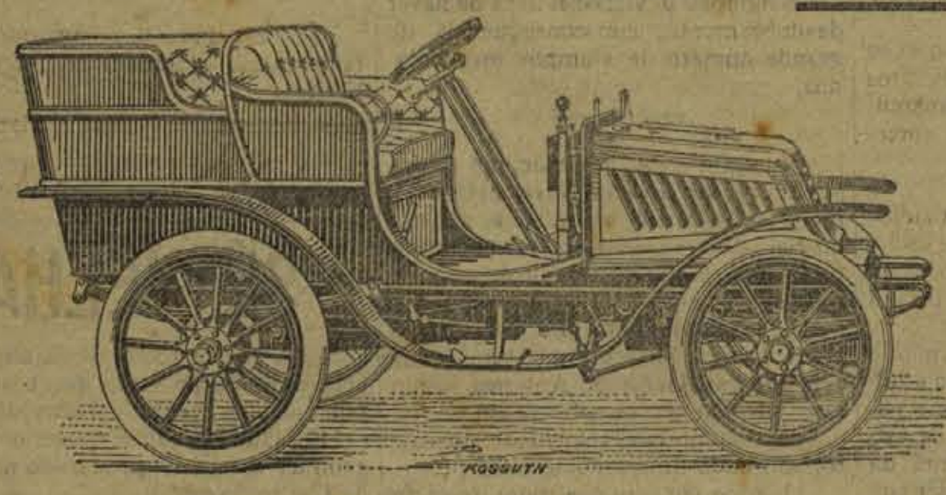
Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 » »

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

AUTOMOVEIS "DARRACQ,,



Para mostrarmos que os **"Automoveis Darracq,,** além de serem

Os mais elegantes, os mais baratos e os que menos gazolina gastam

Sam tambem

Os mais sólidos e os mais ligeiros

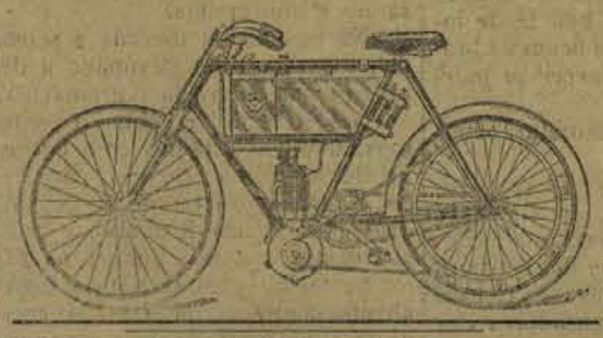
basta ennumerar algumas das suas victórias nêste anno:

1.º prémio na corrida da subida da Turbie

1.º prémio na corrida de Nice — 1.º prémio no Circuit du Nort

Nas grandes corridas Paris-Vienna bateu com carros do máximo 24 cavallos as carruagens «Dainler» de 40 cavallos, «Mors» de 60 cavallos e 6 carruagens de Panhard Levasseur de 70 cavallos!! ganhando o 1.º prémio na série de Vaituret; 2.º, 3.º, 4.º e 5.º na série de Vaituret legere e o prémio de classificação geral.

MOTOCYCLETTE "WERNER,,



A Motocycletto **WERNER** de 1 ¾ de força não precisa de rèclame, contudo diremos que nas corridas Paris-Berlim, Paris-Bordeaux e nas subidas de Gaillon e Turbie-Paris Roubaire, Nice-Marselle, etc., etc., chegam sempre na vanguarda!

Nas grandes corridas *Le circuit du Nort* e Paris-Vienna quantas *Werners* partiram, quantas chegaram, apesar do grande temporal que fazia!! Déz de differentes marcas que disputavam o prémio nenhuma chegou!!

Recentemente em Portugal o Record Porto Lisboa feito debaixo de chuva e com estradas em péssimo estado.

Motores LURQUIN-COURDET de 1 ¼ cavallos de força applicavel a qualquer bicyclette

Adaptam-se nas nossas officinas e garante-se a sua superioridade a qualquer outro de egual força.

Dos automoveis "Darracq,, da motocyclette "Werner,, e do motor "Lurquin & Courdet,, sám únicos agentes em Portugal

LEÃO, MOREIRA & TAVARES — "Emprêsa Automobilista Portuguêsa,, — Coimbra